5259

EX-LIBRIS
Annibal Fernandes Thomaz
NOBILITAS MEA NOMEN
PASTOR

51 Nºs. + Suplemento

Col. completa.

Samodães, 1374.

NOVEMBRO 14. N.° 1.

A Trombeta escutai dos Luzitanos
E se rouca tocar . . . tremei Tyrannos!

O Trombeteiro.

A TROMBETA LUZITANIA.

PROFISSÃO POLITICA.

Liberdade Augusta, dote precioso do primeiro Homem! He por ti que embocâmos a Trombeta da verdade; he para conduzirmos a teus altares os desgarrados sacrificadores, que te queimárão incensos impuros, e te quizerão vender com o negro véo da impostura! Acceita o nosso sacrificio filho da candura de nossos sentimentos. Inspira-nos; dá-nos vigor, e alento, para tocarmos com a maior força a clara Tuba, que vai soar nos horizontes Portuguezes, e a cujos sons esperamos reconduzir ás tuas Aras os mesmos que dellas fugirão. Se por mais tempo desvairados, e freneticos se obstinarem em se servirem de teu Augusto Nome, para conseguirem suas envenenadas intenções, verás como o estrondo do trovão, soar esta Trombeta, que retumbando do Occidente ao Septentrião fará tremer todos os tyrannos, e os derrubará do novo Throno em que a perfidia os colocou.

E tu, candida Verdade, recebe a nossa homenagem, acceita os puros votos de hum coração livre por sentimento, que só diante de tua sagrada Imagem, saberá queimar incensos, e render vassallagem.

O Trombeteiro.

Golpe de vista sobre o Estado actual.

Depois de vinte e hum mez, de huma extraordinaria Legislatura, appareceo a Constituição de que os Portuguezes havião encarregado seus Procuradores, e Reprezentantes no Congresso de Lisboa. Não intentamos por hora tratar de suas bellezas, e defeitos; porque a estação não he propria, e a fresca exaltação das paixões predomina muito. Só lançaremos por agora huma vista seria, e imparcial sobre o estado em que se acha Portugal no fim da primeira Legislatura Constituinte.

Estado Interior. Subsiste a mesma monstruosa Legislação. Domina ainda, reconhecida pelo Congresso, a mesma odiosa chicana do Fôro, isto he a anarquia Judicial, ou a Esfinge devoradora dos Litigantes! Prevalece a mesma desordem, e systema na arrecadação das rendas públicas, bem como na sua administração! O Commercio, que já se achava em grande decadencia, está entrado na escura noite da sua ruina! As Artes, e Manufacturas vegetão na mesma inerme imbecilidade, e não obtiverão hum só apoio que as animasse. O Credito Público pouco se restaurou. O arbitrio da Authoridade não foi suprimido por huma Lei, que o chamasse á respon-

sabilidade! Em fim a Liberdade Civil, pela falta reprehensivel dessa Lei, ficou sem escudo, e sugeita, como dantes, á infracção! Se a tudo isto juntarmos os enormes abusos que ficárão ilezos, teremos tentação de dizer: *Tudo ficou como antes de 24 de Agosto de 1820.*

Com tudo, o Congresso não perdeo inteiramente os seus trabalhos. As suas Sessões nem todas forão vasias. A lei dos Cereaes, a Liberdade da Imprensa, a extincção dos privilegios, a boa vontade de reduzir os Foráes, a abolição do Confisco, e das penas infamantes, e em fim o reconhecimento da divida Publica, ou parte della, são na verdade padrões honrosos, que attestão em seu favor. Porém quanto tempo perdido! Quantas discussões inuteis! Se o Congresso houvera adoptado huma differente marcha daquella, que adoptou, 21 mezes haverião produzido grandes obras! e não se teria desperdiçado tanta palavra, e talvez trabalho. A creação das commissões, os atributos dellas, e sua imcompetencia em muitos objectos, que nunca lhes deverião ser affectos, eis-aqui a principal origem de seus atrazamentos, e manifesta confuzão. Como deveria o Congresso nas urgentes circunstancias em que se achou, arrogar-se, e avocar a Si huma multidão de insignificantes negocios, que além de lhe não competirem, hião inutilizar o precioso tempo, que objectos da maior transcendencia demandavão? Parecia que o Congresso pertendia tratar primeiro dos nadas, que dos todos! ou se persuadia que a Legislatura seria vitalicia! As prolongadas interrupções na discussão da Constituição, derão lugar a sinistras interpretações, e nada forão honrosas ao Congresso. A diminuta duração de suas diarias Sessões, ha hum anno a esta parte, muito menos o forão! e as reiteradas faltas de muitos de seus Membros, se fizerão altamente escandalosas!

O Systema de Votação ordinaria, que adoptou, foi por muitos principios não só reprehensivel, mas illegal! Quantas, e quantas materias (nós o presenciámos) não ficarão vencidas á votação, sem na verdade o serem! Convém com tudo, indagar da parte de quem se achava a culpa; e nós asseveramos francamente, que foi da parte de todo o Congresso; porque á proposta do Presidente, os votantes se erguião, e assentavão com tal rapidez, que seria impossivel contar seus votos! e os Secretarios da sua parte decidião com huma pasmosa promptidão do vencimento da materia! Isto praticou-se quasi todos os dias principalmente em objectos de segunda ordem. Se nós tiveramos importante negocio a decidir no Congresso, fariamos primeiro hum requerimento a pedir votação pessoal, por escrutinio. Esta sim, que nós conhecemos por verdadeira, e legal. Embora opponhão o obstaculo da demora, porque elle he de todo despresivel, por muitos principios que saltão aos olhos, e escuzamos por tanto referillos. Oxalá que a proxima Legislatura evite este palpavel erro, e não queira confiar o rezultado de seus debates da ocular prespicacia de hum Secretario!

Concluiremos pois que a Legislatura Constituinte teve deffeitos, e deffeitos imperdoaveis, que a mesma falta de experiencia não poderá jámais desculpar!

Estado Exterior. Principiaremos por aquelle que mais nos affecta; isto he pelas nossas possessões ultramarinas. Quando o Congresso se reunio as recebeo intactas, das mãos de seus Constituintes. Mas a occasião era melindrosa; tratava-se de revindicar direitos perdidos, e o Brazil era parte interessada pelo direito natural. Era pois necessario pôr em acção a mais refinada, e astuta Politica para negociar com elle fraternalmente. A partilha não era duvidosa; ambos tinhão reclamações a fazer, e nenhum dos dous queria ficar prejudicado. A vontade era igual de parte a parte, e só a convenção devia servir de objecto á contenda. Foi nesta aptitude, que o Congresso se achou com o Brazil, e que vio todos os olhos, assim naturaes, como estranhos, attentamente fixos sobre sua conducta. Lisongeiros preludios vaticinárão ao Congresso huma feliz disposição para o negocio, e abrio-se em fim huma honrosa estrada para a negociação. O Rei appareceo em Lisboa nesta conjunctura, deixando o seu herdeiro no Brazil; e este acontecimento foi mais huma vantagem para ambos os Letigantes.

Entabolarão-se as negociações debaixo destes aprazíveis auspicios; porém depressa o orgulho metropolitano gerou a ambição, esta as mal entendidas reclamações; daqui passou-se ás animosidades, estas afugentárão toda a idéa de hum ultimatum, e em fim romperão-se as hostilidades! Agora perguntaremos: Quem he o culpado? de que parte se acha a Justiça? Esta questão he facil de resolver, sem entrar em detalhes, apresentando documentos á vista. Estes são os Diarios de Cortes! Porém antes de os examinar he necessario despir to-

do o espirito de partido, e renunciar a toda a idéa de prevenção. Se a tudo o que delles colhermos amontoarmos ainda a hostil conducta, que houve para com os Reprezentantes do Brazil, não hesitaremos hum momento em proferir a sentença! Não era com hum tal systema, que se ligavão mutuos interesses, e que se havia de estabelecer hum novo tratado de tanta importancia. Pareceo que no Congresso houve hum systema evidente de desunião! e alguns de seus Membros se conduzirão constantemente de huma maneira, nada equivoca a fazer valiosa esta suspeita.

Dissolveo-se em fim a primeira Legislatura deixando-nos de menos aquella Parte essencial de nossa grandeza! Se consultarmos a experiencia, ella nos ensinará que nada ha mais dificil, que o voltar a huma reconsiliação amigavel e proveitosa. O Brazil he senhor, e senhor assás poderoso, não quererá mais descer de sua nova dignidade, e nós não quereremos perder a nossa? Com tudo, ainda resta huma chara esperança; nós possuimos lá hum vinculo; este vinculo he illustre, e Portuguez! Associado a nossos interesses não saberá trahi-los, e todos os dictames da Politica serão arrastados pelo amor da Patria.

Relações Estrangeiras. A Hespanha, por seu novo Systema Politico, acha-se de tal sorte a nós enlaçada, que seus menores movimentos nos affectão, e nos fazem, á maneira da electricidade sentir os mesmos choques. Esta Potencia, dilacerada hoje por horriveis dissenções intestinas, nos offerece o quadro mais lastimoso! O Systema Representativo, tal qual se criou, encontra nella por toda a parte huma rocha inacessivel ás suas raizes! A directa influencia de seus poderosos vizinhos, e a opposição de interesses que os divide, tudo nos mostra até á evidencia, que elles se oppõem ao crescimento da nova arvore, que ameaça assombrallos! e que não despresarão o momento de a arrancar! Porém, se ella tiver a sua raiz no coração dos Povos, baldados serão todos os seus esforços! A Hespanha hade ser livre! Mas ao contrario, a arvore murchará sedo, e lançada no fogo acalentará os espectros de seus algozes!!

Nós não sabemos positivamente o estado de relações em que nos achamos hoje com aquella Potencia; mas seja qual for, elle deve partir de huma intima união de principios, de cuja armonia depende em grande parte a salvação de ambos os Povos. A dissidencia de hum, seria a ruina do outro, e a destruição de ambos!

Congresso de Verona. Os sentimentos das Potencias que fórmão o Congresso, achão-se desde 1815 patentes a toda a Europa; ninguem os póde ignorar. Partindo dos principios que altamente professão, quem deixará de conhecer o objecto, e fins daquelle Congresso? Quem poderá duvidar de que elle vai resolver os destinos Peninsulares? De certo, ninguem que tenha mediano censo; se não apontem-nos qual possa ser a causa, que os obrigue a reunir-se, n'huma época de pacificação geral, em que toda a Europa se acha restabelecendo de seus passados males, e restaurando suas perdidas forças! A' lerta pois, Depositarios do novo Codigo Peninsular, tomai promptas precauções em quanto vos dão tempo! Não trateis com indifferença a medonha tempestade, que entre vós se está formando em Verona! ella virá impedida com a impetuosidade dos ventos; e será debalde, que intenteis então oppôr-lhe huma barreira. Eia he tempo, he tempo.

Exame do Ministerio.

Temos visto continuadamente, em todos os Jornaes da Capital repetidas queixas, e accusações contra o actual Ministerio. Nós as temos analysado com a possivel imparcialidade, e não he sem magoa, que achamos a injustiça da parte do Ministerio. Com tudo, notamos com a maior admiração de que todas estas queixas, e accusações carregão essencialmente sobre o Ministro da Justiça, que tambem o he da guerra! Não podemos atinar como este funccionario fecha os ouuidos a tudo, e não abraça hum dos dous honrosos partidos, que a prudencia aconselha: ou justificar-se solemnemente, ou pedir a sua demissão. Não diga S. Ex.ª (segundo hum Jornal o accusa) de que os Periodicos são balas de papel! Isso não he assim. Os Periodicos, quando fallão todos de acordo, expressão positivamente a opinião Pública, de quem são orgãos, e não ha outro meio mais directo de a conhecer; e pertender arrosta-la he delirio, he crime. Hum Ministro Constitucional não se póde sustentar ao presente, sem ella; e ou S. Ex.ª ha de voltar aos seus deveres, ou ha de acabar de ser o ludibrio de hum Povo inteiro! Dos outros Ministros pouco se falla; e o da Marinha merece suas contemplações. Porém, espera-se que se forem bem intencionados; virão ainda a ser muito bons Ministros.

Sr. Redactor.

O Cidadão de Angra, (1) tendo soffrido já hum mez de prizão assás injustissima por effeito de odiosos processos, formados pelo intrino Juiz Grade, e Corregedor Rebello, como já se mostrou no novo Hercules N.os 8, 9, e 10; e sendo o fundamento do caviloso Processo, e nullo auto, huma carta (1) que não continha injuria ao Ministro: 1.° Porque foi em resposta á que o tal Eugenio Dionisio Mascarenhas Grade escreveo, assignando-se, com outro particular similhante em sentimentos: 2.° Porque o fim a que se dirigia a carta, era intempestivo, em razão de se haver feito com toda a Solemnidade, a festividade que se devia executar com assistencia, e applauso de todos os Cidadãos, no dia proprio do Anniversario de 26 de Janeiro de 1822, servindo aliás aquella outra funcção de fundamento a caprichos, e partidos diametralmente oppostos, e que se devião evitar, como se declara na dita carta: 3.° Porque não se dirigindo a carta de resposta a alguma authoridade, pois que, o que se inculca Juiz, não o he por estar insruzo illegalmente; menos tinha lugar, proceder-se ao auto contra o Author della, no fim de 5 dias, no que se infractou a Lei, que reverte a pena ao fim de hum anno de degredo para a Africa. O odio, a vingança, a refinada calumnia, e a vil intriga! forão accessorios com os promovedores de toda a trama, ordida com 8 testemunhas inimigas, prejuras, e como taes preversas, como já está demonstrado nos impressos públicos; e o accusado falsamente, por outros impressos authenticos, mostrará a sua regular conducta, firme no Systema Regenerador, que emana da fiel observancia das Leis porque sempre tem pugnado, e por isso mais Constitucional, que os executores della, que a tem infractado, fazendo-se oppressores dos Povos com as suas arbitrariedades. Da carta offerecida se vê os termos geraes em que he concebida a resposta, bem significativa do respeito devido ao Systema Constitucional, e Regenerador. He do Sr. Redactor hum fiel venerador.

(1) Manoel Thomaz de Bittencourt Vasconcellos Corte Real do Canto.

(2) Ill.mo Sr. Manoel Thomaz de Bittencourt. Os Cidadãos reunidos para Solemnisar o Anniversario da feliz Instalação do Soberano Congresso Nacional, convidão a V. S.ª para honrar com a sua assistencia; que pelo mesmo motivo se ha de celebrar na Igreja do Collegio, no dia 27 de Janeiro de 1822 = De V. S.ª = Muito attentos, respeitantes, e servos = Eugenio Dionisio Mascaranhas Grade = Dom Francisco de Mello = Srs. Eugenio Dionisio Mascaranhas Grade, e D. Francisco de Mello = Accuso, com bem magoa do meu coração, e bem a meu pezar, a recepção da sua carta hoje por noite recebida, e datada de 23 do corrente. Vossas Mercês esquecem-se de tudo, e não admira, nem he muito se esquecessem, de que se dirigião a mim para o seu intempestivo convite, para hum fim tal; sabendo, ou devendo saber que eu sou hum honrado Cidadão de Angra, e por consequencia sensivel ao que não he occulto, e por isso lemitado só a entrar, ou a figurar no que he ligitimo, decente, e digno de se adoptar.

(*Continuar-se-ha.*)

AVIZOS.

Em o nosso segundo N.° vamos dar por extenso, para ultima confuzão do Censor, hum interessante appenso que muita bulha tem feito; extrahido do Processo dos chamados conspiradores; o publico o conceituará como elle merece.

A Trombeta tocará todas as terças, quintas, e sabbados, com differentes sons.

Todas as correspondencias serão assignadas, e reconhecidas, francas de porte, e com a seguinte direcção: Ao Redactor da Trombeta, na Typographia Patriotica, rua direita da Esperança N.° 50. Vende-se nas lojas de Lopes na rua do Ouro; Caetano, na mesma; João Henriques, na rua Augusta; Carvalhos aos Martires, e Pote das Almas; e Caetano Machado Franco na rua da Prata. Preço 60 réis.

Na loja de Caetano Antonio de Lemos rua do Ouro N.° 112 se achão á venda, as obras seguintes: Economia da Vida Humana, Jornada ás Caldas, o Diabo com botas, Jornada do Cidadão Sandoval, o bom Relojo de repetição, ou 2.ª parte do Barbeiro da Aldêa, os 3 ultimos a 60 réis.

LISBOA: NA OFFICINA DA HORROROSA CONSPIRAÇÃO. ANNO DE 1823. *Rua Formoza N.° 42.*

NOVEMBRO 16. N.° 2.

A Trombeta escutai dos Luzitanos
E se rouca tocar . . . tremei Tyrannos!

O Trombeteiro.

A TROMBETA LUZITANIA.

RECORDAÇÕES.

Já a primeira Trombeta soltou alguns sons relativos á nossa passada Legislatura. Porém agora tocará com mais pausa, e ferir-ha alguns signos, que por então omittio. Muito justo he que no fim de cada Legislatura, tomem todos os Escriptores a tarefa de a passarem em revista, para que as futuras fiquem ao alcance de suas bellezas, e defeitos, a fim de que possão seguir humas, e evitar os outros.

Ninguem duvida de que a Oratoria seja a primeira qualidade, que deve possuir hum Representante, porque por melhores quo sejão suas intenções, huma vez que as não expresse, nenhuma idéa nos dá de si, e a Causa Publica, poucas, ou nenhumas vantagens tira de seus officios. Eis aqui a falta que a Nação toda notou, e estranhou em muitos dos nossos Representantes, que Deos haja; não porque lhes conhecesse incapacidade fyzica ou moral, porque nesse cazo seria huma injustiça; mas sim porque bem informada das luzes, e aptidão de muitos, vio com o maior dissabor, que durante o longo espaço de 21 mezes, huns forão meramente espectadores, outros aprovadores. Embora nos digão esses Srs., que seus temperamentos não soffrião disputas incendiadas, que muitas vezes degeneravão em vias de facto! Hum Representante do Povo, logo que entrou na Salla da Assembléa, perdeu todo o direito que tem sobre si proprio, porque o alienou aos seus Representantes, os quaes o não mandárão lá para testemunha; mas sim para tratar com todas as suas forças dos interesses que lhes convém.

Com effeito, o primeiro Congresso Representante, que teve o Portugal Regenerado, fará huma época separada em os annaes das Assembléas Representantes! por as trez distinctas classes, que nelle figurárão, e que não podemos deixar de apontar com as seguintes denominações: a dos Imbeceis, a dos Imparciaes, e a dos Intrigantes. A dos primeiros ateve-se á dos segundos; e estes deixárão-se arrastrar pelos terceiros; isto he, todos franqueárão, e cederão á intriga! a primeira era a mais numerosa; a segunda a mais importante; e a terceira a mais diminuta. Dizemos que a primeira era a mais numerosa, porque em todo o tempo da Legislatura, forão muito mais os Deputados que guardárão o silencio, do que os que fallárão; o que bem se póde ver pelos Diarios de Côrtes! importante a segunda, porque foi nella que se encontrárão os mais sabios, e os mais honrados:

mais diminuta a terceira, porque não era composta senão de huma pequena fracção, de dez a doze Deputados, que bem conhecidos se fizerão em toda a especie de discussões, pelo ardor e obstinação com que se empenhavão em fazer passar a sua opinião como doutrina certa. Era pasmoso o orgulho e denodo, com que estes fallárão por muitas vezes em abono da mais conhecida injustiça, atropelando tudo, e inculcando como virtude, o que só em si era vicio!

Porém o mais não foi isto! este Apostolado, aproveitando-se do bom humor da maioria de seus collegas, teve a arte de a reduzir a hum flexivel automato, que recebia com indifferença todos os impulsos que lhe davão! estes impulsos erão occultamente combinados de antemão; póde-se dizer com franqueza, que a força dos debates, e mesmo a rezolução das materias, teve menos parte na Salla do Congresso, que nos gabinetes do partido! o Apostolado não dormia, e seus numerosos clientes velávão noite, e dia! seus mutuos interesses achavão-se enlaçados: os Patronos davão, os clientes aplaudião! por isso o bom exito dos primeiros dependeu em grande parte das acclamações dos segundos; em quanto as outras duas classes nada recebião, porque nada davão.

As rectas intenções da segunda, a imparcialidade de suas opiniões, a força de seus argumentos, a honra e dignidade que a caracterizava, nada foi bastante, nada pôde resistir á funesta influencia, ou antes consumada intriga da terceira! Quantos inuteis esforços não desenvolverão os Trigosos, os Bastos, os Saraivas, &c. para chamarem a Assembléa ás bazes da Justiça?! O Diario dos Debates será hum eterno monumento destas verdades!

Se o espirito da intriga, e de facção não tivessem entrado no Congresso, de certo a Causa Publica haveria sido muito melhor servida, e a reputação do Congresso ficaria illibada de toda a mancha! Não duvidemos de que o fatal systema de partido que o Apostolado adoptou, foi a mais poderosa arma que forneceu, contra elle, aos inimigos da Causa! Tudo pelo espirito de imparcialidade parece bom, mas nada se tolera pelo da facção. Os Deputados, Moura, Fernandes Thomaz, &c. muito obtiverão de hum lado, mas tudo perderão do outro. Os seus ultimos exforços em favor de hum Ministro (o da Justiça) inteiramente desacreditado, serão hum documento justificativo que apoie muitas das principaes arguições, que a estes illustres Deputados se hão feito. He verdade que a resolução do Congresso, na illimitada authoridade que concedeu ao Ministro, foi arrebatada, e talvez criminosa; porém, o Congresso conhecendo pouco depois o seu erro, confessou, que obrara com precipitação, e que o illudirão; quiz emendar este erro, justificar-se para com a Nação, e tomar contas ao Ministro. Nada havia mais justo, e mesmo conveniente para honra do Congresso; porém a intriga opposta sempre a estes dous principios, os combateu com todo o seu vigor, e o Ministro ficou irresponsavel!! Tal foi o seu ultimo triunfo!

Se o Apostolado não houvesse erigido desde o principio, hum reprehensivel systema de Patronato, não teriamos visto o Congresso, como já dissemos em o nosso 1.° N.°, embrulhado em huma multidão de negociosinhos particulares, o que franqueou huma espaçosa porta a mil pendencias injustas, de que nunca deveria tomar conhecimento. Embora apresentassem o especioso motivo de que, por serem Constituintes se podião arrogar essa faculdade! nunca similhante motivo poderá ser admissivel, huma vez que suas Procurações para isso os não authorisavão; como pertendia pois o Congresso equilibrar os Poderes por huma justa divisão, se elle ao mesmo passo os invadia todos, e arrebatava a balança?! não era com hum tal exemplo que os outros havião de guardar seus prescriptos limites. Isto mesmo foi por muitas vezes objecto de escandecidos debates, cujas resoluções forão, por mais de huma vez, differentes em iguaes circunstancias! daqui nasceu o desgosto, e apoz elle os clamores; porque todos aquelles que virão admittidos á discussão no Congresso, negocios identicos aos seus, que lhe forão regeitados, ou enterrados in-perpetuum no sepulchro das Commissões, desanimarão, e clamarão ao Patronato! o Congresso não reflexionou como devia, quando se arrogou o conhecimento de todos os negocios indistinctamente, que ou os havia de tractar todos com a mesma igualdade, ou havia de cahir na parcialidade! Qualquer das duas hypotheses não lhe convinha; a primeira era difficil de prehencher; e a segunda tornava-o odioso!

A vasta empreza das reformas, ainda que necessarias; foi outro attributo que o Congresso se arrogou a si proprio. Esta authoridade devia ser especificada nas Procu-

rações, porque aliás não era ouvida a parte interessada, isto he, os que havião de ser reformados, que não era huma fracção, era o todo. Esta delicada opperação, só pertencia de direito ás Legislaturas Ordinarias, depois de estabelecida a Constituição; porque então reforma-se em harmonia com a Lei Geral existente; e he isto o que se entende reformar segundo a Lei; o contrario será sempre, Legislar segundo a refórma, o que he opposto á boa razão, e por tanto a todo o Direito Publico Universal. Este perigoso systema he só exclusivo das grandes revoluções; porém o seu exito ha sido quasi sempre o mesmo, por toda a parte. A França, e a Inglaterra nos fornecem demasiados exemplos. Porém nós não estamos nesse cazo, por que só fizemos huma Regeneração, e não huma revolução! estas são feitas para destruir a Lei Geral, e substituir-lhe outra; aquellas só tem por objecto o chamalla á sua primitiva pureza, e adaptala ao tempo.

Mas esta mesma adapção dis-se dimanar da vontade geral, positivamente expressada; pois que de outra maneira não poderemos distinguir se ella foi filha da necessidade, se do copricho! e duvidas desta natureza forão em todos os tempos, fataes aos Estados onde se suscitárão! Convinha por tanto ao Congresso Constituinte dar-se unicamente ao trabalho, que por direito lhe competia: a organisação da Constituição; depois a refórma geral penderia necessariamente da sua estructura.

Eis-aqui o que o Apostolado nunca quiz escutar; e tal he a doutrina que elle arrogantemente classificaria de subversiva, e anarquica! se alguem houvesse assaz valorozo, que ouzasse prégar-lha! mas se ella houvera sido adoptada, quem faria o mizeravel cortejo de numerosos clientes?! quem comporia o circulo de hum frenetico partido?! como se haveria contrahido a estreita alliança, entre elle, e o ministerio?! como haverião apparecido conspirações horrorosas, conferido illimitados poderes, e combatido pela irresponsabilidade d'hum criminoso Ministro??! como haverião apparecido tantos novos empregados, de que a mesquinha Fama, nos havia até ali occultado os nomes.

Qual seria tambem a causa porque cada hum dos membros do Congresso, se arrogou o direito de chamar o outro *á ordem*? Isto he novo! Se os membros daquelle Congresso não fossem por Lei inviolaveis em suas opiniões, nada nos admiraria hum tal procedimento, e até mesmo que os mandassem sahir da salla, ou pôr em pé, por castigo &c. porém sendo a opinião livre, e inviolavel!! he de certo cousa original! Que o Presidente, por hum toque de Campainha chame á ordem para atalhar os funestos extravios de alguns fogosos oponentes, isto entendemos nós como justo, e necessario; porém chamar indiscricionalmente *á ordem*, em bom portuguez, *cale-se*, quando a opinião do orador se não conforma com a do que o chama, isto não só he despotico, mas tambem anarquico. Digne-se o futuro Congresso de não dar nestas deffeituosas contradicções, assim como em outras muitas bem sabidas por todos, e que nós por agora omittimos.

Sandoval, e o Ministro da Justiça.

Appareceu ha poucos dias no Diario do Governo huma carta de Sandoval, filho, Redactor do Novo Hercules, para o Ministro da Justiça. Esta carta, que menos honra faz a quem a mandou publicar, do que ao seu author, vale bem a despeza de alguns minutos, e de duas pennadas de tinta: examinemo-la pois.

Diz o author da carta ao Ministro, que sendo convidado por os prezos da galante conspiração, para se associar a seus trabalhos, na redação do Novo Hercules, que intentavão publicar, se recusara a esse serviço, por conhecer que era dirigido a attacar a elle Ministro, a quem chama seu *bemfeitor*, e remata pedindo esmola! ora esmiucemos isto bem: como se acha aqui a verdade em harmonia com o que diz Sandoval? pois recusou-se a 24 de Setembro, (data da carta) e a 28 apparece com o 1.° N.° do Hercules? como mudou Sandoval de opinião em menos de quatro dias, porque já quando escreveu a carta, devia sem duvida ter o 1.° N.° a compôr na imprensa?! por dous modos devemos julgar isto: ou que Sandoval servia ambos os partidos ao mesmo tempo, ou que a carta he falsa! O primeiro dá huma pessima idéa do caracter de Sandoval: e o segundo he hum revoltante attentado do Ministro. Ainda temos hum meio termo a seguir; e he, de que Sandoval seria ultimamente aliciado por parte do Ministro, para lhe escrever aquella carta! este meio termo funda-se nestas

conjecturas: que vendo o Ministro as continuadas e justas accusações que contra elle apparecião no Hercules, já dos prezos, já do mesmo Sandoval, as quaes hão feito huma geral comoção no Publico, a favor dos prezos, e não tendo o Ministro que responder a ellas, por serem todas fundadas em factos, procurou aquelle estratagema da publicação da carta, para desacreditar Sandoval, e pôr os prezos de suspeitos! porém isto foi o mais miseravel recurso de que o Ministro poderia servir-se! pois que na mesma publicação confessa de hum modo tacito, de que a aparição do Hercules lhe era prejudicial, e encerrava verdades amargas; em fim, que lhe não convinha que os prezos escrevessem! nós não podemos adoptar esta idéa em toda a sua extenção; porque isto seria o ultimo desaforo do Ministro. Que tinha o Ministro que apparecesse ou não aquelle jornal? se contivesse accuzações falças, lá tinha como todos os Cidadãos, o recurso da Lei, para o levar ao Jury! quando lemos a expressão de *bemfeitor*, julgámos que ou a carta foi invenção, ou que o author jogava a ironia com o Ministro, que o teve em ferros por tres mezes, por aquelle consumado despotismo que tanto o distingue, sem lhe haver formado culpa, porque não a tinha! logo como podia dar á hum despota, a hum tyranno que o oprimio, o doce titulo de seu *bemfeitor*! era preciso que sua demencia fosse maior, que a do galhofeiro *Pax-vobis*. O maior triunfo que o Ministro podia dispôr aos prezos, foi a publicação da carta! agora he que todo o mundo ficou capacitado da justiça dos prezos, e das tramas do Ministro. Se Sandoval lhe escreveu aquella carta, nella confessa a causa que a isso o obrigou: a desgraça, e falta de meios: porque passa pela vexação de lhe pedir huma esmola! e he assim que se deve abuzar da fraqueza de hum infeliz, a quem talvez a mirrada fome obrigou a curvar-se diante do seu tyranno?!! Oh! perversa moral! Oh! chara Patria! olha em que mãos está depositada a tua Justiça!!!!!

Os Prezos da decantada conspiração.

Hum Apostolado de chamados Conspiradores, cuja descuberta se fez mais portentosa, que a de Americo Vespucio; tem sido ha 4 mezes o objecto de todos os escriptos nacionaes, e estrangeiros! Não ha ninguem que não tenha tomado interesse, e mesmo calor nesta embrulhada questão, que tanto tem espantado o Publico; e desacreditado o Ministerio. Ainda os prezos estavão sepultados vivos, já hum Campeão começava a sahir a campo, a chamar álerta! Depressa a sinistra desconfiança principiou a apoderar-se dos espiritos, e a mysteriosa conducta do Ministerio a passar por calculadas interpretações. A voz Publica, cada vez mais animada, reclamou declarações, que por Direito se lhe devião fazer, huma vez que informada pelo terrorista Supplemento do Diario, temeu pela segurança, e salvação da Patria. Mas suas reclamações forão todas desprezadas, por o despotico senhor, que intentava impôr-lhe silencio! Foi então que o Ministerio se vio na alternativa; ou de desenterrar as suas victimas dos tenebrosos *Segredos*, ou expôr-se ao formidavel choque de hum Povo livre, que já começava indignado, a denomina-lo tyranno! Tomou o primeiro partido, e as suas victimas apparecerão!

Foi então que os mais energicos clamores dos perseguidos, vierão encher nossos ouvidos, e interessar nossos corações; cada hum julgava ver já a tyrannia prompta a descarregar o arbitrario golpe sobre sua propria pessoa. No meio destes publicos receios, os infelices prezos, lá do centro dos ferros em que a tyrannia os tinha, não temem seus tyrannos, e erguem huma voz atroadôra e firme, que faz descórar os falços impostores, e os acaba de entregar á publica execração! Debalde se assalariárão Censores, e Reforços para lhe oppôr diques; a corrente já se não podia suspender, e tem passado por cima de tudo com hum terrivel estampido! ainda quando os prezos sejão victimas, resta-lhe para os honrar, o glorioso valor com que arrostárão seus tyrannos!

Avizo.

Tinhamos annunciado em o N.° 1.° que neste dariamos ao publico hum interessante apenso, extrahido do Processo dos chamados conspiradores; mas por motivos que occorrerão, só poderá inserir-se em hum dos numeros seguintes.

LISBOA: NA OFFICINA DA HORROROSA CONSPIRAÇÃO. ANNO 1823. *Rua Formosa N.° 42.*

NOVEMBRO 19. N.° 3.

A Trombeta escutai dos Luzitanos
E se rouca tocar . . . tremei Tyrannos!

O Trombeteiro.

A TROMBETA LUZITANIA.

Traducção fiel de huma carta escripta de Verona, por hum cavalheiro Alemão, para esta Cidade.

Meu Caro Senhor.

Exactamente na vespora da minha partida de Pariz, tive o gosto de receber a vossa carta, com data de 6 de Setembro. Por ella fico na certeza do vosso bem estar, e de meu antigo amigo Mr, W.... Que felices recordações me sugere a vossa Lisboa! A esta hora em que vos escrevo, talvez vos acheis em Cintra. Feliz retiro! ainda que não acomodado ao bello espirito de Mad. C... fazei-me a honra de lhe apresentar meus respeitos.

Que de couzas! que cadeia de acontecimentos extraordinarios no decurso de 8 annos! Sabei que Verona he hoje o lugar central da acção, cujo desfeixo ainda ignoramos! O Autocrata (1) chegará por estes 3 dias; e seus illustres Alliados, huns o precedêrão, outros o seguem. O Principe (2) pensa muito, nunca o vi tão inacessivel; o negocio péza, e a resolução não he de todo facil. Espera-se que o 18 seja o da primeira abertura. Eu nada sei de positivo; e sabeis que a minha posição não admite representar de profeta!

Com tudo, a vossa Peninsula julgo ser hum objecto quasi exclusivo de tanta viagem, e de tanto aparato! Ella na verdade está debaixo de huma bella temperatura! tudo alli prospera, á excepção do arbusto neutro, que nossos botanistas ainda não poderão classificar; he de temer que os impetuosos nortes acabem de a dessecar!...

O velho Rei Luiz toma huma activa parte nos preliminares; talvez demaziado fogo! O vosso Inglez (3) avulta hoje muito, e interpetra (segundo o afirmão já) como se quer o Oraculo de S. James; porém elle foi vosso amigo....

O Correio de hontem nos informou da passagem de duas Divizões Russas para cá do Niemen, a invernarem na Polonia. Não passarão o melhor tempo! O Coronel S... que chegou ha 4 dias de Vienna, nos pôz á intelligencia de alguns de nossos detalhes militares, que se ignoravão. Tudo nos leva a hum mesmo resultado de combinação! Porém talvez que as conciliações frustrem os projectos. Mas se o fraco não ceder, o forte muito menos!

Espera se que o vosso Principe seja representado aqui por alguem; he de crer que se termine a sua questão de hum modo plauzivel; ella tem-se tornado mui séria nestes ultimos tempos!

Tenho sido hum pouco extenço, em razão do vosso genio, outra vez serei mais resumido. Lembrai-me com affeição a vosso... &c.

(1) O Imperador Alexandre.
(2) Meternich.
(3) Wellington.

A'LERTA! A'LERTA!

O author desta carta, que visitou Portugal no tempo da guerra peninsular, he hum homem digno de toda a confiança, não só por seu honrado caracter, mas mesmo pela representação em que hoje se acha. O espirito em que ella he concebida, nos dá huma idéa nada equivoca, das tenções do Congresso de Verona. O movimento de tropas Russas para a Polonia; os preparativos militares da Austria; a conducta hostil do Ministerio Francez, e outros muitos incidentes, de que continuadas vezes somos informados, tudo nos leva a crer que se vai formar a mais poderosa liga contra a liberdade dos Povos! A Peninsula não será só a prejudicada; mas toda a Europa vai em breve cahir debaixo da pezada vara de ferro, que serve de Sceptro á Tyrannia! Sim a Europa vai mudar de figura; e essa sombra escassa de Liberdade, que possuia, vai desaparecer de todo! Ahi se vão levantar os cadafalsos, e exercer as horriveis vinganças!!!! ahi se vão desligar de todo os interesses do Povo, dos do Monarcha!!! ahi vai finalmente recuar a civilisação, para os escuros antros da barbaridade, d'onde tanto custou a arrancalla!!!

Não duvidemos; o projecto está formado, e seu desenvolvimento não tarda! Os Canhões cedo o proclamarão do cume dos Pyrineos! e só ao seu estrondo acordarão os Ministerios Peninsulares?! não haverá huma voz de ferro que os desperte, e que lhes brade: a Liberdade está em perigo! Sim, os Ministerios dormem actualmente socegados no meio das ondas, que principião a agitar-se para os tragar! e a causa dos Povos vai correr á revelia! Quando Nações poderosas se reunem; quando levantão formidaveis armamentos, quando emfim formão hum Senado destruidor de nossos direitos, e que nelle vão decretar a morte da Liberdade, he quando vemos os depozitarios de nossos destinos entregues á mais criminosa apathia! nossos Exercitos, que ha muito deverião estar complectos, e n'huma aptitude respeitavel, para marcharem a campo ao primeiro signal de agressão, achão-se na diminuta força, a que só devem ser reduzidos, quando huma dormente paz nos não dá lugar a receios! parece que ninguem teme o perigo que se avisinha! e que só se pertende oppôr-lhe a Justiça, e a pena! Mas estas armas são demasiado fracas, para resistir a inimigos fortes, que só conhecem a Lei da espada! só o aço, e o bronze serão bastantes a contêlos; d'outra sorte seremos não só vencidos; mas tambem ludibriados ao depois como fracos, como indignos até do nome de Povo livre! o tempo urge! Eia, reforcem-se os exercitos, agucem-se as baionetas, e tome toda a Peninsula hum caracter ameaçador, e guerreiro! Já não ha meio termo; ou combater pela Liberdade, ou submeter o cólo a hum jugo mais insuportavel, que todos os outros!

A marcha do Systema vai errada.

A Lei das Eleições de Côrtes foi ultimamente violada com escandalo! Hum visivel espirito de anarquia, cuberto com a mascara da Constituição, se manifestou por todas as partes do Reino, onde a injustiça, e a desordem, forão levadas a hum grão eminente. Homens, que figuravão de agentes de hum partido occulto, se arrogárão por toda a parte o direito de escolherem, ou sanccionarem os novos Eleitos para a proxima Legislatura. Ramificados por todas as Igrejas, vociferavão contra aquelles que não erão recomendados por seus infames patronos; e se reunião o maior número de votos, riscavão-lhos, rasgavão as listas, fazião protestos; emfim, insultavão-os! não era com tudo, sem o maior horror, que os bons Cidadãos vião esta abominavel conducta, em desprezo de huma sabia Ley, que todos amavão! e não esteve muito distante, em algumas partes, o recurso da força, para se obstar a taes procedimentos.

Entre muitos destes factos, mencionaremos o acontecido em Braga com o digno Bispo de Carrhes, Provizor do Arcebispado. Foi este Bispo eleito Deputado com huma grande maioria de votos, apesar do avultado número delles, que os indignos cabalistas lhe riscárão! Desesperados porém de verem, que o Illustre Bispo sahíra eleito, se valerão do miseravel recurso de protestarem contra a sua eleição, com o especioso pretexto de exercer naquelle Arcebispado as funcções de Bispo, e Provizor! pertendendo por huma palpavel velhacaria, comprehendello no artigo da excepção da Ley, que diz assim: *os Bispos uos seus Bispados:* fingindo desta sorte ignorar que o seu Bispado he na antiga Mezoptamia, do

qual só he Titular; e que o Diocesano he o Arcebispo Primaz! pouco faltou para que aquelles facciosos dissessem que o digno Bispo tinha, ou podia ter duas Igrejas! Assim decretarão aquelles miseraveis interpretes da Lei, sectarios do despotismo moderno, e anarquistas de profissão! para que o publico possa ajuizar da justiça com que o povo o elegeu, daremos huma breve idéa de suas virtudes e talentos, e segundo as viridicas informações que temos; porque não temos a honra de conhecer a S. Ex.ª: o Sr. D. João José Vaz Pereira, formado na Faculdade de Canones, foi nomeado Desembargador da Relação Ecclesiastica de Braga pelo Sr. D. Fr. Caetano Brandão, de illustre Memoria; Reitor do Collegio de S. Pedro na sua Sede-vacante; Coadjuctor e futuro Successor do Chantre da Sé Primaz, no anno de . . . e pelo actual Arcebispo, nomeado seu Bispo de anel.

Todos estes cargos hão sido desempenhados por S. Ex.ª com huma dignidade exemplar, que poucas vezes se encontra entre nossos funccionarios. Se ao mais firme caracter de probidade, e consumada prudencia, que o distinguem, juntamos seus talentos não vulgares, tanto na vasta Literatura, como nas Sciencias, veremos, que he hum dos mais dignos Prelados, que adornão a Igreja Luzitana. Suas maneiras afaveis, suas idéas, livre de falsas preocupações, tudo o constitue amavel na boa sociedade. No em tanto, he este o Deputado, que não fazia conta a 4, ou 5 mandriões, que só ouvirão fallar em Systema Reprezentativo, desde 820! a 4, ou 5 miseraveis que para ganharem hum vil salario, que huma oculta facção lhes ministra, adoptarão a vida turbulenta de *Constitucionaes Bravios*!

Conheça pois o Ministerio, que esta, e outras, vão fazendo aborrecer a Cauza; e que tão despotico era esse governo, que destruimos, como este o será se continuar a permitir, e talvez fomentar, os abominaveis procedimentos de huns poucos facciosos, que se atrevem a fazer arbitrarias interpretações á Ley, e a decidir de seu alvedrio, da Representação Nacional!

BRAZIL.

Pelo ultimo navio chegado de Pernambuco se receberão papeis officiaes daquella Cidade que se acha em formal dissidencia de Portugal, e fazendo causa commum com o Rio de Janeiro. Tambem se receberão varios Periodicos, de que offerecemos, como mais notaveis, os seguintes extractos.

Pernambuco 7 de Agosto. Povos do Interior! He chegado o momento da nossa ventura. Ha cinco annos que retumbou entre os vossos bosques o grito da Liberdade: mas em que tempo? no tempo em que abatido o imperio da razão, todo o Brazil, e Portugal mesmo folgava nos ferros! no tempo em que só pronunciar o nome de Liberdade era hum crime! eis a causa da combustão que soffreu nossa Provincia. Então a Liberdade não tinha altares em nenhum dos emisferios Portuguezes; hoje ser escravos, he hum crime para os Lusitanos Então pertendemos huma separação absoluta, hoje queremos huma união decorosa. Então todo o Brazil praguejou Pernambuco, e as duas pobres Provincias do Norte hoje se reunem ás Provincias do Rio de Janeiro, de Minas, de S. Paulo, do Rio Grande do Sul, de Montevideo, do Rio Grande do Norte, da Paraiba, das Alagoas, e da Bahia, em cahindo o seu Tyranno. Ao lado da nossa Regeneração velão dous homens de época: hum que pelo seu saber he respeitado das Nações Estrangeiras, e a quem nunca deslumbrarão as honras, a as riquezas, que á porfia o tem procurado: e o outro he aquelle cujas virtudes brilhantes nós soubemos respeitar, mesmo no meio daquelle nosso frenesi politico, e que jámais nos teria feito damno algum, se hum dia não se tivesse esquecido de consultar tão sómente o seu coração.

O Cheffe do Poder Executivo no Brazil, he o mais amavel dos Principes, o Sr. D. Pedro de Alcantara, o Digno Descendente do Monarcha Invicto, que esmigalhou os ferros Hespanhoes, que prendião sua Patria: o Digno filho do Lusitano Luiz 16. O liberalismo, e todas as virtudes desses dois Grandes Reis, achão-se reunidas em o nosso Principe Adorado! Pernambucanos do interior! uni-vos com os vossos irmãos da Capital; lembrai-vos que a vossa desunião passada vos custou bem cara; sem ella, tavez que não tivessemos visto a terra insopada com o sangue de nossos Sacerdotes; e os Bachásinhos de Rego, espalhados pelas vossas Povoações, não vos terião espancado, e roubado até o barro do pobre! E o capataz desses Arabes passea impune as ruas de Lisboa, rindo dos esforços

que tem feito nossos Deputados, para devassar do seu reinado! (1)

Pernambucanos! Não vos deixeis illudir pelos visionarios da Patria. O Governo Constitucional he o apuro mais brilhante das luzes humanas, e o que mais convém ao estado de fraqueza, em que nos deixarão as sanguexugas Europeas. Só a união poderá expelir para longe, aquelle que tentar contra a nossa Regeneração. Desunidos, nós seremos a victima de qualquer força. Que a discordancia de opiniões não produsa hum só desastre entre Pernambucanos: a candida verdade pode curar nossas opiniões, mas não póde desfazer nossos desastres: e a perda de hum Brazileiro deve custar a perda de dez inimigos da sua emancipação. De acordo comnosco devem estar nossos irmãos Europeos, habitantes desta Provincia: nem devemos pensar que elles hesitem deffender hum Paiz, ao qual só lhes cumpre reconhecer por sua Patria: entretanto que aquella os obrigaria a mendigar pela nullidade de seus recursos, esta os afaga no seio da abundancia; e só a mais barbara ingratidão, poderia fazer com que falhassem nossos raciocinios a favor dos Europeos; mas como a ingratidão não he hum monstro novo, convem lembrar-lhes que não confundão a quadia presente com a preterita: que gravem na memoria a Sentença de nosso Augusto Deffensor = O Brazil não tornará a ser nem colonia, nem escravo = que de duas huma, ou se hão de unir com os deffensores da terra, que lhes tem servido de Mãi; ou desaparecer do seio de huma Mãi justamente irritada; na certeza de que jámais tornarão a exercer o officio de carrasco contra seus filhos! (*O Maribundo*)

Continuação da nota á carta inserida no N. 1

Os honrados, e fieis Cidadãos levantarão o Nobre pensamento, de festejar por hum modo Grave e Solemne, o Sempre Memoravel Anniversario da Prodigiosa Instalação do Soberano Congresso: dirigirão-se ao Ill.mo, e Rev.mo Deão, para conceder licença de se executar esta distincta função na Sé Cathedral: concedeo-a, sendo como he Presidente do Excellentissimo Governo Interino: depois forão dar parte ao mesmo Excellentissimo Governo, do seu destino: O Excellentissimo Governo agradeceo esta lembrança e attenção, e disse tomava a si o pertendido festejo; parou por consequencia a pertenção indicada, e com effeito executou-se esta plausivel, e solemnissima festividade no dia 26 do corrente Janeiro, a que assistio a Nobreza, as Corporações Religiosas, Militares, e Povo. Feita pois esta tão lusida e honrada acção, a que eu acabo de assistir (tambem por convite do mesmo Excellentissimo Governo, communicado pelo Senado da Camara em carta datada de 24 do corrente) parece estar feito tudo quanto se podia fazer para demonstração do aplauso de tão Faustissimo Dia. Permitir-se licença para se fazer outra Função exclusiva daquelle dia (tendo por authores diversas pessoas ferradas com a marca da indignidade, como os accusa ao publico os Impressos e Papeis publicos) parece que he desvario, e mostrar mesmo apoiarse a desordem que só se deve apagar, não se consentindo partido, e caprichos, que degenerão sempre em consequencias tristes. O nome Constituição não he corpo, que passando a cadaver, se permita a diversas corporações fazer-se-lhe Exequias em dias alternados, pelo gravado preceito permitido e licito a beneficio da Alma, e ainda assim mesmo, se outra corporação que não fôr Religiosa, mas sim protestante, o pertender fazer, ainda que seja por honrar o cadaver que lhe marece paixão, com os seus Protestantes, não lhes he permitido; assim tambem aquelles que figurão de Constitucionaes e o não são, senão externamente, se lhes não deve consentir taes festejos, devidos só aos que são legitimamente Constitucionaes. Se se offenderem os que estão nesta clásse, e rescreverem sobre tal assumpto, eu lhes mostrarei por legitimos principios, e provarei com legaes documentos a realidade da minha expressão: farei ver mais ainda, que não só são anti-Constitucionaes, mas tambem anti-Christãos. A demonstração desta verdade já a proponho, e vem a ser, aquelle que he infractor das Leis Divinas e humanas, nem he Constitucional, nem he Christão, se não só nas aparencias; pelo que só realmente se confirma verdadeiro hypochrita, em cujas circunstancias não esperem ver-me em tal funcção. = De Vossas Mercês = Attento venarador = Val do Linhares 26 de Janeiro de 1822. = *Manoel Thomaz de Bittencourt Vasconcellos Corte Real do Canto.*

(1) Não, que elle tinha amigos Mirandas, a quem dava de comer todos os dias, para o livrarem de tudo isso, e até para o despacharem!!! Hoje he o *Denunciante* por excellencia, ou de excellencia!!!

LISBOA: NA IMPRESSÃO LIBERAL. ANNO DE 1823. *Rua Formoza N° 42.*

NOVEMBRO 21. N.° 4.

A Trombeta escutai dos Luzitanos
E se rouca tocar . . . tremei Tyrannos!

O Trombetêiro.

A TROMBETA LUZITANIA.

Em o nosso primeiro Número promettemos ao Públbico de lhe dar hum extracto de hum dos principaes documentos, que se achão no Processo dos chamados Conspiradores; o qual só hoje se póde verificar por obstaculos, que occorrerão. He a denuncia do famoso ex-Paulista Encommendado.

Denuncia do Padre Jozé Narcizo Pereira de Carvalho e Araujo, Conego Eleito da Bahia, natural de Gouvinhãs, Comara de Villa Real.

Em 30 de Abril de 1822 = em casa do Corregedor da Rua Nova, Gerardo de Sampaio = disse o Denunciante ser morador na caza de Pasto de Mad. Delavant, Bairro dos Romullares N.° 11, e como elle Ministro se achava authorisado pelo Governo para tomar toda, e qualquer denuncia; vinha á presença delle Ministro declarar factos importantissimos para segurança do Estado, e deferido o juramento dos Santos Evangelhos sem dólo, malicia, ou má vontade.

Declarou, que tendo chegado a esta Capital no dia 14 de Dezembro passado vindo do Rio de Janeiro, logo no dia 18 do dito mez, se encontrou no Rocio com o Major Reformado, Pimenta, e este lhe dissera = Que novidades havia no Rio de Janeiro? elle declarou taes quaes sabia em boa fé, e conhecendo o dito Pimenta, que aquella Cidade não estava no melhor socego, se manifestou alegre, e principiou fazendo huma pintura triste, não só da Capital, mas de todas as Provincias deste Reino, querendo persuadir, que o actual systema não podia progredir. Que haverião punhaes puxados dentro da Salla das Sessões, e tudo na maior perturbação. Que trez vezes na mesma noite fôra esta conversa, e terminou dizendo elle Pimenta, havia escripto muito sobre este objeto. Que mantinha as mais exactas relações com o Principe Real, e lhe tinha remettido todos esses escriptos, narrando-lhe o estado actual das cousas deste Reino. Que observasse, e tomasse medidas a respeito da sua fortuna: Que na maior parte das vezes que se encontrava com Pimenta, continuava a fallar-lhe no mesmo sentido; que sempre o encontrara acompanhado com o Brigadeiro Jordão, e de hum sugeito de Habito de Christo, gordo, e de mediana estatura, e algumas vezes com o Capitão Tenente Izidoro Francisco Guimarães; o Capitão do Estado-maior, Padua, e muitas vezes fallavão sobre o Systema actual querendo convencello a elle Denunciante, que não hia ávante. Que no dia 13 de Janeiro ás 6 horas e meia da noute, encontrando-se elle Denunciante com o Padre Mestre Doutor Mesquita, de S. Jeronymo, fallando sobre as doutrinas sediciosas

de Sandoval o dito Religioso lhe dissera, que Sandoval era coadjuvado pelo Dezembargador Francisco Duarte Coelho, e pelo Doutor Abrantes. Que elle Denunciante fizera deligencias, e averiguações a bem da Patria, e por ellas alcançara, que os ditos Pimenta, Guimarães, e Jordão, collaravão para a mesma obra de accordo com Sandoval. Neste tempo chegara de Pernambuco o General Rego, e como fosse duvidosa a sua conducta nesta Capital, aquelle Guimarães convidou a elle Denunciante para o ajudar na defeza do dito Rego, ao que se recusou elle Denunciante. Que no dia 24 do corrente Abril encontrara na Rua do Ouro a Pimenta, e conversando entre outras cousas, este lhe dissera: Que fizesse todas as diligencias para se arranjar com brevidade, pois que as cousas estavão a mudar; o que lhe fizera impressão, e fez diligencia, para alcançar alguma conclusão sobre o que fallava Pimenta, e pôde conseguir que havia hum Plano formado, que nelle entrava gente mui capaz, e que elle Denunciante devia unir-se aos que pensavão bem, e que lhe respondera em sentido ambiguo.

Pelas 6 horas da tarde do mesmo dia estando elle denunciante no Caes do Sodré, apparecera Pimenta, e entrou a fallar no mesmo que de manhã Que encontrando-se com Maximo Jozé Pereira de Azevedo, este lhe dissera que acabava de estar com o Bacharel Salgado, e este lhe dissera que hum Tenente de Linha lhe dissera, que no Sabbado á noute estivera no Terreiro do Paço em acto natural, e proximo a elle passarão cinco individuos conversando, e hum delles dizia: o plano não póde falhar, agora he preciso fixar o dia: outro, era precizo cuidado com Sepulveda: outro, que estava prevenido o criado para o assassinar: outro, he preciso alliciar da Tropa, e positivas medidas de cautella: outro, que estavão dispostos certos Regimentos de Linha, e quasi todos de Milicias da Capital; e como o dito Tenente não estava armado, e não tivesse companheiro, não os seguio. Que passeando pelas ruas desta Cidade na noute de 28 do corrente mez, encontrou desde o Loreto até á boca da Rua Augusta, e Terreiro do Paço, magotes de homens, e passando por elle naquelle sitio, Jordão, o seguio, e vio entrar em casa do Marquez de Alegrete; e ahi esteve observando, e vio sahir pelas 11 horas e meia o dito Jordão, e outros sugeitos que não conheceo, e soube por indagações que alli se juntavão o Commendador Camillo Martins Laje, Official Maior que foi da Secretaria de Guerra do Rio de Janeiro. Que os ditos, e os Irmãos do Marquez, Jozé Telles, e Antonio Telles, erão traçados planos para o mesmo fim. E o Conde dos Arcos maquinava depôr El-Rei, e que neste plano erão empregados o Padre Góes, e Pimenta = conta o que houve no Rio = que assustarão El-Rei para vir para Portugal com as vistas de quando chegasse, acabar o actual systema = e para o mesmo fim, que viera Pimenta ao Porto, e para esta Capital de Lisboa o Padre Góes = e o Conde de Villa Flôr dissera a elle denunciante, que aquelles dois vinhão a Portugal dispôr a Revolução; porque o Conde de Sampaio, e os mais que figuravão, erão huma corja de Patetas; o que combinado com a carta que elle fizera lançar no Astro no dia 20 de Março se acha a verdade = que em casa do Boticario ao Poço Novo se fazião conventiculos, e vio que entravão os referidos, o Aguillar, e hum Irmão do Conde de Povolide. Que no largo do Calhariz na Loja de bebidas do Toscano, se juntavão todas as noutes o dito Aguillar, o Boticario, e dito Povolide, e outros individuos que elle não conhecia, fallando com a maior desenvoltura, o que fôra presenceado por Malaquias Jozé da Cruz. Que observou que o Boticario, e Aguillar pregarão pasquins na esquina do Caes do Sodré. Que nesta Cidade se achava desde o dia 23 do corrente Abril, Fr. Domingos do Rosario, e se tornava suspeitoso:

Eis-aqui a Denuncia do Encommendado, tal qual se extrahio dos Autos, e he a unica que Judicialmente se deo; a excepto da participação do Chefe da Policia, do Maximo, e de Alexandre Alberto de Serpa, Rego, e Rodrigo, tambem por escripto; porém Auto de Denuncia sómente do dito Encommendado:

Muito de proposito copiamos esta Denuncia com a sua original orthographia, para darmos a conhecer a nossos Leitores, até que baixeza póde chegar hum homem que vive na Sociedade, e de mais a mais Ministro do Altar! se intentassemos fazer toda a analyse que esta indigna denuncia exige, não serião bastantes dois ou trez N.os de nosso Jornal para a conterem; e por isso nos limitamos sómente a fazer as poucas reflexões, que julgamos sufficientes para destruir hum tal amontoado de mentiras:

Principia o Padre Denunciante a criminar Pimenta por lhe pedir noticias do Rio de Janeiro, e lhe dizer que as cousas hião mal aqui; dá parte de muitos encontros,

e conversações com elle, assim como com outras muitas pessoas, sem com tudo produzir em seu abono huma só testemunha. Accuza primeiro ao Padre Góes como combinado com o Conde dos Arcos para depôr ElRei, e depois como vindo do Rio de Janeiro para fazer huma Revolução; e este mesmo Padre Góes he aquelle com quem o Padre convivia mais intimamente nesta Capital. He admiravel a ligeiresa com que o Padre Denunciante, se transportava de polo a polo para espionar, e observar os movimentos daquelles a quem denuncía! já no Poço novo, já em S. Apolonia, já no Terreiro do Paço, já no Calhariz, em fim, nem Santo Antonio lhe chegava. E tudo isto para que? para dizer humas poucas de frioleiras, que por si mesmo se fazem tão ridiculas, que sua unica leitura he bastante para irritar o homem mais pacifico, e obrigallo a dar com hum gato morto na estanhada cara do Encommendado! suponhamos mesmo que toda a sua denuncia he verdadeira; onde se encerra o systema subversivo, e planos traçados para huma proxima revolução? em que deo o Pimenta, e todos os outros que elle accusa, provas de conjurarem contra a causa? como se atreveo V. m. a instituir-se Denunciante, e testemunha ao mesmo tempo contra todas as Leis, e particularmente os Canones; diga Sr. Encomendado? que provas justificativas apresentou V. m. ao Corregedor Sampaio, para provar a verdade da sua denuncia? ora sabe o que V. m. merecia Padre Encomendado; era ser despido da cinta para cima, e hir a açoitar com huma solla pelas ruas desta Capital, em que V. m. fez huma tão desavergonhada denuncia, concorrendo para a sobresaltar passados dias. Agora he preciso que V. m. prove em como o Conde de Villa Flor lhe disse, que Pimenta, e Góes vierão do Rio de Janeiro para fazer huma revolução em Portugal; e se o não provar com o depoimento do mesmo Conde, ou de testemunhas que lho ouvissem, vá preparando as costellas para hir malhar com ellas no Limoeiro, o que não póde deixar de lhe acontecer.

Como se attreve V. m. a infamar o Marquez de Alegrete, e o Conde dos Arcos; acuzando-os de Chefes de Partido, não só contra a causa, mas contra o Rey? que provas offerece V. m. disso? ou mesmo que medidas tomou o Governo contra elles?! ah malvado calumniador! V. m. he o mais indigno de quantos falços denunciantes tem apparecido na face da Terra! Se V. m. tivesse alguma vergonha, vendo que está conhecido, e desprezado por todo o Mundo como hum perfeito tratante, já teria fugido desta Capital, e não teria manchado os Altares de S. Nicoláo com a sua odiosa Pessoa, nem se faria o alvo do Anão dos Assobios, que mizeravel como he, o não póde tolerar.

Esta denuncia meu Padre, apezar de lhe adquirir a Encomendação de S. Nicoláo, que o injusto Ministro da Justiça, lhe arranjou para premiar seus serviços, será hum eterno, e negro monumento que hade existir, para levar seu infame nome atraz da Gloriosa Historia da nossa Regeneração.

Os Jornaes da Capital.

Muitos são hoje; e muito bom he o espirito que actualmente os anima. Todo o observador deste genero de escriptos que se não achar vendido a hum partido, não deixará de confessar que todos elles, parece que de commum accordo se abrirão huma honrosa estrada, para obterem dous fins: Defender o fraco contra o forte; e átacar os abusos da Authoridade. Na verdade, ninguem o ha desempenhado melhor, nem com mais dignidade. Pela sua actual harmonia dir-se-ha, que á noute se reunem todos para tractarem dos objectos do dia seguinte. Isto he louvavel e honroso por todos os principios; pois que nada ha mais indigno, e mesmo prejudicial nas actuaes circunstancias, que huma guerra injuriosa entre escriptores que tem por unico objecto a consolidação do novo Systema que professamos; inspirar a união de vontades, e insinuar a boa Moral. Já se vê que nada compete daqui ao espurio Censor e Supplemento. Estas duas infames producções da maldade, votadas hoje á execração Pública, já estão fora da Lei, e são o mais authentico testemunho das corruptas intenções de hum perfido ministro, que desde ha tempos se tem feito o verdugo e oprobrio da sua Patria!

Louvores sejão pois dados a nossos actuaes Jornalistas, e oxalá que constantes na mesma vereda porque caminhão, não saibão hum momento extraviar-se della, para que triunfantes possão chegar ao desejado fim de seus trabalhos literarios: A consolidação da Liberdade Nacional, e o desenvolvimento das Virtudes Civicas.

CORRESPONDENCIA.

Sr. Redactor.

He hum dever indispensavel: he de absoluta necessidade urgentissima, e de importante interesse fazer saber ao Respeitavel Público, e aos honrados Cidadãos Açorianos, que Manoel Thomaz do Bittancourt Vasconcellos Corte Real, do Canto, se acha prezo nas Cadêas da Corte, não por crimes, ou procedimentos, que hajão de denegrir o seu bem provado, regular comportamento; mas sim por conhecidos effeitos de huma pronuncia, resultante do odioso, vingativo, e nullo auto, a que procedeo o declarado inimigo do autoado, o intruzo Juiz Grade, e seguido por animosidade de outro inimigo, o Corregedor Rebello, auxiliado com testemunhas perversas, e perjuras. E tambem por se haver encarregado das legaes Procurações, que lhes forão commettidas, e substabelecidas para poder promover todos os eficazes meios de salvar a sua Patria, trahida pelos perversos sediciosos forasteiros, partidarios serviz Araujanos, e seus adeptos, filhos degenerados da mesma Patria.

Saiba pois o Respeitavel Público que o dito prezo está (como já tem mostrado e hade mostrar) innocente, e só sacrificado pelo despotismo, pela vingança, pela calumnia, e pela infracção das Leis... Saiba que este prezo (apezar de tanta calumnia, e da perfidia dos seus authores, que tem denegrido o brilhantismo do feliz Systema Regenerador) hade sempre sobre-sahir á malevolencia, á mesma perfidia, e aleivosia, ficando submergida a calumnia, por que sempre esta redunda em damno dos seus authores, e a verdade hade aparecer pura; porque he tão poderosa que por si mesma se deffende, sem que jámais houvesse Maquina, Engenho, ou Arte que a subvertesse, com diz o Eloquente Cicero invatin „ *Tamtam semper potentiam Véri-* ” *tas habuit, est nullis machinis, aut cu-* ” *jusque hominis ingenio, aut arte subverti* ” *potuerit.* Saiba mais que este prezo está coberto de gloria, por ser prezo em consequencia de se prestar a salvar a sua Patria, pugnando pela felicidade della; praticando, e dizendo a verdade ao Excellentissimo Ministro da Justiça, na ultima audiencia em que lhe fallou a beneficio dos Povos benemeritos, seus compatriotas, em cuja occasião logo percebeo no Meritissimo Ministro da Justiça, desagradar-se de ouvir a verdade, qual a de hir hum Corregedor, Cordeiro, recheado de crimes publicos, substituir o dignissimo cargo de Corregedor da Comarca de Angra, para render outro igualmente criminoso, por entrar na vergonhosa, e atraiçoada revolução de 1 para 2 de Abril de 1821; que degenerou em factos oppressivos, assustadores, e sanguinarios, sendo além disso prejuro; porque em menos de trez dias (denegrindo o sagrado juramento que havia prestado, quando tomou posse de Corregedor, de cumprir e guardar as Leis de Sua Magestade, e obedecer ás Authoridades por elle constituidas) jurou adhesão ao Systema Constitucional, depois abjurando este juramento, detestando-o em acto solemde de Vereação em Camara plena, e declarando-o nullo, e todos os actos, que em consequencia delle havião praticado, até declarando nulla a mesma Junta Provisoria em que elle mesmo se tinha ingerido com os outros seus companheiros, para figurarem nos vis, e criminosos meios de surpreza, tornou a jurar adhesão ao Systema Politico Constitucional, e Regenerador, o que tudo consta dos Acordãos lavrados nos Livros da Camara de Angra; E não são todos estes juramentos opostos, puros effeitos de hum homem perverso, e perjuro? (*Continuar-se-ha.*)

AVIZO.

A excellente Homilia pregada no sempre fausto dia do juramento pela Nação á Constituição, na Igreja de S. Domingos pelo Ex.mo Arcebispo, Bispo d'Elvas, acha-se á venda nas Lojas do costume por 120 réis = Sendo hum escripto talvez o mais digno de ser visto, pela doutrina Evangelica e Constitucional que alli desenvolve seu author.

LISBOA: NA OFFICINA DA HORROROSA CONSPIRAÇÃO. ANNO DE 1823. *Rua Formoza N.° 42.*

SUPPLEMENTO

EXTRAORDINARIO,

A'

TROMBETA LUZITANA.

N. 4.

SEXTA FEIRA 22 DE NOVEMBRO.

INFRACÇÃO DA CONSTITUIÇÃO.

Concidadãos! Ainda dois mezes não decorrerão que a Sagrada Constituição que nos derão foi jurada, e já hum golpe mortal se descarregou sobre ella. O Deputado Manoel Gonçalves de Miranda acaba de ser nomeado Ministro da Guerra!!!! Esta nomeação he hum escandaloso ataque ao Artigo 99 do Capitulo 3.°, que diz assim: Nenhum Deputado desde o dia em que a sua eleição constar na Deputação permanente até o fim da Legislatura, poderá acceitar, ou solicitar para si, nem para outrem, pensão, ou condecoração alguma. Isto mesmo se entenderá dos empregos providos pelo Rei, salvo se lhe competirem por antiguidade ou escala, na carreira da sua profissão.

Concidadãos! Aqui está o que manda a Constituição. O Deputado Miranda, está eleito Substituto por dois circulos, Bragança, e Villa Real. A infracção he manifesta. Está aberto o caminho para a completa destruição do Sagrado Codigo. Os nossos direitos vão ser todos derrogados! Eia! oponhamos-lhe huma barreira; clamemos ao nosso amavel Rei, com a franqueza de homens livres, que remedêe este mal, para atalhar funestissimos resultados; para que as scenas do anno passado em Madrid se não renovem na pacifica Lisboa. Digamos lhe mais: Grande Rei! O homem que acabaes de nomear, não só não póde ser empregado, mas merece o aborrecimento Publico! Enganarão-vos Senhor! lançai fóra esse homem que he por todos odiado, e incapaz de exercer hum tal emprego. Guardai a nossa Constituição! Guardai os nossos Direitos!

LISBOA: NA OFFICINA DA HORROROSA CONSPIRAÇÃO. ANNO 1823. *Rua Formosa N.° 42.*

NOVEMBRO 23. N.° 5.

A Trombeta escutai dos Luzitanos
E se rouca tocar . . . tremei Tyrannos!

O Trombeteiro.

A TROMBETA LUZITANIA.

O nosso Ministerio será Constitucional?

Esta questão tomada pela negativa, he mui facil de resolver. Quando despojada huma Nação da fórma de governo, que a opprimia, e que absolutamente lhe não convinha, toma a deliberação de lhe substituir outro, mais conforme a seus interesses, e ao estado de civilisação em que se acha; impõem logo áquelles que devem administrar a nova Lei, a restricta obrigação de a executar á risca, e não póde tolerar de sorte alguma, que ella padeça a menor alteração. Os Portuguezes de todas as classes, estavão intimamente convencidos, e ainda hoje, de que o estado de ruina em que se achavão, provinha directamente da administração, e não da Lei. Porque não ha Lei tão barbara, mesmo entre os Povos mais incultos, que fosse promulgada unicamente para fazer a ruina dos governados. Foi por tanto necessario assignalar huma nova orbita aos administradores da Lei, da qual não pudessem nunca exceder os limites, a fim de que o governado, com a Lei na cabeça, ou na algibeira, estivesse certo do que lhe pertencia como governado, e ao outro como governante.

Neste novo contracto, que entre huns e outros se fez, ouverão todas as solemnidades necessarias, e cada hum jurou de o observar na parte que lhe competia. A mais interessante parte deste contracto foi conferida ao Ministerio, no qual depositárão todos o poder de executar a nova Lei estabelecida. O Ministerio aceitou de boa vontade, e comprometteu-se a cumprir, o que delle se exigia. Vejamos agora se assim o executou?

Huma das principaes bases de eterna justiça, que novamente adoptamos, foi a igualdade da Lei. Porém, que he o que nós vêmos, e temos visto a égora da parte do Ministerio? a mais escandalosa infracção, e o espirito mais decidido á opposição desta Lei! Escutem-se as continuadas queixas que todos os dias se estão fazendo ás Côrtes, e ao Rei, e veja-se se o Ministerio a tem executado. Nós poderamos referir huma multidão de exemplos; mas elles são tantos, e de tal cathegoria, que não sabemos a quaes dar a primasia! Outra base adoptada, da nossa Liberdade, foi a da segurança individual, isto he, que cidadão nenhum Portuguez fosse prezo sem culpa formada anteriormente. Eis-aqui outra indigna violação em que o Ministerio tem cahido! Como nesta parte se acha o Ministro da Justiça mais comprometttido, que algum outro, separa-lo-lhemos agora de seus Collegas, pois que não he justo que padeça o todo pela parte. Este Visir Constitucional acha-se tão criminoso e odiado, como certamente o não foi ainda Ministro

algum de Estado! Não decorre dia algum, em que elle não adquira meia duzia de inimigos, por muitas duzias de injustiças! Para elle não ha outra Constituição mais que a da sua vontade, nem outra Liberdade, senão a sua! creador de huma nova Inquisição Politica, tem formado hum exercito de assalariados espiões, com o qual derrama a negra suspeita, até no seio das familias! A Causa Pública para elle, he hum fantasma ideal, que só deve servir as suas paixões, e levar ávante os seus caprichos; em fim, o verdadeiro Governo Constitucional, nunca teve hum tão declarado inimigo! Nós não queremos de sorte alguma acreditar a voz pública, de que este Ministro está fazendo hum criminoso commercio com os empregos, que são providos pela sua repartição, e ainda por algumas outras. Isto julgamos, que não he possivel, porque o não consideramos ainda em huma tal degradação; nem a El-Rei com tanta paciencia, que lho soffresse; mas o que lamentamos he, que da fama já se não livra. Assim como tambem asseverão, que a sua vida privada he altamente escandalosa: rodeado de amigos, que huns são apontados como criminosos, outros como infames desmoralisados, outros como chefes de partido, se entrega a huma efeminada devacidão, que só por si seria bastante para o desacreditar. Por tanto este Ministro, não só não he constitucional, mas nunca o póde ser em quanto não mudar de conducta.

Finalmente, confrontando se o systema, que o Ministerio tem adoptado, com aquelle que devia seguir, o achamos diametralmente opposto á Constituição, e á Pública vontade. Por tanto, sem o menor receio de nos podermos enganar, diremos com toda a firmeza. *O nosso Ministerio não he Constitucional; se El-Rei o não despede quanto antes, deve-se temer muito pela sagrada Causa da nossa Patria!*

NOTICIAS NACIONAES.

Lisboa.

Segunda feira 18 se publicárão Editaes nesta Praça para que todos os donos de Navios, assim Nacionaes, como Estrangeiros, que os quizerem alugar ao Governo, se dirijão á Estação designada, a fim de tratarem seus ajustes. Esta medida segundo geralmente se assevera, he tendente a promptificar mais huma Expedição para o Brazil, que acompanhará a nova Regencia, que segundo o Decreto das Côrtes, deve governar aquella Parte, estabelecendo-se na Bahia, como o mais central, e interessante ponto do Brazil.

Sem nos intrometermos a decidir a importante questão, de, se será ou não proveitoso para a causa da união, o querer sustentar o Brazil pela força das armas, faremos as seguintes reflexões. Poderá Portugal dispôr de huma força sufficiente com que possa da Bahia impôr a todo o Brazil, ou pelo menos conservar n'huma grande parte delle os nossos interesses politicos, e commerciaes? Certamente se não resolverá ninguem a demonstrar que sim, visto o deploravel estado do nosso Thesouro. Segue-se pois, que só de hum diminuto contingente poderá Portugal dispôr, para conservar aquelle ponto (a Bahia) e delle poder alongar-se, ou para o Norte, ou para o Sul segundo o exito das armas o facilitar Porém se esse mesmo contingente se achar unicamente restringido ao Recal da Bahia, (o que he de presumir) e em guerra aberta com o interior, como poderá elle conservar-se? Que vantagens conhecidas nos poderão resultar dessa occupação? parece que nenhumas. O Commercio não terá vigor algum, porque os generos, que fazem seu principal objecto, só serão extrahidos em mui diminuta porção, á ponta da baioneta. Todos os mais Portos do Brazil se fexarão logo para nós, e tomarão a defensiva; e todo o nosso commercio com aquelle vasso Continente, se reduzirá ao unico porto onde dominarem as nossas armas.

O Brazil no estado em que hoje se acha, já não póde abraçar outra Causa, que não seja a da sua independencia, sem reconhecer outro Governo, que não seja o do Rio de Janeiro. Sua ulterior conducta nada he equivoca, e a sua sorte, que está lançada, só por huma especie de prodigio se poderia transtornar Por tanto nossos esforços serão inutilisados, e reverterão por fim em nosso prejuizo; porque depois de huma luta perfiosa, sem meios de a sustentar, nos veremos obrigados pela necessidade a abandonar a empreza; mas depois de havermos perdido homens, dinheiro, e navios! e huma só destas perdas he bastante para nos fazer muito mais sensivel o deploravel estado em que se achão nosso Commercio, e Thesouro! Pense bem o Governo sobre o passo que vai dar, porque elle he decisi-

vo; vai submetter o Brazil, ou perde-lo para sempre.

Noticias de Hespanha.

O Diario do Governo (que he papel de molde para annunciar conspirações mentaes, e incensar moribundos) nos mimoseou ha poucos dias com o *decreto* de (*ordeno e mando*) Expoz e Mina, dirigido a todos os Povos da Catalunha. Como este nosso publicador de boas peças, só sabe analysar o Jornal dos Debates de París, e não os que mais dignos são de analyses, não o imitará a Trombeta, e tocará huma alta sinfonia, servindo-lhe de solfa o tal *decreto*

Desde os tempos barbaros que não appareceo hum tão detestavel Manifesto de sangue, como aquelle de Espoz e Mina!! Nem Romanos, nem Vandalos ou Francezes o excederão, durante as assoladoras guerras em que se empenharão para conquistar as terras da Peninsula! e o que ainda mais revoltante se faz, he vêlo proclamar como hum tyranno, com o ferro ensopado ainda no sangue de seus irmãos do meio das ruinas de Castellfollit!! O orgulhoso Romano não fez tanto sobre as ruinas da infeliz Carthago! Nós não nos animamos a transcrevelo, porque desejamos, se possivel fôra, que todos os que o tem visto não conservassem jámais na idéa hum só de seus horrorosos artigos! elles são todos dirigidos contra os pacificos Povos que se não sublevarem contra os inimigos da Constituição, isto he, contra pais, irmãos e amigos! contra Hespanhoes! intimando-lhes que não o cumprindo serão passados ao fio da espada, suas habitações saqueadas e destruidas! Eis-aqui o que elle expressamente contém.

Só o Diario do Governo seria capaz de deixar passar em silencio aquelle infernal dragão, esperando, (talvez) que elle viesse nutrir-se entre nós!... mas engana-se; porque além de todos os Portuguezes terem por deviza: Constituição e Pão: tem logo depois por doutrina: horror. e maldição aos Tyrannos de toda a classe! que culpa tem os pacificos Povos no crime dos inimigos da Constituição? como hão de elles oppôr-se a numerosas tropas armadas, que os invadem, e até lhes põem contribuições enormes? Qual he a Lei divina ou humana que os poderá obrigar a cravar o punhal no seio de seus irmãos? e porque? por huma dissidencia de opinião systematica?? Oh! execravel Tyrannia! pois não bastão os males que huns lhes fazem sentir! he necessario que venhão depois os outros arrancar-lhe as vidas que os primeiros lhe deixarão?!! E he desta sorte que se intenta gravar a Constituição no coração dos Povos?! He por estes nunca vistos horrores, que elles nos hão de dizer: a vossa causa he a melhor?! Ah! desditoso Povo! com quantas especies de tyrannia te não fazem sempre victima de caprichos, e de partidos!!

Parece incrivel que o general Mina arrancasse por suas mãos da fronte a corôa de louro, ainda verde, que lha adornava, alcançada por gloriosos triunfos, a favor da mais justa das causas em que sua patria se ha empenhado, para lhe substituir huma de serpentes, e Cypreste! lá perdeo com hum só rasgo de penna, huns poucos de annos de victorias! lá apagou seu nome do honroso cathalogo dos Heroes Patrios! e de hoje em diante só as Furias infernaes se poderão encarregar de o transmitir á Posteridade. Eis-alli o fructo das revoluções! a experiencia não falha; ellas são sequiosas de sangue, e só delle se alimentão por toda a parte! a anarquia está pois a braços com a desgraçada Hespanha. O' meus charos Concidadãos! virtuosos Portuguezes! olhai com horror para aquelle luctuoso quadro! e gravai esta maxima no fundo de vossos corações: ANTES O FLAGELO DA PESTE, QUE OS HORRORES DA ANARQUIA!

Fernandes Thomaz he morto!!!

Depois de huma cronica molestia que ha alguns annos o opprimia, expirou *Manoel Fernandes Thomaz* na madrugada de 20 do corrente, tendo padecido agudamente nos derradeiros dias de sua vida! áquelle homem deve sua Patria a sua Regeneração. Foi elle que meditou o vasto e arriscado projecto, e que muito ajudou a pô-lo em execução. Parece que a Providencia lhe quiz conservar o fio da vida até o prefixo momento da ultimação da sua obra! a Constituição. Elle ultimou, e vio jurar a sua Patria, este precioso Codigo de nossos direitos; não podia ter maior gloria, nem deixar maior thesouro! não possuio honras, nem riquezas. Foi Deputado nas Côrtes Constituintes, e o que mais nellas se distinguio.

Para fallarmos de suas acções e caracter, nem he tempo, nem nos podemos arrogar o que só pertence á Historia; ella ne fará a devida Justiça que a posteridade lhe outorgar. No entanto, se he licito aos presentes, e mesmo nestes primeiros dias de saudade, aventurar algumas palavras, seja permittido á *Trombeta* o exalar estes funebres sons: Manoel Fernandes Thomaz, dotado de hum espirito austero e sombrio para o Público, era com tudo amavel em particular, no meio de seus intimos amigos. Deo-se toda a sua vida ao estudo do Direito Patrio, e póde-se dizer sem temor, que foi hum dos melhores Jurisprudentes do seu tempo. O Repertorio das Leis do Reino, he huma segura prova de seus assiduos trabalhos, e hum apreciavel brinde que fez á Nação, por o confuzo cahos em que laborava a immensa legislação que temos. As suas idéas sociaes, erão exactas, e brilhantes, e todas partião deste principio de eterna verdade: *o maior gráo da liberdade Civil, he o estado mais perfeito do homem.* Se da sua mão pendesse a felicidade de seus Concidadãos, não hesitaria em lha dar, se não fosse de todo contraria ao seu systema, o qual poderia jámais sacrificar. Cheio destas idéas sublimes, que nos inspira a historia dos antigos Povos livres desejou sempre vêr nestes tempos de corrupção, e moleza, as heroicas virtudes que só áquelles andarão annexas; e hum unico arremedo desses governos, seria bastante para o lisongear. Póde-se dizer que não nasceo para estes tempos!

Se nos fôra permittido gravar hum Epitáphio sobre o seu Tumulo nós lhe tributariamos este:

HE FERNANDES THOMAZ.

Honra-lhe passageiro a cinza fria,
Mas não indagues que saber não pódes
Se a Sparta, ou se a Cathargo pertencia.

SONETO.

Pela vasta extensão do ethereo espaço,
De Fernandes o ser se evaporava;
E a Deosa das cem bocas que o guiava
Pelos Divios saloes lhe abria o passo.

Fulgente Sombra, qual reluz o aço
Com magestoso aspecto já o esperava;
A Turma dos Heroes toda o saudava,
E de Bruto recebe hum terno abraço!

Logo Diva Celeste, a alta Memoria
Seus feitos indagou? « Ouve a verdade:
(O novo Neroe lhe diz) « eis minha historia.

« Passando sem remorso á Eternidade
» Deixei por meus Padrões, por minha gloria,
» Do Lusitano Povo a Liberdade! »

MANIFESTO.

Senhor.

Os retardamentos, e difficuldades, que se encontrão em todos os Periodicos, (para se poder inserir nelles Demonstrações, Indicações, Manifestos, e Respostas, que possão com toda a probabilidade instruir o respeitavel Público dos funestissimos, e criminiosos acontecimentos oppressivos aos Povos, e maiormente áquelles benemeritos Cidadãos, que obedientes respeitão a Lei, e por isso a não pódem vêr infractada pelos seus executores, que contra o que ella recommenda, arrogão a si arbitrariedades, praticando com ellas mil despotismos oppressores) faz que não tenhão ainda apparecido todas as que se fazem indispensaveis darem-se ao prélo, para rebater diatribes, imposturas revestidas de calumnias; pois além de outras, são mui interessantes a apparecerem as que se achão distribuidas pelas Imprensas, e datadas de 31 de Julho, de 29 de Agosto, de 4, de 5, (1) a de 14, de 17, de 16, de 20, de 27, de 28 de Setembro, e de 3, de 6, e de 9 de Outubro do corrente anno de 1822, principalmente as demonstrações A ,, = Parte 1.ª = N.º 1. = a B ,, = Parte 2.ª = N.º 2. = e a indicação resumida, e documentada com o titulo Indicação A ,, (a) para com estas se fazer bem evidente a ma-

(1) A resposta ao grande Maximo... que tem sido abafada para não apparecer, logo que se dá aos Redactores; mas ha de apparecer para desmentir o que se diz no Diario de 31 de Agosto de 1822. N. 205 a pag. 1466.

(a) Os Impressos Demonstrações A ,, = e B ,, = e a Indicação resumida A ,, = são trez fecundas Fontes donde sahem divergentes veias de cristalinas agoas, que vão regar mirradas plantas, que vegetadas reproduzirão novos sasonados fructos, que para huns serão qual outro precioso Manná, e para outros cebolas do Egypto...

lignidade daquelles que se mencionão nellas. Agora porém que já tem apparecido no Correspondente Constitucional nos N.os 148, 150, 151, 152, e 153, e bem assim no Novo Hercules N.° 4, 8, 9, e 10, verdades que aclarão com toda a evidencia as injustiças, oppressões, e infracção das Leis, até que appareça o mais que testefique repetidos insultos aos Povos (2) a Lei Divina e humana, mesmo nos Santuarios, (3) pois o Juiz da Praia Joaquim Fermino [Leal] Delgado, tão damninho, por vingativa procedeo a summarios occultos contra o author deste, e contra outros, a quem tem asca, occultando de tal sorte os summarios, por clandestinos, que até mandou passar Certidões (4) de que os não havia, havendo-os, como o que se apresentou nesta Côrte pela Secretaria de Estado dos Negocios de Justiça, e que anda appenso ao outro informe, irregular, e nullo summario a que procedeo o Corregedor Rebello, o que tudo assim accusa a indignidade, perversidade, e odio de hum, e outros Ministros, decididos inimigos, sendo o dito Juiz da Praia Joaquim Fermino [Leal] Delgado, o que tendo tomado a si o desempenho (5) da Commissão de que trata o Hercules N.° 4, a desempenhou com a maior avidez, e exactidão (assim fosse para bem administrar a justiça) de calumnia para assim dar azos aos perversos, a que insultem a quem não devem; mas para estes ha mordaça de ferro semelhante a que tolheo a lingoa daquelle que fallou nos Diarios do Governo de 10, e 31 de Agosto, e no Campeão Lisbonense de 20 de Setembro de 1822; levando por tanto a resposta no Diario do mesmo Governo de 28 de Agosto, e a de 5 de Setembro do dito anno,

(2) Veja se o voto do Presidente do Governo Interino transcripto no documento N.° 1 = da Supplica N.° 15, a pag. 5 da Indicação A = aonde se faz evidente a triste e vergonhosa conducta do intruzo Juiz Grade... e do que praticou no Santuario do Collegio de Santo Ignacio, e na Sé, no dia do enterro do Senhor em Sexta Feira Santa do anno de 1820... Veja-se a (*d*) da dita Indicação... Como presenceárão pessoas que ouvirão ao Grade, palavras só proprias de hum refinado Anti-Christão... Que Ministro?... Que tal exemplar?... Que bello executor da Lei Divina, e humana? Que alvo dos Povos?... Mas que Farizaico flagelo?!!!!

(3) Os insultos no Santuario correspondem ao interno, donde sahe a malignidade de comprometter por vingangas, e caprixos a innocencia, o que he bem evidente do voto de que tracta a (2.ª), mas assim mesmo está intruzo, e a pezar das justas queixas, conservado ... tal he o estado presente, e a conducta de quem o tem protegido, para assim existir contra a Lei, e vontade dos Povos honrados Cidadãos, a quem se afiança, que só a sua vontade he a Lei pelo novo Systema...

(4) Hum Juiz que insultou as partes até com vileza, segundo consta, arrancando-lhes do pescoço os botões de ouro para pagamento de custas arbitrarias... Juiz que supitou recursos, infractando a Lei, e sobre que vio sentenças de desaggravo, que corrigirão sua arbitrariedade, como aconteceo em causa de Jorge Heussou, com o A. deste, donde principiou a declamação do refinado odio, logo que vio a sentença dada a favor do A. pelo Corregedor Madureira: Juiz que abafou devassas, em que devia proceder, attendendo mais a empenhos, que ao recommendando pela Lei, quando os Officiaes de Justiça são ultrajados, como forão os a quem elle não attendeo por empenhos .... bem assim como nos extravios, e sobre embarques da Urzella, e só foi agil, para offender a Lei, nos summarios contra o A., e contra o innocente Ajudante Antonio Mouelles Vieira de Bittencourt, como se analysa na (1.ª) do Novo Hercules N.° 9.

(5) Assim como fez o Juiz da Praia, [Leal] Delgado, na devassa que tirou a respeito do Ajudante de Ordens Thomaz Manoel Xavier Palmeirim, em que procedeo com animosidade, e indignidade, pela vil recommendação do seu Collega Grade... em Caza, e á vista do bello Corregedor Rebello ... em cuja occasião o dito Grade lhe pedio, que apertasse bem as silhas a Palmeirim na devassa, e que o apertasse bem... carregando-o ... como ouvio o Mestre Alfaiate Manoel Jozé, e o sabem outras pessoas, que hindo para jurar na devassa elle [Leal] Delgado as despersuadio a que não jurassem, mettendo-lhes medo, como aconteceo com huma mulher, que a seu tempo o deporá... Que Ministro?... Que executor da Lei?... Que exemplar?... E que Monstro para trahir a honra, liberdade, e vida dos que lhes cahem infelizmente nas mãos, e da sua arbitraria, e venal authoridade!... Boas esperanças de Regeneração com taes leopardos por Ministros, e outros que os protegem!!!!

como tambem, e mais decisiva, no Correspondente Constitucional N.° 98... e se ainda assim moverem a lingoa para mais improperios, ha mais mordaças rodeadas de espinhos penetrantes, que de todo suspenderão o movimento, ainda que as lingoas sejão como as dos Papagaios. C. d. C. 26 de Outubro de 1822.

Manoel Thomaz de Bittencourt Vasconcellos Corte Real.

Continuação da Carta inserida em o N.° 4.

O Juiz Grade incurso nos mesmos crimes, e no horroroso de viciar autos, que versavão a prejuisos de 12 a 14 mil crusados, em consequencia do que, e por desobediencias formaes, foi suspenso pelo ex-Governador e Capitão General Araujo, e a pezar de tudo isto, que se acha legalmente provado, está este monstro do despotismo e arbitrariedade (além de outros crimes proprios de anti-Christão) detido na administração da justiça, e que justiça?... justiça Farizaica para flagelo dos Povos!... sem se attender aos clamores destes, e ás justissimas representações documentadas que o Juiz por bem da Lei dirigio com officios a Sua Magestade pelo seu Ministro das Justiças; e quando ao mesmo tempo se acha despachado á hum anno Juiz de Fóra para aquella Cidade, e que pela voz credula de ser bem morigerado, se tem pedido a remessa delle para o seu logar. A esta falla com mais algumas expressões attendiveis respondeo o Excellentissimo Ministro da Justiça "tem mais alguma cousa a dizer?... ,, Sim Sr... (lhe respondeo o Procurador ,, indicado) A representação do Povo de ,, Angra, que entreguei no Soberano Con- ,, gresse das Côrtes, e este a remetteo, ,, por despacho de 28 de Julho do corren- ,, te anno, ao Governo, que julgo he da ,, Repartição de V. Ex.ª, para se lhe de- ,, ferir, e até hoje não tem sido defferi- ,, do... = Pois procure do Livro... = Com esta resposta se retirou o Procurador Angrense, seguindo-se pouco depois a prizão deste, que estava sem agitação por nao haver parte que a promovesse... Não se afflijão pois os benignos, e honrados Cidadãos Terceirenses, com a justissima, e escandalosa prizão de seu bemfeitor; porque este (torna a repetir) se acha cheio de immortal gloria por estar sacrificado em consequencia dos beneficios que tem requerido e requer para beneficencia da sua Patria, aonde ainda reina o despotismo, e o mais venal o gradense!!!! Mas porque a Aurora da Regeneração Politica não póde surdir do pelago, para raiar no horisonte daquella infeliz Ilha, offuscada com as horridas, e denegridas nuvens, engrossadas dos pestilentes vapores dos perversos partidos Araujanos, e gradense nutrido no venal leite das maximas condemnadas... as calumnias: as tramas por summarios, estão já bem conhecidas, pelos honrados sensatos, assim como a innocencia dos compromettidos. O panno de raz que cobre a perfidia dos sediciosos (que blasonao de Constitucionaes Regeneradores) está já rasgado desde a odiosa frente até aos pés, e assim o fazem conhecer os papeis públicos, já que affectão constitucionalismo, quando só ha hypocrisia bem conhecida pela infracção das Leis, e a existencia activa do despotismo, e arbitrariedade!!! Roga por tanto ao Sr Redactor o inserir esta no seu Periodico, como offerecida pelo verdadeiro Constitucional Amicissimo da Lei, e da Regeneração; mas por isso mesmo opprimido... Cadêa da Côrte 29 de Agosto de 1822.

Manoel Thomaz de Bittencourt Vasconcellos Corte Real do Canto.

Avizos.

Sentença proferida em Revista, concedida pelo Soberano Congresso, a requerimento das Viuvas, e proximos parentes das infelizes victimas, que padecerão nas espantosas fogueiras do Campo de Santa-Anna, em 18 de Outubro de 1817. Vende-por 120 réis na Loja de João Henriques na Rua Augusta N.° 1.

A excellente Novella = o Salteador Saxonio = se acha á venda nas Lojas do costume, por 240 réis = assim como = a Vizão = verdadeira descampostura ao Sabixão Lopes, Redactor da Gazeta Universal, e a seu digno socio, o nomeado Substituto ás Côrtes, o Reverendo Padre Macedo, por 80 réis. = e o Anão Demonstrador = seguimento ao mesmo objecto, por 120 réis.

LISBOA: NA OFFICINA DA HORROROSA CONSPIRAÇÃO. ANNO DE 1823. *Rua Formoza N.° 42.*

NOVEMBRO 26. N.° 6.

A Trombeta escutai dos Luzitanos
E se rouca tocar . . . tremei Tyrannos!

O Trombetbiro.

A TROMBETA LUZITANIA.

PÃO E CONSTITUIÇÃO.

Quando hum Povo já cançado da opressão de hum governo arbitrario, se institue livre, debaixo do unico imperio da Lei, cioso da sua nova liberdade, fixa seus olhos observadores e scintilantes sobre aquelles que devem administrar-lhe com inalteravel rectidão esse precioso thesoiro de seus direitos. Nada escapa á sua observação, nada o pode illudir; á menor suspeita que se lhe antolha sobresalta-se, e a unica idéa de novos ferros o enfuresse, e conduz á rebelião. Então nestas explosões não ha só huma victima; o sangue espadana-se com abundancia para apagar as chamas do fatal incendio. Cumpre pois aos executores da Lei, para evitarem estas calamidades, regular a sua conducta sómente por ella, e de maneira alguma por seus interesses e caprixos. O Povo não faz distincções, nem cede em taes casos á contemplação em que seus governantes se apoião; hum só artigo infractado he bastante, e com rasão, para elle julgar que todos os outros o estão, ou serão em breve.

Eis-aqui o que nós acabamos de observar nessa illegal, e por todos os principios injusta nomeação do Deputado Miranda, para Ministro da Guerra! este golpe não foi só no tronco, foi na raiz da Constituição, a quem tres ocultos traidores querem sepultar, antes de firmar bem suas raizes em nossos corações. Tremão esses monstros da perfidia que a Trombeta publique seus nomes, e as ocultas traições que estão manobrando. Ou liberdade, ou morte! eis-aqui nossa divisa? o bom Rei foi illudido por tres homens que o rodeão, e que pertendem invadir todos os principaes cargos da Nação, para obterem ilicitos interesses, e dictar-lhe a Lei. Elles olhão para a Constituição com despreso; e só a reconhecem como hum véo necessario para nos vendar os olhos, a fim de não dar-mos em suas prevaricações e nunca vista ambição. Porém, esta prova he já sobeja, e todos devem estar já desenganados!...

O Deputado Miranda, manifestando a toda a Nação o ambicioso espirito que o domina, cometteu hum crime evidente, quando requereu e aceitou aquella nomeação toda opesta ao artigo 99 da Constituição que elle mesmo ajudou a fazer, o qual até lhes prohibe o solicitar qualquer emprego para outrem. Acaso se esqueceria já do que fez, e do que jurou ha menos dois mezes, naquelle logar sagrado, onde foi feita a Lei?! ou julgará elle que essa Lei lhe seja inferior?! não, Miranda, o ambicioso Miranda sabe a Lei, mas o seu orgulho pode nelle mais do que ella; e se fosse possivel assentar-se sobre as suas ruinas para levantar o pavilhão da tyrania, elle seria o primeiro despota. Agora ficou de todo visivel esse odioso trama, da inventada conspiração!! Abri os olhos, concidadãos! vede como

todos os authores do perfido conloio se assenhorearão já dos primeiros empregos! vede que Constitucionaes estes! vede, vede, abri bem os olhos, e desenganai-vos por huma vez! notai ainda a intima alliança desse Ministro da Justiça, com o novo intruso! estendei mais os olhos, e vede Sepulveda com a espada na mão a protegelos! vêde e esperai o resultado de tudo isto que hade ser a vossa infalivel ruina!

Mas ainda nos resta hum recurso, se o nosso bom Rei não escutar nossas vozes: he reclamar-mos ás Soberanas Cortes o desagravo da Lei, escandalosamente violada pelo Deputado Miranda! façamos subir nossos clamores até ao alto throno da Soberania Portugueza! declaremos guerra a todo o infractor da nossa Constituição, e não cessem nossos brados em quanto os não lançarmos por terra, e vir-mos desagravada a Lei fundamental de nossa nascente Liberdade!

Ex.mo Sr. Candido Joze Xavier.

Se he permitido a todo o homem, honrar as boas acções, o publicalas he sem duvida necessario, como huma especie de recompensa que se lhe tributa, a fim de despertar a emulação entre todos aquelles, que colocados em huma posição superior, se tornão para nós mais visiveis. Permita pois, que eu me dirija a V. Ex.ª directamente, ainda que não tenho a honra de o conhecer, senão por sua vida Politica.

Vendo no Diario do Governo de 22 do corrente, a honrosa escuza, que V. Ex.ª deu a S. Magestade, eximindo-se ás funcções do Ministerio da Guerra, em que havia servido, não me he possivel resistir á desculpavel tentação de louvar publicamente hum tão honroso proceder. V. Ex.ª quando Ministro da Guerra, passou pelo dissabor de ver a sua reputação maculada; mas evitando o progresso do mal em sua origem, subtrahio-se ás funcções que exercia, e o Publico aprovou tão acertado passo.

Porem agora que V. Ex.ª pede a sua demissão, explanando sinceramante os motivos que a isso o induzem, alcança huma gloria maior, que a de obter o mais importante cargo do Estado. V. Ex.ª deu huma clara demonstração de que preza mais a sua honra, que os empregos; e que he preferivel entrar na ordem geral dos Cidadãos, que viver na mais elevada representação, sofrendo directos ataques, e reiteradas afrontas; dando assim a hum de seus Collegas a mais severa reprehensão de que elle não deixaria de utilisar-se, se alguns vislumbres de pondunor brilhassem no seu coração.

Persuada-se pois V. Ex.ª, que esta sua resolução foi só por si bastante para ilibar sua passada conducta, não só perante os homens de honra, mas mesmo para com seus inimigos.

Tenho a honra de ser com mui distincta consideração. De V. Fx.ª muito sincero venerador.

O Redactor da Trombeta Lusitana.

Sinfonia da Trombeta á boca da Rua de S. Francisco.

Desperte, desperte Sr.! olhe para si, e veja a despresivel figura que está fazendo no meio desse bando de mandriões que o cercão, adulando a sua pouca vergonha! Deite, sacuda fóra essa murrinhenta cansuada, recolha-se ao seu gabinete, tire o chapelorio, proste-se aos pez da imagem da Patria, e diga-lhe com hum coração arrependido: Boa Mãi! Cara Patria! Eu tenho caminhado cego pelo tortuoso caminho da deshonra! tenho praticado as mais revoltantes injustiças, dando com mão larga ao criminoso, e ao prevaricador, o que só compete ao merito, e á virtude! Eu tenho sido o Patrono dos tratantes, e opressor dos innocentes! tenho calcado impunemente os sagrados direitos de teus filhos! tenho entre elles fumentado a desordem, e a perseguição! tenho procurado seduzir a innocencia aflicta, nessa proxima Salla! tenho escarnecido dos clamores do opresso, que vem demandar-me justiça! tenho criado hum systema de tyrannia peor, que o de Robespierre! tenho inventado conspirações para fins odiosos! tenho enterrado vivos! tenho levantado hum exercito venal de esfaimados espiões! tenho sido hum perfeito dissoluto! em fim, com magoa o digo, tenho consumido o precioso tempo que te devia dar, em escandalosas sucias de Grutescos, e Patuscos!!! Perdoa boa Mãi, perdoa a este indigno filho, que enganou seus Irmãos para os atraiçoar! mas que vem hoje, despedaçado pelos remorsos, confessar os seus crimes, e implorar o teu perdão!

digna-te outorgar-mo, que eu protesto pelas abas do meu chapeo, nunca mais te offender, Ah! lança, lança huma piedosa vista sobre mim, para que eu não desespere do meu perdão! dize, dize que me perdoas, e verás como circunspecto hade entrar em seus deveres o teu filho Zé Reforço!

Porém a mãi, que na malicia he zórra
Fuja, lhe diz, maròto antes que morra!

Nada se faz, que se não saiba.

Logo em nosso N.° 1.° manifestámos a nossa opinião sobre as relações actuaes de Portugal com o Brazil; e debaixo do artigo = *Estado Exterior.* = fizemos esta interrogação; " Quem he o culpado? de que " parte se acha a justiça? Esta questão he " facil de resolver, sem entrar em de- " talhes, apresentando documentos á vis- " ta! Estes são os Diarios de Cortes. " Porém antes de os examinar he necessa- " rio despir todo o espirito de partido, " e renunciar a toda a idéa de preven- " ção. "

Agora que temos á vista a Allegação Justificativa do Brigadeiro Joze Correa de Mello, diremos mais duas palavras sobre o objecto, já que a dita Allegação nos fornece demasiada materia. O Congresso vendo-se, já tarde, na dura alternativa de hostilisar o Brasil, ou reconhecer a sua Independencia, adoptou o meio termo de lançar de seus hombros aquelle pezo enorme que o oprimia, para os hombros do Ministerio, para no cazo de hum máo resultado, poder dizer com Pilatos: *Lavabo innocentes manus meas.* Authorisou-se por tanto o Governo para obrar livre, e expeditamente o que mais conveniente julgasse para se conservar a desejada união do Brazil com Portugal.

O Governo, de muito bom grado recebeu a carga, e impondo logo de valentão, mandou expedições para differentes pontos do Brazil; e fez espalhar por seus agentes que era a requisições do Brazil, que se via na necessidade de enviar tropas para lá, as quaes hião só a proteger (á franceza) e não a agressar. Os esforços dos Deputados Brazileiros no Congresso, que altamente se opunhão a este passo, protestando pela adhezão do Brazil, sem a presença de tropas nossas, forão combatidos e algumas vezes escarnecidos! agora apparece o Brigadeiro Mello com todos os documentos que atéqui se nos havião occultado, e lá vai por agoa abaixo todo o arrasoado do Governo, apparecendo em seu logar a verdade, com sua irmãa, a justiça a lavrarem a sentença de sua condemnação. Ora vejamos as instrucções que nos apresenta o Brigadeiro Mello, dadas pelo Governo a Francisco Maximiliano, quando partio por Pernambuco.

INSTRUCÇÕES.

Copia. — Manda ElRei, pela Secretaria de Estado dos Negocios da Marinha, que o Chefe de Divizão Francisco Maximiliano de Souza, Commandante da Expedição, assim que o tempo dê demonstração de fazer mudança favoravel para seguir viagem ao Brazil, o communique por esta secretaria de Estado, a fim de se passarem as convenientes Ordens de embarque dos Batalhões expedicionarios; e logo que estejão embarcados, e o tempo permitta, se fará á vella, e seguirá viagem a Pernambuco, onde deve desembarcar o Brigadeiro José Correa de Mello, Governador das Armas da-daquella Provincia, não encontrando inconveniente algum, pelo socego em que se acha a mesma Provincia, mas acontecendo o contrario (o que não he de esperar de Portuguezes, cujo timbre foi sempre obediencia a ElRei, e ás Leis, e agora a mais decidida firmeza pelo Systema Constitucional) então obrarão de acordo com quem alli se achar revestido do Commando por parte de S. Magestade, a fim de se manter, e estabelecer o socego, e a observancia das Leis do Soberano Congresso, e das Reaes Ordens, que para observancia daquellas se achão expedidas; e contra quaesquer individuos, ou Corpos, que se acharem em systema oposto ao de Portugal, e das mais Provincias do Brazil, por isso que neste cazo são rebeldes, pois já jurarão obedecer ás Bases, e Constituição, que fizessem as Cortes em Portugal, deveráõ os Commandantes de mar e terra, obrar hostilmente, tendo em vista o principio de que o Brazil deve seguir a causa de Portugal. Advertindo-se porem que ácerca das presentes Instrucções se deverá guardar o mais inviolavel segredo, por assim o exigir o bem da Nação. Estabelecida a ordem, e segurança, o mesmo Chefe de Divizão seguirá viagem

ao Rio de Janeiro, e entregará a S. A. R. os officios de que for encarregado. Palacio de Queluz em 19 de Dezembro de 1821. Joaquim José Monteiro Torres. = Está conforme = Candido José Xavier.

Ralhão as comadres, descobrem-se as verdades. Foi precizo que o Brigadeiro Mello fosse increpado pela sua conducta em Pernambuco, para chegarem ao nosso conhecimento estas liberaes Instrucções! Com effeito, não ha mais rasoavel proceder! nem meio mais justo e suave para plantar a Constituição no vasto Brazil! mas o Governo não tem a honra da invenção, porque ja o Profeta, nas margens do Saibar, commeteu esse brilhante rasgo de Politica! e mais não era Constitucional!.. Ora os Pernambucanos, *pelo mais inviolavel segredo* que o Governo exigio, he provavel que não soubessem das liberalissimas Instrucções; mas, como diz o proverbio, gato escaldado d'agoa fria tem medo, logo desconfiarão da nova remessa Constitucional, e lobrigarão, mesmo la no meio das ondas, huma expedição de Regos! Como as costas ainda estavão com as vergalhadas muito frescas, temerão *renovare dolores*, e poserão hum Veto absoluto ao desembarque, contentando-se unicamente com o novo Governador. Este recebeu do Governo recommendações mui positivas, para que obrasse em tudo convenientemente a estabelecer, e conservar a união daquelle Povo com Portugal; logo devia acceder, como accedeu ao voto geral delle, que pedia o não desambarque da expedição, protestando que só assim se poderia conservar a desejada união; e com effeito assim o cumprio: porque o Governador Mello, governou pacificamente ate á sua volta para Portugal.

A noticia da dissidencia do Rio de Janeiro, foi mudar a ordem de cousas estabelecida em Pernambuco, e os seus habitantes persuadindo-se que tiravão mais interesses em fazer causa-commum com o Rio do que com Portugal, adherirão á sua cauza, sem com tudo atacarem a authoridade do Governador Mello. Qual devia pois ser a conducta do Governador, nenhuma outra, se não aquella que abraçou. Vendo que não era compativel a nova resolução dos Pernambucanos, com o systema, e interesses do Governo que para alli o havia mandado, e não podendo de maneira alguma impedila, deu as suas funcções por acabadas, e retirou-se para Portugal. Alli não havia outro partido a seguir, nem a honra do Governador poderia salvar-se de outra maneira. No em tanto, he criminado, e arguido por esta conducta, cuja publicidade he só por si bastante para o justificar! Mas se o tempo he tão fecundo em fenomenos!

Ill.mo Sr. José Agostinho de Macedo.

Nada ha que o Trombeteiro deteste tanto como os ataques pessoaes por escripto, quando estes de nada servem á cauza Publica, e mui particularmente sendo dirigidos contra pessoas que nunca nos offenderão, nem de mais a mais se conhecem!

Foi com a maior indignação que ví em o N.° 5.° da Trombeta, quando me chegou da Imprensa, hum Annuncio ao Publico, intitulado = *Descompostura* = a qual se dirige mui particularmente contra o Redactor da Gazeta Universal, e depois contra V. S.ª Cumpre-me pois para minha justificação, certificar-lhe que foi cavilosamente que se inserio aquelle annuncio, sem que eu o soubesse, talvez para desacreditar no Publico este Jornal, que só tem por unico objecto pugnar pela execução da nova Lei que recebemos, e combater com audacia todos os abuzos do Poder. Serei por tanto mais cauteloso para o futuro, a fim de que não seja comprometido com pessoa alguma, e mui particularmente para com os literatos, que por toda a parte respeito. Queira V. S.ª aceitar os protestos da mui distincta consideração, que lhe tributa:

O Redactor da Trombeta Lusitana.

O Redactor da Trombeta convida a todos os Srs. Redactores de Jornaes da Capital, que quizerem ter a paciencia de lêr a sua folha, de lhe retribuirem da mesma sorte com as suas, nas 2.as, 4.as, e 6.as feiras, e receberem esta nos dias da sua publicação, que he 3.as, 5.as, e Sabados; cuja transação poderá verificar-se na loja de João Henriques, na Rua Augusta, o qual para isso se acha autharisado; podendo principiar a ter effeito, á manhã 27 do corrente. *O Redactor da Trombeta.*

LISBOA: NA OFFICINA DA HORROROSA CONSPIRAÇÃO. ANNO DE 1823. *Rua Formoza N.° 42.*

SUPPLEMENTO

EXTRAORDINARIO,

A'

TROMBETA LUZITANA.

N.° 6.

TERÇA FEIRA 26 DE NOVEMBRO.

TROMBETA!

TU que a voz da Verdade, da razão, e da Justiça fazes retumbar desde este ponto, até aos mais remotos dos Pólos do Universo! Tu que te não intimidas de gritar pelo bem da Nação, grita, e repete forte, dizendo " Já estão conhecidos os enigmas... " e o motivo porque o perverso (intruzo no " digno cargo assaz denegrido á 3 annos) " Grade, Venal Juiz de Fora de Angra, " se tem retido naquella Ilha, contra a " vontade dos bons Cidadãos: vontade que " he Lei (Artigo 24 das Bazes da Constituição Politica jurada em Portugal); pois " que tem sido anunciada pelos seus representantes, em diversos papeis publicos, " e documentadas suplicas a pedirem providencias aliviadoras das opressões dos " despotas..... " Grita!... e dize que já se conheceo, e se descubrio o motivo primario, porque foi remetido á maior pressa hum venal, por tal accuzado no publico, Joze Joaquim Cordeiro..... para Corregedor da triste Comarca de Angra, sendo detestado pelos Povos na voz do seu representante legal, e solemnemente authorisado para requerer, como requereo a suspenção de hum tal despacho, offensivo na Jurisprudencia, em similhante homem recheado de crimes manifestados ao publico nos documentos incontrastaveis, e offerecidos nos impressos authenticos; e que pois por criminoso nos factos, que delles constão, deixou de justificar-se perante a Lei, e Tribunal competente, a fim ou de sahir publicado innocente (o que hera impossivel em vista de tão authenticos documentos publicos) ou para fazer punir o seu calumniador que o accuzou: remeter-se tudo quanto se mostrou, ao Gabinete de Angerona, he huma prova infalivel das verdades decantadas, e estampadas nos ditos impressos, e nas suplicas, que forão dirigidas a Sua Magestade pela repartição da Justiça, debaixo dos N.os 12, 13, 14, 15, e 16, (1)

(1) Todas estas suplicas forão indeferidas, ou escuzadas, que he o mesmo, e tal vez sem serem apresentadas a Sua Magestade pela rapidez com que forão indeferidas, sem duvida por se vêr o nome de quem requeria; pois a experiencia tem mostrado, que quando ha indisposição com pessoas a quem a desafeição repugna attenção, nem a lerem os papeis se atrevem: o exemplo he o que praticava hum lanzudo das lagens da Jurisdicção da Villa da Praia, da Ilha Terceira Antonio Machado Fagundes, que servindo (como Bachá) de Juiz pela Lei, e andando intrigado com hum Ajudante Manoel Dias, achando-se na Cadeira fazendo Audiencia publica, aconteceo mandar o dito Dias hum requerimento ao despacho, e o tal lanzudo disse ao seu Mentor Araujo (que lhe lia os requerimentos, por elle mal saber pôr seu nome) leia lá Sr. Araujo, esse papel..... Araujo abre e lê = Diz Manoel Dias... = Basta... he de Manoel Dias!... ponha-lhe lá hum indeferido já!... porem; diz Araujo, he precizo ver o que elle requer..... por isso mes-

em que nestes ultimos se pedião providencias para ser removido o venal, e libertino Grade..... e fazer hir o benemerito (segundo voz constante, e acreditada; porque se fosse de pessimas qualidades, já tinha hido) Juiz de Fora, que se acha despachado á hum anno para Angra, e que se não tem feito recolher, talvez porque não seja de sentimentos de desempenhar com perfidia o que Grade poem em execução, para oprimir os Povos, influir o que convem aos preversos, e infractar as Leis Divinas, e humanas, como está demonstrado nas queixas, que delle se tem feito documentadas, e a que se fazem esquerdos para attendellas, assim como tem acontecido nas que se fizerão do Juiz de Fora de Ponte de Lima, Francisco Joze de Souza Miranda: ás arbitrariedades deste Juiz, assim no cazo das pancadas, como no das Vereações da Camara de que elle se intitulava Presidente: este muito similhante a Grade, he que faz conta, e por isso providencias contra elle, por hum oculo:::: os factos demonstrados de hum e de outro, faz crer que a Regeneração he para elles serem despotas: debalde se queixão amargamente os Cidadãos no Astro N.º 227, de 18 de Novembro, e no Campeão Portuguez N. 33, de 16 do mesmo mez de 1822..... Tolerar Ministros arbitrarios, violentos por despotas, e opressores da humanidade, he querer mesmo desfigurar o precioso do systhema Politico, e denegrir o brilhantismo da prodigiosa Regeneração, que não admite credulidade, em quanto se virem as Leis infractadas, e impunes os infractores ..... Grita forte, e dize isto, com vozes desembargadas para ver se te ouvem, e se se rezolvem a dar as saudaveis providencias indicadas, que são as que podem granar reforçadas raizes, que deem vegetação á Arvore da precioza Regeneração. Grita, = e dize = a retenção de Grade, prompta remessa do Cordeiro (só no nome) foi, e he unicamente a fim de auxiliar os perversos, e fazer a ruina dos Povos benemeritos da Patria Terceirense: Grita e dize, que muito de proposito estão empregados aquelles dous damninos, na infeliz Ilha para as protecções criminosas dos seus Liberaes da ordem, inculcados Constitucionaes, e promovedores da Regeneração..... Bellas Joias.... Grita, que por cartas legitimadas, e verdadeiras, se aviza dos movimentos dos preversos.... destribuindo papeletas circulares com offertas de dinheiro pelos Povos rusticos (que mais rusticos são os que os conciderão rusticos ::) para votarem em os Srs., Grade, Maximo Joze Pereira Azevedo, e Thomaz Joze da Silva, para Deputados..... Que dita?.... Logo que os Povos tal virão, rasgarão as papeletas, e dizem que todos dizião, não podérão matar os Povos, e soldados com as farinhas envenenadas, querião agora hir Legislar para as Cortes, a termos de ser arrazada a Ilha, que he quanto se deseja, pelos forasteiros, e degenerados de filhos della..... Grita, e dize mais, que os Povos votarão nas pessoas probas, e dignas de confiança publica, e que tambem consta se mandárão riscar os votos dados, pelos Povos Cidadãos, nos benemeritos.... que taes Meninos os que o mandárão!... Grita, dize, que Grade vendo malogrados seus intentos (tanto na destribuição das papeletas, que os Povos rasgárão, e pizarão os pez, por hirem nellas taes nomes M... e T.... como nos votos dados em pessoas dignas, derramou-se e rompeo em devassa para ver se trahia algum innocente, como tem pertendido em outros..... Grita e dize, que Grade com sanhas das outras Eleições, baralhou aquellas, para proceder a devassa, ou summarios filhos clandestinos della, e com a chegada do tal Corregedor melhor se progredirá tudo..... á similhança do que se tem feito em outras Provincias de Portugal (2)!!!!!!! Grita e dize finalmente com voz clara de Clarim, que todas estas verdades são filhas de Deos, e Deos as protegerá, quando menos indignado se achar contra os homens ingratos á Sua Lei, e que para isto publicares, foste estampado neste papel, para á face do Universo, que deve muito atender ás tuas vozes, fazer soar échos preciosos para serem attendidos

mo, que he de Manoel Dias! já hum indeferido.... já.... por isso mesmo.... A' vista disto, e do mais observado com outros Ministros, como Saude, e Rebello, que não lião os requerimentos, pode bem ser tudo.....

(2) Como em Castello Branco, e outros muitos lugares, como se vê estampado na suplica do Padre Pedro Joze Gonçalves, dirigida a Sua Magestade, fazendo ver que até por quartilhos de vinho nas tavernas se destribuirão listas para Deputados, comprando-se votos a vinho, e a deligencias por personagens, e contemplações... Grade que tem instrucções de tudo, segue o mesmo com os seus adeptos, e para os seus adeptos!!!!!!!

antes, que oução roucos para tremerem os tyrannos opressores dos innocentes, e infractores da Lei, e da Regeneração!!!!!

O Calumniado manifestamente.

Manoel Thomaz de Bittencourt Vasconcellos Corte Real do Canto.

Sr. Redactor.

Por cá, e por lá más fadas ha!

A innocencia oprimida pela vil calumnia de sordidos interesseiros, experimenta alivio, e consolação em seus males, quando faz aparecer os vicios escandalosos de seus crueis opressores; por isso lhe rogo queira ter a bondade de fazer sciente ao respeitavel Tribunal da Opinião Publica, por meio da sua Trombeta Sonorante, algumas das inumeraveis arbitrariedades, e inconstitucionalidades dos ex-Funccionarios publicos, na Ilha Terceira dos Açores, o Brigadeiro João Maria Xavier de Brito, o Doutor Corregedor João Bernardo Rebello Borges, e o Juiz de Fora da Villa da Praya Joaquim Fermino Leal Delgado: contra quem (há mais de dez mezes) os Patriotas Cidadãos honrados Terceirenses, se tem cançado em remetter aos dois Poderes, Legislativo, e Executivo, suas dolorosas queixas, bem documentadas, com factos viridicos; sem que ainda fossem arguidos, nem castigados por seus excessos! e isto em tempo feliz de huma Regeneração Politica, que já, felizmente, conta mais de dois annos; e quando já os povos conhecem seus preciosos Direitos, e igualdade, perante a Lei, que nunca depende da frouxidão nem da acrimonia do genio de seus executores; nem tão pouco admite interpretações arbitrarias!!

Aquelle Brigadeiro, (1) na qualidade de Governador Interino das Armas da Comarca de Angra, mandou chibatar (sem concelho de averiguação, ou de Guerra) alguns Milicianos; e do mesmo modo mandou dar baixa do Posto a hum honrado Sargento, e pôlo de golilha, de duas, em duas horas, na praça do Castello; e se as victimas infelizes do seu caprixo lhe requerião; ou erão escusados seus requerimentos; ou os guardava, não os dando a seus donos, ainda que fossem assignados, e documentados; como praticou com alguns honrados Officiaes, como por exemplo, o Major João José da Silva, o Major Jacinto Pacheco, o Tenente Antonio Pacheco, o Tenente João Baptista Pinheiro, o Ajudante Antonio Moules, e os Sargentos João José de Mello, João Maria de Mello Assa, e Justiniano José Xavier!

Mandou, por vingança, o Capitão Ricardo Moules para a Ilha Graciosa, com hum destacamento de 20 soldados, hum tambor, alguns Officiaes inferiores, e hum Subalterno, tendo acabado de informar hum requerimento do dito Capitão, para reforma, em que elle mostrava a sua impossibilidade fisica, para continuar o serviço Nacional!

Mandou rezidir, no districto do seu Regimento, em pena de prizão, se de lá sahisse, ao 1.º Ajudante de Milicias da Villa da Praya, Antonio Vieira de Bittencourt, sem este ser primeiro convencido legalmente, de alguma culpa, e isto com recomendação particular ao Juiz, para o fazer suspeito na opinião Publica: procedimento despotico, e anti-Constitucional, que ataca hum Decreto das Cortes, mandado executar por ElRei Constitucional, em que todas as Milicias são licenciadas, a beneficio da Agricultura no qual he incluido aquelle Ajudante; porque a Lei não excepta ninguem! mandou-o depois prender, pela suposta offensa de haver requerido ao Juiz, por bem da Lei, que lhe mandasse por hum Official de fé, entregar certo requerimento, para que constasse autenticamente a sua entrega, visto que já lhe tinha ficado com outro, sem lho entregar, despachado, ou por despachar!

Mandou (em terça feira de Paixão) fazer luminarias, e dar salvas de 21 tiros nas Fortalezas Nacionaes, por conta de alguns particulares, que quizerão, por aquel-

(1) Foi despachado, antes da Regeneração, para Governador das Ilhas do Fayal e Pico, aonde não foi aceito, por circunstancias Politicas, que não são ignoradas; e apezar disso, o Governo Interino da Ilha Terceira o reconheceo por tal Governador, mandando-lhe cumprir a Patente, e pagar o ordenado de Governador daquellas Ilhas, que o não reconhecerão por tal, nem obedecião já ás ordens do Governo Angrense: ficando por tanto a Nação a pagar ao mesmo tempo, a dois Governadores das Ilhas do Fayal e Pico! Neste negocio teve grande parte o Corregedor Rebello; por ser Membro do Governo, e da Junta da Fazenda Nacional.

le modo, festejar o anniversario dos funestos acontecimentos de 2 de Abril de 1821; sem se lembrarem de que a totalidade Terceirense, inclusive os collegas, e subditos do Brigadeiro Francisco Antonio d'Araujo, tinha, por hum Auto solemne da Camara, julgado criminosos aquelles acontecimentos; e os tinha afecto aos Poderes, Legislativo, e Executivo, os quaes mandarão sindicar delles, e ainda não forão aprovados: antes, tacitamente tem sido desaprovados pelo Soberano Congresso, e pelo Poder Executivo!!!....

O Corregedor Rebello, como Membro da Junta da Fazenda Nacional, e do Governo Interino além do que fica dito em a nota (1), influio para que fosse reintegrado o Juiz de Fora de Angra Eugenio Dionizio Mascaranha Grade, que estava suspenso do exercicio do seu cargo, por Francisco Antonio d'Araujo, quando Governador e Capitão General, em consequencia de ter viciado, e sumido huns autos importantes: cuja suspensão estava afecta ao Ministerio, e ainda não foi decidida! ora como fosse restituido ao exercicio do seu emprego, entrou tambem a exercer as funcções de Presidente da Camara, aonde só queria dar a Lei; e as funcções de Membro, Procurador Fiscal da Junta da Fazenda: e ambos fizerão com que se pagassem todos os atrazados ao dito Grade, sem mais decisão do que a sua vontade: procurando ambos, com devassas e Sumarios odiosos, inquietar os Cidadãos Patriotas, que intentavão fazer patentes as suas arbitrariedades; convocando, para denunciantes e testemunhas, os inimigos daquelles, e homens venaes e sem caracter!!!

O mesmo Corregedor com o Brigadeiro, demorárão a publicação, e execução do Decreto, que dava por extinctos os Governos, e Juntas nas Ilhas dos Açores, (2) talvez para receberem (que he em que consiste a sua constitucionalidade) o quartel adiantado dos seus ordenados, e dos afilhados, que adherião de bom grado á execução de seus intentos!!... Os Herdeiros do honrado Thesoureiro Geral Francisco Felix Medina, podem muito bem attestar da rectidão, e intgireza daquelle Corregedor, pois sei que tem Documentos assaz bastantes..... Este Ministro, estando em huma Sociedade (na Villa da Praya) de Sr.as Cazadas, e Meninas, com seus Maridos, e Pais, explicou os bens da Constituição dizendo "que ella "era boa para todos; e para as Sr.as Ca- "zadas melhor do que para ninguem; pois "que podião fazer tudo quanto quizessem, "assim como seus Maridos: porque a Lei "era igual para todos!!!....

O Juiz da Praya, Delgado, em hum jantar, aonde estavão mais de cincoenta pessoas, (em casa do Capitão João do Rego Borges) cantou, e consentio que se cantasse huma quadra, em que se chamava a ElRei Constitucional "o primeiro Vassallo" E porque o primeiro Ajudante de Milicias Antonio Moules lhe fez ver alli mesmo, que huma tal quadra era anti-Constitucional; pois nella se atacava huma Deliberação do Soberano Congresso, e a Real Pessoa de Sua Magestade Fidelissima, Chefe do Poder Executivo, e Inviolavel em Sua Real Pessoa, e atribuições, aquelle Juiz se indignou de tal maneira contra o Ajudante, que, agitado pela cólera, bateo com hum copo sobre a mesa, a ponto de o quebrar, fazendo-lhe increpações, e ameaças!...

E com efeito logo no dia seguinte principiou a tirar hum Summario contra o dito Ajudante; no qual (segundo consta vagamente) foi accuzado de anti-constitucional; de querer seduzir os Povos para huma revolução; e de andar lendo papeis incendiarios, e subversivos!!!...

Sabendo isto o Ajudante, lhe pedio huma nota da culpa, e dos denunciantes, ou testemunhas contrarias; mas aquelle Juiz vingativo lhe deferio assim = Requeira em termos...; = de cujo despacho agravou; e elle mandou escrever o agravo directamente, devendo por isso ficar suspenso o progresso do dito Summario, até á decizão do agravo; mas pelo contrario, progredio com mais rapidez!!!.....

Sou, Sr. Redactor, hum inimigo dos Funcionarios Publicos, arbitrarios, e despoticos.

A. M. V. B.

---

(2) A publicação daquelle Decreto lhes foi requerida pelo Ajudante Antonio Moules: cujo Constitucional Despacho foi — A seu tempo será deferido.... E por isso hum e outro negarão áquelle Official os meios de se justificar, e purificar da calumnia com que comprometerão sua honra, e hum summario vingativo, que o Juiz da Praya tirou contra elle; esgotando para esse fim todos os recursos do velho, e novo Systema, como a seu tempo, elle fará aparecer!...

Sr. Redactor.

Hoje por mim, á manhãa por ti.

Renovarão-se com efeito (em parte) as scenas de 1817, em premiar denunciantes; se não forão Comendas, forão Officios, e levantar aquelles, que com tão justa cauza, havião cahido da opinião publica, e levando-os ao que (não sendo o ferrete da calumnia, de que se servirão) já mais serião colocados em taes lugares: vamos com o tempo! Estes só he que são Constitucionaes; e aquelles, que os colocão!!!

Estando por conseguinte aberta a carreira de puderem os malevolos, com duas pennadas, e huma denuncia, como á do celebre Encomendado!!!... E outros que tal!!!..... para poderem tirar fructo de seus pessimos intentos; sendo arrancado do centro da sua Caza, como azillo inviolavel, e conduzido a horrorozos segredos!!! não pode por conseguinte, Cidadão algum contar com a segurança pessoal; e deve por tanto, prevenir-se para dos malles o menor.

O maior, já vimos que não ha meio, porque está na vontade de hum Ministro !!!.... e por conseguinte os Militares, a quem tanto de perto tocão taes factos, devem lembrar, que tendo esta respeitavel parte da Nação perdido o seu fôro, sejão derrogadas certas Leis, que forão feitas em harmonia com aquelle Previlegio: como por exemplo, a de 23 d'Abril de 1790, que Ordena, os Officiaes, que mereção ser processados, tenhão meio soldo; pois que isto só se deve entender nos Conselhos de Guerra, em que o Official nada despende; e aquelle meio soldo foi determinado positivamente para seu alimento; porem hoje, que ou innocente, ou culpado, se entregão á Sancta Justiça, que pertende mundos, e fundos, em xicanas, cada vez mais fortes, parece que ella não deve ser aplicavel; o que he efectivamente; e ha certos mandõeszinhos, que tem pena, ella não ordenar a terça parte; porque então elles reduzirião a zéro.

Rogolhe, Sr. Redactor, parecendo-lhe que tem lugar inserir estas reflexões, que lhe remettem

Os queixozos destes malles.....

Sr. Redactor.

As injustiças que se me tem feito me obrigão a mostrar-lhe, o máo caracter, e procedimento de hum Ministro Constitucional (1) que se acha na Ilha Terceira minha Patria.

Acontecendo na noite do dia 11 para 12 de Janeiro passado, juntarem-se alguns individuos (talvez pelo consenso do tal Ministro) davão pelas ruas da Cidade vivas contrarios ao actual Systema; de que não cauzou motim algum; porém sempre na manhãa seguinte forão dois seus amigos, hum Manoel Joaquim por alcunha o Calote, e hum Manoel Ignacio por alcunha o Giga, ao Quartel do Governador das Armas, e lhe Denunciarão me tinhão encontrado, e a outros pelas 8 horas da noite a dar os taes vivas, de que rezultou ser prezo, e depois procedendo este mesmo Ministro a huma devassa, forão estes dois denunciantes jurar, e unicas testemunhas, que me criminão: ora como fosse sciente por todos a minha innocencia mostrei logo por sentenças justificativas, e outros documentos legaes, que nem era capaz nem concorrí para similhante facto; que o Calote não só he ladrão de geração; mas por habito de que á pouco deixou de andar nas Galés com o ferro ao pé pelos amiudados roubos que fez na Ilha, não cumprindo com o preceito da Igreja Catholica á mais de 3 annos; que este Calote desde as 7 até ás 9 horas daquella noute estivera em casa de hum Çapateiro jogando as cartas com varias pessoas; que o Giga na mesma manhãa em que me foi acusar, chegou á tenda de hum Alfaiate, e disse, eu não ouvi, nem sei quem deu os vivas; porém vão jurar, que forão os individuos acusados pelo Calote. Bravo..... então Sr. Redactor! que diz a estes sugeitos! Oh! meu amigo destes he que se querem, e são estimados; mas o mais he que ainda me acho prezo vai para 11 mezes, longe da mi-

(1) Eugenio Dionizio Mascaranhas Grade, a quem a natureza negou sentimentos; a quem a natureza constituio Ministro pela sua impiedade; a quem a natureza denegou direito de Fraternidade! Este impio Algarvio, que foi mandado para a Cidade de Angra atassalhar seus similhantes, e não contente de ter cometido o crime de viciar huns Autos por fins sinistros, ou de interesses; esperou occazião para mais saciar seu esfaimado, e vil coração, apenas apanhou cordeiros, lançou-se qual Leão raivo-

nha Patria, sendo arrancado sem crime do seio da minha familia, para sofrer como tenho experimentado os horrores dos carceres, a privação da minha liberdade natural, o descredito, e vergonha publica no meio de escoltas pelas ruas publicas á face dos meus parentes, e conhecidos, e por fim ser conduzido debaixo de prizão para esta Corte sem que se me desse para meu sustento mantimento algum, que se não fosse a caridade do mestre da embarcação, certamente teria morrido á fome só por vontade deste *Rectissimo* Ministro. Isto he fazer Justiça! Isto he ser Ministro! e será ser Constitucional? oh! que bem aplicado castigo em taes Ministros, e Denunciantes; para a manutenção dos Povos, observancia da Lei, e exemplo de outros..... Assim Sr. Redactor acho ser do meu dever como Cidadão que sou, amante da minha Patria, expôr ao publico a causa da minha prizão: pelo que me confesso ser seu Venerador

João Maria de Mello Assa.
Ex-Alferes do Batalhão d'Angra.

zo, e com as unhas da intriga fez victima desgraçada, que gemendo em ferros forma o alicerce da sua reintegração, áquelle lugar o põem a salvo de toda a inconstitucionalidade, he este o carrasco da especie humana, eu victima do seu furor.

AVISO.

O Redactor da Trombeta participa a todos os Sr.s. que lhe tem feito a honra de dirigir cartas, para subscreverem para este Jornal, que lhe não he possivel ligar-se a subscripções, a fim de nunca se ver na conjunctura de comprometer sua palavra.

Igualmente publíca que já não pode de hoje em diante receber correspondencias, por se lhe offerecer huma ampla materia a tratar, sobre a Causa Geral da Nação.

LISBOA: ANNO DE 1822. TYPOGRAPHIA PATRIOTICA.
Rua Direita da Esperança Numero 50.

SEGUNDO

SUPPLEMENTO

A'

TROMBETA LUZITANA.

N.° 6.

TERÇA FEIRA 26 DE NOVEMBRO.

Resposta ao Astro da Luzitana N.° 223

SEnhor. He a vós sómente que a Trombeta vai responder, sobre o que avançasteis em vosso N.° 223, relativo á ILLEGAL NOMEAÇÃO de Ministro da Guerra, na pessoa do Deputado Miranda; sim, he a vòs só, porque fallaes em termos de se vos responder, e não uzaes da miseravel lingoagem que hum venal atrabilario explanou no Campeão de 2.ª feira: vós que sois homem-de-bem escutai.

Dizeis em vosso primeiro paragrafo, que parece não ser anti-Constitucional a nomeação, *visto que elle apenas he dos Substitutos, e sobre estes*, julgaes, *não cahe a determinação do Art.* 99.

Vós ainda vos salvais quando dizeis, *parece*. Porém, nós vos repetimos com o positivo: he absolutamente anti-constitucional, e por tanto illegal. Eis-aqui os motivos: não se encontra em toda a Constituição Artigo algum que permita aos Substitutos ás Cortes, o serem empregados; porém, encontramos o Artigo 99 que he terminante, e expressamente prohibe a todo o Deputado, *(desde o dia em que a sua eleição constar na Deputação permanente até o fim da Legislatura)* acceitar, ou solicitar para si nem para outrem, pensão ou condecoração alguma; e que isto mesmo se entende dos empregos providos pelo Rei, salvo se lhe competirem por antiguidade ou escala, na carreira da sua profissão. Ora, Senhor, tende a bondade de me dizer; são os Substitutos exceptuados no artigo! dizeis que não; logo não podem ser empregados, porque são incluidos nelle.

Mais abaixo, perguntaes se o Sr. Miranda está para entrar no Congresso, e respondeis logo que não. Pois nós vos asseveramos que sim; porque desde o dia da sua elleição está apto a entrar a todo o momento; e já ninguem o pode excluir huma vez que a sua elleição se acha legal. Senhor, nós sabemos que vós costumaes pensar bem; mas certamente vos não ocorreu no momento, que tudo quanto se queira emitir a favor da nomeação, só dimana de hum futil principio: o da interpretação. Eis-ahi o que nós nunca poderemos admitir; porque esse abominavel uzo foi quem fez a nossa preterita desgraça, e quem preparou o dia 24 de Agosto. Ai! da sociedade onde o executor da Lei tiver a faculdade de a interpretar; porque então não ha Lei, ha interpretação.

Agora o unico cazo em que nós admitiria-mos como legal a nomeação, era se S. Magestade duvidando do espirito do artigo, pedisse a o Congresso huma explicação delle, e o Congresso resolvesse que podia nomear, e que nunca se entendesse o artigo com os Substitutos. Isto sim, he legal; porque só o Legislador tem authoridade de interpretar aquella Ley que infelizmente exige interpretações.

Vós sabeis Senhor, que já em Inglaterra foi absolvido hum poligamo, que havia esposado 3 mulheres, porque a letra da Lei dizia que = todo aquelle que espozas-

se duas teria a pena de morte = Ora se fosse entre nós, não só lhe imporião a pena de morte, mas mais alguma coisa, v. g., assado depois de morto, por ter sido mais huma do que a Lei citava! Desenganai-vos Senhor, se a Lei se não cumprir á risca, desgraçados de nós os governados! Esta infracção Senhor, só recahe sobre o que aceitou a nomeação, porque elle foi hum dos Legisladores; e devia ser por tanto o mais escrupuloso na sua observancia. Mas a dependencia, a Commenda, a Ex.ª &c. &c. podérão mais no seu coração, que a inviolabilidade da Lei.

E que me dizeis Senhor, á estupenda loucura de chamarem ao Supplemento á Trombeta N.º 4, incendiario, subversivo, anarquico, que insulta o Rei, e chama directamente os Povos á rebellião? visteis já huma tão manifesta impudencia! E o ameaço com os façanhudos *Liberaes!!* aqui he que encaixa bem o tal *risum teneatis*. Olhai que constitucionalidade aquella! Elles que pertendem a todo o custo, que se infrinja a Constituição, são Liberaes; e nós que pugnamos pela sua inviolabilidade, que seremos? Suvinas, que he o oposto a liberal.

Vós sabeis que estes, que assim se intitulão, e professão taes maximas, são os mais miseraveis servis de quantas especies ha delles. O seu amor de Constituição, e de Patria reduz-se a hum sordido interesse, que algum alto funccionario lhes ministra, para gritarem por esses botequins, e praças publicas. Viva a Constituição, morrão os corcundas; forte escoria. Se os Turcos se apoderassem á manhãa de Lisboa, nós os ouviriamos gritar promptamente. Viva o Alcorão, viva o Profeta.

Firme pois, cada vez mais em o que avançámos no Supplemento N.º 4 e neste, repetimos com huma altisonora trombetada: O Deputado Miranda está intruso no Ministerio, em quanto o Congresso o não dispensar. Viva a Verdade.

O Redactor da Trombeta.

AVISO AO PUBLICO.

O Trombeteiro está álerta, com mais olhos do que a Fabula deu a Argos, para logo que vislumbre a mais leve infracção da Constituição, dar huma rija, e afinadissima Trombetada, que retumbe por quantos vales tem Portugal, a fim de que ninguem a possa ignorar.

LISBOA: ANNO DE 1822. TYPOGRAPHIA PATRIOTICA.
Rua Direita da Esperança Numero 50.

NOVEMBRO 28. N.° 7.

A Trombeta escutai dos Luzitanos
E se rouca tocar . . . tremei Tyrannos!

O Trombeteiro.

A TROMBETA LUZITANIA.

A'S NOVAS CORTES.

Cidadãos Representantes. Vós sois os primeiros que chamados pela vontade geral, formaes as Cortes Ordinarias da vossa Patria Regenerada. Huma Legislatura Constituinte de 21 mezes de duração vos precedeo. Ella vos deo huma idéa aproximada das funções, e deveres de huma Assembléa Legislativa, desde seculos desconhecida entre nós. Ella preparou os vossos trabalhos, deixando-vos hum vasto campo para os exercerdes. Sua mais bella obra, foi esse Archivo das nossas liberdades, e direitos; o qual parece annunciar-nos de presente que nelle encontraremos hum porto de salvamento, no meio das públicas calamidades; e de hoje em diante serão vossas deliberações só por elle reguladas.

Escolhidos de entre os vossos Concidadãos, Vós sabeis, Legisladores, o actual estado de nossas precisões, e para remediallas, não hesitareis em conformar-Vos com a geral vontade daquelles que Vos elegerão, e que tão reconhecidamente a hão manifestado nestes ultimos periodos. Ferão elles, que depositando em Vossas mãos o poder que lhes he inherente, Vos disserão por expressivos signaes: Hide, Depositarios do nosso Poder, não abuseis delle; hide curar as nossas chagas; mas reparai bem que as não aggraveis mais com medicamentos oppostos, que ao depois as tornem incuraveis. A nossa situação não admitte remedios heroicos, será só a suavidade, e brandura delles, quem desvanecerá lentamente sua melindrosa crise. Conformai-Vos com nossa vontade, e respeitai mesmo alguns de nossos prejuizos; notai bem que a destruição delles, não ha de ser obra Vossa, mas sim do tempo. Vede que não he sobre bases debeis que se firmão edificios perduraveis; hide preparando nossos corações, e sobre elles descançará inabalavel a vossa obra. Despivos Vós mesmos de falsas preocupações, não presteis Vossos ouvidos ao terrivel genio da intriga, que ha de pertender manietar-vos ao seu carro, para ostentar com Vossa deshonra o falso brilhante de seus infames triunfos. Sede firmes; e lá no Sanctuario da Lei, á proporção dos beneficios, que sobre nós derramardes, escutareis os nossos hymnos, e recebereis nossas bençãos.

(*Do Redactor.*)

Despidos daquelle orgulho, que ostentão certos escriptores, que julgão abaterse transcrevendo pensamentos alheios, nós pelo contrario lançaremos sempre mão de todos aquelles que julgarmos dignos de illustrar o Público, sejão elles de quem forem, porque só temos por objecto esclare-

cer a razão, para aperfeiçoar as idéas. He por este principio, que passamos a transcrever o seguinte, que se acha em hum N.° do Conciliador de Pernambuco.

" Sendo a Liberdade o dom mais precioso, com que nos brindára a Providencia, he o seu abuso, ou má intelligencia o mais poderoso instrumento de nossas desgraças. Dôr, e prazer são as primeiras, e principaes sensações da vida animal; em fugir daquella, e correr apoz deste, consistem em ultima analyse todos os nossos disvellos.

,, He por tanto da somma das dores, assim como dos prazeres, que resulta, o que se chama ser desgraçado, ou feliz, e entra em a Natureza do homem procurar os meios da sua felicidade, do mesmo modo que evitar, e repellir tudo, que a póde estorvar, e destruir. Se o homem nascesse isolado, e para viver errante, como a maior parte dos brutos, sua existencia seria quasi maquinal, e a sua liberdade seria antes hum instincto, do que esta nobre faculdade, que o leva a fazer escolha, segundo o conhecimento da sua razao, mas o homem nasceo para viver em sociedade, e o uso daquelle attributo entra na sua mesma essencia, e por tanto na essencia da mesma sociedade.

,, Dependente dos cuidados paternos em seus primeiros annos, necessitado ao depois a curar dos meios da sua sustentação, urgido pela simpatia do outro sexo, sugeito a mil precizões, desconhecidas dos irracionaes, o homem vive ligado aos seres da sua especie, por mais salvagem, e embrutecido que o consideremos. Desta mutua dependencia, destes laços naturaes nasceo sem dúvida o estado social, que foi augmentando o circulo daquellas relações na razão dos progressos de suas luzes, civilisação, e industria.

,, Ha por tanto huma liberdade natural, donde dimana a liberdade civil. O abuso daquella he castigado pelas leis da natureza; o abuso desta deve ser pelas leis civis: aquelle que por ser livre se lança a hum rio, estando suado, ou com o estomago cheio, he punido com hum estupor, apoplexia, &c.: assim aquelle Cidadão, que offende o direito dos seus socios, roubando, assassinando, &c deve ser castigado pelas leis civis, que para serem justas cumpre, que promovão a felicidade individual, e do todo.

,, He por isso, que a nossa Constituição sabiamente define a liberdade civil = faculdade de fazer tudo quanto a Lei não prohibe. = Daqui a liberdade de manifestar seus pensamentos, seja de viva voz, ou por escripto, não devendo ser prezo, e menos castigado qualquer Cidadão por suas opiniões (1), huma vez que por ellas não procure fazer proselitos, em prejuizo do bem público. Todo o Cidadão he livre (grita-se a cada instante pelas ruas) clama-se contra a mais leve arbitrariedade dos outros, aos mesmo tempo que nós, só não somos despotas quando nos não deixão ser. Na misera Bahia, onde o tyranno Madeira he o unico livre, e constitucionalmente despotico, foi procurado para ser morto, o optimo escriptor do Constitucional. E porque? por dizer franca, e poderosamente a sua opinião: que nova guiza de liberdade civil!

,, Verdadeiramente livre será aquelle paiz, onde cada Cidadão protegido pela lei, gozar da faculdade de trabalhar para o seu bem-ser, e onde a ninguem fôr permittido obrar contra o interesse geral, ou offender o bem-ser de seus concidadãos. Huma sociedade he livre, quando todos os seus membros sem distincção, são sugeitos á equidade, que he invariavel, e não á vontade de hum homem, tão facil em mudar. Huma liberdade justa só deixa a cada hum o poder de procurar sua vantagem propria, sem prejuizo da de outrem. ,,

Os Romanos julgarão-se livres, logo que se desfizerão dos Reis: victimas de huma palavra, elles forão em todo o tempo da Républica, escravos, inquietos, e turbulentos, guiados por Tribunos ambiciosos, que os rebellárão a todo o momento, e com razão, contra Senadores, e Patricios, confederados, para exercer sobre os Plebeus, a usura, a tyrannia, e toda a laia de arbitrariedade. Desesperados daquelle jugo de ferro, depois de infinitas dissenções, guerras civis, e proscripções, os altivos Romanos cahirão sob o jugo de hum Dictador, que os transmitio como herança sua, a Imperadores detestaveis, debaixo dos quaes, estes inimigos do nome Real, forão escravos mui contentes de ter pão e espectaculos.

" Apresentão-nos os Catões, os Pompeus, os Ciceros, e os Brutos, como Cam-

(1) Assim o manda a Constituição; mas se o Ministro da Justiça, com os seus Grutescos, e Patuscos não querem, que se lhe ha de fazer?! dar-lhes muito assobio em desforra, chamallo tyranno, Visir? dessas bagatellas se está elle rindo!!

peões, e martyres da liberdade Romana, em tanto que olhando de mais perto, achar-se-ha que elles não forão realmente senão defensores, e victimas das injustas pertenções de hum Senado tyranno, de que o ambicioso Cezar procurou libertar seus concidadãos: este, sob pretexto de livrar sua patria do jugo de huma Aristocracia opressora, favorecido por suas Legiões, lhe lançou as cadêas; e deste modo o Povo, que se dizia mais livre, tornou-se por seu gosto escravo de hum cidadão corajoso, e astuto, que depois de o haver seduzido por grandes dadivas, espectaculos, e emprezas gloriosas, soube servir-se habilmente do doce nome de liberdade para de huma vez o captivar. Seja por tanto qual fôr a fórma de Governo, só deve chamar-se livre aquelle paiz, onde a ninguem he permittido exercer a licença, ou offender as Leis: e escravo aquelle onde os que governão, pódem colocar-se acima da Justiça, e da Lei. A Lei firma a liberdade social; não a destroe: ella he feita para atar as mãos de todos aquelles que quizerem invadir a liberdade dos outros, ou privallos de seus direitos. A liberdade não dá o direito de resistir á authoridade, ou de se isentar das regras; dá sim o direito de fazer o que se deve querer, e não o que absolutamente se quer; ser livre, em fim, he não obedecer se não ás leis. Hum povo de Lahor, e Cachemira he governado por quato magistrados, eleitos todos os annos por seus concidadãos. O Soberano desta Nação he hum livro colocado sobre hum throno com huma espada, hum escudo, e hum punhal; por estes symbolos, aquelle Povo Républicano designa que não he governado se não pela Lei; que pune, que protege, e commanda igualmente aos cidadãos, e aos Chefes: muitos viajantes nos asseverão que aquelles homens são os mais virtuosos, e bravos de todo o Indostão.

A INGRATIDÃO.

A Pessoa do Major Pimenta ora recluso no Castello de S. Jorge, deve excitar a séria meditação dos verdadeiros amigos da justiça, e liberdade: Cumpre que vão aprendendo a lêr nelle o destino que cedo ou tarde os espera, se penetrados do nobre sentimento de homens livres recusarem curvar o colo, ou dobrar o joelho ante aquelles que sob capa de fingidos liberaes, vão marchando caminho direito para o mais horrendo, e monstruoso despotismo: Nem nos tachem de exagerados, que hum rapido bosquejo dos serviços prestados por este honrado Cidadão á *Liberdade*, confrontado com o atrocissimo tratamento que em paga tem recebido dos Srs. *Liberaes*, desde que teve a desventura de saltar em Portugal, sobejamente convencerá ainda os mais incredulos de que a maior parte dos que se erigirão em propugnadores dos direitos, e liberdades do Povo, tão longe estão de dar o promettido desempenho a estes augustos, e sublimes attributos, que antes pelo contrario são delles os maiores inimigos, desmentindo com as obras, o que tanto lidão por persuadir com palavras, para o fim de fascinar a multidão, credula, e inexperiente, como pouco a pouco vão todos os dias evidenciando.

Que este Militar foi na Cidade do Rio de Janeiro hum dos principaes agentes nos felizes acontecimentos do dia 28 de Fevereiro de 1821, que vinculárão por então o Brazil a Portugal, trazendo á Sede antiga da Monarquia Luzitana, o nosso adoravel Rei o Senhor D. João VI. verdadeiro Pai da Patria, e delicias dos Portuguezes, creio que ninguem duvidará. E na verdade, já naquelle tempo os mesmos, que estão abuzando da illimitada confiança, e bondade de S. Alteza Real, se não deslembrarão de aconselhar o nosso Bom Monarcha, a abandonar Portugal, deixando-o entregue nas mãos da sua mesquinha sorte, e a limitar-se unicamente a felicitar o Brazil, dando-lhe huma Constituição propria, e peculiar; plano a que o Major procurou obstar com todas as suas forças, por vêr o quanto tendia, e se encaminhava directamente á desunião, e desmembração do Imperio Portuguez.

Ah! e que teria sido dos agora seus injustos oppressores, se tal projecto houvesse tido effeito?! A quantas desordens, e desgraças não poz termo a magnanima resolução d'El-Rei jurar naquelle dia a Constituição, que as Cortes de Portugal ainda havião estatuir, e a de vir correndo lançar-se nos braços, e corações dos fies Portuguezes?!

O galardão que a este brioso Militar derão os que á roda do Melhor dos Reis, estão hoje colhendo os saborosos fructos, que elle com seus relevantes serviços, risco, e trabalho lhes pre-dispozera, convém que seja patente á Nação, para que esta abra os olhos sobre o que tem a esperar dos

seus chamados Regeneradores, a estes não mudarem o seu theor de proceder; e conheça qual foi a verdadeira mola que os impelio a encetar, e proseguir o glorioso empenho, como elles dizem, de Regenerar a Patria. Poucos dias depois de jurada no Rio de Janeiro a Constituição, que se houvesse de fazer em Portugal, resolveo o Major Pimenta regressar a este paiz.

Duas circunstancias, segundo ouvimos depois alli contar, influirão principalmente nesta sua determinação; huma, o bem fundado receio de cahir em alguma silada; que não deixarião de lhe armar os inimigos do Systema novamente adoptado, attento o muito que elle para isto havia concorrido; e outra, o gosto de vir viver garantido á sombra do imperio da Lei, que contava encontrar radicado na sua cara Patria, conforme o dizer de todos os impressos em Portugal, que pelos fins do anno de 1820, começarão a inundar o Brazil: conjecture agora o mais mediano juizo qual seria o seu pasmo, e admiração quando ao desembarcar nas praias do seu paiz natal, a primeira mostra que recebeo dessa apetecida, e justa liberdade, foi o vêr-se subitamente agarrado, e prezo, sem fórmula, ou ordem legal, e sem se lhe dizer o porque, pois a causal que lhe declararão, não era mais que hum frivolo, e vão pretexto. Mas em fim depois de 40 dias de segredo, e outros tantos de prizão communicavel, durante os quaes esgotou a calumniadora intriga, (no Porto) quantos meios de o figurar culpado lhe foi possivel escogitar, declarou-o innocente o Soberano Congresso pelo que respeitava ao seu comportamento civil, e o mesmo praticou o Supremo Conselho de Guerra, quanto ao Militar.

Parece regular, que depois do crizol porque passára, e dos grandes serviços que fizera á Liberdade, e mui especialmente aos que primeiro alevantarão na Cidade do Porto o grito della, deverião estes, por ser não só de suma justiça, mas até mui conforme aos apregoados principios de fraternidade, e igualdade, acolhello gratamente no seu seio.

Pois não aconteceo assim, antes ao contrario foi entregue de prepozito a ingrato, e premiditado abandono! de sorte que se vio necessitado a pedir a sua reforma, a qual lhe foi concedida com ametade do soldo da sua Patente em remuneração do bem que tinha servido nas Campanhas da Peninsula, e nos gloriosos successos do Rio de Janeiro!!! Mas nem isso bastou para acalmar os odios, e vinganças que o perseguirão; por tanto sobrevindo neste tempo a suspensão do *Habeas Corpus*, concedida ao Governo pelo Congresso, o mandárão remover de Lisboa para Monte-Mór o Novo, debaixo do especioso titulo de suspeito.

Outra porém era a causa, e bem obvia para quem quizer reflectir por hum momento: não ignorava o Povo desta Capital, quanto o andamento, e progresso do Systema *Liberal* devia a este Cidadão; e via tambem quando punhão nelle os olhos, o digno premio que em paga recebera dos Senhores *Liberaes*; a simples, e diuturna presença do opprimido era huma muda, e diaria reprehensão á injustiça dos *oppressores*; proporcionou-se então aquelle bom ensaio de o subtrahir ás vistas de huns, e outros; e eis-ahi decifrado o inigmado removimento.

Em quanto á sua prizão por conspirador assás será observar; que devendo o plano da Conspiração (se realmente existio), ser hum só, e sendo dados como Chefes della, os supostos authores da ridicula proclamação que por ahi andou impressa, não só este falsamento chamado conspirador não tinha com elles relação alguma, mas até nem foi pelos Juizes interrogado sobre a tal proclamação; e nem se quer soffreo a acariação, que necessariamente havia de ter com os chamados authores da Conspiração ainda mesmo que esta seja, como toda a razão de a suppôr ficticia; o que não teria deixado de acontecer, se o julgassem realmente incluido nella.

De tudo o que fica ponderando se vê claramente com quanta justiça costumão proceder os Senhores *Liberaes*, quando se trata de individuos, que não contão em o número bemaventurado dos da sua GREI, ainda que tanto ou mais benemeritos, e Constitucionaes, sejão do que elles são.

Resta fallar comvosco ó egregios Magistrados de cujas mãos está pendente o futuro destino deste desditoso perseguido.

" Lembrai-vos que os males que suporta, tem origem no extremado amor para
,, com essa mesma Patria, que tanto tem
,, servido, arrancando-a do abjecto estado
,, de Colonia a que estava reduzida antes
,, do ditoso regresso de S. M.; o que com
,, tanta ingratidão lhe tem sido até ao presente retribuido.

LISBOA: NA OFFICINA DA HORROROSA CONSPIRAÇÃO. ANNO 1823. *Rua Formosa N.° 42.*

NOVEMBRO 30. N.° 8.

A Trombeta escutai dos Luzitanos
E se rouca tocar ... tremei Tyrannos!

O TROMBETEIRO.

A TROMBETA LUZITANIA.

SOCIEDADE PATRIOTICA.

Entre todos os Povos moralisados, e cultos tem sido sempre o officio de denunciante marcado com o ferrete da vileza, e huma reconhecida indignação, tem sido o justo premio de todo aquelle que o exerce, ainda mesmo com verdade; pois que nada nos parece tão odioso como instituir-se hum homem em verdugo de outro, para obter vinganças, ou interesses, que são as duas principaes molas em que se sustenta o perfido coração de hum denunciante.

Aparecendo em o N.° 4 da Trombeta a denuncia infame, que deu o desmoralisado ex-Paulista da Encomenda, a Sociedade Patriotica, da qual era indigno e podre membro, mandou immediatamente indagar se aquella denuncia era verdadeira; e sendo logo informada de que o era, rezolveu por voto unanime, com aplauso de todos os espectadores (fóra, fóra, fóra, clamou tudo!) despresa-lo da Sociedade, por meio de huma carta, que se lhe enviou. Este passo foi sem dúvida hum dos mais honrosos, que depois da nossa Regeneração se tem dado; e ainda quando a Sociedade Patriotica se não houvesse illustrado por outros feitos, este na verdade era bastante para lhe dar gloria, e grangear louvor, e honra da parte de todos os seus Concidadãos. Oxalá que todo o Público desta Capital, ou de outra qualquer parte, para onde choute aquella infame besta, o repulse, não com tanta honra como a Sociedade Patriotica; a chicotada e páo.

Véde malvados denunciantes, calumniadores atrozes, como hides começando a receber o devido premio dos infames serviços, que fizesteis a hum despota, sacrificando á sua ambição, sobre os negros altares da tyrannia, o credito, a honra, e a vida de tantos innocentes Cidadãos, a quem vossas calumnias sepultárão em medonhos carceres por tão dilatado tempo. Tremei infames, que hum Deos imparcial e justiçoso, hade punir hum dia vosso detestavel crime!

HONRA E LOUVOR A' SOCIEDADE PATRIOTICA.

Despreso e odio a todos os denunciantes.

Quem não deve, não teme.

Tem-se notado que ha tempos a esta parte, anda muito em moda o estribilho em que derão certos *lambe-pratos*, de tacharem a torto, e a direito, de anarquista a todo aquelle escriptor que tem a nobre ousadia de levantar, e descarregar o açoute da censura, nos despotismos, e patifarias Ministeriaes. Ora admira que seu servilismo e impudencia, lhes não dê lugar, ao menos, de raciocinar debaixo destes dois reconhecidos principior.

Ou os escandalosos factos, imputados por hum escriptor a qualquer Ministro, são falsos, ou são verdadeiros: se são falsos tem o Ministro na sua mão o remedio facil, que he chamar o escriptor ao competente Tribunal do Jury, para ser punido por calumniador, como fez Pinheiro ao Heliodoro; mas se as arguições são verdadeiras, de que se queixa o Ministro, ou o seu *lambe-pratos* por elle? Qual dos dois he o anarquista, aquelle que pratica toda a casta de violencias, e desaforos n'hum systema que, talvez, proclamou, e que jurou manter em toda a pureza, ou est'outro que os publica, para ver se elle se abstem? Pois o Ministro que commette prepotencias, e prevaricações, não he anarquista, e eu que lhas combato, e escrevo depois de commettidas, hei de selo? Que estranha Logica he a destes atrabilarios! suponhamos que chamão publicamente ladrão a hum alto funccionario, o qual em vez de intentar contra quem lho chama, a correspondente acção de injuria, ou se desforra com quatro sandices; por exemplo alugando hum arrieiro que descomponha meio mundo...., ou encolhe os hombros e vai ouvindo; que se deve inferir deste proceder? a conclusão não he difficultosa de tirar, ei-la ahi: aquelle que he atacado publicamente por haver commettido hum crime, e senão desagrava pelas vias que a lei lhe faculta, dá huma prova evidente de que a accusação he verdadeira, e que senão quer expôr a fazella mais visivel, a fim de se subtrahir ao castigo que as leis lhe impõem; mas vinga-se então em declamações indignas contra o que o argue, tratando-o de anarquista, de subversivo, de conspirador &c. porém este recurso he por si mesmo tão despresivel, que só lhe serve de mais asedar a indignação publica contra a sua pessoa.

Desenganem-se pois, Senhores serviz, mantenedores do despotismo, encapotados em Liberaes, que de nada lhes vale os seus latidos, porque o Publico já não come aráras; debalde se apregoão douradas theorias, quando a pratica as desmente a cada passo: olhem que nem quantas carradas de alambicados sofismas VV. m. todos possão amontoar em vinte annos, são capazes de persuadir ao Povo, que he pedra aquillo que elle vê todos os dias com seus olhos, e reconhece que he páo. VV. m., que tão arteiros andão em alcunhar logo de corcunda a qualquer que se não amolda ás suas escassas opiniões, e vistas interesseiras, persuadidos por ventura que só devem ser contados naquella class os Abades, Conegos, Comendadores, ex-Capitães-Mores, e outros taes, he talvez por ignorarem o verdadeiro sentido da palavra *Corcunda*; pois eilo ahi vai, e vejão-se nesse espelho: *Corcunda, he aquelle que antepõem o arbitrio á Lei, e que se vende ao que manda.* (vide, Diccionario dos homens de juiso) Donde se deduz, que não sómente são corcundas os que se nutrião á sombra dos antigos abusos; mas tambem são *Corcundas* aquelles, que como VV. mm. pertendem viver, e tyrannisar á sombra dos modernos. Eu bem os conheço....

PRECIOSO RIDICULO.

O Turibulista, (isto he, o que incensa) amedrentado, e envergonhado do muito assubio, e pateada, que tem gramado, não se atrevendo já a incensar com incenso de caza, anda a farejar por toda a parte, e onde quer que o encontra, furta, e deita no turibulo, para incensar bem as ventas daquelles que o tem de aluguel. Ora pois, tambem o Trombeteiro por falta de ar, foi buscalo, mas muito longe, para tocar hum Rondó moderno, e galhofeiro; lá vai.

California 5 do 4.° crescente da Lua; Noticias novas, de pasmosa pasmaceira. &c. &c. &c.

Hum Urso de nova especie, foi apanhado ha dias nos bosques visinhos; he louro, de olhos azues, espantadiços, e catacegos, hum pouco corpulento, e muito atraiçoado. Ha diversas opiniões sobre a sua origem; dizem huns que elle pertence á quinta raça, outros que á sexta, e não falta quem diga que he da mais reles; mas o que ha de certo, he que a sua raça he dos montes de traz. O nosso Roiajoe (*Magistrado similhante ao Doge de Veneza.*) cedendo ás instancias do seu Valhoarc, (*corresponde entre nós a Ministro de Justiça*) que he quem faz tudo, meteu o novo animal no seu pateo dos bichos. Era hum gosto ver toda a bicharada em roda delle, huns o cheiravão, outros o lambião, outros se espojavão aos pés delle; parecia que todos os animalejos esperavão grandes cousas delle.

Ainda o desconhecido Urso não tinha tomado posse do pateo, quando se ouve o

claro som de huma Trombeta que dizia assim: " Deitai dahi fóra o Urso, que he animal de outra especie..... mettei-o na gaiola grande, que he a que lhe pertence; não altereis a ordem estabelecida no Decgio *(regulamento que designa o que pertence aos Bichos)*"

Todos se alvorotárão com o mandato da Trombeta, huns querião, outros não querião, até que romperão todos em huma geral vozearia: *He de Justiça, vá fóra o Urso..... fóra o Urso.* Agora o vereis, espanta-se o Urso, abre a imensa goella, desata em berros; a bicharia amedrenta-se, huns pulão, outros arrebitão o rabo, outros enchourição-se, guinchos e mais guinchos, o povo que estava a ver, desata em gargalhadas, que só se interrompião com gritos de — fóra o Urso... fóra o Urso..... — No meio deste estrondoso espalhafato, apparece hum pigmeo, com hum Turibulo na mão, e clama: " Senhores, escutai-me, não deiteis fóra o Urso, por que elle deve ficar aqui, segundo afirma hum grande burro, que venho de consultar, e que he hum famoso Censor destas entradas, e sahidas de Ursos, Camelos armados... &c. &c. come com elles, vive no mesmo pateo, e até os interpreta; permittão, permittão que eu incense esse novo animal, que segundo a burrical profecia, hade ser hum bicho impagavel.,, Então os espectadores derão novas gargalhadas, e o levárão aos empurrões, aos gritos de fóra asno..... fóra asno... *(Gazeta de California.)*

Pois Alexandre Serpa he Deputado!!!

Assim exclamava ha dias hum Cidadão probo, por huma das ruas do passeio publico! Com hum aspecto indignado, a cada meia duzia de passos, parava e tornava a exclamar: pois o Serpa he Deputado!!! Então hum de seus amigos o aproximou, e estranhando o seu modo, lhe perguntou o que o affligia: deixai-me; lhe respondeu o bom homem, que esta indignidade faz-me perder a cabeça; pois o Serpa não está Deputado!! o Serpa Deputado?! replicou o outro, quem, o falso denunciante?! o tratante, o indigno, o..... Esse mesmo; esse mesmo, e então julgará v. m. que não he motivo bastante para me fazer andar a cabeça á roda?! olá se he, até eu não sei já como se vai pondo a minha! e eu então, que o conheço lá de Penafiel; mas isso será possivel?! e tão possivel, que já ahi está para entrar no Congresso, não digo bem, para deshonrar o Congresso: v. m. hade saber que este homem além de delator, he hum dos mais tapados ignorantes, que tem a nossa Patria; porém na maldade, e na sem vergonha ninguem o iguala; póde-se dizer com verdade, que não ha ninguem em todas as Provincias do Norte, que o não classifique assim. Quando chegou a esta capital, acompanhando o Exercito Regenerador, a primeira cousa que fez, foi denunciar o patrão em caza de quem estavã aboletado, o qual lhe matava a fome, tratando-o com toda a delicadeza.

Passados dias, fez hum requerimento á Junta Provisional, pedindo a Patente de Brigadeiro; e como lá se pozessem a rir de tal pertenção, escreveo huma carta a hum dos membros da Junta, em que dizia que já estava summamente arrependido de haver trabalhado a favor da Causa, porque lhe não davão nada; e foi por esse descontentamento injusto, que se declarou inimigo da Junta Provisional, e foi aliciar muitos militares para a Martinhada do dia 11 de Novembro, e na noite de 17 sabe v. m. muito bem os desaforos que elle cometteu, até que em fim o mandárão pôr fóra daqui dentro em huma hora, no meio de 4 soldados de Policia. Ora agora saiba como foi isto de denuncia que elle fez.

Se Serpa teve ou não aquellas conversações de que se denunciou, com os individuos a quem denuncía, não se pode saber, porque elle não deu prova alguma disso; agora o que passa por doutrina certa he, que Serpa não fez a tal denuncia no tempo de que he datada; mas sabendo lá na Provincia que Rodrigo o havia denunciado, como de inteligencia com alguns dos piezos, partira para esta Capital, e se viera deitar aos pés do Ministro da Justiça para que lhe valesse; e que o Ministro condoido delle, por ter sido seu amigo, e socio nas patuscadas do Porto, o ensinára como se havia de haver, e o mandára a caza de hum certo *belleguim*, para que lhe desse huma denuncia em taes, e taes termos, com antidata de tantos de Maio, vesporas da sua partida para o Porto; e que foi desta sórte que se arranjou a tal denuncia. Aqui tem v. m. como aquelle desalmado, para livrar a sua pélle, foi dizer tudo quanto delle se exigio; sem se lembrar, que quando mesmo se provasse isso, não podia haver crime de conspiração, porque tudo se encerra em dicterios, chufas contra os *mondões*, pas-

quins &c. Ora isto á vista da Lei que nos afiança, que *a todo o cidadão he permittida a livre communicação de seus pensamentos, tanto por palavra, como por escripto*, não só não he criminoso, mas não tem valor algum.

Se ralhar dos mandões fosse crime, então todo o Portugal estava criminoso; agora acabo eu de ler hum papel, que por ahi anda nas azas da Fama, chamado a Trombeta, que os poem á rasa; e diz que se não se emendarem hade entoar cada trombetada, que se hade ouvir na China. Por tanto, meu amigo, o Serpa vem não só desafiar a nossa indignação, mas manchar a nossa Representação Nacional com sua abjecta, e infame presença. Se v. m. he bom Cidadão, como sempre o tenho julgado, e amigo da gloria Portugueza, hade assignar huma representação ao Congresso, que se vai fazer para expulsar de seu seio aquella maselenta bestiaga; está por isto? Sim, e seja já.

NO ESTILO DO CENSOR, AO CENSOR
Com o devido perdão do Publico.

Vem cá, tremendissimo patife, arrieiro-mór das pulhas... não fujas pela escada acima do Ministro teu amo, para escapares á vergalhada; que ainda que te vás esconder entre as enormes ábas do seu chapéo, lá mesmo te heide zurzir as costellas; vem cá burro de aluguer, infame mercenario da tyrannia; como podeste deixar de ser Portuguez, para seres hum vil e abjecto escravo d'esse monstro que anda a escoucear lá por cima? como podeste aprender em tão pouco tempo, o que tem levado annos ás mais desbocadas regateiras do peixe, e aos mais desavergonhados arrieiros da Mialhada? tu, de certo foste lente de pulhas na estrada de Coimbra! maroto, quem te metteu nessa cachola de burro, que o meio de justificar os despotismos, e patifarias de teu senhor, era vituperar com insultos de regatão, aquelles que com toda a verdade e decencia, publicão seus crimes, crimes que tem revoltado o digno Povo desta capital, e espantado a Nação toda?! dize preverso, como querias encubri-los dessa maneira, e applacar o nosso ressentimento? como te persuadis-te que havias de sahir triunfante de huma lide (1) onde tu só tens tido parte como hum despresivel tamborileiro? tu não sabes malvado impostor, que as pulhas só servem de chamar a indignação publica sobre o desbocado que as profere? Ah! cabrão, tu és o mais negro quadro em que se encontra desenhada toda a especie de maldade, e de perfidia!! não te capacitarás de que ninguem te acredita? que he mais facil acreditar o diabo em figura de bode, como tu, do que acreditar o mentiroso, o venal, o infame Censor?! não te lembras ao menos, desavergonhado, que para alguem o ler, he precizo que lho mettas de graça no bolço? e que te vez na dura necessidade de o mandares de prezente a gentes que nunca viste?! não julgues indigno, que enganas o Povo; elle logo te conheceo desde o principio, quando foi informado de que depois de matares hum passageiro em Condeixa, fugiste para a Castella Velha, onde te encorporas-te á quadrilha de salteadores, que infestava a estrada da Cidade Rodrigo para Salamanca, commandada por aquelle ex frade Espanhol, Turrillo, que foi ao depois enforcado em Burgos, com alguns de seus sequazes, do que tu por desgraça nossa escapaste miraculosamente, para vires descompor, e atacar Portuguezes. Tu julgas que ha ainda quem ignore que em 1817, andavas a roubar de noite com o teu amigo, e compadre, vestidos ambos com o uniforme da Policia, pelas ruas desta capital? dize infame scelerato, ainda não achavas bastantes esses crimes, e os mais que tu sabes, e que a Trombeta por agora cala, para vires lá de tão longe (2) escrever o infame papel das mentiras, das calumnias, e dás descomposturas?! e para que? para servires de instrumento á tyrannia, e á desenvoltura desse velhaco, que tem atraiçoado a sua patria!! desse miseravel roto, que ainda o outro dia andava embrulhado n'hum capote velho, a rondar de noite pelas esquinas dos Congregados! cala-te, pois, malvado, se não queres ouvir estas amargas verdades; foge, somete nos abysmos, antes do que proseguires na criminosa carreira em que te metterão, talvez para te amontoarem mais crimes, que te elevem a dançarino de corda bamba...

O Redactor pede perdão ao Publico, por uzar desta lingoagem, filha das provocações, e unica que talvez pode ser escutada pelo infame calumniador, a quem he dirigida!!

(1) Senão souberes este termo, pergunta a teu amo, ou lê, se sabes, o Diccionario. (olha que não he o das pulhas, ouves patife?)

(2) Para outra vez tocaremos essa synfonia.

LISBOA: NA OFFICINA DA HORROROSA CONSPIRAÇÃO. ANNO 1823. *Rua Formosa N.° 42.*

DEZEMBRO 3. N.° 9.

A Trombeta escutai dos Luzitanos
E se rouca tocar . . . tremei Tyrannos!

O Trombeteiro.

A TROMBETA LUZITANA.

INFRACÇÃO DA CONSTITUIÇÃO.

Concidadãos! Ainda dois mezes não decorrerão que a Sagrada Constituição, que nos derão, foi jurada, e já hum golpe mortal se descarregou sobre ella. O Deputado Manoel Gonçalves de Miranda acaba de ser nomeado Ministro da Guerra!!!! Esta nomeação he hum escandaloso ataque ao Artigo 99 do Capitulo 3.°, que diz assim: Nonhum Deputado, desde o dia em que a sua elleição constar na Deputação permanente até o fim da Legislatura, poderá acceitar, ou solicitar para si, nem para outrem, pensão, ou condecoração alguma. Isto mesmo se entenderá dos empregos providos pelo Rei, salvo se lhe competirem por antiguidade ou escala, na carreira da sua profissão.

Concidadãos! aqui está o que manda a Constituição. O Deputado Miranda está elleito Substituto por dois circulos, Bragança, e Villa Real. A infracção he manifesta. Está aberto o caminho para a completa destruição do Sagrado Codigo. Os nossos direitos vão ser todos derrogados! Eia! oponhamos-lhe huma barreira; clamemos ao nosso amavel Rei, com a franqueza de homens livres, que remedêe este mal, para atalhar funestissimos resultados; para que as scenas do anno passado em Madrid se não renovem na pacifica Lisboa. Digamos-lhe mais: Grande Rei! O homem que acabaes de nomear, não só não pode ser empregado, mas marece o aborrecimento Publico! Enganarão-vos Senhor! lançai fóra esse homem que he por todos odiado, e incapaz de exercer hum tal emprego. Guardai a nossa Constituição! Guardai os nossos Direitos!

Amigos da Constituição! O que acabaes de ler, he aquelle Supplemento á Trombeta N.° 4, que aterrou os despotas, e espantou os ambiciozos; he aquelle Supplemento que primeiro vos annunciou a infracção escandalosa da vossa recem-nascida Constituição: finalmente he aquelle Supplemento, que os imundos servis do novo Intruzo, invectivárão de anarquico, e subversivo chamando directamente os Povos á rebellião &c. Amigos da Constituição! Homens honrados! Este foi o maior triunfo que a Trombeta podia obter sobre essa indigna facção de miseraveis servís. Vede com que revoltante falsidade o acuzão de subversivo, e de chamador á revolta! acima disto ainda não chegou a impudencia humana. Então, ainda hesitareis em conhecer os fingidos liberaes de Lisboa? Ahi os tendes desmascarados de todo; olhai que hipocritas, e hediondos semblantes nos apresentão ao cahir-lhe as caretas! Não duvideis, são elles, são os mesmos que ainda hontem andavão a fazer o papel de Arauto, gritando a todas as esquínas: *Já somos livres, já temos Constituição, viva, vi-*

va a nossa Constituição, a nossa Constituição, e havia tal que ao proferir = Constituição = escarranchava huma bôca capaz de absorver hum Camelo. Pois são estes os liberaes da moda, que atordoados com o estrondo da Trombeta, gritão contra ella, a fim de verem se o trombeteiro se aterra, e suspende a sonora *marcha de retirada*, que tão plausivelmente está tocando: pois enganão se, porque a Trombeta não se cala, nem á testa de huma bateria de metralha, com morrões acezos. Desenganai-vos, servís, a vossa ambição hade ficar postergada; e o vosso novo Patrono não hade cumprir as promessas. Como quereis vós que a Constituição prossiga magestosa, e pura, se vós logo no principio lhe pondes estorvos desta natureza? Vós bem sabeis, porque não ha ninguem tão estupido, que ignore que esta nomeação de Miranda he illegal, mas como esperaes delle alguma lambuge, quereis illudir o Publico com sofismas abstractos, para levar a asneira avante.

Dizeis, metendo-vos a interpretes, que o Artigo 99 só tem por objecto excluir os Deputados Proprietarios dos empregos dados pelo Rei, evitar que elles sejão subornados, e alliciados pelo Poder Real, para que não possão trahir os interesses do Povo &c. Ah! meus podres sofistas, vós além de servís, ou sois muito estupidos, ou assentaes que toda a Nação o seja: pois esses mesmos inconvenientes não residem igualmente para com os Substitutos?! dizei, não he muito peor estar aquelle, que pode ser chamado a cada momento para advogar os interesses da sua Patria, subordinado, e afecto ao Poder Real, cuja magnificencia, intriga, e promessas o vão de antemão dispondo para apoiar as suas vistas, todas opostas ás nossas?! não sahe elle dalli hum perfeito Cortezão, em vez de hum integerrimo Legislador, e Patriota?! De mais, se a Constituição prohibe aos Deputados reelleitos, quando se escuzão, aceitar durante os primeiros 2 annos emprego algum do Rei, com quanta mais justiça se não hade vedar o mesmo aos Substitutos? pois aquelle, que já não he Deputado, não pode aceitar, e este que he Substituto pode?! Ah miseraveis interpretes da bugalhinha, calaivos, que não dizeis senão sandices! não passaes de facciozos impostores; e em quanto fôr essa a vossa moral, sois indignos do preciozo dom da Liberdade, e até do nome de homens livres!

A vossa accuzação contra o Supplemento, provoca a indignação, e o riso ao mesmo tempo. Aonde chama elle, nem directa, nem indirectamente os Povos á rebelião? dizei impostores? apontai me huma só palavra! Será em dizer; *oponhamos lhe huma barreira?* e então servís, igneraes que *barreira* he essa, ou passasteis em claro o resto da mesma linha, e a que se lhe segue, que diz: *Clamêmos ao nosso amavel Rei! &c.*

He tal o vosso desatino, que nem se vos devia responder. Emudecei, palidos satelites da tyrannia! ou vos atormentará de todo esses ouvidos:

(*O Trombeteiro.*)

Intruso fóra, e viva a Constituição!

Desde que apareceo a publico a infame denuncia do Porta-Bandeira do Rocio, duas couzas tem observado dignas de notar-se todos os habitantes desta Capital; e vem a ser: *Muito desgosto, e pouca vergonha!* Muito desgosto; nota-se em todos os verdadeiros amigos da Constituição e da honra; porque persuadidos estes até o infausto mez de Abril preterito, que na realidade haviamos mudado de systema, e que os calamitosos tempos do = eu quero, = havião sido destruidos até á raiz pelos de = a Lei o manda = engodados neste lisongeiro engano, hião já ensinando aos seus pecorruchos, esta suave doutrina logo depois do signal da Cruz: „ Meus filhos, os Portuguezes não são governados se não por „ hum livro, que se chama o livro da lei, „ isto he, a Constituição: dizei comigo „ meus filhos: Deus, e a Constituição. „ Assim os hião industriando nestes sanctos principios, e havia creança já tão matreira que para pexinchar algum bonito ao papá, lhe hia pela balda, papagueando: Papá, Deos, e a Constituição; o papá, babando de contente, afagava o menino, e em fim tudo hia caminhando ás mil maravilhas. Eis senão quando rebentão os desterros, e as perseguições, tudo se sobresalta, inquire-se, esquadrinha-se a causa, ninguem sabe nada, todos encolhem os hombros, e alguns dizem: Altos Juisos de Deos! porém os bons devotos começarão a desconfiar do santo, e a dizerem lá com os seus botões: *aqui há móca!... que diado he isto?...* Assim forão decorrendo os dias, entre a espectação e o receio, quando o

sempre memoravel dia 1.° de Junho vem rasgar o véo de alto abaixo, e apresentar a solução do problema, descubrindo-se huma = Horrorosa, Pavorosa (1) Luctuosa, Tenebrosa Conspiração! o Sacristão larga o Turibulo, agarra n'huma busina, arregaça a sutaina, dá a correr, rua abaixo, rua acima: " Descubrio-se a horrorosa, " prenderão-se os horriveis; escapamos de " boa! tudo tudo hia morrer! lagos de san- " gue, montões de cadaveres, horridas ca- " veiras, destampadas sepulturas, lugu- " bres acentos, copiosas lagrimas, ais, la- " mentos, tudo tudo prevenio o nosso sa- " pientissimo, e previdente Ministerio! já " já estão conhecidos, e bem seguros os " poderosos chefes da mais nefanda Cons- " piração!! Alpuim, Januario, e o seu " moço Manoel José!!!!! são os ímpios, os " crueis que nos tinhão á borda do sepul- " cro" !!! Aqui, todos ficárão de cara á banda, e a mastigar em seco; mas os machacases não engulirão a pillula, e forão dizendo pela surdina (2) *Isto he tramoia... aqui ha velhacada....*

Com effeito, pouco tardou, que a farçada se não descubrisre! Desenterrão-se os vivos, vem a Juizo, e transfigura-se a *Horrorosa* na mais tremenda maroteira, que o mundo tem visto! e para seu completo desfecho a Denuncia do encomendado!! Então os Papás, que tinhão ensinado a tal oraçãosinha aos filhos, partem a correr para caza, chamão os pequenos: *meus filhos mudou-se a oração! agora haveis de dizer: Deos no Ceo, e o Zé na terra! Constituição na idéa, e despotismo no espinhaço!* e ficárão de tal sorte descontentes, que agora não ha forças humanas, que os possão capacitar de que hão de ser governados só pela Lei.

Mas basta de ridiculo; lancemos huns olhos sevéros sobre a denuncia do Padre. Ella he tão pueril e despresivel, que patentea a miseravel cabeça do author. Mas o que ha de mais odioso, e abominavel em tudo isto, he vermos que o Ministro da Justiça authorisou muito de proposito ao Corregedor S. Paio para admitir, e lavrar judicialmente este infame documento! estes dois funccionarios, combinados ambos, concertarão o plano atroz, e repartirão os papeis do Drama. O Ministro da Justiça ficou com o preparatorio; o Corregedor S. Paio com o executorio. Fez então o Ministro espalhar listas de desafectos, que devião ser proscriptos, pela horda infame de seus espiões, e não hesitou em inserir nellas alguns de seus proprios amigos. Os homens honrados, que se virão maculados, temendo pela sua segurança, e ainda mais pela sua honra, assentárão que devião recorrer á origem de tudo isto, e forão apresentar-se ao Ministro da Justiça, queixando-se de verem seus nomes circular em listas de proscripções, e exigindo huma explicação sobre aquelle estranho modo de proceder.

Porém a constante resposta do Ministro a todos estes, foi: *se tem de que se acuse va já entender-se com o Corregedor S. Paio, a quem eu tenho authorisado para esse objecto*! Debalde lhe asseguravão, que nada sabião, nem de si, nem dos outros; que a sua conducta se achava irreprehensivel; porque a decisiva resposta, que todos poderão obter delle, foi esta: *faça o que lhe eu digo, e senão o fizer, ao depois não se queixe.* Com effeito, alguns pusilanimes seduzidos, e aterrados pelo Ministro, não duvidárão em hir a caza de S. Paio. Este dispunha-os logo por hum exordio aterrador, a dizerem alguma cousa de alguns, perguntando-lhes mesmo por certas pessoas; se lhe respondião, que não as conhecião, fazia-lhes instancias para que declarassem o que tinhão ouvido dizer dellas; chegando ao miseravel estremo de dar valor legal a expressões jocosas, entre as quaes mencionaremos esta, que até se acha no interrogatorio de hum dos prezos, a quem acuzárão de haver dito que: *Tudo hia mal, em quanto a lama não estivesse a quartinho o arratel*!!

Eis aqui como se arranjarão, e derão todas as denuncias, e tal foi a origem de toda a Conspiração, e de todos os terrores, com que se espantou huma Nação inteira, amante do socego, e da ordem; assim se atacou, e maculou a honra de muitos Cidadãos pacificos, e virtuosos, respeitados até nesses tempos de ferro, de despotismo, e de tirannia, segundo a frase dos modernos tirannos, que faltos de todos os sentimentos de brio, e de decencia, andão por essas ruas, sem o menor signal de vergonha, afrontando a publica indignação, e esquadrinhando talvez os meios de repetirem a mesma Scena, que ainda ha poucos dias derão ao publico! o que bem se conhece pelo seguinte facto.

---

(1) Mas não a de Bocage!...

(2) Bem aviados estavão elles se o Zé o soubesse! erão agregados á horrorosa, e enterrados!

Depois, que os prezos sahirão dos segredos, foi huma noute o Corregedor S. Paio á cadêa da Corte conferenciar com hum prezo, que alli se achava (sentenciado a degredo) J. A. F. de cuja conferencia resultou hir na noite seguinte o Escrivão do Rocio, Alves, e Alvaro Dias de Lima, Escrivão da rua Nova, buscar á cadêa o mencionado prezo, já depois da meia noite, e levarem-no em companhia de S. Paio, que o estava esperando na rua, a casa do Ministro da Justiça, onde o tiverão até depois das 4 horas da madrugada, em que tornou a ser entregue na cadêa. Sabe-se que isto foi trama, que ainda quizeião armar a Januario, e Alpuim; porque depois foi S. Paio á cadêa, saber se ainda estavão á sua ordem, e muito se afligio quando soube, que lhe havião posto cotas nos assentos, de terem passado para a ordem do Corregedor do crime da Corte, vendo transtornado o novo plano que traçarão, para substituir o primeiro, que já estava descuberto, e de que não esperavão bons resultados.

Eis-aqui como os Tyrannos tem trabalhado para sacrificarem innocentes victimas á sua ambição! mas felizmente de balde. Se na presente Legislatura as Soberanas Cortes não tomão hum sério conhecimento de toda esta detestavel conducta do Ministro da Justiça, e do Corregedor S. Paio, deve-se temer tudo pela segurança da Patria. Se estes dois Tyrannos não forem quanto antes punidos com todo o rigor das Leis!... quem sabe..... quem sabe.... por causa de hum só prevaricador tem por muitas vezes corrido com abundancia o sangue humano! Elle está ainda assentado no Ministerio, escarnecendo, e insultando a Nação! Ora queira Deos, que não custe muitas lagrimas, esta desavergonhada reincidencia!...

****

VARIEDADES.

Poesia.

Distingue-se nos Portuguezes hum dom natural para a poesia; entre a mesma gente rustica, tanto do campo como da cidade, ha este gosto de cantar, improvisando quadras, que muitas vezes sahem lindissimas. Os dias passados ouvimos nós estas a huma gentil castanheira, abanando ao seu fogareiro:

O meu bem chama-se Paio,
Tem por alcunha o bregeiro,
Encartou-se ha pouco tempo
No officio de Quadrilheiro.

Vai-te embora Paio podre
Vergonha dos teus Collegas,
Que nasceste p'ra agarrante
Em tuas acções não negas.

Lá vai, lá vai o bregeiro,
Todos lhe chamão assim;
Deitem-lhe lama na cára,
Chicote no *Belleguim.*

Ora quem não sabe a propriedade, a natureza, o xiste que ha nestas quadrinhas, não lhe pode dar o seu verdadeiro valor; mas fação como nós fizemos. Consultem todas as especies que ha de Paios, e onde acharem hum Paio ambulante, agarrante, tratante, oriundo de tripas &c. apliquem-lhas, e verão como encaixão, que nem.....

LISBOA: NA IMPRESSÃO LIBERAL. ANNO DE 1823. *Rua Formoza N° 42.*

DEZEMBRO 5. N.° 10.

A Trombeta escutai dos Luzitanos
E se rouca tocar . . . tremei Tyrannos!

O Trombeteiro.

A TROMBETA LUZITANA.

CAUSA PUBLICA.

Não ha proverbio mais certo do que este: *Perro velho não toma ensino.* Agora nos podemos desenganar de que nada fazem os publicos escriptos em combater a errada conducta de hum Ministerio teimoso em nos espesinhar, talvez na espectativa de ver até onde pode chegar a nossa paciencia! tem-se clamado em diferentes Periodicos, e por muitas vezes contra a má fé, e desordem dos correios; mas tem sido vozes no dezerto! muita gente se está queixando hoje, não só na Capital, mas pelas Provincias, de que humas vezes não recebem a sua regular correspondencia, outras a recebem correios atrazados, e outras finalmente lhe vem cartas abertas! isto não succede só a duas, ou trez pessoas, he a muitas; e se se querem desenganar, publiquem hum avizo para que todos os queixosos se acuzem, e então saberão o que vai. Nota-se no meio desta infame violencia, que todos os impressos que combatem os vicios e crimes do Ministerio, e que daqui se remetem para as Provincias, são abafados, ou aqui, ou no caminho. Nós já tinhamos ouvido queixar deste roubo a alguns Jornalistas; porém agora que nos toca pela pele, somos obrigados a declarar, que os ultimos dous correios recebemos cartas-fide-dignas de alguns de nossos correspondentes nas Provincias, que nos increpão amargamente de lhes faltar-mos com a nossa correspondencia, quando ella tem sido exacta todos os correios. Nós não podemos atribuir isto, se não a ordens expressas, que se tenhão passado para hum similhante fim; mesmo porque ainda ha pouco apareceu hum = Comunicado = no Campeão Lisbonense a favor do *Intruso*, declamando fortemente contra a circulação das folhas volantes, tratando-as de prejudiciaes, incendiarias, &c. ora que julgarão estes despotas? que os Periodistas da oposição se calão, e que só fica em campo o mentiroso e brejeiral Censor? não, elles não são agora tão camelos que se presuadão disso; mas como conhecem (e não se desenganão!) que só algum faccioso grutesco lê similhante papel, querem, vedando-lhe os outros, ver se põem o Publico na dura necessidade de ler o *pestilente* por excellencia; como se enganão; era quando todos, a não terem outro papel se agarravão antes ao = *Flos Sanctorum.* =

Desenganai-vos, despotas, que todo o escripto que clama contra vós, apregoando os vossos crimes, e patifarias, he lido e relido; o mesmo he entrar na loja do Livreiro que desaparecer, e quando ha poucos, andão de mão em mão, como as reliquias que vem de Roma. A opinião publica não se leva por mal, ella já vos conheceu, e por isso vos aborrece. Mas nós vos damos hum conselho de amigo: quereis vós dar garrote a todos os escriptos que vos atterrão, ou pelo menos condemna-los a capotes de arroz, e a Trombeta será a pri-

meira? na vossa mão está o remedio, ouvi: = Emendai a vossa conducta, e governai com a Lei na mão = nada ha mais facil; mas este conselho bem sei que não vos agrada; este não abraçaes vós; se fosse alguma denuncia!... oh! lá! isso então era dito e feito; pedia-se logo huma suspensão do = Habeas = e authorisava-se o novo Aleixo! mas para a insignificancia de abrir cartas; abafar Periodicos &c. isso até he indigno de vós, que sois superiores a essas bagatelas!...

Pois Senhores despotas, passamos a declarar-lhes agora mui seriamente, que se não dão promptas providencias para atalhar esta odiosa infracção da Lei! este attentado contra a Nação, vão ouvir huma tão terrivel Trombetada, como a que nos diz a Escriptura que ha de soar no dia do Juiso Final!

A Jocosa Anecdota.

Quando o ex-mudo Gervazio chegou prezo a esta Capital, andarão alguns façanhudos liberaes a gritar por essas praças, e botequins: (que são os seus gabinetes de literatura) bravo! bravo! chegou o Gervazio! agora sim! entrava hum destes Arautos em hum gabinete de licores repetindo com enthusiasmo a perlenga do dia, quando hum circunspecto Inglez, que estava dando ás tripas hum copioso banho de ponche, se voltou de meio perfil para o pregoeiro liberalão, e lhe disse na sua mixtiforica lingoagem! = oh! Senhore, mi stime muite estes grande cose; Gervaz stá postillon de bom notice! = não senhor, lhe respondeu o papelão, he hum prezo que vem da Bahia, remetido pelo nosso *grande Madeira*: " oh!, redarguio o Inglez, " stá grande fortune por Portugal, agore " non precize de mas nade, se não huma " vintem de juizo por liberaes" Dizem que o liberalão não gostara muito da reflexão do preopinante Inglez, a quem tachou logo de *corcunda*.

Com efeito causa lastima ver a alegria desmedida a que alguns estouvados se tem dado pela chegada do tal Gervazio? quem não soubesse o que era, julgaria pelo espalhafato, que algum comboi carregado de oiro tinha assomado pelos dominios dentro do Padre Tejo, para remir a divida publica, e rechear o thesoiro. Que o Carcereiro do Limoeiro, com seus esfaimados guardas, bebessem duas garrafas antecipadas, á custa do novo passaro que vinha para a gaiola, nada admiraria, porque esta boa gente gosta muito destes sucessos; mas homens que se intitulão liberaes e filantropos, (qne he hoje a palavrinha do dia,) regosijarem-se com a prizão, e desgraça de hum homem, he na verdade até onde pode chegar a falta daquelles dous atributos? juizo, juizo, que he a receita do Inglez.

LISBOA.

No dia 2 do corrente foi o novo Ministro da Guerra ao Congresso, para o informar, na conformidade da Constituição, do estado do Exercito, e do numero de tropas, que se acha na Capital, assim como nas immediações &c. Logo que assomou á porta da Sala das Sessões, o Senhor Deputado Manoel Aleixo Duarte Machado, se levantou, e opoz fortemente á nomeação, que S. M. havia feito naquelle Senhor Gonçalves, pelo plausivel e reconhecido motivo que todos sabemos, opinando que não devia ser admitido a entrar na Sala; e não sustentou esta opinião com palavras vagas, nem sofismas; foi com o artigo 99 da Constituição, que se pertende torcer á *virga férrea*.

O Illustre Deputado recebeu logo os custumados aplausos que recebem actualmente todos os verdadeiros amigos da Constituição?... á ordem.... á ordem.... á ordem. Se nós foramos Deputado tão bem gritariamos ao Sr. Manoel Aleixo, *a não estar na ordem, que se metesse nella.*

Resumo da Sessão deste dia.

Os Deputados das Provincias do Brasil, requererão as suas demissões, em virtude de se acharem dissidentes, e não estarem já authorisados para continuarem nas suas funcções. *Ficou para segunda Leitura*

Muitas indicações se fizerão a favor da viuva e filhos do defunto Fernandes Thomaz, para que lhes sejão dadas pensões pelo Estado. *Forão todas remetidas a huma Comissão nomeada ad hoc, a qual deverá dar o seu parecer com urgencia.*

A melhor de todas estas indicações, foi a do Senhor Pato, que propôz 3 dias de luto Nacional. Só notamos, que sendo

este Senhor tão liberal, o fosse tão pouco, para com o defunto Patriarca. Trez dias, principalmente agora no rigor do Inverno, não he nada. Hum anno andárão as Sr.as Romanas por Bruto; e então o defunto não mecerecia mais alguma cousa?

O *Ministro da Guerra (veremos)* foi fazer o seu Relatorio, na conformidade do artigo 92 da Constituição.

Nomeou-se a Comissão das Comissões, composta dos seguintes Membros: *Xavier Monteiro, Borges Carneiro, José Liberato, Soares Franco, e Pato Moniz.*

O Sr. Pinto de Magalhães fez a iniciativa de hum Projecto de Lei, para a responsabilidade dos Ministros. *Ficou sobre a meza para 2.ª leitura.* Acharão-se presentes 104 Deputados.

(Ficou vencido que de hoje em diante começassem as Sessões ás dez horas. Se he licito expender cada hum a sua opinião, a nossa he que a hora he demasiado temporan; principalmente neste tempo que as manhãas estão tão frias, a atmosfera humida, e crassa. He verdade que durando até á huma para as duas, ha tempo de sobejo; e *maxime* não havendo elle agora tamanha afluencia de negocios que exija maior demora!)

Reflexões adquadas ao tempo.

Mui identicas relações se encontrão entre huma Nação civilisada, e hum corpo animal; a organisação deste he em tudo bem similhante á daquella; as funcções de hum achão-se quazi em total harmonia com as da outra; neste he a cabeça que lhe inspira e determina a acção; naquella he o governo: aqui, o sangue circulando por todas as vêas, leva substancia e a vida a toda a parte; acolá o numerario em giro activo, leva a riqueza a todos os pontos; a falta, ou estagnação de hum, e do outro, produz iguaes efeitos em ambos.

Partindo deste infalivel principio, vemos que huma Nação não pode ser rica, e feliz no seu todo, quando a circulação do seu numerario se limita só a taes pontos, porque he a geral ramificação delle, que reanimando a parte, augmenta a vitalidade do todo.

Em huma provincia, por exemplo, onde ha escacez de numerico, o agricultor, e o artista, graduão unicamente o seu trabalho pelo estado de suas precisões; e como estas são poucas, tão bem o seu trabalho he pouco; a moleza, e o desleixo causados por esta privação, abafão todo o sentimento de actividade, e industria. A miseria que os oprime os afugenta do seu local, para hirem procurar a abundancia onde quer que a divisão; e por isso aquella parte que devia contribuir tão bem para a prosperidade do todo, desfalece, e em pouco tempo se torna esteril.

Eis-aqui precisamente o estado em que se acha Portugal, pela falta de circulação do seu numerario. Pode-se dizer com verdade, que elle se acha estagnado em dois unicos depositos: Lisboa, e Porto. Estas duas grandes Cidades, e muito principalmente a primeira, absorvem a si os quatro quintos da nossa moeda, por muitos e espaçosos canáes, que incessantemente lha conduzem. Lisboa, além das dependencias de huma Corte de innumeros tribunaes, de commercio, de fabricas, e de outras muitas dependencias com que atrahe a moeda de todas as partes do Reino, encerra alem disso dentro em si os mais ricos proprietarios que temos; taes são as muitas, e opulentas cazas dos nossos Fidalgos, cujas terras são pela maior parte nas provincias. Estas terras andão arrendadas, e todo o seu producto numerico corre de lá annualmente para Lisboa, donde se segue, que quantos vintens se podem por lá apurar, vem depositar-se a Lisboa donde não torna a reverter, pela falta de transacções entre a capital, e as provincias, as quaes em virtude desta falta, cada vez se vão defecando mais, e reduzindo a hum perfeito estado de penuria. A mocidade do campo, vendo a nenhuma recompensa de suas fadigas, deserta em grande numero todos os annos para Lisboa, atrahida pelos avultados jornaes, e as terras que seus braços havião de cultivar, ficão incultas, e reduzidas a mato, e silvas. Isto he huma desgraça tão palpavel nas provincias, que o viajante que por ellas passa, se magôa a cada momento de ver excellentes propriedades incultas, e velhos palacios arruinados.

Hum meio subsiste ainda, pelo qual o Congresso pode reanimar as provincias, e fazer prosperar a agricultura, e mesmo a industria; que vem a ser: Promulgando huma Lei, pela qual todos os grandes proprietarios residentes em Lisboa, mas cujas cazas existem nas provincias, sejão obrigados a residir huma parte do anno nas suas terras, que deve ser pelo menos ametade.

Isto parece duro á primeira vista, por coarctar a livre vontade do individuo; mas a Inglaterra, paiz da Liberdade bem regulada, tem esta Lei, em cuja observancia são exactissimos os grandes proprietarios, que pela maior parte compõem a classe da alta Nobreza; e he por isso que vemos aquelle paiz rico, e florescente por toda a parte, porque o seu dinheiro não circula só em Londres. Nós, na prezente miseria em que nos achamos, devemos fazer sacrificios; e não ha nenhuns tão suaves com aquelles que se fazem, para promover a publica prosperidade, da qual nos resulta sempre aquelle interesse particular, que constitue a felicidade geral.

He pois de esperar, que se o Congresso se resolver a tomar esta medida de tanta utilidade, os nossos ricos proprietarios hirão contentes habitar algum tempo os lares de seus maiores, e espalhar com benefica mão huma parte da sua riqueza por entre aquelles infelices, que á força de hum copioso suor, lhes estão arrancando essa mesma riqueza que possuem, do seio de suas terras. Elles verão então de suas janellas augmentar a sua lavoura, crescer as suas searas, multiplicar os seus gados, e por tanto crescerem as suas rendas.

Continuação das Variedades do numero antecedente.

Tão bem o Encomenda tem merecido a attenção do Parnaso, e feito esvoaçar as Musas galhofeiras. Ahi vai a traducção verso por verso, de hum Poema Turco, que veio de Constantinopla no fundo de huma ceira de Cús-cús; mas do qual se poderão aproveitar sómente as seguintes quadras:

Musa, ensina me a cantar
O Paulista encomendado
Primo carnal de Mahomet
Porta-Estandarte afamado!

Ensina-me como foi
Naquelle dia vistozo,
Servindo avante o cortejo
De Palhaço gracioso.

Relata-me como andava
Com a bandeira na mão,
Saltando assima das pedras,
De pedras o toleirão!

Conta-me tudo, não queiras
Occultar-me hum só sucesso;
Pinta-o Muza galhofeira
Do direito, e do avêsso.

Tu que o viste nesse dia
N'hum sendeiro escarranchado
C'hum trapo branco na mão,
E de gaiatos cercado;

Podes dizer que figura
Naquelle acto hia fazendo;
E como ás damas formozas
Ternas chufas foi dizendo.

Atribue-se á humidade dos Cús-cús a perda do resto do Poema, que na verdade se correspondesse ao *introito* devia ser peça famoza, e muito digna da risivel presonagem a quem o Turco o dedicava. Porem já consta, que hum delicado pincel está encarregado de lhe tributar hum quadro, que transmita á posteridade o retrato, e atributos de tão tremendo animal. Para hum dos N.os seguintes daremos huma ideia preciza do tal quadro; assim como hiremos dando á execução, pouco a pouco, diferentes peças de musica de novo gosto, compostas por curiosos habeis, que as vão extrahindo das Secretarias de Estado, e acomodando ao instrumento Trombetal.

AVIZO.

O P. Jozo Narcizo, ex-Paulista Encomendado, Conego in mente, Denunciante-mór, Porta-Bandeira do Rocio, Palhaço publico, e Primo carnal de Mafoma, por Mahamud 2.°, que Deus guarde &c. &c. &c. Faz saber que vai publicar a Chronica das suas sandices, espionagens, testemunhos falsos, falsas denuncias, maroteiras, e patifarias, para o que previne o respeitalvel publico, para que vá ajuntando lama, e óvos chocos para o receberem.

LISBOA: NA IMPRESSÃO LIBERAL. ANNO DE 1823. *Rua Formoza N° 42.*

DEZEMBRO 7. N.° 11.

A Trombeta escutai dos Luzitanos
E se rouca tocar . . . tremei Tyrannos!

O Trombeteiro.

A TROMBETA LUZITANA.

IMPARCIALIDADE, E CRITICA.

Todos os espectadores politicos da Capital, estavão na anciosa espectativa de vêr por onde nossa nova Legislatura encabeçava os seus trabalhos. A necessidade pública he tão grande, e as circunstancias tão apertadas, que parecia que hum objecto da maior transcendencia, hia fixar as primeiras attenções do Congresso. Porém, não sucedeo assim; porque a importante materia de que se occupou logo ao abrir das bocas, foi de dar que fazer a outras, propondo pensões do estado á viuva, e filhos do defunto Fernandes Thomaz. Ponhamos de parte todo o sentimento de partidos, e encaremos bem este negocio.

1.° Os authores das indicações estabelecerão como base essencial, para se votar a pensão, que F. T. fôra o Patriarca da nossa liberdade. Como se animarão os Indicadores a avançar huma similhante proposição? quem lhes assegurou a elles que F. T. possuio hum tal Patriarcado? não estaria ninguem no Congresso que se recordasse, que por muitas vezes se requereo na passada Legislatura, e até se chegou a nomear huma Commissão, para declarar, e classificar os *Benemeritos*, que commetterão o grande feito da Regeneração? constalhes a elles que apparecesse jámais essa declaração, ou classificação, a não ser hum *rol de roupa suja*, feito ao anzol por José Ferreira Borges? certamente não. Esse rol, não foi tomado em consideração pelo Congresso, nem nelle se fallou mais, porque realmente o não merecia. Esta gloria, tem sido atégora hum pomo da discordia, entre todos aquelles, que figurárão no dia 24 de Agosto. Antonio da Silveira, pertende arrogala a si; Cabreira diz que foi só elle; F. T. dizia que fôra o inventor; Ferreira Borges, e Silva Carvalho disputão antiguidade aos outros; o Major de Milicias do Porto, José de Sousa Pimentel quer ser hum dos primeiros; e em fim, até hum tal Tiburcio, quer ser cavalleiro antigo! ora agora advinhem lá quem he o Patriarca? nem se poderá saber se não por meio de documentos positivos; mas onde estão elles? isso he cousa que não ha. Por tanto, como quiz o Sr. Borges Carneiro, e outros colar o defunto n'hum beneficio que tinha tantos oppositores, e cada hum delles com igual juz? O Congresso, se obrasse com reflexão, não deveria por esta primeira causa aceitar as Indicações. Vejamos com tudo se devia pela:

2.ª *A Lei he igual para todos.* Por este principio de eterna Justiça, votada huma pensão Nacional á viuva de F. T., qual seria a rectidão e Justiça do Congresso, se a recusasse ás viuvas e filhos de todos aquelles que fizerão muitos, e distinctos serviços á Patria, e ao Rei? nenhuma certamente; nem isso seria de esperar de hum Congresso Legislativo, que deseja seguir o justo, e fazer a felicidade do todo; porque nem só F. T. fez serviços á Patria;

tem havido muito quem os fizesse, e que morrerão mais pobres do que elle, e deixarão mais numerosa familia; mas esses como já lá vão, não lembrão, nem importão: estes, como são do novo cunho, votem-se-lhe Pensões, Exequias, Mausoléos &c. Ora eis-aqui o que he marchar a olhos tapados pela estrada da Justiça! supponhamos mesmo que o Congresso, para não ser parcial, arbitrava o mesmo para as viuvas e filhos de todos os Regeneradores, que forem morrendo, assim como para outras: poderia isso pôr-se em prática? ninguem dirá que sim, sabendo a falta de recursos em que nos achamos, e com hum *deficit* annual de huns poucos milhões. Todas as rendas do Estado applicadas só a esse fim, de certo não erão bastantes.

Nós não somos, com tudo, de opinião que os serviços de F. T. fiquem em esquecimento, porque isso seria ingratidão; mas desejamos que o Congresso trate primeiro de satisfazer dividas sagradas, acudir ás necessidades públicas, e vêr de onde lhe ha de sahir o dinheiro para tudo isso. Então, depois de haver satisfeito a seus primeiros, e imprescritiveis deveres, dará recompensas a quem as merecer. Lembrem-se que hum chefe de familia, a quem a sua renda não chega para o sustentar, não dá pensões ás viuvas de seus creados, por maiores serviços que estes lhe houvessem feito; quando não ha, divida-se a falta por todos, e não viva bem hum, para huma duzia viver mal, este he que he o grande systema de governo.

Quer o Congresso praticar huma acção summamente honrosa para elle, e de muito proveito para a Nação; nós lha lembramos, dando-lhe huma certeza mathematica de merecer por ella os mais decizivos elogios de seus Constituintes: Decretem: Que todo o Deputado que faltar á Sessão, não vencerá a moeda no dia de falta: Que todo o Deputado cuja renda chegar a hum conto e seis centos mil réis, nada receberá do Estado: Que todo o Deputado, cuja caza fôr em Lisboa, nada receberá do Estado.

Já nos parece que os estamos ouvindo clamar: " Oh! então haviamos de estar ,, em Lisboa, a trabalhar para o Estado á ,, nossa custa? isso era o que faltava! ,, Pois nós lhes respondemos: He sim, meus Senhores, he o que lhes falta para serem verdadeiros amigos da Patria; porque nisso he que se conhece o desinteresse, e o patriotismo.

Nós devemos todos nas actuaes miseraveis circunstancias fazer sacrificios, e esse não he de muita importancia, por motivos bem claros. Que ajuda de custo se dá ao Jurado, que muitas vezes vai dahi humas poucas de legoas, para huma estalagem, e por muitos dias? nem hum copo d'agoa. Desenganem-se que os homens que querem ser livres, dedicão-se todos ao bem da sua Patria, e nunca hesitão em lhe fazer sacrificios. No Systema que vão seguindo, pódem estar certos todos os Senhores Deputados de que não fazem o menor sacrificio, e talvez serviço, nem á Patria em geral, nem áquelles que os constituirão; porque com hum bom salario todo o mundo quer ser Deputado; e de mais a mais em huma terra como Lisboa, onde ha bailes, theatros, passeios, e outros muitos divertimentos, de que o homem naturalmente gosta.

Esperamos por tanto, ouvillos brevemente mandar com *urgencia* lavrar este Decreto, que lhes hade grangear muito maior honra, que o da *urgente* pensão para a viuva de F. T.; e verão como sinceramente os applaude o Povo, que com esse brilhante exemplo, principiará tambem a fazer sacrificios da sua parte.

(*O Trombeteiro.*)

Resumo da Sessão de 4.

Acharão-se prezentes 106 Deputados, e faltarão 20. Lêo-se o Projecto de Lei para a extincção do Desembargo do Paço; *ficou para 2.ª leitura.* O Sr. Girão apresentou, e lêo hum = Regulamento para as provas do vinho do Douro, = concebido em 17 artigos, em que se estipula, que os Provadores serão eleitos pelas Camaras do paiz, e não poderão ser reeleitos se não passado hum anno; *mandou-se imprimir.* Lêo-se outro projecto de Lei para a extincção do Conselho da Fazenda; *ficou para 2.ª leitura.* Outra para se fazerem os registos das hypothecas; *idem.* O Sr. Secretario Felgueiras, declarou haver recebido hum officio do Ministro dos Negocios do Reino, participando-lhe que S. M. se havia dignado por seu Real Decreto da data de hoje, e na conformidade da Constituição, ordenar que S. M. a Rainha sahisse desta Corte para a sua caza de campo do Ramalhão, visto não estar resolvida a ju-

rar a Constituição, até se restabelecer o seu máo estado de saude, para poder sahir do Reino. Este officio acompanhava toda a correspondencia de SS. MM. sobre o objecto, assim como as deliberações do Conselho d'Estado, Portarias, votos em separado &c. *mandou-se passar o original a huma Comissão ad hoc, e se resolveu que fosse tudo impresso e publicado.* Outro projecto sobre pescarias; *para* 2.ª *leitura.* Dous projectos, hum para se fazer huma explicação ao artigo 16 da Constituição, e outro para a consolidação da divida publica; *ficarão para* 2.ª *leitura.*

NOSSO VOTO.

Com effeito estamos no mais fecundo tempo de acontecimentos notaveis, que certamente o mundo tem visto! He muito raro o mez que decorre sem que haja algum cazo extraordinario, ou em a nossa caza, ou por fora! De sorte, que podemos dizer com verdade, que temos visto mais em doze annos, que nossos pais, avós, e vis-avós virão em toda a sua vida!

Parece que estava decretado nesse misterioso livro das Sybilas, que os verdadeiros amigos da Regeneração Portugueza padecessem por cauza della. Antonio da Silveira, foi o que primeiro abrio a marcha; a elle tem-se seguido outros muitos; agora S. M. a Rainha, e daqui a dias quem será? Nós, apezar de não termos a honra de conhecer a S. M. nem de vista, o que debaixo de palavra de honra afiançamos, nem havermos até entrado jámais em hum palacio real, sabemos perfeitamente o modo de pensar de S. M., assim como a maior parte do Publico o sabe. S. M. até algum tempo depois da sua chegada a esta Capital, deu provas nada equivocas, de que muito estimava a nova ordem de cousas. Se a marcha dellas não ha correspondido a seus sinceros desejos, não he só a S. M. a quem isso tem acontecido; da immensa distancia do throno, até á officina do mais baixo artista, ha muito quem pense assim. Se S. M. não quer jurar a Constituição, he provavelmente por hum principio que está saltando aos olhos; que vem a ser: Não se haver ordenado na Constituição, que a Rainha preste juramento.

Se isso se havia de exigir, porque se não estabeleceu na Lei? será a pessoa de huma Rainha tão insignificante que não mereça fazer-se menção della na Lei Fundamental? se deve prestar o Juramento como Padroeira, não sabia o Congresso que S. M. era Donataria? e não era como Rainha e Donataria, que se devia prescrever o modo solemne de seu Juramento? isto, não só foi hum esquecimento imperdoavel do Congresso Constituinte, mas até huma reconhecida falta de delicadeza. Logo não he S. M. quem falta, foi o Congreso. Hão de achar muitos destes tropeços todos os dias, que farão dizer aos entendedores da materia: *E gastarão* 21 *mezes!!!*

Parece-nos que já ouvimos os grutescos e facciosos: *He corcunda*! Mas nós, despresando esses miseraveis, vamos caminhando impavidos pela estrada larga da imparcialidade, direito como huma recta. Declaramos, que seremos constantes defensores de S. M. A Rainha em quanto for arguida injustamente, ou perseguida.

LITERATURA.

Nem todos os que leem se recordão, passados tempos, daquillo que lerão; huns por falta de memoria, e outros pela multiplicação de idéas, que provém de huma assidua leitura. Em huma das poucas horas de nosso desenfado, nos cahio casualmente debaixo da mão, hum volume das obras de Pigault-le Brun; era o 2.° tomo do galantissimo *Menino do Entrudo.* (L' Enfant du Carnaval) Ainda que ha tempos, (em nossa juventude) tivessemos lido as aventura daquelle rapasinho, não estavamos muito ao alcance de algumas de suas mais espirituosas particularidades. Abrimos, e onde havia o destino de nos levar os dedos? precisamente ao capitulo 9, que se intitula assim = os retratos da moda = O' lá, retratos da moda! dissemos para os nossos botões, aqui ha de haver cousa boa; quem sabe se eu darei por aqui com a *vera efigies* de alguns medalhões do tempo? vamos a ver. Puchamos cadeira, tomamos a nossa pitada, e atravessando as cangalhas no nariz, principiamos a ler o que se segue:

Os Retratos da Moda

Não reconheci Pariz (1). Nada de equi-

(1) Quem falla he o tal *Rapaz do Entrudo*, fazendo a descripção do estado em

pagens, de luxo, de industria, nem de alegria. Palacios devastados, as ortigas, e o musgo crescendo por dentro das lojas; a tristeza impressa em todos os olhos, e a inquietação em todos os corações! Principes, vagando esfarrapados pelas ruas: Duquezas e Marquezas, em chambres pelo meio das praças. O meu alfaiate estava Inspector de remontas; o meu cabelleireiro era fornecedor dos Exercitos; o meu taberneiro general, e o meu carniceiro Legisdor! toda a França jogava *á lá toilette-madame*: toda a gente havia mudado de condição.

Eu lia por toda a parte, em grandes caracteres: *igualdade ou morte*, e ninguem queria ser igual do seu vizinho. O empregado publico, já não reconhecia por seu igual aquem o havia elegido; o recem-rico despresava o miseravel, a quem havia despojado; cada qual conhecia inteiramente que não era igual daquelle, que podia degolallo em nome da igualdade; em quanto a mim, estava bem convencido de que hum anão (2) não he igual de hum gigante, nem hum tolo, de Collin, nem hum caiador, de David. A igualdade só existia pelas paredes, quando o seu lugar he nos tribunaes.

A bandeira tricolor flutuava em todas as janellas; o que com tudo não impedia a nação de se apoderar da casa, quando tinha necessidade disso.

O laço havia sido até então hum signal de reunião, e todos os partidos o trazião. Quando todos o trazem, he o mesmo que se ninguem o trouxesse.

Os personagens do dia tinhão julgado a proposito, de se assimilharem aos homens grandes da antiguidade. Despresarão os nomes comuns, como *Antonio, Guilherme* ou *Bonifacio*; erão, Aristides, Decius, Catões, Brutos, &c. e estes sugeitos assimilhavão-se tanto aos seus novos patronos, como o *Rei Theodoro* a *Gengis-Kan*. A senhora Decius, e a senhora Catão, ex-lavadeiras de meias de seda, (3) ou de canudos de caximbo, occultavão os seus saiotes vermelhos, debaixo de finas cambraias, e varrião as ruas com guarnições de renda. Hoje andão de anneis em todos os dedos, que lavão regularmente todos os dias; aprendem a ler por livros dourados, e só escreverem em papel imperial. D'antes dizião: *ce n'est pas á moi*; agora dizem: *ce n'est poins á vous*, o que he muito mais doce ao ouvido. Por ora ainda se não atrevem a andar de carruagem; mas principião a dar caião em sua crassa baptismal.

Grandes genios fizerão pequenas comedias, em hum, dous, e trez actos, para provarem gramaticalmente ao publico, que *tu* he singular, e *vós* plural; que hum homem he *tu* (4) e não *vós*, e o mais he que o publico achou esta idéa muito engenhosa. A Convenção Nacional, que hum dia tinha pouco que fazer, convidou todos os bons Francezes a não se tratarem mais por *vós* (5), e a contentarem-se com hum *tu*. *Tu*, até li, tinha sua gracinha quando se dava a huma *bella*, que se dignava de o retribuir. Em fim, o *tu*, passou dos toucadores á tribuna, ás administrações, e aos tribunáes. Em todas as secretarias, ao entrar da porta, lião-se estas palavras: *Aqui todos se tratão por tu*; mas o empregado dizia, *Faça favor de fechar a porta*.

Até qui não havia senão ridiculos, e ridiculos não são perigosos. Mas a ignorancia, o máo gosto, a perversidade, a crueldade mais atroz, tãobem entrárão em moda. O coração repugna-se, estremece de horror ao recordar-se destes excessos; a penna recusa-se a escrevellos. Principiou-se por declarar guerra ás artes. Acentou-se que o *Misantropo*, a *Metromania*, o *Telinto de Moliere*, e o *Velho Celibatario*, erão obras anti-civicas, porque nellas entrão Condes, Marquezes, vestidos bordados, e muito mais, porque se não tratão por *tu*.

(*Continuar-se-ha.*)

---

que achou Pariz, donde havia sahido antes da época fatal da Revolução.

(2) Não sendo o dos assobios; por que esse equivale a hum gigantão, pelas suas gaitadas.

(3) *Victor serio*, leitor maganão, não apliques tanto ao pé da letra.....

(4) Cá reduzio-se isso á simplicidade de Excellencia.

(5) E aquelle maldito banco do ferrador de Vizeu, e as cazacas bordadas, não prestão?... e os trez dias de lucto he barro?..... e a urgente urgencia a favor da viuva, he nada?....

LISBOA: NA IMPRESSÃO LIBERAL. ANNO DE 1823. *Rua Formoza N° 42.*

DEZEMBRO 10. N.° 12.

A Trombeta escutai dos Luzitanos
E se rouca tocar . . . tremei Tyrannos!

O Trombeteiro.

A TROMBETA LUZITANIA.

Prespectiva Peninsular.

A invazão dos exercitos do Conquistador da Europa na Peninsula, em 1807, veio fazer huma revolução politica no genio e caracter de seus habitantes. Huma indolencia, que mais devia attribuir-se ao seu mesquinho estado de civilisação, que ao seu systema de governo, nos fazia crêr até li, que estes Povos se interessavão menos na sua dignidade e grandeza, que nos prejuizos de huma cega obediencia a hum systema governativo, que nasceo no meio das trevas, e filho dos imperiosos acontecimentos dos passados seculos (1). A Peninsula, parecia mostrar huma perfeita ignorancia de todos os principios de Direito Público, e das Gentes; seus usos, seus costumes, huma ferocidade, quasi natural, tudo nos levava a crêr que a civilisação seria por muito tempo inacessivel aos seus habitadores.

A Hespanha, ainda que lemitrofe da França, poucas, ou nenhumas vantagens havia recolhido do commercio ideal com seus vizinhos. Parecia que o espirito d'além dos Pyrineos, não podia ultrapassar aquellas montanhas, para falar ao coração dos Povos, que ainda se recordavão saudosos do imperio de Carlos V. A revolução de 1792 não pôde produzir nelles outro effeito mais que o do pavor, e da indignação. Espectadores tranquillos do maior dos acontecimentos da Europa, parecia que estavão a mais de mil legoas daquelles, de quem huma montanha os separava. Debalde se esforçárão os Francezes, durante o enthusiasmo de sua revolução, em fazer interessar seus vizinhos na mesma causa. O tempo não era ainda proprio, e esta empreza estava reservada para huma época clamitosa.

O Conquistador inundou com seus exercitos a Hespanha, arrebatou-lhe a familia Real, e decretou a sua extincção, para cujo acto contribuio bastante aquella mesma familia. Foi então que a Hespanha sahio do seu lethargo, e reconheceo o deploravel estado a que hum governo imbecil, e improprio do tempo, a havia deixado chegar. O Principe da paz primeiro motor dos fataes acontecimentos havia sido até então o verdadeiro Rei de Hespanha, pois que só á sua vontade se resolvião os mais importantes negocios do Estado. Em fim, os Hespanhoes abrirão os olhos, e reconhecerão, mesmo no calor da profiosa contenda, que sustentavão com hum inimigo poderoso, que a todo o custo os queira subjugar, que já não era compativel o velho, arbitrario governo, com o imperio das prezentes circunstancias; e no meio do estrondo dos canhões formárão huma Constituição livre. Duas forão as causas que a isso os obrigarão: O aborrecimento a hum governo que os havia sacrificado, e a necessidade de

(1) Desde o tempo da expulsão dos barbaros, até depois da criação do Direito Feudal.

chamar os povos a hum centro commum de resistencia.

A Constituição pareceo pois filha da conjunctura. Os Povos empenhados na sua defeza, pouco se interessavão por ella, e a unica palavra de Constituição lhes parecia huma quimera que o tempo exigia. Tal era o estado de civilisação, e o imperio dos prejuizos. A guerra devia terminar; e seria então que todos os olhos se voltassem para a obra dos Legisladores de Cadiz. Ella começou logo á passar por sinistras interpretações; e os Hespanhoes mais credulos na doutrina de seus numerosos frades, que nas maximas de seus poucos filosofos, depressa a encarárão com desprezo. A prezença do Rei, que voltava do seu captiveiro, foi bastante para a destruir; mas foi então que ella principiou a arreigar-se nos corações, onde não havia ainda produzido effeito algum.

A perseguição preparou-lhe hum throno, e atiçou os desejos. A Hespanha sentio de novo o enorme pezo de hum despotismo barbaro, que Fernando, desde os primeiros dias de seu reinado, sobre ella começou a exercer. Os espiritos irritarão-se, e encarárão a Constituição como a unica taboa que podia salvallos da impia mão de hum tyranno. Os cadafalsos, e os martyrios não os atterrarão; porque o espirito da liberdade, reanimado por elles, já exercia huma força moral mais poderosa, do que aquella que sustentava ainda os demagogos da Tyrannia. Os altivos Castelhanos não hesitarão; metterão hombros á empreza, o volcão rebentou, e a Constituição surgio magestosa do seio de suas ruinas. Toda a Hespanha sacudio o cólo, e recebeo com enthusiasmo áquella mesma Lei, que pouco tempo antes olhara com indifferença, mas que a sanguinaria conducta de seu governo lhe fez ardentemente dezejar.

Portugal, por sua situação topografica, e politica, não podia vêr com indifferença aquelle acontecimento. O seu Rei, ausente ha quatorze annos, havia estabelecido a sua sede do imperio no Brazil, e nenhumas esperanças lhe dava a sua volta. Huma delegação quimerica de seu poder o governava, debaixo de huma aborrecida preponderancia estrangeira, que de dia em dia augmentava o duro estado de seus padecimentos. Hera necessario hum remedio, e adoptar huma sabia medida, que podesse oppôr-se á torrente que o arrastrava. A occasião foi oportuna, apresentou-lhe os meios, e o choque fez-se sentir, não com a presteza da electricidade, como era de esperar, mas com o intervallo de pouco mais de sete mezes.

A magestosa harmonia com que este melindroso successo se passou, he só por si bastante para justificar a união de vontades, e a necessidade delle. Todos os animos se dispozerão de boa vontade a receber huma nova organisação de governo; que parecia afiançar-lhe huma suspenção da pública decadencia, e prometter-lhe hum regimen politico adquado ao genio do seculo.

A resurgida Constituição de Hespanha, era hum prospecto theorico, que se hia entregar á experiencia, e só o tempo a poderia qualificar; porém ella já tinha adoradores, e a crize não permittia analyses nem modificações. Portugal não se via compremido pelas mesmas circunstancias; o seu Rei estava ausente, e ninguem o assustava. Podia escolher o methodo mais analogo aos seus desejos, porque ninguem lho contrariava; e a Junta Provisional, animada, ao menos na apparencia, do desejo de acertar, consultou a opinião pública, sobre o systema de convocar novas Cortes. Ella cahio com tudo no erro palpavel de não manifestar á Nação a maioria das opiniões; pois que só deste modo poderia manifestar a pureza de seu proceder. O prezente systema foi adoptado por ella, e as Cortes assim installadas. *(Continuar-se-ha.)*

CORTES.

REZUMO DAS SESSÕES 5 E 6.

Sessão de 5.

Acharão-se presentes 105 Deputados, e faltarão 21. O Senhor Domingos da Conceição apresentou hum requerimento assignado por 125 moradores de Angeja, em que se queixão dos grandes salarios, que lhes leva o Juiz de Fóra, para execução do Decreto dos Foráes, propondo que antes querem pagar pela antiga fórma, que supportar as actuaes extorções; *foi á respectiva Commissão.* O Senhor Pato Moniz, fez huma Indicação para que os 10 facultativos, que attestarão que a molestia de S. Magestade a Rainha, era perigosa, e a impossibilitava de sahir do Reino, *lhe fação circulo no Ramalhão, em quanto lá se achar, e a acompanhem para fóra do Rei-*

no, quando partir; *ficou para* 2.ª *leitura.* O Senhor Soares Franco, apresentou por parte da Commissão das Commissões, dois projectos de Lei, com urgencia: o primeiro sobre mendigos, o segundo sobre a organisação dos Cemiterios, *para* 2.ª *leitura.* O Senhor Silva Peixoto, fez huma Indicação para se conceder huma amnystia por opiniões politicas: *para* 2.ª *leitura.* O Senhor Franzini, requereo que a Commissão da Fazenda desse o seu Parecer sobre o pagamento do quarto quartel aos empregados públicos: *assim se decidio.* O Senhor João Victorino fez huma Indicação por artigos, para que se mande concertar as estradas: *para* 2.ª *leitura.* O Senhor Serpa Pinto requereo, que se peção ao Governo instrucções sobre o estado de relações em que nos achamos com as Potencias Estrangeiras: *reportou-se a huma* Indicação do Senhor Pinto de Magalhães, em que requer que todos os Ministros de Estado vão informar o Congresso do estado dos Negocios de suas repartições. O Senhor Pereira do Carmo fez huma Indicação, para que se ordene ao Governo, que peça á Academia Real das Sciencias a Collecção das antigas Cortes: *mandou-se cumprir.*

Sessão de 6.

Acharão-se presentes 104 Deputados, e faltarão 22. Receberão-se noticias officiaes do Maranhão, que está em perfeito socego. O Senhor Bandeira, Deputado pela Bahia pedio a sua demissão, ou licença indefenida, para tratar da sua saude; *foi á Commissão competente.* O Senhor Bittencourt lêo hum parecer da Commissão, em quatro artigos, pelo qual se propõem, que o Estado mande fazer hum funeral ao defunto F. T. erigir-lhe hum mausoléo, e dar á sua viuva a pensão annual de hum conto de réis, e a cada filho quinhentos mil réis, recommendando-os ao patrocinio do Governo; *depois de renhida discussão, mandou-se imprimir.* O Senhor Campos offereceo, e lêo hum Programma em 6 artigos condicionaes, para se votar hum premio a quem aprezentar hum Codigo commercial; *ficou para* 2.ª *leitura.* Outro do mesmo author, para a redução de pezos, e medidas: *passou á competente Commissão.* Outro parecer, para que a Camara de Lisboa tome posse; *foi approvado.* Indicação para se prehencher a Representação Nacional; *foi admittida á discussão.* Outra do Senhor Pessanha para o Congresso dar as bazes de accusação ao tribunal, contra Gervazio!! *não teve resultado.*

Outra sobre a colecta das cavalgaduras, *ficou para* 2.ª *leitura.* Hum projecto de Decreto para se organisar, e prehencher o exercito, em toda a sua força; *ficou para* 2.ª *leitura.* Outra para a reforma, e novo regulamento das milicias; *idem.* Indicação para se dar hum premio Nacional, ao general Madeira; *idem.* Outro projecto para se regularem os vencimentos, e tratamentos dos membros e officiaes da Secretaria da Regencia do Brazil; *foi admittido á discussão.* Indicação sobre a agricultura do Além-Téjo; *para* 2.ª *leitura.* Hum parecer admittindo a escusa que pede Antonio Gomes Ribeiro; *houve grande discussão, e ficou addiado para a seguinte Sessão.*

A Indicação do Sr. Pessanha.

Depois de hum preambulo accusatorio, apresentou o Sr. Pessanha este Projecto de Decreto:

Art. 1.° Tem lugar a formação da causa contra Gervazio Pires Ferreira; pelos seguintes factos: 1.° Porque fez retirar de Pernambuco a Tropa Europea, mandada para ali pelas Cortes, e por El-Rei, desobedecendo expressamente áquelas Soberanas ordens, e dando origem á anarquia, que desde esse momento não tem deixado de assolar aquella Provincia. 2.° Porque assignou o termo de Vereação da Camara do Recife, do 1.° de Junho do corrente anno, pelo qual se declara a independencia do Poder Executivo no Brazil, na pessoa do Principe D. Pedro. 3.° Porque sendo Presidente de hum governo, que dependia immediatamente das Cortes, e de El-Rei, deo ordem para a eleição dos chamados Deputados do Brazil, uzurpando por hum similhante acto as prerogativas de Soberano. 4.° Porque recusou passar passaportes a navios destinados para a Bahia, declarando rebelde aquella cidade, reputada fiel pelas Cortes, e por El-Rei. 5.° Porque tendo o governo do Rio de Janeiro declarado guerra a Portugal, e por isso estando em manifesta rebellião e hostilidade, o dito Gervazio fugira incontestavelmente para os ditos rebeldes.

Art. 2.° Remetter-se-hão ao governo todos os papeis que se acharem na Secretaria das Cortes, relativos a Gervazio Pires,

ordenando-se-lhe que com os papeis da mesma natureza, que tiver em seu poder, os faça passar ao Juizo, que he declarado competente pelo prezente decreto.

Art. 3.° A Casa da Supplicação de Lisboa he declarada Juizo competente para a mesma causa.

Art. 4.° Verificados que sejão os factos de que he arguido Gervazio Pires, são-lhe applicaveis as penas dos §§ 2.° 3.° e 5.° do Tit. 5.° da Ordenação do Reino, com as modificações do § 11 da Constituição.

Na verdade isto parece mais hum sonho, que hum facto! que tal seria o Congresso Legislador dos Portuguezes, se o todo fôra composto de tão rectos membros, como o Sr. Pessanha?! O Sr. Pessanha, quando organisou, e aprezentou este Decreto ao Congresso, de certo se esqueceo de tudo quanto o Congresso Constituinte Legislou! mas he forte esquecimento! sim, nós para salvarmos a reputação do Sr. Pessanha, não o podemos attribuir a outra cousa. Pois o Poder Legislativo, a quem se designou huma orbita de que lhe he vedado sahir, queria o Sr. Pessanha instituillo em Promomotor de Justiça? O Poder Legislativo formar a culpa a hum réo, aprezentalla ao tribunal, que lhe designa, e insinuar-lhe a Sentença?! O Poder Legislativo Decretar ao tribunal a condemnação de hum réo?! O Poder Legislativo designar a Lei, e o artigo por onde o réo ha de ser julgado?! Oh! Deos de mizericordia! bem o dissemos nós, em nosso passado N.° que o tempo estava fecundissimo em acontecimentos raros! no Congresso tem entrado muito Deputado mudo; mas que respeitavel papel não fizerão elles, á vista do Sr. Pessanha? Temos suma pena de não nos havermos achado presente ao Congresso naquelle dia, para espreitarmos os semblantes de alguns membros, que de certo havião de estar risonhos, á leitura daquelle projecto de Decreto! mas o peor ainda não foi isso, foi dar o Sr. Pessanha huma muito má idéa do seu coração; porque todos sabem as particularidades que tem havido entre este Sr., e o tal Gervazio, quando Prezidente da Junta de Pernambuco; o que denota huma positiva inclinação para a vingança! e isto em hum Legislador he indesculpavel. Se lhe escorrega mais hum pé, tinha-mo-lo com mais hum artigo no Decreto, pedindo ao Congresso a authoridade de elle mesmo sentenciar, isto he, proferir o Acordão, porque a sentença já está no Decreto! Ficamos certos de que o Sr. Pessanha ha de ter cahido em si, e reconhecido seu erro; do que resultará não tornar mais para o futuro a aprezentar iguaes projectos no Congresso.

Indicação do Sr. Pato.

Ainda outra raridade. O Senhor Pato fez huma Indicação, para que os dez facultativos, que asseverarão o melindroso estado da saude de S. Magestade a Rainha, lhe fizessem circulo no Ramalhão, devendo acompanha-La para fóra dos dominios Portuguezes, quando sua sahida se effeituasse. Ora com effeito, não ha ninguem mais escrupuloso, que o Senhor Pato! Pois não bastava, que S. Magestade sahisse, senão tambem os seus Medicos! O Senhor Pato, certamente se persuadio de que a molestia de S. Magestade era febre amarella, que se poderia ter communicado aos doutores! valha-o Deos Senhor Pato! Aonde veria este Senhor Pato o Decreto de desnaturalisação, e desauctoração de S. Magestade, para Lhe chamar = ex-Rainha? = de duas huma, ou o Congresso o decretou sem ninguem saber, ou foi o Senhor Pato, que decretou de sua authoridade individual; e como nada se saiba na primeira hypothese, não ha remedio senão estar pela segunda. Talvez que o Senhor Pato não saiba, que o artigo da Constituição, que manda sahir do Reino, e desnaturalisar todo o Cidadão Portuguez, que não quizer jurar a Constituição, se não póde entender com S. Magestade, sem que os Povos para isso authorisem os seus Representantes expressamente. O Senhor Pato está muito certo naquelle artigo, mas faz que se não lembra do essencial, que tem por base de todo o novo systema, que adoptamos, a = Garantia da Familia Real = este passou-lhe pela malha.

Se nós conheceramos o Senhor Pato, dir-lhe-himos como amigo: " Senhor Pa-
,, to; o Representante de hum Povo de-
,, ve ser mais circunspecto, e pezar com
,, mais prudencia as suas públicas expres-
,, sões. ,,

LISBOA: NA IMPRESSÃO LIBERAL. ANNO DE 1823. *Rua Formoza N° 42.*

DEZEMBRO 12 N.º 13

A Trombeta escutai dos Luzitanos,
E se rouca tocar... tremei Tyrannos!

O Trombeteiro.

A TROMBETA LUZITANA.

PRESPECTIVA PENINSULAR.

(Continuado do N.º antecedente.)

Ambas as Potencias Peninsulares receberão pois huma nova forma de governo, cuja analogia, e reciprocidades, parecem tendentes a formar hum só Povo, huma só familia. A natureza, que não estabeleceu limites locaes entre estas duas Nações, não se esqueceu com tudo de lhos prescrever em em seus genios. Sempre dissidentes, sempre inimigas, só o perigo as ha podido reunir. Parece pois que suas novas Constituições, tão iguaes entre si, deverião reprehender a natureza, e emendar a sua falta. Esta obra, que he só do tempo, a completar-se, seria admiravel, e a Peninsula regulada pela mesma Lei, representaria na Europa aquelle primeiro papel, que he dado ás mais poderosas Nações continentáes. Porém ellas sempre vigilantes, não deixarão de pôr em ação todos aquelles recursos, de que huma astuta politica pode servir-se para frustrar huma tal empreza, a qual, para effeituar-se, demanda objectos da maior importancia, que passamos a indagar se actualmente existem.

O primeiro destes he a uniformidade de vontades. E existe ella na Peninsula? Certamente não. A Hespanha, que deveria ser a primeira a dar o exemplo desta uniformidade acha-se entre si mesma dissidente. A actual Constituição, que parecia ao principio ser o objecto de seus votos, tem dividido as opiniões, e fomentado os partidos. Estes ousarão declarar-se abertamente, e as hostilidades estão travadas. Os povos de além do Ebro, ou naturalmente opostos ao novo Systema, ou instigados por huma Potencia visinha, não duvidárão rebelar-se, e continuados relatorios de batalhas, nos manifestão evidentemente, que a guerra civil se acha arreigada naquelle Paiz. Outro estorvo, talvez maior, se opõem ao progresso da nova ordem politica = os inimigos occultos. As prematuras reformas, em huma classe, a mais poderosa da Hespanha, devia produzir efeitos terriveis, e que mesmo de ante-mão deverião ser calculados. Ella os produsio depressa, e suspendelos já não pode ser obra de quem os motivou; a desconfiança entranhou-se nos corações, e arrancar-lha pertence a outras mãos. Demonstrado se acha pois com evidencia, que este primeiro objecto não existe.

O segundo, consiste em huma respeitavel força militar, capaz de opor-se a qualquer invasão estrangeira. E existe ella actualmente? A força militar da Peninsula, acha-se redusida ao mais diminuto numero a que pode ser levada no meio de huma paz dormente. Os seus Arcenaes estão vasios, e os seus cofres esgotados. Como poderá neste estado levantar-se hum exercito poderoso, e no momento preciso das suas operações? Hum unico meio lho poderia facilitar, se os animos estivessem confor-

mes : = os sacrificios pecuniarios. Porém estes será impossivel obtelos, (*) não só pela geral escacez; mas tambem pela falta de vontade. Além de que a crise he tão delicada que não permite lançar novos impostos; Hum só seria hoje bastante para motivar huma geral comoção, e atrahir novos inimigos. A classe comerciante, unica que poderia fornecer subsidios de maior importancia, acha-se arruinada pelas enormes perdas, que tem padecido, e seu diminuto comercio suspenso. Os exercitos da Peninsula, não poderão por tanto subir ao gráo necessario, a que devem elevar-se instantaneamente.

O terceiro objecto, he de huma importante atenção, era de pôr em actividade todo o manejo da Politica para com as Nações poderosas, a fim de as indusir a reconhecer o novo Systema Peninsular. Esta seria huma reconhecida vantagem para aterrar seus inimigos, e o consolidar; porque só então morrerião todas as esperanças de huma irrupção fatal; e os espiritos principiarião a conformar-se, pouco e pouco, com a necessidade das reformas, e a dar apreço ás doçuras da liberdade. Porém este meio, ou tem sido despresado, ou não aparece quem dignamente se encarregue de tão importante comissão.

He talvez em virtude desta falta, que a Peninsula se acha hoje fazendo huma parte separada da Europa, sem representação politica entre as Potencias fortes. Ligadas entre si, por tratados reciprocos estas Potencias se reunem em Congresso para deliberarem sobre os destinos Peninsulares; em quanto a mesma Peninsula entregue a huma indiferente espectativa, não toma o assento, que lhe competia naquelle Congresso, e vê correr a sua propria causa á revelia, sem ter a seu favor hum apoio, nem hum mediador. Tal he sua situação politica, na presente crise.

A França unica Potencia que podia servir de mediadora, tem desde principio evidenciado suas intenções. Ella não pode sem hum sensivel temor ver prosperar a liberdade Peninsular. As suas passadas desgraças, achão-se ainda presentes á sua idéa debaixo de medonhos caracteres, e por isso empenhada em garantir a todo o custo a sua tranquilidade, não tem poupado meios occultos para a destruir; em quanto agora debaixo de outro aspecto, maneja a suspirada declaração da guerra. A protecção, e socorros, que tem dado aos insurrecionados de Hespanha, lhe vão diariamente atrahindo partidistas, e quando os sucessos não corresponderem a seus desejos, ella não hesitará em fazer passar as suas avançadas para cá dos Pirineos, debaixo de especiosos pretextos. A Hespanha não tem huma força necessaria em aquelas paragens, para obstar a este passo, que de mais será favorecido pelos habitantes do Paiz. O Governo Hespanhol, acha-se por tanto na terrivel conjunctura de combater partidos internos, e de resistir a inimigos poderosos. Se estes chegão a entrar, então os partidos se declararão abertamente, e exercitos estrangeiros serão engrossados por elles.

Quando esta tempestade se está formando, e as Potencias poderosas reunidas a ponto de deliberarem, achão-se os dous Governos Peninsulares fazendo cauza quasi separada, sem unidade, e sem acção, exaustos de recursos, e empenhados ao mesmo tempo em sustentar a obediencia de suas rebeladas colonias da America. Apathicamente confiados na justiça da sua cauza, hum só exforço energico não hão tentado os 2 Governos, para de commum acordo oporem huma barreira á iminente ruina que os ameaça. Debalde intentarão no momento do perigo emendar o seu erro; já não será tempo; tudo se lhes negará, e seus maiores exforços não produzirão effeito. Ha hum anno, que os dois Governos se deverião ter ligado estreitamente, e estabelecido em huma atitude guerreira, capaz de os fazer respeitar, e sustentar em todo o cazo a sua independencia. A adopção desta medida, haveria frustrado os sinistros designios da França, e evitado, talvez a reunião do Congresso de Verona.

Se ainda he tempo, adoptem os Governos Peninsulares todo o passo energico, que a prudencia possa aconselhar; que a deliberação seja rapidamente executada, e que a de hum seja a do outro. Porem se o tempo já não he proprio, o unico remedio he tractar com o forte; entrar em negociação, e obter por huma amigavel, e bem entendida composição, o que seria incerto de alcançar pela via das armas. Os Povos Peninsulares, demaziado cançados por huma guerra porfiosa, e assoladôra, não abraçariao sem a mais decedida repugnancia

(*) Se cá entre nós senão tem podido obter o insignificante emprestimo de quatro milhões, para acudir ás urgencias publicas de primeira necessidade, como se acharião muitos mais milhões, que são necessarios para a organisação total do exercito?

huma nova guerra, que feita dentro em seu proprio paiz, lhe renovaria as assoladôras hostilidades da proxima passada, de que ainda hoje se não acha restabelecida. Tal he o presente estado da Peninsula.

(*O Trombeteiro.*)

Rezumo da Sessão de 7.

Acharão-se presentes 106 Deputados, e faltárão 20. Leo-se o expediente, que nada continha de notavel. Tomárão assento no Congresso os Deputados por Guimarães, Manoel Balthezar Mendes Leite, e Francisco Xavier Leite Lobo. Foi aceite a escuza do Deputado elleito por Guimarães, Antonio Gomes Ribeiro. Concederão-se 15 dias de licença aos Deputados Domingos Borges de Barros, e Manoel Felipe Gonsalves. Aprovou-se o diploma do Deputado por Bragança, Domingos Alves Gato, e tomou assento. Hum requerimento dos Povos de Tavira, para levantarem duas lapides Constitucionaes. *Aprovado.* Hum projecto de Decreto para introducção de gado vacum a requerimento da Camara de Evora. *Para 2.ª leitura.* Outro sobre cortumes. *Idem.* Lerão-se varios Pareceres, que não tiverão efeito.

Desmascarou-se o Homem.

Agora verão todos os Portuguezes, hum pouco incredulos, a justiça, e a verdade com que os verdadeiros amigos da liberdade Constitucional, hão elevado seus continuados clamores, contra o Ministro da Justiça, qualificando-o de = *despota, de immoral, e de tyranno.* Este teimoso inimigo da nossa liberdade, acaba de tirar a diáfana mascara, com que occultava seu aspecto perfido, e traidor, fazendo ao Soberano Corpo Legislativo huma atrevida requisição, altamente insultante para a Lei, e para a Nação inteira. Nada menos pertende, que constituir-se chefe supremo, e absoluto, de todo o Poder Executivo! Eis-aqui o que elle expressamente nos indica, pedindo ao Congresso a suspenção da Lei de nossa segurança, restrições á Liberdade da imprensa, e subsidios pecuniarios para levantar mais perfidos bandos de espionagem. Que traição nos prepara este monstro! a que arrojo chegou a sua ambição de dominar! vós sabeis, amados Concidadãos, que a liberdade da imprensa he a primeira columna em que se apoião nossas liberdades; vós sabeis, amados Concidadãos que o systema de espionagem, he o unico baluarte da tyrania; vós sabeis, amados Concidadãos, que a suspensão da Lei fundamental, para authorisar o arbitrio de hum homem, he o fatal preludio da queda de hum governo livre.

Vós sabeis, em fim, amados Concidadãos, que a Constituição não pode ser alterada durante estes primeiros quatro annos. E como encarais vós aquelle que requer despejadamente a derrogação da Lei de vossa liberdade, e ambiciona o Poder absoluto? sem duvida como hum perfido, como hum traidor, como hum tyrano. Tal esse ministro que acaba de requerer os nossos ferros, para nos sepultar no horroroso captiveiro, que ha muito nos anda preparando! sem fé, sem honra, sem brio, e sem moral, tirado da miseravel escola da dissolução, rompe, afronta, escarnece a publica opinião que o detesta, que o abomina, e não contente de conservar-se n'hum Ministerio que tem aviltado, ouza empunhar o pavilhão da tyrania, para ser o Cezar Portuguez! Mas que mizeravel Cezar! que hediondo Cezar!! este heroe da grandeza Romana, só por levar a mão á cabeça foi apunhalado; este miseravel, que a estende sacrilego para nos atormentar, vive sem vergonha no meio de nós! he muito escarnecer da nossa paciencia! he desafiala de sobejo!

Já ha muito que a Trombeta clama contra este malvado, e ainda que seus sons não tenhão produsido outro effeito, se não de apregoar seus crimes, e prepotencias, julga ter feito hum serviço á Patria, e ao Rei; ao Bom Rei que elle está illudindo, e atraiçoando!.... He tempo de rasgar o veo, e acabar com indevidas contemplações!.... A traição está prompta!.... os trez tirannos vão ultimar a sua obra!.... Mas a Trombeta a despeito de todos os perigos, vai denuncia-los ao mundo. Sabei Amigos da Liberdade, e da páz, que Sepulveda, Carvalho, e Miranda, são vossos verdadeiros inimigos!.... Atalhai a desgraça, ou cedo sereis victimas! . . . . . Sim, atalhai-a; mas pelos meios legaes, e com a dignidade de homem livres; reunivos, e hide todos ao Sanctuario da Lei, requerer ao Supremo Congresso a immediata expulsão destes tres funcionarios, para fora dos car-

gos que exercem. Não vos demoreis, que toda a demora vos pode ser fatal! . . . . . O Sabio Congresso, hade escutar a justiça de vossa queixa, para evitar os males que nos estão eminentes!

===*===

Continuação do artigo inserido em o numero 11.

O antigo reportorio foi severamente prohibido, e os *Aristides*, e mais os *Decius* se assenhoreárão da scena. Hera necessario engulir tranquillamente as pillulas destes charlatães, debaixo da pena de passar por máo Cidadão. Tambem se prohibio logo aos homens de letras, que tinhão algum senso comum, de tratar outros objectos, que não fossem patrioticos; e estas peças patrioticas, erão diatribes, que favorecião as vistas de tal, ou tal partido. Restabeleceu-se a censura em nome da Liberdade, e escolheu-se para cortar as azas ao genio, hum antigo lacaio de Suard que havia aprendido a ler na sua cavalharice; derão-lhe por successores dois individuos que escrevião *policia* com dois *ss*. Aquelles que podião sustentar a honra das letras, amedrentarão-se, e fugirão. Mas em recompensa, quarenta ou cincoenta rabiscadores, escreverão tanto, e tanto, que chegarão a apagar o gosto, a oprimir a razão, e a embrutecer o publico; era o que se pertendia; porque os velhacos temem as luzes. Os Colegios fecharão-se, e havia todo o cuidado para que não se tornassem a abrir, porque os Republicanos não devem saber ler.

Conservou-se com tudo, alguns restos das linguas mortas; ficamos com *kilometros*, emyriagramos renovados dos Gregos por Gregos que *esfolavão* o francez.

Não ha effeito sem causa. O mundo existe; logo tem huma causa: qual he? todos os homens pertendem conhecela; porém ella he impenetravel. Da fraqueza, e do orgulho humano, nascerão todas as religiões, que todas tem seus milagres, e todas se volvem em ridiculo, quando o espirito de partido não desperta as paixões, e não ensanguenta a terra. As religiões velhas não são para temer; perderão o recurso do maravilhoso, que excita o enthusiasmo; e huma religião sem enthusiasmo, reduz-se a bem pouca cousa; fica abandonada ás mulheres velhas, e alguns homens debilmente organisados, que crêem de boa fé, passando huma parte de sua vida de joelhos, diante da sua chimera, e estes não perturbão a ordem social. He cruel dissipar-lhe hum erro consolador, e inda mais atroz o perseguilos. Levarão de dia os vazos sagrados para a Moeda, e os carreteiros, pelo caminho, fizerão o mais vil uzo delles; vestirão os habitos sacerdotaes, e os levavão de huma maneira irrisoria.

O Deos dos Francezes, calou-se; mas o Francez sentio reanimar-se o seu fervor. Fecharão os templos vasios; mas a multidão reunia-se ás portas; perseguirão os clerigos, mas os clerigos inspirarão interesse. Em logar de os atrahirem ao governo pela doçura, e sobre tudo por hum tratamento decente, maltratarão-os pela violencia, e desprezo! proscreverão-os, e elles suscitárão a guerra de la-Vendêe; matarão-os, e os seus sectarios fizerão martires.

Era da Politica contemplar o clero; porque a experiencia de dez seculos, havia demonstrado qual he a sua influencia sobre o comum dos homens.

===*===

Consta-nos que o *intruso*, para se sustentar no Ministerio, anda fulminando huma cavilosa intriga, que por agora calamos; mas se continua a dar mais hum passo, a Trombeta publica-o, e então o *intruso* terá sem duvida huma sorte funesta, que he tarde ou cedo a justa recompensa dos velhacos. Não contente de estar invadindo impunemente huma authoridade que a Lei lhe prohibe, quer . . . . . quer . . . . . sentido Sr. *Intruso* . . . . .

Errata Essencial.

Em nosso N.° 11, debaixo do artigo = Literatura, onde se acha = tivessemos tido, lea-se: tivessemos lido.

LISBOA: ANNO DE 1822. TYPOGRAPHIA PATRIOTICA.
Rua Direita da Esperança Numero 50.

SUPPLEMENTO

A'

TROMBETA LUZITANA.

N.º 13.

QUINTA FEIRA 12 DE DEZEMBRO.

CARTA

Sua Magestade a Rainha de Portugal, do Brasil, e Algarves.

SENHORA.

) extraordinario acontecimento que com Real, e sagrada Pessoa de V. Magestade ha passado, tem espalhado a consterna-o, e a dôr por todos os sensiveis cora-es Portuguezes, que cheios, desde o ber-, de hum natural enthusiasmo pelos seus eis, idolatrão nelle toda a sua Real Fa-lia. Este amor, este enthusiasmo, não filho nem das circunstancias, nem de ma falsa doutrina; e já mais se poderá car de nossos corações, em quanto hum ico Rei habitar a face da terra.

Relevai pois Senhora, que no meio da ossa amargura, na terrivel anciedade e Vos oprime, pela penosa ausencia de ossos Caros Filhos, hum dos vossos mais is subditos levado de hum impulso natu-l de sensibilidade, tome a desculpavel sadia de Vos dirigir seus sentimentos, scidos daquella ingenua franqueza que ve brilhar n'hum Portuguez, que ama rdadeiramente a gloria da sua Patria, o hrono, e Honra.

Ainda que V. Magestade he a primei-Rainha Portugueza, condemnada a a-ndonar Seu Real Espozo, Filhos, e Pa-ia, para hir longe de todos estes caros ços, finalisar Seus dias em perpetuo des-rro, não he de certo o primeiro exemplo, que a historia das Nações nos aponte. Ella he fecunda nestes calamitosos acontecimentos, que são faceis de inumerar-se pelo cathalogo das suas revoluções. A marcha destas, ha sido sempre a mesma por toda a parte; e o seu objecto he comum a todas.

Porem V. Magestade escudada pelo amor, e respeito de todos os bons Portuguezes, triunfará como inocente, e Rainha, de todas as sugestões da perfidia. Não dirá o mundo, que Portugal, com o pretexto da sua liberdade, exilou a digna Espoza de hum dos melhores de seus Reis. Este acto de tyrania, seria bastante, só por si, para deslustrar, e mesmo enegrecer toda a brilhante obra de huma Regeneração pacifica, que ha progredido desde seu principio, debaixo dos mais felices auspicios, que o mundo tem visto; e que desconhecida atégora na historia das Nações, poderá servir de modelo, e pasmo ás gerações futuras, se a mesma dignidade, e justiça lhe continuarem a presidir.

Não, não será V. Magestade a victima de hum despresivel frenesim, que desde ha tempo procura aviltar o nosso leal caracter, para nos tornar exacraveis aos olhos das Nações estranhas. Os Portuguezes, debaixo do imperio da Lei, saberão dar hum positivo testemunho, de que a honra, e virtudes, que seus maiores lhes transmitirão, não morrerão, mas ainda mais se avivão hoje em em seus generosos corações. A gloria da sua Patria será sempre o objecto de seus disvelos, e o amor a seus Soberanos, o seu mais doce dever.

Taes são, Senhora, os leaes sentimentos que altamente professa para com A Real e Sagrada Pessoa de V. Magestade.

O Redactor da Trombeta Lusitana.

A ILLUSTRE PERSEGUIDA.

Não he sem a dôr mais pungente, que a Trombeta solta hoje estes dolorosos sons, em favor de huma infeliz Rainha, a quem a mais denodada tyrania pertende separar do Espozo, dos caros Filhos, e da Patria!! E porque? por huma dissidencia de opinião! oh! nunca vista crueldade! oh! virtiginoso espirito da mais refinada maldade! Que Lei Divina, ou humana pode authorisar similhante atentado?! e foi para isto que os Portuguezes fizerão huma Regeneração? foi isto o que se lhes prometeu? He isto o que elles desejão?! são estes os bens de huma perigosa mudança?! época fatal! tu serás sempre recordada com horror nas eras vindouras. Huma Rainha innocente, huma Rainha, amada do seu Povo. A Descendente dos mais Illustres Monarchas do Mundo, condemnada ao desterro, sem crime!!! o seu Esposo, obrigado a abandonala, e a lavrar Elle mesmo o Decreto de Seu eterno desterro!! Eis aqui o fructo das revoluções! que males invisiveis poderião vir a Portugal, não prestando S. M. o juramento! de mais, onde he, mostrem-nos, onde he que ordena a Constituição que S. M. a Rainha lhe preste juramento? e mesmo concedendo por hum pouco que assim se achava expresso nella, como poderia huma Rainha, cuja Pessoa he inviolavel, e sagrada, ser comprehendida no artigo dos Cidadãos? He onde pode chegar a ferocidade, com todos os seus atributos?!

Este systema, vai errado; este não he o systema Constitucional; este he systema infernal do Ministro da Justiça, que desde Março está a flagelar a Patria, e a atiçar a guerra civil; mas engana-se, porque elle será sem duvida a primeira victima, se por desgraça nossa ella rebentar.

O Governo Constitucional, he o mais justo e o mais suave de todos os Governos. As suas bases fundamentaes são: a inviolabilidade da Lei, e do Rei. Quando qualquer das duas he atacada a descuberto, e destruida, está de direito dissolvido o primeiro laço do contracto Social. Este exemplo he terrivel; e as suas consequencias podem ser desastrosas!

LISBOA; ANNO DE 1822. TYPOGRAPHIA PATRIOTICA.
Rua Direita da Esperança Numero 50.

DEZEMBRO 14 N.º 14

A Trombeta escutai dos Luzitanos,
E se rouca tocar... tremei Tyrannos!

O Trombeteiro.

A TROMBETA LUZITANA.

Quem tem olhos para ver, veja.

PARA que os bons Portuguezes se acabem de convencer da verdade, e justiça com que a Trombeta tem apregoado a má fé, e desmedida ambição dos tres alliados despotas, que jurárão a nossa ruina, ahi vai a falsa, e horrorosa denuncia do *Intruso*, e de Sepulveda, a qual foi a base do infame tratado de alliança, que os trez inimigos da nossa liberdade, reciprocamente assignarão, em casa de ..... pelo fim do preterito passado mez de Abril.

TESTEMUNHA 9.ª

Bernardo Correa de Castro Sepulveda, Brigadeiro encarregado do Governo das Armas da Capital, e Provincia da Extremadura, Professo na Ordem de Christo, da Torre e Espada, Fidalgo da Casa de Sua Magestade, morador na Calçada das Necessidades, idade trinta annos, testemunha jurada aos Santos Evangelhos.

E perguntado Devassamente pelo Auto, e apenços disse, que estando em casa do Marechal Luiz do Rego Barreto, morador na rua de São Miguel, e no Palacio intitulado do Nuncio, na companhia de Manoel Gonçalves de Miranda, Deputado em Cortes, succedeo ser o dito Marechal procurado por hum sugeito, ao qual hindo fallar a huma sala proxima á em que se achava elle testemunha, e o referido Manoel Gonçalves de Miranda, Deputado em Cortes, e conhecendo pela voz, que era Francisco de Alpoim e Menezes, pessoa para elle testemunha *á muito tempo suspeita*, julgou conveniente, e levado de huma natural curiosidade, escutar, o que o mencionado Francisco de Alpoim e Menezes dizia, e tratava com o Marechal Luiz do Rego, o que igualmente praticára Manoel Gonçalves de Miranda, Deputado em Cortes, que como dito fica, tãobem ali se achava, por cuja razão aproximando-se ambos á porta, que dá sahida de huma para outra sala, *ouvio elle* testemunha a seguinte exposição, e convite, que Francisco de Alpoim e Menezes fizera ao Marechal Luiz de Rego Barreto, que consistio em lhe expôr primeiramente como feio o estado actual das cousas, dizendo-lhe que o espirito publico, com especialidade nas Provincias; estava *todo contra os Liberaes*, e tanto que não erão admitidos nas casas decentes; e continuando a falar sobre este objecto, disse mais, que cumpria fazer-se quanto antes huma contra-revolução; que esta devia principiar por decapitar tres, ou quatro Republicanos, isto he os Deputados Manoel Fernandes Thomaz, José Ferreira Borges, e Moura, e o Ministro de Justiças, que sem duvida com a sua morte todos os outros ficarião descórados, e desanimados, sendo mandados competentemente para suas casas: disse mais, que se convocarião as antigas Cortes, e que desfeitas as actuaes se devia depôr El-Rei; porque era hum En-

te negativo, e que em taes circunstancias se entregaria a Regencia destes Reinos ao Infante D. Miguel, ao qual, atenta a sua pouca idade, se nomearia hum Concelho de Varões probros, e distintos, que convocadas as antigas Cortes, e organisado tudo, como dito fica, se formarião duas Cameras; que para todos estes actos, e mudanças he que vinha convidar o referido Marechal Luiz de Rego Barreto, pois que estava bem certo, que pondo-se este á testa do exercito, tudo estava decidido, e ponderando-lhe o mencionado Marechal todas as duvidas, e grandes obstaculos, que segundo pensa elle testemunha, era tendente este acto a sondar melhor o referido Francisco de Alpoim e Menezes, entrando bem no fundo das suas venenosas idéas; este lhe respondera, que n'huma contra-revolução de similhante natureza não cumpria olhar para os perigos, e tecer planos estudados, que tudo estava em principiar, e que elle Alpoim garantia todo o feliz rezultado, continuou mais falando na Rainha, a qual pintou, como desafecta ao actual Systema, e mui propensa, e adaptada para abraçar o plano; que expozera; tãobem fallou nelle testemunha com notorio descredito, dizendo, que era geralmente odiado pela tropa, com especialidade pelo Regimento de Infanteria numero dezoito, a quem, quando servira de Coronel na Cidade do Porto, havia roubado; e que senão se houvesse verificado esta actual Regeneração, e em Lisboa se achasse actualmente o ex-Marechal Beresford, elle testemunha teria sido fuzilado necessariamente; acrescentando a final outras muitas cousas, que elle testemunha, e o Deputado Manoel Gonçalves de Miranda por enfadados de ter presenceado, e escutado tantas blasfemias, e atrocidadades, não quizerão continuar a dar assenço; que passados poucos momentos se retirára, dizendo ao Marechal Luiz do Rego, que consultasse a Opinião publica, e que elle Francisco de Alpoim e Menezes voltaria passados dois, ou trez dias; que todo este facto assima expendido, tivera lugar na tarde do dia sete de Maio do corrente anno ás quatro horas pouco mais ou menos; que nada mais se lhe offerece dizer sobre este objecto, e em geral a respeito de todos os outros, sobre que tem sido inquirido; e mais não disse, nem do costume, e assignou com o dito Ministro e eu Francisco Antonio Alves o escrevi " Sampaio " Bernardo Correa de Castro e Sepulveda.

TESTEMUNHA 13.ª

Manoel Gonçalves de Miranda, Bacharel Formado em Mathematica, Deputado em Cortes, morador na rua do Salitre, Freguezia do Coração de Jesus, idade quarenta annos, Testemunha jurada aos Santos Evangelhos.

E perguntado Devassamente pelo auto, e apenços, e referimento da Testemunha numero nove, disse, que nada mais sabia senão depondo á ultima circunstancia, que se lhe perguntava, que estando no dia sete de Maio, proximo passado, em caza do Marechal Luiz do Rego Barreto, morador no Palacio do Nuncio, e na rua de São Miguel, aonde foi jantar, havendo sido convidado para esse fim, e acabando serião 4 horas da tarde, como aparecesse alli, e naquella occazião o Brigadeiro encarregado do Governo das Armas desta Capital, e Provincia da Extremadura, Bernardo Correia de Castro Sepulveda, se levantárão na companhia do dono da casa o Marechal Luiz do Rego Barreto, e vierão para huma salla contigua á em que havião jantado, e estando em conversação todos trez, sucedeo vir hum creado a participar, que se achava alli hum sugeito, que pertendia fallar ao referido Marchal Luiz do Rego, e que sendo ouvido por este, o mandou entrar, para outra salla proxima á em que estavão, e retirando-se delle Testemunha, e do Brigadeiro Sepulveda, passou a dirigir-se, a fallar ao mencionado Individuo, e como mediasse entre huma, e outra salla, huma porta só, junta á qual lhe deo assento, depois de a fechar, foi facil ouvir-se o nome da pessoa, com quem o Marechal Luiz de Rego Barreto principiou a fallar, e por isso ouvindo-se o apelido de Alpoim, o qual successivamente era repetido á porporção, que a conversação hia seguindo, deo este sobredito sobrenome lugar, a que o Brigadeiro Bernardo Correia de Castro Sepulveda com elle testemunha se aproximassem mais, e ouvissem com exactidão todo o contheudo da conversa, e por isso sabe por ouvir, e presencear, que o referido Francisco de Alpoim e Menezes fora naquella occazião convidar o Marechal Luiz do Rego para huma contra revolução, principiando pelo dispôr da maneira seguinte; pintando-lhe com as cores as mais feias o estado actual das cousas, fazendo-lhe vêr com a maior intimativa o quanto a opinião publica estava contra o actual Systema Cons-

titucional, sendo por todos odiadas as Cortes, e o Governo Executivo, e o proprio Rei pela adhesão aos principios liberaes; ao que respondendo-lhe o sobredito Marechal Luiz do Rego Barreto, tratando de lhe fazer algumas reflexões sobre o espirito publico, sobre a utilidade do Systema, e por ultimo sobre as grandes dificuldades, e consideraveis perigos, que offerecião huma contra revolução, o que sem duvida elle lhe ponderava, para melhor entrar no espirito do seu plano, e nas circunstancias, e auxilios, com que contava; tanto que por vezes lhe disse, que lhe expozesse os fundamentos, que tinha, e em quem, e no que se fiava: elle Francisco d'Alpoim e Menezes em lugar de ceder, cada vez mais se mostrava tenaz na sua persuasão, e proposito; e como o referido Luiz do Rego Barreto continuasse a instar sobre a dificuldade dos auxilios, Francisco de Alpoim e Menezes lhe tornou a responder, que estes existião, e a poder de muitas instancias deo a entender que contava com forças Estrangeiras, sem com tudo declarar, a que Nação pertencerião; e como então Luiz do Rego Barreto se calasse, prosseguio aquelle dizendo, que era necessario decapitar os principaes agentes, ou que elle julgava como taes, especialmente Manoel Fernandes Thomaz, José Ferreira Borges, José Joaquim Ferreira de Moura, e José da Silva Carvalho, e tornando Luiz do Rego a ponderar-lhe os perigos que se offerecião, e perguntando-lhe de novo, qual era o seu plano, respondeo-lhe, que em semelhante contra revolução o plano consistia em andar para diante, e principiar a desordem, o que estava conseguido, tirando a vidá aos quatro Individuos a cima ditos, o que daria lugar a descorarem os mais, e a serem mandados para suas casas, para o que muito concorria a opinião publica, que, como elle Alpoim havia dito, estava toda contra o actual Systemá, o que até se conhecia pela avidez, com que a Gazeta Universal era lida nesta Capital, e nas Provincias, aonde bastava o nome de Liberal, para ser qualquer Individuo mal recebido na Sociedade; e continuando o Marechal Luiz do Rego a fazer-lhe vêr os riscos, que se offerecião, visto que o povo se apresentava Constitucional, a mesma tropa, e com disciplina, e o Rei inclinado, e propenso aos principios Liberaes, respondeo-lhe o referido Alpoim, que o povo não era nada, e que se levaria para onde quizessem; que em quanto á tropa, se huma era Constitucional, alguma havia, que o não era, e com que podião contar, para o que já se havião dado alguns passos, que o Rei era nullo, e que para tudo se fazer com arranjo deveria depôr-se este, e aclamar-se o Infante D. Miguel, ao qual visto os seus poucos annos se nomearia hum Conselho de pessoas de probidade, e distinctas; que se celebrarião as antigas Cortes, e que se organizarião duas Camaras; que a favor deste plano estava o pençar da Rainha, a qual tinha huma oposção natural ao Systema Constitucional; terminando em dizer, que para tudo isto elle vinha convidar o referido Marechal Luiz do Rego, o qual segundo a sua opinião, bastava, que se pozesse á testa da força armada para terminar o Systema que nos rege, e mudar tudo de figura.

Depõem mais que tãobem declamára entre as suas invectivas, contra as Cortes, Governo Executivo, e Authoridades, em geral contra a pessoa do Brigadeiro Bernardo Correa de Castro Sepulveda, pintando-o como odiado pela tropa, e com especialidade pelo Regimento numero dezoito, ao qual, sendo seu Coronel, na Cidade do Porto havia roubado; e como o Marechal Luiz do Rego sempre continuasse a duvidar, Francisco de Alpoim, e Menezes no acto de se retirar lhe disse, que consultasse melhor a Opinião Publica, e que elle voltaria passados dois, ou tres dias, trazendo-lhe varios papeis, que por ora não lhe mostrava, nem comsigo trazia: que esta he a verdade de todo o sucedido, em que elle Testemunha está mui bem certo, assim como tãobem afirma, que não diversifica no que depozera a Testemunha numero nove o Brigadeiro Bernardo Correa de Castro Sepulveda, pois que se o presente depoimento está mais expendido, o que deu lugar ao referimento contem a mesma substancia: e mais não disse, nem do costume, e assignou com o dito Ministro: e eu Francisco Antonio Alves o escrevi " Sampayo " Manoel Gonçalves de Miranda. "

As palpaveis contradições, e inepcias, que se achão espalhadas por estes dois depoimentos são de tal natureza, que enfastião a qualquer leitor, do mais mediano entendimento.

Taes são: Dizer Sepulveda, que foi pela voz, que conheco Alpuim, *pessoa ha muito tempo suspeita para elle testemunha*, e que por isso fôra escutar o que elle dizia

(1) e Miranda diz que fôra pela continuada repetição do apelido = d' Alpuim, e não porque Sepulveda lhe ouvisse, nem conhecesse a voz; logo mente hum dos dois. Ambos elles dizem, que se havião levantado de jantar, e vierão para huma salla proxima e que estando ahi, foi que vierão chamar Rego para fallar a Alpuim, e Rego na sua denuncia (que breve aprezentaremos) diz que foi estando á meza, que o vierão chamar, e que os dous ficárão acabando de lhe comer as sopas; logo mentem elles, ou mente Rego. Miranda, confessou, e confessa, que nunca em sua vida vira Alpuim, e neste depoimento diz: que sabe por ouvir, *e presenciar!* Então como se liga isto? Pois não o conhece, nem o vio, (senão na prizão pela primeira vez) e presenciou? Ou este homem não sabe a significação do verbo *presenciar*, ou deu hum juramento falso.

Miranda diz: que Alpuim, a poder de instancias de Rego dera a entender, *que contava com forças extrangeiras, sem com tudo declarar a que Nação pertencião* (2) e Sepulveda não falla em tal. Fora impostores! Tambem diz que Alpuim ao despedir-se de Rego, lhe dissera, que em outra occazião lhe mostraria varios papeis (3) que ali não trazia, e Sepulveda não falla nisto!

Agora em que os dois amigalhões alliados concordão perfeitamente, he em que Alpuim *accusára Sepulveda* de Ladrão! Forte coisa, forte coisa! Se isto foi verdade, e Sepulveda tivesse, não muita; mas hum dial de honra, deveria desafrontar-se, como se desafrontão os homens de bem, desafiando Alpuim, e batendo-se com elle, que he bem provavel não recusasse o convite. Mas accusalo por isso de conspirador contra a Patria!!! he de huma alma fraca, e cobarde! Ainda quando este depoimento não tivesse as notorias contradicções, e frioleiras de que está recheado, bastava só esta accusação, para o tornar suspeito, e illegal. Mas vamos ao melhor.

Sepulveda, neste depoimento não diz, nem dá o menor indicio, de que naquella occazião visse Alpuim, porque só lhe ouvio a vóz, e na acariação, que teve com elle na cadea, (que tambem daremos breve) depôs, e jurou, que o vira pelo buraco da fechadura! Mundo, não percizas de outro documento para conheceres toda a falsidade, e vileza desta accusação! Ambos o virão, e nenhum o vio!!!! Antes que caia alguma de madura, he melhor ficar-mos aqui; porém damos-lhes a certeza de que nos não esquecem, nem passão em julgado: Até outra vez.

---

(1) Que bella educação foi a deste homem! que honra, que caracter!! Hir escutar de traz de huma porta! e em caza alhea! e de mais a mais confessar isto! olhem que probidade! Ora pois, he para que se desenganem de quem elle he!...

(2) Querem apostar, que Mr. Robertson entrava no plano, para condusir as taes tropas no seu balão? Irra! com devido perdão; he percizo ser muito tolo, e muito mentiroso para dizer huma des-tas!!!

(3) Então onde estão esses papeis? forão-lhe de surpreza a caza, tudo lhe remecherão, e não lhos acharão? Fora mentiroso.

LISBOA: ANNO DE 1822. TYPOGRAPHIA PATRIOTICA.
Rua Direita da Esperança Numero 50.

DEZEMBRO 17 N.° 15

A Trombeta escutai dos Luzitanos,
E se rouca tocar... tremei Tyrannos!

O Trombeteiro.

A TROMBETA LUZITANA.

Ou Cezar, ou João Fernandes.

" AGora, ou elles, ou nós os Constitu-
" cionaes: já não ha meio termo; nós fo-
" mos os provocados, quando a ninguem
" ofendia-mos, e só tratava-mos de nos li-
" vrar da constante desgraça a que nos re-
" duzia o governo absoluto, e despotico; os
" que nos governão por direito divino, nos fi-
" zerão constantemente desgraçados, e ago-
" ra ainda nos acometem, quando transigia-
" mos com elles; *pois desfaçamo-nos delles,*
" *e vamo-nos remediando com os que gover-*
" *não por direito humano* " Palavras do De-
putado Borges Carneiro, na Sessão de 11
do corrente.

Esta doutrina não he nova. Bruto a proclamou no Senado Romano, quando Roma se desfez de seus Reis, pela deposição do ultimo Tarquinio; e seus écos que o tempo não teve força de apagar, forão passados tantos seculos, repetidos em 1793, na Assemblea Constituinte da exaltada França. Porem nós os Portuguezes, que andamos seculos atrazados de toda a Europa, ainda agora tivemos a fortuna de a ouvir enunciar pela boca de tão prudente varão! *Pois desfaçamo-nos delles.* Oh! que consumado patriotismo! que puro liberalismo! Eisaqui a gema de todas as ideas liberaes! *Pois desfaçamo-nos delles.*

Sim Senhor *desfação*; porque já agora dalli a nada, nada vai; aonde o mais não existe, não exista o menos: acabem com isso por huma vez..... e ficão descançados. Se todos os homens tivessem abraçado tão brilhantes ideas, já ha muito que não existiria na terra huma testa coroada; e então serião felices os povos, e nada lhes faltaria; porque se hirião *remediando com os que governão por direito humano*, segundo nos diz o Sr. Borges Carneiro.

Que direito mais humano, que o do Senado de Roma, em quazi todas as épocas da sua duração? Que justiça, que equidade não presidio sempre ás deliberações daquelles *Padres Conscriptos?* Oh! se os sons desta Trombeta tivessem a virtude daquelles da pavorosa Trombeta final, nós lhe fariamos agora soar estes, *Russuscita Povo de Reis, conta o que viste!* Que dirião então os Scipiões, os Metellos, os Pompeus, os Cicerus, e tantos outros? Que diria todo esse Povo sempre calcado, e sempre escravo de tyranos, e orgulhosos Senadores? Ah! e se no meio delle ressuscitasse tãobem o Uzurpador Jugurtha, que nova justiça não faria elle a essa integerrima, e incorruptivel Roma? Desenganemo-nos, nada ha mais infalivel, justo, e suave que hum Senado de muitos; fação elles o que fizerem, digão o que disserem, tudo he bom, tudo he o melhor, com tanto que seja tudo feito, e dito em nome da liberdade, e do Povo! Assim a capa do poderoso magico tomava differentes formas, e servia a todos os corpos. Com hum Senado como o Romano, o Povo não he escra-

vo, nem sofre as deshumanas vexações, que se experimentão pelas mãos dos Reis: *Pois desfaçamo-nos delles.*

João 2.º, Manoel, e José 1.os, Henriques 4.os, Pedros Grandes, Luizes 14, Josés 2.os, Fredericos 2.os, Carlos 12, vós não fosteis senão despotas, e imbecis, que uzurpasteis a Soberania aos Povos, para os calcar, e reduzir á mizeria; os vossos reinados o atestão, e serão sempre despresiveis aos imparciaes olhos da grande sociedade liberal do seculo 19. Esses poucos, e insignificantes monumentos da vossa existencia, estão de todo confundidos no meio da immensidade, e grandeza dos modernos, que o genio emprehendedor do liberalismo tem por toda a parte erguido. E vós, genios desses calamitosos tempos, que ainda nos fallaes lá dos sepulcros, calai-vos; fosteis com a infalivel = *Politica Exacta.* = que adorna os Sabios, illuminados, e portentosos politicarrões deste fecundo seculo. Todas as vossas ideas, toda essa falsa sabedoria que apregoão vossos admiradores, não equivalle ao mais reles chapeleiro destes ditosos tempos, que de huma tizoirada devide, equilibra os poderes, e lhes circunscreve huma orbita redonda como hum chapeo.

Fique pois certo o Senhor B. C. que o seu = *pois desfaçamo-nos delles*, = mais nos verificou a idea que sempre delle fisemos desde que em Leiria esteve..... Terminaremos com a sentença evangelica: *Dos pobres de espirito he o Reino do Ceo.*

===*===

Quem o acreditará?

O Parecer da Comissão especial encarregada de examinar os documentos que o Governo enviou ao Congresso, relativos a S. M. a Rainha de Portugal, he de tanta importancia, que não he possivel passa-lo em silencio quem não quer ser espectador mudo, e mui principalmente quem se propoz a advogar nobremente a justa causa de S. M.

A Comissão, pareceu não ter em vista em todo este negocio, se não fazer a Corte ao Governo, seguindo pontualmente a opinião delle, que não só louva, mas admira. Diz que tudo quanto os Ministros resolverão fora acertadissimo, prudentissimo, hum *non plus ultra* da humana sabedoria &c. Ora no fim de toda esta aprovação, e deste maximo elogio quem poderia esperar que a conclusão do parecer fosse = *de que não pertencia ás atribuições das Cortes?!* Pois a Comissão aprova a conducta do Governo, e diz que o cazo não lhe pertence?! Logo se elle lhe não pertencia, porque o não regeitou simplesmente, e para que dá por bem feito tudo o que o Governo praticou com S. M.? não está máo modo de regeitar hum negocio que diz não ser da sua competencia! a Comissão, não podia ter em vista quando deu aquelle parecer, se não authorisar o Governo para fazer quanto quizesse, e roubar a S. M. todo o recurso do Congresso.

Sim, não podia ser outra cousa; porque ratifica amplamente a sua conducta, e diz ao mesmo tempo que não compete ás Cortes!

Agora perguntaremos nós á Comissão, então a quem compete? este caso, não se acha providenciado na Lei; S. M. deve ser condemnada, ou absolvida por Lei, logo ha de haver quem lha aplique. Seja o Judiciario, seja o Governo, ou seja o Congresso, ha de haver hum tribunal que julgue; e se se não sabe ainda qual deva ser; a quem compete o nomealo? nós estava-mos persuadido que ao Congresso; porém, á Comissão parece que nada tem com isso; e quer que a espoza seja julgada por seu proprio marido! oh! caspite, que justos principios de Direito! o sofisma de que S. M. não he julgada, mas só se lhe aplica a Lei, he daquelles que fazem rir! pois sim senhores, convenho só para lhes agradar, mas apareça quem a aplique; porque de outra maneira, segundo a Comissão, he escusada haver hum poder judiciario, huma vez que o Governo tem a authoridade de aplicar a Lei ao facto. Hum homem matou outro homem á vista de muitos, a Lei condemna o matador á morte, logo deve o Governo mandalo matar tãobem logo sobre o campo, sem outra forma de processo!!

Nós sempre vivemos persuadidos, de que o Rei, e por tanto a sua Espoza, que goza das mesmas prerogativas, se hum dia houvesse de ser julgado (a pezar de toda a sua inviolabilidade) só o seria pelo poder Legislativo, ou quando menos, por hum tribunal especial, por elle constituido. Mas agora conhecemos que vivia-mos em erro, em ignorancia; graças á Comissão, que nos abrio os olhos, e nos mostrou a luz; e então que luz! a da verdade exacta!

O *Post Scriptum* he hum dos melhores retalhos, em que a mais brilhante Logica, e apurada Dialetica hão sustentado toda a

sua força. Elle não pode deixar de ser huma das felices producções do sapientissimo Sr. Borges Carneiro. Aquella força de estilo, e de convicção he só delle; conhece-se á legoa. Com que poderozissimas razões não combate elle, e destroe, aquella anarquica, subversiva e anti-constitucional indicação do Deputado Neves! oh! aquillo, he que he convencer, e levar o golpe a raiz da doutrina! Aquelles epithetos, e qualificações de anarquico, subversivo &c. como encaixão alli com tanta propriedade! O orador Romano não brilhou tanto na sua oração *Pro-Metelo*! só o que se não pode combinar com o nosso máo gosto, he aquelle titulo de = *Post Scriptum.*

O Sr. B. C. ha-de perdoar, que nós somos muito pechote nestas cousas, e *maxime*, para analysar a sapiencia do sapientissimo Sr., mas, mas, ora nós sempre o dizemos... sim; cheira-nos assim a modo de huma carta,..... de huma carta..... Em fim, não nos sabemos explicar tecnicamente; mas admiramos, e convidamos todo o mundo para que admire comnosco, entoando em louvor de tão sabio, prudentissimo, e conspicuo varão, o: *Laudate Dominum!*

BRAZIL.

Segundo as noticias recebidas por Inglaterra sabemos que o Brazil deu o ultimo passo para a sua independencia. Em quanto a nós, nenhuma admiração nos cauza, porque ha mais d'hum anno que antevia-mos aquelle acontecimento, como efeito d'huma cauza que não podia deixar de o produzir. S. A. R. o Principe, foi recebido com geral aplauso em S. Paulo, aonde a causa publica do Brazil o chamou, e na sua volta ao Rio apareceu ao habitantes daquella Capital, com o intrepido enthusiasmo, que só o amor da liberdade pode inspirar no coração de hum Principe joven, mais disposto a sacrificar-se pela independencia de seu Povo, que por seus mesmos interesses.

Esta jornada de noventa e tantas legoas, foi feita por S. A. R. em sinco dias, o que vem a dár em perto de vinte legoas por dia. A' noute foi ao Theatro, onde recebeu os maiores aplausos, e inspirou o mais fogoso enthusiasmo, pos este distico, que adornava seu braço: = Independencia, ou morte. = S. A. R. estava para publicar hum Manifesto ás Potencias Europeas, e no dia de seu aniversario, 12 de Outubro, devia aclamar-se = Imperador Constitucional do Brazil. =

Esta resolução de S. A. R. vai chamar a atenção da Europa, que a não pode ver com indifferença. Ou as grandes Potencias hão de reconhece-la, ou não. O systema de politica porque actualmente se regem, parece, não só confirmar a primeira hypothese, mas mesmo que ellas inspirárão aquelle sucesso. A Austria, não deixará de ser a primeira que o aprove, por circunstancias bem conhecidas.

Hum vantajoso tratado de Comercio com aquella vasta parte do Mundo, será de mais hum poderoso atractivo para não hesitar em reconhecer promptamente o novo Imperio; o que sendo assim, não hesitará igualmente em lhe prestar todos os socorros necessarios para a segurança, e progresso da causa. Esta Potencia, que se acha hoje estreitamente enlaçada ás mais fortes, por tratados, que ainda não virão a luz do dia, será perante ellas huma respeitavel protectora da Independencia Brazilica; e ellas não deixarão de convir nesta protecção, porque nada tem a recear; talvez antes alguma cousa a adquirir. He verdade que em todo o caso a politica lhes fará representar huma rigorosa neutralidade. Deverá tãobem a Austria segui-la?

As suas relações para com o Brazil, como acabamo de expôr, são de consideração, e em nada encontrão a politica Europea, antes a favorecem. Os seus portos maritimos, como dos mais centraes da Europa, serão assaz analogos ao trafico do comercio brazilico, com a maior parte dos povos europeos. Hum só motivo não existe em politica, pelo qual as Nações da Europa deixem de reconhecer o novo Imperio.

Portugal neste tempo, acha-se na dura alternativa, ou de reconhecer a independencia do Brazil, ou de continuar a hostilisalo, como rebelde. No primeiro cazo, pode adquirir; no segundo perder. Nas actuaes circunstancias, em que todas as suas atenções se devem voltar sobre si proprio, que guerra vantajosa poderá sustentar no Brazil? Serão suas forças bastantes para levantar ao mesmo tempo exercitos de terra, e expedições de mar? Ninguem o poderá sustentar. Hum tratado, feito de boa fé, e cujos interesses fossem justamente equilibrados, seria o passo mais acertado, que Portugal actualmente poderia dar.

Elle hiria frustrar disignios, talvez já

formados por estranhos, para o mesmo fim; e o que a Austria e a Inglaterra podem adquirir, não o deve perder Portugal, só por sustentar hum caprixo, que apenas he desculpavel nas nações poderosas, mas de que ellas mesmas não hão colhido a final hum resultado prospero.

O novo imperio, vai pois sem duvida ser reconhecido por quem lhe mandará esquadras, petrechos e homens, no caso de ser ameaçado de perto. Se as hostilidades nao cessarem, depressa veremos os fracos restos de nosso comercio, em preza á voracidade de fingidos corsarios brazilicos, que uzarão da mesma tactica que uzarão com a Hespanha, e que ainda ás vezes estao praticando com nós mesmos.

Medite-se, e calcule-se sobre este importante objecto, que deve hoje merecer a mais seria atenção das Corte Ordinarias; e nao se continue hum systema, de que já infelizmente se estão conhecendo todos os defeitos.

(O Trombeteiro)

Armonias da Trombeta, do alto da Torre das Necessidades.

Legisladores! Esperanças da Patria, Freio dos Despotas, Terror dos Tyranos, Refugio dos opressos! aplicai vossos ouvidos, e sabereis o que vai por Lisboa; escutai..... ouvi aquelle confuzo tumulto de vozes!..... lá para baixo para a Cidade..... como se destinguem aquelles brados..... Tyrano..... Tyrano..... prevaricador!..... põem-te fóra!..... não oprimas, nem insultes mais o Povo..... Pois sabeis, Legisladores, contra quem se dirige todo aquelle alvoroto? he contra o Ministro da Justiça, que ateima em calcar os vossos Constituintes, e aquillo que estaes ouvindo, he ha trez mezes o seu *panem quotidianum*; e ouvidos de surdo! vergonha de cão! quer por força governar, tyranisar, insultar, prevaricar, e não desiste nem a páo.

Legisladores! mandai-o chamar, e tomai-lhe contas, mas que não sejão de grão cavalleiro, que elle disso não tem nada; vede que os vossos antecessores, de gloriosissima memoria, huns o quizerão desembuçar, outros o embuçárão mais. Se chegaes a tirar-lhe o capote do vulto, vereis que hedionda figura aparece por baixo! que aleijões! que bustelas! quo mataduras! he contas feitas, e enchotalo logo para a rua, se não quizerdes respirar o putrido ar, que exala aquelle maselento espectro. Vós ainda não ouvisteis nada; vereis ao tomar das contas, como eu cá da parte de fora forneço parcelas ao rol, e lhe toco huma sonata, que o ha-de fazer mij... pelos calções. Ah! se eu podesse entoar este rouco som: O' Zé, anda a Juizo! como não ficaria convulso aquelle *cadaver!* que pulos e guinchos não daria a matilha dos grutescos!! se não fosse o respeito, ó Legisladores, que Vos he devido, eu já daqui lhe aturdia aquelles ouvidos; mas fico tomando folego para o dia das contas! *Dies ille dies ire!!*

Avizo Essencial.

O Redactor da Trombeta, participa a seus Concidadãos, que hum bando de sceleratos, comprado por huma facção indigna, o anda provocando por toda a parte de Lisboa. Porém, superior a esta facciosa traição, desde já declara o Red. que cada vez marchará mais ousado pela estrada da honra, e repelirá qualquer força arbitraria, com outra força, se a isso o obrigarem.

LISBOA: ANNO DE 1822. TYPOGRAPHIA PATRIOTICA.
Rua Direita da Esperança Numero 50.

DEZEMBRO 19. N.° 16.

A Trombeta escutai dos Luzitanos
E se rouca tocar . . . tremei Tyrannos!

O Trombeteiro.

A TROMBETA LUZITANIA.

O POST SCRIPTUM.

Em nosso passado N.°, tratando do parecer da Commissão, sobre o negocio relativo a S. M. a Rainha de Portugal, tocamos de passagem no *Post Scriptum*, que acompanhava aquelle parecer; e como não estendesse-mos tambem o nosso parecer sobre elle, vamos agora com mais algum vagar analysalo:

A Commissão, ou o Sr. B. C., argue em seu *post scriptum*, ao author da Indicação a favor de S. M., dizendo: que *se antecipara a fazer aquella indicação, não lhe consentindo seu animo esperar, como pedia a ordem, a occasião da discussão do dito parecer*. Isto he, que a Commissão queria o exclusivo de fallar primeiro, e que ninguem tivesse a ousadia de se oppôr á conducta do Governo sem fallar o oraculo da Commissão! se sobre aquelle objecto não tinha ainda havido indicação alguma no Congresso, como *pedia a ordem* que o Sr. Acurcio das Neves guardasse o licencio? mais abaixo diz: *As Cortes terão observado a moderação com que foi concebido aquelle parecer.*

Não ha duvida; depois de sanccionar quanto o Governo praticou, tem a *moderação* de dizer que não compete ás Cortes. Em que sentido se entenderá esta *moderação*? Pelo que vemos, a Commissão julgou que fazia muito favor em não expender algumas diatribes de bom lote, contra a Augusta Pessoa de que se tratava! continua: *assim como tambem observarão o descomedimento e ousadia, que se deprehende na indicação.* A que chamará a Commissão, *descomedimento e ousadia*? a expender a sua livre opinião, como Dep., e em reprehender o comportamento do Governo? Eis-aqui porque a Commissão não queria que ninguem fallasse primeiro; era para que ninguem tivesse a *ousadia* de pensar de outra maneira do que ella pensava, sob pena de lhe chamar *companheiros.*

Eis-aqui a bella *moderação*! como os que assignarão a indicação não consultarão o oraculo, não se lhes chama collegas, nem o *ram ram* de illustres, honrados membros &c. *companheiros*! viva a *moderação*. Mais abaixo; *Não se tratava de averiguar se a Rainha era ou não comprehendida na disposição da Lei.* Sim senhores; não he preciso que a Commissão o diga, porque disso estamos nós intimamente convencidos. Não se tratava não; o que se pertendia era expulsar S. M. pela barra fóra, a todo o custo, sem se entrar primeiro no conhecimento se a Lei abrangia ou não, a Pessoa da Rainha.

A constituição não falla em tal; e por isso se devia ventilar se S. M. era ou não obrigada a jurar. Porém isto, era o que não convinha a certa sucia, que se queria distinguir pelo desterro de huma Rainha; mas arrebentou-lhe a castanha, e chapou-lhe as

cascas na cara. Continua: *Nesta insistencia formal, quem deveria ceder?* sabe quem, Sr. B. C.? a patifaria, e o anarquismo; estes he que deverião ter cedido, não agora, mas ha muito tempo, e não haveriamos tocado o estado de desgraça em que nos vemos!

Continua: *se o Governo tivesse deixado de executar a Lei, teria desempenhado o nome e atribuições do Poder Executivo!* eis-aqui a nossa resposta: se o Governo se guiasse só pela Lei, não teria acontecido similhante caso, nem a Nação estaria toda alvorotada, a ponto de se temer pela segurança publica.

Continua: *a Commissão sente ter de dizer que o Ministro da Marinha foi o unico que se apartou de seus collegas, para seguir a maioria do Conselho de Estado.* Tanto patenteou a sua honra e imparcialidade, fazendo parte separada desse perverso foco da intriga, que tanto se esforça em levar a Nação á sua ruina! vejão a que ponto chega a parcialidade da Commissão, que patentea hum grande sentimento por o Ministro da Marinha se não conformar com aquellas boas joias dos seus collegas!! Diz que não lhe pertencia o negocio, e censura hum votante, porque não votou conforme o que a Commissão desejava! ora isto custa a crer!

Continua: *he notavel haverem os trez conselheiros de Estado, Dantas Pereira, Mello Freire, e Gomes d'Oliveira na 2.ª Sessão do Conselho, mettido em duvida se as mulheres, e muito menos a Rainha, estavão comprehendidas na Lei.* O que he notavel, he a Commissão dizer isto. Se ella diz que este negocio he das attribuições do Executivo, como se mette a censurar a dissidencia dos votos? tanto a Commissão se mostra parcial contra S. M., que nem quer que tivesse hum só voto a seu favor! a Commissão obrava melhor se avocasse o negocio a si, e condemnasse S. M., mesmo sem o dar a saber ao Congresso; se lhe fora possivel, de boa vontade acreditamos, que assim o faria. Onde achou a Commissão a Lei que positivamente obrigue as mulheres a jurar? aponte-a: cite o paragrafo, e confunda, não só os trez votantes, mas a Nação toda, que não sabe de tal Lei. He provavel que a Commissão queira ter a modestia de a não citar, para não confundir tanta gente. Continua: *he desta fórma que nos tempos da arbitrariedade se torcião, e estiravão as Leis, com interpretações forçadas, segundo as paixões, e os caprichos.*

Agora sim, he que a Commissão acertou no vinte, porque esses tempos já desapareceráo! Hoje he lei, e mais lei! a experiencia que o diga, na pessoa do *intruso* Miranda, que foi com toda a legalidade para o Ministerio! e o Congresso approvou, ou pelo menos tolera essa legalidade Carvalhina. Com que S. M. a quem não ha lei alguma que obrigue a jurar, deve sahir do Reino; e Miranda que está ali atropelando escandalosamente hum artigo da Constituição, não deve sahir do Ministerio!!! Ora eis-aqui a que se chama justiça, e execução da Lei! mas já se sabe a Tripulina.

Continua: *Como pois ouza o auctor da indicação, accusar de precipitação o Ministerio porque findando o prazo da Lei a 3 de Dezembro, já em 22 de Novembro andava com intimações á Rainha, e já em 27 fazia apromptar a fragata que a devia conduzir, a fim (diz elle) de a deportarem precisamente no dia 4?* Bravo! agora he que lhe acentárão bem a espada! pois o Senhor Accursio das Neves, tem a ousadia de se oppôr, e accusar ao Ministerio, por elle querer sentenciar, e desterrar S. M. tão rapida, e occultamente, que só a Nação o soubesse quando Ella estivesse pela barra fóra? Em nome de Deos, Senhor Accursio, que ouzadia!!! nem a do Inglez, que espetou a vella acceza no meio do paiol da polvora!!! Ora na verdade custa a crer, que a Commissão patrocinasse a bandeiras soltas, huma das mais potentes velhacadas, que o Ministerio tem praticado! Aqui foi que o Ministerio se deu a conhecer de todo; porque suas exacrandas intenções, erão de desterrar repentinamente de noite (como nós sabemos com evidencia) a S. M., para não encontrarem opposição alguma no Povo! Mas a Nação está álerta, meus amigos já se não illude assim....

Continua: *E que dirá do Rei quem assim trata os Ministros? Diz "que elle fóra por estes arrastrado a huma fogosa determinação, tão repugnante aos sentimentos de Seu coração, com a qual precipitárão a Nação, &c.* Ninguem podia dar huma resposta mais cathegorica. A pillula que á força nos querem fazer engulir, da espontaneadade do Rei, he tão volumosa, que nós apostamos em como huma balêa, por mais que escarranche a boca, não he capaz de a engulir! Isto nem merece analyse, porque todo o Mundo sabe, que o Rei não póde fazer nada, sem que o Conselho de Estado.

e dos Ministros assentem nisso: vamos adiante.

Continua: *Em verdade, parece que sómente para os paizes estrangeiros se escrevêrão expressões, que dentro do reino não podem ser cridas.* Olé! dai-lhe que ainda bole. Quem haverá tão magano, e tão crendeiro; que diga, que isso he mais velho do que a China? . . . . . vamos andando.

Continua: *Inculca-se a Rainha como reclusa no Ramalhão, e privada da Sua liberdade; á sua sahida do reino dá-se o nome de deportação.* Ora a Comissão tem cousas! Quem haverá tão malevolo que diga, ou acredite huma peta dessas? S. M. está em toda a amplitude de Sua liberdade; se foi para o Ramalhão, foi para se divertir, tomar os ares da risonha Primavera, ouvir o canto dos rouxinoes, &c. vem a Lisboa, a Queluz, a Belem, quando quer; se lá não tem Seus caros filhos, he porque Ella mesma não quer, para lhe não causarem incommodo. E chamarem deportação á viagem de S. M.?!!! Ah! maganões Portuguezes, como daes differente sentido ás palavras! deportação, ou desterro, diz-se daquelle que vai por sua livre, e espontanea vontade, com passaportes &c. fazer huma viagem; agora aquelles, que o nosso humanissimo, e dulcissimo governo Constitucional manda pôr fóra da Patria, depois de muito insulto, e vituperio &c. &c. applica-se o termo tecnico = *removidos*, ou *remoção. (Vide diccionario da Mayada por Silva Carvalho.)*

Continua: *Onde está pois aqui a privação da liberdade? onde a deportação? onde as dolorosas impressões da Nação, por vêr gritar a humanidade?* E a Commissão a dar-lhe! Todos sabem perfeitamente que S. M. está em plena liberdade, que quer por muito sua livre vontade, hir viajar; que a Nação toda está saltando de contente com isso &c. deixe fallar o Senhor Accursio das Neves.

Continua: *Parece por tanto á Commissão; que a indicação deve ser regeitada, como cheia de asserções falças, e calumniosas, de principios erroneos, subversivos, e anti-constitucionaes, e tendente a semear a zizania nos povos, e a romper a união, que felizmente subsiste entre o poder Legislativo, e Executivo.* S. Jeronymo! Santa Barbara! Que formidavel conclusão de hum tão formidavel exordio!!!! Tanto não chuchárão os *horrorosos conspiradores* da Rua Formoza! e o indicador ainda está vivo depois de hum temporal destes!!!! Com effeito, se nos apresentarem hum desfeixo tão energico como este, quebramos a trombeta, e servimo-nos de huma sanfona. Mas para o rivalisarmos, vamos compôr já hum alfarrabio intitulado: = Machiavel mettido em hum chinelo, ou Politica constitucional Luzitana do Seculo 19, = para servir de guia á historia das idéas liberaes, em todos os tempos.

Quem o vio, e quem o vê.

Quando se recorda o prazer, e enthusiasmo a que toda a Nação Portugueza se entregou quando ouvio proclamar o Systema Constitucional, a boa fé, e uniformidade de sentimentos, a sincera adhesão dos Povos; as honras, e applausos com que os Regeneradores forão acolhidos na Capital; os felices auspicios com que as Cortes Constituintes se installárão; quando tudo isto vem occupar a nossa lembrança, e meditamos no presente estado em que nos achamos vendo a tristeza impressa em todos os semblantes, e a consternação por todos os corações, nasce naturalmente o desejo de perguntar: Como mudárão os homens de opinião no curto espaço de anno e meio? Como se pôde tão velozmente fazer a peor, da melhor das obras?

A esta pergunta, responderá hum dia o imparcial historiador: "Portugal pela auzencia do seu Rei para o Brazil, e pelos assoladores efeitos da guerra, em poucos annos se achou reduzido a hum máo estado. Alguns homens, levados, ou de hum verdadeiro amor da Patria, ou de hum impulso estranho, o tirárão daquelle espinhoso passo, proclamando hum Governo Constitucional, adaptado ao genio da Nação, e conforme a seus antigos uzos. Tudo accedeu, e aprovou com gosto esta proposição.

Porém depressa o fatal espirito de facção principiou a desunir os Portuguezes, e a instigalos, a dividir-se em partidos. Huma certa classe de homens filhos das trevas, quizerão apropriar-se o direito de guiarem elles sós os publicos negocios, e julgando só dignos dos cargos do Estado, aquelles de sua communhão. Desde que se julgarão seguros em seus postos, o verdadeiro interesse dos povos foi esquecido, a vontade geral despresada, e a opinião atacada de frente. Esta mesma classe, para ter sem-

pre hum especioso pretexto de levar avante suas tenções, dividio os Portuguezes em dois partidos, que denominou: dos *Liberaes* e dos *Corcundas*. Persuadida que já nada podia arrostala, e dever curvar a seus pés todos os colos, não guardou mais contemplações, nem decóro. Atacou a sociedade a descoberto, tanto no geral como no particular, e fez vomitar das imprensas huma torrente de injurias, que tudo arrastrava na sua corrente. A sociedade já não era a mesma, porque a facção dominante a havia dividido, e transtornado.

Então os Portuguezes, de quem a facção ousava a todo o custo fazer hum povo de filosofos, mas filosofos escravos, e ignorantes, principiárão a encarar espantados a posição em que se pertendia estabelecelos, e de que já poucos passos se achavão distantes. Desconfiados e temorosos, conhecerão por baixo da doirada nuvem que os havia illudido, todos os signaes do raio, que se preparava a abrasa-los; e desanimados pela iminencia do perigo, ficarão como interdictos na presença delle.

Foi então, que os seus sacrificadores principiárão tambem a conhecer o seu erro; porém em vez de procurarem remedia-lo, conformando-se á vontade publica, e ao imperio das circunstancias, bem pelo contrario, bramindo desesperação, vendo a sua preza prompta á fugir-lhes, desenvolverão mais seus fataes designios, e pozerão em acção os violentos recursos, de que só he dado aos despotas servir-se.

A caba-la, as injurias, as perseguições, e os ameaços tudo se arrojou ao mesmo tempo sobre aquelles mesmos, que pouco tempo antes lhes havião preparado o seu triunfo! mas que se fizerão assaz criminozos por haverem reconhecido o abysmo, a que seus sacrificadores os guiavão!

A esperança da melhora já então se achava morta no fundo dos corações. Os homens estão sugeitos a mudar, por hum natural impulso, todas as vezes que se lhes antolha hum melhor bem, apoz do qual sempre correm; e tambem nada duvidão em retrogradar, quando este bem lhes fica atraz. Os Portuguezes não encontrando naquelle estado os bens reaes que desejavão; antes bem ao contrario, vendo perdidos de todo esses miseros restos da publica prosperidade, rebelados, e dissidentes seus vastos dominios da America, o seu Commercio arruinado, sem Marinha, e sem Thesouro, se indignarão contra aquelles, que tendo por unico alvo de sua conducta os seus particulares interesses, se mascararão com os pomposos titulos de Regeneradores, Patriotas, e Filantropos; cujos titulos forão acreditados, em quanto homens, verdadeiramente amigos da sua patria, mettidos no silencio, e perseguidos, forão calumniados á face da Nação toda, como inimigos do Povo. Cançados em fim....,,

O historiador continuará com verdade este paragrafo, cujo desfexo omitimos, para não passarmos por profeta. O tempo o mostrará, e nós o veremos.

DIALOGO DOS DOUS AMIGOS.

(Zé, e Gonçalves.)

Ze. Ah! meu caro Gonçalves, Deos te traga em boa hora. Se souberas o furor, a desesperação em que estou contra estes malditos periodicos!...

Gons. E eu! malditos elles sejão! Pois tu não vês essa maldita trombeta do diabo, embirrada comigo? estou vendo quando me entra a cascar com testemunha falsa, *et reliqua!* Olha que demos com boa gente.

Ze. Deixa-os gritar quanto quizerem; como tu estás de dentro, pouco importa que te descubrão as mataduras; aqui o grande cazo he governar, e tirar vantagens, seja como fôr. Tu não vez como eu faço? chamão-me tudo quanto ha, (e quanto sou, aqui para nós que ninguem nos ouve) ladrão, despota, prevaricador, tyranno, e até patusco; e eu moita. Não que eu quero ter todo o mundo por meu.

Gons. Homem, Zé, eu não me conformo de todo com esse systema.

Ze. Bem mostras que estás novato no officio, e que não tivestes a minha escola. Olha Gonçalves, quando hum homem da nossa classe se propõem a fazer fortuna, estanhou logo a cara, e só huma tranca, ou hum chicote o pode fazer recuar.

(Continuar-se-ha.)

LISBOA: NA IMPRESSÃO LIBERAL. ANNO DE 1823. *Rua Formoza N° 42.*

DEZEMBRO 16. N.° 17.

A Trombeta escutai dos Luzitanos
E se rouca tocar . . . tremei Tyrannos!

O Trombeteiro.

A TROMBETA LUZITANA.

Quem não vir, ponha oculos.

Está difinitivamente resolvido o problema do Congresso de Verona. Os poderosos Aliados, como se sabe, poserão ao arbitrio da França o *ultimatum* dos negocios politicos da Peninsula. Agora desejavamos saber como os governos de Portugal, e Hespanha se conduzem nesta conjunctura; isto he, se negoceão primeiro amigavelmente com a França ou se decididamente abração o partido da guerra, sem procurar evitala. A Hespanha, dizem que se acha em negociação com ella; porem em quanto a Portugal, não consta que tenha tomado interesse algum nesta negociação; salvo se a Hespanha está encarregada de nos advogar como parte integrante. Dizem que a base essencial da negociação entre as duas Potencias consiste sobre huma modificação na Constituição da Peninsula, proposta pela França, e que admitida ella, cessaria a França, assim como as demais Potencias suas alliadas, de nos perseguirem, ou incomodar. Porem tãobem se acrescenta que a Hespanha não admite por principio algum essa proposição, e que antes quer tentar a sorte das armas, e expor-se a qualquer resultado funesto, do que bulir n'hum só artigo da sua liberal Constituição. E quem não dará razão á Hespanha! vale mais sustentala illeza, purissima, e leberalissima, como ella he, *a pezar ãos pezares*, do que passar pelo desdouro de lhe fazer alguma emenda, que não corresponda ás *idéas do seculo*!...

Sabemos com certeza, que o exercito Francez, acaba de receber consideraveis reforços, e o titulo de = Exercito D'Hespanha = Lambem podemos asseverar, que a esta hora em que escrevemos, ou se acha concluido hum *ultimatum* amigavel, ou os Francezes se movem ja porterras d'Hespanha Mas neste ultimo caso, a Peninsula mostrará o que he, assim como o mostrou em 808. Far-se-lhe-ha em postas todo esse miseravel exercito de crianças, e hiremos de pois triunfantes dar em Pariz huma Constituição á desgraçada França, e de lá mandaremos hum destacamento de milicias a Verona, queimar, e salgar aquelle pardieiro, onde se deliberou contra os Constitucionaes; e se apertarem muito comnosco, hiremos queimar Vienna, destruir Berlin, e saltar Petersburgo. Oh! que miseravel sorte não espera esses trez potentados! nem nos confins da Siberia nos hão-de escapar! Que elles tremão. Todos nós tomaremos as armas, e não ficará Frade, nem Cura, que não vá com o seu espeto acometer esses cães, e dar-lhes a Lei; (Constitucional ja se sabe;) porque esta guerra he muito mais nacional, que a passada.

Parece-nos que ja estamos vendo a fradaria armada de espada, e adaga, marchando contra o inimigo comum; a nobre-

za enthusiasmada apresentando-se em campo, armando, e fardando corpos á sua custa; o comercio offerecendo extraordinarios subsidios, os proprietarios offertando os seus generos &c. Então os nossos exercitos completos de toda a sua força, bem pagos, e bem armados, com hum segundo Welington á sua frente, levarão de rojo diante de suas baionetas tudo quanto ousar encaralos.

Nós temos todos os meios necessarios á nossa disposição; o armamento está ja encomendado, e dinheiro não falta, porque em Portugal, ainda ha muita gente que o tenha. Embora nos digão o contrario: porque isto he huma verdade tão conhecida, que ja foi enunciada pelo illustre Borges Carneiro na Sessão de 16 do corrente.

A' vista disto quem poderá duvidar, de que o exercito Francez vem ter hum tragico fim na Peninsula? Aquelles Gallos não se querem acabar de desenganar de que a Peninsula he o sepulcro natural de seus exercitos? forte demencia! Porem elles, se forem espertos, ainda tem hum recurso para evitar a cathastrofe que os espera; he unir-se aos Constitucionaes, e fazerem com elles causa comum, para hirem depois todos juntos destruir o governo despotico da França. Isto mesmo acontecerá simultaneamente aos demais exercitos da Europa, que forem nossos inimigos.

Como não somos ambiciosos da gloria alheia, mas sim admirador, declaramos, que estas sublimes ideas politicas não são nossas, mas sim do mesmo illustre Senhor Borges Carneiro, na mesma Sessão. Ellas forão adicionadas, e esclarecidas pelo conspicuo, e honrado Senhor Serpa Pinto, que he hoje hum dos bellos adornos do nosso Congresso, e formidavel esteio do systema Constitucional.

Será para deplorar se este bravo, e inteligente militar se não aproveita para guiar as futuras operações do Exercito; ou quando menos ter o comando em segundo; porque então he que de certo se não poderia temer hum máo resultado. Velo-hia-mos cheio daquelle valor natural que o distingue, dar consigo em Verona, e depois de a reduzir a poeira, deixar hum padrão ás gerações futuras, que attestasse as suas gloriosas façanhas, por meio desta simples legenda: *Aqui debelou Serpa o Despotismo!*

Não vertão os nossos leitores o veneno ironico neste leve bosquejo de hum tão honrado varão, que elle merece ainda muito mais!....

He, ou não he.

Alguma cousa dissemos em nosso N. 15 á cerca da doutrina que o Sr. Deputado B. C. expendeu na Sessão do dia 11 do corrente, toda conforme com as verdadeiras idéas liberaes do tempo. Hoje temos hum mais vasto campo, para fallar sobre o mesmo objecto, que o mesmo Sr. B. C. nos franqueou na Sessão de 16, na qual, com muita mais evidencia explanou o seu modo de pensar. Eisaqui o que elle nos diz, em o longo discurso que recitou naquella Sessão:

" Ai de quem atacar a grandeza da
" Peninsula! a guerra será de morte, e de-
" pois de ganhada a superioridade contra
" os agressores, quero dizer, a das nações
" contra esses tyranos, não se hão de de-
" pôr as armas, *sem se lhe acabar a casta*:
" não ha-de ser o fazelos emigrar para *Co-*
" *blentz* e para *Lilla*, para depois algum
" dia regressarem a dar outra vez cabo
" das liberdades Francezas, rodeados de
" fanaticos, hypocritas, e ambiciosos: es-
" tá provadissimo que são inimigos irrecon-
" ciliaveis das nações, ~~e que não conhecem~~
" outra medida, se não a da sua ambição:
" por tanto *se banirá de huma vez tal raça*,
" e sobre as ruinas della se levantará a glo-
" riosa dynastia do Sr. D. João VI. "

Caspite, Sr. B. C.; agora sim, he que pode ter a vaidade da *invenção*, porque esta idéa, he, como se diz, novinha do *trinque*! vamos por partes: *Ai de quem atacar a grandeza da Peninsula*! he o que nós ja dissemos; os homens metem-se em boa, o mais afoito segurador Inglez não dá hum chelin por todos os exercitos, que cahirem na corriola de entrar em Hespanha. Como não ficarão estrumadas as terras, com *tant de miserables guerriers! A guerra será de morte.* Aqui he que o Sr. B. C. não vai muito coherente, porque na outra Sessão disse que os exercitos francezes, entrando em Hespanha, farião causa com os liberaes, e não haveria nada; e agora diz, que ha-de ser guerra de morte; naturalmente já recebeu noticias posteriores. *Não se hão-de depôr as armas sem se lhe acabar a casta.* Ora eis-aqui o que nós sempre tememos, por compaixão daquelles infelizes? estava visto, se chegavão a atiçar as nossas iras,

levava belzebú quantos Reis tem a Europa! e então com quem elles se metterão! com o Sr. B. C., que só de huma marrada mata sete.

E que gloria será a de Portugal, vendo a Augusta Dynastia do Sr. D. João VI. ocupar todos os thronos da Europa! agora he que o *Bandarra*, e o *preto* do *Japão*, ficarão a hum canto! *não ha-de ser o fazellos emigrar para Coblentz, e para Lilla.* Isso por modo nenhum; he abafalos logo, e guilhotina com elles. E ainda haverá algum *corcunda* que deixe de admirar esta sabia, e prudente medida? só assim he que os povos pódem ser felizes, vendo acabar os Reis na guilhotina, para gozarem depois a rego cheio das doçuras e humanidade do *puro liberalismo*! então he que os Borges Carneiros hão de regenerar perfeitamente a especie humana, e ellevalla ao mais sublime gráo de perfeição, que se possa imaginar. Ora digão agora, que o Sr. B. C. não he hum consumado *patriota liberal.* Ah! que se o Congresso fosse todo composto de tão eminentes patriotas, já ha muito que a nossa regeneração estaria completa! *Está provadissimo que são inimigos irreconciliaveis das nações.* Provadissimo mathematicamente. Pois a quem deve Portugal, desde o Conde D. Henrique as suas continuadas desgraças? quem perdeo a bella França senão os seus Reis? quem sepultou a Russia na miseria, e na desgraça, se não Pedro I.? Quem assolou, e destruio a nossa comadre Hespanha, se não o anti-constitucional Carlos V.? nada, esta gente não serve ao Sr. B. C., e por tanto não serve ás Nações, he escusado existir: *pois desfaçamo-nos delles, e acabe-se com tal raça.* E se assim o quer, e determina o Sr. B. C. que remedio terão os povos senão adherir á sua justa vontade?

Dizem os inimigos de huma seita oculta, ramificada hoje por todos os cantos, que ella tem por objecto primordial, a destruição da Realeza, e da Religião; pois nós assentamos que he pelo contrario, e que só pertendem fazer apurar cada huma, o mais que lhe seja possivel. Não ha gente mais amiga destas duas instituições, que aquelles *veneraveis* sectarios; e se não oução quanto elles estão prégando ha tempos, e colher-se-ha huma irrefragavel prova dos lindos sentimentos que os animão.

Continuação do Dialogo inserido em o N.° 16.

Gons. A tanto não desejo eu chegar; pois olha que em artigo *pouca vergonha*, não me deitas muito a barra adiante. Mas deixemo-nos de paralellos. Zé, a coisa vai mal; nós estamos sem credito, e os homens não cessão de embirrar comigo!

Ze. Mais embirrão elles comigo; mas eu rio-me disso. Olha em quanto o Bernardo empunhar o chuço, nada temo.

Gons. Sim, isso assim parece; mas o Bernardo he fraco como huma abóbora; se vir a cousa com má cára, mirra se, e deixa-nos na ratoeira.

Ze. Então tu não tens o negocio na mão? para que te metti eu de dentro? que tanto me custou!

Gons. E eu que diabo hei-de fazer nesse caso?

Ze. Podes fazer muito, que he arranjar huma desordem tão confuza, que nem a rival do meu chapelorio, isto he a torre de Babel, lhe chegue.

Gons. E para que?

Ze. Para que? está boa: para nos sacudirmos frescos, nas agoas turbas.

Gons. O' Zé, tu estás com tentação do diabo; pois não vês que já te andão com o olho em cima do lombo; pódes ter a certeza que não nos escapulimos assim como pensas.

Ze. Não temas; eu, e o José da sucia grande, já combinamos o plano; o cavallo de páo está prompto, e a metralha no paiz das batatas; ora depois que nos peguem.

Gons. Vocês ainda o pilhárão em bom tempo; mas eu que venho no fim da festa!...

Ze. Cala-te que ainda ha-de durar; não percas tu a occasião, e vai fazendo como eu fiz, enche-te, seja como fôr, e não estejas só atido ao saque final; não entres em preço, tudo o que derem faz conta.

Gons. E os malditos periodicos?

Ze. Deixa-os comigo Vou-lhes armar hum alçapão, que os hei-de abafar todos. La está o José disposto á cousa, e ella ha-de pegar.

Gons. Ou pegará, ou não; olha que ella he de costa acima, e os homens estão á lerta!

Ze. Bem sei; mas ha-de-se-lhe fazer a

deligencia, que a maior parte delles he huma infiada de pateótas, e de fracos; estão já conhecidos. Não viste como o outro dia o José os fez callar, e levou a sua adiante? quem se calou a aquillo, he capaz de estar por tudo quanto se quizer, até por hum roubo de Igreja. Nada, nada, são camelos, e a cousa pega de estaca.

Gons. O' meu Zé, se tu chegas a arranjar isso, até te dou hum bejo .... só para fazer calar aquella trombeta infernal, que nos atordoa estes ouvidos. Depois ó meu Zé, he que nós ficamos em nossa quinta. Eu cá pela minha parte ponho tudo nú.

Ze. E eu em osso; olha os que escaparem de cá, lá te vão ter; e o resto larga a ultima gota nas mãos do Bernardo. Então he que elles hão-de ver ahi hum chapelorio, que ha-de assombrar Lisboa. Tu já vistes a minha casaca de rabo de pega?

Gons. Qual, aquella que arrancha ás vezes com o chapéo de viado?

Ze. Enganas-te, he de carneiro marinho; mas deixemos para logo as modas. Então, dize-me, estás prompto a perder o resto dessa oppressora vergonha? estás conforme comigo a tratar de bagatella o mais peçonhento escarro que nos deitem na cara?

Gons. Já agora, *das almas nossas a nobreza he essa.*

Ze. Pois bem. Segue-me, anda a casa do José da sucia grande, para acabarmos de tratar como se ha-de pôr fóra aquella aristocrata, que tanto nos despreza.

Gons. Prompto. Mas olha que he preciso segredo, e rapidez, se não nada feito.

Ze. Deixa-a comigo. Ha-de hir fóra, ou eu não hei de ser Zé Reforço.

Verdade indisputavel.

Nada ha mais justo, e necessario nos governos representativos, que a liberdade de escrever. He preciso negar ao homem o dom da palavra, com que o Creador o destinguio de todos os animaes, para lhe negar tambem o direito de a transmitir. Principia o homem na infancia a aprender a fallar; logo depois se lhe ensina a lêr, e escrever, e por tanto daqui lhe vem o direito natural de exprimir os seus sentimentos, e communicallos, por essa feliz invenção da escripta, que a sociedade ordenou que se lhe ensinasse. Quartar-lhe esta liberdade, he cahir em huma visivel contradicção; porque não tendo de se lhe deixar de fazer uso daquillo que se lhe ensinou, escuzado era ensinar-lho; e julgando-se hum mal para a sociedade o uso que se póde fazer da escripta, se deveria atalhar este mal em sua origem, destruindo-se a invenção, para que o homem nunca podesse ser ouvido senão daquelles que estivessem em sua presença. Porém, como isto entra na ordem dos impossiveis, cumpria aos ciosos de governar sem limites, adoptar huma medida, pela qual ficasse o homem impossibilitado de publicar seus pensamentos. Creou-se a censura; isto he, os governantes impozerão silencio aos governados, e só lhes premittirão, como especial favor, o pensar segundo as suas conveniencias, e caprixos. Nada ha mais tyrannico, nem maior atentado sobre os direitos do homem; o Creador o mandou fallar, e o mesmo homem lhe impõem silencio!

Os governos livres, como mais aproximados, e reconhecedores do direito natural do homem, todos hão reconhecido este, jolgando-o mesmo como base essencial de sua estabilidade. Os governos, onde este uso se acha estabelecido desde longos tempos, são sem dúvida aquelles que mais descançados vivem sobre a tranquillidade pública; nada os assusta, e nunca temem revoluções ocultas.

(*Continuar-se-ha.*)

ERRATAS.

Na folha N.° 15, 2.ª pagina, 1.ª columna, onde se acha = fosteis com a infalivel = lêa-se = fosteis huns ignorantes da infalivel, &c.

Em o N.° 16 ondo se lê = bramindo desesperação = lêa-se = bramindo de desesperação.

LISBOA: NA IMPRESSÃO LIBERAL. ANNO DE 1823. *Rua Formoza N° 42.*

DEZEMBRO 24. N.º 18.

A Trombeta escutai dos Luzitanos,
E se rouca tocar . . . tremei Tyrannos!

O TROMBETEIRO.

A TROMBETA LUZITANA.

De muita paciencia necessita quem vive no seculo actual. Hoje suspeita e verdade, são sinónimos; entre imaginar e publicar, não medeia huma linha. Entre nós, agora, o ente mais abjecto (1) cresce com hum direito poderoso de atacar, e insultar todos os homens indestinctamente conheça ou não conheça, tenha ou não tenha causa. Appareceo a Trombeta, soltando sons agudos, e armonicos pelos horisontes portuguezes, e todos os amadores deste instrumento lhes prestárão hum ouvido attentissimo, sem com tudo lhes importar quem o soprava. Porêm, os satelites da noute, que só se deleitão com a dissonancia, sahirão espavoridos de seus antros nocturnos, morderão-se, descabelárão-se, e em altos alaridos perguntárão quem era o instrumentista. Nada havia mais facil de saber, indo-se á imprensa indagalo; e he bem natural que assim fizessem, porque o outhor he tão conhecido, quanto procavado hoje, pelas ruas, onde se lhe fazem esperas de noute. Mas a *cáfila* devia aproveitar-se desta fingida ignorancia, para vomitar injurias sebro aquelles a quem jurou hum implacavel odio, e procura a todo o custo denigrir.

Assim o fez. Divulgou primeiro que o Redactor da Trombeta, era hum honrado Depp. da passada Legislatura; logo depois indicou outro da presente; e em fim, voltou-se contra o general Stokler, cubrindo-o ao mesmo tempo de insultos, e vituperios. Nós como ainda conservamos, e conservaremos até ao ultimo suspiro vital, os sentimentos da honra, e da civilidade, fomos perguntar a este general, se queria que esclarecessemos o publico, sobre a falsidade de huma tal imputação. » Senhores, nos disse, não desperdiceis a vossa tinta nessas futilidades; a minha resposta he o desprezo » Hoje porêm, que este general vê atacada de perto, e sem pejo algum, a sua honra, e dignidade, julga-lhe dever-lhes hum sacrificio, e nos envia a seguinte Carta.

Senhor Redactor da Trombeta.

O invencivel horror que tenho a constituir-me accusador de pessoa alguma, por quão perversa ella se tenha qualificado, me impede neste momento de citar perante o *Jury* ao libelista, folicularío redactor do — Campeão Lisbonense. Este maledicente, e despresivel escrevinhador, que mais de huma vez tem procurado denigrir, e enxuvalhar o meu nome, no seu abjecto e nojento periodico, e a quem tenho tractado com todo o desprezo, que a sua indignidade inspira em todos os corações bem formados, acaba de accusar-me diante do Publico, em o supplemento ao seu

(1) Nós atégora ainda nos não podemos conformar com o maravilhoso systema da igualdade, proclamado pelos *farrapões* da França, porque ainda não vimos dous homens iguaes, havendo tantos milhões delles no mundo. Logo que os encontremos, não teremos duvida em exclamar: Viva o illuminado systema dos — *farrapões*.

n.º 113 de incitador de revoluções, e de pertender arrojar a nossa Patria nos horrores da anarchia; dizendo-me colaborador do Jornal intitulado — Trombeta Luzitana, que vós publicaes tres vezes cada semana, e que elle reputa incendiario, e mesmo positivamente dedicado a excitar commossões perigosas entre nossos Concidadãos.

São tão melindrosas as actuaes circunstancias Politicas da Nação Portugueza, e as minhas proprias, que bem a meu pezar me vejo obrigado a procurar desmentir este infame escrevinhador, bem como aos seus instigadores, pedindo-vos que queiraes desenganar aquella parte do Publico, a quem elles tenhão conseguido illudir, fazendo-lhe acreditar esta nova calumnia; que sem duvida inventárão neste momento, só com o fim de contrabalançarem de algum modo, no espirito dos bons Portugnezes, as impressões favoraveis á minha causa, que em seus animos deverão ter produzido os escriptos por mim ultimamente publicados. Espero que em abono da verdade, e em consideração á desgraça dos tempos, e ao melindre das circunstancias, que me forção a este passo, vos dignareis de annuir a esta tão justa requisição, de hum cidadão tão injustamente calumniado, como atrózmente persiguido, e que he além disso: Vosso

Mt.º attento e obsequioso vener.º

Lx.ª 17 de Dezembro de 1822.

Francisco de Borja Garção Stokler.

RESPOSTA.

General.

Tenho a honra de accusar a recepção da carta de V. Exc.ª, e me cumpre assegugar-vos a sua prompta publicação em Jornal que redijo.

Convencido de que a honra, e o decóro pessoal são os primeiros thesouros de que o homem deve fazer o maior apreço, julgais como necessario fazer ao Publico huma declaração, que aliáz eu devera ter prevenido. Porêm, senhor, medindo o longo intervalo que entre vós existe, e os vossos calumniadores, julguei inutil faze-la, por isso que fazendo justiça á maioria de nossos concidadãos, me persuadi, e persuado ainda que elles conhecerião a astuta infamia com que se propunhão a macular vossa honra.

Vós não ignoraveis que hum virtiginoso espirito de discordia, emprega hoje todas as suas forças para destruir estes primeiros laços que prendem o homem á sociedade. A moral he hum pezo insopportavel, a virtude hum fantasma vão, e o crime huma doçura: tal he a doutrina que professão; e vós sabeis o estado a que o homem se póde reduzir quando desconhece outra. Os que tão atrózmente vos insultão em vossa desgraça, são os mesmos que se fazem justiça a si proprios. Hum verdadeiro prudente, não lançaria mesmo seus olhos sobre tão objectos seres.

Vós não deveis acreditar que o judicioso Publico desta capital, que hoje perfeitamente me conhece, vos attribua a redacção do meu Jornal. Isto poderia gressar, se Lisboa toda não soubesse já as traições, e attentados que contra minha pessoa se tem urdido por differentes vezes, e que eu tenho sabido já evitar, já repelir. He verdade que as Authoridades fingem desconhecer estes factos de publica notoriedade, talvez para se eximirem ao penoso dever de evitar o crime! mas apezar disso todos sabem que não sois vós.

Tereis visto sem duvida os vituperios com que os mesmos que vos insultão, me hão insultado; mas tãobem sabereis o despresivel abandono com que os trato, sem perder hum momento em me voltar para elles, não só por serem indignos disso, mas para não interromper a nobre marcha a que me prepuz, e de que o poder dos homens não he capaz de me fazer arredar. Idolatra da liberdade, detesto todas as facções; e se só por intrevenção dellas, eu a podesse gosar, preferiria antes a escravidão.

Permitti, senhor, que vos affiance a minha estima, e mui distincta consideração com que tenho a honra de ser:

De V. Exc.ª

Respeitoso servidor.

Lx.ª 18 de Dezembro de 1822.

Manoel Joaquim da Roza.

A RAINHA DE PORTUGAL.

Cada vez que nos recordamos do memorando, e atroz accontecimento que se passou com S. M. F. a Rainha do Reino Unido de Portugal Brazil e Algarves, hum sentimento, misturado de indignação se apodera de nossas faculdades, e nos instiga a discorrer sobre tão grande assumpto, com aquella vehemencia e denôdo que inspira a justiça postergada, e a innocencia

oprimida. Quanto nos custa neste mesmo momento suster a penna, e guiála com moderação! As sagradas promessas, feitas á face dos altares, a hum Povo que idolatra os seus Monarchas; o voto universal deste mesmo Povo, que só consentio na mudança do seu regimen, debaixo das essenciaes clausulas da garantia da Familia Reinante, e da Religião Nacional; a Lei desta mesma Religião que prohibio o divorcio; o decoro e contemplação devidos a huma Rainha, e a huma Rainha esposa de hum Rei que faz as delicias do seu Povo; o amor conjugal; a ternura maternal; a perda da patria, tudo vem n'um turbilhão apresentar-se á nossa idéa, para nos fazer encarar as revoluções debaixo de hum aspecto horrivel! Qual seria o Portuguez, digno deste Nome, que ousaria, ainda ha bem pouco tempo imaginar que a sua Rainha havia de ser condemnada, innocente ao divorcio, e ao desterro?!! (1) E he este o reinado da Justiça, e o seculo das luzes?! Eis-aqui por que os Soberanos alliados dizem em seus Manifestos, que a Revolução de 1820 na Peninsula tem por alvo a destruição dos thronos. Que dirão elles agora sabendo esta bella noticia? E que dirão os partidarios delles? dirão que são bons profetas, porque as profecias vão começando a virificar-se. A' vista disto como querem que não haja descontentes? Como se póde fazer prosperar huma causa de tanta importancia e melindre, que logo ao nascer teve inimigos, se se estão procurando todos os meios de a fazer odiosa?!

He impossivel que haja hum homem tão abjecto, e fraco que diga: »Eu prefiro o imperio absoluto ao da Lei» Todos gostão da Liberdade, mas ninguem quer ser calcado em nome della; e quando se vê guialla por caminhos tortuosos, e todos opostos áquelle por onde a esperão, os homens desconfião, entrão em interpretações, e chegão a abjurala. Nós calculamos pelo estado da opinião Publica, que a causa perdeo, com este acontecimento de S. M. a Rainha, mais de cem mil amigos, e hum milhão de indifferentistas. Quem se persuadio que a Nação não tomava hum vivo interesse nisto, ou não conhece o Povo Portuguez, ou está com a cabeça esturrada, das noutes que passa em claro.... He absolutamente impossivel riscar-lhe este amor, esta affeição á Realeza, que se acha gravada em seus corações. Ainda não ha muitos dias que a pouca distancia desta capital, estavão dizendo os habitantes do campo, reunidos em circulo; — que seria mais facil morrer hum por hum aos pés de S. M. do que deixarem-A partir. — Meus amigos, deste Povo, não se fazem Filosofos de Genebra! Nem Deos tal permitta!

(1) E então por quem!! Talvez que poucos tinhão dado a atenção que nós temos dado aos dous votos dos Conselheiros Braamcamp, e Moura; porque nem todos sabem as particularidades que ha entre estes dous individuos. Todas as vezes que houver conselho, notem a uniformidade de voto com que sempre se distinguem. Se nós tiveramos para com suas pessoas, a mesma contemplação que elles tiverão para com S. M., diria-mos alguma cousa de sua conducta, que não lhes havia de agradar muito!....

AO CENSOR.

Ouvistis, mercenario, dize lá a teu amo que muita honra nos faz em nos chamar Aristocrata; e que elle mesmo se desvaneceria em o ser, se podesse deixar de ser *ferreiro*, *e sans-culot*, *vulgó*, *miseravel farrapão*. O'ra não te esqueça.

O RECRUTAMENTO.

Os homens são pela maior parte das vezes tão victimas de huma palavra, como enthusiastas da novidade. Quando se reunio a Legislatura Constituinte huma das primeiras reformas em que se empenhou, foi a da total extincção das Ordenanças. O Povo, não deixou de gostar disto, porque gosta de tudo quanto possa eximilo á obediencia, e aos encargos. Porêm, aquelles que sabem como estas cousas são, poserão-se á espreita, para verem como se havia de fazer hum recrutamento, quando fosse necessario. Venceo-se no Congresso que o exercito fosse prehenchido, e levado ao seu total de campanha. A Comissão da Guerra, apresentou o plano porque este recrutamento se deve fazer, o qual consiste em entregar esta importante tarefa ao cuidado e authoridade dos Coroneis de Milicias. Tem entrado em questão qual das duas corporações era mais pesada aos Povos; porêm a pluralidade convem em que seja a das Milicias; porque nestas ha obidiencia activa, e nas outras era só passiva. A hum Capitão-mór desobedecia-se impunemente; porêm não a hum Coronel de Milicias, cujo regulamento obriga como na linha. Portanto, hum Coronel de Milicias exerce huma authoridade muito maior, do que aquella que

exercia hum Capitão-mór; e por isso póde opprimir muito mais os Povos, quando não seja recto e probo.

Dada pois aos Coroneis de Milicias a authoridade de fazer o recrutamento, veremos em cada destricto, não hum Capitão-mór, mas hum cento delles, principiando pelo Coronel, e acabando no ultimo cabo d'esquadra, e passando depois aos Camaristas, e ao official commissario do Corpo para onde se recruta; todos estes tem suas atribuições *patronaticas*, e todos.... e todos.... vamos adiante; e sobre quem recahe todo este pezo enorme? sobre os mesmos que exultárão o outro dia com a quéda dos Capitães-móres! Sedo os ouviremos clamar contra tantos substitutos. Hum Capitão-mór, de máo caracter, podia vexar os Povos; porém hum Coronel de Milicias póde arruinallos. Nem todos os Capitães-móres erão prevaricadores, assim como nem todos os Coroneis são honrados. A falta de selecção que ha huns poucos de annos se tem feito, para Coroneis de Milicias, faz com que o sejão hoje homens que nada tem de seu, (nós os conhecemos) e que vivem á custa do Regimento. Imagine-se agora hum destes com a authoridade de recrutar para a linha, e veja-se que tal elle senão fará, e em que estado não ficará o destricto!! Mas não importa, porque se não chamão Capitão-móres! Dir-nos-hão, oh! mas castiga-se os que prevaricárem: e nós respondemos: oh! castigassem-se tãobem os Capitães-móres que prevaricavão. Ha Coronel de Milicias que já não dá a funcção até ao fim do recrutamento por menos de 25 ou trinta mil cruzados. Mas que importa, se elles senão chamão Capitães-móres?! Agora, á moderna tudo vai das palavras.

O que nós estamos a observar agora com muita attenção, he a maneira porque se procede ao recrutamento; isto he, se se continua com o tyranico e detestavel uso de prender e tractar aquelles que hão de hir deffender a Patria, como se prendem e tractão os facinorosos, salteadores de estrada, &c. assim como tãobem, se continuárão a sequestrar-lhe os bens, pôr-lhes soldados ás portas, e prenderem os pais &c. Nós conhecemos perfeitamente a repugnancia que ha no Povo Portuguez para a profissão das armas; mas não podemos deixar de confessar que ella tem hum justo fundamento pelas revoltantes violencias que se lhe fazem, e pela recompensa que depois os espera, no fim de muitos annos de serviço, que ordinariamente hirem pelas portas desafiar a compaixão das almas sensiveis. Se este recrutamento chega a verificar-se, não teremos duvida em cantar de dia, e noute: *Laudate Dominum, quia mirabilia fecit.*

RUMOR PUBLICO.

Ha dias que nesta capital se espalhou a noticia, talvez fundada na participação do Diario de que podiamos viver tranquillos sobre as deliberações do Congresso de Verona, a respeito da Peninsula. Se o Governo recebeo participações officiaes, que assim o assegurem, porque as não publica? Quererá elle retardar-nos huma tão aprazivel noticia, para nos ter por mais tempo entre o temor, e a esperança? Ha quem diga que esta noticia foi mui de preposito inventada e espalhada para tranquilisar os espiritos, que hoje se achão na maior agitação, já com o estado politico dos negocios externos, já com a alta violencia, que se intentava fazer a S. M. a Rainha de Portugal. Não se fiem pois nossos concidadãos em taes boatos, para dormirem socegados á borda do precipicio. A França ainda conserva hum exercito de cincoenta mil homens, que denomina — de Hespanha — sobre os Piryneus, e todos os dias o vai reforçando; e a mesma Hespanha achase em hum deploravel estado de anarquia, como todos sabem. Quem conhece o espirito que anima os Soberanos alliados, e o Rei da França, não se poderá capacitar de que viessem fazer hum Congresso á Italia para nos deixarem em paz, e reconhecer as nossas novas iustituições, contra as quaes até hoje se hão mostrado tão desafeiçoados. He preciso termos critica, e não nos illudirmos. Em quanto o exercito dos Piryneus não for chamado ao centro da França, devemos estar prevenidos para o que possa acontecer, e tratarmos de medidas de defeza. He bem provavel que de lá mesmo se espalhem idéas pacificas, a fim de suspender-mos os nossos esforços, para quando menos o esperarmos, nos darem o golpe decisivo. Com taes inimigos assentemos que toda a cautela he pouca.

LISBOA: 1822. NA IMPRESSÃO DE VICTORINO RODRIGUES DA SILVA.
Calçada do Collegio N.º 6.

DEZEMBRO 28. N.º 19.

A Trombeta escutai dos Luzitanos,
E se rouca tocar . . . tremei Tyrannos!

O TROMBETEIRO.

A TROMBETA LUZITANA.

ACCUSAÇÃO DA TROMBETA.

Ha muito tempo que nós havia-mos previsto, que os inimigos da Liberdade, e da Patria buscarião todos os meios cavilosos, e injustos para nos perseguirem, e impôr silencio. Primeiramente servirão-se das vias de facto, fazendo-nos esperas de noute para nos assassinarem, mas que todas lhe forão frustradas, pelas prudentes medidas que adoptamos. Desesperados em fim de não poderem effeituar suas perfidas e homicidas intenções, forão instigados por desvairado frenezim accusar os N.os 16 e 17 deste Jornal. Foi Quinta Feira 26 do corrente que esta noticia chegou ao nosso conhecimento, assim como de se haver passado Mandado de prizão contra nossa pessoa. Sempre coherente em nossos principios de honra, e obediencia á Lei, nos dirigimos immediatamente a casa da Authoridade competente para nos instruir da verdade, e entrando no conhecimento de que com effeito se passára Mandado de prizão contra nós; nos despedimos da Authoridade, participando-lhe que hiamos dalli apresentar-nos na cadêa da Corte; o que assim cumprimos instantaneamente, indo apresentar-nos ao Carcereiro, para que nos recebesse como prezo, e lavrasse o necessario Assento.

Aqui verão nossos Concidadãos se sabemos respeitar, e obedecer promptamente á Lei, e se somos capaz de sustentar com honra tudo quanto avançamos. Nós ainda não podémos obter huma participação official da accusação contra nós intentada, nem intimação alguma judicial; e por isso não podemos já annunciar a nossos Concidadãos quaes sejão os artigos denunciados dos dous N.os, o que faremos na primeira occasião. Com tudo, verão todas as pessoas que os hão lido, que elles não incerrão doutrina alguma subversiva, e que nem directa, nem indirectamente chamão os Povos á desobediencia, e muito menos á rebellião; unico caso em que a Lei manda proceder logo á prizão do author. Daqui se póde conhecer qual seja o espirito que anima nossos inimigos contra nossa pessoa, por pugnar-mos deliberadamente contra os abusos do Poder, e infracção das Leis. Persuadidos talvez de que nos atemorisavão, e nos eximiria-mos pela fuga, a responder ao recto Tribunal do Jury, como cobardamente praticárão os dous Sandovães, foi que intentárão contra nós este injusto procedimento. Porêm, confiado em nossa justiça, e na inteireza de hum incorruptivel Tribunal, que hade julgar nossos escriptos, somos no emtanto o primeiro a obedecer á Authoridade, regulando nossa conducta pelos dictames da razão, e da honra.

Quando lançamos os olhos sobre os dous accusados N.os, não podemos conceber como houvesse quem julgasse hum só de seus artigos incurso no primeiro caso, e grão do artigo 12 da Lei, que diz assim: " Abusa-se da Liberdade da Imprensa contra o » Estado: 1.º excitando os Povos directa» mente á rebellião: 2.º provocando-os di» rectamente a desobedecer ás Leis, ou ás

» Authoridades constituidas : 3.º atacando » a fórma do Governo Representativo, adop- » tado pela Nação : 4.º infamando, ou in- » juriando o Congresso Nacional, ou o Chef- » fe do Poder Executivo » Huma só palavra, hum só discurso senão encontra em ambos elles, que possão dar lugar a huma similhante accusação; e por isso, apoiado em nossa justiça, nada tememos porque em nada havemos delinquido. A primeira Sessão do Jury, será a do nosso triunfo; e então nossos inimigos, confundidos, e desesperados, devorárão raivosos em si mesmos os negros furores com que a perfidia os alimenta.

Declaramos que apezar de nos acharmos em prizão, continuaremos sempre nos dias do costume a advogar a causa da nossa liberdade, com a mesma energia e patriotismo com que atégora o havemos feito; e que só cessaremos de o fazer, se nos fizerem violencia, pondo-nos em estado incommunicavel; o que advertimos á Nação para que no caso de faltar o nosso Jornal, conheça logo a causa que o impede de apparecer.

MANOEL JOAQUIM DA ROZA
Redactor da Trombeta Luzitana.

VACCA FRIA.

Está visto que he escusado cançarem-se os Jornalistas em pugnar pela justiça, e combater as infracções da Lei; são verdadeiramente vozes no deserto! Tem-se provado até á evidencia que o Deputado substituto, Miranda, está intruso no Ministerio, e não he possivel pôlo de lá para fóra, para se vêr desagravada a Lei fundamental! Esta criminosa reincidencia, não póde deixar de ter dois fins: o 1.º ter o Ministro da Justiça hum socio e amigalhão, que possa auxiliar as suas manobras; e o 2.º para mostrarem ao Publico, que não fazem caso algum delle, e que hade soffrer por força, quanto elles quizerem. O modo escandaloso porque estes dous homens estão violando as Leis, e escarnecendo a oppinião publica, he talvez original na chronica desavergonhada dos Ministerios de todas as nações! Do Ministro da Justiça, já não ha mais que dizer, nem que provar; e sobre a intrusão do — intruso — tão bem nada resta por esclarecer. Este caso, já se pertendeo ventilar no Congresso; porêm o Depp. que o exigia foi logo mandado calar, e por toda a satisfação que se deo á Nação, que estava com os olhos fixos naquelle negocio, foi dizer-se que não era de *urgencia*. Ora advinhem depois disto o que he *urgencia*? Para se saber se a Constituição está infringida, ou não, havendo irrefragaveis provas de que o está, não ha urgencia; e para se votarem pensões do thesouro á Viuva de F. T., que ainda estava insepulto, ha *urgentissima urgencia*, e toda a pressa era pouca. Seja o que for, e o quizerem, o Povo está de sobejo esclarecido sobre a illegalidade com que Miranda está no Ministerio, e por isso anda dizendo abertamente por essas ruas, e praças: » Forte patranha era esta que nos querião arrumar, de *inviolabilidade da Lei*! » Tudo corre como d'antes corria; cada qual trata de fazer os seus interesses, e não lhe importa lei, nem meia lei. » E que será do systema (que não passa disso) Constitucional, se vão continuando com esta direcção porque o levão? Como isto fica impune, e a estrada aberta, não tardará muito talvez nesta mesma Legislatura, que não vejamos sahir hum Depp. da Sessão, e ir dar audiencia para o Ministerio, ou aconselhar o Rei. He verdade que isto não seria para admirar porque Sepulveda foi Depputado (e oh que Depputado!!) e Commandante da força armada! Ora se todas as Constituições que ha pela Europa, fossem tão bem guardadas como está sendo a nossa, que conceito faria o Grão Turco dos povos livres? Está-nos parecendo isto huma entremezada do carnaval! Bem faz o outro que anda a vêr tudo, ora de óculos, ora de luneta. Tão bem nós estamos quasi resolvidos a deixar a Trombeta, e a tocarmos antes n'um BUSIO, que o caso he mais disso.

O RELATORIO.

Apparece finalmente á luz do dia o *Relatorio* do Ministro da Justiça, que offereceo ás presentes Cortes Ordinarias, por occasião da sua abertura, e que foi mandado imprimir, e publicar. Tudo quanto delle se havia dito atégora vagamente não he nada, á vista do infame espirito em que se acha concebido. Nós tinhamos visto muitos e horrorosos systemas de tyrannia, que desde seculos, e em differentes épocas, os verdugos da humanidade hão inventado para oprimir o homem, e reduzilo ao mais affrontoso estado de cativeiro, que se possa conceber; porêm, igual a este *Relatorio*, he que nós não tinhamos ainda visto nada, e mesmo nos persuadiamos de que a tanto não poderia chegar a pervesidade humana, de mãos dadas com a mais crassa ignorancia. Nelle se achão encerradas todas as idéas tyrannicas dos Morats e Robspierres, e delle se conhece visivelmente o criminoso espirito de governar despoticamente que anima o seu author. Ali já não ha rebuço, nem attenções, nem machiavelismo; he a tyrannia manifesta, com

a mascara n'huma mão, e o punhal na outra. A liberdade e as Leis são por todo elle desconhecidas, e attacadas directamente, de sorte que ninguem acreditaria, a não estar assignado pelo author, que similhante *Relatorio* fosse escripto no seculo em que vivemos. Agora verão nelle todos os Portuguezes a Justificação irrecusavel de todos os escriptores que hão bradado contra o Ministro da Justiça, accusando-o de despota, e de traidor; ninguem os podia milhor justificar, nem a Nação adquirir huma prova mais convincente de seu abominavel caracter, que aquelle infame projecto da nossa escravidão.

Portuguezes! Lêde aquelle papel, e conhecei os ferros que seu author vos prepara; vós não podereis deixar de julgalo como criminoso de lesa-Nação, que attenta abertamente contra as nossas liberdades, affiançadas na Constituição! Requeira-se já aos Representantes da Nação, que mandem processar este criminoso, servindo-lhe o seu proprio *Relatorio* de Corpo de delicto: não se deixe impune hum tal attentado! Em quanto este homem, que dizemos! este monstro exercer authoridade, a Patria estará em perigo.

Nós vamos de hoje em diante dedicar a nossa folha sómente á refutação daquelle *Relatorio*, e não trataremos outra materia, em quanto não a concluirmos; porque a liberdade, e segurança do Povo Portuguez, he o primeiro e mais interessante objecto de nossos trabalhos, e esforços. E vós todos, Escriptores Portuguezes, encarregai-vos tão bem desta nobre tarefa, que melhor do que nós podeis desempenhar. Vêde que não somos nós, he a Patria que vo-lo pede, e exige de vós este dever; a liberdade acha-se ameaçada, e vós sois os seus defensores; não a desampareis! e a Patria agradecida, vos tributará hum eterno louvor.

Refutação do Relatorio, apresentado ás Cortes, pelo Ministro da Justiça, no qual se atacão directamente a nossa Constituição, e direitos.

Todo o principal objecto do Ministro em seu Relatorio, he arrogar a si todas as atribuições dos outros Ministros, e obter das Cortes huma authoridade illimitada, pela qual possa pôr em execução os ambiciosos, e despoticos projectos, que só elle era capaz de conceber debaixo de hum governo Constitucional. O pretexto da Segurança publica he a arma de que se serve para nos accommetter. A Nação conhece perfeitamente que he necessario adoptar providencias que evitem os continuos roubos que por toda a parte se estão commettendo em Portugal; porêm todos sabemos que estas providencias não devem de sorte alguma encontrar, e muito menos atacar directamente a Lei fundamental, de cuja exacta observancia depende a nossa liberdade. Se para evitarmos hum mal fosse necessario cahir em outro maior, quem haveria que approvasse similhante remedio? O salteador rouba só o passageiro, e este muitas vezes lhe resiste; porêm o despota com a força na mão, afflige e oprime huma nação inteira, e ninguem lhe póde resistir. Acuda-se á segurança dos Cidadãos, mas não se crie hum tyranno que os agrilhôe.

A pag. 3, debaixo do art.º *Crimes e delictos*, diz o Ministro: » Não pertendo re» novar a idéa de que o Governo antigo pro» duzia a corrupção da sociedade, e era a » causa dos crimes e delictos que innunda» vão Portugal. » Que tem o Governo antigo com as providencias que hão de dar-se? a que vem isto aqui? Além de que, com que razão avança o Ministro esta preposição? consta-lhe que esse Governo animasse, e propagasse os crimes? He preciso que o Ministro tenha o caracter que todos lhe conhecem, para romper no excesso de atribuir áquelle Governo os crimes e delictos que se commettião. Como o Ministro teve a fortuna de o destruir, julga-se agora com o direito de o insultar, e calumnialo tão atrósmente. Se elle era o causador desses crimes, porque não cessárão elles com a sua quéda? Ora combine o Ministro a quantidade de crimes de hum e outro governo, e veja debaixo de qual delles se hão commettido mais, e não queira denigrir homens, que se houvessem cumprido á risca com os seus deveres, talvez que o Ministro estivesse hoje habitando Angóla, ou as Pedras Negras... e o Ministro bem sabe porque, e se quizer que o declaremos, não teremos nisso a menor demóra.

Logo mais abaixo, continua o Ministro a declamar contra o mesmo governo, dizendo: " Como hum systema vicioso, e além » disso corrompido, em todos os ramos da » administração publica tinha obstruido as » fontes da prosperidade nacional, isto he, » o Commercio, a Agricultura, e a Indus» tria, e como em consequencia a miseria » publica se havia generalisado, era indis» pensavel que se multiplicassem as rapi» nas, os roubos &c. » Nisto quer o Ministro dizer, que todos esses males findárão com o mesmo governo; e que hoje nem ha entre nós miseria, nem corrupção; que huma conhecida prosperidade reina em toda a Nação, augmentando o Commercio, a Agricultura, a Industria &c. Ora o Ministro

quando tal avança, ou está com a cabeça alienada, ou mofando da nossa desgraça. Vio-se nunca época de tanta miseria em Portugal como esta?! Vio-se jámais o Commercio tão arruinado como agora?! e a Industria! onde está ella? aponte o Ministro qual he? diga que fabricas se crearão, que estabelecimentos ha de novo, ou que emprego se tem dado aos artistas?! aponte, aponte hum só? Nós não pertendemos com isto, approvar, nem deffender toda a conducta, ou systema do passado governo; mas não podemos tolerar que se pertenda aviltalo, para mentir despejadamente, inculcando que nos achamos de presente mais ricos, e mais felices; com o tempo, não duvidamos que assim venha a accontecer, se o verdadeiro amor da Patria, e a Justiça forem as constantes guias da conducta do Governo.

Continua: " Accrescia a estes princi- » pios de corrupção geral outro talvez mais » funesto do que elles, quero dizer, a persi- » guição dos escriptos, e principios libe- » raes &c. » E que queria o Ministro que o Governo fizesse debaixo de hum systema que não era Constitucional, e cujas Leis prohibião esses escriptos? queria que elle os admittisse, e deixasse circular? Antes nisso com muita moderação se houve, porque sendo prohibidos por ordem de El-Rei os Jornaes escriptos por Portuguezes em Inglaterra, todo mundo os lia, e o Governo, podendo perder muita gente, como infractores da Lei, não consta que perdesse alguem. Agora note o Ministro esta differença, que naquelle tempo não havia liberdade de imprença; e hoje que felizmente a temos, são perseguidos e insultados todos os escriptores que combatem as prepotencias e prevaricações do Governo! Ora veja qual dos dous será o mais despotico.

Continua; fallando da necessidade das reformas: » A minha nomeação para o im- » portantissimo lugar que occupo me cons- » tituio responsavel pela reclamação dellas » Quem lhe metteo isso na cabeça? Quem constituio ao Ministro procurador dos Povos? Isto, ou he muita ignorancia, ou muito atrevimento; o Ministro quer ser Secretario do Rei, e Procurador do Povo ao mesmo tempo?! ou ignora que isso he só privativo dos Representantes da Nação? Ora seja mais comedido, e pense milhor no que diz, e no que escreve.

A pag. 5 diz: » que já por beneficio da » nossa Regeneração Politica, muito ha di- » minuido o numero de assassinios » Oxalá que assim fôra; mas não he isso o que nós vemos; e nesta mesma capital temos o exemplo, em alguns assassinatos horrorosos, que ha hum anno se hão commettido nella... era milhor que o Ministro não tocasse nisto... Continua: » Tem em proporção dimi- » nuido ainda mais os roubos, desde a épo- » ca da Regeneração » Eis-aqui o que he fallar verdade! Ha anno e meio que Portugal se vê infestado como nunca, de quadrilhas de salteadores, que atacão povoações á viva força, o que he reconhecido, e confessado pelo Ministro a pag. 20 por estes expressos termos: » Actualmente esta peste » se tem derramado por todo o territorio de » Portutugal, que se acha infectado de sal- » teadores, contra os quaes he necessario » tomarem-se fortes medidas » A' vista disto, quem deixará de conhecer que o Ministro se contradiz, e por tanto que falta á verdade? Todo este miseravel Relatorio se acha recheado destas visiveis contradicções, por que he tal a ignorancia do author que nem sabe ser coherente na impostura.

Continua: » Não tenho sido senhor dos » meios, que os Governos das Nações mais » cultas costumão pôr á disposição do Minis- » tro, encarregado da segurança publica » He pena, e a Patria perde muito nisso. Não era preciso que o Ministro fallasse tão claro, porque todos nós o conhecemos de sobejo, e por desgraça nossa. O que pertende he só a bagatéla de, authoridade illimitada, e cofre franco. Ora, com estas duas cousas á disposição do Ministro, grangeava a Nação duas essenciaes vantagens para a sua prosperidade; que erão — A descuberta de huma conspiração — de oito em oito dias, e a metade dos Portuguezes instituidos em espiões da outra metade; e as sobras desta despeza, todos sabem a applicação que o Ministro lhe havia de dar.... (1) Todos os seus esforços, e todo o seu constitucionalismo, hão sido sempre tendentes a apoderarse da authoridado suprema, para esmagar tudo debaixo do pezo do mais abominavel despotismo.

(Continuar-se-ha.)

---

(1) Ninguem ignora que aquelle homem cuida pouco, ou nada, na sua limpeza, e que tem por habito trazer as mãos muito sujas....

LISBOA: 1822. NA IMPRESSÃO DE VICTORINO RODRIGUES DA SILVA.
Calçada do Collegio N.° 6.

DEZEMBRO 31. N.º 20.

A Trombeta escutai dos Luzitanos,
E se rouca tocar . . . tremei Tyrannos!

O TROMBETEIRO.

A TROMBETA LUZITANA.

S. M. A RAINHA DE PORTUGAL.

A Sessão em que o Congresso deliberou definitivamente sobre a Causa de S. M. A Rainha do Reino Unido de Portugal Brazil e Algarves, offerece hum vasto campo de meditação a todo o observador imparcial, pelos extraordinarios successos que se passárão nella. Sem nos aventurarmos a censurar, ou approvar a deliberação, não podemos passar em silencio, o escandaloso attentado que alguns facciosos anarquistas commetterão para com a pessoa de hum Depputado, ao sahir do Congresso, por haver expendido francamente a sua oppinião, apoiado na Constituição, que lhe garante a irresponsabilidade della. Nós não podemos acreditar de sorte alguma a voz publica, de que este nefando attentado fôra disposto de ante-mão por alguns membros do Congresso, inimigos implacaveis de S. M. a Rainha, e de todos os seus defensores. Isto he tão atróz, que a ser assim, melhor fôra ser alumno de huma assembléa de Cannibáes. Nós estamos agora observando se os authores deste attentado ficão impunidos; o que será hum exemplo terrivel, e que sêdo trará consequencias desastrosas. Se hum Depp., cujo voto senão conforma com a oppinião da Assembléa, fica sugeito a ser attacado e insultado á sahida, pelos faccinorosos vendidos a hum partido, quem se attreverá para o futuro, a aceitar o honroso cargo de Representante da Nação? Não he isto hum attaque directo á Soberania do Congresso, e hum principio manifesto de sedição? Se este excesso fôra commettido por hum principio opposto, estamos bem certos de que já se haveria procedido contra os criminosos com todo o rigor da Lei. Tal he justiça de hoje!

Ficou pois S. M. a Rainha entregue ao arbitrio do Ministerio, isto he, do Ministro da Justiça, que he em quem se resume hoje todo esse Ministerio! Veremos agora o que elle faz. Mas faça o que fizer, está-nos parecendo que S. M. não sahe do Reino.... veremos se a profecia sahe certa.

A NOSSA ACCUSAÇÃO.

Ainda até hoje não podémos obter esclarecimento algum sobre quaes sejão os art.º accusados dos nosnos dous N.os 16 e 17; parece que hum misterioso segredo se pertende espalhar sobre este acontecimento, para lhe dar hum caracter de importancia, a fim de illudir por algum tempo a espectação publica.

Não podemos por esta occasião deixar de fazer huma curta observação ao Artigo 32 da Lei, que diz: " O Juiz de Direito, » no primeiro caso do artigo 12, logo depois » da denuncia mandará proceder á prizão » do Réo» Parece que este artigo não foi feito pelos mesmos que fizerão a Lei.

Quem he que ha de julgar se o escripto accusado está ou não incurso no primeiro caso do artigo 12? o Juiz de Direito! e he el-

le mesmo quem julga, e quem manda proceder! de sorte que author nenhum está livre de ir para a cadêa huma vez que o Juiz de Direito assim o queira. Isto he a Lei mais dura, e opposta á razão que se póde imaginar. Hão de reunir-se nove homens para julgar se a accusação he ou não precedente, e ha de ter hum só homem antes disso a authoridade de prender!! não he isso já hum castigo pezado?! e julgando-se improcedente, quem indamniza os vexames e perdas que soffreo o injustamente castigado!! Oh! esta Lei he barbára; porque em o Juiz de Direito querendo, reputa o mais simples escripto como incurso no 1.º caso do artigo 12, e vai mandando encarcerar logo o seu author! A boa razão está mostrando que nunca se deveria proceder a prizão, senão depois do primeiro Conselho dos Juizes, assim o haver julgado. Oxalá que nós o vejamos sedo reunido, para vermos immaculada a nossa justiça, e confundidos para sempre nossos inimigos.

O RELATORIO.

Logo abaixo, na mesma pag. 5, continua o Ministro: " Estou com tudo tão convencido da necessidade e importancia do » serviço occulto, na repartição da segurança publica, que ouso chamar a attenção do » Augusto Congresso sobre este objecto, a » fim de que, parecendo-lhe justo, se mande pôr á disposição do Ministro huma certa somma, de cuja applicação elle dará » conta *particularmente* ou ao Ministro da » Fazenda, ou a huma Commissão disso » encarregada » Então, querem-o mais claro? Tem, ou não tem razão os Escriptores de gritarem contra este despota? Quando o systema Constitucional reprova, e proscreve todos os actos juridicos á *inquisitoria*, e tem por base da sua justiça a publicidade delles; quando os mais importantes e melindrosos negocios da Nação são tractados publicamente á sua vista no Congresso; quando hum tal systema de policia, (ou antes de perseguição geral) he absolutamente incompativel com a Constituição, he quando este perfido requer a erecção de hum tribunal de horror, mil vezes peor que o da Inquisição!!! Quando se acaba de estabelecer com toda a justiça e boa fé, que todos os administradores de fundos nacionaes dêem mensalmente conta á Nação, por hum balanço publico, do estado de sua administração, he quando este esfaimado ambicioso requer que se ponhão cofres á sua disposição, e que o authorisem para fazer delles o uso que bem lhe parecer, sem ser obrigado a dar contas publicas á Nação!! Vio-se nunca hum desaforo como este?! E não quer este homem que o tenhão de má fé, e que o detestem?! Ora pois, Portuguezes acabai de o conhecer.

Continua a pag. 6: " Ainda que me » parece mui conveniente o meio que acabo de expôr, a fim de — extirpar os crimes, — e prover á segurança publica, e » individual, nem por isso o supponho bastante » Quem vio já tanta ignorancia a par de tanta velhacaria? dinheiro para extirpar crimes!! que nos dizem a huma destas? isto he absolutamente novo! e absolutamente louco! Como quereria este miseravel extirpar os crimes com dinheiro? Oh! que fortuna não seria para os criminosos! commetter o crime, e ainda em cima dinheiro! nem hum Santo deixaria de ser criminoso. Mas elle não he tão demente que se possa persuadir disto; agora no que elle he demente, he em se persuadir que podia com este pertexto illudir a Nação, para pôr as taes sommas ao seu arbitrio. (1) E diz que ainda não julga isto *bastante*! Que mais quereria elle? Talvez o commando do Exercito! porque logo immediatamente abaixo mette-se em detalhes, e planos militares, pedindo a creação de novos Corpos, para guarnecerem quantas povoações tem Portugal &c. Causa lastima, causa dó tanta ignorancia, e tanto arrôjo! Ora querem-o vêr agora cahir em si, e reconhecer a pobre velhacaria de que se lembrou para pedir dinheiro, escutem o que diz no fim do mesmo §: " Até deste modo diminuirá a responsabilidade do Ministro; pois será desnecessario — que passem por suas mãos » as sommas — destinadas para o serviço » occulto, de que acima fiz menção » Esta emmenda foi sem duvida de algum *grutesco* de consciencia, que lhe puchou pelas abas da casaca; porêm a *sucia* toda, não havia de gostar nada della. Senhor Carvalho, escusava de emmendar a asneira, porque nem o ha, nem a Nação, ainda que o tivesse, lho dava para gastar *occultamente*. Perdei as esperanças, *amaveis patuscos*. Continua: " Na falta dos meios que deixo apontados, tinha-me valido, e não sem fruto, dos que estão á minha disposição » Quando o Ministro sem ter esses meios, ha commettido tanto despotismo, e attentados, que não faria elle se os tivesse?! estaria tudo atormentado por elle, e por huma mui-

(1) Se fossem *sommas* de huma *certa cousa* que nós sabemos..... nós mesmo lhe dariamos bastantes, e de bom tamanho.....

to mais numerosa caterva de *sucios*, *e patuscos*! Continua logo abaixo, dizendo que tem frustrado as tentativas dos culpados contra a segurança publica, intregando-os ao Poder Judicial, e conclue assim: " Se » a absolvição se tem seguido a esses pro- » cessos, he claro que isto provêm de falta » de prova pela parte da Justiça, ou de ple- » na convicção na defensa » Bravissimo, Senhor Carvalho! aqui confessa plenamente todo o seu proceder despotico, e arbitrario; mas ainda que o não confessasse, todo o mundo sabe as injustiças que ha commettido com muitos homens honrados, e innocentes, a quem tem mandado metter em horriveis calabouços, ou desterrado para longe, só por meras conjecturas; e a quem os tribunaes, que V. Exc., e os da sua facção, tanto insultão, e pertendem desacreditar, não hão podido encontrar culpa. Os Tribunaes, Senhor José da Silva, tem homens muito honrados, que senão trocão por a sua pessoa; e que apezar das seducções com que ha intentado illudilos, ainda não póde obter delles a condemnação de hum innocente; póde-lhes dizer os improperios que quizer, como faz neste Relatorio, mas olhe que os homens de bem só lhe dão o devido desprezo que taes arguições e palavradas merecem. E que merece o Ministro, depois de haver atormentado homens innocentes, que em nada delinquirão? o que? forca, forca. Agora rogamos a nossos leitores, que se revistão de paciencia, para ouvir isto que diz o Ministro: " Seja-me per- » mittido notar de passagem que algumas » accusações vagas se tem feito ao Minis- » tro da Justiça por não perseguir os indi- » cios, que recahem sobre individuos sup- » postos de desaffectos ao systema » Vio-se jámais huma impudencia igual a esta? Acima confessa que por falta de prova hão sido as suas victimas absolvidas; e agora diz mentirosamente que o criminão por não ter perseguido os indicios que recaem sobre desafectos! ora isto carece paciencia de Job, para não desprepositar! Escutem mais esta: " Nem póde esta Augusta Assembléa » (o Congresso) deixar de approvar as re- » gras de moderação, que tenho observado » He até onde póde chegar a pouca vergonha em mentir!! Que elle dissesse isto na China, onde se ignora a sua conducta, *vade in pace*, como se costuma dizer, mas em Portugal, e em Lisboa, theatro de suas prevaricações, onde não ha hum miseravel aguadeiro, que não tenha ouvido relatar os despotismos e patifarias delle, he na verdade para irritar hum defunto!! Vamos adiante; " Em hum Governo (diz elle) verdadei- » ramente liberal castiga-se o crime: casti- » gar apparencias pertence ao mais absur- » do, e feroz despotismo » E então, está zangando com os Portuguezes, ou não? Reconhece estes santos principios, e depois de os haver violado he que os inculca, impondo de haver regulado por elles a sua detestavel conducta! he demasiado atrevimento! Segue: " Porêm desgraçadamente se » tem visto o Governo obrigado a lançar mão » de — verdadeiros criminosos — para des- » concertar seus planos, e entregar os au- » thores ao poder das Leis » Esta asserção falsa acha-se hoje tão illucidada por todos os nossos Escriptores publicos, que escusado era refutala aqui; mas sempre diremos alguma cousa, visto o apresentar elle logo abaixo, hum artigo sobre este objecto, com o fanfarronico titulo de:

— Sedições em Lisboa, e outros lugares do Reino: Conspiração descuberta.—

" Desde o principio do anno corrente » se começárão a observar nesta capital sym- » ptomas de convulsões civis, meditadas, e » excitadas por certos individuos de espiri- » to tumultuoso e dados a desordens, e por » outros descontentes de não serem contem- » plados pelo Governo, e postos em lugares » representativos, e de pingues rendimen- » tos » Vejamos como he isto: Aonde, ou de que modo se observárão esses symptomas desde o principio do anno? Em Janeiro, Fevereiro e Março, e ainda principios de Abril, não só não houve a menor convulsão, mas ninguem observou esses symptomas de que o Ministro falla; foi só elle que os observou. Agora o que nós desejavamos saber he, como fez elle esta observação? se foi pelas cáras, pelo modo de andar, ou em fim, se pela altura dos chapéos?... E quem erão esses homens, — excitadores de tumultos, e dados a desordens. — porque os não nomêa? porque lhes não mandou formar processo! Senhor Carvalho, Senhor Carvalho, olhe que a mentira não dura senão em quanto a verdade não apparece; ella já ha muito que appareceo, e era melhor que não continuasse a denigrila com tanta impudencia. O Ministro diz mais abaixo que não só em Lisboa, mas nas principaes terras do Reino, se fallava mal do Governo, e apparecião *rotulos escandalosos*. Nós nada sabemos a este respeito; mas quando seja verdade, o que isso prova he que a oppinião publica estava por toda a parte desgostosa do Governo, por seus irregulares procedimentos, e mui principalmente do Ministro da Justiça, que já então tinha aberto a escandalosa scena, tanto de

sua conducta publica, como particular. Mas apezar disso, quem he que dá valor a pasquins, e dicterios? só os que os merecem, porque não querem que lhes descubrão os podres; vingando-se em dar a estas rediculas futilidades o titulo e caracter de convulsões, e rebelliões! como que se o escarnecer e atacar a conducta de hum Ministro de Estado, quando elle he immoral, despota, e prevaricador, deixasse de ser louvavel, para se reputar hum crime!

Abaixo, e na mesma pag. 7 pinta o Ministro a historiada dos Galegos, como huma verdadeira sublevação, guiada por homens occultos, &c. Isto he tão rediculo, quando o Ministro he infiel em todo este Relatorio. Não ha hoje ninguem que ignore que essa miseravel farça foi manobrada pelos servís agentes do Ministro, a fim de obter do Congresso, com este pretexto, a discripcionaria authoridade que obteve! Porèm, falloulhe o calculo, porque só gozou hum mez as doçuras despoticas, que esperava gozar por tempo illimitado. Isto he tanto verdade, que o mesmo Ministro o confessa a pag. 3 dizendo: " Que alguns dos membros do Gover-
» no erão accusados de causadores das de-
» sordens publicas! » Algumas linhas abaixo continua dizendo: " Prova-se tanto que o
» Governo conhecia os cumplices, que d'en-
» tre as pessoas que se removerão (que não
» chegárão a trinta) das quaes todas se de-
» vassou, sete ficárão pronunciadas, e a to-
» das as outras houve mais ou menos impu-
» tações » Eis-aqui verificado pela propria boca do Ministro, todo o seu despotismo, e maldade. Diz que o *Governo conhecia os cumplices*, e confessa ao mesmo tempo que só sete ficárão pronunciados! Logo, Senhor Carvalho, os que vão de sete para trinta estavão innocentes! E como se atreve a chamar-lhes cumplices?! Ah! malvado! malvado! Esses mesmos sete que ficárão pronunciados, todos sabem a monstruosa injustiça, e illegalidade com que se arranjárão essas pronuncias; as alliciações e sobornos que se fizerão a homens immoraes e criminosos, que estão hoje na execração publica, forão a causa dessa pronuncia! Quem ha que ignore que o Corregedor S. Paio, mandado pelo Ministro, e outros mais agentes, andárão por toda a Lisboa a procurar, e aliciar gente que fosse jurar contra taes e taes pessoas?! E he assim que se faz justiça?! he assim que hum Ministro, que se diz constitucional, obra á face de huma nação inteira?! Oh! desgraçada Causa! que homem tens á tua frente!! (Continuar-se-ha.)

BRAZIL.

A noticia que por Inglaterra recebemos, de ter S. A. R. o Principe Regente do Brazil tomado a resolução de se aclamar — Imperador Constitucional do Brazil — veio sem duvida aclarar as idéas que os Politicos havião desde algum tempo formado a respeito do novo Estado Brazilico. Com este passo, o Brazil chegou ao ponto preciso da sua independencia.

Este accontecimento, he por seus principios mui diverso de todos os outros que se hão passado atégora naquella Parte do Mundo, que ainda não tinha visto hum Rei nas suas terras, depois que a ousada cobiça dos Europeos, arrostando perigos que parecião insuperaveis, os foi agrilhoar com cadeas, que intentava conservar-lhe até a consummação dos seculos. S. M. o Imperador, conheceo pois que o Brazil, bem como todos os demais Povos do Mundo civilisado, devia reclamar a sua independencia, e deixar em fim de ser o pupilo, ou antes o escravo de outro povo, que habitava hum paiz a mais de duas mil legoas delle. Aqui não ha com tudo aquella absoluta separação de communidade, que os exaltados gritadores do dia estão aprogoando, para invectivar e insultar a S. M. o Imperador; aqui não ha mais que aquella necessaria separação que o imperio das circunstancias estava exiggindo de hum Povo accommettido, e de hum Principe vilipendiado. Se nós soubermos ainda reparar a errada conducta que havemos seguido, não duvidamos de que nossos irmãos nos abrão os braços, e queirão voltar a huma reconciliação amigavel e proveitosa para ambas. Tudo quanto se ha feito atégora respectivo ao Brazil, não tem sido mais que huma directa provocação á discordia. Deponha-se o espirito de partido, e reconheça-se esta verdade. A Europa não deixará de olhar para este acontecimento com aquella circunspecção que elle exige. He o herdeiro de hum throno europeo que estabelece outro, em hum paiz aonde ainda não havia nenhum. Porèm, elle será tomado debaixo daquelle verdadeiro ponto de vista, porque actualmente se regula a politica europea; e S. M. não deixará de obter de seus illustres alliados todos aquelles soccorros, de que hum imperio nascente precisa, para se adiantar, e consolidar.

LISBOA: 1822. NA IMPRESSÃO DE VICTORINO RODRIGUES DA SILVA.
Calçada do Collegio N.º 6.

JANEIRO 2. N.º 21.

A Trombeta escutai dos Luzitanos,
E se rouca tocar . . . tremei Tyrannos!

O TROMBETEIRO.

A TROMBETA LUZITANA.

O RELATORIO.

Pedimos agora a nossos Leitores toda a attenção sobre o que o Ministro relata na mesma pag. 8, que he como se segue: "Com » tudo, os faudaveis effeitos da remoção nem » por isso livrárão o Governo de cuidados » sobre a segurança publica, por quanto an- » tes mesmo de effeituada inteiramente a » medida, soube eu que se formava hum » plano de revolução para — extinguir as » Cortes, derribar o Governo, enthronizar » o Infante, convocar Cortes á antiga, — e » reduzir a Nação ao estado de maior mise- » ria, e desamparo» He cousa pasmosa que este homem, este calumniador que tem sido desmentido fundamentalmente á face da Nação toda, tenha ainda a ousadia de a querer illudir, para sustentar a sua perfida impostura! Como se póde consiliar com a verdade, o dizer elle que: já antes de effeituada a medida das remoções, que forão no fim de Abril, sabia que se formava *hum plano de revolusão*? Então porque não usou da authoridade que lhe foi concedida, e para que deixou progredir esse plano até ao 1.º de Junho? Se isto fôra verdade, quem era nesse caso o mais criminoso era o Ministro, porque logo em seu principio não atalhou, e frustrou esse plano. Remove então os menos suspeitos, e não remove os mais?! a quem he que póde entrar isto na cabeça?! nunca se vio huma impostura mais destituida de verisimilhança do que esta?!

A reincidencia do Ministro em continuar com a mentira imfame de que intentavão — extinguir as Cortes, derribar o Governo &c. he daquellas de revoltar o espirito mais pacifico! Que documento obteve, ou apresenta o Ministro para confirmar essa asserção? nem hum só. Essa chamada Proclamação, com que o Ministro, e seus satelites tanto alardeárão, não falla em tal, nem ao menos o dá a entender! então aonde foi descortinar isso? Ah! sim, por essa Proclamação que se acha no Processo, appresentada por Serpa, e escripta de seu proprio punho! mas Serpa não foi prezo, e até está Deputado em Cortes! então como he isto? aqui ha o annel de Giges!.... Diz por ahi muito boa gente, que o Ministro he o author da tal Proclamação, e que foi de concerto com Serpa, que ella se attribuio aos alcunhados Conspiradores! Porêm seja o que fôr, ella he escripta, e appresentada por Serpa, logo he a Serpa que ella se póde atribuir. Alêm disso, esse mesmo papel não falla de desthronizar ElRei, nem no Senhor Infante, nem de derribar o Governo; antes pelo contrario, conclue dando vivas a S. M.; então como se atreve o Ministro a asseveralo?! Ah! Senhor Carvalho, não he com tão palpaveis falsidades que se póde illudir hum homem, e muito menos huma nação. Se tivera tido esperteza para compor e ornar bem esta farça, talvez conseguisse o seu projecto, dando-lhe hum caracter aparente de realidade, e fazendo apparecer como criminosos aquellas innocentes victimas que designava para formarem o escadario de seu

despotico poder! Porèm, diz o proverbio que o diabo tem huma capa com que cobre, e outra com que descobre. Póde dizer quanto quizer a este respeito, mas tenha a certeza de que ninguem o acredita, e só reverte toda essa falsidade sobre sua propria pessoa, para o constituir cada vez mais odioso, e abominavel aos olhos de toda a Nação.

Segue: " Tratei logo de achar o fio » desta trama, e tive razões para suppor » que a obra se achava em principio (1), o » que me obrigou a fazer immediatamente » todas as diligencias para lhe não deixar » tomar corpo. » Vio-se huma contradicção mais evidente?! diz que o soubera de principio, e só hum mez depois foi que procedeo á prizão dos *planistas*! diz que lhe não queria deixar tomar corpo, mas dá-lhe mais de hum mez para o tomar! ora entendão-no lá. Segue: " Mas era preciso evitar que » houvesse mais cumplices, e por conse- » quencia mais victimas desgraçadas » Ei-lo ahi ainda mais claro; não queria que houvessem cumplices, mas dáva-lhes tempo sufficiente para os haver! Este homem, está azangar comnosco! Segue: " Senhor de » varios papeis, que pude haver á mão, com » o resguardo indispensavel em taes casos, » e sabedor do local, e Sessões dos *conju-* » *rados*, dei as ordens necessarias para que » fossem prezos, quando se lhes podessem » provar que erão cumplices e antes de cau- » sarem os damnos, que pertendião com a » sua cumplicidade » Com licença, Respeitavel Publico; Quem compra o mólho de brocos, de brocos?? Póde-se offerecer hum premio vantajoso a quem compuzer hum sarapatel de tanta contradicção, e sandice como este! Atéqui dá os homens logo de principio como conspiradores, e cumplices no crime &c.; e agora passa ordem de prizão com a clausula de se provar primeiro se erão cumplices! Isto só no Hospital de S. José. Pois o Ministro passa ordem de prizão contra homens que não julga cumplices? diz que está *Senhor de toda a trama*, logo de principio, que os observa, que sabe tudo, que são criminosos, e diz quando passa a ordem: " Se se poder provar que são cum- » plices?!! » A ordem de prizão foi passada pelo Ministro no 1.º de Junho, isto he, no mesmo dia da prizão; logo por tanto confessa que ainda nesse dia ignorava se erão cumplices! mas todavia forão prezos. Mais, se o Ministro estava nesta ignorancia, como, ou com que conhecimento de causa mandou logo pela manhã, apregoar os prezos no Diario, por conspiradores, criminosos de alta traição. &c.? para que mandou circunstanciar nesse mesmo papel, o inventado plano dos prezos? O Ministro mente em huma das duas partes; ou no Diario, ou no Relatorio! E porque dá o Ministro á esses homens a classificação de — *Conjurados*? Aqui, ou ali maldade, ou ignorancia do termo — Conjurado. Quem são esses Conjurados? por onde consta que houvesse reuniões, ajuramentadas para hum similhante fim? Ah! Senhor Carvalho, muita paciencia he necessaria a quem lê o seu Relatorio, e a quem o está aturando! E os papeis que diz lhe forão á mão? onde estão elles? mostre-os, Senhor, patentei-os á Nação, para que ella conheça as provas irrefragaveis em que apoiou o seu procedimento. Oh! cumulo da impostura! até que altura pódes ser levada! Segue: " Forão pre- » zos, e achou-se-lhes prova irrefragavel do » seu crime » Qual he Senhor Carvalho? As Proclamações que o perfido Rodrigo levou ali, e que forão impressas por ordem de V... E... na imprensa de..... quatro dias antes? he essa a prova irrefragavel? Olhe que parece que esse a quem as mandárão imprimir, já lhe dóe a consciencia, e já se aconselhou sobre isso, não sabe? Mas ainda dado o caso que os prezos fossem os seus authores, e que o mesmo dono da imprensa em que forão espalhadas, fosse na verdade o que as imprimio, quem lhe deo authoridade de conhecer, e castigar abusos de imprensa? Senhor Carvalho, Senhor Carvalho, estas e outras he que o hão feito hum execrando despota a nossos olhos! Segue: " O » Processo destes homens, tornou-se com- » plicadissimo, por causa das circunstan- » cias occorrentes » Sim, de circunstancia circunstanciadas, com seus simiscarunfies alcantilados! Não ha duvida nenhuma; como a innocencia desses homens era mais visivel que a Serra da Estrêla, assim como tãobem o era o despotismo atróz do Ministro, foi necessario para occultar ambas estas visibilidades, fazer hum enredo tal, e tão complicado, que podesse entrar em duvida se os homens erão ou não criminosos! Isto mesmo foi o que o Ministro mais recommendou ao Juiz Interrogante, o qual para lhe agradar, e obter o seu favor, ultrapassou os limites, e fez hum Processo de tal natureza, que os mais intelligentes advogados, e Jurisprudentes desta capital dizem ser hum aborto da mais estupida ignorancia, com a mais refinada malicia! Segue: " O tumulto do Castello de S. Jor-

(1) Era ferro que estava para entrar na forja; mas faltava quem o metesse....

» ge, em a noute de 1 de Julho, *a coinci-*
» *dencia* dos de Madrid, e outras circuns-
» tancias menos vultosas, multiplicando tão-
» bem depois prizões e devassas, augmen-
» tárão as difficuldades » Aqui está bem patente e provado o que acabamos de dizer; isto he, a impostura, e má-fé do Ministro. Os prezos estavão enterrados, havia hum mez, em tenebrosos segredos, quando no Castello houve esse rumor dos soldados pedindo as suas baixas; e o Ministro he tão perverso que quer dar a entender que nisto havia combinação com os prezos!! E que diremos á coincidencia com Madrid?! Vio-se nunca hum desaforo destes?! he estirar a maldade até onde ella póde chegar! Ainda ninguem, senão o Ministro, se lembrou de similhante calumnia! Mas bem he para que todos acabem de o conhecer, e detestar!

Segue " Mas as conseguio-se finalmen-
» te, pela muita actividade do Corregedor
» da Rua-Nova, e do Juiz do Crime do Cas-
» tello que a mesma devassa se concluisse
» até 13 de Agosto » Ora quando com esta *muita actividade*, gastárão dous mezes e meio, que faria se tivessem só huma actividade usual?! A actividade em que consistio, foi em andarem todo este tempo a aliciar testemunhas por toda a parte para irem jurar contra os prezos, fosse o que fosse; o caso era, jurarem; e ao mesmo tempo passavão-se semanas que os prezos não erão interrogados! Nunca se virão homens mais encarniçados em constituirem criminosos a todo o custo, como forão neste negocio o Ministro, com os dous satelites infames, S. Paio, e Diogo!! O Processo ha de apparecer; e he então que os Portuguezes hão de saber quem são estes tres, com figuras de homens! Segue: " Eis-aqui a mancha uniforme e le-
» gal, em que só se encontra vigilancia pe-
» lo bem e paz do Povo, e respeito pela se-
» gurança individual do Cidadão » Toda a impudencia humana reunida, poderá passar acima disto?? O Processo acha-se recheado de tantas, e tão enormes illegalidades, que parece incrivel que hum Legista o houvesse redigido! e foi necessario para se julgar valioso, que o Tribunal da Relação, quando elle lhe foi pela primeira vez affecto, as desse por dispensadas! Em fim, o Publico está de sobejo conhecedor, pelo muito que sobre este objecto se tem escripto, e por isso não diremos quanto merece esta insolente, e falsa preposição. Segue: " O Gover-
» no, não removeo a quarta parte dos indi-
» viduos indicados como suspeitosos » Nossos Concidadãos sabem perfeitamente como se indicavão estes suspeitosos, que era, cada hum que tinha hum inimigo, ou intúitos assentava-os em huma lista que fazia copiar a noute nessas terriveis e lobregas cavernas da pedreirada; para circularem no dia seguinte pelas ruas, praças, e cafés, com o titulo de — Listas de desafectos ao systema, que devem ser proscriptos. Nisto diz o Ministro a verdade, porque essas Listas de proscripções envolvião muito acima de 1500 pessoas!! Era a mais fiel pintura das proscripções de Sylla! O seu ponto central era a casa do Ministro. Segue: " Todas as ordens que se derão, se
» incluem na denominação de — medidas
» politicas indispensaveis para segurança pu-
» blica » Pois essa he que he a marcha, Senhor Carvalho, he fazer como fazião os Syllas, os Marios, e os Marats, sempre com a segurança publica na boca, e o nome do Povo por escudo. Não tenha duvida, que está muito bem ensaiado, e vai representando o papel dos tyrannos optimamente!

Agora, Leitores, attenção. Segue na mesma pag. 9: " A segunda especie de cri-
» mes, de que atrás fallei, consiste nos abu-
» sos da Liberdade de Imprensa: tem-se es-
» tes multiplicado tanto, e tão perigosos
» são os seus effeitos, que me parece ha-
» ver summa necessidade de hum remedio
» prompto para os *cohibir e extirpar* » Com que então, Senhor Carvalho, cohibilos, e extirpalos! Ora extripado seja, e estrangulado..... já se sabe, quem attenta directamente contra a liberdade de seus Concidadãos, e contra a Constituição que lha affiança. O Senhor Carvalho, já nem ao menos sabe dissimular; vomita aqui todo o veneno que até ha pouco occultava, e já se lhe não dá que o vejão do direito, e do avêsso! Isto he hum attentado de tal natureza, que a ser commettido em hum paiz cioso da sua liberdade, já o rigor da Lei lhe teria feito cahir a cabeça. Este crime tem duas enormidades: a 1.ª, atacar a Constituição, e a 2.ª prepôr ao Congresso a infracção della, sabendo que o Congresso o não póde fazer; porque durante estes primeiros quatro annos não se podem fazer alterações na Constituição! Ora vêde, caros Concidadãos, se os Escriptores tem hum justissimo, e bem fundado motivo de gritarem com todas as suas forças contra este Ministro! vêde se he possivel consiliar a Liberdade com hum homem destes, que está a procurar todos os recursos de que a perfidia se póde servir para nos algemar, e reduzir a seus captivos!! Nós estamos intimamente convencidos de que se na actual conjunctura a Liberdade da Imprensa fosse supprimida, Portugal cahia com ella na escravidão! Se o Minis-

tro, havendo liberdade de Imprensa, tem commettido tantos despotismos, e violencias, que não faria elle se a não houvesse?! o que não fizerão muitos tyrannos juntos! Porêm, vamos ao melhor: Quem lhe deu authoridade, ou quem o encarregou de requerer ao Congresso a extinção de hum artigo Constitucional? El-Rei, não podia ser, por dous principios: 1.º porque o Ministro não o diz no Relatorio; e 2.º porque S. M. fiel a suas promessas, e juramentos he o primeiro amigo, e observador da Constituição; logo foi o Ministro de seu proprio alvedrio, que invadio, ou antes, se arrogou huma authoridade que não tem, porque ella reside no Rei, como depositario do Poder Executivo. E então, não era isto só bastante para ser severamente punido?! Segue: " Aonde el-» les mais frequentes são (os abusos) he nos » Jornaes, que nesta capital se imprimem, » redigidos, (com rarissima excepção) por » mãos mercenarias e corrompidas, que na-» da mais se prepoem do que extorquir o » ouro, e saciar as vinganças » Aqui he que nós o esperavamos, Senhor Carvalho; e como insulta huma corporação inteira, ha de ter paciencia (como sabemos que tem de sobejo....) e ouvir o que ella lhe responde pelo orgão da Trombeta. Senhor Carvalho, o ultimo dos Jornalistas de Lisboa (a não ser o seu Censor) he mais honrado em huma hora, do que a sua pessoa o tem sido toda a sua vida. Todos elles o conhecem, e todos elles o detestão. Como diz que elles são mercenarios, corrompidos, e venaes &c. elles respondem que o Senhor Carvalho era hum miseravel, que andava no Porto cahindo de fome, e que se meteo a Regenerador para fazer fortnna, e ter alguma cousa que comer; e que depois que se vio na limpeza tem commettido indignidades de todo o lote, escute, accrescentão mais: que fazem tanto conceito do seu caracter, que esperão a cada momento vêlo atraiçoar a causa da Patria, por qualquer quantia, que lhe metão na mão. Ora aqui tem o que lhe respondem os Jornalistas; mas não he muito que desbocadamente os insulte, quando se atreveo a insultar, e denegrir a Nação toda, tratando-a por a mais indigna e despresivel da Europa, com a excepção dos Lasaroni di Napoli. Se o Povo de Lisboa reparasse bem nisto, já lhe teria agradecido, como deve, esta insolente injuria. Para se fazer o devido elogio á integridade e firmeza dos Jornalistas de Lisboa, basta o unico facto de terem resistido, e desprezado as seducções com que o Ministro tem pertendido sobornalos. Sempre firmes, e coherentes todos em pugnar pela liberdade, e pela execução das Leis que o Ministro está todos os dias atropelando. ainda nenhum commetteo a deshonra de lhe vender a sua penna. Foi desenganado de que o não podia conseguir, que o Ministro alugou essa infame besta de carga, alcunhada *Censor* com seu *Reforso* de asneiras *Supplementarias* &c.; partos da mais desaforada ignorancia que tem apparecido em letra redonda, e de que só o Diario póde ser rival! (Continuar-se-ha.)

A NOSSA ACCUSAÇÃO.

Ainda a não podemos obter! pois temos-lhe feito diligencias; mas o annel do poderoso Giges não permitte!.. Consta-nos, com tudo, vagamente que hum dos artigos accusados, he em o N.º 16, quando dizemos — » Todo o mundo sabe que o Rei não » póde fazer nada, sem que o Conselho de » Estado, e dos Ministros, assentem nisso » Porêm nós não podemos accreditar que isto fosse accusado; porque o accusador, ou não tinha ainda visto a Constituição, ou pertendia oppor-se ao que se acha nella estabelecido; e isto he que não he natural.

Nós no emtanto estamos habitando hum dos mais antigos palacios de Lisboa, e que tem servido de alojamento em todos os tempos a personagens de diversas cathegorias; e nestes poucos dias de hospedagem, temos reflectido, que he nestas casas quando se goza de huma certa commodidade, que se póde escrever com mais desafogo, e enthusiasmo. A liberdade, forma idéas aqui de que ella he talvez hum pouco avára lá por fóra. Nada distrahe o pensamento, nada o atibia; antes parece que elle tem hum centro mais profundo, e penetravel. Os affectos opperão com mais facilidade, e commovem mais. Este toque de ferros, estas vozes enternecedoras desafiando a beneficencia publica, o aspecto dos guardas, tudo disperta estas meditações filosoficas, a que o homem docemente se entrega, quando a sua consciencia, de acordo com o seu coração, desconhece toda a idéa de crime. Daqui, á similhança do espectador de huma acção dramatica, observa-se com mais exacção e sangue frio, os authores que representão na grande scena do mundo. Não escapão tanto os seus defeitos....

AVISO.

Sahio á luz: A Lista das moradas dos Snrs. Deputados em Cortes de 1823, colocados pelos seus applidos em ordem alfabetica, e com os nomes das Divisões eleitoraes a que pertencem. Vende-se por 40 réis nas lojas do costume.

LISBOA: 1823. NA IMPRESSÃO DE VICTORINO RODRIGUES DA SILVA.
Calçada do Collegio N.º 6.

JANEIRO 4. N.º 22.

A Trombeta escutai dos Luzitanos,
E se rouca tocar . . . tremei Tyrannos!

O TROMBETEIRO.

A TROMBETA LUZITANA.

O RELATORIO.

Continua o Ministro, na mesma pag. 9 em sua declamação contra os Jornalistas, e diz: " Mal este, que a meu vêr só se evi» taria authorisando-se o Promotor dos Ju» rados a vindicar as injurias, feitas aos » Empregados Publicos, quando em tal qua» lidade fossem deprimidos » Quem não vê aqui o miseravel estratagema do Ministro? Se os Empregados Publicos fossem excluidos do direito que tem todo o Cidadão, de chamar ao Jury o author do escripto que o ataca, ainda poderia ter lugar similhante preposição; mas elles gozão do mesmo direito, e por tanto para que se lhes havia de dar hum procurador na pessoa do Promotor? Eis-aqui a razão porque elle pertendia esta asneira: Era para haver lugar de prender logo o Escriptor, como comprehendido no primeiro caso do artigo 12 da Lei, o que senão póde virificar sendo a accusação feita por particular. Se elle conseguisse isto veriamos dentro em poucos dias todos os Jornalistas em ferros, da parte do artigo 12. Forte lastima! forte cegueira de homem! Segue: " Distingo estes Jornaes, de que » fallo, em duas classes — servís, e libel» listas, — só hum Jornal se publica em » Lisboa que professa claramente principios » servís, e tende a recommendar o antigo » despotismo » O Ministro agora tem razão, porque na verdade o Censor, (que he de quem elle falla) he o libellista mais infame e servíl, que tem apparecido em hum paiz livre; he verdade que ninguem o lê senão com desprezo; mas sempre era melhor que o brejeiral author fosse empregado antes na calceta. Segue a pag. 10: " Nada ha tão » facil como fingir factos, inventar calu» mnias, para desacreditar a virtude, e o » merecimento » Pois nós estavamos persuadidos que nada havia mais difficil, para se chegar a illudir huma nação: mas o Ministro que o diz, he porque o sabe. A fallar a verdade causa compaixão vêr como a virtude e merecimento do Ministro, tem sido desacreditados com factos fingidos, e calumnias inventadas: coitadinho! coitadinho!.. elle que he hum espelho purissimo de virtudes! hum innocentissimo *patusco*! O Ministro continua para baixo a gritar contra os escriptos que manifestão, e atacão as prepotencias, e desaforos dos funccionarios publicos, pedindo ao Congresso que decrete huma nova Lei, que puna igualmente tanto ao que manda inserir qualquer escripto em hum Jornal, como ao Redactor delle, servindo-se para isto do exemplo de que: — dous homens que matão outro, são ambos cumplices no mesmo crime! — Que nos dizeis a isto, Leitores?! Visteis já hum criminalista como este? visteis homem mais justo, ou mais atilado?! Mas elle ainda se não lembrou de tudo; escapou-lhe o dono e officiaes da imprensa, e o livreiro! Olhem que talentasso esteve perdido até 1820!! Com effeito, he necessario reunir a hum genio evidentemente despotico, huma avultada doze de ignorancia para dizer huma des-

tas!! Isto nem merece impugnação; vamos adiante que temos muito que vêr, no seguinte artigo:

Administração de Justiça, Magistrados, e Tribunaes.

Carissimos Leitores, apertai agora bem as ilhargas para rirdes á vossa vontade, ao ler este axioma, com que principia o artigo: " Attribue-se ordinariamente ás pessoas a » imperfeição dos instrumentos de que se » servem » Resuscita Aristoles, põem-te a pé Condillac, vinde, ouvir isto, e mirrai-vos outra vez nos sepulchros! Mas não abusemos de quem não sabe. Vejamos o que segue; fallando da imperfeição das Leis, e vicios do Processo: " Estas duas causas de » tal sorte conjurárão contra a mais sagra- » da das instituições sociaes, que del- » las proveio o maior descredito do anti- » go Governo » Combinem agora isto, nossos Leitores, com o que elle deixa dito no » principio do Relatorio, e que nós analysamos em nosso N.º 19, em que diz; " que » o velho Governo produzia a corrupção da » sociedade, e era a causa dos crimes, e de- » lictos que innundavão Portugal! » Ora quem ha tão pachorrento que possa levar isto a sangue frio?! Tanto lhe importa calumnialo como absolvelo!! Porêm, a milhor não he esta, he chamar elle a esse Governo — a melhor das instituições sociaes!!! que tal he o corcundismo da preposição, e do author!! Vejão de que humor elle está, que já chama a hum governo despotico a melhor das instituições sociaes!!! Segue: " Vimos que o mais afrontoso nome que só » pôde dar a hum funccionarto publico, era o » synonimo de Magistrado » A ninguem consta similhante cousa; só se foi no destricto de Ricardães, no tempo em que o Ministro esteve lá Juiz de Fóra.... Segue: " Porêm, » graças á nossa Regeneração, o zelo, a » actividade, a intelligencia e boa vontade » dos Magistrados inferiores, tem em gran- » de parte emmendado, e corrigido a im- » perfeição do systema judicial, que com » impaciencia espera a sua tão necessaria reforma ,, Isto será serio, ó Leitores? O homem está dando papinha á gente! Forte maganão!!

O Ministro, expõem mais abaixo a urgente necessidade de remover muitos Magistrados, e conclue assim: " Muito tem » de soffrer o serviço publico se houvermos » de esperar que elles commettão erro de » officio, ou prevaricações que se legalizem, » a ponto de produzirem o perdimento de lu- » gar » Principios de justiça como este, só na Mourama poderão existir, e ainda o não damos por certo! A doutrina do Ministro he que o homem deve ser punido antes de commetter o crime, para que o não commetta. Ora isto dito por o Ministro de Estado de hum Governo Constitucional, ao Congresso Legislativo, tem sua gracinha!! Demitta-se hum Magistrado que não delinquio, só porque para o futuro póde delinquir!! Que tal he o espirito deste consummado despota?! e ainda ha quem o ature no Ministerio!! Segue: " Por tão fortes moti- » vos, requeiro ao Soberano Congresso que » por esta unica vez (1) concede ao Execu- » tivo poderes extraordinarios, para remover » do corpo da Magistratura todos esses mem- » bros, que ou a deshonrão, ou entorpe- » cem a prompta administração da justiça » Ora então acabe com isso, Senhor Carvalho; para o *Requeiro ser* despota e tyranno, escusava de fazer, ou pedir que lhe fizessem, hum *palanfrorio* relatante tão volumoso. Quem são esses membros da Magistratura, que a deshonrão, e entorpecem a justiça? Porque os não suspende, e lhes manda formar processo? Até-hi ainda abrange a sua Authoridade; logo para que requer ao Congresso! Ah! sim, he em virtude da doutrina expendida, de demittir sem esse embaraço insoportavel de culpa, nem processo! O' Senhor José da Silva, o diabo está-o aguilhoando de rijo, a provocar toda a indignação publica sobre a sua pessoa!! benza-se, benza-se, ainda que não seja senão com huma figa da beata d'Evora, que são milagrosas!.... Muito linda cousa seria vêr outra vez o Senhor José da Silva, com authoridade absoluta a de pôr Ministros, e a fazer Ministros, a descobrir novas *horrorosas conspirações*! &c. oh! que pechinxa, que mina! e que gloria e fortuna para a patria que o vio nascer! Desengane-se, Senhor José da Silva, a Regeneração não se fez se não para engrandecer a sua pessoa, darmos o cachaço ao seu jugo, soffrermos a sua tyrannia, e para nos pôr no fim de tudo isso, iguaes aos — Lazaroni!!!! Vá, vá indo assim que vai bem, e favoreço-nos sempre, aos Jornalistas, com o bordão-sinho de mercenarios, corrompidos, subversivos, e servís; anime o Censor, desenterre o Reforço, e atire-se ao mar dos improperios.

Mais adiante, em pag. 12 fallando da

---

(1) O' Leitores! não vos parece este modo de pedir, o de que costumão usar os *caloteiros*, quando já ninguem lhes fia vintem? " ora por esta vez sem exemplo, que eu não o torno a importunar! impreste! impreste!

necessidade de extinguir os Tribunaes (1) diz: " Todos elles são compostos de Conse- » lheiros antigos; afferrados a antigos pre- » juizos, rutinas velhas » Sim, Senhor José da Silva, tudo o que cheirar a antigo, terra com elle; e então Conselheiros antigos, tendo-os nós morderninhos, do ultimo gosto! Nada, nada antigualhas fóra, e modernos dentro. Logo abaixo, fallando do Desembargo do Paço, o põem pelas ruas da amargura, e conclue dizendo: " Além » do que tem de commum com os outros, » he huma monstruosidade no Systema Cons- » titucional, e huma entidade tão contra- » ditoria comsigo mesma, quando são contra- » dictorios graça e justiça » Nisto agora não achamos nós razão ao Ministro, dizendo que são contradictorios graça e justiça no mesmo Tribunal; e para o approvarmos, ahi vai: Vespera de Natal, isto he, a 24 de Dezembro de 1822, mandou o Ministro da justiça, de sua authoridade própria, e *por graça e justiça*, soltar desta Cadêa da Corte dous prezos; dos quaes estava hum condemnado por Sentença a degredo, e outro a seis mezes de prizão. Senhor Desembargo do Paço, para que he velho? ponha-se á moderna, e acaba-se a contradição!... Olhe para o moderno Ministro da Justiça como como consilia perfeitamente aquellas duas attribuições! Segue: " Espero que » esta Augusta Assembléa tomará as medi- » das necessarias, para que similhantes cor- » pos não continuem a gravar o thesouro, » e a estorvar a felicidade publica » Não se afflija o Ministro, que este gravame vai cessar com a creação das sinco Relações; livre-nos Deos que o thesouro esteje tão sobre-carregado para o futuro! O que mais nos zanga, he vermos que em quanto este velho Desembargo não vai a terra, não póde haver felicidade publica, segundo diz o Ministro; o que nos faz recordar aquella historia que a Fabula nos conta de Andromeda, que só depois que fosse devorada pelo monstro marinho, he que se applacaria a cólera dos Deoses. Porém aquella dama ainda teve hum Perséo. Telo-ha o Desembargo do Paço?....

(Continuar-se-ha.)

---

(1) " Changeons tout, pour que le peu- » ple y change! » Assim se exprimião os regeneradores Marat, e Danton! até que em fim nem ás ruas escapárão os nomes que tinhão ha seculos. Pois isto, da mudança he que vai tudo!....

A NOSSA ACCUSAÇÃO.

Artigo 206 da Constituição. " Em to- » dos os casos, o Juiz dentro de vinte e » quatro horas, contadas da entrada da prizão, » mandará entregar ao réo huma nota por » elle assignada, em que declare o motivo » da prizão, e os nomes do accusador, e » das testemunhas, havendo-as. »

Severo com nós mesmo em executar, e obedecer á Lei, esperavamos que a Authoridade obrasse outro tanto comnosco, executando fielmente o que se acha prescripto no artigo acima. Porêm, enganámo-nos; porque indo nós meter-nos á prizão voluntariamente no dia 26 do passado, ainda atégora se nos não deu a nota, que ordena o artigo; e foi só antes de hontem, 2 do corrente que hum escrivão nos veio dizer verbalmente, que se achavão denunciados os nossos dous N.os 16 e 17; aquelle pelo artigo intitulado — *Quem o vio, e quem o vê!* — e este em toda a sua extensão. Nós não lhe podemos dar o devido credito, por vêrmos que esta intimação he contraria ao que se acha estabelicido no artigo acima, o que atribuimos a esquecimento do Juiz, ou a falta de execução da parte do escrivão; no emtanto não podemos reconhecer como legitima semelhante intimação, senão quando fôr feita na conformidade do artigo. Desenganemo-nos, a Constituição consiste por ora em bello papel, e bom typo, mas não passa de quem o lê. Eis-aqui porque a Trombeta tem meia duzia de miseraveis inimigos, he porque explana destas verdades, e clama pela intigridade e execução da Constituição. Mas, oh! quanto he doce atrahir inimigos em favor de hum tão santo e honroso principio!! Na verdade, ter hum homem prezo dez dias, sem se lhe intimar a causa na conformidade da Lei, he altamente estranhavel, em hum governo Constitucional!

Agora lancemos tãobem nossos olhos para o artigo 33 da Lei da Liberdade da Imprensa, que manda: " O Juiz, fará imme- » diatamente depois da prizão, eleger o pri- » meiro Conselho de Juizes de Facto » Aqui temos outra violação da Lei; porque ainda senão tratou, nem sabemos que trate de lhe dár o devido cumprimento; e no emtanto, nós continuamos a estar prezo, e a clamar no deserto!! Quando isto assim corre no principio, que não será daqui a alguns annos!!

Volvamos porêm ao nosso objecto, e fallemos da accusação. Certos erão os touros, como vulgarmente se diz; com effeito, a parte accusada do N.° 16, he a mesma de

que fallamos em o N.º 20, que diz assim: " A pillula que á força nos querem fazer » engulir, da espontaneadade do Rei, (1) » he tão valumosa, que nós apostamos em » como huma balêa, por mais que escarran- » che a boca, não he capaz de a engulir! » Isto nem merece analyse, porque todo o » mundo sabe que o Rei não póde fazer na- » da, sem que o Conselho de Estado, e dos » Ministros assentem nisso » Agora perguntamos nós ao accusador: Aonde se acha aqui a doutrina subversiva, que excita os Póvos directamente á rebellião, ou que os provoque directamente a desobedecer ás Leis e Authoridades constituidas, para se julgar incurso no Artigo 12 da Lei? Dizer que não havia de ser por sua espontanea vontade, que El-Rei fizesse sahir do Reino a Rainha sua Esposa, nunca se poderá reputar como má doutrina, e muito menos como subversiva; porque seria necessario que El-Rei desconhecesse todos os sentimentos naturaes, que prendem o marido a sua Esposa, para adherir espontaneamente ao seu desterro, e separação eterna. Todo aquelle que pertender affirmar o contrario, he máo homem, que nos quer inculcar S. M. como hum desumano, que nada lhe importão os laços conjugaes. E como a cada hum he dada a liberdade de pensar, nós pensamos assim, e nunca pensaremos de outra maneira.

Em quanto ao dizermos que o Rei não póde fazer nada, sem que o Conselho d'Estado e dos Ministros assentem nisso, faltariamos á verdade se dissesemos o contrario; e mostrariamos huma crassa ignorancia da Constituição, que em quasi todas as attribuições que concede ao Rei, lhe impõem a clausula de — Ouvido o Conselho d'Estado — Consultando o Conselho d'Estado &c. Então em que faltamos nós aqui á verdade, ou como excitamos os Póvos á rebellião?? Oh! isto he summamente vergonhoso, em hum paiz que tem huma Constituição, e Liberdade de Imprensa!

O outro artigo denunciado do mesmo N.º, e que como acima dissemos, se intitula — *Quem o vio, e quem o vê*, não incerra huma só palavra que excite os Póvos á rebellião, ou contra as Authoridades por que nem falla nellas. São humas reflexões sobre a causa da decadencia da oppinião publica em Portugal, o que he notoriamente conhecido, e até confessado pelo proprio Governo, e por todos os Jornaes. Estas causas são bem conhecidas de todos; e nós não fazemos naquelle artigo, senão expendelas em resumo, debaixo do caracter de huma profecia politica, e attribuindo-o ao historiador, que para o futuro escreva a historia dos acontecimentos politicos de Portugal, relativos á sua Regeneração. Se nós em todo esse resumo dizemos algumas verdades amargas, tenhão paciencia aquelles, a quem ellas não sabem bem, e vão-se preparando para as vêr melhor aclaradas, e muito bem provadas no meio desse respeitavel, e justiceiro Tribunal do Jury. He para lá que nós os desafiamos a todos os inimigos da verdade, para a ouvirem troar no meio daquelle salão, com espanto, e confuzão delles. Oh! feliz dia! quanto nos tardas!

O N.º 17, como todos sabem, não contem hum paragrafo que se possa julgar incurso no artigo 12 da Lei; A maior parte delle he huma analyse á doutrina que o Deputado Borges Carneiro expendeo na Sessão de 16 de Dezembro, em que disse que — hum dia nos desfariamos dos Reis, e que se acabaria a casta á Familia Real de França, não os deixando fugir para Coblentz, nem para Lilla, como succedeo em 1815. Temos muita honra em impugnar similhante doutrina, porque he verdadeiramente subversiva da boa ordem, impolitica, e contraria ao que se acha estabelecido nas Cortes, de nunca se atacar a authoridade, e dignidade dos Soberanos estrangeiros. Nós haveriamos faltado ao dever de escriptor publico se o não tiveramos feito; e apezar da inviolabilidade de oppinião dos Membros do Congresso, nunca deixaremos de o fazer, todas as vezes que nos dêem motivos para isso; porque o nosso forte não he a lisonja, nem ganhar dinheiro escrevendo para hum partido; a causa da Liberdade Portugueza he que nos metteo a penna na mão, e não a deixaremos cahir, senão quando de todo nos faltar a vitalidade no braço que a sustenta.

(Continuar-se-ha.)

(1) Notem nossos leitores que se trata no artigo onde isto vem, da remução de S. M. a Rainha, dizendo-se que El-Rei espontaneamente a mandara sahir; e he impugnando isso que fallamos da espontaneadade do Rei.

LISBOA: 1823. NA IMPRESSÃO DE VICTORINO RODRIGUES DA SILVA.
Calçada do Collegio N.º 6.

JANEIRO 7.

N.º 23.

A Trombeta escutai dos Luzitanos,
E se rouca tocar . . . tremei Tyrannos!

O TROMBETEIRO.

A TROMBETA LUZITANA.

O RELATORIO.

Policia Civil e Ecclesiastica. Relações com a Corte de Roma. Estado da Oppinião Publica.

Este artigo he talvez hum dos mais ferteis de todo o Relatorio. Aqui he que o author desenvolve a sua profunda sciencia ministerial, e politica. Principia elle, com huma modestia, e verdade incomparaveis, fallando de si proprio, e diz: " Conto como gran» de fortuna o não se haver atégora violado » huma só Lei por despacho meu » Nunca o Ministro fallou tanto a verdade como agora, dizendo que não tem violado huma só, porque de facto as tem violado quasi todas; e senão vão vendo: Quem mandou soltar vespera de Natal os dous prezos, de que fallamos em nosso passado N.º, que se achavão sentenciados a degredo? O Miuistro da Justiça. Quem mandou prender Alpuim, Januario, o seu criado e impressores, com huma escandalosa infracção da Lei? O Ministro da Justiça. Quem teve esses prezos por 67 dias enterrados vivos; em despeito das Leis que tal prohibem? O Ministro da Justiça. Quem fez o mesmo ao Pagador de 16, ao Queiroz, ao Tenente Coronel Caieiro, e a outros muitos? O Ministro da Justiça. Quem mandou prender despoticamente a Sandoval, e mettelo em hum segredo; sem culpa, nem sombras della? O Ministro da Justiça. Quem mandou prender despoticamente o honrado Procurador do Povo de Angra? O Ministro da Justiça. Quem mandou despoticamente o anno passado, tirar das Urcellinas de Braga a sobrinha do Abbade de ** por querer cazar com o filho de Bernardo Carneiro? O Ministro da Justiça. Quem infamou indignamente huma Freira do mesmo convento? O Ministro, o despota da Justiça. Mas paremos aqui, que o Relatorio he grande, e muito maior do que elle a serie de despotismos do Ministro, que vamos breve appresentar ao Publico em huma folha separada, porque o *Censor* diz que quer factos.

Vamos agora vêr este Ministro pelo lado religioso, e vejamos o que diz logo abaixo que he o seguinte: " Hum Povo, que » respeita tanto a Religião como o Povo Por» tuguez, tira em grande parte o seu cara» cter, costumes e oppiniões do pasto espi» ritual, que os Pastores ministrão ao seu » rebanho » Desembusse-se, Senhor Carvalho, não se engasgue, e condemne claramente esse Povo, como fanatico, supposticioso, e brutal! Ora diga-nos, Senhor que tem esse affêrro do Povo á Religião, com o estado dos negocios de que a Constituição lhe manda dar conta ao Congresso? Pois saiba que faz (sem o querer) o maior elogio ao Povo Portuguez, que lhe podia fazer; porque sem Religião só ha crimes. Segue: " » Tenho procedido contra os Pastores que » corrompem; ou deixão corromper a moral » publica » Não ha duvida; o Arcebispo de Braga que o diga, com aquella ordem que o Ministro lhe mandou, estranhando-lhe o ter prendido o Abbade de ** de Trás os

Montes, por viver escandalosamente amancebado, e mandando de mais a mais entregar-lhe a manceba, que tãobem se achava preza!! Assim Senhor José da Silva, he que se apoia a moral, e os bons costumes!! Segue: " O Governo não póde lisongear-se » de saber, que no occulto do confissionario sõão as mesmas maximas e doutrinas, » que na cadeira da verdade » Pois já agora o que falta he, que os confessores, ou os confessados participem ao Governo o que se passa no confissionario. Ora he onde póde chegar o descôco deste péssimo homem! Muito nos admira que elle não tenha passado alguma Portaria para esse fim. Depois disto, já pouco póde admirar quanto elle disser. Segue: " Por isso está decidido (o » Governo) a não prover-nos mais pingues » beneficios, senão aquelles que unirem ás » virtudes do seu estado o decidido amor e » apego á causa nacional » Quem ouve este homem fallar com esta arrogancia, ha de persuadir-se que todo o Poder Executivo reside nelle! falla do Governo todo, como quem falla da sua casa. Porêm, admittido isto, quem não vê que as suas intenções são de dar os beneficios aos seus amigos, e afilhados, debaixo do especioso pretexto de — Constitucionaes, e Liberaes?! Que bellos principios de Justiça!! que igualdade!! Em fim, o que este homem quer he governar á sua discripção, e que se ponhão ao seu arbitrio todos os empregos da Nação. O paragrafo immediato he huma cherumingada contra a Corte de Roma, por não ter enviado as Bullas de hum Bispo, que elle pinta hum novo Salomão, e não ter mandado o *Pallium* a outro, que elle inculca por hum constitucionalão. Pobre Papa! nem esse lhe escapou! Segue: » As confirmações dos » Bispos podem-se fazer agora como se fizerão pelo espaço de quatorze seculos » Pois meta-se nisso, Senhor Carvalho, e faça o que Marquez de Pombal não pôde fazer, com toda a sua despotica authoridade. He verdade que não ha grande difficuldade nisso; mas as consequencias ?? Se o Ministro soubesse a historia dos Povos, que se hão separado da Corte Romana, sendo huma das principaes a Inglaterra, não fallaria nisto. Segue: » Cumpre com tudo que eu pague aqui hum tributo de respeito devido » ás virtudes do Santo Padre » Ora quem o póde aturar! acaba de gritar contra elle, e de o ameaçar, e faz-lhe hum elogio por esses oiteiros, dizendo mais abaixo que não he possivel que elle empeça surdamente as nossas instituições; porque quando Bispo de Imola, pregou a favor do republicanismo da Italia. Tãobem o Patriarca de Lisboa prégou em 1808 a favor de Bonaparte, quando os seus soldados nos vierão agrilhoar, tratando-o de Omnipotente Napoleão, e recommendando aos Povos que dessem obedientemente o cachaço ao jugo. Outro officio, meu amigo, essa tactica napoleonica já não pega. Sao boas horas estas de querer metter o Papa a *Liberal*!

O Ministro, fallando mais abaixo, na pag. 14 do estado da oppinião publica, affirma que ella está excellente, e que o Congresso o póde conhecer, por tudo quanto elle até-qui deixa exposto no Relatorio, e conclue dizendo: " Porêm, não se deve infe» rir daqui que ha presentemente hum en» thusiasmo tão exaltado pela liberdade Con» stitucional, como havia nos primeiros dias » da nossa Regeneração » Está-nos parecendo que não escapa de ir aos Jurados, por tal dizer; porque he precisamente por havermos dito o mesmo, e expendermos as causas dessa diminuição, que hum artigo do nosso N.º 16 se acha accusado, e julgado pelo Juiz de Direito, incurso no 1.º caso do artigo 12 da Lei! Segue: " Existem com ef» feito alguns inimigos da Liberdade, que » tem feito esperar aos Póvos incalculaveis » venturas do Systema Constitucional, &c. » Entendão-se lá com huma destas! Quem diz que as cousas vão mal, he inimigo do Systema; quem diz que ellas vão bem, e que faz antolhar aos Póvos os bens que se devem esperar do Systema, he inimigo do mesmo Systema! Aqui se verifica o rifão de — prezo por cão, e prezo por o não ter; o Senhor Carvalho parece que quer dar com tudo doudo! pois não o consegue com tal palavriado, que só commove a riso. Segue: » Outros são inimigos natu» raes da Liberdade, porque engordavão com » os antigos abusos » He, he huma verdade, nós a reconhecemos; porêm não se póde duvidar igualmente de que alguns dos que vivião desses antigos abusos, e que os commetterão de todo o calibre, entrárão depois da nova ordem, em altos empregos, intitulão-se Constitucionaes, e estão hoje muito peores do que d'antes.... Talvez que o Ministro os conheça milhor do que nós.... Porêm, aqui ha comtudo huma grande differença, e versa ser: que os antigos abusos erão abusos despoticos; e os modernos são abusos Constitucionaes; e esta differença he sem duvida muito attendivel.

Torna o Ministro a fallar da *temivel sedição galleguina*, dizendo que tudo dissipou logo, e restabelecera o socego &c. e conclue desta forma; " Apezar disto não » se nega a possibilidade de tornar a appa» recer huma ou outra tentativa contra a se-

» gurança publica (1). Nesta hypothese, » que não julgo provavel, prometto pela » minha parte, (se tiver a honra de conti- » nuar no Ministerio) (2) frustrar todas es- » sas maquinações, se o Soberano Congres- » so se dignar auxiliar-me (como espero da » sua providente sabedoria) com medidas » promptas, e Leis vigorosas, deixando-me » mover livremente dentro da esfera do meu » ministerio: de outra sorte será impossivel » alcançar os fins, faltando-me os sufficien- » tes meios » Ora aqui a temos travada; este peditorio adiantado inculca alguma cousa: certamente he conspiração que anda na forja;.... e como elle pede? nem hum cego he tão impertinente. Com effeito, em que estado ficaria Portugal, se o Congresso lhe concedesse tudo quando elle pede neste Relatorio?! Authoridade para remover os Magistrados a seu arbitrio, sem culpa, nem processo; authoridade para prender quem quizer, sem dar satisfações: authoridade para extirpar os Jornaes: authoridade para crear hum corpo de espiões: authoridade para despender o dinheiro do Estado occultamente, sem dar contas!!! o homem não está bom, isto he molestia. Parece-nos que vamos dando razão a hum certo doutor Sangrado, que ainda ha poucos dias affirmava, que estes enormes chapelorios da moda, obstruião muito a parte moral.

Amigos Leitores, ou Cesar, ou João Fernandes; (*sem ser o irmão do defunto: Deos lhe fale n'alma!*) o nosso Carvalho não he destes ministrinhos de cá-que-rá-cá que se contentão sómente com essa insignificante authoridade que a Lei lhes prescreve; não senhor, prepoz-se a fazer elle só a felicidade da sua patria, e não quer dar quinhão a ninguem nessa gloria. Vereis para nosso immediato N.º o sublime e sapientissimo Plano que vem de braço dado com o Relatorio, e vereis que diamante nós possuimos em o nosso Ministro da Justiça. O peditorio acima he o desfecho, e chave do Relatorio; resta o plano que he o seu sustentaculo; por tanto adeos até ao Plano, e teremos hum bródio abundantissimo de risóta.

(Continuar-se-ha.)

---

(1) Dá-lhe, Felix..... junte-lhe o anexin da — Patria em perigo, que fica mais arrogante!....

(2) Ha de ter, sim senhor, a honra não, mas ha de continuar; porque segundo aquelle proverbio que diz: quem não tem vergonha, todo o mundo he seu, vai fechando os ouvidos a tudo, e nada lhe faz abalo. Forte bucho.

O RECRUTAMENTO.

Desde que no Congresso se principiou a discutir o projecto de Lei para o recrutamento, hum susto, e tristeza indisiveis se espalhou por todas as partes do Reino. A lembrança de huma recente guerra de seis annos, que despovoou nossos campos, e esgotou nossos cofres, acha-se mui fresca para os Póvos deixarem de estremecer á vista dos sacrificios que demanda huma nova guerra, que já se julga como inevitavel. Sabemos que nas provincias, e mui particularmente nas do Norte, a mocidade tem tomado a fuga, abandonando os lares paternos para escapar do recrutamento. Os pais, já começão a deplorar a perda dos filhos, que lhes ajudavão a rasgar o seio das terras para nos fornecerem o pão; e quando esperavão, segundo as promessas, gozar as delicias de huma duradoura paz no meio delles, os veem fugir precipitadamente, para irem talvez n' um paiz estranho, ou vagabundos nas montanhas, afrontar os horrores da miseria, e da fome!

Desgraçadamente a Agricultura, he a classe que tem desde largos tempos supportado todo o pezo das nossas conscripções; e por isso não admira que ella se ache em hum estado miseravel, e que por toda a parte de nosso pequeno paiz se encontrem extensas campinas incultas, que poderião prover de sobejo á nossa sustentenção. O Agricultor em Portugal he o ente mais oprimido de toda a sociedade; a sua mocidade he roubada para o exercito; os seus gados arrebatados para os transportes, e fornecimentos; e os seus cereáes embargados, para enriquecerem commissarios! Nós não podemos vêr sem mágoa a pouca, ou quasi nenhuma izempção que o novo decreto de recrutamento concede á Agricultura, a esta primeira baze da prosperidade das Nações. A ser possivel; quanto desejamos que ella fosse absolutamente eximida de fornecer homens para o exercito! Em quanto se roubão estes braços ao primeiro dos trabalhos, vemos as principaes cidades do Reino obstruidas de homens innuteis, e vadios de profissão, que consomem os dias nos botequins a beber, e a jogar, esperando anciosos a chegada da noute para irem roubar, ou dar-se a huma infame depravação! Sobre estes he que as conscripções deverião recahir em primeiro lugar; porque duas serião as vantagens que dahi resultavão: a 1.ª desviados de huma criminosa occiosidade, para ainda poderem ser uteis a sua Patria: e a 2.ª livrar os honrados Cidadãos de huma praga de milhafres, que se nutre á custa delles. O exercito de-

ve completar-se, porêm em quanto ha homens que não fazem falta á sociedade, antes a estão oprimindo, deve a Lei chamalos em primeiro lugar. Debalde se diga que a Lei he igual para todos; se ella não fizer estas excepções he que será desigual; porque entre o membro innutil, e o necessario, não póde existir igualdade alguma; e portanto, com que justiça poderá a Lei reputalos iguaes? Concluimos pois, que este recrutamento encerra injustiças, que cedo serão evidentes; e que vai attrahir, (se já não attrahio) á causa da Liberdade hum muito mais poderoso numero de inimigos.

POLITICA.

Se fizermos huma seria meditação sobre os resultados, que já vão principiando a raiar, do Congresso de Verona, não poderemos deixar de entrever naquella reunião hum esboço do primeiro triumvirato romano. Alexandre, que representa nelle o papel de Cesar, será como aquelle conquistador o mais bem dotado na partilha. Seus numerosos, e aguerridos exercitos despertão a sua ambição, e são capazes de a prehencher. Constantinopla será o seu primeiro ensaio; e a Asia cedo verá hum novo Senhor entrar as suas portas. Debalde procura a Inglaterra atravessar-lhe os projectos, manobrando, a politica de S. James no Serralho de Mahumud: o golpe será de surpreza, decisivo e inetivitavel, quando ella menos o esperar; e as suas esquadras do Mar Negro só servirão de testemunhar os triunfos do Cesar.

A Austria, ambiciosa como Crasso, julga caber-lhe em partilha a mimosa Italia; e contente com esta dotação, está prompta a subscrever a tudo o que della se exigir, apoiando quanto possa a execução do ajuste para com qualquer dos dous. Ella tem actualmente seus exercitos em huma attitude bellica, para correrem ao primeiro ponto, aonde a sua presença se faça necessaria; e apoiará todas as manobras da França, por isso que nellas se acha quasi directamente interessada.

Resta-nos o nosso Pompeo. A França, como se sabe, ha muito tempo que estende as suas vistas para cá dos montes. Hum velho, mas supposto direito a ha instigado por differentes vezes a apoderar-se de huma bella provincia hespanhola, de que o seu Rei ainda não quiz prescindir do titulo. Ella aproveita sempre qualquer plausivel pretexto para obter pelas armas, o que os tratados nunca lhe poderão conceder. A Hespanha mudou de Governo; este Governo não he conforme ao meu, e póde ser-me fatal: eis-aqui hum novo pretexto; e mais attendivel que nenhum dos outros o ha sido. Tal he a politica da França. A ambição dos dous, confirmou as vistas desta, e os seus exercitos que ha hum anno estão observando os nossos movimentos domesticos, só esperão á voz de — marcha, para se despenharem como huma torrente pelos Pyrineus abaixo. Não será a regularidade de huma campanha o estorvo que suspenda a rapidez da sua marcha. Os exercitos peninsulares achão-se n'uma tão diminuta força, e tão divididos, que será difficil no momento preciso de suas operações, o pôr com elles hum obstaculo forte aos rapidos progressos de hum inimigo tão ousado como vigilante; e que saberá aproveitar-se de todos os recursos que a astucia lhe possa favorecer, para chegar ás portas de Madrid, sem haver despejado hum só de seus canhões. Tome pois conta o Governo do Hespanha, e accelere quanto poder, todas as medidas de defeza, para que não passe pela vergonha de se achar surprezo sem combater.

CONTINUAÇÃO DA NOSSA ACCUSAÇÃO.

Estamos para vêr se tãobem he incluido na accusação, o irrisorio dialogo entre dous miseraveis Arabes, que vem no mesmo N.º, e que nós haviamos traduzido livremente de hum antiguissimo manuscriptum, que escapou nas sendalhas do bibliotecario de Alexandria, quando aquelle vasto armazem de letras foi devorado pelas chammas, para dar mais calôr ao Alcorão (1). Porêm, assim he de esperar, porque a palavra de hum Senhor Escrivão, tem a força de convencer hum S. Thomé; elle disse que era todo o N.º, ergo, não ha que duvidar. O que nos dá mais cuidado, he humas Erratas velhas que lá vem, que tãobem havião de entrar por concomitancia na accusação! Pobres Erratas! para o que estavão reservadas!

(1) Quando tivermos menos que fazer daremos as fieis traducções de alguns outros, que o bom bibliotecario turco salvou nas alpercatas; o não cheirarem bem, deve-se attribuir ao sitio em que andarão. Bom Turco! quanto te somos devedor! São escriptos em Arabe. Hum tem por titulo — O CHAPELORIO.

LISBOA: 1823. NA IMPRESSÃO DE VICTORINO RODRIGUES DA SILVA.
Calçada do Collegio N.º 6.

JANEIRO 9. N.º 24.

A Trombeta escutai dos Luzitanos,
E se rouca tocar... tremei Tyrannos!

O TROMBETEIRO.

A TROMBETA LUZITANA.

A NOSSA ACCUSAÇÃO.

Finalmente podémos obter no dia 4 do corrente a Nota da nossa prizão, na conformidade do Artigo 206 da Constituição; o que comtudo não podemos conseguir senão em virtude de hum requerimento que para esse fim dirigimos ao Juiz. Eis-aqui a seu theor.

NOTA.

O Promotor Fyscal contra abusos da Liberdade de Imprensa, denunciou a 20 de Dezembro ultimo o N.º 16 do Periodico — Trombeta Luzitana — por ter abusado contra o Artigo 12, Parte primeira e quarta da Lei de 12 de Julho de 1821: v. g. no §. que principia — Continua: e que dirá do Rei — por motivo de que em huma Nação que adora seu o Rei senão póde ennunciar principio mais subversivo, do que declarar que elle está em acto de Coacção: e não menos quando por meio de reticencia annuncia males ao povo — Cançados em fim.... — Procedeo-se a Summario, em que forão testemunhas Antonio Joaquim Nery, proprietario da Typografia Patriotica; João José da Cunha; e Ignacio José da Costa e Silva, Compositores de Letras da mesma Officina, e tendo virificado que Manoel Joaquim da Roza e Silva he o author do escripto denunciado, mandei passar contra elle ordem de prizão na conformidade da dita Lei.

Em 22 do dito mez de Dezembro denunciou mais o dito Promotor Fyscal, todo o N.º 17 do dito Periodico, por ter abusado contra o mesmo Artigo 12 da sobredita Lei, em todas as partes delle: as testemunhas do Summario desta denuncia forão as mesmas, já indicadas, e virificando que o author do dito N.º 17 he o mesmo Manoel Joaquim da Roza e Silva, determinei sua prizão. E para o sobredito Manoel Joaquim da Roza e Silva ficar certo do motivo da sua prizão lhe mandei dar a presente Nota por mim assignada. Lisboa 4 de Janeiro de 1823. — Anselmo José Ferreira de Passos a escrevi. — Moura Cabral.

Cada vez cresce mais o nosso pasmo á vista de huma semilhante accusação! Nós já em nosso N.º 22 deixamos transcripto o primeiro artigo accusado do N.º 16 com huma analyse adquada; e por isso para não repetirmos idéas, só nos limitaremos por agora a observar a delicadeza com que o Senhor Promotor Fyscal contemplou aquelle artigo incurso na parte 1.ª e 4.ª do artigo 12 da Lei! Quem o não tiver lido, julgaria por esta terrivel accusação, que elle encerrava alguma falla aos Póvos, excitando-os a rebellar-se; ou que injuría o Congresso, ou o Rei, porêm lendo-se, não se acha huma palavra dirigida aos Póvos, nem huma injuria ao Congresso, ou ao Rei; o que faz exclamar: como houve quem accusasse este artigo por abusivo contra o artigo 12?! Se a Lei fizesse responsavel o accusador, quando a accusação fosse injusta, isto he, por tal julgada pelo Jury, temos todo o lugar

de crer que o Senhor Promotor não haveria feito semilhante accusação.

E que diremos ao artigo accusado do mesmo N.º 16, só na parte final, em que conclue: — Cançados em fim —?! Isto he novo, accusar huma reticencia, he o que ainda não lembrou a ninguem! Como diz o Senhor Promotor que ella annuncia males ao Povo? Ora pois bem, Senhor Promotor, tende a bondade de nos dizer que males são esses, apontai hum só, que nós vos fazemos publicamente justiça. Mas ainda concedendo por hum pouco que isso se achasse escripto, em que se fundava o Senhor Promotor para o julgar incurso no artigo 12 da Lei? aonde faz menção esse artigo 12, de quem vaticinar males? O que mais nos custa he querer o Senhor Promotor inculcar-nos por Auguro, cousa para que nós nunca tivemos inclinação; e tanto assim, que immediato á tal reticencia dizemos em conclusão: " O » historiador, continuará com verdade este » paragrafo, cujo desfexo ommittimos, pa- » ra não passarmos por profeta. O tempo o » mostrará, e nós o veremos. » Ora parece-nos que quem assim falla não quer ser profeta; mas o Senhor Promotor, persuadio-se ao ler o tal — Cançados em fim.... que o author tinha na idéa vaticinios desastrosos, e foi accusando os pontinhos, tomando cada hum por huma desgraça imminente que só o Jury poderia atalhar! Ora pois nós lhe vamos decifrar o inigma da reticencia, que nos ficou alapardado no tinteiro; ei-lo ahi vai!

" Cançados em fim.... de esperarem » por huma melhora saudavel que tanto ap- » petecião, se desenganárão de que esta » não póde vir senão com o tempo, e que » vai muito do vivo ao pintado. »

Que mais quer, Senhor Promotor? aqui tem satisfeita a sua curiosidade, e dissipado o seu receio. Agora o que resta he que isto lhe não quadre, e que diga não era o que nós estavamos imaginando ao determos a penna com a tal reticencia! Pois desafiamos o Senhor Promotor, para que deite a livraria abaixo, e que nos convença disso; assegurando-lhe hum premio muito supperior áquelle, que está reservado para quem achar a quadratura do circulo. Senhor Promotor, rogamo-lhes que para o futuro não dê tanto valor ás nossas reticencias, que he molestia de que sempre fomos attacados, desde hum susto que nos meterão.....

O PLANO DE SEGURANÇA PUBLICA.

ARTIGO 1.º

Em quanto a viajantes, e forasteiros.

Já em alguns de nossos N.os havemos dito que este pretexto de — Segurança Publica — he o dourado punhal com que os tyrannos costumão assassinar a liberdade civil dos Póvos. Ou mais, ou menos este systema de tyrannia tem sido empregado em todas as Nações; e mesmo nas antigas não foi de todo desconhecido. Com tudo, era hum dos ramos da maldade humana que não havia ainda tocado a meta de sua perfeição, quando o oriundo da Corsoga, esse aventureiro feliz, que fez tingir de sangue todos os rios da Europa, usurpando o throdo do innocente e desgraçado Luiz 16, o veio aperfeiçoar, considerando-o como o unico esteio de seu despotico poder. A França acabou de ser a victima de huma sanguinolenta anarquia; e quando esperava principiar a gozar as doçuras da tranquilidade, vio á voz de hum tyranno abrir-se as mesmas paredes de seus domicilios para escutarem suas queixas, e seus gemidos, que rapidamente dilatavão ao novo Senhor dos Francezes. A desconfiança entranhou-se no seio das familias; o pai temia-se do filho, o irmão do irmão, o amigo do amigo; e todo este horror que era só tendente a sustentar o imperio absoluto de hum tyranno, tinha o titulo de — Segurança Publica —.

Tal era o estado da França, debaixo do imperio de Bonaparte; e tal he o estado a que o Ministro da Justiça pertende reduzir huma Nação, cuja credulidade o deixou chegar a hum posto, a que jámais sem ella poderia ser elevado. Se por desgraça dos Portuguezes, este plano da nossa escravidão fosse posto em pratica, nós veriamos de pressa dependentes da vontade de seu author a mais insignificante de nossas acções! e toda a authoridade que delle não dimanasse, seria julgada como secundaria. Vejamos pois o primeiro élo do grilhão que elle meditava lançar-nos. Principia expondo hum novo systema de passaportes para os viajantes, nos quaes, além do que se acha nos actuaes estabelecido, requer que o viajante declare o negocio a que vai, e que se lhe prescreva hum itinerario, do qual senão possa arredar, debaixo de pena de prizão! Eis-aqui hum bello principio de liberdade! O viajante que na sua derrota quer mudar de direcção por hum destes muitos incidentes que a isso o obrigão, ou convidão, não o póde fazer, e ha de sugeitar a sua vontade, ou seus interesses ao que lhe prescreve hum delegado de policia! Que tal será a liberdade de hum paiz onde isto se pozer em pratica? Vejamos o artigo 3, que he como se segue: " He pois o viagante obrigado a » declarar a casa aonde tem de pousar; as- » sim como o dia que tenciona chegar: e

» succedendo que elle ignore quaes estalagens, ou hospedarias ha na referida povoação, o Juiz lhe designará huma onde » tem infalivelmente de dirigir-se, no caso » de não preferir a casa de algum particular, que do mesmo modo he obrigado a » declarar ». Aqui não falta senão determinar-lhe o que elle ha de comer, e as horas a que o deve fazer! Porêm isso, he de esperar que estivesse encarregado ao amigo estalajadeiro, que *infalivelmente* o havia de receber; assim como no fim do mez repartir os lucros com o *correspondente* que lhe mandava os patos para depenar. Pois nem ao menos, Senhor José da Silva, permitte ao viajante que escolha a estalagem que mais em conta lhe fizer a barba?! Oh! *liberalissimo* Senhor, que bens nos não prepara para sermos felices e livres! que idéa nos não dá do seu *liberalismo*!! Artigo 9: " » Todas as pessoas que viajarem dentro do » Reino, tiraráõ passaportes com as clausu- » las referidas, sempre que tenhao de ir a » maior distancia de tres legoas » Nada ha mais commum do que vir hum habitante de Villa Franca a Lisboa, duas ou mais vezes na semana fazer o seu provimento, ou tratar a sua dependencia; pois quer o Senhor José da Silva que elle declare de cada vez: Vou embarcado, ou vou por terra; vou comprar hum espeto, hum ferro-lhe, huma forja &c., vou pousar a casa de F., hei de me demorar tantas horas, ou tantos dias, &c. &c. Muitos de nossos leitores hão de desesperar com isto, e talvez clamem: não ha hum despota mais consumado! Pois nós agora mudamos de sentimento, e começamos a rir com cada hum destes desparates! O Ministro quer tãobem no artigo 10 que os habitantes das cercânias das grandes terras, que nellas entrão diariamente a vender, e comprar andem munidos de cedulas, que tenhão só effeito por seis mezes; de sorte que só quem não sahisse de sua casa he que não gastava dinheiro em passaportes!! Muita rizada! E essa violenta contribuição que se impunha ao Povo?! Muita rizada! Muita rizada! Passemos ao Artigo 3.

Em quanto aos vendedores de trastes velhos.

" Todo o vendilhão he obrigado a exi- » gir huma caução sufficiente sobre os tras- » tes que compra » Como será esta — *caução sufficiente?* de que servirá ella? Será reconhecida por Tabellião, com testemunhas &c.? Oh! que facilidade para hum necessitado vender hum traste, para ir matar a fome á sua familia!! Muita rizada, muita rizada! Artigo 5: " He expressamente pro- » hibido a estes vendilhões o comprarem, » ou venderem trastes de prata ou ouro » Oh! que igualdade de lei! oh! que liberdade! Os vendilhões são excluidos porque podem comprar o roubo; mas os outros não comprão, porque sabem que he roubo!! Ora muita rizada, muita rizada e:

(Continuar-se-ha.)

BRAZIL.

As noticias chegadas da Bahia hão sido recebidas nesta Capital com huma extraordinaria alegria, da parte de todos os amigos da escravidão do Brazil. Em quanto a nós, muito estimamos que as nossas Armas mostrassem naquella Parte do Mundo que não havião perdido o natural valor que desenvolverão na porfosisa campanha da Peninsula. Mas nem por isso deixamos de chorar sobre a sua victoria, por ser alcançada sobre irmãos, que mais se devião amar, que combater. Com tudo, não nos deixamos illudir com estas luzentes apparencias, que só podem fascinar aquelles, que não acostumados a meditar sobre este genero de acontecimentos; se persuadem vêr n'um só sucesso, o ultimatum de huma grande empreza.

Madeira, auxiliado pela Expedição que daqui se lhe havia mandado, avançou até ao Reconcavo, e conseguio derrotar, ou dispersar as tropas brazilicas que sustentavão aquellas posições; as quaes chêas do natural terror que hum primeiro combate devia nellas produzir, se entranhárão dispersas pelo centro dos bosques. Esta foi a abertura da campanha do Brazil, cujos resultados só franqueárão hum passo de seis a 8 legoas aos novos conquistadores daquelle ponto. E poderão elles sustentalo? He o que passamos a indagar.

Esta nova guerra de Portugal com o Brazil he em tudo mui differente daquella que as outras Potencias européas sustentárão na America. Então a guerra que estas fizerão era apoiada no pertendido direito de conquista, reconhecido infelizmente ainda hoje na Europa; era por tanto aquella guerra, huma guerra de revindicação de direitos. Porêm hoje Portugal para com o Brazil está em circunstancias mui diversas, por dous reconhecidos principios: 1.° Porque o Brazil elevado legitimamente á cathegoria de Nação Independente, ha muito que deixou de ser considerado como paiz de conquista, e acha-se instituido com hum Governo Monarchico, legal, e reconhecido por todas as Potencias. 2.° Porque havendo Portugal revindicado os seus direitos de liberdade, e pro-

clamado, como baze delles, a residencia da Soberania no Povo, iguaes direitos imperão para com o Brazil, que em caso algum se poderia considerar annexo, ou parte componente da sociedade Portugueza.

Esta guerra, por tanto só póde ser considerada como huma injusta invazão, condemnada por todo o Direito Publico, e das Gentes, e jámais como guerra de revindicação. Não nos deixemos alucinar por hum espirito virtiginoso de manifesta injustiça. He quando estamos clamando contra as Nações estrangeiras por quererem attacar a nossa independencia, e liberdades, que obramos assim com o Brazil!! Mas volvamos a nosso objecto, e pondo de parte o direito, conheçamos do facto. Como será possivel que as nossas Armas possão por muito tempo sustentar a Bahia? Flanqueada ao Norte por Pernambuco, provincia, talvez, a mais populosa do Brazil, a Bahia não poderá conservar-se sem a sua união; porque a possibilidade de ser atacada por terra, daquella parte, a terá sempre em sobresalto, e sempre em perigo; e a perda que nossos tropas forem padecendo, por mais diminuta que seja, se lhe tornará fatal, na impossibilidade de receber reforços a tempo, pela enorme distancia em que se achão de Portugal. Porêm, concedendo ainda que se possão conservar por algum tempo, não se póde duvidar que estarão sempre n'um estado hostil; iguaes são as vantagens que Portugal póde colher dessa conservação hostil? nenhumas que a razão nos demonstre. O seu commercio, que já se acha hoje muito arruinado, o ficará de todo dentro em pouco tempo, ainda que não seja senão pelo proprio pezo de huma guarnição desproporcionada ás suas possibilidades; nós o estamos vendo já, sendo isto o principio, pelas queixas do general Madeira, que se vê na dura necessidade de pedir subsidios aos commerciantes, para pagar á tropa; porêm estes não os podem continuar, porque he provavel que não se queirão reduzir á mendicidade. As rendas publicas não podem supprir ás despezas, porque ellas procedem dos direitos do commercio; e quando não ha commercio não se pagão direitos. De Portugal não poderáõ ser soccorridas, porque seria hum gravame insupportavel para nosso desfalcado thesouro.

O porto da Bahia não nos servirá por tanto de utilidade alguma, a não termos em nosso poder, pontos de apoio, tanto ao Norte, como ao Sul. Sem estes, nós veremos aquelles mares cobertos de corsarios, que farão huma guerra consumidoura aos nossos navios, e nos veremos na necessidade de conservar sempre naquellas alturas navios de guerra para os proteger. Em fim, a razão mostra, que a não possuirmos senão a Bahia, não teremos a esperar senão perdas; e só depois de não podermos com ellas, nos veremos forçados a abandonala. Senão dispersarmos a experiencia, reconheceremos no exemplo que a America Septentrional nos offerece, toda a difficuldade que ha em subjugar hum Povo que reconheceo os seus direitos, e proclamou a sua independencia, distante a mais de duas mil legoas daquelle, que intenta conservalo na dependencia. A luta poderá ser ao principio duvidosa; mas os seus resultados finaes, hão de ser os mesmos para nós, que outras nações mais poderosas hão tirado.

A REGENCIA.

Que maravilhosos despachos não temos nós visto em nossos dias! O Brigadeiro José de Sousa, que havia sido nomeado para Secretario da nova Regencia Brazilica, na repartição da Guerra e Marinha, ou por huma modestia pouco trevial, ou porque tivesse muito presente á sua memoria aquella jovial expedição de Sancho para a ilha Barataria a que os nossos maganões do dia assemelhão a expedição da nova Excellentissima Regencia, não se julgando com forças bastantes para desempenhar aquelle alto emprego, pedio e obteve a sua escusa. Era pois necessario procurar quem o substituisse, e fosse dignamente exercer tão arduas funcções junto da *excellentissima*. Procurou-se, indagou-se, pesquisou-se por toda a parte, e não esteve muito longe de se pôr o lugar a concurso, na conformidade da Lei. Não forão inuteis os esforços; descubria-se a final o *Probo*, o *Atilado* em que esta nomeação devia recahir, como de facto e direito recahio!! que joia! que portento! oh! ditoso systema constitucional da Bahia, tu vais gozalo: He o Senhor Verissimo Antonio Ferreira!! He aquelle mesmo Senhor Verissimo, a quem a ingrata Patria demittio por duas vezes, sem razão nenhuma!... He aquelle mesmo Senhor Verissimo que teve a modestia de confessar n'um Conselho de Guerra porque passou, que tinha esquecido os seus deveres por se haver entretido de mais n'uma conferencia com o deos das parreiras!.. (Continuar-se-ha.)

LISBOA: 1823. NA IMPRESSÃO DE VICTORINO RODRIGUES DA SILVA.
Calçada do Collegio N.º 6.

JANEIRO 11. N.° 25.

A Trombeta escutai dos Luzitanos
E se rouca tocar ... tremei Tyrannos!

O Trombeteiro.

A TROMBETA LUZITANIA.

O PLANO.

Diz o Ministro no Artigo 4 que se deve prohibir a compra de trastes preciosos, como ouro e prata, áquelles que trabalhão em metaes desta especie, e que só lhes poderá ser permittida quando o vendedor der huma fiança segura, por meio de huma caução em que o fiador se responsabilise pelo vendedor. Duas são as difficuldades que impedem a execução deste projecto: 1.ª o vexame porque se via obrigado o vendedor necessitado a passar: 2.ª o estorvo, que em virtude do determinado, diminuia o trabalho ao opperario. Não deixamos com tudo de conhecer, que a não serem estes dous obstaculos, muito bom seria evitar de alguma maneira que os roubos desta natureza tivessem huma tão facil extracção.

No Artigo 5, ácerca dos vadíos, propõem que sejão prezos, e os robustos mandados para o exercito. Aqui ha duas cousas muito notaveis: a 1.ª a liberalidade com que o Ministro manda prender (1), contra tudo o que ha expresso a este respeito na Constituição: 2.ª o ingerir-se n'hum ramo que lhe não pertence, qual he o do exercito. Se o Ministro apresentasse hum plano rasoavel, sobre estabelecimentos públicos, onde se empregasse a occiosidade, faria muito melhor do que propôr a sua prizão: parece que todos os seus projectos só tem por fim o entulhar as cadêas. Mais abaixo propõem que todos os filhos familias, que não tiverem bens, sejão obrigados a servir no exercito. O Ministro persuade-se sem dúvida, que o exercito ha de ficar sempre n'huma força extraordinaria, onde se acommode toda a gente! Tudo neste plano se reduz a = *será preso* = *será obrigado.* = Forte liberalidade de homem! ninguem dirá que elle vive n'hum paiz constitucional.

O Artigo 6, sobre os prezos detidos nas cadêas, he onde o Ministro desenvolve bem toda a sua filantropia, e liberalismo. Expõem que he nas cadêas onde se traspassão os furtos, e onde se conservão as correspondencias com as quadrilhas. Para obstar a isso eis-aqui o que elle propõem: " Os ,, Magistrados devem saber as pessoas que ,, visitão os prezos, observar os passos que ,, dão, as casas aonde entrão, e os indivi- ,, duos com quem fallão. Para isto são in- ,, nuteis quaesquer regras determinadas ,, Querem-o mais claro? ou póde-se inventar hum systema mais despotico do que este?! Mais abaixo diz: " .... e lhes tornem (os ,, Magistrados, aos prezos) difficil a com- ,, municação com a gente de fóra!!! ,, Aqui devia-se acabar a nossa paciencia de analysar, e romper n'hum excesso! Forte

(1) A' vista disto ainda haverá quem possa duvidar do caracter despotico que o distingue? He elle mesmo que o patentêa!

despota!!! Forte tyranno!!! Porém como o resto do plano he concebido neste damnado espirito, e nós estamos já muito enfastiado de combater tanta idéa despotica, e tanto absurdo, assentamos que he melhor parar aqui; mesmo porque nada podemos dizer, que os que tem lido o plano não conheção. Concluiremos todavia, que escondendo-se o nome do author, dir-se-hia que similhante plano fòra offerecido por o Vizir-Aled = Effandi a Mahumud 2.° Que tal seria este bichinho se lhe recahisse a authoridade de hum Marquez de Pombal?! metade dos Portuguezes estarião nas masmorras, e metade expirantes sobre os patibulos! Que joia appareceo com a Regeneração!!

A ERMIDA ARRAZADA,

ANEDOCTA.

Conta-se que hum venerando santanario, destes que desfrutão em santa paz as primeiras necessidades da vida, que vivem n'hum antigo palacio, cujas ruinas, cá e lá, attestão a nobreza de sua ascendencia; huma Ermida no centro, de arquitectura góthica, com hum sino rachado, e já corcovado pelos annos, mas que ainda todos os Domingos chama os devotos visinhos; conta-se, dizemos, que este pacifico octagenario tinha esta sua Ermida n'hum certo máo estado, em que não he raro encontrar as Ermidas dos cavalheiros que vivem nas suas terras. Tudo ali era antigo, principiando pela porta, que como já dissemos, era góthica; os paramentos erão velhos, mas de seda, ou veludo, e com larguissimos galões de ouro, que havião de ter custado bons vintens no seu tempo; os Santos (1) erão velhos, mas de madeiras preciosas, e o tempo ainda os respeitava; o pavimento, esse lá estava em máo estado; porém, não todo, era em partes, e tanto que não havia mister mecher em todo elle para se concertar. Os filhos do bom velho, que tinhão estudado em Coimbra, e erão muito amigos da novidade, vendo a repugnancia que o pai tinha para o modernismo, assentárão entre si de fazer huma refórma radical na Ermida, sem o ouvirem nem consultarem. Era no verão, e o pai muito achacado da sua fiel gotta, partio para as caldas, jornada que mais lhe fazia enchar os pés, e ficárão os filhos em casa. Bela occasião, disserão, vamos á refórma: chamem-se pedreiros, carpinteiros, pintores, &c. &c. e não se perca tempo. Com effeito, huma aluvião de pedreirada se apresentou logo, e os modernistas dos rapazes, com a turma dos picaretas (que tambem o erão) travárão huma altercada disputa sobre o methodo de reformar a Ermida. Alguns officiaes erão de parecer que só se devia concertar as partes arruinadas do pavimento, e fazer alguns reparos necessarios no telhado; porém a maioria daquella assembléa de artistas, que era toda composta de pedreiros, vendo que se se adoptava aquelle rasoavel parecer não tinhão que fazer; e por outra parte, ambiciosos do exorbitante salario, que os bons dos rapasinhos já lhe havião taxado, (já se sabe, tudo á custa da casa) rompeo em altos gritos: " Nada, nada, deve ir tudo ,, abaixo, tudo está arruinado, tudo he ve- ,, lho como a serpe, não deve ficar huma ,, parede ,, os carpinteiros clamavão tambem por hum retabulo novo; e os rapasinhos, saltando de contentes com a festa, apoiavão com todas as suas forças a vozearia da matúla pedreiral. Em fim, *nemine* discrepante, resolveo-se que fosse tudo abaixo! Agora o vereis, alviões e picaretas ás paredes, machados ás portas e pavimentos, trús catrús; e n'hum momento apparece tudo em terra, e reduz-se a Ermida a hum entulho de ruinas! Porém os pedreiros, que querião impôr mais tempo, para mais tempo ganharem o bom salario, atirão-se tambem aos alicerces, e pôem-lhe a raiz á vista, de sorte que tudo ficou offerecendo a imagem do *Unus erat toto naturæ vultus in orbe, quem Greci dixere cahos, rudis indigestaque moles.*

A boa gente da freguezia, attrahida pelo estrondo, e fracasso do edificio que estava desabando, acodio ali toda, e observando pasmada aquelle inesperado acontecimento, murmurava toda entre si, e mutuamente se interrogava: " Aonde havemos nós agora de ir á Missa? olhem vocês que loucura! a Ermida estava excellente, só havia mister de alguns concertos, e estes mfarricos até os alicerces lhe arrasárão. ,, Os bons dos rapasinhos que ouvem estas conversas, desatão em descomposturas á boa gente, tratando-a de estupida, de salvagem, e supersticiosa, que gostava de huma arquitectura antiga, que nunca podia

(1) Dizia huma velha beata da freguezia, que no seu tempo tambem fazião muitos milagres; o que se conhecia por alguns monumentos, que o tempo ainda não havia podido destruir, que a piedade lhes tributára...

entrar em parallelo com a moderna; e por aqui lhe forão fazendo huma descripção das belezas dos edificios de ultimo gosto, citando authores, e servindo-se de termos empolados, que os rusticos de boca aberta, escutavão em pasmaceira, mas nada entendião. No fim de todo este eloquente palavriado, respondem-lhes os camponios: „ Será lá o que V. mercês quizerem, que nós não os entendemos; mas o caso he que — a Ermida foi toda a terra, e sabe Deos quando haverá outra. "

O pai dos modernistas, que sabe lá nas caldas das boas emprezas dos filhinhos, parte repentinamente embarcado pelo rio acima, para vêr se ainda vinha accudir á derrota da Ermida, mas os melcatrefes que o souberão, esperão-no ao desembarcar, e antes que elle abrisse boca, lhe fallão desta sorte: „ Pai, a nossa Ermida estava muito " velha, e nós queremos huma á moderna; " o pai já agora não o póde evitar, porque " ella está toda em terra; vamos por tanto " levantar a nova, mas ha de ser cá ao nosso gosto; e o pai não se ha de meter em " nada; antes ao contrario, se quer que o " deixemos vir para casa, ha de nos dar " hum juramento de não se entremeter com " o que nós fizermos, e cumprir tudo o que " nós lhe mandarmos. " O bom pai, ao ouvir taes despropositos ficou absorto, e interdicto; tentou levar os filhos por bem, persuadido de que estavão doudos; mas vendo-os cada vez mais alucionados, e temendo que lhe fizessem alguma, não teve remedio senão ceder; jurou e prometteu quanto elles quizerão, e veio o homem para casa. Qual seria a dôr, e confuzão deste respeitavel velho ao dar com os olhos na destruida Capella? derramou lagrimas, os suspiros lhe vinhão huns a póz outros! e era tal o seu estado, que se via na dura necessidade de occultar estes suspiros, e estas lagrimas, com medo dos filhos!! Em fim, segundo o seu louvavel costume, pedio aos filhos que o levassem aonde podesse agradecer a Deos o haver feito felizmente a sua viagem das caldas. Conduzem-no a huma salla velha chamada de Santo Antonio, aonde lhe havião preparado hum oratorio para as suas devoções, e apenas o Pai entra nella, e dá com a vista n'huma collecção de santos novos, que nunca em sua casa conheceo, pára, e pergunta, que santos são aquelles? Então os filhos, dando-lhos a conhecer, lhe vão fallando de cada hum, por esta forma: " Aquelle, já o pai conhece, que he o velho S. " Paio, que nós envernisámos de novo; por " ora ainda não fez milagre, o que se deve " attribuir á sua velhice; mas sempre póde " influir no meio dos novos. O outro que está ao pé delle, he o Monge S. Bento, " feito á moderna, e com que nós temos " muita devoção. Adiante he Santo Zé, " que nunca appareceo em folhinha nenhuma, mas que está canonisado por nós; he " bom advogado contra as escaldaduras de " *ferro em braza*. Ao lado delle, he S. João " Cunheiro, Patriarca de *Pedra, e Cal*; he " muito milagroso; o pai ha de apegar-se " com elle, para lhe inspirar o que deve fazer. Este que o pai vê aqui, segurando " a peanha dos quatro na ponta da espada, " he o Grande S. Bernardo, á testa da Cruzada que prégou. "

Durante este relatorio, o pobre velho não sabia o que ajuizasse, nem dissesse, quando hum maganão de hum visinho, que estava observando de trás de huma porta toda aquella farçada, deita a cabeça para dentro, e clama: " O' fidalgo! não creia " esses impostores; olhe que o estão a embaçar: não são Santos, são diabos, feitos aqui á mão, de páo de laranjeira; eu " bem os conheço. " He facil de julgar qual seria, ao ouvir aquella voz, o espanto do pai, e a desesperação dos filhos; mas acalmando-se hum pouco, convidarão o pai para ir vêr trabalhar os nossos obreiros, e o conduzirão a hum alpendre, aonde a pedreirada se occupava em picar a pedra da arruinada Ermida, altercando, e gritando huns com os outros, sobre o methodo de picar. O velho então, não podendo soffrer já tanta loucura, fugio pelo alpendre fora, e apezar de lá lhe esquecer a bengala, e o chapéo, que havia tirado em razão do calor, (era na canicula) foi cambeleando como pôde para sua casa, onde passou os dias em continuo desgosto, sem Ermida, nem esperanças della.

..... Mutato nomine de te
Fabula narratur.

N. B. Esta Anedocta, que foi achada ha pouco na gruta da Senhora da Rocha, dentro de huma das cáveiras que lá se encontrárão, he escrita em grego, e illustrada com judiciosas notas do autor, que pelo que se collige foi testemunha occular da derrota da Ermida; porque diz entre outras cousas; que erão passados tempos sem que se cuidasse em a reedificar. Que nem os paramentos existião já, nem o Povo ouvia Missa; o velho tinha mudado de ca-

sa; os filhos estavão para vender a pedra, e até o veneravel mestre da obra tinha dado ás trancas para o outro mundo; de maneira que conclue com esta sentença: — Eis ali o fructo de cabeças esturradas!!! —

MAIS VAL TARDE, QUE NUNCA.

Com effeito resolveo-se o Congresso, a fazer o que em toda a Legislatura Constituinte senão quiz fazer, com notorio escandallo de todas as boas consciencias. Nada havia mais desairoso para o Congresso, do que vêr os seus Membros, e muitas vezes em dias de grandes negocios, a passearem pelas ruas de Lisboa, e ás noites pelos espectaculos, semanas e semanas sem apparecerem no Congresso, e a Nação a darlhes quatro mil e oitocentos por dia, e muito bem pagos. Emendou-se em fim esse escandaloso abuso; e merece louvor o Senhor Borges Carneiro, por o haver proposto. Faça o Congresso huma destas cada semana, e verá como os seus Constituintes lhe tributão muito mais respeito e contemplação. Isto de justiça direitinha agrada tanto a todos!

Note porém o Congresso que ainda não fez tudo, e que ainda os Senhores Bispos, e ricos Proprietarios, Generaes, e Abbades, estão desfalcando indevidamente o thesouro com a diaria. A Trombeta já disse ha tempos que isto não está bom; que he preciso haver verdadeiro patriotismo, que he ao que nos devemos ater, para a Causa ir ávante. Que cousa he hum Bispo Conde, com hum cento (ou mais) de mil cruzados de renda, e ganhar huma moeda por dia no Congresso, para advogar a Causa da Patria, isto he, a sua mesma causa?!! E os Senhores Abbades? E os Senhores Generaes com os seus soldos! Nada, nada meus Senhores, ou huma cousa, ou outra. O thesouro está muito pobre, e nós nunca precisamos tanto do dinheiro como agora, que se vai levantar o exercito ao seu pé de guerra, e ainda senão sabe donde o dinheiro ha de sahir! Os mesmos Senhores Proprietarios ricos, que não precisão da moeda, escusão de a estar a levar, sacrificios, sacrificios pela Causa commum, e nada de palavras vagas. Nós o que possuimos actualmente de mais importante são duas cazacas: se he necessario que concorramos todos com o que pódermos, estamos promptos, com huma espontanea vontade, a vender a melhor para entrarmos com o nosso contingente. Ou queremos sustentar a nossa liberdade, ou não; se queremos, todos os sacrificios são poucos, e todos os devemos á Patria, porque a Causa he de todos, e por isso nada fazemos de mais; e senão queremos, deixemo-nos de pomposos discursos, e humilhemos nossas cabeças diante da tyrannia!

CONTINUAÇÃO DO ARTIGO

A REGENCIA.

Finalmente, he aquelle Senhor Verissimo que andava historiando façanhas suas por esse Rocio, com hum pinheiro branco no chapéo!! Grande systema, Grandes Ministros constitucionaes! só vós, só vós sabeis escolher e empregar o merecimento!! Feliz *excellentissima* que tal Secretario leva! Porém, não nos encubra o esplendor desta joia o brilho de outra, que dizem, foi descuberta nos entulhos da rua dos Condes: não merece menos nossos elogios, o Principe Fernando, como addido ao illustre Verissimo. Esta personagem das Novas Castros, dos Anneis de Giges, e dos Manoeis Mendes, acaba de escriturarse n'huma nova companhia, que vai representar huma graciosa farça, cuja scena he na Bahia. Porém, consultando os Auguros elles nos respondêrão:

Hirão e virão
Em ambas as partes
Pateadores serão.

==*=*

A V I Z O.

O Tutelemundi, folheto com estampas, que trata dos prezos, das cadêas, abusos ali praticados, violencias da policia, &c. Vende-se nas Lojas de João Henriques na Rua Augusta, na de Carvalho ao Pote das Almas, na de Machado, Rua da Prata, Antonio Manoel Policarpo, Rua dos Capelistas, e Antonio Pedro Lopes, na Rua do Ouro.

LISBOA: NA IMPRESSÃO LIBERAL. ANNO DE 1823. *Rua Formoza N° 42.*

A Trombeta escutai dos Luzitanos,
E se rouca tocar... tremei Tyrannos!

O TROMBETEIRO.

A TROMBETA LUZITANA.

A Prata e a Custodia.

Huma Portaria inserida no Diario do Governo N.° 9., do Ministro da Justiça para o Corregedor de Elvas, nos veio afoguear huma antiga idéa, que desde algum tempo occupava nossa cabeça. Ordena aquella Portaria, que o mencionado Corregedor proceda a hum vigoroso exame nos livros de escripturação, de receita e despeza, do Convento das Freiras de Santa Clara da dita Cidade, para se saber se dellas consta a existencia do producto de *quatro arrobas de prata*, e de huma *rica Custodia*, que as mesmas Freiras havião ha pouco vendido,

Devemos advertir primeiro, que nós nem somos freiratico, nem fradista; mas somos hum fanatico, e hum sectario da razão, e da justiça; e por isso não podemos passar em silencio qualquer objecto que ataque huma, ou a outra. Nada ha mais injusto, nada mais despotico, do que arrebatar a hum individuo, ou Corporação aquelles bens, ou effeitos que sempre forão seus, por taes julgados, e na maior boa fé possuidos. As Freiras de Elvas, vendo que se trata de reduzir os Conventos, e julgar-se os seus bens, (já o estão) como Nacionaes, e temendo além disso que as mandem passear, depois de já não terem que comer, antes que a sua prata, e a sua Custodia, (e tanto sua, como esta penna com que estamos escrevendo, he nossa) viessem de romaria até á caza da moeda, tratárão de as redusir a moeda corrente; ao que tinhão tanto júz como outro qualquer a vender o seu capote. Sabe-se isto, e dardeja-se logo huma Portaria para o Corregedor fazer, e acontecer! Na verdade, este direito de propriedade sempre he bem elástico! O direito da propriedade, he um direito sagrado que cada hum tem ao que he seu: diz a Constituição; porém ella não diz: á excepção dos Frades, ou Freiras. Logo se a Lei he igual para todos, e se todos tem direito ao que he seu, qual he a justiça, ou razão com que se despojão estas duas Corporações até dos proprios moveis que possuem??! Deos de Sabedoria! até quanno deicharás caminhar o homem pela tenebrosa vereda da injustiça! Nós estamos persuadido de que este procedimento tem por principal objecto fazer odear a Causa da Liberdade!!

Não he necessario demonstrar-mos aqui o direito, e boa fé com que as ordens Monachães possuem os seus bens; por que além de isso ser commum a todos, acha-se de fresco esclarescido por penas muito habeis, com quem a nossa nunca poderá competir; porém, não podemos passar em claro a manifesta contradicção em que nos achamos com os principios estabelecidos, que já profes-

samos, e que tanta honra fazem á humanidade. Debalde se diga que estas medidas são urgentes, para reforçar nossas abatidas finanças. Nunca poderemos tolerar similhante doutrina, por que he toda opposta aos mais altos principios de justiça; e que a ser admittida, refluiria em toda a sociedade em geral; e o thezouro Publico seria então o directo senhor de todos os nossos bens, quando os governantes assim o quizessem decretar. E será por este theor, que se pertende fazer huma insensivel reforma?! Diz hum Sabio, que huma boa reforma he mais difficil de fazer, do que crear hum imperio; nós assim o cremos tambem, e avançamos mais, que não he o homem quem deve reformar, mas sim a morte: áquelle compete decretar; a esta executar.

A reforma dos Regulares poderia ser feita de hum modo tão insensivel para os reformados, que longe de os prejudicar, elles ficarião assás satisfeitos, e bem dirião a mão reformadora. Ella deveria consistir, (além da expressa e absoluta prohibição de novos ingressos, que já se acha estabelecida) em deixar desfructar aos vivos o que os mortos lhes deixárão. Esta reforma seria tão suave, que os reformados cahirião na sepultura sem della se haverem apercebido, nem queixado. A causa da Liberdade, então sem tropeços, e sem inimigos, caminharia magestosa ao seu fim, e de certo com mais rapidez. Então o velho pay diria com lagrimas de gosto a seus filhos, já proximo do sepulcro: „ Vós depressa vereis e gozareis o cumplemento da grande obra que no meu tempo se principiou; mais felices do que eu, por que mais feliz será a vossa Patria, vós abençoareis a memoria daquelles, que por huma suave, e rasoavel graduação, a elevárão á sua prosperidade " Quando se trata de abulir hum governo, para se lhe substituir outro mais conforme ou ao genio, ou ás precisões dos povos, a maior parte dos homens sensatos estremecem pelas consequencias que estas mudanças trazem sempre comsigo, o não cessão de dizer: " Só os vindouros gosarão os seus fructos, e nós os seus males " Porém, a mudança que nós fizemos he a excepção de todas essas regras, por que ella não fez derramar ainda huma gota de sangue portuguez; e se os principios de justiça e equidade não forem esquecidos por aquelles que devem guiar a náo publica, estamos certos de que ainda que não saboreêmos as suas doçuras, não passaremos tambem pelas calamidades fataes, por que os Povos livres hão passado, para legarem a seus descendsntes o precioso thezouro da Liberdade.

Vozes no deserto.

Foi a Trombeta quem primeiro annunciou aos Portuguezes a infracção de hum Artigo Constitucional, na pessoa do Deputado Substituto, Manoel Gonçalves de Miranda, nomeado Ministro da Guerra. Bem pensou o Trombeteiro que não tocasse no deserto; e que as actuaes Cortes, zelosas da fiel observancia de nosso novo *Paladium*, tomarião desta infracção hum promptissimo conhecimento; e não fomos nós só, forão todos aquelles que na verdade são amigos da observancia da Lei fundamental. Porém estas, por huma causa incomprehensivel, não só o não tem tomado, mas até foi chamado = *á ordem* = hum de seus membros que o exigia! Quando negocios de muito menor importancia hão atrahido a attenção do Congresso, he com effeito pasmoso que este a não haja atrahido! Se o Congresso se persuade que a nomeação he legal, que dúvida poderá ter em a confirmar? Então ficarião desvanecidos nossos escrupulos, e o Artigo da Constituição aclarado, para não poder entrar mais em dúvida qualquer despacho de similhante natureza. Porém, o seu silencio parece dar-nos a entender que teme ventilar a questão, para aquelle Deputado Substituto continuar a exercer as funcções de Ministro de Estado! Nós estamos certos de que se em lugar de Miranda se houvesse nomeado Ministro a algum Substituto que nós conhecemos, já ha muito tempo que essa nomeação haveria sido julgada por illegal, e de nenhum effeito. Porém, como he o ser Manoel Gonçalves, imponha-se silencio á Lei, e deixe-se clamar a Nação contra esse abuso!! Parece que a Justiça desappareceu da face da terra! Se isto vai neste andar, adeus Constituição! Não precizão as Potencias Alliadas conjurar-se contra ella, porque depressa a verão acabar sem páo nem pedra. Nós não somos por principio algum inimigo do Sr. Miranda; mas não podemos deixar de pugnar contra huma

infracção, que ainda mais escandalosa se faz, por ser logo no principio de nossas novas instituições, que exigem de nós todos, para se consolidarem, da mais escrupulosa observancia. Fique embora Ministro o Sr. Miranda; mas fique-o sendo legalmente, e poupão-se aos dissabores de huma arguição que tem todo o caracter de justa.

O Comico na Scena do Mundo.

Este despacho de Fernando Jozé de Queiroz, comediante (1) do safado theatro dos Condes, he huma das muito visiveis injustiças, e desacertos que o Ministerio tem praticado! Pois não se achou ninguem capaz de ser Official-Maior da Regencia Brazilica, senão hum comico? Oh! vergonha das vergonhas. Aonde está essa determinação das Cortes Constituintes, que mandava ao Governo que preferisse sempre para os empregos aquelles que tivessem serviços a seu favor, ou que houvessem ficado desempregados das repartições que ficárão extinctas? Que serviços fez jámais aquelle ex comico? Donde foi elle desempregado? Do theatro? Os empresarios que o remunerem. Quando Lisboa está por ahi cheia de tantos infelizes, a quem se tirou o pão com que se alimentavão; de tantos Officiaes reformados, ou dimittidos, que consumirão a sua mocidade e saude no serviço da Patria, he quando se lança mão de hum comico para exercer um emprego, que além de honroso, he lucrativo!! *Fugite, partes adverse!* Aqui anda cousa má! Aqui anda mão de mestre, que quer fazer odiar o systema com armas indirectas, mas muito poderosas!!

Ha quem assevere que este despacho foi concedido áquelle comico em remuneração de haver, quando servio de carcereiro desta cadêa da Corte, seduzido hum rapaz de dezaseis annos, aprendiz de imprensa, e que foi prezo por *aquella conspiração* que nós sabemos todos, para que nas perguntas respondesse o que elle lhe ensinou, debaixo da promessa de o soltar logo. Que este facto he verdadeiro podemos nós certificar ao Público, porque se acha judicialmente attestado por indagações a que se procedeo, e pelos guardas desta mesma cadêa. Por isso pouca dúvida temos em accreditar que estes fossem os seus serviços! E mesmo porque vemos que todos os que co-operárão para essa farçada, ou invento de conspiração, se achão já recompensados, á excepção do Ministro Sampaio! Em fim, deixemos ir o que vai, porque em quanto houver homens, tanto n'hum como n'outro systema ha de haver injustiças de todo o lote!

(1) E muito máo comediante; porque os seus deffeitos de arte erão de tal natureza, para quem tem alguns conhecimentos della, que nos commovia a rir, quando mais se interessava em nos fazer chorar! E as suas composições, e traducção!!

BRAZIL.

Pelo Paquete 13 de Maio recebemos varios Jornaes do Rio de Janeiro, dos quaes principiamos a dar varios extractos, que julgamos como mais importantes, e transcrevemos por suas primeiras datas.

Rio de Janeiro 14 *de Outubro* 1822 *Estado Politico de Portugal.*

Muito sentimos observar que o systema Constitucional de Portugal longe de fazer progressos, tenha encontrado obstáculos consideraveis; os quaes não podemos deixar de atribuir á infelicidade de se apossarem dos lugares mais insufficientes do Governo, pessoas que disso se hão mostrado incapazes.

Nem nos admiramos, nem mesmo reprovamos, que haja hum partido influente combinado no Ministerio, e nas Cortes: isso succede em todos os paizes, e talvez sem essa combinação de pessoas influentes não fosse possivel levar adiante os negocios; mas o que he para lamentar he, que essa combinação de pessoas, influentes seja composta de individuos incapazes, e que por consequencia não empreguem senão gente de sua laia, e que por consequencia na falta de merecimento real uzem das cabalas, e das intrigas, attendão ás historias dos mexeriqueiros, e em fim recorrão a todo e qualquer artefício, que substitua sua falta de prepondorancia intrinseca.

Já dissemos em nosso N.° passado, o que havia a respeito dos poderes extraordinarios, que se derão ao Ministro da Justiça em Lisboa, para poder extreminar quem quizesse. Mencionamos tambem a conspiração que se tinha descuberto em Lisboa, e ella nos pareceu tão

insignificante para a bulha que com isto fez o Governo, que então conjecturamos não ser a tal conspiração, senão mera invenção, pelo menos pretexto para o Ministro pedir reforma de termo de poderes arbitrarios, que as Cortes lhe tinhão concedido.

Eis verificada a nossa profecia. Verá o Leitor o officio do Ministro da Justiça ás Cortes, pedindo a prorogação dos poderes que se lhe havião concedido por hum mez, e allegando para isto a descuberta da tal conspiração, do que entretanto não produz, nem allega a menor prova, senão a impressão de proclamações sediciozas, crime que hum simples homem podia commetter, sem que para isso houvesse nem o menor resquicio de conspiração.

O Ministro começa sua carta allegando as informações da Policia, quando, pelo que publicámos em nosso N.° passado se vê, que o Intendente da Policia, informando sobre o motim contra os Galegos em Lisboa, positivamente nega o que assevera o Ministro da Justiça, e diz que o motim senão póde atribuir a plano conbinado, do que não ha apparencia, nem a Policia tem disso informações.

O Ministro neste officio que escreve ás Cortes trabalha para justificar os motivos, que teve para mandar degradar arbitrariamente varias pessoas, em virtude do poder despotico, que as Cortes lhe concederão, e essa justificação se fazia de algum modo necessaria, quando pedia a continuação do mesmo poder arbitrario.

Na falta de melhores provas, diz que algumas das pessoas extreminadas se juntavão em lugares públicos a fallar do Governo, e meditar planos de subverter o systema. Daqui nós parece que se póde bem deduzir o objecto do Ministro; e he aterrar o Público, por ter medo que se critiquem as medidas do Ministerio, por outros termos he querer tornar a introduzir o systema das = rôlhas na boca = que uzava o passado despotismo. = (*Continuar-se-ha.*)

Idem 19. SS. MM. II. passeárão pelas principaes ruas da Cidade em as noites de 15 e 16, em carrinho descuberto, sem mais guarda que a de inumeravel povo, que a cada momento lhes embargava o passo, por se apinhoar em torno delles! Os vivas, e movimentos de lenços, erão sem interrupção: SS. MM. II., não só agradecião tanto o applauzo com repetidas inclinações de cabeça, mas até S. M. o Imperador hia quazi sempre descuberto!! Eis o homem singular! Eis o Pedro 1.° sem 2.°! Eis hum puro Democrata! Eis o idolo das adorações politicas dos Portuguezes do Brazil, modelo dos Principes, amado dos seus subditos, seus amigos!! Eis finalmente o Imperador do Brazil!!

Idem, *Copia da participação feita ao Ministro da Guerra.*

Ill.mo e Ex.mo Sr. — Os abaixo assignados, Procuradores Deputados pela Comarca da Villa de S. Pedro do Cantagallo, em cumprimento a ordens especiaes, e para demonstração do leal patriotismo daquella Camara e Povo, rogão a V. Excellencia queira levar á presença de S. A. R. o segninte:

1.° Que á primeira vaga noticia do perigo da Patria, julgou aquella Camara do seu dever annuncia-lo aos seus Concidadãos, os quaes tomando como individual a cauza geral, começárão logo a se alistarem sem distincção de idades, estados, nem graduações.

2.° Que os Colonos Suissos, entre aquelle Povo dissiminados, fazem sua a nossa causa.

3.° Que suppoem poderem contar com duas companhias, huma de cavalleria, e outra de pedestres ou infanteria: e presumem poder sahir ignal numero do districto de Nova Friburgo.

4.° Que para este fim precisão que S. A. R. lhes mande tres Instructores, attendendo ás grandes distancias e á sua lavoura, para os industriarem, no que muito recommendão a escolha de homens prudentes, e bem firmes nos principios Constitucionaes.

5.° Que os já alistados rogárão áquella Camara que pedisse a S. A. R. as seguintes graças: 1.ª de nomearem de entre si os seus officiaes; 2.ª que passado o perigo seja reputado nullo aquelle corpo, voltando todos com os seus officiaes á lavoura no seu actual estudo, conservando o paiz livre de recrutas e milicias: 3.ª que encontrando-se entre elles algum dezertor, S. A. se digne perdoar-lhe. Rio de Janeiro 8 de Outubro de 1822. O Padre Antonio João de Lessa. Jozé Joaquim Soares.

LISBOA NA IMPRESSAÕ LIBERAL. ANNO 1823. *Rua Formoza N.°* 42.

A Trombeta escutai dos Luzitanos,
E se rouca tocar... tremei Tyrannos!

O TROMBETEIRO.

A TROMBETA LUZITANA.

Vox Populi, Vox Dei.

He fama pública, e fundamentada entre os honrados Negociantes da Praça de Lisboa, que Jozé da Silva Carvalho, Ministro da Justiça, em quanto servio no Ministerio da Guerra, preterindo maliciosamente a solemnidade da Hasta pública, convencionára occultamente com Gonçalo Jozé de Souza Lobo, a compra de 25:000 armas para o Exercito, por hum mui lesivo preço, de maneira que cada huma das armas vem a custar á Nação mais 3:000 além do justo preço porque se podião aqui comprar em Hasta pública, cuja lezão vem a montar em mais de setenta e cinco contos de réis. A isto he que se chama hum malicioso roubo feito á Nação: he hum grave crime que affecta o Ministro ao Negociante, ambos indiciados de conloio, e peita. Se pois Gonçaló de Souza Lobo ainda se não tem denunciado na fórma da Ordenação do Reino Liv. 5.° Tit. 71. §. 5.°, nós desde já pelos sons da Trombeta levamos esta noticia ao Público, e a dirigimos especialmente ao zelo patriotico do Dezembargador Procurador da Fazenda Nacional, a quem pertence, em razão do seu Officio, indagar, e apresentar em Juizo as provas para a competente querella; esperando nós, e toda a Nação, que o austero caracter, e imparcialidade de tão importante Magistrado, não fique negligentemente prevenido por qualquer pessoa do Povo, que cheio de zelo intente primeiro esta accusação, que tambem lhe pertence.

Nós a pezar de termos constantemente combatido os abusos, e prepotencias do Ministro da Justiça, muito desejaremos que as provas, a que sem a menor perda de tempo se deve proceder sobre esta apregoada prevaricação, não justifiquem hum facto tão criminoso, que deveria irremediavelmente fazer descarregar a espada da Lei com todo o seu vigor, sobre a criminosa cabeça daquelle que o praticou.

Responsabilidade dos Ministros.

A Lei da responsabilidade dos Ministros não correspondeo á Pública Expectação, que ha muito tempo por ella clamava anciosa. Todos esperavão que em virtude daquella Lei ficasse por huma vez reprimida a arbitrariedade, e prepotencia Ministeriaes, para que podessemos dizer com certeza: " Se o Ministro comigo violar a Lei, far-lhe-hei recahir a pena em cima. ,, Porém, não foi isto o que nós vimos o outro dia nessa Lei de responsabilidade feita pelo Congresso. Nós

não achamos nella outra cousa, além do de que sobre esse abjecto se acha estabelecido na Constituição: ou por outra sorte, huma copia de hum Artigo da Constituição, com o titulo de Lei. Concebida em 5 Artigos, todos elles se reduzem ao mesmo, isto he: = Será responsavel se fizer isto, e se fizer estoutro. = Isto está em menos palavras, como acabamos de dizer, estabelecido na Constituição; logo aonde está essa responsabilidade? O que nós queriamos, e o porque nós esperavamos era por huma Lei regulamentar, e penal, que á similhança da da Liberdade da Imprensa nos afiançasse a mesma pronta execução, e designasse as penas. Desta sorte, achariamos nós huma evidente responsabilidade; o que nunca se poderá encontrar nesta Lei, que não passa de ser abstracta. Nós logo de principio desconfiamos que os Ministeriaes havião de ficar de muito melhor partido que os Ministeriados; e mesmo porque muitos dos Membros do Congresso, a exemplo do Sr. Manoel Gonçalves, estão com a mira de hir exercer aquellas gordurentas funcções, e por tanto não lhes convinha muito fazer huma Lei, de que hum dia não viessem a gostar: outros tem o irmão, o parente, e o amigo no Ministerio, e tem dó de o apperriar, e mesmo receio de elle ao depois o não servir.

Nós estamos convencido de huma importante verdade, que talvez nunca vejamos pôr em prática; mas que feliz da sociedade humana, que a pozesse em prática, e por ella se regulasse, e vem a ser: Que o Legislador, findo o tempo de sua legislatura, voltasse á ordem de simples Cidadão, não podendo desde então ser empregado em cousa alguma, nem servir o mais insignificante cargo da República; isto he, que tivesse toda a sua vida, de ser governado, e nunca governante. Então sim; o Povo seria feliz, porque a legislação lhe seria toda favoravel, porque só para elle seria feita, e não para sustentar o poder, e o orgulho de seus governantes. Dezenganemo-nos, entre governar, e ser governado ha hum espaço tal, que se os Povos o medissem hum dia, ficarião tão espantados, que abandonarião as Sociedades, e voltarião ao seu estado natural. Hum governante por menor que seja sua auctoridade, julga-se muito superior áquelles que governa; contempla-os como huns meros authomatos do seu poder; olha para elles de ilharga, fallalhes em tom de senhor, ou de oraculo; impõem-lhes huma contribuição de genuflexões, e de respeitos, a que pertende ter hum direito inauferivel; tudo deve ser por elle, e tudo deve ser para elle. Se algum tão ousado se atreve a medir-lhe as ações, he rebelde, he criminoso! Não he assim, Sr. Jozé da Silva Carvalho?

IMPERIO DO BRAZIL.

Rio de Janeiro 22 de Outubro de 1822.

Novus ab integro sæculorum nascitur ordo.

Acta da Acclamação do Senhor D. Pedro Primeiro, Imperador Constitucional do Brazil, e seu Perpetuo Deffensor.

No fausto dia 12 do mez de Outubro de 1822, primeiro da Independencia do Brazil, nesta Cidade, e Corte do Rio de Janeiro, e Palacete do Campo de Santa Anna, se juntárão o Dezembargador Juiz de Fóra, Vereadores, e Procuradores do Senado da Camara, comigo Escrivão abaixo nomeado, e os homens bons, que no mesmo tem servido, e os Mesteres, e Procuradores das Camaras de todas as Villas desta Provincia, adiante assignados, para o fim de ser acclamado o Senhor D. PEDRO DE ALCANTARA IMPERADOR CONSTITUCIONAL DO BRAZIL conservando sempre o Titulo de seu Deffensor Perpetuo Elle, e seus Augustos Successores, na forma determinada em Vereação Extraordinaria de dez do corrente. E achando-se presente a maior parte do Povo desta Cidade, e Corte, que cubria em numero incalculavel o *Campo de Santa Anna*, aonde tambem concorrerão os corpos da 1.ª e 2.ª linha da Guarnição desta mesma Cidade, e Côrte, ás dez horas da manhã foi o mesmo Sr. com Sua Augusta Esposa, e a Senhora Princeza D. Maria da Gloria, recebido no dito Palacete, entre mil vivas do Povo, e Tropa, pelo Senado da Camara, Homens bons, e Mesteres desta Cidade, e Procuradores das Camaras das Villas referidas, tendo o Estandarte com as novas Armas do Imperio do Brazil, o ex-Procurador do Senado da Camara, *Antonio Alves de Araujo*. Foi apresentada ao mesmo Senhor a Mensagem do Povo des-

ta Provincia pelo Presidente do Senado da Camara, que lhe dirigio a falla, mostrando que era vontade geral do Povo desta Provincia, e de todas as outras, como se conhecia expressamente dos avizos de muitas Camaras de algumas dellas, sustentar a Independencia do Brazil, que o Mesmo Senhor, conformando-se com a opinião dominante tinha já declarado — e Acclamar o Mesmo Senhor neste fausto Dia, IMPERADOR CONSTITUCIONAL DO BRAZIL E SEU DEFENSOR PERPETUO, conservando sempre Elle, e Seus Augustos Successores, o Titulo de Defensor Perpetuo no *Brazil*. Sua Magestade Imperial Constitucional Dignou-se dar a seguinte resposta:

" Acceito o Titulo de IMPERADOR " CONSTITUCIONAL, E DEFEN- " SOR PERPETUO DO BRAZIL, por " que tendo ouvido o Meu Conselho de " Estado, e de Procuradores Geraes, " e examinado as Reprezentações das Ca- " maras de differentes Provincias, estou " intimamente convencido que tal he a " vontade geral de todas as outras, que " só por falta de tempo não tem ainda " chegado ,, — Sendo esta resposta annunciada ao Povo, e Tropa, da Varanda do sobredito Palacete aonde todo este acto se celebrou, foi o Mesmo Senhor Acclamado legal, e solemnemente pelo Senado da Camara, Homens bons, e Mesteres, Povo, e Tropa desta Cidade, e Procuradores das Camaras de todas as Villas desta Provincia, levantando o Presidente do mesmo Senado os seguintes Vivas que forão repetidos com enthusiasmo inexplicavel por todo o Povo: = Viva a Nossa Santa Religião, Viva o Senhor D. Pedro Primeiro Imperador Constitucional do *Brazil*, e seu Defensor Perpetuo — Viva a Imperatriz Constitucional do *Brazil* e a Dinastia de *Bragança* Imperante no *Brazil* — Viva a Independencia do *Brazil* — Viva a Assembléa Constituinte e Legislativa do *Brazil* — Viva o Povo Constitucianal do *Brazil* — Findo este solemne e magestoso Acto, foi Sua Magestade Imperial e Constitucional acompanhado debaixo do Pallio á Capella Imperial, aonde estava disposto hum *Te Deum* solemne em Acção de Graças. E de tudo para constar se mandou fazer esta Acta, em que assignou Sua Magestade Imperial e Constitucional, e o Senado da Camara com os Homens bons, e Mesteres, e os Procuradores das Cameras das Villas desta Provincia. E eu Jozé Martins Rocha, Escrivão do Senado da Camara, o escrevi.

IMPERADOR.

(Seguem as demais assignaturas)

(Gazeta do Rio de Janeiro.)

SONETO.

Ao dia 12 de Outubro de 1822.

Tu és grande Brazil Alcacer santo
Do Povo mais fiel que te circunda,
Que de gosto e prazer todo se innunda
Por ver do rosto seu secar o pranto.

Tu só deves, Brazil, thezoiro tanto
A' mão que hum novo ser, e imperio funda,
Vê que arvore de bens te dá fecunda
Que vai cauzar á Europa inveja e espanto.

Santa Constituição! Olhai, ó Luzos,
Sem de sangue tingir louros sagrados,
Como surge o Brazil d'entre os abuzos?

Deste Imperio nascente ouvi os brados,
Que aos seus rivaes prostrando já confusos
Festeja o Numen que lhe dão seus fados.

(Concluzão do Artigo = Estado Politico de Portugal, extrahido do Correio do Rio.)

Dahi allega mais o Ministro, que sabe que ha descontentes sobre o prezente systema. Que os ha he tanto de presumir, que deve isso passar como se fosse verdade de primeira intuição; mas para que esses homens descontentes se castiguem, he preciso que o seu descontentamento se redusa a óbra; por que nenhum Governo tem direito de castigar os pensamentos, nem ainda as opiniões de ninguem. Este poder arbitrario, concedido ao Ministro para taes fins, he justamente introdusir a tyrannia sobre corpo e alma; e admirar-se-hão que o numero de descontentes vá crescendo com taes medidas?

Mas façamos aqui de passagem hum pequeno contraste. Disserão varios Membros das Cortes que o plano do Principe Real, e do seu Ministro Joze Bonifacio, no Rio de Janeiro, era introdusir on Bra-

sil o despotismo. Ora mostrem-nos nas providencias que se tem dado no Rio de Janeiro medida alguma que permitta ao Ministerio esse poder despotico, que as Cortes de Portugal concederão ao Ministerio de Lisboa.

Se tal he a liberdade, e segurança individual, regalem-se lá com ella, que nós de mui boa vontade renunciamos ao beneficio de tal systema. No Brasil pelo menos ainda se não declarou saudavel esse systema de degredos arbitrarios, á vontade do Ministro: nem suppomos que tal se adopte huma vez que se vejão livres dos mandões europeus.

Mas vejamos como o Ministro de Justiça justifica os degredos arbitrarios que ordenou. Diz que não extreminou ninguem, senão aquelles que erão bem marcados pela opinião publica. Mas em taes cazos para haver opinião publica contra qualquer individuo, não ha mais do que fazer correr industriosamente hum rumor de bocca em bocca, que por mais falso que seja em sua origem, torna-se logo em opinião publica — E he destes precarios principios que o prezente systema Constitucional deve deduzir as bases da segurança individual?

Nós fomos bem acautelados em não querer pronunciar contra Joze da Silva Carvalho, o Ministro da Justiça, que promove esse systema de despotismo em Lisboa; sem primeiro o ter ouvido; mas tendo lido essa sua exposição ás Cortes, não temos duvida em pronunciar a nossa opinião, e he, que esse Carvalho se quer apossar do mesmo poder despotico que exerceu o archi-despota Marquez de Pombal, sem ter os mesmos talentos, nem a mesma probidade.

Inventa elle no seu officio a palavra *alarma*, e cita huma Lei do despota Pombal (que não escrevia nesse Portuguez bastardo) para justificar o despotismo que pertende praticar, e deixa no escuro o espirito, e letra das bases que tem jurado. Mas nós ousamos profetizar-lhe que taes arbitrariedades, e os desmanchos de seu partido a respeito do Brazil, em breve darão por terra com a igrejinha que estão armando.

Para córar estes procedimentos, tem-se armado hum grande numero de congratulações a El-Rei, e ás Cortes, pela descuberta desta conspiração = Qual conspiração, senão apparece nenhuma? qual livramento de perigo, senão se mostra que houvesse perigo algum?

(Correio do Rio.)

Aqui verão nossos Leitores duas cousas notaveis: a 1.ª como a tal entremezada (mas má entremezada) da conspiração tem sido recebida por toda a parte, aonde a sua noticia ha chegado: e 2.ª como por toda a parte se conhece o caracter, e intenções do Ministro da Justiça. Aquelle he hum homem que falla a duas mil e quinhentas legoas de Portugal; mas que atira tão direitinho ao vinte, como todos aquelles que estão vendo, e observando aqui o Ministro a toda a hora. Mas como ha de ser; se elle nem ao menos tem guardado aquellas distancias, com que os mais ordinarios despotas costumão dar hum ar de importancia ás suas manobras! Desde que subio ao Ministerio, persuadio-se que podia fazer o que quizesse, e como, e quando quizesse! que por haver sido do bem aventurado numero dos Regeneradores, todos nós estavamos na obrigação de lhe curvar a servíz e de aturar mudos, e humildes quanto elle empreendesse para se segurar e consolidar n'um Ministerio, no qual se persuadio ficar eternamente, e que teria nelle hum direito de propriedade inalienavel, á similhança daquelles, que algumas leis concedem aos inventores de huma maquina importante.

AVIZO.

O Redactor da Trombeta partecipa a todos os Srs. que lhe hão feito a honra de escrever pedindo para assignarem, que muito lhes agradece o seu favor; mas que imperiosas circunstancias o desvião de acceitar assignaturas, a fim de que nunca possa comprometter sua palavra, que preza mais do que todos os thezoiros do mundo.

Erratas.

Em o n.° 25 pag. 2.ª col. 2.ª lin. 47 — marraficos, lea-se — mafarricos. Pag. 3.ª col. 1.ª lin. 6.ª, das filhinhas, lea-se — dos filhinhos.

LISBOA. NA IMPRESSAÕ LIBERAL ANNO DE 1823. *Rua Formoza N.° 42.*

A Trombeta escutai dos Luzitanos,
E se rouca tocar... tremei Tyrannos!

O TROMBETEIRO.

A TROMBETA LUZITANA.

Tudo vai conforme.

Na Sessão de Cortes de 11 do corrente, o Ministro dos Negocios do Reino apresentou no orsamento das despezas da sua repartição, huma verba com o titulo de = *Caza de Bragança.* = Ao lêrmos aquelle titulo fizemos huma pausa, e dissemos para os nossos botões (1): " Que tem a Caza de Bragança com o orsamento? Pois esta Caza, que he Propriedade dos Reis de Portugal, porque são Duques de Bragança, póde acazo ser ingerida nos orsamentos das rendas, ou despezas nacionaes?! Isto sem dúvida foi engano do Ministro. ,, Porém, qual foi o nosso espanto ao vêrmos admittida á discussão aquella verba!! e mui particularmente ao lêrmos a indicação do Deputado Freire, para que a Caza de Bragança fosse annexada aos bens nacionaes, e por tanto julgada, e administrada como propriedade nacional?! Pausa, e pausa maior: " Eu estarei com a cabeça alienada?! ou meus olhos me estarão illudindo?! vamos a vêr como he isto. ,, Com effeito, passamos por tudo em claro, e vamos procurar a solução da materia, que encontramos nos seguintes termos: = *Approvada*, (a indicação) dizendo-se em logar de = *a Caza de Bragança* = *a administração da Caza de Bragonça.*

Sem querermos saber de mais nada, atirámos então com o Diario para cima da banca, e nos entregámos ás seguintes reflexões: A Caza de Bragança he tanto de El-Rei, como estes calções são nossos; porque os Duques de Bragança sempre a possuirão, e administrarão como sua: esta Familia ainda não acabou, porque El-Rei de Portugal, o Senhor D. João VI. he legitimo descendente, por varonia, e primogenitura do Sr. Duque D. João de Bragança, acclamado pelos Portuguezes, Rei de Portugal, em 1640. A nós não nos consta por documento algum que com a sua exaltação ao Throno perdesse aquelle primeiro Rei da Caza de Bragança, ou seus Successores, o direito á mesma Caza; logo como póde ella ser incorporada, nem administrada á Nação, ou pela Nação!! Só se o Senhor D. João VI. lha cedeo; mas não consta similhante cousa, nem mesmo S. M. o podia fazer, porque prejudicava seus Filhos, a quem ella ha de pertencer pelo direito de legitima successão, que ainda Lei nenhuma revogou!!! Debalde se diga, para se dar a este acto huma certa apparencia, que huma vez que ao Rei se arbitra huma renda nacional para sua sustentação, deve ces-

(1) Que são hoje em dia os unicos amigos em que a gente se pode fiar: porque nem são *delatores*, nem *bravios*....

sar de desfructar a sua Caza, a qual fica sendo o patrimonio do Principe seu Filho; nós nunca nos poderemos conformar com similhante disposição, porque ella não só attaca de frente o direito de propriedade, mas exige a mesma adopção para todos os empregados públicos; o que seria absolutamente monstruoso, e tyrannico: sim, se o Rei, como primeiro funccionario deve perder a administração da sua Caza, em virtude de ser sustentado pela Nação, parece que nessa mesma razão estão todos os de mais empregados.

Adoptado este systema em geral, como a igualdade o exigiria, a Nação nada despenderia com os seus empregados, antes talvez lucraria nesse negocio. Mas nesse cazo he bem provavel que só os que nada tivessem de seu, quizessem ser empregados pela Nação, porque tudo tinhão a ganhar, e nada a perder. Isto he o que a razão, e a justiça nos estão demonstrando, mas se estamos em erro muito desejamos que haja alguem que nos esclareça, combatendo estes principios com solidas razões, que nos possão convencer.

Relações Exteriores.

A Nota que o Governo Francez enviou ao Conde de *La-Garde*, Ministro de S. M. C. em Madrid, he por si só tão explicita, e positiva, que não deicha a menor suspeita sobre o systema que as Potencias Alliadas adoptárão ultimamente no Congresso de Verona. Aquelles que não desconhecem a Politica, e maximas que servem de guia aos Monarchas Co-ligados, desde 1814, nada podem admirar, nem mesmo achar novo, não só naquella Nota, como em outra qualquer sobre o mesmo assumpto. A sua resolução está definitivamente tomada, e póde-se dizer que o Congresso de Verona não foi mais que huma mera formalidade, para salvar as apparencias, e firmar-lhe o sello.

Nós já dissemos em hum de nossos numeros, que aquella Alliança, denominada = *Santa* = feita entre a Russia, Austria, e Prussia, não teve por objecto senão formar hum poderoso dique contra a torrente das = *Idéas Liberaes* = que pelos fins da quéda de Buonaparte principiou a correr pela Europa. Todos os Gabinetes erão então manejados por Ministros, que reunião a huma consumada Politica, a mais subtil previdencia; e ainda que a Inglaterra não entrou activamente naquella liga, não deichou com tudo o seu Ministro *Castelereagh*, de ter della hum perfeito conhecimento, nem de manejar a Politica Ingleza n'hum certo movimento de conformidade, e armonia com ella. A explosão estava pois prevista, e o plano de opposição traçado. Hoje trata-se de o dar á execução, e he isto precizamente o que nós achamos em a Nota do Governo Francez para o seu Ministro em Madrid. Aquelles, que ou estão illudidos, ou intentão illudir, esforção-se por meio de interpretações pueris e arbitrarias, em dar hum differente espirito a todos estes documentos diplomaticos sahidos das Secretarias da = *Alliança* = Mas estas conhecidas delicadezas já não fazem efeito: hoje todos se decidem pelos factos, e não pelas reflexões. A guerra será pois inevitavel: os seus resultados não poderão formar objecto de questão.

O Diario do Governo, recebeo hum impulso de seu Senhor, que o obrigou a apparecer na manhã seguinte estirado na lama... Fatal condicção dos Jornaes Ministeriaes! Os seus *dados*, as suas auctorisações, andão tão arre-*dados* da orbita da verdade, que nunca poderão pintar bem por mais que os corra. Tem demasiado chumbo de hum lado.

Ha com tudo nesta intervenção com a Hespanha, hum objecto a notar, e vem a ser: O nenhum cazo que a França ou seus Alliados, fazem actualmente de Portugal! Não se dirá senão que aquellas Potencias ignorão a nossa existencia, ou nos reputão como parte integrante da nossa visinha. Huma só palavra a nosso respeito se não encontra em nenhuma de suas participações! Mal dos pequenos!!

Sempre que nos recordamos do julgado do primeiro Conselho de Jurados, sobre o art. ou § de nosso n.° 16, cuja accusação ficou procedente, nos enchemos de huma certa admiração, que nem podemos explicar. Como póde a maioria daquelle Conselho achar no § o subversivo de que o Sr. Promotor o accusou? Será subversivo o dizer-mos nelle que S. M. El-Rei não podia de bom grado, e espontaneamente condemnar Sua Augusta Esposa ao desterro?? Será subversivo o dizermos ali, que não acreditava-mos em similhante espontaneadade? Será subversivo o dizermos no mesmo § que El-Rei não póde fa-

zer nada sem consultar o Conselho de Estado, e dos Ministros? Será isto huma falsidade? Eis-aqui nossas continuas reflexões, que por todos os principios nos demonstrão a negativa. Vejamos se podem ser attendiveis.

Em quanto a dizermos que não foi por sua espontanea vontade que El-Rei confirmou a deliberação do Conselho, ainda quando não fosse assim, não passava de ser huma declaração da nossa opinião, a que todo o Cidadão tem direito, porque a Lei assim lho permitte, e como aquelle cazo não he hum dogma, não temos obrigação alguma de lhe prestar fé politica, acreditando-o como infalivel.

Dissemos que o Rei nada póde fazer sem que o Conselho de Estado, e dos Ministros convenhão nisso. Quando isto escrevemos, tinhamos a Constituição á vista, que assim expressamente o determina, quando falla das attribuições que concede ao Rei; porque em quasi todas ellas se acha a seguinte clausula: = Ouvido o Conselho de Estado, = Precedendo proposta do Conselho de Estado etc. = Ora, se a Constituição assim o ordena, como abusa da liberdade da imprensa aquelle que o disser?! Só hum espirito de manifesta contradição poderá negar huma verdade tão reconhecida, que só depende para ser sustentada de se abrir, e ler a Constituição porque nos governamos, ou devemos governar. Será com ella na mão que nós nos apresentaremos nesse recto e justiceiro tribunal que hade julgar nosso escripto; e he para lá que nós convidamos todos os inimigos da Trombeta, para gosarem do brilhante espectaculo de seu triunfo!

Diaristas! vinde a Juizo!

O vosso miseravel papel pardo n.° 14 he huma prova irrecusavel de vossa malignidade. Como o artigo que nelle se acha contra nós inserido não he por alguem assignado, não podemos deixar de vo-lo atribuir, ainda que alguma *ensarranhada* mão o tenha *forjado*. Por tanto, escutai.

Vós, Diaristas, apezar de não haverdes sido atégora senão huns pobres recupiladores do que achaes, e vos agrada nos escriptos alheios, ainda havieis até hum certo tempo conservado ao menos huma especie de dignidade, que deve ser a devisa de todo o escriptor publico, e mui principalmente daquelles que vivem a soldo do Governo; porém ha tempos a esta parte, que á similhança do Franciscano deitasteis o capuz da decencia, e da vergonha para traz das costas, e vos apresentasteis taes quaes sois, deliberados a insultar o genero humano, nesse nogento papel pardo em que escrevinhaes. Agora como ousasteis soprar na Trombeta haveis de ouvir os sons que lhe fizesteis extrair.

Vós, na impossibilidade de poder-des combater o que nós avançamos em nosso N. 26 sobre essa Portaria do Ministro da Justiça, voltastes-vos para as fracas e impotentes armas da calumnia, da injuria, e do insulto! Miseraveis! he chamando-nos *inimigos da Patria*, e anarquista que intentaes combater solidas rasões! Em que somos nós anarquista? ou onde desafiamos nós os punhaes, e os arcabuses? dizei, indignos, e ignorantes mercenarios? citai, citai huma *só* palavra.... Mas para que intentamos nós destruir huma calumnia conhecida, e desprezada como tal por todo o Publico? Elle vos fará a justiça que mereceis. Quem será o inimigo da Patria, nós que em 28 numeros que temos escripto, havemos deffendido energicamente os direitos do Povo, e do Monarcha, inspirando huma prompta obediencia ás Leis, do que ainda ha poucos dias démos nós mesmo o exemplo, vindo metter-nos nesta prizão só por nos constar que se estava passando ordem para isso; ou vós, indignos, que sois huns mercenarios, que apoiaes os despotismos, e tyranía de vossos amos, e que negaes os direitos do Povo, pertendendo sempre calca-lo em seu proprio Nome? ou vós, que estaes escondendo á Nação os mais importantes accontecimentos, que directamente lhe dizem respeito? ou vós, que mentis despejadamente, dizendo-vos *auctorizados* para publicar imposturas? respondei, servis? Sois vós jornaleiros, que fallaes de Patria? a vossa Patria, são esses que vos tem assalariados, e vossas virtudes civicas são vossos salarios?

Vós, sois alem de malevolos, estupidos de tal natureza que nem sabeis mentir; onde apoiamos nós, ou fallamos dos privilegios da alta Nobreza, e do alto Clero? aonde, dizei atribilarios? Será em dizer-mos que as *quatro arrobas de prata, e a rica Custodia* erão sagrada propriedade das Freiras de Elvas? isso só vós, miseraveis sectarios, he que o podeis negar! O que vós desejaes he que se espo-

liem todas as corporações para verdes se vos cabe alguma lambuge na partilha.... sois pobretões, sois miseraveis, e por isso estaes á mira de vos enriquecerdes ainda, como os farrapões da França, com os despojos do rico! não passareis por esse modo de diaristas a ricos proprietarios; não, nós vo-lo asseguramos; contentai-vos com o Jornal que ganhaes, que não he tão pouco que não chegasse para sustentar á farta dous dos mais corpolentos burros da Mancha.

Ignorantassos! quem vos meteu nas cacholas que só Izidoro, o Mercador demonstrou o direito de propriedade das ordens religiosas? nós deviamos aqui, para cumprir-mos com huma das obras de misericordia citar os nomes, e obras de tantos illustres auctores que o hão sustentado; mas vós sois indignos disso, por que sois huns sceleratos tão acamelados que fazeis vergonha á vossa Patria, se he que sois Portuguezes: ficai por tanto submersos nesse nogento lôdo da ignorancia, e nelle patinhai *per omnia secula.*

Vós perguntaes, atrevidos ignorantes, *até onde queremos estender o direito de propriedade?* pois nós vos respondemos, por esta vez, pedantes. — Até onde ha legitima Posse — Até onde essa Posse ha sido dada por quem tinha todo o direito de a dar; confirmada por todos os Imperantes, pelos Povos, pelos seculos, e nunca por alguem contestada, se não pelos infames diaristas, e outra caterva de igual natureza. Já o sabeis? pois ouvi mais:

Vós sois tão ambiciosos do alheio, que até lamentaes que as pobres Freiras Franciscanas tenhão hum conto e tantos mil réis de renda, instituindo-vos reformadores para lhe tirardes essa mesma renda, debaixo de pretexto de que são só onze, e fizerão voto de pobreza! Que tendes vós que sejão onze, ou vinte e duas? que tendes vós com o seu voto? Sois acaso Delegados do Papa para promoverdes a sua observancia? Ou sois tão demasiadamente alarves, que ignoreis que essa insignificante renda procede de antiquissimas doações que a piedade dos particulares lhes fez?! Essa *prata*, e essa *rica Custodia*, em que vós já tinheis a mira, foi acazo comprada com o vosso dinheiro, ou do Estado? Ah! miseraveis salteadores do Diario! como vos desesperou a desapparição daquelles dous trastes com que já contaveis. Mirrai-vos bêb...

Vós dizeis que somos fautor do roubos publicos, que he o mesmo que chamar-nos *ladrão*! por deffendermos o direito de propriedade que as Freiras tinhão á sua prata, e Custodia. Ladrões, e tremendissimos Ladrões sois vós, que negaes ás Freiras o que he seu, e que haveis roubado o Público desta Capital, levando-lhe 200 réis por cada linha de avizos, que inserieis no vosso infame papel pardo! Isso he que he roubo! Isso he que se chama ladroeira! Negai tambem este facto, indignos e abjectos diaristas, assim como negais o direito de propriedade ás Freiras; assim como duvidaes se Fernando José de Queiroz foi comediante, quando dizeis = *parece* = Impostores, não o visteis vós milhares de vezes naquella capoeira da Rua dos Condes, representando ora de Rei, ora de seu Barbeiro? Então para que o pondes em dúvida, dizendo – *parece*? Fóra impostores!

Vós dizeis que chamamos os Frades á rebellião; onde fallamos nós dos Frades, ou onde lhes dirigimos a palavra, para os chamarmos á rebellião? Fóra mentirosos! Fóra traficantes de fazendas falsas! Nós se houvessemos de os instigar a algum procedimento, seria para que vos agarrassem, e vos mettessem ás Nóras, para regarem as cercas no verão.

Vós concluís exortando o Promotor a que nos castigue! Fóra tolos, fóra pedantes. Quem deo authoridade ao Promotor para castigar os Escritores? Zurrai, burros, aonde achasteis a lei que o authorisé? ou quereis fazer do Promotor o vosso espadachin? hide ateimar com elle, e ameaça-lo por cartas anonimas (são as vossas valentias, fracos, cobardes!) como fizestes ha pouco para o obrigardes a denunciar sem fundamento algum, os nossos números 16 e 17, porque dizião verdades nuas. Fóra patifes!

Sabeis a conclusão que nós tiramos dos insultos que nos dirigis em vosso despresivel escripto, he que desesperados de não poderdes continuar a roubar o Povo nos dous tostões por linha, appellaveis para roubar os Frades, Freiras, Cabidos, &c. porém já todos elles vos conhecem, e se munírão de assalvajadas trancas para vos estenderem nas costellas, quando por alguma trapeira, ou com chaves falsas, intenteis roubar-lhes a prata dos seus templos, ou os vestidos de seus corpos!

Eis-aqui, desmoralisados mercenarios, as verdades que provocasteis, e com que nós nos desforramos: continuai, e ainda que não tendes vergonha, ouvireis mais...

LISBOA. NA IMPRESSAÕ LIBERAL ANNO DE 1823. *Rua Formoza N.° 42.*

JANEIRO 21. N.° 29.

A Trombeta escutai dos Luzitanos
E se rouca tocar . . . tremei Tyrannos!

O Trombeteiro.

A TROMBETA LUZITANA.

Portaria.

Manda El-Rei pela Secretaria de Estado dos Negocios da Justiça partecipar ao Collegio Patriarchal da Santa Igreja de Lisboa, que por Decreto de 9 do corrente mez, houve por bem de extinguir a Administração atégora imcumbida de arrecadar as offertas feitas á imagem de N. Senhora da Conceição da Rocha, que actualmente se venera na Basilica de Santa Maria Maior, criando para esse fim huma Commissão de que he Presidente Antonio Joze Branco, Conego da dita Basilica, e que o mesmo Senhor determina, que o sobredito Collegio Patriarchal prohiba mui particularmente a todas as pessoas empregadas na referida Basilica, o receberem offertas algumas, debaixo de qualquer nome que sejão feitas pelos Fieis á dita Imagem; e outro sim que dê as providencias necessarias para a total extincção do escandaloso tráfico das Estampas ás portas da mesma Basilica. Palacio de Queluz 11 de Janeiro de 1823.= Jozé da Silva Carvalho.

==*=*

Esta Portaria, que ainda não appareceu no thuribulo, he mais huma prova que a Justiça nos apresenta da rectidão e boas intenções do seu Ministro. A sua previdencia he tal, que nem os mesmos Sanctos lhe escapão! Tambem a Senhora da Rocha será parte integrante do Systema? Examinemos:

Todos sabem que esta Veneravel e Milagrosa Imagem de N. Senhora da Conceição da Rocha, nem foi descoberta pelo Governo, nem he propriedade do Governo. A sua apparição, ou milagrosa, ou casual, o que não nos importa ventilar, tem despertado a fé, e a piedade em todas as classes, não só da Capital mas das suas immediações; e a gratidão dos Fieis lhe tem tributado muitas e ricas offertas. Estas offertas atrahirão depresssa as vistas de certos homens, que só as voltão para onde veem luzir. Transferio-se pois esta miraculosa Imagem do lugar da sua apparição, para a Basilica, o que já foi hum verdadeiro despotismo, porque os Povos fazião mais fé em a adorar na sua Rocha, que na Basilica; e a isto parece que ninguem tinha direito de se oppôr; porque o Christão póde adorar o seu Deos em toda a parte, por isso que elle em toda a parte se acha. Porém as offertas corrião, e a ambição pulava, o que era bastante para os mandões se ingerirem naquelle negocio.

Esta mudança não afrouxou a devoção Publica; o Povo correu de toda a parte, attraido pelos estrondosos milagres da

Senhora, e lhe fez offertas tão consideraveis, que já montavão alguns contos de réis, quando o Sr. Jozé da Silva Carvalho, Mandao-mór Constitucional, julgando que tambem tinha alçada sobre as esmolas dos Santos, expede esta portaria para pôr, ao seu arbitrio, huma administração ao cofre da Senhora!! e nomeando para seu Prezidente ao Sr. Branco, passa em claro os outros membros dessa chamada = *Comissão* = e não dá a saber quem elles são, para que o Publico não saiba que são huns bacalhoeiros, quitandeiros, &c.! Não contente com isto manda o Sr. Mandão, que se não vendão as Estampas de nossa Senhora ás portas da Basilica, dando a esta venda o titulo de = *Escandaloso Tráfico* = Este escandalo para o Sr. Jozé da Silva, sabemos que ha de ser grande, porque não quer que ninguem gaste o seu dinheiro em Estampas de Santos, podendo-o gastar nos = Veneraveis retratos dos Veneraveis Vinagristas. = O que he altamente escandaloso, he que o Ministro assigne a Portaria com a data de 11 de Janeiro, em Queluz, quando nesse dia estava El-Rei em Salvaterra!! Eis-aqui como elle faz tudo o mais.

Vamos ao melhor. Esse dinheiro, e joias que os pios devotos havião offertado á Senhora, já levarão caminho! O dinheiro deo-se-lhe huma applicação que quazi se ignora; porém he voz publica que fôra destinado para as despezas da Expedição que vai para a Bahia! As joias forão avaliadas e vendidas, sendo alguns dos avaliadores os mesmos que ficárão com ellas!! A cêra, não sabemos ao certo se foi, ou não vendida, agora o que he verdade he, que a levárão da Basilica; provavelmente para a metamorfosearem em metal! Ora se os Santos falassem que dirião elles a este modo de proceder? A taes horas punhão-se a gritar: *Aqui d'El-Rei! ladrões, ladrões!*

Com effeito, muito se tem propagado este Systema, ou antes mania das Comissões! Para tudo são adquadas, e para tudo servem, até para administrar os Santos! O que nós desejamos saber he com que auctoridade, ou direito se ingerio o Sr. Ministro da Justiça na administração das offertas que se fazem aos Sanctos? Isso só compete ao poder ecclesiastico. Terá tambem de ser administrada por conta do estado a Senhora da Rocha? He o que falta para vêr! Porém não contem com mais hum vintem, porque a generosidade dos Fieis espirou no mesmo dia em que virão despojar a Senhora; e desde então para cá, em vez de offertas só lhe fazem fervorosas orações para que castigue aquelles que tão indignamente a tem saqueado, e lhes inspire o arrependimento, e restituição de suas ladroeiras!

O Misterio.

A semana passada appareceo esta Capital n'huma attitude militar que deo motivo a mil conjecturas. Por todas as ruas e praças circulavão numerosas patrulhas de cavallaria, e infanteria, o que fez espantar todos os pacificos habitantes. Perguntavão-se mutuamente huns aos outros pelo objecto deste apparato, e cada hum lhe dava aquelle mais analogo ao seu modo de pensar, porém a opinião mais vulgar era que o Governo pertendia dar a entender ao publico que tinha receio pela segurança da Capital, a fim de ter hum apparente motivo, como em Abril do anno passado, de requerer ao Congresso a suspensão do *Habeas*, e huma discripcionaria autoridade, como então requereo, e obteve.

Essa opinião tem tanto fundamento, que o mesmo maxiavelismo, e systema de que da outra vez se servirão, he o mesmo que agora estão pondo em acção; isto he espalhando listas de desafectos, e passando-se de boca em boca, que taes e taes pessoas estão prezas por tentarem huma conspiração; quando essas pessoas estão mui descançadas e pacificas no centro da sua caza! Em fim, procura-se por todos os mesmos abominaveis meios, atemorisar o publico, para no meio desse temor se commetterem toda a especie de despotismos, e se exercerem vinganças particulares! Mas não se illuda algum credulo com estas estrepitosas precauções, porque ellas não teêm por objecto senão o que acima deixamos referido, e não farão desta vez senão patentear ao Público as sinistras intenções daquelles, que pertendem reasumir a si todos os poderes do Estado.

Huma aluvião de notas falsas tem igualmente nestes ultimos dias alimentado a curiosidade dos ociosos; porém ellas são de tal natureza que só teem tido horas de duração. Huma classe de homens que estão persuadidos de que tudo se deve fazer á medida de seus dezejos, e que só por sua intervenção deve ser conduzido o sys-

tema Constitucional, se reune todas as noutes em sombrias cavernas para pactuar a novidade que deve occupar o Publico no dia seguinte; e por isso todas as manhãs apparecem os seus corrutores publicando por todas as partes a ridicula invenção, que servio de objecto á noturna assemblea.

He irrisorio o vêr estes charlatães publicar as suas imposturas n'hum tom mysterioso, que pouco differe daquelle, com que os Sacerdotes do Templo de Jupiter Amon fallavão áquelles que os hião consultar! Nós os havemos desfructado algumas vezes em nossa hora vaga, e na verdade muito nos temos divertido com estes novos Sandeus, que todavia não deixão de commover á piedade, e lastima. Hum delles, pertendia ha pouco, n'hum circuculo de genios iguaes, sustentar que os Russos havião passado o Ganges, de marcha para Constantinopla!! A sociedade, pareceo applaudir esta noticia do seu exacto geografo! Pois he hum dos mais alentados *bravios* que circulão pelos Cafés.

Eis-aqui pois a sensata gente que se dá ao fabrico, e comercio de noticias; e eis-aqui por tanto desenvolvido o mysterio das immensas patrulhas que tem espantado a Capital nestes ultimos dias, como acima deixamos exposto: e se o Ministerio contava com a nossa crensa, todos nós lhe respondemos em desforra: *Não pegárão as bixas* ....

Bellas Letras.

Certos estarão nossos Leitores de que em hum de nossos numeros lhes prometemos dar a traducção de alguns manuscriptos que o bom Turco *Abdel-Melec* salvou nas alpercatas do lamentavel incendio da Biblioteca de Alexandria. Este, que he escrito em grego, acha-se bastante troncado no que pertence ás notas; porém, nosses Leitores lhes farão aquellas que a sua erudição lhes dictar. Eilo ahi vai:

Ensaio de huma nova Mythologia.

Reinava a doce paz no Impyrio pelo principio da LXXIII. Olimpiada (1) quando os os enormes filhos da Terra *(os Gigantes)* ousárão erguer suas volumosas cabeças contra o poderoso Jupiter, para o derribarem do throno, e se apossarem da morada dos Deoses! Jupiter, a pezar de seus raios, atemorisado pela espantosa empreza dos Gigantes, de cujo resultado duvidava, abandonou o seu throno e habitação, e se foi refugiar no delicioso paiz de *Zirbal*, Estados da gentil Nynfa *Carimea*. Com tudo, os Deoses, servindo-se dos raios de Jupiter, souberão frustar a louca empreza de seus inimigos, e fulminando sobre elles, castigárão o seu orgulho, estendendo-os despedaçados sobre a mesma terra de que havião surgido.

Triunfantes assim os Deoses, continuárão a governar-se em nome de Jupiter; a quem enviárão huma mensagem, participando-lhe o feliz exito da contenda.

Jupiter a este tempo, encantado da belleza e atractivos de *Carimeia*, assim como da grandeza e amenidade do paiz, pouco se recordava do Impyrio, e nomeou cinco Deoses para em seu nome, e na sua ausencia o governarem. Não erão com tudo amplos os poderes que lhes concedeo, mas a pesar disso, o Impyrio era governado em paz, e os Deoses vivião satisfeitos lamentando sómente a ausencia de Jupiter.

Assim decorria serenamente o tempo, quando se formou huma conspiração contra os cinco Regentes do Impyrio. *Nanferdes*, maligno filho de *Charonte* concebeo este projecto, e o communicou a *Valhoarc* filho do Vulcano, e a Esculapio, que entrárão de bom grado nas suas vistas, e associárão ardilosamente outros muitos, que se prestárão incautos a seus designios. Não se crendo porém com força sufficiente para darem á execução seu damnado projecto, aliciárão Marte; e este Deos da guerra, sempre inquieto e turbulento, não desdenhou a proposta, e lhes prometeu seu auxilio.

Confiados então no bom exito da sua empreza, designárão o dia, e Marte deo o signal, saudando a chegada de Apolo ao som dos bronzes. Todo o Impyrio estremeceo, e seus desapercebidos Governantes se achárão repentinamente desobedecidos, e desautorados. Então os filhos de Charonte, e de Vulcano se instaurárão a si proprios Governadores do Impyrio, debaixo do fantastico nome de Jupiter, que de nada sabia. Os celestes habitantes, ou por amigos da novidade, ou temendo as iras de Marte, (o que he mais provavel) não se opposérão a este

(1) Mil oito centos e sete annos, pouco mais ou menos.

inesperado acontecimento, mas nem por isso deixárão de vêr com indignação uzurpado o poder de Jupiter por dous desconhecidos aventureiros do Impyrio.

Estes, para contentarem de alguma sorte os queixosos Deoses, lhe propozerão huma Assembléa, na qual todos elles fossem ouvidos, e se adoptaria a maioridade de suas opiniões, sobre o modo de se governarem eternamente, para não estarem sugeitos á unica vontade de Jupiter. Esta proposição não foi regeitada, e a Assembléa se instalou pela maneira que os revoltosos quizerão. Forão porém excluidos della os Deoses de primeira ordem, a quem os dous não podião tolerar, por isso que a ella não pertencião.

Reunidos finalmente em sociedade, travarão logo renhidas disputas sobre o methodo de se governarem, que todo era tendente a desapossarem Jupiter da sua auctoridade. Deichemo-los por hum instante, e vamos observar a *Zirbal* a conducta do Pay dos Deoses

Mercurio, voando por cima das agoas, foi partecipar a Jupiter o que no Impyrio havia succedido; este, prezo ainda aos encantos de Carimea, escutou o seu Nuncio com algum sobresalto, mas nem por isso se queria dispôr a abandonar a sua bella, para vir segurar o seu throno no Impyrio, cuja base se achava já quasi destruida. Com tudo, hum forte abalo o fez abandonar aquelles sitios onde habitava ha quasi tres lustros; e montando na sua veloz Aguia, partio repentinamente para o Impyrio, onde não era esperado.

Os Deoses, atemorisados pela sua chegada, resolverão de o não deixarem entrar, sem lhe imporem certas condicções; e para o obrigarem a aceita-las, o ameaçavão com seus proprios raios, de que o prejuro Marte estava senhor. Jupiter, montado ainda na sua Aguia, esperava ás portas do Impyrio, tendo Juno a seu lado, pela rezolução da Assemblea, quando huma mensagem se lhe apresentou da parte delle, exigindo do Deos do raio hum juramento de obediencia aos Deoses secundarios. Jupiter não conhecia os mensageiros, por que nunca em seu Impyrio havião sido reconhecidos por Divindades. Com tudo, Marte do alto do Impyrio ameaçava Jupiter, com o acêzo raio prependicular sobre sua cabeça, e lhe intimava o fatal decreto: Juno receosa por seu esposo, o exora a submeter-se á prejura Lei que lhe intimavão: seus rogos não forão inuteis: Jupiter cedeu.

Entrando então no Impyrio, foi recebido com huma falsa pompa, mas sem poder, e sem raio. Recostado sobre o seu throno, já não inspirava aquelle respeito, e magestade com que os Deoses o contemplavão dantes, apezar de que tudo no Impyrio fosse feito debaixo de seu poderoso nome; porém os verdadeiros Jupiters erão os sacrilegos *Nanferdes*, *e Valhoares*, apoiados na força de Marte, que tão bem dividia os despojos do Soberano Jupiter. Nada se fazia, nada se operava senão pela intervenção das falsas divindades, que já com difficuldade erão das outras obedecidas.

Já Minerva começava com seus luminosos fachos a illustrar os desvairados Deoses, que descòntentes da governança dos prejuros impostores, só com repugnancia, e temor se vião na dura necessidade de lhes obedecer. Desesperados e raivosos, por verem afrouxar, e diminuir consideravelmente o seu poder, se servirão de todos os meios do terror para o conservarem contra a vontade geral de todas as Divindades. Foi na persuasão de que mais se fazião temiveis, que estes falsos Deoses atentárão contra Juno, a digna esposa de Jupiter, condemnando-a a ser desterrada para sempre do Impyrio, como desafecta á intrusa autoridade dos perfidos usurpadores. Foi então que por todo o Impyrio se espalhau a dôr, e a desesperação. Todos os Deoses arrependidos de se haverem entregado cegamente ao arbitrio dos perjuros, sentião inflamar-se em desejos de vingarem as suas afrontas, e as de Jupiter, cujo Imperio desejavão restabelecer, porque foi nelle que a tranquilla Paz derramava seus preciosos dons na Celeste habitação.

Juno foi obrigada a separar-se de Jupiter; este acontecimento, que devia arrastar promptamente a perda dos usurpadores, acabou de azedar todos os espiritos Celestes, que o traidor Marte assustava com os inflamados raios, unico direito e apoio de seu poder. Perdido porém este receio, os Deoses cahirão subitamente sobre Marte, e tirando-lhe das mãos o raio com elle o abrasárão, e a paz se restabeleceo. Taes forão os successos do Impyrio pelos fins da LXXIII Olimpiada, época fatal para Jupiter, e Juno, e para todas as Divindades Celestes.

LISBOA: NA IMPRESSÃO LIBERAL, ANNO DE 1823. *Rua Formoza N° 42.*

JANEIRO 23. N.° 30.

A Trombeta escutai dos Luzitanos,
E se rouca tocar... tremei Tyrannos.

O Trombeteiro.

A TROMBETA LUZITANA.

Já o Mundo o sabe.

Já pelas Nações estranhas anda assoalhado o façanhoso procedimento do Ministerio Portuguez para com a Augusta Esposa do seu Rei! Os Carvalhos, os Gonçalves e os Pinheiros já são, por esse acontecimento, conhecidos no mundo civilisado como quem são; a deosa das cem boias não os poupa; e seus appellidos circulão por toda a parte de boca em boca, como circulavão ha alguns annos os dos fanaticos demagogos da revolução franceza! Ha quem diga que estes homens muito dezejão fazer-se conhecidos, seja porque modo for, para tirarem a desforra da longa escuridão em que teem vivido, ignorados até na sua propria patria.

Este acontecimento devia na verdade, por bem conhecidos principios, atrair a si a attenção da Europa, e convidala a meditar seriamente sobre as causas que lhe derão a origem, assim como sobre as vistas de seus auctores. A Politica dos Gabinetes Europeos não he hoje aquella de que desgraçadamente uzavão pelos fins do passado seculo 18; ella os hia sacrificando; mas hoje conhecedores de seu erro, achárão o ponto central da sua segurança: A reunião. Elles fizerão o seu primeiro ensaio sobre esse colossal poder que ha dous dias agrilhoava os Povos, e os Reis, e mostrárão pelos resultados, quanto he necessaria, exacta, e segura huma tal politica. Mal das Nações, quando ellas não tiverem hum tribunal respeitavel, que as faça conter nos limites da justiça: a sua tranquillidade, e decoro não terão apoio.

O acontecimento de S. M. a Rainha de Portugal, he, depois do da desgraçada Antonieta, aquelle que mais tem affectado o Publico de todos os paizes, onde esta noticia já chegou, e he com toda a rasão que hum Escriptor Espanhol diz que: *Esta foi a luva do desafio que o nosso Ministerio lançou aos Reis!* Parece que este Ministerio se acha empenhado em comprometter a dignidade Nacional, e o systema politico. Não he com similhante conducta que elle ha de impugnar o que se acha expresso nesses Manifestos, e intimações das Potencias Co-ligadas; elle não fará mais que verificá-los, e imporlhes o sello. A sua marcha deveria ser diametralmente opposta, para que o Mundo conhecesse o espasso que existia entre recriminações, e factos. Nós não percisariamos então de outras armas para sustentarmos as nossas instituições; e se hum dia se commettesse a injustiça de as atacar, nós com huma consciencia pura, apresentariamos como unico Manifesto ao Universo a honra e dignidade de nossa anterior conducta.

Se huma Rainha de hum paiz onde o divorcio he premittido, accuzada formalmente de infiel por seu esposo, obteve a seu favor o voto de todos os Povos da Europa civilizada; se elles tomárão hum vivo interesse pela sua causa, e fazião votos pelo seu triunfo, que se deveria esperar em favor de huma Rainha virtuosa, amavel e innocente?! de huma Rainha, que associada ao Trono Portuguez, e aos nossos destinos, tem sabido por huma benignidade rara merecer a mais decedida affeição dos Povos?! de huma Rainha descendente dos Henriques IV?! de huma Rainha, em fim, que só he accusada de huma insignificante decidencia de opinião politica, que Lei nenhuma lhe crimina, e que nada influe directamente sobre nossos negocios?! Não, não seria com indifferença que um tal successo se passasse aos olhos do Mundo, sem elle o julgar, e proferir sua sentença contra aquelle, da parte do qual se achasse a injustiça. A Rainha de Portugal poderá ser victima de hum fanatismo tyrannico; porém o Mundo a justificará!

O N.° 17 do *Perfumador* traz huma especie de sarisfação anonima á accusação que o Astro, e a Trombeta fiserão desse negocio da compra do armamento para o nosso Exercito. A Trombeta soou claro, dizendo que era vós publica de que esse ajuste não foi feito em hasta publica, e que nelle tinha havido má fé, por quanto cada huma arma fora justa por mais de 3000 rs. assima do preço porque outros o fazião; que a ser assim, o Ministro, e o Negociante se achavão ambos implicados; e que este deveria denunciar-se na forma da Ordenação, para se eximir ás penas da Lei. Apparece pois agora a tal satisfação, sem se saber de quem, porque não traz assignatura, e o seu auctor, querendo desembaraçar-se da questão ladêa para a direita, e para a esquerda, e por fim não conclue nada, nem destroe os fundamentos da accusação; limita-se a dizer que foi bem feito o contracto, e 1600 rs. mais barato que os anteriores, e em fim que quem quizer o vá ver á secretaria respectiva.

Não está máo modo este de destruir huma arguição. Que nos importa a nós se foi mais barato 1600 rs. que os anteriores? Essa não he a questão; a questão he que o contracto não foi feito em hasta pública como devia ser, e cada arma foi justa por mais 3000 do que devia ser. A isto he que nós queria-mos ouvir responder categoricamente, aprezentando o Sr *Incognito* ao Publico o preço por que ajustou cada arma, para então nos desenganarmos; isso sim, entendemos nós; mas jogar de lado, dizer que o fez barato, e mandar para a Secretaria, he resposta que não percebemos. Se o Sr. *Incognito* se acha com a consciencia pura, o que muito estimaremos, publique o preço porque fez o seu ajuste com o Ministro, e tenha a bondade de assignar o seu nome, que ninguem lho rouba. Em quanto á formalidade necessaria a que se faltou, da hasta publica, isso são continhas á parte com o Ministro, e que nós havemos de liquidar com exacção; ólá se havemos; só se derem garrote á liberdade da Imprensa. Em quanto escrever-mos, não passarão em julgado abuzos de tal natureza, que redundão em manifesto prejuizo da Fazenda Nacional.

(O Trombeta.)

Todos haverão lido no Diario do Governo este bello retalho politico do politicão = *El Universal de Madrid* = fallando da saudosissima retirada de nosso Encarregado naquella Corte, o Coronel Freire de Andrade, eis aqui como se exprime:

" No curto espaço de tempo que residio nesta Capital, teve a honra, ou para melhor dizer a satisfação propria de hum verdadeiro amante da santa cauza da Liberdade, de deixar o seu nome assignado em huma dilatada, e verdadeiramente delicada negociação, que vai cimentar a união de interesses entre dous Povos, a quem a *irresistivel força dos acontecimentos obrigará para o futuro a formarem huma unica familia* "

Se nos lembrarmos de que quem isto escreve he hum Espanhol, não daremos merecimento algum á *Espanholada*; porém se nos recordarmos de que estas ideas andão em forja desde 1820, e de que o Cavalheiro Heliodoro as denunciou solemnemente ao Publico, ha bem pouco tempo, não nos poderemos eximir de encarar esta expressão pela principal face que ella nos aprezenta, e observa-la com olhos indagadores, e severos.

Ha muito tempo que el-senhor Universal nos atira para cá com estas pedradinhas, que são logo aparadas no *prefumador*, o qual da sua parte faz com ellas o joguinho que póde. Ora vossas-mercês não se desenganarão que os Portuguezes não querem ser Espanhoes? não acabarão de persuadir-se de que he mais facil formarmos Nação com os Mouros, que com os Espanhoes?! Que o Castelhano Universal falle nisto nada admira; mas que hajão dous turibulistas em Lisboa que se atrevão a repetilo, he o que não podemos tolerar, nem levar em paciencia. Nós bem sabemos que estes ditinhos do Universal são encommendas da fabrica de Lisboa; assim como sabemos tambem que esse chamado tractado que o Sr. coronel Freire aldrabou em Madrid, he a maior pouca vergonha que nos fastos diplomaticos se tem visto; he de tal natureza, que ambos os Governos se hão recusado a assignalo: hum por decencia, e o outro por medo. A pessoa que nos escreve de Madrid, explica-se por estes termos: " Ninguem dirá que hum tal tractado fosse proposto por huma Nação que ha dous annos proclamou a sua liberdade, nem que fosse aceite senão depois da perda de huma batalha dicesiva ,,

Este tratado, feito ás escuras, he formado sobre bases que não desmentem os sentimentos do Universal, que acima deixamos transcriptos. Nós ainda não temos delle hum cabal conhecimento; mas sabemos de pozitivo que he manifestamente vergonhoso para Portugal; e esta vinda do coronel Freire parece dar-nos a entender que o Governo ou reconheceo o seu erro, ou não teve parte nelle. Seja o que for o Universal ha muito tempo que apregoa a factura daquelle tratado como huma obra maxima em politica; mas he porque vai toda conforme com os seus desejos, que elle mesmo não tem duvida em manifestar. Se elle offerece essas vantagens que os nossos bellos politicos por ahi tem feito espalhar surdamente, porque senão submete elle ao conhecimento do Congresso, na conformidade da Constituição? porque senão publica? porque se não assigna? Persuadir-se-hia acaso o coronel Freire que El-Rei ainda se achava no Brazil? ou que os Espanhoes estavão ás portas de Lisboa?;

Os politicos de Madrid (sem serem os do dia) pelo que hão colhido do tal tratado-sinho do coronel Freire, estão persuadidos que o fantastico systema da Republica Peninsular, se encaixou nas tresloucadas cabeças de alguem! O Universal, que quando nos diz que o coronel Freire *deixára seu nome assignado n'uma dilatada, e delicada negociação*, dá-nos a certeza de que esta negociação se acha plenamente ultimada. Então como he isto? o Governo faz hum tratado com huma Potencia, de que só elle he conhecedor!! Visto isso está adotada em Lisboa a politica mysterioza da Santa Alliança! Tractados secretos nunca são formados sobre as bazes da justiça, e são sempre prejudiciaes aos interesses dos Povos; e mui particularmente entre nós não podem ser admissiaveis, porque encontrão a Lei fundamental.

O Ministerio Espanhol, que sendo pouca cousa, he com tudo muito superior ao nosso, tem sabido aproveitar-se da sua fraqueza, para tirar vantagens que nunca poderia esperar. Conhecedor do caracter, e talentos de nossos Ministros, tem o Governo de Madrid tirado vantagens da nossa actual debilidade, que nunca em tempo algum haveria conseguido Quando Portugal devia aproveitar-se de huma tão favoravel conjectura para fazer revindicações a que tem todo o direito, e que talvez lhe seria facil obter, he quando cede de toda a actividade com que devia entrar na negociação, e faz certas concessões, que (a verificarem-se) merecem a mais forte desapprovação!

Não se deixe o Congresso Portuguez illudir por lisonjeiras aparencias, com que pertendem adormecelo sobre este importante negocio! Demande já ao Ministerio huma explicação formal, e cathegorica sobre o estado desta negociação tenebroza com a Côrte de Madrid; e atalhe, se ainda he tempo, os prejuizos que nos devem della resultar: nós lho requeremos, como hum Cidadão amigo dos interesses e decoro da sua Patria.

Bahia.

As noticias da Bahia, vindas pelo navio = *Conceição Oliveira* = confirmão quanto até agora havemos avançado sobre o systema de guerra, ou antes de reconquista, que se pôz em prática na Bahia. Madeira, a pezar de haver recebido reforços, achava-se no mesmo estado em que estava antes de lhe chegarem; e depois de hum combate parcial que aventurou ás

portas daquella Cidade, ficou nas mesmas posições, e na mesma attitude; com a differença porém de haver perdido e impossibilitado bastantes homens na resfrega, cua perda lhe deve ser mui sensivel nas circunstancias em que se acha, com pouca gente, cercado de muitos inimigos, e a mais de duas mil legoas distante do paiz que o deve soccorrer.

O officio que dirigio ao Congresso, ou ao Governo, dizem que dá a conhecer em detalhe o penoso estado a que se acha reduzido, tendo até áquella occazião huns seis centos doentes, e que as avançadas inimigas chegavão já aos arrabaldes da Cidade. Que o general Labatut, lhe havia feito intimações de abandonar a Bahia, e embarcar-se tranquillamente para Portugal, debaixo de fortes ameaças; em fim, pede promptos, e sufficientes soccorros, que duvida cheguem a tempo.

Nós não podemos com tudo garantir esta noticia, que dada pela guarnição do navio, póde não ser exata em alguma cousa. O Congresso não quiz que se lesse o officio em público o que denota que elle não he muito agradavel. Porém, Madeira será muito bem soccorrido com esta ultima Expedição, que para ser mais terrivel leva á sua frente aquelle homem, que o Deputado Borges Carneiro propunha no Congresso o anno passado, que se mandasse buscar com ferros aos pés, e que logo que chegasse fosse prezo a hum cêpo! Mas que por estas vicissitudes humanas, que não são raras no mundo, he hoje o seu *Mina*, e talvez a sua Mina....

Repetição Desculpavel.

Nós já instruimos nossos Leitores de que da accusação de nossos dous numeros 16 e 17, só hum paragrafo do n.° 16 ficou julgado procedente pelo primeiro Conselho de Jurados; e expendemos sobre esse objecto aquellas reflexões, a que similhante julgado convida todo o homem imparcial. Nós continuamos todavia a estar entre ferros sem causa fundada, e com hum manifesto oprobrio da Lei da Liberdade da imprensa! Nossos inimigos, (que os temos de cazacas bordadas) persuadirão-se que o meio de se desfazerem de nós, era aterrarnos com huma prizão, na esperança de que á similhança de alguns, lhes abandonariamos o campo para cantarem triunfos á custa da nossa fraqueza. O Promotor, e o Juiz arrastados, e violentados por huma funesta e poderoza influencia procederão, contra nós da maneira que se sabe, e os nossos contrarios derão-se mutuamente os parabens, na momentanea persuazão de que nos havião desarmado: havia tal que já nos supunha a vinte, ou mais legoas de Lisboa! Porém puando lhes disserão: O *Trombeteiro foi meter-se á prizão sem alguem o obrigar*, desmaiarão, enraivecerão-se, e por mais de vinte vezes derão a Trombeta a Belzebú.

Como porém não podem tirar outra desforra vingão-se em fazer todos os esforços para nos deter nesta prizão contra toda a justiça, de que se alcunhão ministros, esperançados talvez ainda de que nos obrigarão com esta violencia a desistirmos da empreza: insensatos! Este Trombeteiro, só a propria morte o poderá fazer calar: elle não teme, nem os homens, nem os tormentos; e no meio destes ferros vive na tranquilidade de espirito em que poderia viver no mais sumptuozo palacio do Universo. Dezenganaivos, conheceio.

Continuar-se-ha.

AVIZO.

O Redactor da Trombeta torna a participar que não recebe correspondencias sobre objectos particulares, por se haver proposto somente a tratar aquelles que interessão a Nação em geral. A sua marcha he constante, e não pode altera-la.

Igualmente repete que por atendiveis circunstancias não pode receber assignaturas.

LISBOA. NA IMPRESSAÕ LIBERAL ANNO DE 1823. *Rua Formoza N.° 42.*

JANEIRO 25. N.° 31.

A Trombeta escutai dos Luzitanos,
E se rouca tocar... tremei Tyrannos.

O TROMBETEIRO.

A TROMBETA LUZITANA.

Espiões, e Constituição!

Em o N.° 6 da Trombeta escrevemos hum Artigo com o titulo = Pão e Constituição = porém a Sessão de Cortes de 21 do corrente nos faz hoje metamorfosealo em = Espiões; e Constituição = Obteve com effeito o Ministro da Justiça naquella Sessão hum dos principaes objectos que elle requeria ao Congresso nesse *Relatorio*, que o Vizir *Haled-Effendi* lhe mandou de presente, como instrucções necessarias para sustentar o seu poder ministerial.

Nós muito estimamos que o Congresso assim o decidisse, para ganharmos huma rija aposta que haviamos feito com hum liberalissimo patriota, sustentando nós que o Ministro da Justiça havia de ser servido: o *dinheirinho da aposta cá está*, dissemos nós ao que o perdeo; porém o magaõão retrocou: *não te gozarás delle, os espiões to sacearão.* O homem não deixa de ter razão; porque em França no tempo do Liberalissimo Napoleão, era mui vulgar ver hum espião ameaçar o homem mais pacifico, de o perder, ou dar-lhe o que exigia!! Graças, graças ao Congresso por crear, e sanccionar hum tão util estabelecimento, que vai fazer a prosperidade e gloria do Povo Portuguez! Muitas vezes se havia clamado no Congresso contra o Thribunal da *Inquizição Politica*, pertendendo-se que similhante estabelecimento era incompativel com o Governo Constitucional, e por tanto que devia ser suprimido. Agora nas Cortes Ordinarias pensa-se pelo contrario, e augmenta-se-lhe ainda a constitucional adicção de = *Espiões* = Isto sim, he que se chama constitucionalismo, e liberalismo; tanto não tinha esse = *despotico, barbaro, tyrannico, e atroz* = Governo velho, que nunca os estabeleceo legalmente.

Que delicia não será daqui a dous dias ver esses espiões espalhados pela Cidade, trabalhando com assiduidade no seu honroso, e pacifico Ministerio! Que prazer não será hir passar alguns instantes á porta do Ministro da Justiça, para ver aquelle enxame de abelhas a entrar e sahir do cortiço!!! Oh! que dita! Oh! que *pexincha*! E que franqueza, que sinceridade, que harmonia não vão reinar, com esta feliz instituição, na sociedade, e nas familias! Exultai! vesti as vossas galas Escrivães, Esbirros, e Carcereiros!! Chegou o vosso *Camões*! chegou a vossa éra!! E ainda não abençoareis a Regeneração, que tantos bens vos acarreta?!

Porém, vós, amigos da Liberdade, e da Constituição, carregai-vos de pezado luto! Lamentai o golpe mortal descarregado sobre esse Codigo que affiança vossos direitos, o que nutria as vossas mais caras esperanças! derramai occultas

lagrimas, e vossos suspiros cedo serão contados como outros tantos crimes que vos conduzão ás masmorras, e talvez aos patibulos!! Pais acautelai-vos de vossos filhos! Irmãos, desconfiai de vossos irmãos! Amigos, fechai as vossas portas a vossos amigos! abandonai-os! temei-os! vede que ao receberem vossos favores, vos cravarão o traidor punhal da calumnia, para receberem o infame premio com que a tyrania lhes assena!!

Eis aqui o que infalivelmente devemos esperar dessa odiosa, e infernal creação de *espiões*: aqui não ha a mais leve exageração: este quadro he natural; e praza aos ceos que nos enganassemos! Essa pouca moral publica, será tambem a victima em pouco tempo desse ouro fatal, que se acaba de franquear a hum homem para perseguir os outros!!

BRAZIL.

Rio de Janeiro 4 de Novembro.

A Capital do Imperio do Brazil acaba de ser testemunha da mais publica, e affectuoza demonstração do respeito e amor, consagrados ás virtudes e talentos de dous dos Ministros, e Secretarios de Estado, que, quaes outro Altas havião tomado sobre seus hombros o pezo da nossa Independencia.

Hum partido, ou facção hum pouco ramificada, que desde muito tem posto em obra todas as tentativas para ter entrada em os negocios politicos, e dispôr a seu bom prazer da substancia da Nação, pôde illudir por não pouco tempo a credulidade publica, sobre a pureza das suas intenções que mascarava com affectado zelo do bem geral, ainda quando pela erronea doutrina, que espalhava em papeis, que huns redigião, outros publicavão, outros elogiavão, outros deffendião, e outros mesmo absolvião do anathema, que a Lei e o bom senso contra elles fulminava, não era desconhecida a muitos Cidadãos a preversidade dos seus designios.

Chegárão em fim; com tão estudados e tortuosos meios a empolgar logares, onde lhes era facil atacar já com menos rebuço o Sanctuario da Justiça levando a intriga, que sempre presidira ás suas operações, ao pé mesmo do Solio Imperial, onde sem pejo, nem remorso so curavão de denigrir procedimentos cheios de retidão, para abonarem todas as manobras, com que os differentes collaboradores de tão infernal tarefa se propunhão dar extenção a seus tenebrosos projectos.

Não era possivel que o Ministro e Secretario de Estado dos Negocios do Imperio, e Estrangeiros, e o dos Negocios da Fazenda que vião hir-se apossando tão immoral partido das avenidas, que conduzem ao Throno para fascinarem a prespicacia do nosso Augusto Imperador Constitucional, e Perpetuo Defensor, não previssem em sua madura, e attilada reflexão a grandeza do mal, que se preparava ao Brazil. Quaesquer outros que tivessem em vista aproveitar agoas turvas para pescarem interesses pessoaes usarião das armas de seus inimigos, ou para melhor dizer dos inimigos do bem publico; pois nunca se ganhará victoria pelejando-se com as armas desiguaes. Mas como poderião caminhar com o pêzo de tão execranda armadura (a intriga, a cabala, a immoralidade) homens que só presão a Justiça, que só amão a verdade, e que do intimo do seu coração tinhão esposado os interesses do Brazil pelo que em si são para todos os seus filhos, e não pelo que podião para si esperar?

Non possum sic incedere quia usum non habeo; dizia cada hum delles com *David* quando regeitou a armadura de *Saul*; mas não lhe sendo possivel, como querião lançar mão da funda para debellar similhantes *Goliads*, deixarão-lhes o campo franco para melhor serem conhecidos os seus planos, tanto do Monarcha, como do Publico.

A demissão de seus empregos publicos era o unico meio honesto que homens de bem podião empregar em tal conjunctura (1); e foi este o expediente que tomárão os illustres *Andradas*. A' noticia desta demissão estremeceo o Imperio do Brazil, ainda mal seguro com seus novos fundamentos! Os habitantes desta Cidade olhavão este acontecimento como huma calamidade publica, que abrangia a todas as Classes. O Povo corria amotinado pelas ruas e se ajuntava em prodigioso numero nas praças, vociferando contra os inimigos do Estado, que havião occazionado tão intempestiva, e lamentada demissão!!

(1) Por cá não ha essas delicadezas; o que se quer he governar, seja como for... Não he assim Sr. J. da S. C.? que diz Sr. M. G. de M.

S. M. I. recuza aceita-la; põem em pratica quantos meios lhe suggere a sua delicadeza, a sua bondade, e o amor que consagra ao Brazil; mas a izenção filosofica de hoje ainda he a mesma que era ha 24 seculos, e o Grande *Pedro* Imperador do Brazil, teve de ouvir de *Andrada* quazi a mesma resposta, que da boca de *Diogenes* ouvira o Grande *Alexandre*; e certamente nos persuadimos, que acharia tanta nobreza de sentimentos no sentimento do nosso illustre Filosofo, que diria delle o que a respeito do *Cinico* dissera o destruidor do Imperio dos Persas — Que se não fôra *Alexandre* não quereria ser senão *Diogenes*.

He então que a voz do Heroico Povo Fluminense se exalta em apoio dos votos do Seu Augusto Defensor, o Magnanimo Imperador do Brazil, e de unanime acordo se ajuntão para conseguirem todos o mesmo fim, para que trabalhão de mão commum. Fazem-se assignados, annuncios, proclamações a fim de solicitar a geral cooperação, que devia levar ante o Throno huma fiel exposição dos malles que esperava o Brazil, senão são reinstalados nos seus empregos os Taumaturgos da sua independencia, e primeiros propugnadores de seus prostergados direitos. Elles sabem que a sua Filosofia não he tão austera (o que a tornaria van) que desatendão os sentimentos de hum Povo inteiro, que os olha como sustentaculo da publica felicidade, e desprezem a bem merecida aura popular, que proclama suas virtudes civicas, sua coragem, seu patriotismo. Sim, hum ressentimento particular deve ceder ao bem geral. Os *Aristides*, ainda depois de experimentarem a barbara Lei do *Ostracismo*, não se esquecem que são *Athenienses*; nem os Andradas poderão esquecer-se que são *Brazileiros*, quando julgão atraiçoada a causa da sua Patria.

Mas quem hade defferir a estas supplicas? S. M. I. que não tem poupado deligencia para trazer os ressentidos Ministros á convicção de que devem ficar em seus lugares, seguros de que se tomarão medidas para não ser jámais illudida a perspicacia, e sabedoria do Ministerio!! Certamente não. Vacillava o Povo em hum conflito de duvidas, nascidas de similhantes reflexões, quando apparece na tarde do dia 30 na Praça da Constituição o nosso Defensor. Huma grande massa, composta de inumeraveis Cidadãos o sauda com o costumado grito = Viva o Imperador — S. M. I. consterna-se com a inquietação que traz o Povo descontente: entra na caza do Ministro, que renitente á sua persuação, nem anuira a seus desejos, nem sahira do logar, para onde se retirára, e quando chega ás janellas, e vê a turba immensa, que se apinhoava em torno delle, e que mais e mais se augmentava, resolve hir de novo pessoalmente, não já com motivos proprios, mas com motivos geraes da necessidade publica debellar a pondonorosa resistencia, que até-li havia encontrado naquelles animos, por extremo sensibilisados.

O Imperador sahe; mas atraz de S. M. vai hum massisso de Povo, que espera conseguir sua pertenção, quando forem publicamente conhecidos seus desejos; e não se enganava, como nunca costuma enganar-se, quando pensa seriamente no seu commum interesse. Apenas S. M. I. hia entrando na rua da *Gloria*; quando ao longe se devisou outro massisso de Povo que se dirigia para a Cidade. Causou expectação aos concorrentes a vista daquelle fenomeno; porém o Augusto Imperador logo previo o que poderia ser; e tendo mandado parar o carrinho, disse em altas vozes: ,, Aposto Eu que he *Jozé Bonifacio*, ,, que ali vem conduzido pelo Povo? ,, Não se enganou na sua conjectura o Heroico Defensor do Povo do Brazil; S. M. tinha sobejas provas para conhecer que o Homem que se abrasava no mais activo zelo pelo Brazil, e pela conservação de seus direitos, e de seus interesses, não seria insensivel ás vozes de seus conterraneos, que pedião a sua constante cooperação para se manterem esses mesmos direitos, de que apenas, e nem ainda apenas tinhão gosado.

Ali espera até que devisa o Ministro que realmente vinha acompanhado do Povo; não soffre a ingenuidade do Grande *Pedro* (que nisto se mostrou maior do que era) que deixe de apear-se para offerecer Seus Braços ao fiel Ministro, que vem lançar mão do leme do Imperio. O Povo, todo se compunge; huns suspirão opprimidos da vehemencia de seus transportes; outros exclamão: Viva o Magnanimo Imperador; outros em fim querem puchar o carro que o conduzia, o que S. M. I. recuza, dizendo em altas vozes — Este Triunfo não he meu, he de *Jozé Bonifacio*!!! Circunscriptos pelos limites da historia, deixamos á consideração dos amantes da Patria as reflexões que suggerem todos estes

acontecimentos; todos estes ditos, dignos por certo de se transmitirem á mais remota posteridade, e rematamos o tosco esboço dos successos deste dia, tão glorioso para a Cauza do Brazil, e tão vantajoso ao Heroismo da probidade, e da honra, dizendo, que a Cidade se illuminou toda espontaneamente, e que sendo dia de theatro, foi ali outro novo campo, em que se aplaudirão com nunca visto enthusiasmo as virtudes dos novos *Aristides*, e os talentos dos *Franklins Brazileiros*; e que S. M. I. coroou tão memoravel dia fazendo publicar a seguinte proclamação:

Briosos e Leaes Fluminenses

Acabaes de dar-Me a prova mais convincente de affecto, que podieis mostrar tanto a Mim, como á Sagrada Causa deste Imperio. Os Meus principios de Constitucionalidade não são para vós duvidosos nem para ninguem; mas sim teem sido por alguns menoscabados, e para que elles vos sejão cada vez mais patentes; Eu agora mesmo acabo de nomear hum recto Ministro, perante o qual deveis denunciar os terriveis monstros, a fim de que a vara da Justiça os faça, ou desaparecer da face do Universo, ou pelo menos do Imperio do Brazil.

O caminho Constitucional está aberto pela Razão; sigamos por elle, e assim poderemos vir a chegar áquelle apuro de honra, desinteresse, e amor da Patria, que nos deve em todo o tempo caracterisar.

O Vosso Imperador sempre foi o Defensor dos direitos deste Imperio, muito antes de vós o constituirdes tal: por tanto lembrai-vos que Elle nunca amaria quem vos fosse traidor. A verdade appareceu, e a experiencia vo-lo acaba de comprovar.

Segunda vez vos recomendo *União*, e *Tranquilidade*; e pela primeira *Vigilancia* sobre os inimigos do Brazil, e *Confiança* no Ministerio, que acabo de Nomear.

He o que vos recommenda o vosso IMPERADOR: he o que deveis seguir.

IMPERADOR.

(Gazeta do Rio)

Pelo que deixamos transcripto, verão nossos Leitores quanto são falsas, e miseraveis as diatribes e imposturas que nesta Capital se hão espalhado contra *Joze Bonifacio de Andrada*, pertendendo-se fazer crer ao Publico que todos os acontecimentos do Rio de Janeiro erão operados por huma pequena facção Bonifaciana. Eis-aqui desmentidas, vergonhosamente para os impostores, as suas noticias forjadas nas cavernas.

Todas as folhas do Rio vem recheadas de Representações a S. M. I. pedindo a reintegração dos tres Ministros, *Jozé Bonifacio*, *Martim Francisco de Andrade e Silva*, e *Caetano Pinto Montenegro* assignadas por centenares de pessoas de todas as graduações; assim como tão bem de hum grande numero de congratulações, derigidas ao Mesmo Senhor da parte de todas as Villas das Provincias do Brazil, pela sua Exaltação ao Throno Imperial, fazendo mil protestos de adhesão á Sua Pessoa, e por tanto á Causa do Brazil, que jurão sustentar, e deffender á custa de todos os sacrificios, e da ultima gota de seu sangue.

Quanto he admiravel ver aquelle Povo reunido em torno de seu Novo Soberano, possuido de hum filial amor para com Elle, e entregando-se confiadamente aos seus cuidados!!! Hum Povo fiel, respeitoso e obdiente á Pessoa do Soberano, como aquelle, nunca poderá ser escravo; por que hum Deos vingador das injustiças dos homens, jámais o poderá permittir.

LISBOA. NA IMPRESSAÕ LIBERAL ANNO DE 1823. *Rua Formoza N.° 42.*

JANEIRO 28. N.° 32.

A Trombeta escutai dos Luzitanos,
E se rouca tocar... tremei Tyrannos.

O TROMBETEIRO.

A TROMBETA LUZITANA.

O *Perfumador* N.° 18, debaixo do Artigo = *Lisboa* = transcreveo huma curiosa correspondencia entre huma tal Sociedade, chamada = *Minerva* = e o Ministro da Justiça a quem os Srs. *Socios* ou *Sucios* alcunhão = *integerrimo* = sobre o perdão que S. M. concedeo a *Jozé Anastacio Falcão*, a rogo da mesma Sociedade. He com tudo mui notavel que em toda aquella correspondencia *numerada* senão diga qual era o crime, e se chamo innocente ao perdoado!

Este *Jozé Anastacio Falcão*, he aquelle mesmo de quem nós dissemos ainda ha pouco tempo, que fora mandado soltar da cadea da Corte, em vespora de Natal, á ordem do Ministro da Justiça; e para que se não diga que nós tracamos de falso, aprezentamos agora a nossos Leitores o Artigo abaixo, para que saibão com exactidão como foi aquella soltura, e qual o crime do chamado *innocente*. Não he nossa intenção, longe de nós o criticar a soltura, e perdão do R., antes bem pelo contrario, o estimamos, por isso que he hum acto de beneficencia, que sempre nos regosijará, por maior que seja o criminoso; pois que quem perdoa, imita a Divindade. Mas he para nos servir como de justificação ao que já avançamos sobre tal objecto, a fim de que nossos inimigos, nunca tenhão lugar de dizer, que a *Trombeta* toca de falso.

(Communicado.)

A Soltura por trapolina.

Joze Anastacio Falcão foi, no tempo em que as Leis se respeitavão, prezo e condemnado a degredo pelo crime de falsidade com achada de varios bilhetes da Loteria da Misericordia falsos em todo o seu contheudo. Partio para o degredo: fugio deste; e no Rio de Janeiro obteve Decreto de Perdão. Veio para Lisboa, mas por vehementes indicios foi segunda vez prezo como falsificador do dito Decreto, e fugido do degredo. Era isto mais do que huma reincendencia; e nestes termos foi que elle por intervenção de hum já sabido patronato alcançou a Graça da Confirmação daquelle Decreto do Rio de Janeiro. Ou este tivesse sido falso, ou verdadeiro, era todavia a sua confirmação huma ultima Graça que devia ser regulada conforme a Constituição; porém he sem duvida que este prezo na vespera do dia de Natal proximo passado alcançou a sua constitucional soltura por trapolina do Ministro da Justiça. Digo soltura constitucional, não por ser conforme ás Leis e Constituição, mas por ser expedida por huma Secretaria de creação constitucional; e digo por trapolina, porque o Ministro, desprezando as formu-

las, e caminhos legaes, e de pratica, seguio antes hum novo methodo mais breve e prompto, que não necessitou pagarem-se primeiro os novos direitos da Graça, juntar-se Provizão aos autos da culpa, e ser aquelle perdão em Juizo competente julgado por conforme. Ora tudo isto ficou atraz por trapolina, pois que o agraciado era afilhado de huma senhora D. Minerva, como todos já sabem. Oh bemaventurado Patronato! A lei será igual para todos, quando todos forem iguaes para a Lei; quero dizer, quando todos forem afilhados de tão boa Madrinha será para todos igual a lei, porque então o patronato sóbe a ser lei.

Mas Carvalho Ministro como se portou neste negocio? Faria alguma injustiça, quebrantaria alguma lei patria, fulminaria alguma infracção contra a Constituição? Opinai-o vós, os que ouvi, os sons da Trombeta; mas primeiro lede a Constituição no artigo 123. §. 11, e ahi vereis, que o Rei só póde = *perdoar, ou minorar as penas aos delinquentes na conformidade das Leis.* = Vede depois a Lei na Ordenação do Reino, quando trata das penas dos crimes de falsidade em o L. 5. Tit. 52. §. 2, e achareis que diz no fim = *E nestes casos, posto que de nós hajão perdão, não lhe será guardado, porque o havemos por subrepticio* = Eis-aqui a razão porque hum tal perdão senão julgou por conforme antes da soltura, aliás talvez ficasse sem effeito. Muito sabe o Ministro! Bem dizião os nossos velhos; quem estudou, estudou; quem não estudou, estudasse. Pergunta-se. A confirmação do sobredito perdão está na conformidade da respectiva Ordenação apontada? Não o estando, deixará de ter havido infracção da Constituição, que só permitte o perdão naquella conformidade? Por esta infracção deverá ficar impune o Ministro? Respondei, e a vossa opinião sirva de demonstração de facto ao Censor, já que requer factos. Valeo a trapolina, e com esta arte tudo irá huma maravilha.

Ha dias que vimos annunciada á venda a = Allegação de Facto e de Direito, em defleza do ex-Corregedor de *Beja*, feita pelo illustre Advogado, *Barboza Araujo*. Levado de huma natural curiosidade despendemos os nossos tantos réis para entrarmos no alcance daquelle desastrozo acontecimento que tanto magoou todas as almas sensiveis, e conbinar-mos a accuzação com a condemnação, que segundo se afirma, recahio no mencionado ex-Corregedor, como assassino de sua esposa.

Abrindo pois a = Allegação = indagamos com avidez os pontos cardeaes da = *Prova* =, isto he, a refutação delles, para confrontar-mos o delicto com a pena, que se diz ser de degredo perpetuo. Esperava-mos ver ali o illustre Author esforçado em destruir factos, (1) desmentindo-os e provando a sua não existencia; pois he nesses cazos que o valente atleta juridico desenvolve toda a sua força dialetica, e nos dá a conhecer o seu talento. Mas qual foi nossa admiração, quando o achamos empregado somente em combater *indicios*! Sim, *indicios*, porque o Auctor não nos dá idea alguma de que houvesse huma prova admisivel, dizendo mesmo que huma só testemunha não existe que deponha haver prezenciado o atroz crime! Não ha nesses mesmos *indicios* huma combinação de circunstancias, entre si tão dependentes, que nos levem voluntariamente á existencia do facto. Quando não ha huma prova real que o justifique, nem essa reunião de circunstancias dependentes existe, ou he bastante para nos aprezentar o delinquente como tal, não podemos sem remorso impôr-lhe pêna de natureza alguma, por isso que he buscada n'uma hypothesi. O crime, existe ou não existe: a prova demonstra-o: a falta della nega-o. Aquella para ter o caracter de evidente requer a confirmação de hum certo numero de testemunhas, que digão conformes = *nós vimos* = ou a voluntaria confissão do accuzado (2) Porém ali não ha nada disso: he hum homem que aparece n'uma praça publica com sua esposa apunhalada, clamando elle mesmo por soccôrro para a salvar das mãos dos assasieos, que se evadirão; e não ha, (segundo nos affirma o illustre Advogado na defleza) huma testemunha que deponha haver presenciado o facto. Aqui existem pe-

---

(1) Assim nos expressamos, pelas muitas historias que tinhamos ouvido contar, em que se apontávão como *factos* horrores, de que o coração estremece!

(2) Dous homens, que mesmo não se amavão, estavão sós n'uma prizão; hum delles appareceu morto, com o punhal cravado no peito: o vivo diz que elle se matára a si proprio. Aqui não ha prova. Juizes, como julgareis?

a falta de testemunhas prezenciaes, *in re, oco, et tempore*, duas possibilidades; huma le ter sido assasinada pelos *ladrões*, e ou-ra de o ter sido por seu marido. Para con-irmar a primeira não ha prova; para con-eder a segunda, ha apenas indicios. Com que liberdade de consciencia se poderá pois ondemnar pela segunda?!

Este objecto acha-se na defeza tão loutamente esclarecido pelo seu Author, que nós não deveriamos dar huma só penada obre elle; e por isso abstendo-nos de en-rar em materia tão illucidada, só notare-nos o seguinte: o accuzado pertence á rdem da Magistratura: os seus Juizes são Magistrados: contra esta distincta classe ão se tem poupado ataque, nem vitupe-io. Era preciso proferir huma Sentença; bsolver, era alimentar a raiva, e os sar-asmos dos desenfreados! Condemnar, era acrificar a Justiça! Dura alternativa! pe-oso dever de Juizes, que vacilão por qual-uer de seus Julgados!!!

(O Redactor.)

O Cóxo do Loreto.

Os escriptos ministeriaes são sempre e huma natureza tal, que o Publico nun-a os recebe senão com tédio, e aborreci-nento. Para serem lidos, são necessarios acrificios pecuniarios da parte de seus uctores, que os distribuem de graça, e s impingem a torto e direito, vendo que inguem os compra. Buonaparte levou es-e expediente até hum ponto muito subi-o; tratou de comprar por toda a parte s escriptores que lhe erão oppostos; e na nesma Inglaterra houverão dous assás infa-nes que se lhe venderão. Porém, a sua avorita era assalariar homens que escre-essem a seu favor. O *Moniteur*, que era seu Apologista, extraia por venda até res mil exemplares; mas elle fazia circu-r mais de 25% gratuitamente. O *Arqus*, zia-lhe tanta despeza, que se vio obri-ado a abandona-lo; em fim gastava dinhei-, mas não convencia, nem agradava.

Eis aqui precisamente o estado do nos-Ministerio. Vendo-se sem credito, e de-mparado de todos os Escriptores, tra-u de allugar quem advogasse a sua má auza, e appareceu com hum *Censor*, tão *sensato*, que logo á nascensa levou hu-a solemne pateada, que ainda atégora não afrouxou. Os livreiros começárão a queixar-se de que o tal papel lhes entu-lhava as lojas, e se hião dispondo a ven-delo a pezo, para *aquillo* que nós sabe-mos... O Ministerio zangou, e por hum golpe atrevido, á maneira de hum general, fez sahir a campo, em auxilio do condemna-do *Censor* hum = *Reforço* = de parvoices, que desafiando a gargalhada universal, cahio logo na lama, e nunca mais se le-vantou; em fim, hum supplemento veio substitui-lo, o qual ainda dura para nosso divertimento, e descredito da literatura Portugueza.

O Povo não compra estes miserrimos papeis, e era necessario dar-lhe extracção: deem-se pois de graça, disserão seus auc-tores; e cada hum pela sua Repartição principiou a mandar pelo correio, ex-officio, a todas as Auctoridades o nogento em-brulho, para que por elle regulassem o seu thermometro politico. Vendo porém, que em Lisboa ninguem o lia mesmo de gra-ça, ajustárão hum miseravel *Cóxo*, que pe-dia esmola junto ás escadas de Igreja do Loreto, para o ler ali em voz alta ao Po-vo, recommendando-lhe mui particular-mente, que sempre no fim da leitura lhe fizesse as suas judiciosas observações, isto he, huma *arenga adquada ás circunstancias*. O pobre *Cóxo* de muito bom grado aceitou o cargo de *Arauto* do *Censor*, e logo en-trou em funcção.

Assentado pois o nosso *Coxo* nas es-cadas do Loreto com o *Censor* na mão, principiava por chamar a attenção publica da maneira seguinte: " Quem quer ouvir " o grande *Censor*, periodico famoso, o-" bra fina! quem quer, quem quer que eu " já principio?!!„ Com effeito os aguadei-ros, que estavão esperando pela *vez*, fo-rão-se chegando, e fazendo roda ao pré-gador, metião mão aos nogentos sacos, donde tirando a côdea, hião dando aos dentes o seu uzo natural, para não perderem o tempo. O bom Coxo começava a ler, e á proporção que hia entrando pelos para-grafos notados com huma cruzinha, altea-va a voz, dava estrondosos berros, que fazião estremecer os pacificos Galegos, e fazia huma pauza para restabelecer a gar-ganta com hum bom quartilho, em cima das motrêcos de côdea, que a piedade dos caridosos ouvintes lhe ia lançando no ce-bento chapeo.

Conta-se que no dia 7 do corrente fi-zera o prégador *Cóxo* huma altísona leitu-ra, que se ouvia por todo o largo do *Lo-*

reto; concluindo com hum digno elogio ao auctor, o *illustre orador* se explicou, cheio de enthusiasmo, por estes termos: *Ora isto, meus senhores, he que he papel! A isto he que se chama obra de papa-fina! Isto he que são verdades!* Assegurão-nos que esta leitura ainda dura, e que o *illustre Cóxo* vai de dia em dia fazendo progressos na Oratoria, dando as maiores esperanças de vir a ser com brevidade hum atilado *preopinante*. Tal he o miseravel recurso do Ministerio, e do seu = *Censor*.

BRAZIL.

Rio de Janeiro 30 de Novembro.

Decretos.

Sendo constante que alguns Capitalistas da Cidade da Bahia teem concorrido com avultadas sommas para a mantença, e conservação naquella Capital das tropas Portuguezas, commandadas pelo Brigadeiro Ignacio Luiz Madeira de Mello, talvez illudidos pela falsa promessa, de que taes emprestimos são conceituados, Divida Nacional, e como taes devem ser pagos pelo thesouro da Provincia; e outro sim, que os Negociantes estrangeiros alliciados, já pela diminuição nos direitos, a que são sujeitos os seus generos, e mercadorias, já pela lisongeira esperança de maiores lucros, já mesmo pela liberdade de os poderem reembarcar, depois de assim despachados para outros portos deste Imperio, aonde entrão livres de direitos, tem afluido para aquelle porto, com extraordinaria quantidade dos ditos generos e mercadorias, o que tambem tem cooperado para retardar a épocha da evacuação, e embarque das referidas tropas; e sendo hum dos meus mais sagrados deveres, o lançar mão de todos os meios que estiverem ao meu alcance para salvar quanto antes aquella rica, e bella Provincia dos horrores, e devastações praticadas pelos novos *Vandalos Portuguezes* (1): Hei por bem mandar, que todos os generos, e mercadorias estrangeiras, despachadas na Alfandega da Bahia, e reembarcadas em outros portos deste Imperio, tornem a pagar nas suas respectivas Alfandegas os direitos nellas estabellecidos, em quanto se conservarem tropas Portuguezas naquella Capital: Que a divida contrahida pelo dito Madeira não seja paga pelas rendas publicas da Provincia; e que taes Capitalistas, no caso de reincidencia sejão reputados rebeldes á Causa do Brazil, e minha, e como taes punidos com aquellas penas que a Lei decreta para similhantes criminosos. Os meus Ministros de Estado, e do meu Conselho, a quem o conhecimento e cumprimento deste pertencer, assim o tenhão entendido, e fação executar com os despachos necessarios. Palacio do Rio de Janeiro em 12 de Novembro de 1822. — Com a rubrica de S. M. I. — Martim Francisco Ribeiro de Andrada.

Cumpra-se, e Registe-se. Rio de Janeiro 18 de Novembro de 1822. — Ribeiro de Andrada.

(1) Aquelles, a quem servir a carapuça que lho agradeção, da forma que costumão.

Tomando em madura consideração o solemne acto, pelo qual o heroico e brioso Povo deste Vasto e Rico Imperio proclamou a sua independencia, e deixou de ser parte integrante da Nação Portugueza: refletindo outro sim, que pela separação dos dous Estados deve necessariamente caducar o direito que tinha todo o Cidadão Portuguez á posse e gozo daquelles Officios, Graças, e Mercêz que lhe havião sido conferidos, e pagos pelos rendimentos do Brazil, em quanto unido a Portugal; sabendo, álem disto, que ainda antes desta separação, o Congresso, ou Governo de Lisboa abusiva, e escandalosamente havia dado a Portuguezes officios pertencentes a habitantes do Brazil, só pelo simples facto de não terem até então hido rizidir em Portugal, e por tão arbitrario procedimento se havia constituido primeiro quebrantador de hum direito, naquelle tempo incontestavel: Hei por bem que todas e quaesquer Graças ou Mercês, Officios de Justiça ou Fazenda, concedidas ou pertencentes a pessoas rezidentes em Portugal, fiquem de nenhum effeito desde a publicação deste Decreto, e tornem a entrar na massa geral das rendas do Imperio, para delles se dispôr como melhor convier aos interesses do mesmo. Os Meus Ministros de Estado, e do meu Conselho,

a quem o conhecimento, e cumprimento deste pertencer, assim o tenhão entendido, e fação executar com os despachos necessarios. Palacio do Rio de Janeiro em doze de Novembro de mil oito centos e dous. = Com a Rubrica de S. M. I. = Martim Francisco Ribeiro de Andrada.

Cumpra-se, e Registe-se. Rio de Janeiro treze de Novembro de 1822. = Ribeiro de Andrada.

Idem Idem

Extracto de hum Officio do General Labatut de 9 do corrente, datado do Quartel General do Engenho Novo, dirigido ao Ministro e Secretario de Estado dos Negocios de Guerra.

Resta informar a V. Ex.ª que o *Madeira* cumprio com a promessa de atacar-nos; o que teve lugar no dia 8 do corrente, acommettendo com grandes forças todos os pontos, com particularidade o do *Cabrito*, que ellas tomarão; mas os nossos se tornárão a apossar delle. Foi muito lisongeiro espetaculo de ver, e ouvir no ponto de *Pirajá* as bravas tropas do Rio de *Janeiro*, e Pernambuco, aclamarem á proporção que se batião corajosamente com os *Lusitanos*, o nosso Augusto Imperador Constitucional; o que de tal sorte aterrou os Lusitanos, que vergonhosamente retirárão suas columnas. Tivemos alguns mortos e feridos, mas o campo ficou juncado de Lusitanos, que perderão alguns Officiaes, como me informárão os prisioneiros.

(Gazeta do Rio)

Proclamação ao Exercito do Brazil.

Soldados! Huma nova Expedição de soldados Lusitanos acaba de chegar á Provincia da Bahia. Teima o Congresso de Lisboa em seu desvairado projecto (1) de avassalar este vasto Imperio. Taõ louco, como tyrannico, elle pertende lançar por terra a base fundamental do Direito Publico, a faculdade de adoptarem os Povos o Pacto social que mais lhes convenha. Vai pondo em pratica os discursos de alguns *tresloucados* Deputados, mandando ao Brazil = *cães de fila* = (2) e *Constituição de baionetas*. He assim que se insultão os mais sagrados direitos de hum Povo pacifico, e generoso! Soldados! não deixastes vós ir livremente as tropas que até vos insultárão nos vossos lares, e as embarcaçoẽs de guerra que as vinhaõ reforçar?! Não são estas mesmas que vem de novo com a barbara tenção de vos lançar os grilhoẽs da escravidaõ?! Soldados! Certo em vossa coragem, e no santo amor da Liberdade, Eu sómente vos lembro a luta em que vamos entrar. Nós teremos que sofrer todas as privaçoẽs e incomodos filhos da guerra; mas a nossa Causa triunfará; e Eu vos auguro a feliz sorte que pode ter hum Povo ao abrigo de sabias Leis; e desfructando as riquezas com que a Natureza dotou o nosso paiz. Rodeados de vossas esposas, e filhos, vós direis hum dia: = Eu tão bem com Pedro 1.° fui salvador da Patria. = Soldados! O Meu Posto será na vossa frente, e vossos futuros Destinos = A Independencia, ou Morte! =

IMPERADOR.

(Diario do Rio de Janeiro)

N. B. Tudo o que deixamos transcripto do Rio de Janeiro, he tirado das folhas que chegárão pelo Navio = Tres Coraçoẽs — que trás 54 dias de viagem. Por ellas consta igualmente que o Sr. D. Pedro 1.° se havia de Sagrar, e Coroar Imperador no 1.° de Dezembro passado; para o que se havião tomado todas as disposições necessarias, das quaes fallarémos em occazião mais oportuna. As noticias são até 30 de Novembeo, e tudo lá se achava em socego.

(1) Ora entendão lá isto! de cá, diz-se que os de lá he que estão desvairados, e de lá dizem que são os de cá!!!

(2) Isso não he por mal; he para lhes matarem os bixos, e para hirem á caça. Agora vai hum de bom tamanho, e de enorme garra!...

LISBOA. NA IMPRESSAÕ LIBERAL ANNO DE 1823. *Rua Formoza N.° 42.*

JANEIRO 30. N.° 33.

A Trombeta escutai dos Luzitanos
E se rouca tocar . . . tremei Tyrannos!

O Trombeteiro.

A TROMBETA LUZITANA.

Nova Igualdade de Lei.

Ha tempos que se nos fez huma denuncia (1) de huma *delicadeza* praticada pelo Ministerio, mas que nós não quizemos logo publicar, sem entrar-mos na averiguação da sua existencia, a pezar do muito credito que o seu author nos merece; porque isto de fallar verdade ao público, he o que nós desejamos escrupulosamente observar. Com effeito, podémos conseguir a veracidade do facto, da mesma fórma, e sem a menor alteração, como no-lo havião contado, e he assim:

As Cortes Constituintes decretárão em Setembro passado, que se pozesse *Ponto* em todos os ordenados dos Empregados públicos até o 1.° de Outubro, e que deste dia por diante se começasse a pagar religiosamente a todos os Empregados os seus ordenados em dia; e que o que se lhes devesse até aquelle dia fosse considerado = dívida publica = passando-se-lhes cedulas etc. Este Decreto devia publicar-se immediatamente: porém o Ministerio que não era exceptuado, nem o Conselho de Estado, demorou a publicação desde 17 de Setembro até 3 de Outubro, tempo sufficiente para elle, e o Conselho de Estado receberem o que se lhes devia, como de facto recebêrão; e só depois que se pilhou embolçado, he que o Ministerio publicou o Decreto; de maneira, que ficando todos os Empregados, a quem se devia tres quarteis, engasgados com a divida publica, só o Ministerio, e o Concelho de Estado ficárão com as gargantas livres. Mas = viva a Igualdade da Lei! viva o integerrimo Governo!

Aqui ha dous crimes commettidos pelo Ministerio: o 1.° não publicar promptamente o Decreto das Cortes: e o 2.° de o infringir solemnemente. Cada hum delles era bastante para o Congresso fazer processar o Ministro auctor de similhantes infrancções, para dar exemplo da sua rectidão, e vigilancia. Mas o diabolico patronato, as contemplações, as amizades, o *faze tu lá isto, que eu cá te farei est'outro*, he que encobre todas estas mataduras, e que vão dando com a besta no atoleiro! Ora hum Ministerio Regenerador que faz destas e outras, que pertenderá que digão delle? que he recto, virtuoso e patriota?! e que se ha de dizer então dos = prevaricadores, dos despotas, e dos madrassos! que he bella gente, muito honrada etc. Desenganemos-nos, isto he o jogo do *pilha*, ou dos *tres-setes* debaixo do capote! Infelices governados! Ou de huma ou de outra sórte, sempre vos hão de comer á esquineta.

(1) Sem ser das de *Regos, Encomendados, Rodrigos, ou Serpas.*

Nós bem sabemos que com isto nada fazemos; e que he mais facil converter os Mouros ao Christianismo, que fazer entrar este Ministerio nos seus deveres; e tambem não ignoramos que hum de seus membros teve ha poucos dias o desaforo de dizer diante de algumas pessoas, fallando-se do *Astro* e da *Trombeta*, que erão *os seus saboreantes*. Pois livre-se que lhe fação arrebentar o bucho com alguma indigestão... e o tempo que não está muito para graças, a athmosfera carregada, o vento a soprar, e hum frio de tremer... forte temporal! Ora pois continue o Ministerio a dar-nos estas demonstrações praticas da = Igualdade da Lei = e verá como o systema avança que *nem hum caranguejo!*

O Temor, e a Justiça.

Consta-nos que he chegada a occazião de se ver o desfecho daquella interessante *Farça*, que principiou na noite do 1.° de Junho, no theatro da imprensa Liberal da Rua Formosa: vulgo, a decantada *Conspiração*, que tanta gente tem elevado a pingues empregos! Segundo nos afirmão o Processo foi concluzo, ao Juiz Relator, 5.ª feira passada; e he por esta occazião que accontece hum cazo digno de saber-se, e só por si bastante para nos esclarecer sobre o estado actual.

Aquelle façanhoso Processo, logo que sahio das unhas do estouvado S. Paio, e foi á Relação, teve para seu Juiz o Corregedor do Crime da Corte, o qual pouco tempo antes havia sahido por impedimento, e passou a vara ao Dezembargador = *Moura Cabral*; este, escusou-se ha pouco tambem, e passou a vara para o Dezembargador *Paiva Pereira*; este, escusou-se igualmente os dias passados, e passou a vara para o Dezembargador *Calheiros*; este, hindo o Escrivão levar-lhe o Processo, não o quiz receber, e pedio escusa, segundo nos disserão; porém, sabemos que terça feira em Relação fôra todavia nomeado o Sr. *Calheiros*.

Observando-se pois estas *escuzas* dos Juizes, he facil conhecer a cauza que as motiva, e vem a ser: o temor e a justiça. O temor pela monstruosidade, e enorme volume do Processo, junto com o receio de proferir huma Sentença, seja de que natureza fôr, visto estarem os primeiros figurões do dia inplicados no objecto, huns como = *denunciantes*, outros como *testemunhas*, e outros como *accusadores*! A Justiça, porque estando o cazo subejamente esclarecido por todos os Escriptores, com os documentos publicados pela imprensa, e n'huma palavra, conhecida de todos, e até á raiz, a farça infame com que se pertendeu enganar a Nação para fins tão sinistros, como conhecidos, não podem os Juizes deixar de absolver esses innocentes, dando-lhes o direito salvo de honra e fazenda contra os falsos calumniadores, que forjárão a trapaça.

Ora eis-aqui as entalas em que se veem os Ministros: se fazem justiça, ficão expostos á vingança e odio do Ministro da Justiça, do da Guerra, de Sepulveda etc. se condemnão, grita a innocencia, grita Portugal todo contra a injustiça dos Juizes! Que alternativa! que estado de coacção indirecta para hum Magistrado! Mas que dizemos! Nunca Ministros tiverão huma tão brilhante conjunctura para mostrarem ao mundo a sua rectidão, a sua integridade, e a sua honra; nunca elles tiverão hum tão honrozo campo para derrotarem seus inimigos detractores, mostrando-lhes que apezar de toda a preponderancia de pessoas, que se achão com o poder na mão, sabem resistir á sua influencia, e seguirem rectos pela estrada da Justiça, escoltados por sua intima convicção.

O Processo, como acima deixamos dito, tem hoje huma tão ampla publicidade, que qualquer injustiça que se podesse commetter em hum julgado saltaria logo aos olhos de todos; e seus autores ficarião para sempre desacreditados, e considerados como instrumentos da orgulhosa vingança daquelles, que teem seus nomes vergonhosamente gravados no Processo, e se achão á testa do Governo. Póde-se dizer com verdade, que nunca entre nós se suscitou huma lide tão melindrosa, sobre a qual a Nação fixasse tão attenta as suas observações. De hum lado, achão-se os depositarios do poder obstinados em sustentar a sua obra, seja á custa de que sacrificios fôr: do outro, achão-se a innocencia e a Justiça, com hum aspecto nobre, e austero, encarando para os Magistrados, e dizendo-lhes tacitamente "Juizes! Vosso julgado vai ser o vosso triunfo, ou a vossa deshonra: a escolha he facil, não vos deixeis arrastar!"

Declaramos, que publicaremos tudo

o que nos quizerem enviar sobre este objecto, huma vez que seja justo, verdadeiro, e decente.

(O Redactor.)

A Refórma Agradavel.

Grande Patriota Liberal he o Sr. *Borges Carneiro*!! " Dissemos nós ao acabarmos de ler a Sessão de 21 do corrente, em que aquelle illustre preopinante queria para felicidade de todos que se tirassem as pensões, tenças, commendas &c. a todos os que tivessem seis centos mil reis de renda, ou do Estado, ou de propriedade sua!! Venha hum abraço, Sr. *Borges Carneiro*, viva o liberalissimo! toque.. toque.. aperte.. Não ha nada mais rasoavel do que isto! Mas, ai que nos esquecia o melhor, que he o = appendice = *A' excepção de Lord Duque de Welington, e do = Patriarca* Fernandes = Que digno paralello! que par tão ajustado!! Ora quem estudou, estudou. Mas entremos em materia.

Este Sr. *Borges Carneiro* he o mais completo reformador, e financeiro que o mundo tem visto. A sua sciencia he fundada sobre este principio, tão singelo como admiravel: = tudo pobre = Ora elle tem razão, porque segundo o proverbio = *quem he pobre não tem vicios* = sendo todos pobres não ha vicios, e a Sociedade será então hum *ceo aberto*! Mas para quem reservará elle as rendas do Estado? porque, trata-se do militar, opina para que se lhe tire o que tem; trata-se do Clero, o mesmo; trata-se dos empregados, o mesmo; trata-se da Magistratura, o mesmo; de sórte que em menos de meia duzia de annos, temos tudo mirrado de fome, mas o thezoiro gemendo com dinheiro. Só notamos que não fosse coherente com o seu systema, na verba — *Espiões* — mas em fim, passe, porque os amigos conhecem-se nas occaziões, e pela bagatela de dez contos, que não desembolça, não se hade perder hum amigo de *chapeo grande*.

Com effeito, agora he que nós conhecemos a verdade com que este ajuizado Sr. disse em huma Sessão, ainda ha bem pouco tempo, que dinheiro não faltava; que lhe desembaraçassem os braços, que elle o acharia. Isto he assim, e se o querem experimentar, deem-lhe auctoridade, e tropa, e verão com que galhardia, e ligeireza fica por ahi tudo sem camiza! Oh! feliz patria de tão sublime varão! que prodigio deitaste ao mundo! Basta porém de elogios, para nos não taxarem de lisongeiro. Na verdade, infelices dos Portuguezes se as refórmas dependessem sómente da vontade do Sr. *Borges Carneiro*! Para elle não haveria ninguem que merecesse o pão do Estado, senão a sua pessoa, ou algum dos seus favoritos. Quem ouve fallar este Sr., e que o não conheça, ha de imaginar por seu aparente catonismo, que he o homem mais desinteressado, e austero que se ha visto. Porém, quando se reparar que no meio de todo o seu palavriado patriotico-reformador está comendo o pão da Nação a dous carrinhos, fica-se a gente rindo de tudo quanto elle diz; sim, o Sr. *Borges Carneiro* está *chupando* huma moeda por dia, como Deputado, e ao mesmo tempo os seus ordenados da magistratura! Para isto não olha elle, para aqui não lhe dá o seu catonismo reformador. Que galantissima cousa não he dizer elle, que se tire a todos os que tem tenças, pensões etc. todo o excedente de seis centos mil reis, quantia que crê sufficiente para a sustentação, seja de quem for, e ficar elle com 1:728:000 rs. só pela repartição das Cortes? Ahi he que nós queriamos ver principiar a reforma; porque não achámos coherente ter hum Deputado de Cortes 4800 rs. por dia, ao mesmo tempo que se tira a hum empregado publico cem mil reis dos tristes duzentos e quarenta que tinha! Então que igualdade, que refórma, que catonismo he este? Principie por si, e venha vindo ao depois para baixo, que já ninguem se queixa tanto. E os Bispos, e outros muitos Srs. com grandes rendas, a levarem a bendita moeda! para ahi não ha reforma! para isso não ha poderes!

Com que consciencia quer o Sr. *Borges Carneiro* que se tirem as pensões, as commendas, e as tenças a quem legitimamente forão dadas, e a muitos por destinctos serviços feitos á Nação e ao Rei? Então se a reforma consiste em tirar a cada hum o que tem, e deixallo a pedir esmola, leve o diabo tal reforma. O Congresso não quer isso; e esse mesmo F. T. foi sempre opposto a similhante systema, por que tinha juizo; mas o Sr. *Borges Carneiro* para se fazer celebre, e levar palmas dos rotos das galerias, diz tudo quanto lhe vem ou metem na cabeça para instigar o Con-

gresso a fazer injustiças. Sabe que mais Sr. *Borges Carneiro*, quer V. S.ª passar por verdadeiro Catão, e por hum perfeito patriota, levante-se ámanhã no Congresso e diga: "Senhores, consultando as minhas ,, percisões, achei que podia viver muito ,, honestamente com quarenta mil reis ,, por mez; por tanto he esta a quantia ,, com que ficarei para minha sustenta- ,, ção: desisto de tudo o mais a bem do ,, Estado, porque o não perciso.,, Oh! parece-nos que já estamos ouvindo o Sr. *Presidente* a chamar á ordem as gallerias, pelos estrondosos, e longos aplausos, com que mostravão a sua satisfação. Ora experimente Sr. *Borges Carneiro*, e ouvirá tambem como a Trombeta lhe desata hum hymno sonoro que o hade encantar!

BRAZIL.

Dissemos em nosso N.° passado que o Senhor D. Pedro de Alcantara, acclamado espontaneamente pelos Brazileiros Imperador do Brazil, se sagrara, e coroára no 1.° de Dezembro. Hum impresso avulso, feito e publicado por ordem do Governo, contém o cerimonial, e etiqueta que naquelle respeitavel acto se devia observar. Com tudo, não se acha alli aquelle magestoso apparato, aquella pompa que em taes solemnidades costumão praticar-se.

O Imperador ordenou que fosse feita a funcção na Capella do Palacio. Depois de concluidas as disposições necessarias, se dirigio S. M. I. por volta das 9 da manhã em grande Cortejo para a Capella, debaixo do Palio, a cuja porta foi recebido pelo Bispo Capelão-Mór, solemnemente paramentado. Tendo feito a sua oração ao Sacramento, S. M. se dirigio ao lugar que lhe estava destinado na Capella-mór do lado do Evangelho, e junto ao Throno, e todo o Cortejo occupou seus respectivos lugares.

Principiou a Missa de que era celebrante o Bispo Capelão-Mór e os dous Acolitos Bispos. Depois da leitura do Evangelho, S. M. I. prestou o Juramento nas mãos do Celebrante, e ajoelhando ao depois diante deste, recebeu a Unção Real; e logo depois pondo-lhe a Coroa Imperial na cabeça, lhe entregou o Sceptro, e lhe cingio a espada, proferindo as orações do estilo; em fim, lançando-lhe o Manto Imperial, S. M. subio ao Throno, e hum Arauto publicou o formulario do costume, ao tempo que o Alferes-mór desenrolou a Bandeira.

Tendo S. M. I. assistido á Missa, e concluidas todas as formalidades do estilo (que não relatamos por serem muitas e mui cumplicadas) se retirou ao palacio, em toda a pompa, dirigindo-se á Sala do Throno, onde assignou o Auto da Coroação, e recebeu as Felicitações. Não houve porém beijamão neste dia, por assim o haver S. M. I. ordenado.

Tal foi a simplicidade daquelle magestoso acto, em proporção da faustuosa pompa com que as coroações costumão solemnizar-se. Assim vio o Brasil independente subir ao Throno o Primeiro de seus Monarchas!! Hum Joven Principe, descendente dos mais illustres Monarchas da Europa, e herdeiro de hum Throno Europeo, na idade de vinte e quatro annos, he quem proclama a Independencia do mais vasto e fertil paiz do mundo conhecido! He Elle quem diz áquelles, cujos Destinos vai regular, o mesmo que seu immortal Ascendente dizia, quasi em iguaes circunstancias aos Francezes: Vós me vereis sempre á vossa frente: reuni-vos ao meu penacho branco!

Que vasto campo de meditação não offerece hoje aquelle nascente Imperio ao observador politico! Hum paiz de setecentas leguas de comprido, com huma largura ainda hoje desconhecida, onde a Natureza com hum seio sempre aberto, e sempre fecundo, aprezenta a todo vivente os seus mais preciosos thezouros! Hum paiz, que para ser o primeiro do mundo, só necessita de homens! Ali não se disputa o misero palmo de terra. Ali, se o habitante da Cidade não tiver com que se nutrir passará ao arrebalde, aonde os deliciosos fructos das arvores o alimentaráõ da mesma fórma, que os mais saborosos manjares, sem que tenha a temer, ou guardar contemplações a hum domno! O Homem, he ali por toda a parte o senhor: a Natureza he toda sua! Finalmente hum paiz aonde o Homem, querendo, póde voltar a seu primitivo estado, sem temer a fome, nem o gelo, nem a nudez!!

Continuar-se-ha.

LISBOA: NA IMPRESSÃO LIBERAL. ANNO DE 1823. *Rua Formoza N° 42.*

FEVEREIRO 1. N.° 34.

A Trombeta escutai dos Luzitanos,
E se rouca tocar... tremei Tyrannos.

O TROMBETEIRO.

A TROMBETA LUZITANA.

O Paralello Illuzorio.

O Ministro da Fazenda, na Sessão de Cortes de 28 do corrente, apresentou huma verba no orsamento, com o titulo de = *Extincta Inquizição* = que encerrava huma despeza de dezoito contos e tantos mil reis, para pagamentos de ordenados aos ex-membros daquella detestavel *defunta*, que tantas lagrimas, e horror custou ao mundo christão. O Congresso desaprovou com justiça aquella verba, em quanto aos que tinhão beneficios, ou rendas com que podessem subsistir, visto não terem já que fazer; isto he, que encarcerar, que atormentar, que queimar, *et reliqua* pela gloriosa morte de sua *Santa Patrona*. „ Bem o haja o Congresso, dissemos nós, risque-se até se for possivel o nome daquella *defunta*, da idéa não só dos Portuguezes, mas de todos os homens, e de todos os livros. ”

Nisto estavamos muito contentes com a deliberação do Congresso, quando os malditos dez contos de réis, para a *cáfila espionea* nos vem deitar agoa na fervura, e nos fazem cahir as cangalhas do nariz! ” Estas, sem duvida já são outras Cortes *dissemos*, mui differentes daquellas, que ha bem poucos dias clamárão *in una voce*, que era necessario levantar huma horda de *espiões*, para esteio do systema Constitucional, e derão ao general em chefe Ministro da Justiça, hum subsidio annual de dez contos de réis!!! Que diferença, entre aquellas, e estas! Sim estas, cheias de hum nobre sentimento de humanidade, abominão, detestão huma instituição sanguinaria, que tem sido por seculos a deshonra e oprobrio do Christianismo, e o verdugo mais atroz da humanidade! O seu zelo, não sofre mesmo a idéa de que no seu seio se repita hum nome tão odiozo, que faz ainda erriçar os cabellos, e estremecer as carnes de todo o homem que ama o homem! Porém, aquellas! aquellas, que illudidas, ou seduzidas por hum despota, por hum tyranno, fizerão a deshonrosa afronta á Liberdade do seu paiz de a associarem á mais infame, e depravada instituição que a maldade dos tyrannos tem inventado, para forçarem o homem a gemer, e devorar em silencio a aflictiva dôr que lhe arrancão os golpes de hum sceptro de ferro!! *Espiões!!!* que terrivel idéa!! que aviltamento da razão humana! que abominação! que horror. „

Nós confessamos que cahimos n'uma especie de estupidez, quando faziamos este illuzorio paralelo, desenvolvendo-se-nos vivas imagens, que erão outros tantos golpes, que nos retalhavão o coração. Afigurava-se-nos ver hum virtuozo Cidadão, despindo o seu vestido, para cubrir a nudez de hum infeliz, que foi no dia seguinte denuncia-lo por inimigo da cauza!! Pare-

cia-nos ver huma honesta familia banhada em lagrimas ao arrebatarem-lhe o seu chefe pelo meio da noite, pela denuncia que delle deu o amigo, que acabava nessa mesma noite de cear á sua meza!!! Apresentava-se-nos hum infeliz, oprimido pelas injustiças de hum depositario de poder, hir entranhar-se n'uma profunda caverna, para desafogar ali a sua dor, pelas lagrimas e suspiros, que fora daquelle deserto logar serião bastantes para o levarem ao fundo de huma masmorra!! N'uma palavra, parecia-nos ver a desconfiança, a tristeza, e a palidêz impressas por todos os semblantes! os homens fugindo huns dos outros, á similhança dos animaes ferozes, as sociedades dezertas! as portas fechadas! o doce titulo de amigo, desconhecido! em fim os pais a temerem-se dos filhos?

No meio de todo este assalto de medonhas idéas, nos transportava o pensamento ao salão das Cortes, onde ouviamos os mesmos authores destes males, desta odiosa perseguição, fallando em abono da Liberdade, e dos mais sagrados direitos do Homem!! mas cujas vozes se apagávão no ar apenas proferidas! sem que ao menos chegassem a retumbar na abóbeda! Ali, ali mesmo via-mos os traidores olhos da suspeita interpretando os gestos, e procurando penetrar até ao fundo dos corações! „ Grande Deos! dizia o nosso, repetindo aquelles dous versos que Racine poem na boca de Junia, na tragedia de = Britanico:

Combien tout: ce qu'ondit est loin de ce qu'on pense!
Que la bouche, et le cœur ont peu d'intelligence!

Do sentir, o fallar quanto está longe!
Da bôca o coração quanto he diverso!

Taes erão as tristes meditações a que nos demos, por causa da *defunta*, que nos veio recordar os *espiões*. O mais he, que estivemos, durante todo este pensamentismo, na illuzão de que se havião ha poucos dias renovado as Cortes! Porém continuando a ler a Sessão, fomos encontrando os nomes, e discursos dos mesmos Legisladores que decretárão a creação dos = *Espiões* = na prezença do proprio tyranno que os exigia, com o appenso dos concedidos dez contos!!! Reconhecendo então o nosso erro, não podémos eximir-nos de exclamar: são elles! são elles! são os mesmos!!!

Qual he o melhor Governo!

Desde que os homens principiárão a civilisar-se, não hão cessado até hoje de procurar = Qual he o melhor Governo? = O Sabio para quem as instituições humanas são quasi sempre as mesmas responde sem receio: " He aquelle que menos injustiças commeter „ Esta opinião he na verdade a mais conforme á razão; porque os homens são em todos os tempos, e por toda a parte os mesmos: as mesmas paixões; os mesmos caprixos, as mesmas fraquezas, em fim, só seus semblantes diversificão. Sempre empenhados em serem bem governados, nós os vemos por toda a parte lutando constantemente com seus governantes, seja qual for o systema de governo. Em Constantinopla, por exemplo, os vemos a cada instante promptos a rebellar-se contra o governante que não preenche seus dezejos, ou seus caprixos, na esperança de hum melhor os poder preencher. Na Inglaterra, paiz livre, onde elles dizem que estão no gôzo de seus direitos, os vemos muitas vezes entregues a commoções perigosas, ameaçando com terrivel catadura, o governo que na vespera elogiavão. Acolá, dirão que he a escravidão quem os faz rebelar; aqui, dir-se-ha que he a liberdade; mas temos os mesmos effeitos, ainda que as causas sejão inteiramente oppostas.

Todos os Governos, qualquer que seja a sua forma, tem o mesmo objecto: governar bem. Se este objecto se não preenche, tão máo, e repreensivel he o *Divan* como o *Parlamento*. Ha com tudo a differença, de que naquelle soffre-se, ou tolera-se com mais resignação huma injustiça, do que neste se soffre, ou tolera hum abuso. Quanto mais ampla he a liberdade de que o homem gósa, tanto maior he o seu orgulho, e por consequencia tanto menor, e incapaz de soffrimento he o seu espirito. Acolá soffre-se, porque o systema de governo he firmada n'uma sugeição, quasi sem limites: aqui não se soffre, porque a base do governo he o direito do homem; porém tanto n'nma, como n'outra parte se commettem injustiças e erros, e em ambas ellas, as injustiças, e os erros são desagradaveis aos Povos. O Turco, geme em silencio, porque se persuade que he esse o seu dever; o Inglez desespéra, enfurecesse, e revolta-se á menor injusti-

ça que se lhe faça; por que sabe que he elle o Soberano.

Nós vimos os Romanos gosarem tranquillos as doçuras do governo de *Numa*; sempre contentes e sugeitos ao poder de seus Reis aquelle austero Povo viveu o reinado do *soberbo Tarquinio* na persuasão de que outro melhor governo não poderia existir. Elles gosavão a verdadeira liberdade civil de que o homem social pode ser possuidor, ao abrigo de fataes commoções populares, a quem o pretexto de huma desenfreada liberdade, ou antes licença amotina, e rebella a todo o instante. Tarquinio mesmo não era hum tyranno; e se huma abjecta paixão não houvera arrastrado seu filho a commeter hum adulterio, nem Tarquinio haveria perdido o Throno, nem a Republica nasceria. Que extraordiaario resultado de hum delicto particular! o crime, que a Lei era bastante para punir, servio de pretexto para se derribar o systema de governo que havia creado Roma, e que ja a havia feito poderosa, e respeitada de seus visinhos.

Que fraqueza, ou antes injustiça dos homens! Huma serie nunca interrompida de prosperidades, que a sabedoria e patriotismo de seus Monarchas havião promovido, não foi bastante para contra-balançar hum adulterio!! Este acontecimento não deveria nunca originar huma explosão de tal natureza; mas o odio, consagrado pelos *Brutos* á Realeza, se aproveitou delle para a destruir. Embóra os seus apologistas o revistão de hum falso-heroico, e nos queirão apresentar Bruto como hum libertador, conjurando seus amigos, com o ensanguentado punhal na mão, á vista do cadaver de *Lucrecia*, a que derribassem a Realeza, e lhe substituissem hum governo popular; porém aos olhos do meditador imparcial, *Bruto* não foi mais que hum traidor ingrato a essa mesma realeza, que o havia accumulado de bens; e que o alimentava no seu seio.

A Republica instalou se: o Povo institue-se Soberano, e Roma muda de aspecto. Mas se seguimos o fio de seus acontecimentos, e analysando-os, formamos hum paralelo entre este novo estado, e o governo dos Reis, que differença? No imperio destes a grandeza romana se desenvolvia serena, e se encaminhava magestosa pela mesma estrada porque depois a conduzirão. O verdadeiro amor da Patria (1) livre de sinistras, e particulares intenções brilhava no coração romano, e Roma não era ainda o fóco das facções. Porém, naquelle, quantas calamidades, quantos horrores não custou o progresso desses triunfos com que espantárão o mundo?! Roma he livre! o Povo he Soberano" clama-va-se na Tribuna; mas o Romano era escravo d.sse mesmo que o proferia; e toda a vez que intentava uzar dessa Soberania, com que o fascinavão, se via na necessidade de a obter primeiro á ponta da espada, ou do punhal no seio da mesma Roma! Sempre turbulenta, e sempre rebellada, a sua grandeza existia fóra de seus muros! e mais servia de patrimonio a seus soldados, que de proveito a seus Cidadaos. Em quanto aquelles conquistavão o mundo para seus Consules, e Generaes, se degolavão estes para se subtrahirem ao jugo de seus senhonhores, ou para obterem huma géira de terra! Que regimen! que Liberdade!

A Liberdade era pois hum fantasma, de que só o Senado, e os Generaes tiravão as vantagens, em quanto o Povo animado de hum fanatismo illuzorio, se degolava mutuamente em nome della! O nome de Rei, era odiado, mas o Dictador, mais absoluto do que os Reis, era obedecido com gosto, e promptidão. Este prejuizo, ou antes esta demencia devia acabar hum dia, e o Romano cahir n'uma escravidão descuberta, que tantas vezes se procurava. Em fim, a Dictadura procreou o Imperio, e a Republica morreo.

Concluiremos por tanto, que a bondade de hum governo, não consiste no seu systema, qualquer que elle seja, mas sim na sabedoria e justiça daquelle, ou daquelles que governão. O bem, e o mal, ainda que sejão revestidos de disformes apparencias, nunca deixárão por isso de ser absolutamente destinctos. Aquelle será sempre reconhecido debaixo das mais hediondas vestes com que se queira desfigurallo: este, ainda que seja adornado das mais pomposas galas, só poderá illudir momentaneamente. Desenganem-se pois os homens, que em quanto a sua essencia for a mesma que tem sido desde a sua creação, escuzão de inventar systemas, por

(1) O Publico judicioso não taxará de exagerada estas nossas idéas tendo consultado bem os melhores historiadores, antigos e modernos. *Montesquieu*, que nunca poderá passar por hum partidista, he deste mesmo sentimento, que elle muito bem desenvolve no seu tratado da — *Origine de la grandeur, et decadence des Romains.*

(O Redactor.)

que debaixo de qualquer delles hão de ser governados por homens, que em todos os tempos e systemas hão de ser dominados pelas mesmas paixões, e hão de commetter as mesmas injustiças. Repetiremos: Qual he o melhor Governo? O que for menos injusto.

Continuado de N.° 30.

Tudo pois nos leva a crer, que o Brazil será ainda hum dia, com o andar dos tempos, o mais florescente Imperio do Universo. Elle principia a erguer-se n'uma época, em que os direitos do homem social são por elle reconhecidos, revindicados. Se hum Código de Leis tão rasoaveis como dignas da humanidade, for a primeira pedra em que assente o magestoso edificio que se ergue; a Europa se do sentirá huma numerosa emigração. O Brazil acolherá então no seu seio esses innumeraveis hospedes, que abandonando hum paiz ingrato, onde só a miseria se lhes não disputava, lhe levaráõ contentes, a sua industria, o seu commercio, as suas artes, as suas manufacturas, e as suas sciencias. Sim, a Europa verá hum dia com espanto, a próle desse Fundador do novo Imperio, elevada a hum gráo de poder, e grandeza a que poucos Monarchas se hão elevado. Ella terá de pagar ainda bem cáro as suas descubertas ao futuro Rei dos mares! e o seu pavilhão será encontrado, e temido por toda a parte onde houver agoa salgada.

Na verdade, nunca Imperio algum nasceu debaixo de huma tão feliz estrella. A Europa enpobrecida, caminhando a longos passos para a sua decrepitude, convulsa, e ameaçada por dissensões intestinas, e guerras assoladoras, vai, pela ordem natural das cousas, enfermar no leito da velhice, e recordar apenas, as douradas épocas de sua passada prosperidade. Lançando então os olhos para além das agoas, verá o delicioso paiz que dominou, habitado por seus numerosos filhos, assenando ainda para seus irmãos, e convidando-os a hir gosar as doçuras, que nos lares paternos desconhecem. Este convite não será inutil, porque o bem não he facilmente regeitado; e a nosso ver, o Brazil será, hum dia o paiz natural dos Portuguezes. Só dessa sorte elles poderão ser verdadeiramente independentes grandes e temiveis.

Portugal, pela sua pequenez, e situação nunca poderá melhorar de condicção, mas só sim peorar, como sugeito a ser preza de qualquer ambicioso. Visinho de huma Potencia, cujos constantes esforços hão sido sempre para o subjugar não tem hum só palmo de terra para onde possa estender-se. O seu estado prezente, será sempre o mesmo que tem sido ha seculos. Sempre dependente de duas Porencias, interessadas ambas em conservar-lhe a sua existeucia nacional, não deixará nunca de receber a Lei, que qualquer das duas pertender impor-lhe.

O Brazil pelo contrario, grande em si mesmo, sem inimigos, e sem precisões, vai de dia em dia subindo pela escála da sua opolencia, esquecendo-se do passado, e occupando-se só do futuro. Quando nós reconciliados fraternalmente com elle, reconhecer-mos os nossos verdadeiros interesses; saberemos então avaluar os riscos a que os expozemos, e sentiremos melhor a necessidade de conservar os laços interessantes que a elle nos prendião, e dos quaes derivou nossa passada grandeza.

AVISO.

Sahio á Luz a Segunda Assembléa da Conversação das Senhoras, na Salla das vezitas antes do Xá; publicada por Jozé Daniel Rodrigues da Costa. Leva no fim 36 Decimas que fez certo Cavalheiro ao seu mesmo Nariz, por ser muito grande: São devertidas neste genero. Vende-se esta obra nas lojas do custume por 120 réis.

LISBOA. NA IMPRESSAÕ LIBERAL. ANNO DE 1823. *Rua Formoza N.° 42.*

FEVEREIRO 4. N.° 35.

A Trombeta escutai dos Luzitanos
E se rouca tocar . . . tremei Tyrannos!

O Trombeteiro.

A TROMBETA LUZITANA.

Viva o Direito de Propriedade.

" Este direito de propriedade sempre " he bem elástico! ,, dissemos nós em nosso N.° 26, fallando daquella — *Prata e rica Custodia* — das Freiras de Elvas. Porém, que abundantissima materia nos não offerece a Sessão de Cortes, de 27 do passado, para o repetirmos com mais força, e por muitas vezes?!! Sim, com magoa o dizemos, quando vimos approvado o Decreto que manda dar á Camera do Porto cincoenta contos de réis, tirados do Deposito Publico da mesma Cidade, atámos as mãos na cabeça, e exclamamos para nossos amigos botões: "O' grande direito de propriedade! tu és o Proteu mais multiforme, que quantos Proteus tem havido, e ha de haver no mundo? Que elasticidade! as borrachas de goma elastica não teem que ver comtigo!!

Na verdade, custa a crer que o mais sagrado, e inviolavel direito, de que os homens devem gozar fóra da Turquia, se violasse tão escandalosamente em Lisboa! e houvesse n'huma Assembléa Representante hum Legislador que dissesse: *Deve-se tirar este dinheiro, porque os direitos da Propriedade atacão os da Humanidade.* Isto só o Sr. Fonseca Rangel seria capaz de o dizer, persuadindo-se talvez que estava no tempo das vendimas fallando com os seus Lagareiros no Doiro! Ora Deos permita que lhe paguem na mesma moeda, isto he, que o primeiro pobre que o encontrar lhe dispa a cazaca e as calças do corpo, pelo — direito de humanidade — deixando-o como hum *S. Sebastião* no meio do *Rocio*.

Que tem o dinheiro dos particulares com o Estado, para o Congresso dispor delle, a favor dos Expostos? Não ha hum despotismo maior, nem mais odioza falta de — Fé Publica —!! Porque as rendas da Camera do Porto não chegão para a sustentação dos Expostos, ha de se hir tirar o dinheiro a seus donos, que fiados nas mais sagradas promessas do Estado, o forão metter no Deposito Publico?! Deos de Misericordia! Quanto menos odioso seria lançar-se a mais pezada contribuição aos Povos do destricto, para esse fim! de certo não causaria tanto espanto. Havia muitos meios decentes para occorrer a essas despezas dos Expostos sem ser preciso recorrer ao extremo de tirar o seu a seu dono. Isto ainda se faz mais revoltante quando se recorda que no deposito se achão dinheiros litigiosos de orfãos, de viuvas, e de muitas gentes pobres, que talvez para hirem sustentando a vida se achem já individados sobre esse dinheiro depositado! De que lhes servirá o titulo de divida, que dizem se lhes ha de passar? bem

podem morrer de fome com o titulo na mão, que ninguem lhe dá hum real por elle! Então admittido isto para os Expostos por direito humano deve-se praticar o mesmo para com os hospitaes, enfermarias, corpos de invalidos, mendigos, etc. etc., e cahir, com esse pretexto, em caza do Barão do Porto Covo, do de Teixeira, e de Quintella; passar depois ao Banco, e do Banco aos demais particulares que teem dinheiro, sacar-lho, e dispor delle em nome do = Direito da Humanidade!! =

O caminho com effeito está aberto, e depois deste decreto já nada póde admirar, nem parecer despotico; porque isto de despotismo tudo está em começar, depois vai huma maravilha; os povos afazem-se a elle, da mesma sorte que se afazem á liberdade, estranhão os primeiros ensaios mas logo depois danção, e cantão alegres no meio dos ferros. Nós felizmente não temos lá vintem; mas se o tiveramos, ou nos havião de mandar ao cadafalso, ou no-lo havião de restituir. Não se escandeção os *grutescos* ao ouvir-nos fallar assim; quem falla com este desempeno he hum homem a quem se prometteu com mil sagrados juramentos, que era — Livre — e que a — Soberania rezidia nelle, conjunctamente com os demais Portuguezes — e que apezar de tudo ainda o acredita. Tanto somos capaz de combater o despotismo n'hum governo livre, ou que por tal se intitula; como de o sofrer resignado n'hum absoluto.

Como pertende o Congresso consolidar a boa fé com huma similhante conducta? como quer inspirar a confiança no governo actual a hum Povo, que se rebellou contra hum governo, a quem arguia de iguaes procedimentos? Como quer ganhar amigos, e fazer progredir a Cauza, se commette huma injustiça destas, n'hum tempo em que a maior suavidade, inteireza, e circunspecção devem presidir ás suas deliberações?!

Ninguem negará que se deve prestar soccorros aos miseros expostos, e até que huma finta geral seria para isso muito bem applicada; mas despojar os particulares do seu dinheiro, abuzando da sua boa fé para com huma solemne garantia, confirmada pelos mesmos que acabão de a violar, he o que ninguem poderá ver a sangue frio. E que dirá essa Cidade Regeneradora onde esta violencia se commette? Dirá que procurou lenha para se queimar, e que atrás de mim virá, quem bom me fará!...

O Incognito ou a Aposta.

Antes que nos assaltem os novos Espiões, e cumprão o vaticinio que ouvimos ao embolçar o ganho da Apostinha occasionada pela nossa desarrasoada teima, vamos tentar nova fortuna = Nos valles para o Comissariado sahidos ultimamente de certa Secretaria de Estado, pertencente a hum Ministro ex-Deputado das Cortes passadas, e Deputado das actuaes, apparece a assignatura seguinte — Verissimo Alves da Silva Capitão do Estado-Maior, Chefe da 3.ª Repartição da 1.ª Direcção — e como por mais que esfolheamos todas as Listas do Exercito, não encontramos Official algum com este nome, nem apparece Militar que o tenha visto nas fileiras durante a campanha, nem antes ou depois; e existindo a mesma ignorancia a respeito da apatidão que este Incognito aprezenta para o bom desempenho daquelle particular emprego, que segundo as Bases da Constituição juradas deve só conferir-se a quem fôr delle mais benemerito, por qualidades proprias; por isso não duvidamos commetter aos Liberalissimos Patriotas o seguinte contrato — querem apostar em como este Capitão nem pertence ao Exercito de Espanha, nem de França, nem do Brazil, e menos ao de Portugal, e que só he algum servidor de Carvalhos, ou Gonçalves, que em retribuição de espionagem fantastica conspiratoria foi ali intruzo, para chuchar indevidamente o soldo daquella Patente, com a insignificante adição de duas forragens diarias, e 10$ rs. cada mez, até que se offereça opportunidade de o encaixar na 2.ª Direcção da mesma Secretaria? venhão os Liberaes apostar, mas fiquem gemendo esses Militares, e Empregados benemeritos, que tendo prestado tantos serviços na mesma Repartição, forão della expulsos sem se lhes declarar motivo ou culpa de qualidade alguma.

O Azemel.

Huma cáfila de *tenebrosos* mentecaptos (1) vive na persuação de que só por

(1) A maior parte dos homens que hão escripto contra o maçonismo o fizerão debaixo de hum carac-

sua intervenção se deve, ou pode consolidar a Causa Publica, considerando dependente de huma seita o que só depende da boa moral, e do conhecimento que o homem deve ter de si proprio. Nesta falsa idéa, tem procurado impingir esta maxima por meio de escriptos, que nenhum effeito produzem, por que até por desgraça sua, são quasi sempre redigidos por ignorantes.

Apparece agora na Patria de nosso Primeiro Affonso *(Guimarães)* hum miseravel Periodico, com o titulo de — *Azemel!* — onde parece que a propria — *Estupidez* — fez o seu primeiro ensaio periodical; o que facilmente se póde conhecer pelos seus quatro dignos colaboradores, que são: Hum tal Fr. *Rodrigo* frade *Jeronymo* expulso do Collegio de *Coimbra, por nada* .... e desmoralisado em toda a extensão do termo; porém, muito protegido do Ministro da Justiça: Hum Ajudante de milicias, chamado *Fartura*, que passou hum *Valle*, em que dizia .... = Rações para mim e para o meu cavallo = Hum tal Escrivão *Bandeira*, filho de hum lacaio que foi do general *Forbes*, que se acha suspenso ha mais de hum anno, por altissimas traficancias de Officio, e por hum assassino, em que teve parte: Em fim, o quarto he hum Acentista do regimento 15 aquartelado naquella Villa, o qual he tão bem dono da imprensa, que comprou á custa, já se sabe de quem ....

Tal he o bello quarteto, a quem de *Lisboa* se encarregou a derramação das *luzes* na antiquissima *Guimarães*; sim consta por boa parte que o tal *Azemel* não só he encommenda feita desta Capital, mas mesmo que os originaes são daqui remettidos; o que naturalmente se conhece pela sua fraze, irmã gemea do ridiculo *Censor*. Dizem que o titulo de *Azemel* fôra lembrança do tal Fr. *Rodrigo* que instigado pelo amor filial, lho quiz pôr, em memoria de seu pai haver sido toda a sua vida *Azemel* dos Franciscanos de *Guimarães*, mas solteiro.

Mas vamos ao melhor e principal objecto, e deixemos a biografia do Fr. *Azemel*. Transcreve elle huma carta, (escripta por elle mesmo) contra a Trombeta, em modo de analyse áquella anecdota da — Ermida Arrasada — dizendo que he lastima que nós attacassemos no seculo 19 a *veneravel pedreirada*, em ar de frade velho, ou de cavalheiro de Provincia. Quando lemos aquella sandice, fizemos esta reflexão: " Que faz a honrada gente de *Guimarães*, que não corre esta canalha a chicote? Sem duvida já os *grãos mitrados* do G. O. mandárão abrir *cova* naquella primitiva Corte da Monarquia Portugueza!,, Quem meteria nas cacholas mitradas destes mentecaptos a louca empreza de prégar o maçonismo em *Guimarães*? Olhem onde elles forão bater!! Pobres diabos!

Com tudo, atéqui ha só o ridiculo, e ridiculos não são perigosos. Mas o espirito de subversão religiosa, he o primeiro alvo a que dirigem sua pontaria aquelles quatro *farrapões*, attacando com chocarrices indecorosas hum Venerando e Respeitavel Prelado da Igreja, qual he o actual Arcebispo de Braga! tratando-o de huma maneira irrisoria, e dirigindo-lhe directamente as chufas mais insultantes que das bocas de taes homens se podem esperar!! Isto tem por fim exclusivo preverter o Povo, fazendo-lhe perder este respeito e veneração, que tem para com os primeiros Chefes da Igreja, e para com a mesma Religião; afim de que dessipada esta idéa, possão facilmente daqui a dous dias levalo ao seu principio, gritando-lhe como os malvados republicanos Francezes; Não ha Deos! degulemos o Clero, que he nosso inimigo! Mas baldada esperança he a destes perturbadores da ordem social; o Povo Portuguez tem sobeja virtude para detestar suas doutrinas subversivas: o Deos de Affonso Henriques he, e será sempre o seu Deos.

Eis-aqui pois como se pertende inculcar aos Povos hum systema de Governo, que só tem por base a Justiça! hum Governo, que para se fazer amavel, só percisa do fiel desempenho das maximas que inculca! Depois de huma similhante conducta, como querem que não haja descontentes, e mesmo inimigos? Não os haver he que seria para admirar. Por maior que

---

ter serio, combatendo por principios as suas doutrinas. Em nossa consciencia, achamos que he = deitar perolas a porcos = Nós se alguma cousa houveramos de dizer a respeito dessa Seita, seria sempre no tom do mais baixo ridiculo, á maneira de *Cervantes*; porque não vêmos nellas senão a demencia de mãos dadas com a mais ridicula impostura! Pois que outra cousa he hum papelão mettido á noite n'huma especie de cova de *Caco*, com huma mitra na cabeça, hum avental em fórma de cozinheiro, com huma colher, ou picareta na mão, dizendo que vai levantar o Templo de Salomão?!!! Ha huma loucura tão ridicula! Se D. Quixote existio, foi sem duvida o seu instituidor. Nós lho provaremos hum dia.

seja o bem que se faça a hum homem, quando he feito com indignidade, ou insulto, perde esse bem a melhor parte da sua essencia, e só he aceite com repugnancia.

A marcha, que se tem seguido desde 1821 até hoje, tem sido toda errada; e a ponto de parecer, que aquelles mesmos, que mais empenho devião ter em a conduzir a hum exito feliz, são os proprios que intentão destrui-la! Os *Cidadãos Portuguezes*, *os Censores*, *os Azemeis* e outros escriptos da mesma laia, só hão servido de escandalisar a moral publica, e de dar consistencia a suspeitas que se entranhárão nos corações, e que já não he facil arrancar-lhas. Estes he que hão sido os verdadeiros inimigos da Causa, e não esses a quem denominão = *Corcundas* = cujo epitheto e insultos que o acompanhão, hão servido sómente de dividir a Nação em partidos, e de crear animosidades; o que he reconhecidamente huma desgraça, que cedo ou tarde costuma produzir effeitos terriveis! Medite-se bem nisto, e não se prosiga cégamente na destruição de huma tão bella Causa.

LISBOA.

Parece que a tropa expedicionaria se acha já toda desembarcada, em consequencia das representações do general Rego, que indo visitala a bordo, a achara em hum deploravel estado de molestias. Parece que acintemente huma serie de revezes se teem combinado, para malograrem a sahida desta expedição para a Bahia. Ha quasi hum mez que ella se acha prompta a dar á vella, sem que o tempo de sórte alguma o permittá; e no entanto fazendo huma despeza ao Estado, que se afirma não ser menor de dous contos de réis por dia! e agora Deos sabe quando poderá partir por estes acontecimentos sobrevindos. No entanto, *Madeira*, que mandava pedir soccorros com tanta instancia, se terá visto em apuros insoportaveis, que o haverão reduzido ao ultimo extremo de miseria, ou talvez a abandonar a Bahia.

O Povo, que de ordinario, attribue estes acontecimentos a huma causa sobre-natural, diz que em quanto o Governo não mandar restituir á Senhora da Rocha o dinheiro das offertas, que os devotos lhe fizerão, nem cessará o temporal, nem a expedição sahirá! E se o Povo Soberano assim o crê, quem lho poderá contestar??

==*=*

Pessoa que por seu caracter, e probidade nos merece a maior confiança, nos assevera que o muito honrado Sr. Dezembargador *Calheiros*, ou por motivos de molestia, ou de delicadeza, continua a instar para o eximirem de acceitar a Vara da Correição do Crime da Corte; a fim, segundo se presume, de não ser *Juiz Relator do façanhoso* Processo *conspiratorio*. Nós ainda que não temos a honra de conhecer o Sr. Calheiros, somos com tudo informados de que possue hum credito mui vantajoso na sociedade, que seu caracter de rectidão e inteireza não tem sabido nunca desmentir. Attentas estas circunstancias não podemos conceber como este digno Magistrado dezeja recusar-se a huma nomeação que só deve redondar em gloria sua!

Tão bem nos afirmão que os Adjuntos nomeados gosão de muitos bons creditos; que apenas ha a notar que dous delles, mas hum com especialidade, são intimos do Ministro da Justiça; o que talvez tenha dado origem a dizer-se que este Ministro já tem feito suas visitas aos Adjuntos, depois que forão nomeados, o que nós todavia não acreditamos; porque isso seria querer levar a vingança ao ponto mais baixo, a que a maldade e a vileza a podem levar. Seja o que for, por isso mesmo que são seus amigos he que hão de olhar mais attentamente para a Justiça, de que são orgãos, para que nem hum apice se possão apartar della. Com tudo, se as escuzas dos que são nomeados para Juizes continuão a ser aceites, bem podém esses homens que estão prezos preparar-se para o estarem outro tanto tempo, até que apareça Juiz que se encarregue da tarefa. Pois admira que ninguem queira, porque segundo nos afirmão, o tal Processo he curioso; dizem que he adornado de suas Tragedias, Poemas, Dialogos, Historias, Pasquins etc. na verdade ha de ter que vêr; he huma Encyclopedia.

LISBOA: NA IMPRESSÃO LIBERAL. ANNO DE 1823. *Rua Formoza N° 42.*

A Trombeta escutai dos Luzitanos,
E se rouca tocar... tremei Tyrannos.

O TROMBETEIRO.

A TROMBETA LUZITANA.

Nada ha mais facil para destruir huma illuzão que remontar á origem que lhe deu o ser, e apresentala tal e qual aos olhos do vulgo. O celebre = *Dialogo das Estatuas* = apanhado a *Rodrigo da Fonseca Magalhães*, em a noute das prizões da *Rua Formoza*, he sem duvida a prova mais irrecuzavel que evidencêa a má fé, e a impustura do *Censor*, e de seus amos.

Ei-lo ahi vai da mesma forma que se extrahio dos Autos:

AS ESTATUAS FALLANDO.

Nestas altas questões nestas disputas
As Estatuas se animão sahem das grutas
O Expectador das Estatuas.

Não te rias Leitor, nem imagines que o prezente Dialogo que exponho a teus olhos, seja huma mera ficção para entreter a idéa, ou recrear o coração. He huma verdade de facto, que se o jardim das Necessidades falasse te poderia plenemente provar, produzindo por testemunhas em primeiro lugar a bella bacia de agoa que tem no meio, com seus habitadores os pechinhos vermelhos, as murtas, as flores, e até o mesmo jardineiro que ficou embasbacado! O caso he este meu Leitor.

Huma das noutes passadas, sem duvida a mais bella da estação, passando por a calçada das Necessidades veio lisonjear o meu olfato o suavissimo cheiro das flores do jardim; era meia noute em ponto: hum brando e doce refiro começava a purificar os ares, e a lua hia-se escuando pelo Occidente. Parei; e contemplando a amenidade da noute, e a formuzura dos arvoredos da quinta" de que amavel abitação gozão estes Padres? *dizia eu, comigo mesmo.* Ah! se eu podéra gozar ali dentro duas horas ao menos desta bella noute!....

Nestes pensamentos estava quando o armonioso canto de hum rouxinol, lá para os confins da quinta, me atrahe com o poder do iman, e me faz saltar o muro, para ir ouvilo de perto: Entro; tudo respirava socego; não havia cães; o jardineiro dormia a sono solto; os bons Padres tambem dormião, e só o rouxinol velava para celebrar em armoniozas canções o creador dos astros, e a amenidade da noute. Que delicias! Que encantos! *dizia eu, e caminhando a brandos passos desço as escadas do jardim, e me vou assentar debaixo de uma das pequininas Cazas de texo que o adornão: seria passado hum quarto de hora, quando uma vós toda maviosa sóa de um dos lados do Jardim, e profere estas palavras:* Animai-vos Irmãs, fallai sem susto!! *Estremeço!.. e olhando por entre os ramos do texo, ó maravilha!! Vejo as Estatuas que cercão o jardim, debaixo de differentes emblêmas, sahirem das suas pequenas grutas, e caminharem todas, a magestozos passos para o tanque. Outro que não fosse eu ficaria alli mirrado de pavor! Comtudo, benzime trez vezes, e entregando-me*

nas mãos da Providencia aplico o ouvido, e começo a ouvir fallar as Estatuas, que assentadas em volta do tanque discorrerão assim:

LOCUTORAS.

A Religião	*A Riqueza*
A Justiça	*A Indigencia*
A Verdade	*A Sabedoria*

N. B. As demais Estatuas não fallárão; e somente aprovavão o que ouvião, e tão indiscretamente que estavão em continua contradição! A que primeira tomou a palavra foi:

A Sabedoria: O' vós, irmans minhas que neste agradavel recinto ouvis todos os dias, nessa proxima sala, meus luminozos dictames pelas bocas de cem Varões que eu inspiro, exultai exultai! abençoai a minha obra, e vede como o imperio Luzitano surgindo triunfante das suas cinzas, prospera e brilha entre as nações do Globo!....

A Indigencia: Eu que o diga!... Irmans, desculpai estas Lagrimas!... bem quizera fallar.... mas....

A Verdade: Falla, amiga, mas não me offendas; vê que somos immortaes; não temas os homens, teme os Deozes: prosegue.

A Indigencia: Podeis, irmans, por estas descarnadas e macilentas faces, por estes mizeraveis farrapos, que apenas occultão escaçamente o que o pudor exige, conhecer o mizeravel estado a que me vejo reduzida!.... Meus filhos!... ai de mim, não tenho que lhes dar a comer!.. o pouco de que se alimentavão lhes tem sido impiamente roubado por o monstro devorador das cem unhas!....

A Grandeza: Fementida, podes tu queixar-te no meio da profuzão, da abundancia, e da magnificencia que eu tenho derramado pela mão das Cortes! Ainda te não poderão matar a fome a riquissima extincção das Coutadas, das Ordenanças, das Candelarias, dos Direitos banaes, da Inquizição, e de outros tantos thezoiros com que tenho brindado todo este povo?..

A Indigencia: Basta: não digas mais, que já estou impando de farta. Agora me lembro de que já posso matar a fome hindo á caça pelas coutadas alheias....

A Justiça: De vagar, amiga, que isso ainda eu não permiti....

A Verdade: Que dizes, ó Justiça? Pois não foi esse o primeiro e brilhantissimo Acto com que as Cortes Reprezentarão a Soberania, e enriquecerão o Povo Portuguez? Não as ouvistes tu uma manhã decreta-lo em teu nome?

A Justiça: Não me lembro: seria talvez em uma das muitas vezes que aqui me não tenho achado.

A Sabedoria: Ora pois: não faças tantas auzencias, que a tua prezença é muito necessaria aqui, até ás duas da tarde; que fazes tu sempre lá por fora?

A Justiça: Tenho andado a procurar habitação, por que esta já me não serve. Ha mais de hum anno que passo aqui dias de amargura e de opressão; digo dias, por que so ás noutes sinto alivio. Amanham será o ultimo... *A' ordem á ordem, gritarão todas as Estatuas, até mesmo as mudas!*

A Sabedoria: Que auctoridade tendes vós de chamar á ordem esta nossa Irmã? Chamar á ordem, e mandar que se calle; e podeis vós faze-lo? He callada que ella hade manifestar a sua opinião? Deixai-a fallar que he o lenetivo de quem sofre; e desterre-se dentre nós esta balburdia. *Apoiada apoiada, gritárão todas.* Senão fosse esta odioza maxima, talves, que esta nossa irmã a illustre preopinanta, não tivesse tanto de que se queixar, nem feito tantas fugas.

A Religião: Tendes, ó carissima Irmã e illustrissima preopinanta, fallado como quem sois; nem melhor o executarião esses ministros dos meus altares, que cheios de teus divinos influxos já te excedem, e se esforção por me ellevar a um gráo sublime de perfeição, chegando a ponto, ó maravilha! de augmentarem as minhas riquezas, de honrarem os meus grandes Sacerdotes, e até de ornarem os meus templos com toda a pompa e magestade, de que é susceptivel a engenhoza invenção desse famozo Gabor, esmalte dos armadores! Que onrados ministros eu tenho! ó minhas irmans, não os ouvis vós ahi dentro, inculcando e deffendendo as minhas sanctas maximas?... Virão-se já ministros mais dignos das minhas áras?... Que tempos!... Que virtudes!...

A Sabedoria: Rende-me as graças, que he tudo obra minha, sou eu que inspiro aquellas cabeças!... Não ouvis vós aquelle benemerito, com voz de rebecão grande, apregoar virtudes civcas, e afrontar *subvenites?*... Não ouvis vós aquelle corifeu dos Juristas, que, que, que só expende idéas puras, e com com combate as erroneas?.... E que me dizeis vós áquelle inventor das sanefas, e dos caixões de veludo preto!... Aquillo sim, aquillo he que he ca-

beça!... é filho de Pai que tanto arma como desarma!.... Que talentasso!... Vede, vede como o Comercio, e a Industria se prostrão a seus pés, e implorão a sua sapientissima protecção!... Ah ditoza gente!... afortunada geração!... Que homens te dei!... Não pára aqui, ide, ide lá por fora, e vereis como eu fulguro por esses gabinetes ministeriaes! dize-o tu ó Justiça, que por lá costumas andar...

A Justiça: Eu?.... nunca lá entrei, nem mesmo sei aonde morão!...

A Sabedoria: Que dizes Irmã? Pois não he por tua e minha influencia, que prosperão os Carvalhos, os Pinheiros, e tantos outros?... Vio nunca o mundo tanta transcendencia de espirito, tantas virtudes reunidas?.... A par disto que são os Sulís, os Richelieux, os Mazarini, os Pitts, e os Pombaes!... Não vedes vós as suas obras?... as uteis instituições que tem creado?.... os impulsos que tem dado ao Commercio!... ás artes!... e á industria!.... Não vedes como dão de comer ao faminto, e como protegem o rico?.... Não vedes esta sapientissima escolha de genios sublimes que mandarão por essas Cortes da Europa reprezentar o feliz Povo Portuguez?... Quem pode duvidar da alta prespicacia dos Olliveiras, dos Chaves, dos Fernandes, e dos Fetaes?...

A Justiça: *E nas ruas perdidos tantos corpos*
De fedorentos caens e gatos mortos!...

Aqui derão uma grande gargalhada todas as Estatuas; e eu rindo-me tambem muito baixinho fiquei passado de ver que as Estatuas fazião versos! e que tanto a propozito os aplicavão!...

A Sabedoria: Irmã agora conheço que estás muito escandalizada; dize as tuas mágoas, que eu quero minoralas.

A Justiça: São inuteis, amiga, teus bons dezejos. Não cabe no curto espaço desta noute o longo relatorio do que tenho soffrido; basta só dizer-te que o meu nome tem servido de capa a quantas insolencias, e patifarias se tem visto no mundo!... não posso mais!... *apoiada*, *apoiada*, *apoiada*!

A Religião: Confor-ma-te carissima Irmã, tem paciencia, imita-me, que sabe Deos tambem o que por cá vai!..

A Verdade: Eu conheço tudo isso, Irmã; e a pezar do sordido véo com que se tem pertendido vendar-me, tudo vejo, tudo sei, e tudo lamento!!... Mas que tremão demim!...

A Indigencia: Tremer de ti?... quem elles??... mófão escarnecem do teu poder, porque não é divisivel; e não o sendo pertendias tu brilhar no tempo da divizão dos poderes? Este, amiga, é o imperio das divizões, que teve a sua origem no Porto, onde logo se dividio não sei o que.... dinheiro..... Inglaterra.... todos sabem... ai! minha pobre cabeça!.... já nem posso ligar as ideas! tal é o estado a que me tem reduzido a fome!... dai-me de comer senão morro!!...

A Grandeza: Mizeravel! que sempre te queixes! que sempre me injuries! Não tenho eu franqueado os meus cofres ali dentro para te acudirem ás necessidades?....

A Indigencia: Ainda não vi nada, tudo lá se consome!... ai de mim!... as necessidades são o verdugo do pobre, o desprezo do rico, o flagelo da virtude, e o assasino da honra!

A Relligião: E o meu oprobrio!!... Só tu, Irmã Justiça, é que nos poderias livrar de taes necessidades uzando de tua fulminante espada! mas tu só sabes carpir-te!....

A Justiça: Tempo virá, e talvez não tarde, que assim o cumpra!... Se tu me ajudasses ó Riqueza....

A Riqueza: Eu filha, a fallar-te a verdade já não tenho nada; tudo me tem consumido uns poucos de mandriões, que tiverão a arte de me me embaçar! e que andão hoje por ahi á minha custa engolfados n'uma vida dissoluta, e escandalosa!... em quanto eu, que não conhecia as necessidades, as conheço já de sobejo, porque me vão pondo na espinha!...

A Sabedoria: Mas tu ainda tens grandes recursos; tens o riquissimo Doiro, tens o prodigioso augmento do mais bello metal que organiza o teu todo; tens os bens da fradaria, e do cléro; e sobre tudo tens o rico e vasto Brazil!...

A Riqueza: Não escarneças, amiga! Quando me devido em pequininas porções desse metal em que fallas, para satisfazer aos meus deveres, ando de rua em rua e ninguem mas quer aceitar; apenas algum uzurario rebatedor me oferece a quarta parte do valor que reprezentão!! E em quanto ao mais, a Verdade melhor do que eu te pode informar.

A Sabedoria: Que dizes, que dizes a isto amiga?

A Verdade: A illustrissima preopinanta tem dito o que eu custumo inspirar. Mas dize-me em primeiro lugar, ó Sabedoria, tens tu sempre rezidido aqui?

A Sabedoria: De dia he verdade que não; mas para encubrir a minha falta costumo pôr aqui um espantalho, com o qual

iludindo os ignorantes me estou rindo lá de longe dos cultos que lhe rendem, julgando ser eu mesma.

A Verdade: Eis-ahi porque tu dás taes conselhos á Riqueza! eis-ahi por que tu fallas em Doiro, e em Brazil! Mal sabes o estado em que isso está! O Doiro, depois de ter sido muito rico, e muito farto, está hoje morrendo com necessidades, e a mizeranda victima das necessidades! e só extinguindo-se estas necessidades, é que elle pode tomar novo vigor e ver florecer as suas vinhas. O Brazil, é verdade que não conhece as necessidades que atormentão o Doiro; mas o horrivel influxo destas mesmas necessidades, atravessando os mares, o trazem lá n'uma balburdia, de sorte que já não quer ser feudatario desta nossa Irmã, e illustre preopinanta, a Senhora Riqueza. Se não fosse a Regeneração tudo estava perdido!..

A Sabedoria: Mas ainda possue muitas Ilhas por esses máres; ainda tem não sei que na Asia, e na Africa...

A Riqueza: Tudo isso, minha amiga, espremido não deita sumo algum; e ainda que o deitasse, as necessidades lho chuxarião; porque no artigo = chuxadeira = estão ellas em primeiro lugar.

A Indigencia: Seja-te muito bem empregado, já que fizestes tão máo uzo dos teus thezouros. Em vês de soccorreres a minha mizeria vendo-me quazi espirar á fome, vendo os meus filhos de porta em porta a mendigar um mesquinho sustento, que apenas lhe entretinha as vidas, foste dessipar tudo com triumviratos de Sansculots, e com centenares de anarquistas, que por ultimo escarneo te querem empolcirar n'um Banco para servires de negaça aos incautos, ou aos mentecaptos. Que embofia!.. Que Ladroeira! *apoiada! apoiada.*

A Sabedoria: O' Irmans! a Aurora não tarda!... não cuideis que é outra Aurora que não seja a da manhã... Voltai aos vossos nichos, que eu cá por mim vou daqui longe fazer visitas, mas cá deixo o meu espantalho; e se poder, á noute voltarei a ver-vos; e dezejarei que tu, ó minha Irmã, Verdade, me delates muitas couzas que da tua fiel bocca só poderei saber, como por exemplo, aquella historia do desterro do Silveira, que ninguem sabe ainda....

A Verdade: Tudo te direi; mas eu tambem não fico hoje aqui, porque tenho que indagar lá por fora....

A Indigencia: Então visto isso todas vós me abandonais hoje! pois hide que eu fico! mas é por que estou aqui emprazada! (A este tempo o jardineiro que havia acordado, vem pé ante pé, cuidando que erão ladrões, e vendo as Estatuas a andar começa em gritos: = Aqui d'ElRei sobre as estatuas das Necessidades = As Estatuas sumirão-se; e eu impondo de estatua tãobem me fui sacudindo, mas protestando logo de voltar á noute, para ver se as Estatuas voltão, e contar ao depois o que lhes ouvir.

Tal he o mal organisado *Dialogo* que *Rodrigo* atribue (segundo nos diz quem vio os Autos) a *Alpoim*, e que o *Censor* tanto se tem esforçado em fazer acreditar como hum escripto conspirador, e terrivel. Tendo a quelle miseravel mercenario publicado muitos dos Appensos do Processo, lá se fazia suspeito a todos que elle não publicasse o tal *Dialogo*, que tão repetidamente criminava; porem elle não foi tão tolo que quizesse dar a chicotada, em si mesmo, destruindo tudo quanto havia dito com a publicação delle.

Nós não acreditando nunca em similhante patranha, por que bastava o titulo de *Dialogo de Estátuas* para se conhecer a futilidade do escripto, mas presumia-mos com tudo que seria huma obra prima naquelle genero, digna de rivalizar com as de *Platão* pela idéa que nos deu o tal *Semcenso*. Vai senão quando, apparece o bixo metamorfoseado em formiga, que intentando criticar as *Cortes Constituintes* lhe faz em geral hum elogio demasiado pela boca da = *Sabedoria* =

Nós para conhecer-mos a cabeça que o gerou, não percisava-mos saber que fora encontrado a Rodrigo de Magalhaẽs; por que quem tiver lido a *Aurora Pernambucana* que elle escreveu em *Pernambuco* dirá logo, pelo desalinhavo de idéas: *Isto he do Rodrigo.* Este homem sempre teve huma infeliz inclinação para esta especie de escriptos; em *Pernambuco*, compôz elle hum, entre hum Europeo, e hum Brazileiro; e intentando imprimi-lo, o mostrou a hum seu amigo que lhe disse: *Homem, não imprimas isso, ou muda-lhe o titulo* pondo-lhe *Dialogo entre dous insensatos*! Com effeito não o imprimio. Agora sahe-se com esta digna producção do seu engenho, que ou de proposito, ou por vergonha nega ser sua, a pezar de lhe ser achada no bolço.

Ora eis-aqui a bella prova da *Conspiração*!! Só o S. Paio, e Jozé da Silva Carvalho serião capazes de lhe pôr hum tal alcunha! olhem que *Conspiração*! Forte lastima.

LISBOA. NA IMPRESSAÕ LIBERAL. ANNO DE 1823. *Rua Formoza N.° 42.*

FEVEREIRO 8. N.° 37.

A Trombeta escutai dos Luzitanos
E se rouca tocar . . . tremei Tyrannos!

O Trombeteiro.

A TROMBETA LUZITANA.

Pecado Velho.

A pezar de nos terem nesta prizão, nem por isso ignoramos o que vai pelo mundo. Sabemos perfeitamente que o Publico está censurando (e com toda a razão) não apparecer ha muito tempo no *Diario* do Governo o Expediente Semanario da Secretaria da Justiça; e como nem todos saberáõ a cauza, escutem esses:

O Ministro da Justiça, nada lhe importando o Publico, porque de quanto elle possa dizer se ri S. E. com muito gaudeo, omitio a publicação do expediente da sua Secretar a, porque delle lhe resultava o publico conhecimento, e muitas contradicções, e erros de Officio, que o Ministro não gostava muito de ver assoalhados. Ora escute-nos o Publico com attenção, conheça a verdade com que sempre fallamos, e faça depois as suas judiciosas reflexões.

No expediente dos Negocios da Justiça, Semana finda em 7 de Setembro de 1820, e publicado no Diario do Governo N.° 217, se achão notadas estas duas Portarias: ,, Dita, ao Corregedor de *Beja* para ” proceder logo na forma das Ordens contra Innocencio de Brito, accuzado por ” occultar na sua quinta, e facilitar fuga ” a hum dezertor. Dita ao Corregedor de ” *Santarem* para proceder contra quem ” direito fôr, na forma das repetidas ordens, sobre o facto escandaloso de haver residido no Termo de *Alcoentre* hum ” soldado desertor por espaço de sete annos, sem que o soubessem as Justiças ” territoriaes, ou sabendo-o, não procedessem contra elle. ,,

Agora combinem isto nossos Leitores com o seguinte: *Rodrigo da Fonseca Magalhães*, sendo Alferes do Regimento N.° 15 de Infanteria, dezertou, não só do Regimento, mas de Portugal, em 1818, e foi dar comsigo em Pernambuco, onde achou logo um ambrigo na pessoa, e companhia do Governador *Luiz do Rego Barreto*, que o teve em sua caza servindo-lhe como de criado particular, e a quem elle *Luiz do Rego* se entregou cegamente, como ninguem ignora. Vem *Rego* para Lisboa trazendo em sua companhia o seu *Achates*, e apezar de saber melhor que ninguem que elle era dezertor, porque tinha sido seu Coronel, vive com elle, á face do Governo, em sua caza, e inculca-o no dia 8 de Maio ao Ministro da Justiça para *espião*, dizendo-lhe que havia sido Secretario da Junta de Pernambuco, o que he huma reconhecida falsidade! A 11 ou 12 de Maio, vai hum individuo cazualmente fallar com o Ministro, e encontra lá *Rodrigo*, que pouco se demorou: o Ministro que ainda não tinha hum cabal conhecimento do *Rodrigo*, e vendo que o tal individuo se achára co-

nhecido delle, lhe perguntou quem era; a que elle respondeu na boa fé, que era hum Official que tinha dezertado em 1818 etc. Aqui fica por tanto informado o Ministro de quem he *Rodrigo*. Ultimada em fim a encomenda da conspiração, e dada á luz, grita-se de toda a parte que Rodrigo he hum dezertor; porem Rodrigo continua a viver em caza de Rego, e o Ministro da Justiça manda despoticamente lhevantar-lhe a nota de dezertor a 17 de Junho, dar-lhe alta no Exercito, e passar-lhe huma licença de 90 dias; ainda estes não havião finalisado, manda outra vez dar-lhe baixa e o nomeia Official da sua Secretaria!

Vamos a contas, Sr. José do Silva Carvalho. Com que igualdade de Lei manda proceder contra Innocencio de Brito, por dar guarida occulta a hum dezertor na sua quinta, não tendo procedido contra Luiz do Rego por ter em sua caza publicamente hum dezertor, por tal conhecido, e apregoado?? V. Ex., Luiz do Rego, e Rodrigo, são todos tres criminozos; e se quer que lhe diga a verdade, V. E. he ainda mais criminoso que o proprio Rodrigo, e eu lho provo claramente. Em primeiro lugar commete V. Ex. dous crimes: 1.° de não mandar prender Rodrigo immediatamente, sabendo que era hum dezertor: 2.° por não proceder na conformidade das leis contra Luiz do Rego, por lhe dar guarida em sua caza, sabendo igualmente que era hum dezertor, que tinha sido seu subdito! Agora seguem-se os demais, que são: tratar V. Ex. com hum dezertor; mandar-lhe levantar a nota, para o que, não só V. Ex., mas ninguem tem auctoridade, por ser só privativo do Conselho de Guerra, por que elle infalivelmente devia passar primeiro: e em fim despachallo para Official da sua Secretaria! Então que diz a isto, Sr. José da Silva?? tem razão de clamar Portugal todo contra a sua pessoa, ou não?? Serão isto diatribes, ou declamações malevolas, como V. Ex. e seus apaixonados dizem?? Será esta a conducta de hum Ministro que se diz = da Justiça? = He este o exemplo de rectidão, e de moral que V. Ex quer dar a hum Povo que fez sublevar contra o Governo que tinha, promettendo-lhe outro rasoavel e justo??

Com effeito! o Ministro desprezador da Justiça tem levado huma marcha tão direitinha para fazer aborrecer a Causa, que admira como ella se conserva ainda! Porem como conhece o caracter dos Portuguezes, que he de sofrer, sofrer, e mais soffrer, vai fazendo o que quer, e como já fez cálo, tanto se lhe dá que lhe chamem digno, como *indigno!* Mas quanto he errado hum tal systema! elle o vai demonstrando infelizmente para nós, os que amamos cá do fundo d'alma o imperio da Lei, que he o da Liberdade. Se o ministro se recordasse, e convencesse de que a Regeneração senão fez só para elle, mas sim para a Nação toda, talvez que as cousas não houvessem chegado ao estado em que hoje se achão.

Nós temos lido, e sondado a historia de todas as revoluções antigas e modernas, e vemos que a maior parte tiverão huma causa bem plausivel: mas que a errada direcção, que seus mesmos autores depois lhes derão, as fez cahir n'um pelago de desgraças, de que não forão senhores de salvalas! A Liberdade he huma companheira inseparavel da Justiça; por mais que os homens se esforcem em dividilas, nunca o poderão conseguir; e por tanto querer estabelecer aquella desprezando esta, he hum projecto vão, he huma quimera. Nos bem sabemos que nada alcançamos com isto; que antes bem pelo contrario, o Ministro cometerá muito maiores desvarios, para mostrar que se lhe não dá destas cousas, que essa he a sua balda favorita, ou antes o seu timbre; porém, nós da nossa parte, como escriptor publico, desencarregamos a nossa consciencia, para que se não diga que vimos esta corrupção em silencio a sangue frio. Já dissemos que em quanto o nosso braço poder sustentar esta penna, tão livre como imparcial, não deixaremos passar os abusos, e a corrupção impunemente; não o fazemos por vaidade, mas porque julgamos ser este o nosso dever: assim o cumprimos.

Sr. Redactor.

Os abaixo assignados, aproveitando-se do vosso generoso Annuncio, publicado na Trombeta N.° 33, vos rogão o favor de publicar o seguinte:

Os abaixo assignados, prezos desde o 1.° de Junho do anno proximo passado, pelo feio, mas supposto crime de conspiração, tem sabido com mágoa, que alguns honrados Ministros da Relação nomeados para Juizes Relatores do Processo que

se lhes fez, e que se acha affecto ao mesmo Tribunal, se hão eximido por motivos, a tomarem conhecimento do dito processo, o que sem duvida prolonga o Julgado que os abaixo assignados tanto desejão para verem desagravada a sua honra, e fidelidade, atrozmente maculada durante mais de dous mezes em que estiverão sepultados vivos, mas que felizmente se acha já quazi illibada perante o Publico.

Os abaixo assignados esperão da humanidade, e rectidão que caraterisão seus Juizes, a brevidade compativel com suas serias meditações, no Julgado do processo; visto estarem prezos á perto de nove mezes, passando sofrimentos fisicos, e moráes, inherentes a hum tal estado. A Humanidade o pede: A Justiça o attesta.

O Major Reformado, Antonio Duarte Pimenta.

O Capitão Pagador de 16.° Regimento. Bernardino Rodrigues.

Francisco de Alpuim de Menezes.

Januario da Costa Neves.

Joaquim Maria Torres.

João Rodrigues da Costa Simões.

Justo he que á vista do exposto digamos alguma couza dessas victimas do Ministro da Justiça Com effeito os Ministros, como nós tambem já dissemos em hum de nossos ultimos numeros, hão tido sua repugnancia em acceitar a vara da Correiçao do crime da Corte, para não serem Juizes do processo; da qual se deve tirar esta infalivel concluzão: Se os homens estivessem criminosos, como ao principio os inculcárão, não terião repugnancia os Ministros em os sentenciar, por dous attendiveis principios: 1.ª porque achando-se o crime evidentemente provado, com huma consciencia desafrontada e recta lhes imporião a Lei: 2.° porque ao mesmo tempo satisfarião a vontade dos Figurões do dia. Porem, os Ministros, que sabem, como todos o sabem, a innocencia desses homens, e a odiosa trama que se urdio, para fins que são já bem conhecidos, veem que os devem absolver, deixando-lhes o direito salvo, mas receião incorrer no odio daquelles sugeitos que nós sabemos.

Eia pois, Magistrados! confundi os despotas: mostrailhes que vós não sois aquelles, a quem se ha pertendido macular e vituperar com todo o genero de affrontas! Mostrai-lhes que os não temeis; e que a Justiça pode mais em vossas consciencias, que todo o poder de que elles estão revestidos. Abreviai lhes quanto for possivel essa Sentença que todos estão esperando, como hum triunfo da innocencia, hum açoute da calumnia, e a vossa propria gloria!

Tanto bate agoa na rocha
Té que a faz amollecer.
Tanto tocou a *Trombeta*
Té que se fez entender.

Não importa Sr. Serpa Pinto: não se arrependão Srs. Borges Carneiro, e Barreto Feio: deixem desaprovar a justissima Indicação, que o mundo lhes fará justiça, dizendo: " Aquelles tres Deputados quizerão empenhar o Congresso a dar hum bello exemplo ao Povo que está reformando, começando a reforma por si mesmo: não obtiverão, mas mostrárão a sua honra, e desinteresse " mas nem todos lerão o Diario: expliquemo-nos.

Saibão todos os Portuguezes de ambos os hemisferios: saiba o mundo que na Sessão de Cortes de 4 de Fevereiro de 1823 na Cidade e Corte de Lisboa, se levantou o Deputado Alexandre Alberto de Serpa Pinto, e fez huma indicação para que seus Collegas não continuassem a gravar o thesouro publico com ordenados superfluos que recebem, e só achou dous que apoiassem esta justiça, a saber: O Sr. Deputado Manoel Borges Carneiro, e o Sr. Deputado José Victorino Barreto Feio; os quaes se exforçárão, mas debalde, em fazer adoptar huma medida tão necessaria, quanto era conforme com as apregoadas virtudes que naquelle Congresso diariamente se inculcão Porém saibão os Portuguezes, saiba o mundo, que o Congresso se opôz a isto, e disse no fim de tudo: —NÃO HE DE URGENCIA—!!!

Senhor Manoel Borges Carneiro; Eis-aqui para quando eu lhe queria todo o seu fogo, e intrepidez, para fazer retumbar aquellas abobodas com expressões vehementes, que ficassem estampadas por toda a salla! Quando hum de seus Collegas opinou, que para isso não havia necessidade de lei, mas que ficasse ao generoso arbitrio de cada um, V. S.ª certamente senão lembrou no momento de lhe responder: " Ha muito que se espera essa generosidade de que alguns hão dado o exemplo, mas ninguem os teem seguido"

Na verdade, esta he huma daquellas que escandalisão as pedras! Tirar o Congresso a hum empregado duzentos mil reis, por ex., de trezentos que tinha, deixando-lhe apenas cem que não lhe chegão para pão, e não querer tirar nada de seus avultados ordenados, he duro! he escandaloso! Se a necessidade he geral sejão tambem geraes os sacrificios: saha o exemplo donde sahe a reforma. He necessario para o bem publico comer hum pão grosseiro, e beber huma pouca de agoa, faça-se, mas o Congresso que dê o exemplo, e todos o seguirão gostosos; porque Portuguezes teem virtudes a toda a prova, quando he necessario dezenvolvellas, e lhes dão o exemplo. Não os vimos nós no tempo da guerra contra os Francezes, offertarem generozamente ao Estado dinheiro, generos, parelhas, cavallos etc. Não vimos nós as mais illustres, e delicadas de nossas Damas talhando por suas proprias mãos os lençóes de suas camas, em camisas para os deffensores da Patria? Não se diga que os Portuguezes não são capazes de sacrificios! elles o são, talvez mais que outro qualquer Povo; mas he huma vez que estejão todos de boa fé, e que não haja quem intente bigodialos! Nós como vulgarmente se diz, *Não somos Bahú de ninguem*, nem de nós mesmo, o que sentimos vai á rua; por tanto não temos duvida alguma em dizer, que pelo modo que as couzas se hão feito, se for necessario sacrificios publicos, não contem com elles, por que todos se metem em sua caza, sem lhes importar o que vai, nem o que vem.

Por tanto, meus Srs, que não acharão = *urgencia* = na indicação, podem ter a certeza de que a Nação, isto he, os seus Constituintes, não só a achou, e acha urgente, mas urgentissima. E os Srs. que a deffenderão não se arrependão, que nós, os que não somos Deputados, mas que os fazemos, lhes damos os devidos applauzos de que se fizerão merocedores.

Agora venha cá Sr. Diario.

Diga-nos, Sr. Cavalheiro da *Triste Figura*, quando publicou a procedencia da accusação do nosso N.° 16, porque não publicou tãobem, segundo o custume, a improcedencia do N.° 17? Ora que até nestes nadas queira mostrar a sua sordida parcialidade!! Alem de que Sr. da *Triste Figura* V. m. deu como procedente todo o N.° quando só hum pequeno §. foi que o ficou! Que Julga V. m. que faz com isso? que illude o Publico, assim como o illudio no 2 de Junho passado, com a *horroroza e pavoroza Conspiração*? Como se engana! Olhe que elle já sabe a tramoia, a injustiça, a pouca vergonha com que obrigárão o Promotor a fazer a denuncia...

Se V. m. fora imparcial, havia de publicar a verdade; assim como as nullidades que houve na Elleigão do Conselho, que não foi á sorte, como a Lei ordena, dando-se a especiosa cauzal de senão achar lá o rapasinho, que costuma tirar os nomes. Porém assim mesmo não pegou mais que huma *bixa*; e essa bem sabe V. m. com que bulas!

Ora pois, meu *cavalheiro*, não seja tão suvina da verdade, que não gasta nada em a publicar. Nós não lhe queremos o seu *incenso* que nunca foi da *Palestina*, e cheira mais a mortuorio, que a festividade, mas queremos os perfumes da verdade, e extrahidos do thuribulo da Justiça. Vale, meu *cavalheiro*!

AVISOS.

Partecipa-se ao Publico, que todos os honrados individuoos que se dedicarem á profissão = Espiónea = devem marticularse por todo este mez na Aula desta util Sciencia, de que se acha nomeado Lente de prima, *Rodrigo da Fonseca Magalhães* vulgo, o *Dezertor*. Lente de *tercia*, o ex-*Encomendo*, vulgo, o *Poria-Bandeira* do Rocio. Oppositor *Caldas* e *Brito*. Bedel, *Izidoro Francisco Guimarães*.

Tendo-se andado em busca do ex-Paulista de Encommenda por todos os Bêcos da Capital sem que oppareça, para se lhe dar huma Comissão de importancia, se partecipa a quem o encontrar, que o previna para que se habilite a entrar no consurso dos *dez contos de réis*, que se achão, ou vão achar depositados na mão do Ministro da Justiça.

LISBOA: NA IMPRESSÃO LIBERAL. ANNO DE 1823. *Rua Formoza N° 42.*

FEVEREIRO 11. N.° 38.

A Trombeta escutai dos Luzitanos,
E se rouca tocar... tremei Tyrannos.

O Trombeteiro.

A TROMBETA LUZITANA.

A Manobra Infeliz.

Muito infeliz he o nosso Ministerio! e com especialidade o da Justiça! Vendo perseguida, e a cossada de perto, por todos os lados a sua errada conducta, pelos publicos Escriptores; vendo perdidos e desprezados os esforços do seu *Censor*, e do seu *thuribulo*, mete-lhe o démo na cabeça huma manobra tão infeliz, que apenas a deu á execução foi logo descuberta, ridicularisada, e pateada! Vamos a fallar della.

Todos sabem que *Sandoval* pai disse o anno passado nesta Capital cousas peores de nossos *guapissimos Regeneradores*, que *Mafoma* disse do toucinho; e que depois de haver camado sem tom, nem som, e chamado ás armas, que he a base da eloquencia dos *Sandovaes*, quando vio o negocio mal parado foi-se sacudindo para terras estranhas, e deitou ferro em *Badajoz*. Ali se conservava *Sandoval* 1.°, esperando alguma Commissão de *Lisboa*, quando *João da Silva Carvalho*, com outro socio, partirão de *Lisboa* pelo principio de Abril, debaixo do pretexto de huma caçada, e derão com suas personagens naquella Cidade, a tempo que *Sandoval* acabava de se ajustar n'huma imprensa, para publicar um Periodico, que de lá mesmo barbeasse os *guapissimos Regeneradores* em *Lisboa* Porem os dous *caçadores* (ó lá se o são..) que hião munidos de plenos poderes, para obstarem á barbeação, lá benzerão os impressores; e benzedela foi que *Sandoval* achou as imprensas fechadas para os seus escriptos. Mudou pois de paiz, sem que ao certo se saiba para onde, porque este senhor viaja sempre incognito, para não cauzar incomodos.

Sandoval não he qualquer escriptor: he eloquente, nervozo, exacto, e então em honrado não fallemos. Hum Periodico que sabisse agora daquella pena, ou mesmo daquelle nome, a favor dos *guapissimos Regenerantes*, deveria cauzar effeitos prodigiosos em nossos espiritos. Assim aconteceu: e a semana passada foi a memoravel epoca, em que este prodigio veio ao mundo, apparecendo nesta Capital hum Periodico, com o pomposo titulo de = *Defensor Peninsular* = dizendo-se impresso em Badajoz, e assignado como seu auctor = *Candido d'Almeida Sandoval* = Acha-se encabeçado com hum lastimoso arrependimento, por haver commettido em Lisboa o gravissimo peccado de dizer quem erão os *Regeneradores*. Logo abaixo, passa em revista a *Europa* toda, e com hum rapido golpe de mão transporta os *Estados-Unidos* para a Europa, exalta *Wasington* e falla delle com mais conhecimento, do que fallaria de seu filho *João*; salta para

a *Russia*, acha-a só habitada por *Ursos*, *Rhenes*, e *Escravos*, honra *Alexandre* com o titulo de = Tyranno = e depois de opôr á testa de *rebanhos fardodas* conduzidos a *murros e pauladas*; transporta-se á *Alemanha*, reprehende austeramente o Imperador, anima as *Seitas* occultas daquelle Imperio, e opoem-lhe a *Suissa* para o conter nos seus limites e libertar a *Italia*! Em fim reune todas as Potencias *Europeas* a favor de *Portugal*!

"Bravo! - dirão nossos Leitores, o homem he hum *Lince* em politica! E com que rematará elle no fim de tão brilhante revista?" Nós os contentamos: Com huma apologia de mestre ao Ministerio de *Lisboa*, em que os *guapissimos Regenerantes* são incluidos, e tratados de *Pais da Patria*, *Varões Sublimes* etc. pois ao *grão Carvalho*!! isso não fallemos, he o seu *heróe*! aprezenta com elle debruçado n'hum poço, ou precipicio, agarrado a huma *corda*, e puchando a patria para cima como quem pucha hum balde de agoa! Finalmente, nunca os, outrora ludibriados por *Sandoval*, levárão pelas ventas huma tão espéssa incensada como esta que fumega do tal papelinho! Porém entremos no melhor.

Quinta feira passada, 6 do corrente, encontrando-se tres individuos em huma caza desta Capital, a presentou hum delles como novidade fresquinha do dia o miseravel = *Defensor da Liberdade Peninsular* = outro, metendo a mão no bolço disse: *Eu taõ bem tenho que mo deu agora Zé. O terceiro*, aprezentando taõ bem o seu disse: *Amim, mandarão-mo hoje a caza, por hum correio da Secretaria da Justiça.* Com tudo estes Srs., que não são tão *Liberaes* como quem lhos remeteu pensava, fizerão ali mesmo suas observações ao papelinho, que nada vantajosas forão aos heroes delle. Com effeito nesse mesmo dia se distribuio huma immensa quantidade gratuitamente por toda a Cidade, andando publicamente hum correio de Secretaria, a entregallos pelas portas; e dizem que o mesmo Ministro da Justiça, e seu irmão, fizerão muitas offertas delle! Porém os maganões, que não olhão para estas couzas maquinalmente, desconfiárão logo que o papelinho fôra impresso aqui; e passando a fazer as necessarias investigações entrárão no conhecimento da impostura, e souberão que se mandárão dar cem moedas (*duvidamos que dessem tanto*) a Sandoval, para se servirem aqui do seu nome!

Que jogo! Que impostura! Que lastima! Que infelicidade de gente, que logo se lhe descobrem as trapaças! Ora que imaginarião estes mentecaptos? que dissiparião o aborrecimento que se lhes tem, com escriptos em nome de Sandoval, ou delle mesmo?! insensata idêa! miserrima esperança! Ainda quando *Sandoval* fosse na verdade o seu auctor, que outro effeito causaria no Publico senão o da indignação? Não seria isso huma demasiada prova da sua venalidade e pessimo caracter? Eis-aqui como o Ministerio pertende justificar a sua conducta! Eis-aqui com que o Ministro *Carvalho* responde ás diárias queixas que contra elle se estão vendo em todos os papeis, e ouvindo por todas as partes! He desenganar, dali, já não ha outra cousa que esperar, senão ridiculos desta natureza!

Hespanha

Quem poderia esperar que os *fanfarrões Madrilenos* fossem attacados ás suas portas imprevistamente por esses a quem elles chamão = *los serviles*? Na verdade he para admirar que os *liberáes* estivessem com o inimigo a dez legoas de *Madrid* sem saberem de nada! Isto só se pode atribuir ao pouco interesse que elles tomão na causa, fóra das *covas* .... todo o seu liberalismo se acha reconcentrado em hum unico ponto, isto he, na *Caverna*. Em quanto ali se occupavão em pôr, e tirar pedra, proferir discursos, apertar as mãos protestando *morrer ou vencer*, estava, *su fuerte columna* sendo derrotada e *sus canhonhaços prizioneros*!

Esta relação desse acontecimento que contão os Jornaes de *Madrid* não parece ser exacta, e indica occultar-nos acontecimentos de maior importancia. Pois he possivel que mil homens e *servis de mais a mais*, destruissem tão rapidamente huma columna de mil e tantos homens, afugentassem o *famozo Abisbal*, e aterrassem *Madrid*?! *Credat Judeus Apella*: *non ego.*

Outra particularidade, que não podemos deixar de notar, he o silencio que os mesmos Jornaes guardão a respeito das Cortes, do Rei, e do Ministerio! e ver-mos que somente a Camara proclama ao povo de Madrid, dizendo-lhe ao mesmo tempo que não lhe pode cummuni-

car certas noticias *confidenciaes* que tem!! Estas he que provavelmente serião aquellas que melhor podessem esclarecer. Em fim, nós não estamos para aventurar idéas; mas aquellas noticias não nos parecem exactas: ellas virão qualquer dia mais claras, e a verdade apparecerá.

O *Diario* n.° 33 inserio huma carta de hum tal *Joaquim Anastacio de Figueiredo e Veiga*, *bixo* que se não conhece, e que até talvez não exista, em que se achão duas carradas, huma de *asneiras*, e outra de *excellentissimos*. Este sugeito, tendo por objecto incensar bem as ventas do Ministro da Justiça, e dos seus amigos, he tão exacto no que diz, que chama a *Luiz do Rego* Tenente General, e ralha do *Hercules*, porque interrompe o seu silencio. Ora que o Ministro só tenha destes panigiristas! forte lastima! Grita aquelle ignorante contra a *Trombeta*, por deffender a innocencia, e combater os despotas, como se ambos estes deveres não fossem louvaveis em todo o escriptor, que não se aluga, nem vende. Eis-ali as correspondencias do Diario, prompto só para publicar sandices.

Sr. Redactor da Trombeta.

Vendo o annuncio que fizesteis em vosso n.° 33, passo a aproveitar-me delle, rogando-vos o favor de publicar no vosso bom Jornal o seguinte requerimento, que dirigi ao honrado Corregedor do Crime da Corte, Juiz Relator do meu Processo; pelo que vos ficará summamente agradecido este

Vosso mui attento Venerador

Francisco de Alpuim e Menezes.

Illustrissimo Sr.

Diz *Francisco de Alpuim e Menezes*, prezo no Castello de S. *Jorge*, que havendo composto huma Tragedia, denominada = A Ambição = fructo de suas vigilias literarias, de mais de trez annos de trabalho, lhe fôra esta indevidamente arrebatada no mez de Junho do preterito anno de 1822, da Imprensa Liberal, onde se estava imprimindo, pelo Corregedor do Bairro da Rua Nova, *Jozé Joaquim Gerardo de S. Paio* com um manifesto, e escandaloso attaque feito á Lei da Liberdade da Imprensa, associando-a, sem o menor fundamento, ao Processo de huma imaginaria *Conspiração*, de que só elle he sabedor, e despojando desta sorte ao supplicante da sua propriedade, se vê este agora na dura necessidade de recorrer a V. S.ª para que se digne de lhe mandar restituir esta propriedade sua, que pelo direito mais sagrado lhe pertence, e que não tem a menor relação com o supposto crime de que he arguido. Acresce além disto, que o supplicante não tem copia alguma da refferida Tragedia; e estando aquelle unico original arriscado a damnificar-se, ou mesmo perder-se, será esta para o supplicante huma perda, de que ninguem poderá indamnisalo: Por tanto,

P. a V. S.ª, que como Juiz Relator do Processo, se digne mandar-lhe restituir aquelle original, que nada tem com elle. A Justiça o reclama, e o supplicante.

R. M.

COMMUNICADO

O novo Aristoteles

O Perfumador, em prova da Liberdade, em que El-Rei o Sr. D. João VI. actualmente vive produz no N.° o facto de ter Elle hido na noite de 2 do corrente ao theatro Francez.

Perscindindo do abuzo, que se dá ao sentido em que deve tomar-se a suposta *privação de liberdade*, pois quem a argúe refere-se mais aos actos Magestaticos do que aos da vida privada; he de tal natureza o argumento, que delle se pode deduzir huma prova em contrario, porque S. Magestade no tempo antigo, jámais foi a taes Theatros, ou a espectaculos, e funções da natureza daquellas, que prezentemente frequenta. Ora pois reduziremos a forma syllogistica o argumento do Perfumador, a vêr se com essa volta produzirá melhor effeito.

Quem obra, como obrava em tempo de liberdade, ainda obra em liberdade:

Adqui

El-Rei vai aos theatros, vai ás Paradas, vai ás Assembleas, o que não obrava no tempo em que estava no uzo da sua plena liberdade.

Ergo

El-Rei goza de plenissima liberdade!!!

Então he ou não he novo Aristoteles, ou mais que Aristoteles?

Ninguem ignora a zanga, que S. M. teve sempre com Francezes, e com afrancezados de certa classe, em que a desmoralisação he molestia contagioza: e a respeito da Companhia Franceza concorrem circunstancias particulares, que a não ser a extrema generosidade do seu Coração, seria por Elle tratada com nimio desprezo.

Consta com certeza, que esta Companhia entrou em plano politico-regeneratorio, e veio encomendada com a condição de trazer para representar, entre outras peças, as Tragedias de Brutus; e Morte de Cezar. Chegou a pôr em Scena o Brutus no dia 4 de Outubro, isto he no immediato áquelle, em que S. Magestade jurou a Constituição, e foi a primeira vez que os Actores a representarão, porque desde os furores do republicanismo em França, nenhum Theatro da Europa suporta hum Dramma, que consagrado ao odio dos Monarcas e da Realeza, começa por huma falla de Brutus ao Senado, na qual alludindo á expulsão dos Reis de Roma, rompe a Scena com as palavras = *Destructeur de Tyrans etc.* que na tradução portugueza dizem = Senadores, que haveis exterminado a detestavel raça dos Tyrannos = etc.

Graças ao caracter Portuguez! tal representação desagradou geralmente; e nas passagens de maior empenho, apenas foi aplaudida com o grito — bis, bis — pelo Francez Chapuis, e por mui poucos de Portuguezes degenerados (*), de caracter igual ao delle: foi por esta desaprovação desconcertado o plano que se havia traçado.

Parece-nos que o incensador concluiria melhor o seu argumento se dissesse, *S. Magestade de tal sorte defere aos caprichos, gostos, e interesses do seu Ministro Silva Carvalho, que até por comprazelo desceo ao Theatro Francez.*

A não ser o profundo respeito, que dedicamos á Magestade Real, apostariamos a cabeça pela verdade deste raciocinio.

O empenho do Ministro, e de seu digno valido Mr. Chapuis, teve provavelmente dous fins: 1.° armar huma pastilha para o thuribulo; 2.° fornecer á companhia Franceza huma boa apojadura, para suprimento do Carnaval. Por essa razão, debaixo da direcção do *Heróe Chapuinho*, se declararão nos Cartazes caçadas todas as assignaturas, sendo dia de *Caza*, e se taxarão os Camarotes a 3200, e a 800 réis os lugares da Platea.

Parecemos que o Sr. Silva Carvalho, depois de ter doze mil cruzados de ordenado, alem dos pingos, com mais vinte e cinco ultimamente decretados para despezas occultas, deveria pagar as suas particulares obrigações a dinheiro; sem recorrer a especulações indecentes, principalmente com o comprometimento da dignidade Real que tanto mais sagrada lhe deve ser, quanto della está distante. Está distante, sim senhor; quer lho crea quer não; olhe que lho diz

O Trombeta.

(*) Este forasteiro andou ora bem ora mal com o Ministerio, e com a companhia Franceza: neste tempo estava bem com o Ministro Silva seus adibes, e com a comica. Agora he valido do mesmo Ministro, he seu socio na protecção da dita Companhia, e seu sordido apologista, e mercenario detractor dos Constitucionaes nobres e honrados, que não dobrão a cervis ao Despotismo intitulado *liberal*. He producção deste animal abjecto, que ora anda, ora recua, ora dá para as partes, esse miseravel Vaudeville que a sucia Franceza teve o desaforo de pôr em scena em prezença da Real Familia.

AVISO.

O Redactor da Facecia vai publicar uma Carta a S. M. a opinião Publica, sobre a insustentavel accuzação do seu 5.° folheto, na qual desenvolve os motivos que o determinarão a escrever o seu Periodico, a perseguição que este lhe attrahiu, mostra a probabilidade de ter sido a sua ultima accusação fortemente instigada pelo seu jurado inimigo o Ministro Carvalho, e termina examinando os lugares do seu folheto, sobre que poderia fundar-se a accuzação, destruindo os argumentos mais speciosos, que poderião trazer-se para sustenta-la. Achar-se-ha á venda no dia 12 do corrente em diante nas lojas do costume. P. 60 rs.

LISBOA. NA IMPRESSAÒ LIBERAL. ANNO DE 1823. *Rua Formoza N.° 42.*

FEVEREIRO 13. N.° 39.

A Trombeta escutai dos Luzitanos,
E se rouca, tocar... tremei Tyrannos.

O TROMBETEIRO.

A TROMBETA LUZITANA.

O Problema Resolvido.

Pelo Paquete Inglez se receberão as noticias já publicadas nesta Capital de haver S. M. o Rei de França declarado solemnemente na abertura das Cameras, que não sendo compativel com o socego da Europa o actual estado da Hespanha, cem mil Francezes hião entrar no seu territorio para restabelecerem a sua paz domestica. S. M. terminou o seu discurso com estas concludentes palavras: „ Huma vez que " Fernando esteja livre para dar ao seu " Povo as instituições que não pode rece- " ber senão delle, e que se segure a sua " tranquilidade, dissipar-se-hão os justos " receios da França. As hostilidades ces- " sarão desde aquelle momento. Faço, " Senhores, perante vós huma solemne pro- " messa sobre este ponto. "

Eis-aqui as expressões de hum Rei, dos mais illustres do mundo, a quem os enraivados *farrapões*, ou republicanos da França, fizerão atravessar toda a Saboia a pé, como hum infeliz forasteiro, para se evadir a huma morte injusta e afrontosa, que lhe havião decretado, da mesma forma que o fizerão a seu virtuozo, e desgraçado Irmão!!! A' vista dellas ninguem poderá já duvidar de que a Peninsula vai ser entrada, se já o não foi, por hum poderoso exercito, que não gastará muitos dias em chegar a Madrid. Sim a Hespanha acha-se n'huma desorganisação tal, que não tem hum só corpo de exercito que possa oppôr a seus inimigos interiores, e muito menos a cem mil Francezes. Isto ainda mais se conhece quando vemos que dous mil e tantos guerrilheiros chegárão impunes, á poucos dias, ás portas de Madrid, e a fizerão alvorotar.

Se a Espanha, interessada sómente em fazer refórmas radicaes, e intempestivas, sem lhe importar hum futuro ameaçador, tivera reforçado seus exercitos, e disposto de antemão os necessarios meios para sustentar suas novas instituições, entraria hoje honrozamente em campo para arrostar os aggressores. Porém ella cuidou mais em se destruir, e anniquillar a si propria, que em fazer interessar os povos n'huma cauza, que só por vontade delles se poderia conservar. Agora pódem conhecer aquelles que tanto se hão obstinado em prosseguir n'huma marcha errada, contra a vontade geral dos Povos, quanto ella he desordenada, e incapaz de os conduzir tranquillamente a esse estado feliz, que tanto se lhes afiançava, e que elles de boa fé appetecião.

Não podemos com tudo deixar de notar o silencio que a França, bem como as de mais Potencias Alliadas, hão guardado a respeito de Portugal; o que não podemos attribuir senão a sentimentos pacificos

para com hum povo, que tem sabido por huma conducta circunspecta e moderada, sustentar a sua paz interna, e dando o brilhante exemplo ao mundo de não haver feito verter huma só gota de seu sangue, na mudança de Governo que adoptou; acontecimento este, talvez unico na historia das revoluções, e que he por si só bastante para tecer o seu mais completo elogio. He por tanto de presumir que não ha vistas algumas hostis contra nós: a have-las, Potencias tão poderosas se haverião declarado. Se com tudo Portugal desprezar de alguma maneira os seus naturaes interesses, para se empenhar n'huma contenda em que as Potencias não pertendem involve-lo, ellas o tomarão certamente como huma declaração hostil, e voltando contra nós as suas armas destruirão a cauza que nos instigar a hum tal procedimento. Nós podemos conservar-nos, mas he necessario ter circunspecção, e prudencia.

A' vista desta final resolução da França, os falsos politicos voltão suas amedrontadas vistas para Inglaterra; e a esperança nas deliberações do Parlamento, que devia abrir-se no dia 4 do corrente, alimenta ainda suas espectações. Porém, quanto he illuzoria huma tal esperança! A politica da Inglaterra he assás conhecida para que haja de passar por interpretações; a sua deliberação está difinitivamente tomada, ha mais de hum anno: e ella não será capaz, por todos os principios, de altora-la. Se estes tivessem dado uma seria attenção ao modo porque ella se ha conduzido desde 1820, não lhes poderia restar a menor dúvida sobre o partido que tomaria, no cazo de huma invazão na Peninsula. Os seus tractados para com ella a não ligão por principio algum a interesses posteriores com os quaes, a não estar em contradicção, lhes são pelo menos desconhecidos: ella o manifestou já, bem cathegoricamente.

Como pois esperar que a Inglaterra se declarasse abertamente a favor de huma cauza que ella ainda não pôde reconhecer? Como esperar que ella se divorceasse das primeiras Potencias continentaes, a quem por tractados, e interesses se acha intimamente ligada? Como esperar que ella espose um simples partido, e se declare contra a Europa inteira? Não nos illudamos com tão fantasticas esperanças; a Inglaterra vai representar nesta contenda a mais rigorosa neutralidade; e os tractados anterioros, subsistentes, formarão a inalteravel regra da sua conducta. A Peninsula não deve pois contar com outros recursos, que não sejão aquelles que dentro em si mesma possa encontrar: o tempo depressa o mostrará.

—— * ——

A Regencia.

A Sessão de Cortes de 8 do corrente foi huma das mais admiraveis que em ambas as Legislaturas se tem feito, pelo debate que houve ácerca da Regencia nomeada para o Brazil, ou mais exacto, para a Bahia. O Artigo 128 da Constituição determina que haja no Brazil huma delegação do Poder Executivo, nomeada pelo Rei. Creou-se por tanto esta delegação, que devia acompanhar a expedição para a Bahia; porém o Ministerio, por seus altos juizos acentou depois que a não devia mandar, sem com tudo consultar a opinião do Congresso, nem lho dar a saber.

Nós não pertendendo examinar se o Ministerio tem, ou não motivos plausiveis para assim obrar, não podemos deixar de extranhar-lhe huma tão reprehensivel falta, de que nada o pode desculpar. Mas o que ainda mais nos admira, he que houvesse no Congresso quem ousasse metter em duvida, e deffender, a conducta do Ministerio! Que homem de senso commum, a não estar inteiramente annexado ao Ministerio, poderia avançar que o Governo tinha auctoridade para dispensar a hida da Regencia para o Brazil, se ella está ordenada expressamente na Constituição? Quem haveria que duvidasse de que este negocio he privativo do Poder Legislativo? Pois não foi só hum, nem dous que assim o julgárão no Congresso! Sendo hum destes, e o mais notavel, o Sr. *Moura*. Este Deputado he o mais cego devoto do Ministerio, que talvez em todas as Assembléas Legislativas se tem visto. E como não ha-de elle se-lo, se está sendo a parte mais essencial delle?! Se todos os arranjos, e arranginhos, são feitos por sua omnisciente intervenção? Quantas vezes responde o *bom Carvalho* a alguem: *Deixe-me fallar com o Moura, e eu lhe darei a resposta*!! Ora quem possue hum amigo destes, ou antes hum mina destas, não deve desprezar huma duzia de Constituições, quanto mais huma?! e huma que já está esburacada! Com effeito, o Congresso deu na naquella Sessão huma bella prova do seu af-

ferro á Constituição! e não menos do conhecimento de suas atribuições! Agora já não pode entrar em duvida se no Governo reside tãobem hum bom *pedaço* de poder Legislativo: o Congresso acaba de o confirmar. Agora tudo correrá bem no Ministerio, porque já pode dizer: *Fiat Lux*, e logo *Lux facta erit*. Bravissimo! isto vai huma maravilha! não ha nada melhor: o cazo he que dure.

Isto será crivel.

Na Sessão de Cortes de 10 do corrente fez o Sr. Deputado Moura huma indicação, prevenindo o Congresso de que a França vai mandar cem mil homens á Hespanha, e que he por tanto necessario tomar-mos já as medidas necessarias para lhes resistirmos, fazendo cauza commum com a Hespanha, e fallando da falta de meios que temos para isso, observou que temos hum grande *deficit*, que o erario está pobre, que o Povo geme, que o comercio está aflicto, e por tanto „ Vamos, *disse elle*, ás Classes ricas, estereis, e priviligiadas: os que até aqui teem vivido do privilegio, he que devem fornecer para as despezas que nos são necessarias. "

Eis-aqui os principios de Justiça de que este Deputado está animado, e taes são os meios de que elle se lembra n'um momento de crise!! Eis-aqui em fim como pertende interessar a Nação na deffeza de sua liberdade! Ninguem pode ignorar que similhantes recursos, são mais hum acto de desesperação para chamar sobre os Povos todo o genero de calamidades, que huma medida analoga a defendelos. Foi hum igual procedimento que abismou a França n'um pelago de desgraças, de que ainda hoje infelizmente se acha ressentida. Quando o Sr. Moura falla de privilegios, e priviligiados, para sobre elles descarregar as suas iras, parece que já se não lembra de que similhantes privilegios já não existem, por que as Cortes Constituintes os derribárão: então como quer despojar os particulares, ou classes ricas, a titulo de priviligiadas, se já o não são? Será porque o forão? então temos o peccado de Adão! Para que uza o Sr. Moura de hum tão futil, e desarrasoado pretexto? era melhor franquear o seu coração, e diser: *onde quer que existir dinheiro, lá o devemos ir buscar por força ou por vontade.* Este he que he o modo de pensar do Sr. *Moura*, e por tanto devia explicar-se; porque essa rectidão e justiça constitucionaes que o animão, já nós lhe conhecemos ha muito tempo. Mas o Sr. Moura ainda lhe escapou o melhor, que foi requerer logo ao Congresso que supprimisse a Constituição, e condemnasse a garrote a Liberdade da Imprensa: porém confiamos em que assim aconteça com a possivel brevidade, para tudo se fazer melhor.

O Sr. *Borges Carneiro* tãobem se distinguio nesta discussão, segundo o seu louvavel costume, e deitou a barra adiante do Sr. *Moura* pedindo que se suspendesse o =*habeas corpus*=, e que se creasse hum *Directorio Executivo*, ou cousa que se se lhe assemelhasse. Isto he que he ser *liberal* nos ossos, e constitucional atéqui! Pois o que tem faltado para completar a nossa felicidade he hum *Directorio* copiado á letra daquelle que fez a fortuna da França no tempo dos barretes vermelhos! Oh! Sr. *Borges Carneiro*, aquillo he que era tempo! só então he que se virão bem desenvolvidas as virtudes liberaes. Venha, venha esse Directorio completar nossa ventura. Para o proximo numero fallaremos com mais vagar neste assumpto.

Carta familiar de hum Serrano escripta a hum seu amigo para esta Cidade.

Amigo Zé. Estimarei que estas duas regras te achem de saude, em companhia da comadre, e dos rapazes, que já hão de estar taludos, benza-os Deos, que se sahirem ao pai, ou ao tio Padre João hão de ser huns mocetões feros.

Nós todos por cá nos agoniamos muito com a morte de tua mãi, que Deos tenha; todos os dias fallava em ti, e rezava muito a Santo Antonio para que te deparasse bem; poucos dias antes de Deos a levar disse ella a teu primo Capador que lhe armasse hum burro para hir aos poucos com a Maria fazer-te huma visita, e ver essa Cidade que tu governas; mas cá o nosso Cura disse que não, porque tu não querias lá gente da terra, porque já estavas fidalgo á Constrição. Mas como hia dizendo, a senhora Thereza, Deos lhe falle, antes de espichar me mandou chamar para tomar conta da caza; eu cá fiz como para ti, e aventei com todos os ferros velhos, porque ninguem os queria comprar,

pois, diz que veio agora huma orde para se não vender nem comprar ferros velhos, o que não foi bom para ti, que inda podias fazer algum vintem, nós muitos que cá tens; mas tu não precizas, que diz que estás muito rico, com a nossa Constrição, que louvado seja o Senhor sempre foi cousa boa para a nossa gente, que já por cá nos tirão o chapeo, e nos chamão por senhor; só o démo do Frade me chama ainda por tu, quando lhe vou pedir o concerto das cassarollas. Mas como hia dizendo, a tua velha, chame-a Deos, sempre estava com o seu Zé na boca, dizendo que inda havia de ser algum princepe, ou morgado, para tirar a chibança cá ao nosso Capitão-mor que faz muito escarneo de ti, e de nós todos, e que nunca havemos de passar de huns miseraveis serranos, e que tu havias de tornar como dantes á tua assorda de alho; eu estive para lhe aventar com o cajado o espinhaço, porque agora diz que já somos todos huns. O almocreve cá deo com os papeis de letra redonda, o nosso Cura he quem lê e diz que tudo está bom, mas que se falla em guerras para môr da Constrição, e o Capitão-mór folga com isso, e só sabe dizer que todos hão de tornar ao que erão dantes. Se isso assim he Zé, cuida em alforjar o que poderes, e mais a comadre, e o Padre João, para não sahir certo o que anda dizendo este papa-lombos. O almocreve diz por cá á calada que todos arrenegão de ti nessa Cidade, e que te chamão o *Zé do chapelorio* e outros o *Zé dentista*; em fim, anda por cá a espalhar que tu és hum asneirão, que não tens habilidade se não pra patusco, mas por cá não se sabe que démo he isso de patusco; o nosso Cura diz que lhe parece que he cousa que cheira a garoto, ou por ahi algures, e o cão do Capitão-mór ri-se muito, e diz que tudo he huma comedia em que tu fazes de palhaço com o teu chapelorio, e tudo he dizer que não tardas a ser o que eras dantes, e que inda te ha de ver aqui a fazeres ferrage para os carros da freguezia: longe vá o agouro porque tu sempre és Sr. Doutor. Tambem por cá diz o almocreve que tu tens lá por essas terras muito má a nomeada pra môr de um relatorio, e de um plaino que hum Mouro te ajudou a fazer para aperrear o Povo, e que tu e mais o tal Mouro sois dous magarefes de contas, que nem mereceis o pão de Deos.

O Cura por cá lê ás vezes, quando chega o almocreve, as cousas que diz teu irmão o P. João, quando está a fallar com essa gente, mais diz que não tem graça nenhuma, e que ainda he toleirão como era dantes; eu não posso dizer nada, por que os não entendo, mas sempre me parece por o que diz o Cura, que elle tem alguma cousa de asno, com perdão de quem me ouve. Tão bem diz o Almocreve que tu já móres em casa do sobrado, e que a comadre anda muito aceada e de carroage, feita alguem, e que até ha quem lhe faça visitas, sem ser das da sua egualha. O' Zé, ólha que sempre foi boa a tal armadilha da Constrição, senão ainda vós ambos estarieis como ha tres annos a passar miserias, e sem ninguem vos conhecer: Deos tenha no Ceo aquelle barqueiro que te fez gente, e que te deo lugar na barcada que foi para ahi: Eu com a tua ajuda, e da comadre tão bem espero ainda vir a ser alguem; o diabo he não saber lêr, nem a minha companheira: mas assigno bem de cruz, o que diz o almocreve he bastante para ser ahi hum grande governo contriçonal; eu cá vou gritando, como tu me dizes, viva a constrição, mas nem por isso perco o meu tempo, porque o faço ao som das marteladas que dou nas caldeiras, e o mesmo faz a minha Costodia fiando a lam das ovelhas de tuas irmãs; ella diz que ainda ha de ter Dom, e incellencia e andar de cintas curtas como a tua: elle tudo póde ser depois que tu tivestes essa fortuna, e nós que somos parentes havemos de nos querer huns aos outros.

Em quanto á herança que tua mãi te deixou aqui te remetto o rol de tudo para minha estifação. Hum espeto de páo: meia arroba de ferro em bruto como tu, sabias: duas eixadas velhas, das quaes serivio huma para a defunta, que Deos tenha: Dous pares de folles, huns velhos, que erão de teu pai, e outros em bom uzo, com que teu irmão trabalhava: Dous milheiros de prégo sem cabeça como tu has de vir a ser em breve informado: Duas trolhas, huma tua, outra de teu irmão crelgo: Duas picaretas, dous compassos e dous triangulos. Como por lá não ha mister destas ferramentas por isso tas não mando pelo almocreve; mas se quizeres reduzirei tudo a solas boas, de que has de ter muita persição. Ora dá muitas vezitas á comadre, e ao P. João, e tratai de ir aprompantando a trouxa, que he o que vos recommenda mais este vosso primo

André Caldeira.

LISBOA. NA IMPRESSAÒ LIBERAL. ANNO DE 1823. *Rua Formoza N.° 42.*

FEVEREIRO 15. N.° 40.

A Trombeta escutai dos Luzitanos,
E se rouca tocar... tremei Tyrannos.

O TROMBETEIRO.

A TROMBETA LUZITANA.

Prometido he devido.

He nas grandes crises politicas que se vê melhor desenvolvido o espirito, e caracter daquelles que se achão á testa dos Governos. Isto he geral por toda a parte, e he o que nós acabamos de experimentar na Sessão de Cortes de 10 do corrente, de que já em nosso passado N.° dissemos alguma couza.

Esta Sessão foi huma das mais contradictorias com os principios estabelecidos, que no Congresso se tem feito. O Sr. *Moura*, auctor de huma indicação, que faz arripiar as carnes, deu nella a mais terrivel prova do espirito que o anima. Prescindindo por agora da precipitação com que se quer chamar sobre Portugal o ódio de huma Potencia, com quem nos achamos em harmonia, e que hum só passo, ou palavra não tem dado a nosso respeito, nos limitaremos a fallar da indicação, e de sua doutrina. Dous são os principios em que o Sr. *Moura* firma a sua indicação: o 1.° despojar todas as classes que forão privilegiadas dos bens que possuem: e 2.° dar-se huma auctoridade illimitada ao Governo, com o fim de riprimir os inimigos internos. Em quanto ao primeiro, nada póde haver de mais atróz, injusto e tyrannico; porque além desses privilegios não existirem já, que crime cometerão essas classes para serem despojadas do que possuem, e não o serem as outras? Não he isso mesmo hum privilegio, e hum privilegio mais odioso que todos os outros? Só porque essas classes forão privilegiadas se ha de fazer pezar sobre ellas todos os recursos, e sacrificios que exigir a defeza da cauza publica? He com effeito levar muito longe o ódio e a raiva que lhes tem!! Isto até parece incrivel que se proferisse em huma Nação, que ainda não geme victima dos mais negros horrores da annarquia. Que malles, que horriveis malles não póde acarrear sobre nós huma tão subversiva doutrina?! Se essa frenetica medida se adoptasse, nós o avançamos com firmeza, veria-mos renovadas em Portugal as scenas de carniceria e de horror que dilacerárão a desgraçada França. O pobre, o criminoso, o assassino se julgarião tãobem com igual direito de roubar e assassinar o rico em nome da Patria! ou dos privilegios!! Alem de que, sr. *Moura*, não forão esses privilegios concedidos per quem podia concedellos? Não forão elles possuidos na maior boa fé do mundo? Então para que propõe que se despojem esses homens dos seus bens, só porque forão privilegiados? Ah! Sr. *Moura*, nunca os Portuguezes se enganárão com a sua pessoa, e com outros de similhante moral!...

Em quanto ao segundo principio, que he, auctorisar o Governo, isto he, o seu a-

amigo e socio Ministro da Justiça, para reprimir os inimigos internos, he tão tyranico, e subversivo, como o primeiro. Aonde estão esses inimigos internos? Aonde existem essas facções ou esses partidos declarados? Aonde se manifestou a sedição para fallar tão arrojada, e imprudentemente de inimigos internos? Cite, cite Sr. *Moura*, huma só sedicção que se tenha manifestado no Reino? Mas para que nos cançamos nós em combater hum absurdo tão conhecido como detestavel! Elle não pode ter por objecto, senão o dezejo de descarregar sobre a Nação todo o pezo da tyrannia, e saciar a devoradora sêde das vinganças!! Nós temos visto atégora, com espanto do mundo, a Nação submissa e dócil, receber a nova Lei que se lhe deu, sem que a mais insignificante de suas povoações tenha recuzado recebela, nem mesmo indirectamente. Nós vemos continuamente cheios esses Jornaes do Reino de relações de festevidades, com que os Povos por toda a parte solemnisão as suas novas instituições, e os seus anniversarios! E he este Povo a quem se trata de inimigo interno, como se se achasse em manifesta rebellião, unico cazo em que pode perder o direito da sua segurança individual, o maior dos thezoiros que possue, e que ainda ha trez mezes lhe foi solemnemente afiançado?! He assim que se lhe remunera a constancia heroica com que tem recebido as reformas, e os impulsos de hum genero de Governo que lhe era estranho, e quazi disconhecido?! He este o digno exemplo que se lhe dá da Justiça e suavidade que se lhe tem inculcado caracterisar este systema de Governo?! He assim finalmente que se lhe pertende inspirar o amor a elle, o patriotismo, e os sacrificios?!!

Estes dous principios são na verdade a mais indigna afronta que se podia fazer a hum tal Povo! Se o Congresso, ou o Governo, instigados por alguns remorsos, receia ter inimigos, será acazo bastante esse receio para querer oprimir o todo pela parte?! Se alguem houver que intente perturbar a paz publica, as Leis estabelecidas são bastantes para o punir, e conservar a ordem. Medidas de tal natureza, quando são intempestivamente adoptadas, costumão sempre ser fatáes, e produzem nos Estados o mesmo effeito, que os remedios heroicos nos corpos fizicos, quando são mal aplicados. A historia dos povos livres nos offerece continuados exemplos desta verdade, que a não serem cegamente desprezados, nos poderão servir de guia, para nos não despenhar-mos, nas desgraças que os afligirão! Se para conservar a liberdade fosse necessarios estabelecer tyrannia, quem quereria similhante liberdade? Os Deputados que fallárão naquella Sessão, com particularidade os Srs. *Moura e Borges Carneiro*, derão a entender á Nação que a considerão como inimiga, e que he della que mais se receião, que dos mesmos cem mil Francezes! dando tãobem a demonstrar, que a hão de tratar como tal! Isto não he já senão huma desesperação, aguilhoada pelos remorsos! Estes Srs. ignorão, ou fingem ignorar, que quanto mais violentas forem as medidas que adoptarem, tanto maiores serão as difficuldades que hão de encontrar para interessarem os povos na deffeza da cauza.

E que diremos da lembrança do Sr. *Borges Carneiro*, para se crear hum *Directorio Executivo*? Ella merece ou muito desprezo, ou muita indignação. Hum *Directorio Executivo* em hum governo Monarchico-Constitucional, he absurdo de que ainda até hoje ninguem se havia lembrado; e por tanto, ou elle foi motivado por huma crassa ignorancia, ou por huma refinada maldade. O seu auctor, certamente se persuadio que Portugal estava no mesmo horrivel estado em que se achava a França, quando creou esse *Directorio*! E que bens não tirou ella delle? aquelles que todos sabem, e cuja lembrança ainda hoje afflige a humanidade. Eis-aqui porque a muita gente se teem feito suspeitozas as intenções daquelles que mais influentes se hão mostrado nesta nova ordem de cousas! e estas suspeitas hão tomado hum tão poderozo ascendente sobre seus espiritos, que duvidamos de que a mais sincera, e regular conducta, adoptada agora, fosse capaz de lhas desvanecer por hum momento.

O Sr. *Moura* tãobem propôz se seria necessario levantar mais 20, ou 25 batalhões de tropas ligeiras, álem da força militar que as Cortes fixárão. Que he necessario, e até muitos mais, não pode entrar em duvida; porque quanto maior fosse a força que apresentasse-mos em campo, tanto melhor defenderemos a cauza. Porém a difficuldade toda está nos meios que são precisos para crear esses Corpos. Nós infelizmente não temos nenhuns: principia logo pela falta de homens, porque ninguem ignora que a mocidade dos campos

anda fugitiva desde que se fallou em recrutamento, e que alguns que existem, só á força poderão ser conduzidos ás fileiras; depois a falta de dinheiro para se lhes pagar, porque se atequi o não havia para se satisfazer a meia duzia de soldados que temos, como o haveria para hum numeroso exercito? Só se ha quem se persuada de que a indicação do Sr. *Moura*, e as vesearias do Sr. *Borges Carneiro*, para se roubar o dinheiro a quem o tiver, se póde effeituar: agora acresce a limpeza em que se achão os arsenáes, como ha pouco os Ministros informárão o Congresso. Não se perca pois o tempo em debates estereis: se os meios existem levante-se essa força, se não existem, he melhor empregar o tempo em outro objecto mais proveitoso.

Nós, cá em nosso particular, nada tememos, porque estamos esperançado na profecia do Sr. *Borges Carneiro*, e já de alguns outros profetas, de que os Francezes logo que entrem em Hespanha, farão causa comum com nossos soldados, e hirão todos de braço dado dar constituições aos Povos, por esse mundo de Christo, desfazendo-se ao mesmo tempo de quantos Reis, e aristocratas houver no mundo habitado!! Oh! isso não tem duvida, escusão de tomar outras providencias: descancem que hão de ser servidos.

INGLATERRA.]

O Saint-James-Cronicle, *Jornal de Londres, traz a seguinte carta que S. M. a Rainha de Portugal, dirigio ao Rei, Seu Augusto Esposo.*

Senhor. = Recebi esta noute pelas mãos dos Vossos Ministros hum Decreto para deixar o vosso Reino. He pois para me mandar desterrada que V. M. me me obriga a descer do throno a que me chamou. De todo o meu coração Vos perdôo, e me compadeço de V. M. Todo o meu desprezo, e aversão, ficará reservado para os que vos rodeão, e que vos enganão. Na terra do desterro eu serei mais livre, que V. M. em Vosso Palacio. Eu levo comigo a Liberdade; o Meu coração não está escravisado; Elle já mais curvou diante de altivos subditos que teem ousado impor leis a V. M. e que querem forçar Minha consciencia a dar hum juramento que ella desaprovava. Eu nunca cedi ás suas ameaças. Obedeço unicamente á vóz do Ceo, que me diz que, se o tempo da minha Grandeza passou, o da minha Gloria he chegado, porque de mim se dirá: " A Rainha guardou inviolada a dignidade do Diadema, não deixou se manchasse o seu esplendor; e quando testas coroadas, que impunharão o Sceptro e a Espada, sucumbirão Ella se manteve firme e impavida „ = Como Espoza submissa, Eu Vos obedecerei; Senhor; mas obedecerei unicamente a V. M. e só a V. M. direi, que o meu padecimento, e o rigor da estação, tornão no momento actual, impossivel a minha partida. Ainda não exigirão de Vós *o Decreto da minha morte.* Em breve partirei: mas onde dirigirei meus passos para achar hum azilo socegado? A minha patria, como a vossa veio a ser victima do espirito de revolução. Meu Irmão, como V. M. he hum captivo coroado, e em vão sua joven Espoza requer o privilegio de se lamentar comigo em algum pio retiro. V. M. me não recuzará a companhia de Minhas Filhas. Entre as Leis que se Vos impõe, nenhuma ha que separe os filhos de suas mãis; e ainda que os Meus Direitos como Rainha não sejão reconhecidos, os de mãi serão talvez respeitados.

Ao aproximar-se a primavera deixarei o Vosso Reino, a terra aonde reinei, e aonde fiz algum bem. Hirei e parteciparei dos perigos de Meu Irmão. Eu lhe direi: não poderão dobrar a Minha resolução; estou em desterro, mas a Minha consciencia está pura, pois Me lembro do sangue que corre nas Minhas veias. Adeos! Senhor; Eu vos deixo, idoso e enfermo, sobre hum throno vacilante. Ao separar-me de V. M. he grande a Minha mágoa. Vosso Filho não está com-Vosco, e os malevolos poem entre Vós huma barreira maior que o mar. Pende de Vossas Cans huma Coroa maculada. Ah! queira aquelle Senhor, que reina sobre os Reis, vigiar sobre V. M., e confundir Vossos inimigos. Onde quer que existir a Esposa que Vós desterraes, ha de orar por V. M. Ella pedirá a Deos Vos conceda larga vida: e ao paiz de que he lançada fóra, felicidade e paz.

A Rainha.

Lá vai outra.

As lembranças felices despertão outras.

Foi o que nós vimos na Sessão de Cortes de 12 do corrente, em que o Sr. *Macedo Coutinho* inflamado com a indicação do Sr. *Mouro*, aprezentou outra, para fazer com ella hum bem ajustado dueto. Nós não nos podemos dispensar de a transcrever, para ser a todos bem patente, e mesmo para honra de seu auctor: he como se segue.

1.° Todos os Commendadores das quatro ordens militares entregaráõ no Thezouro Publico tres partes (1) do rendimento liquido das Commendasque estão gozando.

2.° Todas as Corporações Ecclezias-ticas Regulares de ambos os sexos entregaráo no Thesoiro Publico trez partes de todas as rendas liquidas.

3.° Os Bispos e Arcebispos entregaráõ no Thezouro Publico tudo o que excéder de suas rendas a 4:000$.

4.° Todos os Conegos, e Dignidades de quaesquer Cabidos, ou Collegiadas entregaráõ no Thesouro Publico duas partes das suas rendas.

5.° Todo o rendimento das Commendas, que actualmente se achão nas mãos dos *aulicos Portuguezes*, reverterá ao Thesouro Publico, *seja qualquer o motivo porque lhe forão dadas*, porque nenhum he mais privilegiado do que o de salvar a Patria.

6.° Todo o proprietario, e todo o comerciante fica obrigado a pagar duas decimas.

7.° Todo o empregado publico que tiver de ordenado hum conto de réis, pagará duas decimas.

8.° Este decreto terá prompta, e activa execução, em quanto as Cortes não mandarem o contrario.

Então que dizem nossos Leitores ao da rabeca? Não achão isto muito rasoavel? não achão que he hum dos bens que vamos principiando a gosar nesta nova ordem de cousas? Vinde cá, *desafectos*, desisti da vossa *corcundice*, arrependei-vos á vista desta suavissima, e constitucionalissima felicidade que hum de vossos Representantes vos prepara! Vêde que preciosos bens vos esperão! E Sêreis tão ingratos, e tão freneticos que ainda vos não capaciteis de que este he o reinado da Justiça, da Equidade e da Luz: abri os olhos, recebei a luz, e detestai vossos erros!

Com effeito, viva o Sr. *Macedo Coutinho*. De que terra será este *bemfeitor*, que lhe queriamos fazer huma apóstrofe e trondosa por haver dado á luz este portento constitucional? Ora permitão nossos Leitores, que apartando-nos hum pouco do objecto, repitamos aqui as pomposas promessas que os directores do systema nos tem feito.

„ A nossa passada Grandeza vai renascer: Portugal vai ser felicissimo! debaixo do imperio da Lei! O direito da propriedade, que esse *despotico*, *tyrannico*, e *prepotente governo absoluto* tinha violado, vai ser sagrado para o Cidadão. A industria, o commercio, as artes, as manufacturas tudo vai prosperar: cada hum vivirá ao abrigo da Lei, sem receio de que lhe arrebatem o pão que o sustenta: todos seremos felices, todos gosaremos as doçuras paternaes do abençoado systema constitucional, *que felizmente nos rege*: a abundancia, e a alegria vão derramar-se sobre os nossos *narizes*! tudo rico, tudo feliz!

Taes forão as amorozas expressões com que nos embalárão os miolos, e que muitos patólas engolirão antes de lhe tomar o gosto; porém os matreiros, que lombrigão ao longe, e que não ignórão esta tactica, quanto mais vião uzar della, mais hião apertando o facto ao corpo, antes que por arte magica se achassem sem elle. Houve tal menino, que logo que entrou a ouvir repisar muito na garantia do = Direito de Propriedade = tratou de vender logo quanto tinha, reduzindo tudo a moeda corrente e pondo-a a salvo, para o que desse, e viesse. Longe de nós o fazer a menor analyse á indicação: tudo quanto podesse-mos dizer não era capáz de expressar tanto, como ella só por si expressa. Pois se for aprovada, como piamente devemos crer, então he que fica obra completa! então he que nós ficamos bem regenerados Assim o esperamos, para que se completo *a obra*.

(1) que tal foi a pressa com que fez a indicação, que nem lhe lembrou especificar a divisão! tres partes mas de quantas?

AVISO.

Hum novo e desusado instrumento vai enriquecer a Orquestra Periodica (fraze do thoribulo) que será huma Sega-rega. Os amantes da Muzica não desgostaráõ da sua melodia tocará peças de novo gosto, que terão por motivo os defeitos que se teem commetido no andamento do actual systema, principiando da Regeneração de 24 de Agosto; o Ministerio particularmente dará lugar a mais frequentes Improvisos, entrando em Scena hum heróe, cuja mascara já começa a despegar-se. Sahirá nas quartas feiras e Sabbados de cada semana, principiando no dia 15 do corrente, se achará á venda em todas as lojas do costume a 60 rs. e na de Antonio Manoel Policarpo Rua dos Capelistas, e de A. X. do Valle Largo do Poleirinho. Em Belem na da Viuva Thiburcio.

LISBOA. NA IMPRESSAÕ LIBERAL. ANNO DE 1823. *Rua Formoza N.° 42.*

FEVEREIRO 18. N.° 41

A Trombeta escutai dos Luzitanos,
E se rouca tocar... tremei Tyrannos.

O Trombeteiro.

A TROMBETA LUZITANA.

Prudencia! Resignação!

A marcha dos publicos negocios, o estado da agitação publica, os discursos de homens influentes no Congresso, e no Governo, tudo nos demonstra hoje que nos achamos chegados a huma crise, tão dificil de equilibrar-se, como facil em precipitar-nos. Desde a virificação da guerra, que hum partido occulto labora incessantemente em reunir, e amalgamar os terriveis combustiveis para huma explosão espantosa! A guerra declarou-se em *París*, porém as hostilidades já principião a romper-se em *Lisboa*! A verdadeira causa da Constituição acha-se abandonada por aquelles mesmos que mais interessados devião ser em defendella. Espantados da enormidade da empreza, já começão a lançar mão de recursos desesperados; e á maneira do delirante, na exaltação da febre, correm obstinados a lançar-se no lago mortal da anarquia! A precipitação he infallivel! Porém nós ainda temos a oppôr-lhe huma poderosa barreira: O Caracter Portuguez. Sim, he elle quem nos hade salvar: nunca invilecido, nunca soçobrado, elle tem sabido triunfar em todos os tempos de seus maiores revezes: a prudencia e a honra forão sempre seus guias, e continuarão a ser hoje o seu Norte.

Sim, Portuguezes, he nos melindrosos lances que melhor resplandessem as virtudes de hum Povo: he quando elle atrahe a admiração, ou a execração do mundo: Vós sempre merecesteis aquella, e desconhecesteis esta; não o duvideis. Abri, nós vo-lo rogamos, abri a Historia, e vêde a differença que faz a dos demais povos da vossa. N'uma achareis uma continuada serie de desgraças, e de horrores; vereis as suas instituições seladas todas com sangue, derramado por longos annos, e quasi sempre inutilmente; a cada pagina vosso coração estremecerá, e um natural enternecimento as humedecerá com vossas lagrimas. Mas na vossa não vereis mais que um relatorio de triunfos, esmaltados por todas as mais heroicas virtudes, de que os homens são susceptiveis. E seria hoje que um cégo furor, instigado pelas Furias infernaes, ousasse imprimir-lhe uma mancha abominavel que seiscentos annos não podérão lançar-lhe? Não, Portuguezes, (quanto he grande este Nome) a vossa historia levará mais este prodigio de heroismo, e de grandeza á admiração das gerações futuras! Apparecendo imaculada atravéz da multidão dos seculos, ella fulgurará mais brilhante com o radioso luzeiro de 1823.

Fechai vossos ouvidos a toda a provocação, com que pertendem tentar vossa constancia para vos despenharem no abysmo de todos os males; resignai-vos a todo o genero de sacrificios, com preferencia á menor das desordens publicas; o vosso bem,

a vossa salvação são quem de vós imperiosamente o exige. Ah! imitai, imitai o immortal exemplo desse magnanimo Rei, votado de todo o seu coração á salvação do seu povo; até que o supremo Arbitro do Universo, coroando vossos exforços, e compensando vossa constancia, vos abra as portas da felicidade, e vos faça entrar no seio da paz, de que já estaes tão proximos. Eia, constancia! não desanimeis no ultimo momento! Obedecei ás Leis, respeitai as Auctoridades existentes, e sereis salvos!

(O Redactor.)

Jornalistas!

Campeões illustres da Liberdade da vossa Patria! He chegado o tempo em que ella, mais do que nunca, depende de vós. Se atéqui haveis pugnado pelos seus direitos, e dignidade, agora o deveis fazer pela sua salvação, e segurança. Ella acha-se em perigo, vós o sabeis melhor do que nós; a vós compete pois defendela: ella vo-lo implora, lançando sobre vós seus amargurados olhos! O que ella no campo exige do valor, hoje aflicta em seus lares o exora da prudencia. Não sejão pois as vossas pennas os punhaes que a assassinem. Prégai o socego, a resignação, e união de vontades.

Atégora, todos nós nos havemos cançado em combater a errada conducta de homens obstinados em levar ávante seus criminosos caprichos, para fazerem sua particular fortuna, e cevarem sua ambição: nada temos podido conseguir delles: mas havemos cumprido nossos primeiros deveres; e por toda a parte onde habitar a Justiça, nós receberemos aplausos. Se a desmoralisação de mandatarios corruptos póde mais que nossos esforços, nós com huma consciencia inabalavel e pura, lavaremos nossas mãos de todas as desgraças que elles emborquem sobre a nossa Patria. Inflammados de hum verdadeiro amor para com ella, só nos resta a unica consolação de lhe podermos dizer com verdade:

" Adorada Patria! Não he por nossa
,, culpa que te conduzem como innocente
,, victima ao holocausto! Mãos ambicio-
,, sas, e corrompidas, que não podemos
,, já suspender, te vão descarregar o gol-
,, pe mortal, para te offertarem em sacri-
,, ficio ao detestavel idolo de suas paixões,
,, e caprichos! Resta-te a resignação: re-
,, veste-te pois della: e o que nós não po-
,, démos obter pela penna, póde ser que tu
,, o obtenhas por este genero de sacrificio:
,, nós to imploramos ,, Sim, Jornalistas, voltemos agora nossas armas a favor da união, e da paz interna: inspiremo-las com toda a energia e dignidade que possamos desenvolver. Este deve ser de hoje em diante, o nobre objecto de nossos esforços; e quaesquer que possão ser os resultados, nós, cumprindo com este sagrado dever, mereceremos em todo o tempo, a estima de todos os homens. Mais do que nunca, percisa a Patria de nós: não sejamos insensiveis ao seu estado e ás suas vozes. Se por desgraça, a causa da Liberdade tiver de se perder, perca embora; mas evitemos o precipicio da anarquia, em que facilmente podemos cahir: esta he a ultima de todas as desgraças, e o mais horroroso dos flagelos! Se aquelles que impunhão o leme do Estado se obstinão em servir os seus caprichos, sem dar ouvidos aos conselhos da prudencia, deixai-os; elles, de sobejo, são já conhecidos: cobertos de ignominia, a execração publica os designará em todo o tempo como os instrumentos de quaesquer males que possão afligir a Patria.

A Fanfarronada.

Na Sessão de Cortes de 14 do corrente leu-se o parecer da Commissão Especial, encarregada de apresentar hum projecto de Lei, sobre a indicação do Sr. *Moura*. Duas são as principaes bases do projecto, a saber: Que se considere qualquer agressão feita á Hespanha, como feita directamente a Portugal, ainda que deste não se faça menção alguma. 2.ª Que huma força, não menor a sessenta mil homens, de todas as armas, se deve já pôr em campo para hir soccorrer a Hespanha. A Commissão, quando assentou estas bases, ou não sabia o paiz em que estava, ou quiz escarnecer de nossas circunstancias. Em quanto á primeira, não achamos nella senão huma directa provocação á guerra, dirigida a huma Potencia que nos não offende, nem de nós falla; e esta provocação que nos póde ser fatal, he de forças tão debeis que não póde per si mesma sustentar-se. A segunda, isto he, o augmento da força a mais de sessenta mil homens, he absolutamente irrisoria, e custa a crer que homens de senso commum podessem

imaginar similhante absurdo para o proporem n'uma Assembléa Legislativa! Isto denota que elles ignorão totalmente as forças de população, e dinheiro, (1) em que nos achamos. Se antes de apresentarem aquelle parecer se dessem ao trabalho de indagar qual foi o maximo da força que posemos em campo em 1810, os recursos de que se lançou mão, e os sacrificios que foi necessaaio fazer, saberião o indesculpavel erro em que tinhão cahido. Foi naquelle anno que nós tivemos o exercito na sua maior força, e apesar dos grandes esforços de *Lord Beresford* nunca pôde passar de quarenta e cinco mil homens. Agora he preciso notarmos, que para se lhe pagar foi necessario pedir hum emprestimo de doze milhões á Inglaterra, e que logo no principio de 1811, época em que se acabou de consumir o emprestimo, começou o exercito a entrar em atrasos, e a recorrer á generosidade Ingleza. O Governo nesse tempo aproveitou-se de tudo para prover á subsistencia do exercito, contribuição extraordinaria, decima dobrada, terças de beneficios etc. assim mesmo nunca pôde pagar em dia nem a ametade do exercito.

O recrutamento era então feito methodicamente, e hum viveiro de recrutas sempre subsistente, confiado á actividade e zelo de hum bom instructor, qual era *Blunt*, fornecia regularmente os Corpos. Nós não conheciamos então divergencia de opiniões, havia huma só, que era a de resistirmos a hum inimigo poderoso, que chegou a escravisar-nos: todas as classes erão directamente interessadas: a causa era commum. E se todos concorrendo para ella espontaneamente, se não pôde preencher hum *deficit* avultado, que não seria hoje, quando faltão todas estas vantagens, e quando se pertende levantar huma força muito maior? Só para a pôr em pé são necessarios 35 a 40 milhões: e onde estão elles? Pois se não tem sido possivel achar quatro de emprestimo para as primeiras urgencias, e fazendo-se muito bons interesses, como o seria achar quarenta? E depois a sustentação?

Ainda quando se pozessem em vigor essas violentas medidas, propostas pela Commissão, a que chegaria o seu total? a pouco mais de nada; ellas servirião tão sómente de desgraçar a Nação, sem preencherem de sorte alguma o seu objecto. Concluiremos por tanto, que quem se lembra de levantar hum exercito de sessenta mil homens em Portugal, particularmente na situação em que nos achamos, não possue o menor conhecimento da materia, não sabe o que he hum exercito de sessenta mil homens, nem as despezas que demanda, e ignora primeiro que tudo as forças fisicas de seu proprio paiz. Era melhor empregar esse tempo em cousas uteis, e não o estar desperdiçando com projectos fantasticos, que nenhuma honra lhe fazem.

[1] Fallo do thezoiro, e de todos os desesperados recursos propostos no Congresso, ainda quando fosse facil obte-los.

Justiça e Humanidade.

Nós apesar de não sermos *Cavalleiro* da *Mancha* julgamos de nosso dever advogar a causa dos opprimidos, contra a prepotencia dos mandatarios, a qual sempre achará em nós hum dos mais denodados de seus inimigos. He por isso que hoje não podemos deixar de erguer nossa voz, contra a longa demora que vai havendo em sentenciar esses homens, que ha nove mezes gemem, victimas da injustiça, e da prepotencia, que os denominou *conspiradores*. Que se espera? que se pertende? Ainda não será tempo de desaggravar a innocencia, e de fazer justiça? ainda esses infelizes hão de ser condemnados a gemer em ferros por mais tempo? ainda suas afflictas familias continuarão a lamentar a falta de seus chefes, de seus filhos e irmãos? e dos quaes, talvez se achava pendente a sua sustentação!

Nove mezes de prisão, sessenta e sete dias de tormento, e mais que tudo a sua reconhecida innocencia, ainda não serão bastantes para chamar sobre elles a attenção dos Magistrados que devem sentencialos? Acaso se regosijaráõ elles de os ver padecer mil privações? ser-lhes-ha indifferente a sua situação? Não he de crêr: os Juizes são humanos, e por tanto não se regosijaráõ em demorar hum julgado que a humanidade está todos os dias reclamando. Não queirão os Juizes verificar agora as arguições que continuadamente se hão feito aos Magistrados, de demorarem demasiado tempo os Processos sem os sentenciarem; he necessario desmentir com factos essas arguições.

Eia pois, Juizes, não consintaes que por mais tempo se demore o injusto castigo desses homens. Longe de nós a idéa de

prevenir vossas rectas consciencias: o processo vos guiará; mas o que de vós exigimos, por sentimentos de humanidade, he que julgueis com a possivel brevidade. A Justiça assim o pede, e assim vosso proprio dever o requer.

Le jour de gloire est arrivé.

Aproxima-se o tempo de sabermos quem cometteu a injustiça: se nós, em escrevermos aquelle artigo denunciado de nosso N.° 16, ou se o Promotor em denuncialo. O dia 20 do corrente está aprasado para esse duelo, cujo campo de honra he o respeitavel salão do Jury. Nós haviamos tencionado comparecer lá pessoalmente para defendermos nossa propria causa; porém a lembrança de sermos condusido preso a hum tão honroso combate, nos fez desistir da resolução, mesmo para não darmos a nossos *Cannibaes* inimigos, o abjecto praser de nos verem passar d'aqui até ao Jury, mais como hum criminoso, do que como hum escriptor impavido, que tendo por unico objecto a felicidade da sua patria, affronta, e combate destemido seus baixos inimigos. Havemos por tanto nomeado hum valente Atheleta, que revestido de huma armadura mais poderosa que a de *Achylles*, debelará em nosso nome esse hediondo monstro da perfidia, e da impostura, deixando-o prostrado a seus pés, como o ficou o sanhudo *Leão de Nemea* aos de seu vencedor!

Na verdade, custa a crêr que o espirito de facção descesse á baixeza de conspirar infamemente contra hum escriptor que disse a verdade, sem ultrapassar os limites que a Lei, e a honra lhe prescrevem! Desanimados de hum resultado feliz pelas vias de facto, que tanto tentárão, appelárão para a villeza de huma injusta, e falsa denuncia, que he a mania do tempo. O Conselho, he verdade que julgou hum § procedente; mas com que justiça?! O dia 20 a manifestará. Se quem diz, como nós dizemos nelle que: = „ O Rei não póde fazer nada, sem que o Conselho de Estado, e dos Ministros assentem nisso " he criminoso, ou falta á verdade, então he criminosa, e falsa a Constituição, que assim o determina! Talvez que esses miseraveis facciosos que violentárão o Promotor a fazer a accusação, não tivessem ainda visto essa Constituição; em que tanto fallão, e que tanto parecem ignorar.

Se nós houveramos dito o contrario, ainda que não infringiamos Lei alguma, mas só sim a verdade, com menos injustiça poderião intentar a accusação. Foi debaixo daquelle mesmo principio que nós dissemos que não acreditavamos na espontaneadade com que se disse que El-Rei condemnára sua augusta Esposa ao desterro. Nós o dissemos, dizemos ainda, e diremos sempre, fundado nestes dous naturaes principios: 1.° Porque não he crivel que hum Rei tão virtuoso, e amante de sua Esposa, e de seus Filhos, quizesse por sua livre vontade, separala para sempre de si, e de seus Filhos. 2.° Porque El-Rei assim mesmo o não podia fazer, sem consultar primeiro o Conselho de Estado, e dos Ministros, como de facto consultou. Ora, El-Rei, se obrou assim, foi na conformidade da Lei, que ordena, que quem não quizer jurar a Constituição saiha do Reino. Logo El-Rei obrou em virtude da Lei, e não de impulso natural; pois nunca se dirá que o Magistrado que applica a lei ao delinquente (1) obra espontaneamente, o que até seria o maior absurdo, porque nesse caso, a lei seria a vontade do Magistrado: logo, como obrou El-Rei espontaneamente? Além da applicação da lei, ha em El-Rei a necessidade de consultar o Conselho, do qual deve seguir a maioria de votos: logo se El-Rei ha de seguir a maioria, he evidente que não tem vontade deliberativa, e muito menos espontaneadade. Como ha pois insensatos, que se atrevão a dizer que El-Rei obrou espontaneamente naquelle negocio?! dizei impostores? respondei facciosos?

Juizes, que haveis de julgar nosso escripto! aqui tendes o objecto da injustissima accusação. Vós vereis melhor illucidadas estas importantes verdades, perante vós, nesse integerrimo Tribunal que formaes. Nelle não domina o virtiginoso espirito da cabala, nem a perfidia encontra abrigo. A vossa intima convicção he a vossa lei. Confiado por isso na vossa rectidão, na justiça e na verdade que me acompanhão, conto desde já com o triunfo que me he devido, assim como com o opprobrio, e eterna vergonha, com que devem ficar cobertos todos aquelles que atacando a verdade, me hão feito padecer por ella.

O Redactor.

[1] Salvo a má interpretação: porque em S. M. a Rainha não conhecemos delicto, nem sombras delle.

LISBOA. NA IMPRESSAÒ LIBERAL. ANNO DE 1823. *Rua Formoza N.° 42.*

FEVEREIRO 20. N. 42.

A Trombeta escutai dos Luzitanos,
E se rouca tocar... tremei Tyrannos.

O TROMBETEIRO.

A TROMBETA LUZITANA.

O Thuribulista.

Até quando terão os Portuguezes a santa paciencia de aturar o Diario do Governo? Este ridiculo papel, digna produção da estupidêz de seu mercenario redactor, cuja sciencia foi bebida nos arraáes da soldadesca franceza, que andou roubando a Europa, he o mais imprudente, e mentiroso escripto que ha sahido de todas as Secretarias Ministeriaes. Ha tempos a esta parte que nelle senão leem senão mentiras, absurdos irrizorios, e atrevidas invectivas. Ultimamente apparece com huma revoltante impostura contra o *Astro*, acuzando-o de traidor por ousar erguer sua patriotica vóz contra esse opressor do Povo, esse infame e abjecto *Zé*, e alguns outros da mesma quadrilha, que além de serem huns conhecidos *ladrões*, passão já de plano como traidores á Cauza Publica! He forte sandice deste diarista em chamar inimigo do systema a todo aquelle que ataca o perfido systema do *Zé Reforço*! como que se em *Zé Reforço* residisse o perfeito e suave systema constitucional! Este, he hum systema de justiça, e de razão; porem o do Zé he systema de *Mourisco*, isto he, de tyrannos e salteadores; e como taes, cedo serão tratados....

O Diarista, persuadido de que o meio de obstar á impressão que o *Astro* causou em todos os bons Portuguezes, era publicar a opinião (alterada) do Erudito, e honrado Vicente Jozé Ferreira Cardozo, manifestada na Sociedade Patriotica, teve a má fé, e nenhuma vergonha de publicar aquella opinião particular, com o intuito de desacreditar não só o *Astro*, mas tãobem a Sociedade Patriotica; dando a entender que o Sr. Vicente Jozé Ferreirra Cardozo a havia mandado publicar no pestilente Diario! Porém como a impostura não pode durar muito, o Sr. Vicente justamente indignado do atrevimento do diarista, escreveu-lhe logo huma carta que o *Astro* já publicou, estranhando-lhe a patifaria de se servir do seu nome para desacreditar a Sociedade, a que tinha a honra de pertencer, concluindo que a publicasse no diario, para chegar ao conhecimento de todos. Ora eisaqui o que he o Diario do Governo!

Logo em o N.° immediato, o 41, sahe-se com duas imposturas conhecidas, huma a favor de Joze da Silva Carvalho assignada com hum B. (1) e a outra, contra a carta que S. M. a Rainha de Portugal escreveu a Seu Augusto Esposo, e que nós transcrevemos em nosso N.° 40. Em quanto á primeira, pertende o servil

[1] He forte lastima: que este mercenario não publique artigo algum assignado! e se o faz alguma vez, he com nome que se não conhece?

encubrir, ou antes defender a *ladroeira* que se praticou nesse contracto que se fez do armamento, quando ella he já tão conhecida, que até o Congresso, a pezar de toda a sua veneração ao Ministerio, já gritou contra ella, e requereu as necessarias informações; mas Jozé da Silva Carvalho ha de ficar bem, porque o *Mouro* leva quinhão no jogo ... porém tenhão a certeza de que ainda ambos o hão de vomitar em anciedades mortáes ... já tudo está á lerta...

Em qnanto á segunta impostura, he mais audás ainda que a primeira; porque tendo aquella carta de S. M. apparecido nesta Capital, transcripta do *S. James Cronicle*, que he o Jornal da Corte, ainda atégora não consta que S. M. a Rainha de Portugal negasse a sua existencia, por palavra ou por escripto. Porém, como ella ha produzido hum sensivel effeito no Publico, que se não acha contaminado, persuade-se o diarista, com o seu sócio Zé Reforço, de que o meio de destruir essa sensação, era publicar a mentira, de que se achava auctorisado para dizer que a carta era apocrifa! O'ra suppondo por hum instante que o era, quem o poderia acreditar, sahindo da mentirosa boca de hum diarista, que escreveu isto ha pouco, quando a guerra estava já resolvida: = Triunfou Mr. de *Villele* !!!!!! Somos *auctorisado* para annunciar que não ha guerra!! E que o exercito francez se retirou já dos Pyrineos, para o centro da França!!! =

Pois saiba todo o mundo que o diarista he hum mentiroso; e que aquella carta he verdadeira, e escripta do proprio punho de S. M. a Rainha de Portugal, do Brazil e Algarves; e senão, nós desafiamos o diarista a que diga quem foi que o auctorisou, quando não, havemos de lhe pôr hum rótulo mais insignificante que o jocôso habito de Lyz que traz na cazaca, e de mais a mais sem ninguem lho haver dado.

Sabemos com certeza que os Officiaes de Secretaria indignados das continuas imposturas com que o diarista está desacreditando o Diario, o mandárão já despedir; porém elle que he hum miseravel servil, foi valer-se naquella aflição do seu patrono *Zé Reforço* para que com o seu costumado despotismo, mandasse em nome, já se sabe de quem, que os Officiaes conservassem o *cavalleiro dos Lyzes*, em attenção *a seus destinctos serviços*. Não sabemos se realmente se passou esta *Porcaria*; mas he de crer que sim, por isso que he huma violencia feita aos proprietarios do Diario.

O Ministerio

Domingo passado espalhou-se nesta capital huma Lista de novos Ministros de Estado, dizendo-se que o actual Ministerio tinha hido abaixo. O cabeceira do rol era *Jozé Ferreira Borges*, para Ministro da Justiça. Nós, ainda que não andamos lá por o mundo, não acreditamos com tudo a noticia, porque discorremos assim: El-Rei, ou tem, ou finge ter confiança em *Jozé da Silva*: *Jozé da Silva* valendo-se disto, serve-se do nome de El-Rei para fazer tudo quanto lhe apráz; logo como havia de hir o Ministerio abaixo contra a vontade de *Jozé da Silva*? Este homem, já não sahe do Ministerio senão por sua espontanea vontade: porque S. M. está resignado, tanto lhe interessa que seja *Carvalho* Ministro, como outro qualquer, seseja elle quem fôr. Por tanto quem poderia acreditar que o Ministerio tinha baqueádo? não baqueou, nem ha de baquear, senão em huma certa epoca, que nós cá temos marcada quasi mathematicamente, e por signal que ha de ser com hum espantoso estrondo!

Com tudo, cauza lastima a lembrança do auctor da lista, de *Jozé Ferreira Borges*, para Ministro de Estado; he verdade que para tudo hir coherente, assim devia ser; e com effeito não podião deparar com outro melhor para substituir o *Carvalho*, com a differença porém, de que *Borges* tem viveza, e *Carvalho* he o symboio da ignorancia. A lista teve pois por objecto o sondar os animos; para se ver como erão recebidos os imaginarios despachos, a fim de se realisarem a todo o tempo que o ministerio va abaixo. Porem, os homens de juizo, já não tomão interesse nestas cousas, e tanto se lhes dá a elles que se deponha o Ministerio, como que se deixe ficar, que sejão estes, ou que sejão outros, porque como o systema he mesmo, a marcha o será tãobem.

Açoutes sem dó.

O *Argos Luzitano* N.° 33, publicou que hum tal abjecto e desprezivel *farrapão*

por apelido = *Caldas*, *e Brito*, tem andado a mendigar assignaturas para um requerimento feito ao Congresso, em que pede o seguinte:

Estabelecimento de Guardas Nacionaes: tratado com Hespanha = que se fundão os sinos, e alampadas das Igrejas: = que se lance mão das commendas, particularmente das de Malta: = que se estabeleção congruas aos Parochos, e se lhes tire tudo o mais: = que se dê ao Governo toda a auctoridade para castigar os ecclesiasticos que pregarem contra o systema: = que seja o Governo tãobem autorisado a REMOVER QUALQUER CIDADAÕ SUSPEITO: *e offerecendo por parte dos Cidadãos qualquer contribuição que seja estipulada!!*

Este *Caldas e Brito*, que foi outrora procurador de Causas, he hum dos mais refinados tratantes, que infestão as praças desta capital. Pronunciado ha tempos por cumplice em hum roubo, he talvez este o menor de seus crimes. Józé da Silva, que tem habilidade rára em escolher os individuos que lhe fazem conta, logo deparou com o famoso *Caldas*, e lhe começou a encarregar emprezas, dignas de ambas as altas partes contratantes, as quaes ou por infelicidade, ou por ignorancia hão falhado na execução, motivo porque o *bom Caldas* ainda não foi occupar huma cadeira de Secretaria, junto da *illustre pessoa* de seu amo.

Essa decantada prizão da Rua Formosa, foi a primeira aventura com que o Ministro quiz esperimentar o seu novo belleguim, *Caldas e Brito*, dando-lhe para seu digno parceiro, o *imcomparavel Izidoro Francisco Guimarães*, que he hum dos bellos adornos do liberalismo moderno. Como desde então se não tem proporcionado empreza de estrondo, tem andado o *Caldas* de vago, sem poder preencher o seu *honroso* cargo, por maiores deligencias que tenha feito. Conduidos da sua innação o *Zé* e o *Mouro* com alguns adjuntos de igual bitola o encarregarão de fazer outro genero de serviço á furiosa canalha, dando-lhe aquelle requerimento, para que fosse por todas as ruas e becos mendigar-lhe assignaturas, promettendo-lhe uma Secretaria de Estado, em recompensa, se desempenhasse bem esta importante commissão que foi julgada de = *urgencia*.

Ora com effeito, faz rir, e zangar ao mesmo tempo, ver a especie de individuo, que o *Mouro*, e o *Zé* forão procurar para ir pelas portas requerer aos Cidadãos que pedissem o estabelecimento da tyrannia, e os seus proprios ferros!!! O *Caldas*!! o maior dos tratantes, convencido de *ladrão* (1) judicialmente e vivendo de calotes, e trapassas! Porém, não; o *Caldas* he dignissimo socio e mensageiro dos patifes que o encarregárão da empreza. *simile cum similibus*; nem elles podião encontrar outro tão bom para os servir, ainda que andassem com um prego accezo. Agora o que nós temos admirado, he como chegou o *Caldas* á Secretaria com as costellas direitas! E dizem que ha em *Lisboa* homens amigos da Liberdade, e da Constituição! Ou isto he falso, ou o *Caldas* lhes não fallou para assignarem o requerimento; porque não he de crêr que ao fazer-lhes similhante proposta lhe não desfisessem huma tranca no espinhaço. Oh! se elle cá viesse pedir a nossa assignatura!! Que festa lhe não faria-mos!!

Pariz.

O *Bolletim* do Exercito dos *Piryneus* trás a seguinte carta de hum Granadeiro Francez, dirigida a *Borges Carneiro*, Deputado das Cortes de Portugal, em resposta a huma que dizem escrevera aquelle homem a S. M. Luiz 18. He como segue:

Brave Mouton. J'ai arrété le postillon qui portait ta letre au Roi de France; je me suis empare d'elle, et je croi de mon devoir te repondre en grenadier que je suis.

Miserable, qui t'ámis dans la tete cornue la folle pensée d'e ecrire a mon Roi? Bete qui tu est! Eh! bien, nous an avons ri beaucoup a lire autant de sotises, q'on trouve dans ta letre, qui semble bien avoir etre sortie de la tete d'un fou e-chapé de l'hopital.

Je vois bien que tu veux tromper tes compatriotes parlant en *liberal* exalté, c'est-á-dire, en *sans-cullot*. Cependant, tu n'est q'un servil, qui cries toujours en faveur de ceux qui donent la loi, et q'on te met a sa solde. Voi-la ton patriotisme. Dans cette meme *Lisbone*, je tai conú meprisable flateur de Mr. *Salter*, et du gouverne-

---

[1] Dirão os nossos Leitores: » Este trombeteiro he hum cruel! açouta sem piedade os *farrapões*? » Pois Leitores, que remedio ha? Se elles não tem vergonha, nem honra, nem moral! He precizo que o mundo os conheça para que os deteste.

ment qui tu taches apresent de despote, et de tyran. Qui peut te croir! Tai toi, imposteur: mange ta solde, ou bien va t'en á l'hopital.

Tu ás dit souvant, qu'il faut chasser les Rois partout: et moi, je te repons, qu'il faut en-prisoner les fous par tout. Mais toi, dans le rang des fous, est un fou divertisant: j'aime bien a t'entendre quand je me trouve en bon humeur' c'est-a-dire, quand je fais le jeu de la boutell avec mes camarades: et nous crions toujours a la fin: Vive le *Tete Dur*, vive le gros *Mouton*. Veraiment, nous faisons la bone chere avec du *Mouton*, et du vin, en chantant en ton honeur:

Qu'il est plaisant d'entendre un fou,
Qui se croit etre un lion;
Mais dont ta rage nous fai voir
Qu'il est un faible et gros Mouton.

Adieu, pauvre *Mouton*; je descendrai de cette montianhe pour aller tofrir en sancrifice aux deux infernaux. N'ecrives jamais au Roi; dans ta follie n'ecrives qu'a des sots come toi. Lorsque j'arrive á *Lisbone*, je t'aprendai a ecrire mieux dans l'ecole de l'hopital S. Joze. Voila ce que t'assure = *Le Grenadier des Pyrinees.*

N. B. Nós não damos a traducção desta carta, porque infelizmente não sabemos Francez, nem nos atrevemos a pedir a alguem que no-la traduzisse, só por não darmos o nosso braço a torcer. Muito estimaria-mos com tudo saber o que ella diz visto ser dos Piryneus, que ha de dar noticias fresquinhas ao Sr. *Borges Carneiro*. Talvez seja a noticiar-lhe a quéda de Luiz 18, e do Imperador da Russia, ou de se haver dado alguma contituição *liberal* a este ultimo, pela intervenção dos *liberaes* da Siberia, ou das margens do *Dom*.

Madrid 10 *de Fevereiro.*

O General *Mina* cobrio-se de gloria. A entrega das fortalezas de Seo *d'Urgel*, terminou huma gloriosa campanha, em que este illustre chefe, e seus invenciveis soldados se mostrarão iguaes a tudo quanto ha de heroico na historia militar das Nações. Com tropas como as do exercito da *Catalunha*, e com chefes como o general *Mina*, que nação haverá que se atreva a atacar a nossa independencia? Tremão os que se atreverem a pizar os nevados cumes dos *Piyrneus*, para nos dictarem as suas leis: o resultado de tão temeraria empreza será mais huma prova do que está escripto no livro dos destinos, que os estrangeiros jámais hão de pizar o nosso terreno impunemente! —*(El Universal)*

Ainda haverá medrosos depois de hum dezengano destes?! *El Senhor Universal*, que o diz he porque assim he; e aquelles miseraveis Francezes que estão muito descançados nos taes nevados *cumes*, são tão patetas que ouvem isto, e não se poem a andar com toda a promptidão, para se escaparem a tempo a *los furores del Senôr Mina*, *e del valentone Universal*. Pobres homens! Estão bem aviados! Qualquer instante, caem-lhe em cima *las fuertes columnas de ducientos hombres*, que os abafão todos.

Com effeito, aquella gram victoria del *Mina* sempre foi bem espantosa!!! Que taes forão os feitos *de aquellos guerreros* que —se mostrarão iguáes a tudo quanto ha de heroico na historia militar das nações!! — Olhem que desengano para os miseros *Francezes*! Desta feita lá ficarão eclipsadas todas as illustres façanhas do grão *Cavalleiro Manchego*! e de seu *Valeroso Escudeiro*. Fortes heróes de Armas tem prozido aquella abençoada Hespanha. Oh! Forte pena não existir hoje hum *Cervantes*, para transmitir dignamente á posteridade esta *terrivel façanha Mineira*, muito superior á das ovelhas!!

—— * ——

AVISOS.

Quem souber de hum bom *Espião* que saiba bem mentir, roubar, calumniar, atraiçoar etc. tendo pelo menos hum crime de bom lote que o abone, partecipe-o ao digno chefe de tão honrada gente para o empregar quanto antes.

Quem achasse o *Direito de Propriedade* do Deposito Geral do Porto, perdido no dia 27 de Janeiro deste anno, e o queira restituir, pode dirigir-se ao mencionado deposito, onde receberá de alviçaras huma Constituição lindamente encadernada.

LISBOA. NA IMPRESSAÕ LIBERAL. ANNO DE 1823. *Rua Formoza N.° 42.*

FEVEREIRO 22. N.° 43.

A Trombeta escutai dos Luzitanos,
E se rouca tocar... tremei Tyrannos.

O TROMBETEIRO.

A TROMBETA LUZITANA.

DIA 20.

O MEU TRIUNFO.

Baqueou em fim a maldade e impostura de meus miseraveis inimigos! O dia 20 do corrente, os abismou no oprobrio e na vergonha, á voz do integerrimo Tribunal do Jury! Os *Canibáes*, ouvirão elles mesmos a sua sentença, naquelle mesmo lugar onde me quizerão levar como criminoso. Eu fui com toda a justiça absolvido; e para mais completo ser o meu triunfo, e maior a deshonra dos *Canibáes*, declarou solemnemente o Promotor á face do Tribunal, e dos Espectadores, que elle = havia sido violentado a fazer a accuzação!!! = Que mais quero eu?! que maior vingança poderia eu exercer sobre tão infames facciosos? Arrepelai-vos, indignos, rangei os dentes, e descei para sempre ao mais profundo dos abismos!

Com tudo, a peçonhenta vibora não exalou de todo os venenosos restos da vitalidade! Ella ergueo ainda ali mesmo huma de suas cabeças, para envenenar meu triunfo! porém não, não foi vibora, foi huma *enguia pódre*. Conheceia Portuguezes, foi o Juiz do Crime do Bairro do Castello, hum tal *Sequeira Pinto*, que vendo que o Jury me absolveu, ali mesmo accuzou o N.° 21 da *Trombeta*, porque publicou o que elle havia feito, para perder esses innocentes da chamada conspiração. Este Magistrado (indigno de o ser) vendido servilmente a hum partido, que está sendo o alvo da execração publica, ou por sua espontanea maldade, ou induzido por aquelle mesmo partido, pertende ser agora o campeão de nossos derrotados inimigos, a fim de ganhar por estes serviços, hum novo juz ao patronato, que tão alta e escandalosamente o protege. Insensato! Julgará que nos soçobra?! Não; bem cára lhe ha de custar a infame tentativa de que se serve. A sua derrota hade ser mais estrondosa para elle, que a do dia 20. Sim, como elle o quer, elle verá provado em pleno dia o seu caracter e conducta, não só na parte em que me argue, mas muito mais avante do que elle imagina. Porem basta; não misturemos o precioso com o ridiculo, e falleimos de meus Juizes:

Santa Instituição do Jury! tu serás sempre o baluarte onde se despedassem as maquinações da intriga, e da perfidia, com que os tyrannos costumão perseguir os denodados escriptores que os arrostão. He sem duvida por tua causa que a Liberdade se conserva, e resplandesse em todas as nações que a gozão. Onde quer que tu existas, a Justiça não será impunemente desprezada; mais tarde, ou mais sedo ella triunfará.

E vós, incorruptiveis Membros, que

formasteis o Conselho, que me absolveu, recebei o protesto da minha gratidão. Não fosteis vós, Cidadãos Jurados, foi a Justiça quem por vossas bocas proferio a Sentença de minha absolvição. Nada fizesteis de mais em assim o julgardes, porque ella vos inspirou; mas muito fizesteis por que fosteis doceis ás suas insinuações. Não he virtuoso o Juiz só por que absolve, mas sim porque se deixa guiar pela razão, e pela Justiça, fechando seus ouvidos ás seducções da parcialidade. Continuai pois, integerrimos Juizes, em seguir tão honrosa vereda, que em quanto della vos não afastardes, o amor da Liberdade brilhará em nossos corações, e os homens vos renderão os louvores que vos são devidos. Sêde sempre justos, que a mesma Providencia, que não olha insensivel para a conducta dos homens, vos premeará como costuma premear a virtude.

(O Redactor.)

Lisboa 19 de Fevereiro.

Hoje forão os Ministros do Rei assistir á Sessão de Cortes, para darem ao Congresso alguns esclarecimentos que se havião exigido. O Ministro da Justiça fez a seguinte exposição:

„ Se bem que a nossa regeneração „ politica póde ser o modelo das regeneraçoes, com tudo, ella não tem inimigos, o que he forçoso confessar á face „ dos Representantes da Nação, e da Nação inteira. A penultima tentativa que „ fizerão, foi o quererem persuadir a tropa da expedição, a que não fizesse algum motim para transtornar a ordem „ publica; graças ao brio da tropa portugueza, e ao valor de seus commandantes, que tanto aquellas, como estes, abraçando tão louvaveis insinuações, marchárão fieis pelo caminho da honra, que „ distingue os nossos bravos militares. Agora, á proporção que tem chegado as „ noticias de França, se tem notado a „ uniformidade dos periodicos, todos marchando ao mesmo fim, que he deitarme abaixo: não ha medida Legislativa „ que seja boa, que eu não tenha calcado; e o Governo não dá passo em que „ não tropece. Na idéa de quasi todos os „ Cidadãos, cada um de nós os Ministros, „ faz o seu plano; e quando nos não conformamos com a opinião publica, somos „ traidores: He tempo de fallar com franqueza, para que toda a Nação o saiba, „ o Governo, ou cada hum de seus Ministros, muitas, e muitas vezes tem „ errado; porém eu, declaro que nunca o „ fiz senão de proposito. As Secretarias „ estão abertas, e patentes á intriga, ás „ denuncias e ao despotismo, e a quem „ as quizer contaminar; nós todos estamos preparados para responder a qualquer accusação, por isso que nossas consciencias não estão tranquillas; porém, „ logo que apareção os factos, nós responderemos vagamente. Finalmente, os alliceres para a anarquia estão lançados „ por nós; preciso não destruillos „

N. B. O nosso *Tachigrafo*, que he o mais exacto, depois do do *Diario do Governo*, nos diz, que por se achar hum pouco distante do *assás illustre preopinante*, lhe não podêra pilhar bem tudo quanto preopinou, mas que em summa fora isto. No emtanto, ou o *Tachigrafo* mente, ou o Ministro está convertido; pois que disse verdades, que todo o mundo sabe, e que elle atéqui não quiz jámais confessar.

Minha volta ao Mundo.

Apenas chegou a ordem da minha soltura, não pude deixar de surrir-me; corri ao meu aposento, enfiei as botas, com o mesmo bolor, que attestava a sua ociosidade, vesti a minha solitaria cazaca preta, peguei na bengala e no chapéo, e sem lhe sacudir o copioso pó, que por espaço de quasi dous mezes tinha aparado, fui mui cortezmente despedir-me do domno da caza, e dos vezinhos que parecião saudosos da minha partida; e dizendo-me —*até outra vez*— desci as escadas, apresentei-me ao bom porteiro, que depois de hum breve cumprimento de congratulação, me convidou a molhar-lhe a palavra, e concluio abriudo-me a ferrea porta, pela qual sahi mais gostoso do que havia entrado. Chego á rua, tudo me parecia novo, e tudo estranho, e me vou dirigindo para a cidade nova, que he o grande mundo de *Lisboa*, segundo afirmão os *casquilhos* de bom gosto. Fui encontrando alguns amigos, isto he, conhecidos, que parecião alegrarse com a minha soltura; hum me abraçava, outro me apertava tanto a mão que me fazia ranger os nós dos dedos.. outro me dirigia huma apostrofe, e em fim ou-

tros paravão, e me medião bem a altura com os olhos.

Tudo isto me parecia novo, e grande; e cheguei por hum instante a imaginar que eu estava fazendo huma figura importante no mundo. Chego ao *Rocio*, entro na tapada, que achei mais atrasada que dantes, e vou augmentar o numero dos passeantes: Parabens, parabens, senhor Trombeteiro! gritárão á pancada dous que dizião ser meus conhecidos, e me offerecêrão hum grógue, termo de que requeri huma explicação com *urgencia*, mas que só me foi dada na espirituoza academia de hum proximo caffé, onde com muita civilidade me conduzirão. Apenas tomamos assento, tomei eu tambem a palavra mesmo sem a haver pedido, e perguntei por novidades. ,, Tudo vai muito mal, me ,, disserão elles, V. m. não vê todas es- ,, sas caras que por ahi estão, a quem os ,, chamejantes ponches não teem poder de ,, alegrar? Mas que tem as caras com as noticias? disse eu. Muita couza, responde- ,, rão, todos esses que V. m. por ahi vê ,, estão com as almas bem tristes; huns, ,, considerando como hão de livrar o filho, ,, o irmão, o creado de serem soldados; ,, outros como hão de occultar alguma pra- ,, tinha que possuem, por que se diz que ,, vão tirar as pratas aos particulares; ou- ,, tros, lamentando já os pesados tributos ,, com que vão ser vexados; outros carpin- ,, do a falta de meios que vão principian- ,, do a sofrer, pela nunca vista estagna- ,, ção do commercio; outros, porque as ,, reformas lhes tirárão o mesquinho pão ,, que os alimentava; outros em fim, mas ,, destes são poucos, porque sendo verda- ,, deiros amigos da rasoavel liberdade da ,, sua patria, a veem quasi perdida, por ,, falta de meios para a sustentar, e pe- ,, la errada conducta, que os governantes ,, tem seguido: finalmente meu amigo, V. ,, m. vem achar huma differença tão sen- ,, sivel em *Lisboa* nestes dous mezes em ,, que esteve prezo, que dous annos não ,, erão capazes de cauzar. Tudo anda tris- ,, te, tudo aflicto, todos se queixão, e ,, tem medo de queixar. Não posso já, res- ,, pondi eu, aturar o que V. mm. dizem, ,, pois o systema, isto he, este systema ,, Constitucional, *que felizmente nos rege* ,, podia acazo causar isso que V. mm. es- ,, tão dizendo?! V. mm. são dous alenta- ,, dos *corcundas*; quando se vio Portugal ,, tão feliz? não ouvem V. mm. o que se ,, está dizendo todos os dias por essas so- ,, ciedades palrantes? Não baqueou por ,, ventura o despotismo antigo, e não so- ,, mos já Cidadãos iguaes? Então que mais ,, querem V. mm.? Não são os habitantes ,, de *Lisboa* muito *liberaes* e patriotas? Pois ,, elles concorrerão com tudo quanto for ,, necessario para sustentarem a todo o ,, custo a sua independencia constituciona- ,, nal. Oh! Sr. *Trombeteiro*, clamárão os ,, dous, pelo amor de Deos não se persua- ,, da que somos *espiões*; olhe que o que ,, lhe temos ditto he a pura verdade, e ,, senão V. m. olhos tem, e sedo se de- ,, senganará. Quer V. m. sabelo ainda es- ,, ta noute, embrulhe-se no seu capote, ,, se o tem, mas olhe não o gazufilem por ,, *suspeito*, e vá de vagarinho por essas ,, ruas abaixo, escutando o que se diz, e ,, verá como não ouve senão gente a las- ,, timar-se, huns pela perda do que tinhão, ,, e outros por não acharem quem lhes ,, dê que fazer: talvez que V. m., se he ,, que tem sensibilidade, senão recolha ,, para caza com os olhos enchutos. Adeos, ,, meos amigos, V. mm. são *servis*, te- ,, nhão patriotismo, e sejão constitucionaes ,, bem *liberaes*, que logo tudo tem reme- ,, dio. Ah! Sr. Trombeteiro, V. m. es- ,, tá zangando com nosco; de que serve ,, esse liberalismo que tanto receita, se ,, não ha vintem! se tudo padece! Patrio- ,, tismo! diz V. m.! quem o deu? esses ,, táes *liberalistas*, que mais se esforça- ,, vão em gritar, e chamar *corcunda* a ,, meio mundo, já meterão a viola no sa- ,, co, e andão agora de orelha cahida, ,, vendo como se hão de escamar ás con- ,, tribuições, e ao recrutamento! Pois a ,, Rua Augusta, que era a gema do li- ,, beralismo! que aturdião os ouvidos dos ,, compradores com = *systemas*, *ideas li- ,, beráes*, *illuminismo*, *patriotismo*, *fi- ,, lantropias*, e outras muitas cousas de ,, que elles só sabião os termos!! isso está ,, hum refeitorio de frades; nem palavra: ,, ha tal que já não se explica senão por ,, pantomina!

A conversação, ainda estava para aturar, quando de repente se calou o preopinante, piscou-me um olho, e deu um brando cotovelão no seu amigo. Eu não notei estas senhas, e fui a tomar a palavra, porém elle prevenindo-me, fingio que me tirava hum bichinho do lenço do pescoço, e me disse ao ouvido: *caluda que nos estão a espionar*: *separemo-nos*: e levantando-se, disse em voz mui inteligivel = Boa noute Sr. *Trombeteiro*.

Sahio com effeito impressa em *Londres* a Grande obra de *Napoleão*, 2 primeiros tom. em 8.° com hum *Fac-simile*, 4 estampas. Preço em francez 24 francos, em inglez 28 chelins. Contem esta obra as *Memorias Historicas* da *França*, durante o reinado de *Napoleão*, dictadas por elle em *Santa Hellena*, aos Condes de = *Montholon e Bertrand*, Gourgaud etc. e extrahidas do original manuscripto, corrigido por elle mesmo. Eisaqui o que delles diz Mr. de *Cases*:

" Nestes escriptos, estão traçados ac-
,, contecimentos que já mais poderáõ ser
,, esquecidos. Retratos que hão de dirigir
,, os juizos da posteridade. Este he o livro
,, da morte ou da vida para muitos, cujos
,, nomes se achão nelle registados"

Nós muito desejamos que esta obra appareça com a possivel brevidade em *Lisboa* para esclarecimento de certos individuos.

(O Redactor.)

AVISOS.

Historia Chronologica, dos successos mais notaveis, que tem acontecido no mundo desde a epoca da Revolução Franceza até aos nossos dias; narrando-se mais particularmente os de Portugal, e Brazil tanto antes como depois da Constituição Portugueza.

Procurou-se com todo o esmero reunir chronologicamente nesta obra os factos de primeira ordem succedidos desde 1786 até ao presente; e escolheo-se esta epoca por ser o verdadeiro principio da Revolução Franceza, acontecimento politico que abriu o periodo mais memoravel e espantozo de nossos dias. Não nos limitámos só aos successos da Europa, pois a obra abrange os de todo o mundo, mencionando as batalhas, expedições maritimas e terrestres, tratados de paz e alliança, declarações de guerra, revoluções dos diversos Estados, phenomenos e catastrofes, e tudo seguido de excellentes reflexões criticas, indispensaveis no estado actual das coisas do tempo prezente.

As assignaturas desta obra se fazem na Typografia de Desiderio Marques Leão, ao Calhariz n.° 12 por 2000 por 5 volumes recebendo-se já o 1.° 2.° e 3.° que estão impressos. Os Srs. que assignárão por 480 no 1.° tomo que logo recebêrão na acção da paga, pódem aproveitar-se da condição acima declarada: avulso a 480 cada tomo, nas lojas de Desiderio Marques Leão ao Calhariz n.° 12, na de Caetano Machado Franco na rua da prata n.° 82, e na de Lopes na rua do Ouro, n.° 138: na de Orcel em Coimbra.

Sahio á luz o novo Periodico intitulado o Samfona: Vende-se nas lojas do costume, preço 60 réis cada folha. Não tem assignaturas.

Sahio á luz a 1.ª Exposição sobre os procedimentos criminosos dos Desembargadores do Paço João de Mattos e Vasconcellos Barbosa de Magalhães, ex-Intendente Geral da Policia; e João Antonio Salter de Mendonça, ex-Chanceller da Casa da Supplicação; por onde se prova:

1.° Que he assás inaudita a prevaricação destes dois Desembargadores do Paço, pelo extravio do dinheiro pertencente á Testamentaria de D. Fernando Martins de Mascaranhas, de que erão Administradores.

2.° Que he sem limites a malevolencia destes dois homens pelo procedimento atroz, e violento, que chegárão a pôr em pratica, sem consciencia, sem remorsos, e sem vergonha para roubarem impunemente huma propriedade de Casas.

3.° Que a influencia destes dois inimigos do genero humano ainda vale alguma cousa, e de muito para o Desembargador Victorino José Cerveira Botelho do Amaral, digno collega de taes homens. Elle confirmou, e legalizou ultimamente por huma sentença sua o roubo da dita propriedade de Casas, projectado por Mattos, e Salter antes de 24 Agosto de 1820.

4.° Que o rabula do Sr. Pereira de Araujo, e Francisco Ferreira dos Santos, Administrador da Illuminação da Cidade, são os dignos Coadjutores das boas obras de Mattos e Salter.

5.° Finalmente, que estes dois Dezembargadores do Paço estão nas precizas circunstancias de indemnisarem o Cofre daquella Testamentaria, e de soffrerem as penas que as Leis cominão contra os que extravião dinheiros publicos, e fiscaes.

Esta exposição acha-se á venda nas lojas, de Carvalho, defronte da rua de S. Francisco; Caetano, na rua da Prata, Lopes e Caetano na rua do Ouro Preço 120 rs.

A sentença proferida contra o Corregedor de Béja, não póde deixar de interessar a todo o homem que for zeloso dos seus direitos, ainda que lhes suspeitem crimes.

Esta sentença imprimio-se, e vende-se nas Lojas do costume anotada o mais imparcialmente possivel, por quem não teve em vista nesta empreza mais do que o prevenir o publico sobre mais um dos modos pelos quaes seus direitos pódem ser atropelados.

LISBOA. NA IMPRESSAÕ LIBERAL. ANNO DE 1823. *Rua Formoza N.° 42.*

A Trombeta escutai dos Luzitanos,
E se rouca tocar... tremei Tyrannos.

O TROMBETEIRO.

A TROMBETA LUZITANA.

Temos a satisfação de levar ao conhecimento do respeitavel Publico, o Libelo dado pelo Sr. Promotor, contra os dous Artigos denunciados de nosso N.° 16; assim como a Allegação verbal, que o muito Honrado, intelligente Doutor Vidal, proferio no Jury, em nossa defeza.

ACCUZAÇAÕ.

O Promotor por parte do Publico denuncia o Periodico denominado Trombeta N.° 16, que junta, por ter abuzado contra o artigo 12 parte 1.ª e 4.ª da Lei de 12 de Julho de 1821 v. g. no § que principia = Continúa, e que dirá do Rei = pois que em huma Nação que adora o Seu Rei senão pode ennunciar principio mais subversivo do que declarar, que elle está em acto de coacção; não menos acontece quando por meio de reticencia annuncia males ao povo. = Cançados em fim ...

P. a V. S.ª lhe mande tomar sua denuncia, e se proceda na forma da Lei.

E R. M.

Despacho.

D. a Costa. Teme-se a denuncia e se proceda na forma da Lei. Lisboa 20 de Dezembro de 1822. = Moura Cabral =

Libello.

P. sempre que acontece annunciar-se a alguem factos tendentes a destruição do bem que se acredita, ou que offendem pessoa de grande estima, e respeito, he natural a opozição, e exforço para conservar o bem, cuja privação se annuncia, e desagravar a pessoa offendida.

P. que o numero de individuos augmentado não muda os sentimentos que erão naturaes a cada hum; e por isso aos povos, que muita estima, e grande respeito prestão á Pessoa d'El-Rei, e que do uzo livre de sua vontade fazem pendente sua felicidade, pelos bons dezejos que lhe acreditão, á enunciação de que sofre coacção contem a declaração de que elles vão perder a cauza de seus bens, com grave injuria d'El-Rei.

P. que o Periodico Trombeta n.° 16 diz que El-Rei sofre coacção nas palavras = " Apillula que á força nos querem fa- " zer engolir da expontaneadade do Rei, " he tão volumoza que nós apostamos em " como huma Balea por mais que escar- " ranche a boca não he capaz de a engo- " lir! " = quando he inacreditavel a espontaneadade he acreditavel a coacção; logo El-Rei está coacto. Esta declaração contem hum claro principio subversivo capaz de chamar aos Povos a recorrer a todo

o meio que fosse necessario para restituir a liberdade a El-Rei, e muito injurioza lhe he pela fraqueza que lhe supre, de que algum motivo possa haver que o obrigasse a fazer o contrario do que entendesse, o que, em regra, sendo injuriozo a qualquer particular, muito se agrava na Pessoa d'El-Rei, em que se acreditão qualidades de espirito correspondentes a sua alta reprezentação, e grandeza.

P. que o mesmo Periodico não satisfaz nem concilia esta declaração com o final do §, o que pertendeo fazer dizendo, que todo o mundo sabe que El-Rei não pode fazer nada sem que o Conselho de Estado e dos Ministros assentem nisso = porque a isso se responde, o Art. da Constituição manda ouvir o Conselho de Estado, e a convicção nascida do bom conselho ou da obediencia á Lei; não se diz coacção, todos os homens em regras se acreditão em querer o justo, e a Lei diz-se coacção, e procedimento contra a inteligencia bem regulada, por medo ou algum imperioso motivo, de sorte que seja quem se ennuncie contra a propria inteligencia.

P. que nestes termos tem o Periodico abuzado contra a Lei de 12 de Julho de 1821 na parte 1.ª do artigo 12, e na parte 4.ª, como se disse na petição da Denuncia; na 1.ª parte, porque pela declaração de que El-Rei estava coacto chamava os povos a libertallo; e na parte 4.ª, porque injuriou a El-Rei suppondo-o capaz de poder ser constrangido por qualquer principio que não fosse a sua intima convicção.

P. que he igualmente subversivo o modo porque se ennuncia no § que principia = A Esperança de melhora, e acaba, cançados em fim . . . a reticencia no sentido obvio quer dizer, que os povos farão justiça por suas mãos; de que se podia seguir a anarchia o major dos males; as reticencias não necessitão explicadas, nem he livre ao escritor dar-lhe enterpetrações: ellas são modo de expremir, porém mais vehementes, e não se podem separar do sentido dos periodos em que estão. Os Juizes á vista do § decidirão, porque o Promotor duvidou e por isso denunciou = Doutor Ferreira. =

Está conforme o original. Lisboa 13 de Janeiro de 1823.

Anselmo Jozé Ferreira de Passos.

ALLEGAÇÃO.

" Se quereis ser livres conservai a liberdade aos Escriptores, d'outra maneira a Nação, e vós com ella sereis algemados, e escarnecidos por tantos Tyrannos quantos forem os intrigantes felizes, que poderem collocar-se á testa do poder. "

De hum Cidadão.

SENHORES.

Eis o thema do discurso que eu vou ter honra de recitar na vossa presença respeitavel.

Censurado de cançar a vossa paciencia em estilo Asiatico, e de formar longos discursos carregados de tropos e figuras, poderia responder, ante vós, a esses rigidos Censores que o meu Mestre, o Mestre de todos os Oradores do Mundo, quando fallava perante o grande Jury de *Roma*, usava pelo menos de dobrada extensão. De *Sandoval*, e *Macedo* disse precisamente o que bastava; quando taes causas no seu verdadeiro ponto affectavão geraes interesses, e tinhão grandissimas, e importantes relações.

Eis-me agora a defender o Redactor da *Trombeta Lusitana*: esta defeza he interessante, não tanto pelo seu contento, ou pelo seu Author, mas porque defendendo-o, se defende a liberdade da Imprensa; morta, ou acabrunhada a qual, acabou-se a liberdade; e qualquer feliz, e ousado intrigante seria o nosso tyranno, encobrindo a trama com apparencias francas, e forjando nossos ferros ao som de palavras sonoras, e de termos pomposos da justiça, e da liberdade.

Se tenho peccado no estilo Asiatico, se abusando da vossa indulgencia tenho estendido discursos, que poderia cortar; protesto emendar-me, ser breve, e pagar desta maneira a honrosa attenção que me prestaes. Considerai, Senhores, neste momento, não só fitos, e attentos em vós tantos illustres, e respeitaveis Cidadãos que nos escutão: e são só estes porque outros não couberão no pequeno local: toda a *Lisboa*, e talvez não exaggere quando affirme que a maior parte de *Portugal* olha neste momento para vós, pois que espera achar na vossa inabalavel, e imparcial inteireza, as garantias da sua liberdade.

Conheço, Senhores, que hum acausa de tanto melindre, e de tão importantes, e geraes consequencias devia ser tratada por outro mais sabio Juris-Consulto, e mais consumado Orador; porém Senhores, pouco vale a eloquencia quando se falta á verdade. O que vou dizer-vos he a verdade; e se ao máo parecer dura, o Cidadão livre, justo, e pacifico a gostará. Escutai-me Senhores: se alguma das minhas expressões não for, ou conforme as vossas idéas, ou justa, e precisa, attribuhi-o á minha falta de talentos, e de sciencia, e ao pouco tempo que tive para ruminar minhas palavras: mas não prejudiquem ao fundo da causa, e da qual passo a tratar, prescindindo d'exordios pomposos em estilo figurado.

Accusa o Meritissimo Promotor ao R. de ter infringido a Lei da liberdade da Imprensa commettendo abusos contra a 1.ª e 4.ª especies do art. 12 da Lei citada. Já Senhores ouvisteis na contestação do Libello, e sabeis mui bem, que estas especies não podem dizer-se infringidas pelo R. no Periodico denunciado; porque, sendo ellas, a 1.ª *Excitar directamente os Povos á rebellião* = 4.ª *Injuriar, ou infamar o Soberano Congresso, ou Chefe do Poder Executivo* = para se dar essa *provocação directa*, essa *injuria directa*, era preciso que no Periodico houvessem termos claros, directos, e precisos, e nos quaes o Povo fosse provocado á rebellião, injuriado, e diffamado o Soberano Corpo Legislativo, ou a Pessoa do nosso incomparavel Rei Constitucional.

Em todo o Periodico não se encontrão termos taes: a interpretação literal he a unica admissivel em caso criminal tão grave; as interpretações torcidas com que se pertende inculpar ao R., nada valem, ou concluem em caso tal: eis-aqui, Senhores, em summa a defeza do R.; eis-aqui o que bastava, se em negocio de tanto pezo não parecesse justa huma analyse maior.

O §. principal, e primeiramente denunciado, he aquelle aonde se encontrão os termos seguintes:

" Diz = que Elle (o Rei) fora por es-
" tes arrastrado a huma fogosa determina-
" ção, tão repugnante aos sentimentos do seu
" coração, com a qual precipitárão a Na-
" ção: (isto he da Indicação do Sr. Depu-
" tado *Accursio das Neves*.) O Redactor continúa, fallando do P. S. da Commissão, *Ninguem podia dar huma resposta mais cathegorica*. Eis-aqui a causal da Accusação. *A Pillula que á força nos querem fazer engolir, da espontaneidade do Rei* (Notai Senhores *espontaneidade*) *he tão volumosa, que nós apostamos em como huma Balea, por mais que escarranche a boca, não he capaz de a engolir. Isto* (continúa o Redactor) *nem merece analyse, porque todo o Mundo sabe, que o Rei não póde fazer nada sem que o Conselho d'Estado, e dos Ministros assentem nisso.*

O Meritissimo Promotor interpretando a arbitrio diz = que o Redactor pintára o Rei *coacto*, que esta *coacção* não sómente era injuriosa ao Rei, por lhe suppôr fraqueza, e que seria capaz de obrar por ella o contrario do que entendesse, mas ajunta ainda mais graciosamente, que nesta pintura de *coacção* havia huma *provocação directa* aos Povos para a rebellião, isto he (servima-nos das palavras do mesmo respeitavel Promotor) chamar os Povos a recorrer a todo o meio que fosse necessario para restituir a liberdade a El-Rei, e que nada defendia ao Redactor o ter dito, que o Rei nada podia sem o Conselho d'Estado; porque a convicção nascida do bom Conselho, ou da obediencia á Lei, não se diz = coacção. =

Ora, Senhores, póde dar-se interpretação mais extensiva, e forçada? Aonde disse o Redactor que o Rei estava *coacto*? Aonde persuadio o Povo a que livrasse o Rei da *coacção* para que estivesse em liberdade? Procurai, Senhores, em todo o Periodico, e nelle não encontrareis palavra que diga, ou indique tal.

Tratava o Redactor da Indicação do Sr. Deputado *Accursio das Neves*, ou antes do P. S. da Commissão, que censurou este parecer; o R. como Escriptor Publico respeitosamente tratou d'algumas passagens do P. S., sendo isto permittido a todo o Escriptor, nos Paizes aonde a liberdade se preza, aonde se não quer a sombra, e a figura, mas tão sómente a realidade: não he deste lugar, nem deste discurso, o tratar do negocio desgraçado e impolitico que deo causal a esta Accusação: podia lembrar que já no Contracto Dotal celebrado por Escriptura Publica em 16 de Setembro de 1473 em *Lisboa* por *Fernão d'Espanha*, o *Duque de Viseu D. Diogo* dotou a Serenissima Senhora D. *Leonor*, sua irmã, com o Castello de *Lagos*, e que o Rei, o Senhor D. *João* II. seu futuro Esposo dotára a mesma Senhora além de 1:116$613 reais, de 35 Libras o real,

e 150$000 para compra de peças de ouro, e seda, com as Povoações " de Cintra, " Torres Vedras, e Obidos para ajuda do " supportamento do seu Estado. "

He tambem certo que na Escritura dotal celebrada para o casamento da Serenissima Senhora D. *Catharina* com o Senhor Rei D. *João* III. se acha o seguinte, a respeito das terras que se chamão da *Rainha*, e que eu julgo *Dotaes*, ibi =

" Que las dichas tierras que tiene la " dicha Senõra Reina *Leonor* su Thya sa- " lirán de manera que puedan venir; " e un que a la dicha Senõra Infanta " D. Catharina se descuentan de los " dichos quatro cuentos (com que o " Rei dotou a sua Esposa, em quanto " não entrasse na posse dos Bens Do- " taes) otro tanto, quanto valieren " de renta las dichas tierras. "

Tambem no outro Contracto Dotal celebrado em Vienna d'Austria (1) em 24 de Junho de 1708 para o casamento do Senhor Rei D. *João* V. com a Serenissima Senhora *Arquiduqueza D. Maria Anna de Austria*, se diz o seguinte no art. 5.°

Promitit Serinissimæ Principi Dominæ Sponsæ suæ charissimæ post matrimonium consummatum eosdem stetus, reditus, Oppida &c. quibus priores Regina Lusitaniæ fruibantur semper &.

Vendo-se destes antigos contractos Dotaes, que a Augusta Sr.ª D. *Carlota Joaquina de Bourbon*, não vierão as terras, que se lhe tirárão, por Doacção de Corôa, mas sim por Contracto dotal, como a todas as Augustas Senhoras Rainhas, suas Antecessoras.

Omitto Srs. tratar mais a fundo desta espinhozissima questão, e até porque já está decidida pelo Governo, e como bom, e pacifico Cidadão respeito tudo quanto pelo mesmo Governo for determinado; diria sómente que os bens dotaes não podem ser tirados aos Particulares, e que se razões (2) de Estado obrigão a proceder de outra maneira, no triste, e fatal cazo de que o Redactor tratava, lamento as circunstancias, e respeito a Lei.

Porém, Srs, suppor-se que o negar a *Espontaneadade ao Rei neste cazo*, he julgalo *coacto*, he fazer-lhe injuria: isto he tão novo, que antes pelo contrario digo, que conceder tal espontaneadade era desconhecer as obrigações de Rei Constitucional, e querer que o Rei deixe de ser homem, e suffoque, ou desminta a Natureza.

A Constituição no Artigo 161 determina litteral, e expressamente, que todos os Decretos, ou outras Determinações do Rei de qualquer natureza que sejão, serão assignadas pelo respectivo Secretario de Estado; e acrescenta a mesma Constituição,

E sem isso não se lhes dará cumprimento.

A mesma Constituição no Artigo 167 determina, que o Rei ouça nos cazos graves os Conselheiros de Estado: ora supponhamos, Srs., que o Rei se apartava deste voto, e do voto dos Ministros, e que mandava lavrar hum Decreto; o Ministro respectivo não o assignava; logo

Não se lhe dava cumprimento

Eis aqui pois o que o Redactor disse: o Rei como homem, como Pai, e como Espozo não podia espontaneamente querer separar de si, e de seu Reino a sua espoza, a Mai de seus filhos, a companheira de tantos annos, suppor tal *espontaneadade* ao Rei, a hum Rei tal como he o Sr. D. João 6.°, não só era fazer-lhe gravissima injuria, e desconhecer as suas grandes virtudes civicas, e Religiozas, mas até he querer combater, e suffocar a natureza. Mas o voto dos Conselheiros era contrario (notai Srs. que não forão todos) os Ministros convierão, o Rei obedece á Constituição, resigna-se á Lei, e assigna o Decreto. E será chamar o Povo á rebellião o dizer-lhe, que o Rei para cumprir, e fazer cumprir a Lei, não duvidou fazer o sacrificio de sua propria Esposa? Não será antes isto apresentar aos olhos da Europa hum exemplo, não de fraqueza, mas de firmeza, de resignação ás circunstancias, e ao sagrado do juramento! Ah Srs., se desta maneira se injuría, se *provoca directamente* á rebellião, as ideas do Justo se mudarão, e quantos Diccionarios temos devem ser queimados.

Continuar-se-ha.

(1) O mesmo se mostra pelo contracto de Dote, celebrado em *Paris* em 21 de Fevereiro de 1668, entre o Senhor Rei D. *Affonso* VI., e a Senhora D. *Maria Francisca Isabel de Saboia.*

(2) Parece-me, salvo o respeito á Lei, e ao Governo, que os que attacárão a Sr.ª D. Carlota, usárão de hum Cinismo imperdoavel, ainda quando tivessem razão; e que os deffensores, nem tiverão firmeza, nem tratárão o negocio com a exactidão e profundidade que merecia.

LISBOA. NA IMPRESSAÕ LIBERAL. ANNO DE 1823. *Rua Formoza N.° 42.*

FEVEREIRO 27. N. 45.

A Trombeta escutai dos Luzitanos,
E se rouca tocar... tremei Tyrannos.

O TROMBETEIRO.

A TROMBETA LUZITANA.

A Prudencia he quem me inspira.

A Constituição, faz irresponsaveis os Representantes do Povo, pelas suas opiniões em Congresso: a mesma Constituição permitte a todo o Cidadão publicar suas idéas por escripto, ou por palavra.

Eis aqui o meu direito: e he apoiado nelle, que eu vou hoje subir á tribuna pública, de onde tenho orado atégora, e da qual, tenho intrepido feito troar a trombeta da verdade, a favor da felicidade da minha Patria. A Sessão das Cortes de 20 do corrente he o meu thema: a Causa Pública o meu objecto.

He chegado o tempo de brilhar a razão, e dissipar por huma vez a tenebrosa nevoa que nos tem occultado a estrada que devemos seguir para caminhar-mos ao nosso fim: isto he, para ser-mos livres, e fazer-mos por tanto a felicidade de cada hum em particular, e de todos em geral.

A Sessão de 20, teve por objecto a adopção de meios para sustentar-mos, como nossa, a causa, ou talvez os caprixos, de huma nação estranha, que se vê hoje ameaçada de perto por outra mais poderosa do que ella. Havendo sido aquella questão fortemente debatida, causa espanto que todos os membros da Assembléa, com a excepção de hum (1) não quizessem entrar no honroso campo que a materia lhes offerecia, e se proposessem sómente a illudir-se huns aos outros, deixando-se escorregar voluntariamente para darem hum maior vigor aos systematicos caprixos de alguem: expliquemo-nos.

O Congresso adoptou por principio de qualquer deliberação sobre a importante materia de que tratou, que = Toda e qualquer agressão estrangeira contra a *Hespanha*, para destruir ou modificar suas instituições, seja reputada como feita directamente contra *Portugal* = Este principio he oposto ao direito das gentes, antipolitico, e fatal para nós. He opposto ao direito das gentes, porque direito nenhum temos em entrevir n'uma questão estranha, contra huma Potencia com quem nos achamos em perfeita harmonia, e que não tem com huma só palavra attacado nossa existencia politica: he antipolitica, por que achando-se aquella Potencia estreitamente enlaçada com as primeiras da *Europa*, teremos de expor-nos a alterar nossas relações politicas para com ellas: He fatal para nós, porque não tendo forças nem meios para nos empenhar-mos em tão poderosa contenda, arriscaremos as nossas instituições, e liberdade. Entremos em materia.

[1] Foi o Sr. *Bastos*. Não o conheço pessoalmente, mas tenho a maior consideração para com seus talentos. *(o Redactor.)*

Quando em 1820 se restabeleceu em *Hespanha* a Constituição do anno 12, a *França* podendo dispor logo de huma força sufficiente para atalhar ao seu progresso, se nisso se julgasse interessada, não só o não fez, mas presenciou tranquilla aquelle accontecimento, que de alguma maneira a devia affectar. A Constituição principiou pois a restabelecer-se em *Hespanha*, sem que suas relações politicas com a *França* padecessem a menor alteração. *Portugal*, seguio poucos mezes depois o mesmo systema, e não foi menos feliz nos resultados.

Os negocios em *Hespanha*, principiárão no anno 21 a tomar huma diversa face, cujos symptomas terriveis lavrárão sensivelmente para álem dos Pyrineus; e foi então que a *França* começou a sobresaltarse, e a reconhecer a melindrosa situação em que se achava. O *Governo Francez*, depressa observou iguaes symptomas em alguns pontos da *França*, teve que atalhar sedições, e evidentemente se convenceu de que ellas nascião de intelligencias secretas, que hião tomando hum rapido vigor. Este estado de couzas não podia durar: o Governo reconheceu os projectos, e tremeu pela paz da *França*, e por sua propria existencia. As prevenções passivas, pela actividade com que em *Hespanha* se laborava, já não erão bastantes para atalhar o premeditado incendido, que devia abrazar toda a *França* em pouco tempo: só a energia mais activa a podia salvar. Hum exercito *Francez* de observação veio pois immediatamente guarnecer os limites naturáes entre as duas nações, sem com tudo se alterarem as relações pacificas que entre ambas subsistia.

Porém, isto não foi bastante, nem para que a *França* se julgasse segura, nem para que o mesmo espirito dominante em *Hespanha* cedesse de seus projectos. A França, julgou por tanto que lhe era necessario seguir outro systema de oposição mais energico, e uzar de reprezalias: auxiliou de alguma sorte os partidos rebellados da *Catalunha* (1) Mas esta situação era demasiado forçada para poder durar; e a intriga laborava surdamente de parte a parte.

O *Governo Francez*, convenceu-se em fim de que na verdade não era possivel equilibrar-se a páz da *França* com as modernas instituições de *Hespanha*, e muito menos com aquelles que as dirigião. Elle o manifestou francamente a seus alliados, e a sua resolução he bem sabida. A *França* auctorisada por tanto a prover á sua segurança, por meio da agressão, ou das convenções, preferio estas a aquella, e propôz sinceramente á *Hespanha* algumas modificações tão rasoaveis em suas instituições, que ellas se achão adoptadas no systema das principaes Potencias livres. Pouca gente haverá que ignore que esta offerta foi geralmente bem recebida em *Hespanha*, por todos aquelles que não formão huma facção particular, intima alliada dos novas instituições. Ella a regeitou com audacia, e tão obstinadamente, que prefere ver a *Hespanha* nos braços da anarquia, que ceder de hum só de seus caprixos, e particulares intenções! Tem visto por tanto, o *Governo Francez* frustrados todos os seus esforços de consiliação, não pela *Hespanha*, mas por aquelles que mais influentes hoje a governão. O *Governo Francez*, resolveu pois conseguir pelas armas, o que por meios rasoaveis e conciliadores não pode obter.

Tal he o estado em que se achão os negocios de *Hespanha*, e tal ha sido a sua origem. Vejamos agora as circunstancias em que se acha *Portugal* relativamente áquella questão, em que lhe querem dar parte.

Portugal ha sido inteiramente estranho a todos aquelles accontecimentos, tanto por sua posição topografica, como pela admiravel tranquillidade com que tem operado sua nova organisação de Governo. Ainda que esta seja em tudo similhante á da sua visinha, a *Hespanha*, nem por isso a *França*, no meio de seu ressentimento, lhe ha dirigido recriminação alguma, nem alterado suas amigaveis relações; o que certamente indica os pacificos sentimentos de que para comnosco se acha animada. O discurso que o seu *Rei* proferio na abertura das Cameras, he hum autentico testemunho que nos afiança esta verdade. A' vista disto, como quiz o Congresso violentar aquella Potencia a ser nossa inimiga? ou antes, como quiz provocala á guerra? houve acazo alguma explicação de parte a parte, cuja obscuridade nos faça arrecear que ella se declare contra nós? Não certamente. O *Congresso* entregou-se pois a huma discussão prematura, de que

[1] Não tanto como alguns querem, para fundamentar suas recriminações. Estes auxilios consistirão mais em acolher aquelles partidos no territorio *Francez*, que em fomentalos, como se pertende.

não deveria occupar-se senão quando aquella Potencia de nós houvera feito menção.

Esta precipitação em que se lançou, lhe não deu logar a prever, que ainda quando a *Hespanha* tivesse hum exito infeliz nas suas dissenções com a *França*, nós poderiamos, a pezar disso, sustentar a nossa liberdade ainda que fosse com algumas bem entendidas modificações, huma vez que não atrahissemos o ódio do vencedor. E se pelo contrario forçar-mos aquella Potencia a ser nossa inimiga, que vantagens poderemos nós recolher? nenhumas sem duvida; antes a nossa ruina será infalivel. A guerra que ella nos fizer, nos será talvez menos prejudicial na terra, que no mar. Senhora hoje de huma numeroza marinha, não perderia a occazião de dar o derradeiro corte em nosso debilitado commercio: e essa seria para nós a maior de todas as derrotas. Embora se tomem de antemão as necessarias precauções para sahir-mos ao campo, quando a isso nos forcem directamente; isto acho eu prudente, mas nunca ser-mos nós os provocadores, para que ao menos não haja esse pretexto contra nós. He preciso que nos conheçamos, e que lancemos huma vista circunspecta sobre o futuro, que já hoje pode ser calculado, quasi com exactidão.

Custa na verdade a acreditar que n'uma Assembléa Legislativa se tratasse huma tão importante materia debaixo de hum aspecto jocoso, que pareceu ter só por objecto ridicularisar nossa melindrosa situação! Sim, alguns Membros da Assembléa, abandonando inteiramente o essencial ponto da questão, se entranhárão pelas invectivas, já contra o Rei de *França* já contra os exercitos francezes; huns os denomináro, *exercitos de cabelleira*, outros de *aristocratas*, outros *de escravos*, a quem o unico aspecto dos constitucionaes será bastante para debellar. Táes discursos de nada servem, senão de desacreditar o *Congresso*, onde para sua dignidade, nunca deverião ser pronunciados. Que hum máo Jornalista desça a essas futilidades, não he de estranhar; porém hum Representante da Nação, cuja dignidade de pensar, e de exprimir-se devem estar em justas proporções com a auctoridade que representa, he altamente reprehensivel aos olhos do mundo civilizado. Não he com taes armas que nós havemos de resistir a hum inimigo poderoso, e para o qual a guerra he hum elemento natural. As invectivas dirigidas contra o *Monarcha Francez*, não servindo de utilidade alguma, nem á Nação, nem ao *Congresso*, apenas podem dar maior consistencia á primeira das recriminações com que os *Reis* da *Europa* nos estão dando de rosto. E quereremos nós, ou nos convirá rivalidalas?

E que diremos da informação tortuoza que o *Ministro dos Negocios Estrangeiros* deu ao *Congresso* sobre o estado de nossas relações com a *Inglaterra*? Nunca se vio huma tão manifesta contradicção! O Ministro, informando o *Congresso* de que o Governo de S. M. B. havia declarado, que sustentaria os antigos tractados subsistentes que o enlação a *Portugal*, seu antigo alliado, dando-lhe todos os soccorros para sustentar sua independencia politica, quando a veja ameaçada, declarou ao mesmo tempo que esta renovação de sentimentos não era com tudo extensiva ás nossas novas instituições, (1) com as quaes não tinha ligação alguma. A' vista de huma explicação destas, como ha quem lance as suas vistas para a *Inglaterra*? Como se querem illudir os Membros do *Congresso* huns aos outros, fallando de auxilios daquella parte? Eu já disse em hum dos passados Numeros, que a politica da *Inglaterra* era bem conhecida desde o Congresso de *Layback*: e que para prova de que ella não auxilliaria nossas modernas instituições, era não as ter reconhecido. A'lem de que, as suas intenções são tão patentes, que ella tem feito reclamações, mui positivas, sobre a alteração do tratado commercial de 1810, como o *Congresso* está informado. E como ha quem se atreva a dizer que a *Inglaterra* auxiliará a nossa Cauza? Isto parece mais hum sonho, que hum facto.

A *Peninsula*, vai pois envolver-se n'huma contenda contra a *Europa*, em que não pode contar senão com seus naturaes recursos. Abandonada da unica potencia que podia ministrar-lhe soccorros, e empunhar o leme das negociações, o resultado da sua obstinação não será duvidoso. Ella quererá ainda recorrer á sua mediação, mas talvez já não seja tempo: nós o acreditamos firmemente. Lembrem-se os *Peninsulares* que se em quanto as armas francezas não descem os *Pyrineus*, não tratão de negociar a paz, depois não terão hum unico intervalo para a propor honrosamente, porque mesmo lhe não serão admitidas quaesquer

(1) Isto acha-se bem expendido no *Relatorio* que este *Ministro* offereceu a estas *Cortes ordinarias*.

proposições. Esta guerra he de hum caracter mui diverso das outras que havemos sustentado; e assim como hoje da nossa parte se diz arrogantemente: *não transijamos com elles*, assim elles nos responderão, quando virem a nossa perda eminente!

Se a *Hespanha* se obstina em não querer adoptar as propostas modificações na Constituição, porque assim convem a hum certo partido dominante, e prefere antes cahir outra vez no absolutismo, do que conservar huma liberdade rasoavel, e de certo mais conforme com a educação dos Povos (1), embora ella se abisme, se assim o quer; mas não seja *Portugal* o misero satellite da sua desgraça. Em que bella situação se acha o *Portugal* para forçar a *Hespanha* a desistir de hum louco projecto, e evitar a guerra! Sim se ella não quer aceitar as propostas modificações, tomemos-lhe nós o passo, aceitemo-las, e ella se verá obrigada instantaneamente a aceitalas tãobem. Não o duvidemos: este he o partido mais rasoavel que a prudencia nos aconselha. Só desta sorte he que poderemos reunir os espiritos, entre nós tão divergentes, e estabelecer-mos sem temor a nossa liberdade civil. Que importa que nós desistamos de alguns principios, que entre nós mesmos passão por exaltados, se essa desistencia nos vai congrassar interior, e exteriormente? se só assim he que podemos fundar para sempre os alicerces de huma Monarquia Constitucional?

Se nós não vira-mos entre nós huma divisão consideravel nas vontades, procedente de huma manifesta desaprovação, se não vira-mos a Europa quasi toda conspirada contra nós, embora sustentassemos inflexiveis hum systema, que julgamos melhor que todos os outros, a pezar de que a experiencia ainda por tal o não tenha qualificado. Porém, quando nos vemos á braços com a guerra civil, quando os mesmos creadores, ou reguladores deste systema novo, se achão convulsos e vacilantes á testa delle, cercados de inimigos, e sem apoio, he quando recusamos descer um degráo, para nos reconciliar-mos com nós mesmos, com a *Europa*, e com a liberdade bem regulada?! Que tememos! qual he o nosso receio? A dureza das condições? Vão fantasma! A suavidade dellas, he quem nos afiança o futuro feliz que dezejamos: a duração de hum Governo representativo; ellas serão a sua melhor garantia.

Ah! quem poderá oppor-se a tão prudente deliberação? Quem assás cego haverá que não confesse que esta he a nossa unica taboa de salvação? Serão acazo esses que derão o impulso, e que julgão sua existencia comprometida? Elles o não devem ser. Outra estrada, talvez mais gloriosa, se lhes abre agora diante de seus passos, para os conduzir ao templo da Immortalidade, e serem os Anjos bemfazejos da sua Patria. Sim he esta para elles, a sua mais bella época; e entre ella, e o seu precipicio, não medêa mais que hum passo. Será este o unico meio de polirem a sua obra, e de a consolidarem. Porém se um frenetico orgulho, se huma vontade deliberada de servirem seus caprixos, os obstina em proseguir nelles, a travez da torrente da opinião, será hum povo inteiro o flexivel automato que se deixe mover a seu sabor? deverá elle ser a victima de seu systema? Não, sem duvida. Elles se acharião sós em campo, e não lhes caberia então em partilha, mais que a deshonra, o opprobrio, e a universal indignação. Que elles se convenção desta importante verdade, e que nos não sacrifiquem.

O tempo insta, e a conjunctura he a mais plausivel. Nós temos hum poderozo mediador, (*a Inglaterra*) que fiel a huma alliança de seculos, não duvida, pode-se afiançar, de promover a negociação, e de ser o garante do tractado.

Amigos da liberdade bem regulada! Fechai vossos ouvidos ás vozes daquelles que se esforção por nos desviar de transigirmos com quem nos offerece huma paz honrosa, capaz de firmar para sempre a nossa felicidade, e decorosa independencia. Aceitemo-la, e não sejamos os instrumentos de caprixos particulares, ou de sinistras pretenções. *(O Redactor.)*

Destruição da Impostura.

Estava reservado para nossos dias ouvir-se hum Representante do Povo, hum pequenino Soberano (1), gritar em tom

(1) Sim com a educação dos Povos. Embora lhe chamem prejuizos. Os Povos peninsulares são nutridos desde o berço com sublimes ideas de realeza, que se achão profundamente gravadas em seus corações. Tudo quanto a rodea he por elles respeitado. *(O Redactor)*

[1] Sem duvida. Quem lhe poderá negar hum centesimo de Soberania? Se ella reside no todo, está visto que hade residir na parte como huma fracção do todo. E então não he elle hum *Soberaninho*?

proclamador, no meio da Assemblea Legislativa, de que faz parte, contra hum pobre Jornalista, por expressar sem rodeios a sua opinião, e desenvolver francamente principios de verdadade eterna, que homem nenhum de probidade he capaz de contrariar. Este foi o Snr. Depputado *Moura*, na Sessão de 19 do corrente.

Tem a *Trombeta* manifestado por muitas vezes, e hoje o repete, que *Portugal* se acha em dificillimas (a não serem impossiveis) circunstancias de sustentar huma guerra com qualquer Potencia, e muito menos com huma tão poderosa como a *França*; que não ha dinheiro, que os arsenáes estão vasios, e em fim por ultima desgraça, que não temos força moral, porque os animos estão geralmente divergentes. Esta reconhecida verdade, tem sido por muitas vezes enunciada no Congresso, por mais de hum de seus membros, e tanto que he sobre ella que se agitão hoje as mais importantes questões do dia. Porem, o Snr. *Moura*, inimigo natural da verdade, que não lhe sôa bem, particularmente quando ella sôa pela boca da *Trombeta*, julgou que devia extraviar-se do objecto da discussão para invectivar contra ella á face dos Representantes da Nação, para ver talvez, se magoados de seus queixumes decretavão a sua supressão; e pelo que vemos, não esteve isso muito longe, porque ainda levou seus = *apoiados* =.

Entre outras cousas, diz este *imparçial* legislador, em huma enthusiasmada interrogação: " Quem se não admirará de que " em *Portugal*, á face de tantos homens " sabios, de tantos *Liberaes*, e de tantos " *patriotas*, huma publicação escripta nes- " te sentido, *inunde* tres vezes na semana " esta Capital, e que esta publicação *não* " *desista* de proclamar nas segundas, quar- " tas, e sabados: *(1) não temos dinheiro*; " *Portugal está no estado do maior abati-* " *mento*; *os Potencias que o attacão são* " *formidaveis*; *os meios que desenvolvem* " *contra nós, são insuperaveis, e invenciveis*"

Ora Snr. *Moura*, esta he daquellas invectivas que não merecem resposta; mas para preencher um vacuo das minhas poucas horas vagas, sempre lha dou. Diga-me, Snr., em que palavra, ou oração de todo este § com que me argue, mas que tanta honra me faz, deixa de resplandecer a verdade? em que palavra, em que oração se encontra huma impostura? O Snr. *Moura* deu huma pessima idea a toda a Nação, da moral que professa! e da falta de rectidão que o acompanha! porque attacando de falsa esta doutrina, prova manifestamente que só invertida pode ser verdadeira; isto he: *que temos muito dinheiro*; *que Portugal está no estado da maior prosperidade*; *que as Potencias que o attacão são fraquissimas*; *e em fim que os meios que desenvolvem contra nós são debeis, e despresiveis.*

Então Snr. *Moura*, isto será verdadeiro? Era dizendo isto, que eu havia de distinguir a minha pena da sua moral? era fallando asssim a huma Nação culta, que lhe havia de transmitir o estado de nossas circunstancias? Será esse o dever de hum escriptor honrado?! Se o Snr. *Moura* tem motivos de recentimento particular (mas não fundados) contra a *Trombeta*, porque se não vale dignamente dos meios que estão á sua disposição para a combater? porque não desiste de huma, ou duas moedas, e recolhido ao seu gabinete, invoca os seus talentos, e faz dardejar da imprensa o raio abrazador da razão, sobre ella? Não tema, olhe que dá com hum adversario generoso, que he capaz de confessar o seu erro, e celebrar até a sua propria victoria. Eu tanto fulmino o ridiculo, e o despresivel sobre os baixos e abjectos inimigos, como entro em duelo honroso com inimigos generosos, e que sabem combater com dignidade.

Diz o Snr. *Moura*, que *a Trombeta inunda tres vezes na semana esta Capital*. He huma verdade; mas que pertende inferir dessa inundação? que he gratuita? não pode ser, porque a voz publica lhe hade ter informado o contrario, Ahi tem o Snr. *Moura* mais huma indubitavel prova, de que este Jornal, nem he mentiroso, nem vendido a partidos: e que a prodigiosa extracção que ha tido desde o 1.° N.° até este, atesta o bom conceito que a Nação faz delle, pelo acolhimento com que se digna recebello. Porem eu bem vejo, que he nesta publicidade que peca toda a aversão que o Snr. *Moura* lhe professa; porque se elle fosse hum importuno inquilino dos Livreiros, ou tivesse, a virtude de adormentar os Leitores, para que não observassem os SS. *Mouras*, então não temos duvida de que o não honraria com suas reprehenções no meio da Assemblea Nacional.

Tambem o Snr. Moura crimina a *Trombeta* por não desistir nunca de seus

---

[1] Olhe que he ás terças, quintas, e sabados: só se jurou desnaturalisar a verdade, por toda e qualquer parte onde a encontre! Ah Snr. *Moura*! Snr. *Moura*!

principios; e agora me recordo de que essa mesma queixa appareceu, não ha muito tempo, no Diario do Governo. Pois Snr. *Moura*, eu não tenho expressões bastantes para lhe agradecer a justiça que me faz, ainda que seja involuntaria. Na verdade, quem tiver lido todos os 45 Numeros que tenho escripto (1) achará que o mesmo espirito, e a mesma imparcialidade que dictárão o 1.°, brilhão com a mesma pureza em todos os demais. D'antes julgava-se isto huma virtude, e inteireza de caracter; porem nestes dourados tempos do *liberalismo* em que a *Filosofia* se regenerou com os Peninsulares, reputa-se huma fraqueza de genio, huma escravidão de pensamento, em fim huma antigualha reprehensivel!

Adeus Snr. *Moura*, não posso mais porque a materia he agreste, por isso que o seu objecto he falso em demasia. Não posso deixar a pena, sem lhe recommendar com a franqueza de Portuguez, ou talvez antes de hum amigo: Snr. *Moura*! seja justo: respeite, e adore averdade, onde quer, e debaixo de qualquer forma que a encontre: olhe que esta he a primeira base das virtudes sociaes; e se se não pode vencer, fuja da sociedade, e vá embrenhar-se n'um deserto.

(Continuação de N.° 44.)

Considerai Srs. os que sois esposos, e Pais, com que violencia assignaries huma Ordem para sahir desterrada a vossa Esposa, a May de vossos Filhos, e a vossa legitima Companheira; entrai como homens, e como homens sensiveis e de bem nesta cruel e penosa situação, e vede o preço do sacrificio de nosso Rei, e quanto elle nesta acção se mostrou fiel, e o primeiro Executor da Constituição. Não façais porém injuria ao Homem Virtuozo, ao Espozo, e Pai respeitavel em exitardes hum momento em que, no assignar tal Decreto houve *espontaneadade*, mas somente submissão á Lei, firmeza de caracter, e observancia dos Juramentos.

He igualmente torcida a interpretação dada ao § que começa = A esperança de melhora = e que a finda = cançados em fim = O Amor do Bem, o ousado despejo do homem livre que afronta o perigo para dizer a verdade, respira todo o discurso em que está o § accusado. O suprimento de reticencia segundo as intenções do Réo, ei-lo aqui.

" Cançados em fim os Portuguezes de
" soffrerem vexações, e verem infracções
" de Lei recorrerão ás Cortes, e ao Rei,
" e lhe pedirão Justiça.

Eis aqui Srs. supprida a reticencia segundo as verdadeiras intenções do Redactor, e desfeita e reduzida a pó toda a inculpação intentada. Se o simples Cidadão não he absolutamente livre porque sua liberdade he coarctada pelas Leis, muito menos o he hum Rei, e hum Rei Constitucional. Esta coacção da Lei he justa, he indispensavel. Hum Rei Constitucional, só tem acto expontaneo quando jura; logo que jurou findou o Motu proprio, a certa sciencia, o poder absoluto, e a *espontaneadade*, manda, governa, assigna, e obra conforme a Lei: e desta forma se entende, e não de outra maneira, o que o Réo disse no Periodico denunciado.

Considerai Srs. que sobre o vosso Julgado tem fitos os olhos todo o *Portugal*, hides dar hum grande exemplo de imparcialidade, e de justiça. Dizei á vossa consciencia = " se algum Cidadão por maior que
" seja o seu cargo, preeminencia, ou qua-
" lidade se julga attacado injustamente,
" venha aqui, venha ante nós, confunda
" o seu Accuzador, e faça apparecer a
" verdade. Se desdenha este processo, ou
" julga que lhe fica mal, aqui não ha res-
" peitos, só se julga de officio, quando
" *directamente*, ou a Religião se attaca,
" ou o Poder Legislativo, ou a Sagrada
" Pessoa do Rei; tudo o mais são ques-
" tões particulares " Da porta deste Tribunal para dentro só dois Nomes se conhecem e se respeitão = a Verdade, e a Justiça. =

Conclui Srs.; muito mais diria, mas o tempo he preciozo, e sou de estillo Asiatico censurado. He verdade que a melhor defeza do R. além do sentido litteral dos discursos que se inculpão, e da letra da Constituição está na vossa consciencia, e na vossa conhecida imparcialidade. Perdoai ao debil Patrono não tratar esta Causa como devia a ella mesmo, e á vossa dignidade. Absolvei o Escriptor corajozo, e dizei aos Particulares nos seus escritos attacados, que o accuzem, que o convençã-, e que fação apparecer, e brilhar a verdade. Conservai intacta a precioza liberdade de escrever e de fallar, e se quereis ser livres deixai a liberdade aos Escriptores, aliaz se houverem felizes intrigantes que saibão apossar-se do poder, sereis algemados ao mago som dessa mesma palavra *Liberdade*. = Disse, com procuração nos Autos. O Advogado da Casa da Suplicação, e Curador do Jury.

Manoel José Gomes d'Abreu Vidal.

[1] Sim Snr., tenho escripto; o que se acha em todos elles, que não tenha sahido desta pena, não encherá de certo folhas. Tenho um sortimento meu inexgotavel. *(O Redactor.)*

LISBOA. NA IMPRESSAÕ LIBERAL. ANNO DE 1823. *Rua Formoza N.° 42.*

MARÇO 1. N. 46.

A Trombeta escutai dos Luzitanos,
E se rouca tocar... tremei Tyrannos.

O TROMBETEIRO.

A TROMBETA LUZITANA.

Non, je ne le crei poin: &c' est vous faire injure,
Que daigner un moment combatre l'imposture.
Voltaire. Egipo.

A indicação do Sr. *Moura* sobre as forças e meios que devemos apromptar para nos opormos a cem mil *Francezes*, que vão entrar em *Hespanha*, he hum objecto que seu auctor tem feito fecundissimo, e continuará a fazer todos os dias que entre em debate. Na *Sessão* de 24, em que a materia volveu á questão, entre ontras cousas, disse o Sr. *Moura*: = *Que o Congresso contrariando as suas idéas, mostrava assim coincidir com as idéas dos inimigos da nossa causa*: = (1) Pondo de parte o despotismo louco com que pertende fazer passar as suas opiniões como infaliveis, e o atrevido insulto que fez a seus Colegas, quem deixará de notar a imperdoavel contradicção em que se esbarrou? Dias antes reprehendendo (e com razão) o systema que se hia propagando, de denominar *traidor* o Ministerio, disse elle = *Quem chamar traidor a alguem sem o provar seja reputado traidor elle mesmo* = Agora nesta Sessão, porque senão encorporam cegamente á sua opinião, chama traidores a seus Collegas, ou concidentes com os inimigos da causa, o que vem a ser o mesmo. Eis-aqui pois o homem que nos quer inculcar virtudes civicas, que elle não professa, esforçando-se em fazer passar como oráculos suas exaltadas opiniões.

He de certo admiravel a ousadia com que este Depp. affirma no meio do *Congresso* objectos que não existem! Táes são estas falsas afirmativas: = *Estámos certos da opinião da Inglaterra a nosso favor: ella será sempre a nossa deffensora* = *A Europa sympatisa com as nossas instituiçõss politicas.* Isto ditto a Tartaros seria desculpavel; porém, proferido n'um Congresso, á face de huma nação civilisada; e que está perfeitamente ao alcance da posição em que se acha para com ella mesma, e para com as demais potencias, he querer levar muito avante o systema da impostura. Se o Sr. *Moura* fizesse cortar primeiro todas as correspondencias que subsistem entre a *Inglaterra e Portugal*, ainda poderia fascinar por algum tempo a Nação; mas quando ella está conhecedora da politica ingleza, que nem ao menos quiz ainda reconhecer este systema de governo, he na verdade nunca vista ousadia em querer illudilla! O Sr. *Moura* aspira sem duvida a ser hum novo *Machiavel*, ou politico á *Napolionica*. Aquelle aventureiro feliz, estabeleceu por systema politico, desnaturalizar a ver-

[1] Muito feliz he este homem! não só lhe não derão com huma c... na c... mas nem ao menos foi chamado á ordem! He verdade que elle está nella ha muito tempo...

dade, o que praticou sempre com a maior impudencia á face do mundo inteiro. Mas não sabe o Sr. *Moura* que essa tactica só produzio effeito em quanto os povos dormião, e que he hoje tão conhecida, como desprezivel? De que serve estar o Sr. *Moura* a clamar no *Congresso*, que a *Inglaterra* espósa a nossa causa, e que a Europa sympatisa com nossas instituições, se toda a nação está vendo, e sabe o contrario?! Em que se estribou o Sr. *Moura* para avançar tão denodado huma similhante proposição? por onde lhe consta essa deliberação da *Inglaterra*?? Por as fallas de alguns membros da opposição na *Camera dos Lords*? Se tal he, mostra o Sr. *Moura* que não tem conhecimento algum do systema dos debates do *Parlamento Inglez*. Ainda materia, por mais justa que fosse, deixou de ser debatida pró e contra, naquelle *Parlamento*. A'lem de que, os debates daquella *Camera* não devem ser de importancia alguma para o Sr. *Moura*, que he hum inimigo implacavel de *Cameras Nobres*, que denomina *Aulicas*, *Aristocraticas* etc.

A'lem de tudo isto, o Sr. *Moura* ignora, ou finge ignorar, que estes debates não alterão nunca nem a politica, nem o systema do Ministerio. O Rei, ali não he hum *servo* do Parlamento: obra independente delle, e só lhe pede subsidios quando quer fazer a guerra a alguma Potencia. A marcha dos negocios he toda sua, e a sua politica separada da do *Parlamento*. Daquillo que obra não tem que dar directamente satisfações a ninguem. Porém isto de certo não he do agrado do Sr. *Moura*, que muito deseja que a Inglaterra se regenere tãobem á moderna, segundo querem os *Radicaes* daquelle paiz. Mas para lá não pegão as doutrinas dos *Hants*, e de outros anarquistas como elle.

E que diremos da *sympathia* que o Sr. *Moura* foi descubrir nas Potencias da *Europa*, com as nossas actuaes instituições?! O certo he que o Sr. *Moura* he hum *non plus ultra* da sabedoria humana! Como elle, deste cantinho de *Lisboa*, observa tão exactamente o espirito da *Europa*! Forte genio se perdeu para a *Astronomia*! Que descubertas não haveria feito! *Hertchel* não haveria figurado tanto. O'ra esta descoberta quando a principal parte da *Europa* está de mão armada, a reprovar as novas instituições peninsulares, tem sua graça! he curiosa! E em que consistirá essa *sympathia*? nas apologias dos theoristas *Bentham*, e *Constant*? Oh esses dous *regeneradores* exprimem solemnemente a opinião geral da *Europa*: está toda encerrada nelles, não tem duvida. Só se o Sr. *Moura* está persuadido de que esta aproximação de cem mil baionetas, he filha da incompreensivel lei da sympathia; isto he que entre as nossas instituições, e o áço existe huma atracção sympathica. Pois olhe que a ser assim, fez uma util descuberta para o progresso das sciencias naturaes.

Tudo o mais que o Sr. *Moura* disse na mesma Sessão para sustentar o *parecer*, comove, arrebata, e enternece: *Cicero* nunca fallou ao Senado com mais energia e vigor! Se he verdadeira huma nota que se lê no *Diario* n.º 48, o Sr. *Moura* teve a habilidade de fazer rebentar nas galerias hum chafariz de lagrimas, capaz de causar huma innundação! e como o Sr. *Moura* não estaria fresco no meio daquellas duas cascatas! O'ra o tempo he proprio; que prégador para sexta feira santa! era sermão de valer hum par de vintens. Com que valentia e generosidade não clamou elle para que se fizessem todos os esforços e se sacrificassem *todos os braços*, *todos os bens* (1) *todos os meios*, *todo o sangue*, *todas as vidas*, sem se lembrar que na vespora, e naquelle mesmo logar tinha protestado contra a deliberação do *Congresso* por lhe tirar a escandalosa pexincha de sustentar correspondencias á custa da Nação!!! O'ra chorem lá no sermão de hum patriota destes! Outro officio, meu amigo. Eis-ali verdadeiramente ao que se chama, meter os caens á mouta, e ficar de fora: sangue, vidas, fazenda, arrisque-se tudo, mas elle da sua parte, não quer gastar nem seis vintens nas suas proprias cartas do correio!!!

Sr. *Moura*, esta sua elloquencia, he como o favo de mel na boca da serpente, escuza de se cançar tanto que não produz effeito; he melhor que harmonise o que faz com o que diz, ou então o que diz com o que faz. Prégar moral, e virtudes patrioticas he a cousa mais facil e trivial que ha; qualquer fradinho da mão furada, engrimpado n'um pulpito, com as mãos nas mangas, he capaz de fazer chorar huma pedra. Mas isto não he o que nós precisamos agora, Sr. *Moura*: exemplos, exemplos he o que se quer, tudo o mais he embofia.

---

[1] A' excepção dos delle, que são trastes que não tem.

O desengano Final.

„ Vossa Excellencia deve identificar-se com nosco; devemos perder-nos ou salvar-nos todos; o Governo não espera que V. E. va recuperar o Brazil; esta expedição he necessario que vá para salvar o credito do Ministerio " (Intimação dos Ministros da Guerra, e da Justiça ao General *Saldanha*)

Quando Portugal todo cheio de indignação, clama innutilmente contra a errada, e criminosa conducta destes dous Ministros, he quando elles manifestão claramente as pessimas intenções de que se achão animados. Este he verdadeiramente o Manifesto da sua deshonra. Passemos a examina-lo em cada hum de seus artigos.

Primeiro. V. E. deve identificar-se com nosco.

Em que sentido deverá tomar-se esta identidade? Qual será o objecto a que ella tende? ao bem da Nação, ou aos caprixos do Ministerio? Eis aqui o que não póde entrar em duvida; por que os Ministros declarão elles mesmos solemnemente ao general que he com os seus caprixos que elle deve identificar-se. Por esta forma, pertendião elles que o General servisse suas paixões particulares, indo n'uma comissão, que elles lhe dizem ser só sua, e não da Nação. E era com tão criminosas vistas que hum homem honrado havia de identificar-se? Era para servir dous prepotentes, dous miseraveis, que o general *Saldanha* havia de desembainhar a sua espada contra o Primogenito do seu Rei? contra seu futuro Monarcha? Não era possivel caber tanta infamia no peito de hum nobre soldado, que tem sabido arriscar mil vezes a vida, só pela Patria, e pela honra, e nunca por aventureiros.

Segundo. Devemos perder-nos, ou salvar-nos todos.

Esta arrogante expressão he louvavel na boca de hum general, que exorta suas tropas em hum perigo imminente, a romper á viva força atravez de huma multidão immensa de inimigos; porém na boca de dous entes obscuros, que merecem o odio e desprezo de seus concidadãos, ou he muito despresivel, ou muito odiosa! talvez ambas as cousas. Quem deixará de ver nesta ousada intimativa o urgulho, que predomina naquellas duas pequeninas almas?! *Devemos perder-nos todos!!* Eis ahi, indignos, qual he vosso desejo, qual vossa esperança. Debalde o esperaes: vossa queda não será brilhante, por illustres victimas que a accompanhem: não, vós sereis precipitados sós, debaixo do escuro manto da ignominia!

Terceiro. O Governo não espera que V. E. vá recuperar o Brazil.

Que mais decisivas provas se exigirão ainda, para punir estes dous malevolos? Se não esperaes que se recupere o *Brazil*, para que lhe mandaes expedições? para que estáes dando o derradeiro golpe á Nação, esgotando-a de homens, dinheiro, e navios? para que lhe ocultáes a impossibilidade de o recuperar? para que affligis innutilmente aquelle Povo? dizei, respondei, preversos? Com taes sentimentos, com tal conducta como não quereis ver erguer-se contra vós as mesmas pedras? Acazo vos persuadis que será eterno, que não terá limites nem remedio, o demasiado sofrimento de um Povo que tanto insultáes? Ah! Tremei!

Quarta. Esta expedição he necessario que vá para salvar o credito do Ministerio.

Eis-aqui declarado voluntariamente, por estes dous Ministros, o systema do Ministerio. E á vista desta confissão ainda haverá quem vacile por hum momento, sobre a incapacidade de hum tal Ministerio? Em verdade, todo aquelle que for verdadeiramente amigo da sua Patria, não poderá deixar de sentir hum forte impulso de indignação, vendo muitos centos de bravos soldados portuguezes, serem enviados em sacrificio a hum paiz remoto para o exclusivo fim *de salvarem o credito do Ministerio!!* O coração estremece só em pensalo! He correndo de precipicio em precipicio, que o Ministerio pertende salvar seu credito?! E hade servir hum exercito de bravos, e victoriosos soldados, de miseranda victima dos criminosos caprixos de dous homens, desacreditados de todo na opinião publica?! Ha de ser huma nação inteira a muda espectadora de huma tão horrenda declaração? Não hade dirigir seus clamores áquelles que instituio seus Representantes, para que mandem processar dous homens, que a estão sacrificando, e insultando na sua desgraça!

Não seja a falta de hum accusador quem os deixe ficar impunes. Aqui estamos nós, á face de Portugal o dizemos: apente-se esse tribunal que devè julgalos, e nós os desafiamos desde já, a comparecerem nelle, para ouvirem o libello de sua accusação; e desde já convidamos todos os bons Cidadãos, todos os amigos da Patria agravada, a encorporarem á nossa accusação, todas as queixas justificadas que tiverem a fazer contra elles. Designe-se o Tribunal; e então a Nação ouvirá nelle o longo relatorio das violencias que tem soffrido, pela criminosa conducta dos accusados.

(O Redactor.)

Revolução declarada.

O correio de hontem nos trouxe a noticia de que Domingo 23 do passado, se manifestára em Traz-os-Montes huma revolução Militar, a cuja testa se acha o Conde de Amarante. Diz-se que os corpos de linha daquella Provincia acceitárão as proposições do Conde, e lhe jurárão obediencia. Não sabemos ainda, quaes sejão os principios que proclama.

Apenas esta noticia chegou a Braga, grandes grupos de povo se dirigirão pelas ruas em altos alaridos de = abaixo a Constituição = e entrando ao depois nas lojas de Serigueiros, lhes rasgárão os laços constitucionaes, e o mesmo fizerão aos dos chapéos, que encontravão com elle, arrancando-os, calcando-os aos pés, e substituindo-lhes logo o antigo.

Diz-se que o General Rego, com tres batalhões, marchára immediatamente sobre Braga.

No Porto sentio-se a maior agitação nos espiritos, á chegada daquella noticia; porém a ordem não havia sido perturbada até ao dia 25.

Eis-aqui a Proclamação que o General Barros dirigio ás Tropas, e a que a Camara do Porto fez aos Habitantes daquella Cidade.

PROCLAMAÇÃO.

Meus Camaradas: sei que o bravo Exercito Portuguez, o primeiro proclamador da regeneração da Patria, não precisa de incentivo que escore os briosos sentimentos que manifestou nos sempre memoraveis dias 24 de Agosto, e 15 de Setembro de 1820: mas se he permittido a hum vosso Camarada expôr-vos, que houve hum Militar degenerado, que se atreveo a proclamar a rebellião do Sistema Constitucional, eu vos declaro que o incauto *Conde d'Amarante* tentou, e deo voz de insurreição. Seguindo as pisadas do Pai, que se oppôz ao grito da liberdade, não admira que elle, ingrato á mercê do Titulo, e das Honras com que á pouco foi condecorado, seja a vibora retrahida no seio que lhe deo calor.

Camaradas: que confiança deve ter hum homem, que em quanto pedio Mercês, e Honras se cobrio de hipocresia constitucional, disfarçando suas damnadas intenções; mas que apenas elevado á Jerarquia Titular, pelo brioso esquecimento que o Governo fez dos des-serviços de seu Pai, quer só ser Conde, ou Regulo orgulhoso, déspota, e poderoso á custa do suor do Povo em geral? Se elle não quer entronisar a prepotencia feudataria, que intenta levar a effeito?

Povos Transmontanos; meus Patricios! Em que males vos sepulta esse rebelde? Suspensas vossas proximas feiras; vossos vinhos empatados; vossos interesses paralisados; tudo vai dar hum choque pernicioso ás vossas Propriedades. E quem he a causa disso? Hum estouvado, que ou confia em mão occulta que á sombra delle quer tirar vindictas de ressentimentos pessoaes, e então não he o zelo do bem publico, mas hum zelo farisaico que o move; ou entregue só ao seu talento fanatisado nos Clubs, que de tempos a esta parte buscou em Braga, e no resto da Provincia, elle he o instrumento da extincta Inquisição, que espera dar-nos ainda scenas de fogo, e de sangue!

Camaradas, que tendes os vossos Quarteis na Provincia de Traz-os-Montes, lembrai-vos de que sois Portuguezes livres, e que o Conde de Amarante vos quer fazer Portuguezes feudatarios: quer elevar-se á vossa custa, e á vossa sombra: mas a Patria tambem reclama a mesma sombra: hesitareis na escolha?

Quereis que digão as gerações futuras, que a vós se deve a escravidão da Patria, e que os Villa-Realezes forjárão os ferros que de novo encadearão os direitos do Cidadão? Eia! Mostrai-vos dignos filhos de Portugal Regenerado: evitai a guerra ci-

vil: os males que ella produz são incalculaveis: morre-se nos tumultos ás mãos de hum amigo, de hum parente, de hum inimigo, de hum pai, de hum filho, de hum visinho. . . . Que horror, só de pensalo ! . . Voltem-se os ferros para os inimigos externos da Patria; abandonai os rebeldes ás Leis que offenderão: ellas decidiráõ da sua sorte.

Patricios, Camaradas, Portuguezes:

Viva a Religião, a Lei, a Constituição, e El-Rei.
Viva o Exercito Portuguez Regenerador.

Quartel General do Porto 25 de Fevereiro de 1823.

Antonio Lobo Teixeira de Barros.

Brigadeiro Encarregado do Governo das Armas da Cidade e Partido do Porto.

PROCLAMAÇÃO.

Aos Habitantes da Cidade Regeneradora, a sua Camera Constitucional

Illustres e honrados Concidadãos: A vossa Camara Constitucional fiel aos deveres que contrahio comvosco, e zelosa de satisfazer quanto em suas forças caiba á confiança que depositasteis nella, unida estreita e indissoluvelmente com as Authoridades Ecclesiastica, Militar, e Civil, que dirigem o governo desta heroica e sempre Leal Cidade, com bem mágoa e sentimento vos annuncía, que homens destanurados filhos da Patria, seduzidos por uma facção infame de que se aponta, como chefe o Conde d'Amarante, ingrato aos beneficios com que a mesma Patria ainda ha pouco o distinguio, ouzárão acclamar em Villa Real o despotismo, e a anarchia, sem precaver seus tremendos resultados; e tentárão lançar á Patria os ferros da escravidão, que nesta mesma Cidade lhe forão quebrados: prejuros ao Sacrosanto juramento que prestárão de guardar inviolavelmente a Constituição de 1822, conforme o exemplo que lhes deu o melhor dos Reis, seguido pela Nação inteira, commetêrão hum horrendo attentado, e tornárão-se execraveis aos olhos de todos os Portuguezes fieis e honrados.

Concidadãos! A Camera intimamente convencida de vossos patrioticos sentimentos, confia em vós, e vos convida á tranquilidade, assegurando-vos de que por ora nada tendes que temer, e que desveladamente ella hade empregar suas forças para manter illeza a vossa segurança, a Constituição da Monarchia; o que esperão conseguir como hum resultado da união que firmemente tem contraido comvosco, e com as Authoridades Ecclesiastica, Militar, e Civil desta Heroica Cidade.

A obediencia ás Leis, e ás Authoridades Constituidas, he o primitivo dever do Cidadão. Estai tranquillos: Vós sereis informados de tudo; e só quando a mesma Camera deixar de existir, só então podereis desconfiar do seu Patriotismo, e de que ella deixará de vigiar em vossa segurança e socego.

Illustres, e Honrados Concidadãos: União, Obdiencia, e Tranquilidade: assim debellaremos os inimigos da Patria.

Porto em Camera Extraordinaria de 25 de Fevereiro de 1823. = Viva a Religião: Viva a Constituição: Viva El-Rei Constitucional. = P. Thomaz da Silva Ferraz; Antonio Ferreira Velho; Antonio Ribeiro Braga; Carlos Vieira de Figueiredo; Arnaldo VanZeller; Manoel Alves da Cruz; Dr. Agostinho Albano da Silveira Pinto; João da Silva Brandão; Joaquim Jozé de Sá Passos.

FRANÇA

Pariz 4 de Fevereiro.

Esta noite ás oito horas recebeo o Rei na Salla do Throno a grande Deputação encarregada de apresentar a S. M. a Memoria da Camara dos Pares. S. Ex. o Chanceller de *França* se exprimio nos termos seguintes:

" Senhor, — Os vossos fieis subditos Pares de *França* vem, nesta solemne occasião renovar ao pé do Throno a homenagem de seu amor e de sua respeitosa dedicação.

" Sim, Senhor; a situação do Reino tem melhorado sob hum Governo paternal; a Agricultura, a Industria fazem todos os dias novos progressos, ao passo que a segurança cresce quando se vê reprimir energicamente a Justiça as criminosas tentativas com que a impunidade augmenta ao mesmo tempo a audacia e o numero dellas.

" Resolvendo de acordo com a Santa Sé, as providencias que vão restituir ás Igrejas os Pastores de que as privou a Revolução, tem V. M. provido ás primarias precisões do seu Povo, e firmado a ordem social sobre o sua base por nimio tempo abalada. O prospero estado da nossa Fazenda prova de brilhante modo o que ha direito de esperar de hum systema fundado no livre voto das imposições, na fiscalisação das contas, na publicidade das operações, na ordem, e na economia. Assim, a sobra da Receita além da despeza, essa sobra que chega á somma de 40 milhões, permittiria a V. M. cumprir este anno o desejo mais caro ao seu coração, o alivio do seu povo, se o Genio do mal, que revoa sobre um paiz visinho, não tivesse vindo retardar este grande beneficio.

" Com que necessidade será perdido para a *Hespanha* o memoravel exemplo do progresso rapido, inesperado, de nossa prosperidade depois das desgraças e das inauditas perdas, quando este regresso evidentemente he devido ao triunfo da Legitimidade, bem como a intima alliança da Religião, da ordem, e da liberdade? E por que fatalidade os desinteressados conselhos de hum Monarcha, cuja sabedoria a *Europa* respeita, e cuja lealdade e honra tem sido recusados por aquelles que conservão debaixo do jugo huma Nação, com a qual nós temos não só relações de visinhança e de reciprocas precisões, mas tambem os vinculos que nascem do interesse politico de huma fé commum, e do parentesco dos Soberanos?

" Senhor, para preservar *Hespanha* de imminente ruina, cujas consequencias serião funestas á nossa propria tranquilidade, tendes chamado ás armas cem mil *Francezes*. A' sua frente marcha hum Principe da vossa Familia Augusta, sempre pródigo de seu sangue quando se trata de sua e da nossa gloria. Hum tal Exercito era digno de ter por chefe hum Principe de hum valor experimentado (*); suas virtudes são o seguro penhor que V. M. apresenta ao Povo que quer libertar, a esse Povo a quem se offerece hum apoio tutelar para se esquivar finalmente á anarquia que o devora, com o apoio de instituições livremente emanadas da Authoridade legitima, feitas para garantir sua felicidade, e ao mesmo tempo o socego das Nações.

" Em sua justa solicitude por huma das classes mais interessantes de seus subditos, ordena V. M. que se dirijão grandes cruseiros a todos os pontos que mais importão á segurança do commercio *Francez*. A' nossa Marinha, não o duvidamos, desempenhará esta missão protectora com o zelo e actividade que ostentou nos mares do *Levante*, quando nossos Vasos servirão de refugio aos desgraçados de todas as nações, e quando póde ser que pela primeira vez, hum apparato bellico recebeo as bençãos dos amigos da humanidade.

" Pertence a V. M. deliberar por si sobre as grandes questões que guerra ou paz. Esta funcção da alta prerogativa que a Providencia vos ha confiado, vós a tendes exercido com a madureza que circunstancias tão graves requerião. Pela nossa parte, Senhor, certos em vosso amor para com os vossos povos, que se a guerra for inevitavel, vo-la fará cingir ao mais estreito circulo; confiados em vossa prudencia, que não hade deixar escapar occasião alguma de concluir huma paz honrosa, recebemos com respeito esta importante communicação, e repetimos com vosco que somos *Francezes*.

" Sim, Senhor, os Pares do vosso Reino, para os quaes o nome de *Francezes* he o mais bello de todos os titulos, tem os sentimentos, e conhecem os deveres de *Francezes*, e com todos os seus esforços hão de concorrer a sustentar a dignidade da vossa Coroa, a honra e segurança da Patria."

O Rei respondeo: " Com prazer recebo a Memoria da Camara dos Pares; o concurso dos sentimentos de que ella está animada he a melhor garantia da prosperidade do Estado. „

(*) Aqui a lisonja parece ter o caracter de ironia.

LISBOA. NA IMPRESSAÕ LIBERAL. ANNO DE 1823. *Rua Formoza N.° 42.*

JUNHO 10. N.° 47.

A Trombeta escutai dos Lusitanos,
Que primeira soou contra os Tyrannos!

TROMBETA LUZITANA.

Ressurreição da Patria!!!

Portuguezes! Exultemos!! Appareceo em fim aquelle suspirado dia da ressurreição politica, que eu por tantas vezes vos vaticinei. Ei-lo-ahi radioso! Enchugai as lagrimas, e levantando vossas puras mãos aos Ceos, bemdizei o Deos de Affonso, que tão Providente acaba de regular vossos destinos!

Hum Rei captivo, a mesma Realeza quasi de todo empolgada pelas garras dos mais fanaticos demagógos de huma democracia desorganisadora, e corrupta: A Religião, esta suave consoladoro do Homem, coberta de oprobrio, e gemendo vacilante sobre suas mesmas Aras: A Honra, esta divisa de hum Povo illustre, perseguida, e condemnada a desterro do Coração Portuguez: Em fim, os mais caros laços da sociedade quasi despedaçados! Tal era o ignominioso estado a que nos temos achado reduzidos ha quasi dous annos e meio!! Mas não Portuguezes, não manchemos a gloria de tão bello feito com a detestavel lembrança de tão dolorosos acontecimentos, que apenas serão accreditados com horror nas futuras eras da Monarchia Portugueza!

Ressuscite mais pura, e triunfante de vossos peitos a herança que vossos Pais vos deixarão, a Honra: e lançando o véo do esquecimento sobre o passado, formai huma invensivel barreira em vólta do Throno, abençoai, e obedecei ao Magnanimo Rei, que dignamente o occupa, e confiai de seus Paternaes Disvelos, vossos futuros destinos. VIVA O REI! VIVA SUA AUGUSTA FAMILIA!

Memorial dirigido a S Magestade, El-Rei Nosso Senhor.

Senhor. O suspirado accontecimento que acabamos de presenciar a semana passada, he indisputavelmente o mais heroico, e portentoso que tem apparecido na Monarchia Portugueza, e que fulgurará em todos os tempos na nossa Historia como hum brilhante raio de luz, que a Real Mão de Vossa Magestade acendeo!!

Meu Rei, não pertendo penalisar o Magnanimo Coração de Vossa Magestade recordando desgraças, e horrores por que todos acabamos de passar, e que apenas serão acreditados nas gerações futuras! He meu dezejo unicamente, na qualidade de hum Vassallo fiel, que na maior effervescencia da facção deffendeo corajoso a Dignidade Real, e o verdadeiro interesse dos Povos, dirigir a Vossa Magestade com o profundo respeito que

Lhe he devido, a manifestação dos sentimentos de que me acho animado, e de que não hesito em dizer a Vossa Magestade, que elles são os mesmos que hoje estão manifestando geralmente todos os bons Portuguezes.

Senhor. A detestavel facção, que debaixo do apparente pretexto de Liberdade civil, quiz derrubar o Throno de Vosso Magestade, e anniquillar esta Divina Religião, que o mesmo Deos estampou em nossos corações, opéra debaixo dos mesmos principios, que operava aquella que em nosses dias fez da França hum theatro de carnagem que horrorisou o mundo! Se ella não commetteo em parte iguaes atrocidades, só o devemos ao generoso sacrificio de Vossa Magestade, e aos virtuosos principios de huma boa educação, e de moral, que tanto predominão no Povo Portuguez. Ella, Senhor, não poupou tentativas nem astucias para preencher seus fins, levando-nos ao mesmo estado, e se desenvolveo com nunca vista ousadia aos olhos de Vossa Magestade, e da Nação inteira!

Esta facção, Senhor, acha-se hoje de sobejo conhecida, porque foi ella mesma, que julgando-se triunfante e segura, se manifestou a nossos olhos adornada de todos os odiosos caracteristicos que lhe servem de divisa, ostentando não só a malignidade de suas intenções, mas mesmo as pessoas de seus principaes chefes, e sectarios. O feliz acontecimento da semana passada, não só a não supplantou, mas nem mesmo a fez parar: os seus clubs continuão, e ella se vanglorêa ainda de tramar entre nós a ruina do Estado, a quéda do Throno, e a dissolução dos mais caros vinculos da sociedade!! Seus mais fanaticos demagogos, passeão impunes no meio de nós desafiando nossa paciencia, e ameaçando nossa mal entendida moderação, como originaria da fraqueza, ou da innacção!

Senhor. Acha-se Vossa Magestade, e seus fieis Vassallos na situação de escolher hum dos dous partidos: ou destruir esta facção desorganisadora até á extremidade de suas raizes, ou preparar-se a ser tarde ou cedo huma victima della. A escolha he facil, Senhor; a fatal gangrena póde evitar-se, e se Vossa Magestade lhe não acóde já, seu progresso será rápido, e nossa perda infallivel. Vossa Magestade, Senhor, tem da sua parte a Nação toda, que o adora, a Justiça, a Honra, e em fim a Europa inteira. Não póde por tanto hesitar hum momento em fazer descarregar a espada da Justiça sobre as criminosas cabeças, que nos arrojárão a hum mar de desgraças, e que ainda nos ultimos parocismos de sua quéda se esforçárão, em empenhar o povo a cravarnos punhaes, e a commetter todos os excessos de que os furores populares são susceptiveis.

Esta amputação, Senhor, he tão facil, que ella não póde tocar na parte sã; esta, fórma huma parte tão distincta da podridão, que o espirito o menos transcendente não vacilaria hum instante em a distingir, a pesar de se achar revestida de todos os caracteres, e debaixo de todas as formas. He necessario pois que os poucos inimigos do Throno, e da tranquillidade pública, acabem de huma vez entre nós; em quanto alguns delles existirem, nem a segurança pública se póde firmar, nem a paz dos povos restabelecer-se.

Meu Rei, não perca Vossa Magestade de vista as lições da historia, que he sem dúvida a melhor conselheira dos Reis; ella dirá a Vossa Magestade, que a demasiada moderação em taes circunstancias, só tem a virtude de inspirar confiança ás facções alimentando-as no proprio seio que intentão devorar.

Senhor, em volta do Throno de V. Magestade se achão já reunidos todos os bons Portuguezes; e não serei exagerado em avançar que huma consideravel parte delles, estão já votados de todo o seu coração, a defender os imprescriptiveis direitos do seu Rei em toda a sua pureza, por meio de todos os sacrificios, e de todos os perigos. Senhor, extremine-se a facção, ficaremos em paz, e seremos felizes: taes são meus votos.

O Redactor.

Avizo para todos os tempos.

Leitor, devo informar-te de que este jornal foi supprimido a 3 de Março do corrente anno, pelos impios Tyrannos que governarão intrusamente Portugal, e que o abysmarão em todo o genero de males. Seu Redactor foi fechado em huma masmorra, onde se premeditou assassinalo. Leitor, isto foi no tempo em que existia escripta huma lei de liberdade da Impren-

sa; aqui tens como ella se cumpria!! Não te fies pois em revoluções feitas em nome da liberdade, que ellas só tem por fim destruir as Sociedades, exaltar o crime, e abater a virtude. Lê a historia da chamada *Regeneração Portugueza*, e desengana-te.

Vamos a Contas.

Chegou o tempo, *Liberaes Anarquistas*, que eu vos vaticinei, e prometti por tantas vezes! Não vos disse eu sempre que vossa obra não hia ávante? Não vos préguei eu continuamente que mudasseis de conducta, ou que vossa ruina era infalivel? ahi o tendes verificado. Dizei agora que isto foi obra de *Corcundas*, ou de *Facciosos*, dizei perversos, mas mordei-vos, e desmaai á vista do jubilo e do enthusiasmo que brilha hoje por todo o Portugal, ao sacudir as vergonhosas cadeias em que vós o tinheis.

Nunca o mundo vio atraiçoar com tanta audacia hum povo credulo: nunca a tyrannia fez tantos estragos coberta com a mascara da *Liberdade*! Vós dicesteis ao povo que era livre, e lhe desteis huma *constituição*: mas qual foi essa *liberdade*, e essa *constituição*? A liberdade consistia em poder fazer sómente aquillo que vos era agradavel, e em applaudir vossos atentados, e caprichos. A *constituição* esse codigo monstruoso, não foi mais que hum authomato que só se movia á medida das vossas intenções. Além disso, vós sabeis que essa *constituição* desorganisadora, e monstruosa como he, foi feita illegalmente; porque esses que a fizerão forão illegalissimamente convocados, o que eu vos provarei com evidencia em hum dos seguintes numeros.

Então onde estão esse Carvalho, esse Miranda, esse Borges, esse Moura, e outros muitos insignes salteadores, que depois de fazerem a nossa desgraça, roubarão a Nação e fugirão? dizei farrapões? na forca não os vejo, nas galés tambem não consta que estejão, então onde se sumirão?... ah! sim, forão para o *refugium peccatorum*, lá vão no Paquete: era o que eu lhes havia profetisado, porque os salteadores quando se vêem apertados mudão de paiz. Onde está esse patriotismo, esses gritos de *constituição ou morte*, filhos só da impostura, e da traição? onde estão esses punhaes, e venenos com que ameaçaveis os homens horados que não se encorporárão á vossa detestavel seita; dizei farrapões? Não clamaveis vós que a Nação vos seguia, e vos defenderia?! Então que metamorfose he esta? ella no momento do perigo abandona-vos, acommette-vos, e detesta-vos? pois não houve ninguem que quizesse defender a vossa causa? Não, não malvados: a vossa causa era a da infamia, e da tyrannia, ella era de sobejo odeada para achar defensores, e dai graças á Providencia em não deixar desabar sobre vós todo o pezo da indignação pública, que deveria reduzir-vos ao nada...

Eis-aqui as infaliveis consequencias de hum systema de governo que não he fundado em bases de Justiça, e em principios de boa moral: eis-aqui a sórte que espera a todos aquelles que fazem revoluções só com o fim de tirar partido dellas: eis-aqui em fim, no que vem a parar todo o governo creado por espirito de facção. Póde fascinar-se por algum tempo hum povo credulo, que recebe taes impressões de boa fé: mas não he possivel subjugalo. Elle conheceu toda a perfidia de vossas intenções, olhou para si, tremeu, e detestou-vos, e chama hoje sobre vossas criminosas cabeças o raio vingador das Leis.

Na verdade, se os males que vós accarretasteis sobre esta infeliz nação, são tão irremediaveis como espantosos, mais espantosa he aos olhos do homem meditador, a grande paciencia, e resignação em que tem estado todo este infeliz povo, reconhecendo já ha muito tempo a desgraçada situação em que se via. Os seus templos saqueados, os direitos do seu Rei revogados, a Sua propria Casa roubada, Sua Augusta Espoza desterrada, perseguida, e insultada; em fim, estas illustres classes da sociedade, consagradas pelos tempos, e cujos importantes serviços fizerão a gloria do Nome Portuguez nas quatro Partes do mundo, ludibriadas, e proscriptas!! E era isto que vós chamaveis regeneração, e liberdade? e são estes os bens que nos havião de attrahir ao vosso partido? Ah! tyrannos, quanto são enormes os vossos crimes!!!

Com tudo, parece que a Providencia quiz mesmo prolongar-nos esta abominavel escravidão, para que os Povos conhecessem bem a differença que havia entre o Governo Paternal do seu Rei, e o dessa quadrilha de salteadores! Sim, elles a

conhecerão, e cheios hoje de huma profunda indignação, amaldiçoão os malvados auctores da sua ruina, e protestão á face dos Ceos e da terra, despedaçar todo o malvado que para o futuro ousar illudi-lo, erguendo a perfida voz contra o seu Rei.

Desenganai-vos pois annarquistas que estaes abominados, em quanto existir a infeliz memoria da escravidão em que nos tivesteis, e que o menor de vossos passos he hoje conhecido ao Govrêno, apenas dado: tomai sentido em vós; vede que as vossas cabeças respondem por qualquer de vossas acções, que seja contraria ao socego público: abandonai as *Covas*, ou sereis soffocados nellas: não o duvideis.

Alegria Pública.

As cartas das provincias do Norte chegadas pelo correio de hontem, são na verdade o mais authentico testemunho do estado de oppressão, e de mizeria a que nos achavamos reduzidos. Todas ellas relatão a alegria, e enthusiasmo com que se recebeo por toda a parte a feliz noticia do nosso Resgate, mencionando ao mesmo tempo a solemnidade e jubilo com que aclamárão o nosso adorado Rei, chamando sobre Elle, e Seu Digno Filho, o Serenissimo Senhor Infante D. Miguel, as bençãos do Ceo! Entre outras diz huma de *Braga*: „ Toda a gente parece " douda de alegria; todos se abração, " todos chorão de gosto, e se felicitão; " os naufragantes ao chegarem ás praias " não sentem maior emmoção de prazer: " Viva a Religião, viva o nosso adorado " Rei e Senhor, e toda a Sua Augusta " Familia. " Outra de *Ponte de Lima* diz: " Já os não temo; a poderosa mão de " Deos nos tirou das garras delles, e vai " castigar os inimigos da Religião Santissima de nosses Pais, do Throno, e da " Catholica e fiel Nação Portugueza, " aviltada por huma pequena, iniqua, e " a mais abominavel facção: estão por " tanto cumpridos meus votos. Oh Grande Deos! Que não sabemos bem apreciar vossos beneficios. Hontem se restabeleceu nesta Villa a legitima Auctoridade de El-Rei Nosso Senhor, e o mesmo se fez tambem hontem em *Vianna*, " e se faz o mesmo em toda a parte. He " inexplicavel o regosijo em todas as classes de pessoas; não he só nas que pertencem ás classes privilegiadas, como " dizem os malvados *pedreiros*. Estou já " rouco de bradar: Viva El-Rei Nosso Senhor, Viva a Immortal Rainha que sustentou sua Real palavra: Viva o Senhor Infante D. Miguel e todo a Real " Familia, e viva o Conde de Amarante. "

Quando hum povo inteiro, a quem se havia fallado em liberdade, debaixo de tão lisongeiras promessas, se entrega a estes enthusi smos de alegria, he preciso que tenha sofrido muito, he necessario que esteja vivamente penetrado da grandeza de suas desgraças!! No *Porto* foi necessario prender logo o tyranno *Barros*, e o Regedor *Giraldes* para os livrar dos furores do povo, que pedia obstinado as suas cabeças. Com effeito, estes dous oppressores, por lhes não dar outro nome, havião commettido taes attentados, e prepotencias, para agradarem aos tyrannos de *Lisboa*, que a sua lembrança faz gemer de indignação os corações menos sensiveis. As cadeias daquella Cidade estavão atulhadas de prezos, a ponto de já não poderem receber mais, que mandavão vir de todas as terras da provincia! Nunca se vio em *Portugal* huma tão atroz perseguição; senhoras solteiras, e de distincção, forão prezas, e donduzidas a pé para o Porto, no meio de levas de toda a qualidade de gente, e mettidas nas enchovias da Relação!!! Ecclesiasticos respeitaveis por seus annos e virtudes, homens de conhecida distincção, e probidade, forão algemados no meio de escoltas, por ordem daquelles dous monstros, e mettidos nas mais infames prizões da Relação, de envolta com salteadores e assassinos!! Finalmente, toda a provincia do Minho hia sendo arrastada ás cadeias do Porto!!

AVISO.

Para o N.° seguinte faremos huma expozição verdadeira do enthusiasmo que manifestou o povo desta Capital, e suas immediações no glorioso dia 5 do corrente.

LISBOA: NA OFFICINA DA HORROROSA CONSPIRAÇÃO. ANNO 1823. *Rua Formosa N.° 42.*

JUNHO 12. N.° 48.

A Trombeta escutai dos Lusitanos,
Que primeira soou contra os Tyrannos!

TROMBETA LUZITANA.

O Verdadeiro Triunfo.

O dia 5 do corrente, em que S. Magestade, El-Rei Nosso Senhor entrou nesta Capital, he de tão grande preço para todos os bons Portuguezes, que elle marcará huma época brilhante para todos os tempos da Monarquia. S. Magestade depois de haver passado alguns dias em *Villa Franca de Xira*, onde se Lhe reunirão todos os Fidalgos da Côrte, e hum sem número de pessoas de todas as jerarquias, partio daquella Villa, para Sacavem, no dia 4, vindo prenoitar na quinta do Ex.mo *Marquez de Bellas*. Na manhã do dia seguinte 5, se dirigio S. Magestade para a Capital, seguido do mais numeroso, e brilhante concurso que O acompanhava. Todo o caminho se achava coberto de Povo, e adornado de arcos triunfaes. Os vivas, as acclamações resoavão por toda a parte. Em fim, chegando junto a Arroios, muitos Officiaes de todas as graduações, e pessoas de grande distincção, Lhe tirarão os cavallos do carrinho descuberto em que vinha, e puchárão até seu Real Palacio da Bemposta. Foi então que a scena tocante se offereceo aos olhos de todos os espectadores. Pelas ruas porque S. Magestade hia passando, hum sem número de pessoas de todas as classes corria a prostrar-se por terra diante de seu carro, soffocadas em lagrimas de prazer dando-Lhe vivas, tratando-O do seu Salvador, e chamando sobre Elle as bençãos do Ceo! Vião-se homens a quem os *facciosos pedreiros* havião obrigado a alistar-se na *guarda civica*, arrojarem as fardas saragoçanas ao chão, calcalas aos pés, e outros lançarem-nas debaixo das rodas do carro em que vinha S. Magestade. Depois deste primeiro enthusiasmo, seguião-se os gritos, que sahião do fundo da alma: = *Morra a Constituição! morrão seus perfidos auctores, e auctores de nossas desgraças*:

A' medida que S. Magestade hia passando, descião de todas as janellas nuvens de flores, e coroas de loiro, parecendo que huma occulta mão as guiava aos pés do Monarca, e da Sua Augusta Filha, que vinha a Seu lado, a Serenissima Senhora Infanta Dona Izabel Maria. Atraz do carrinho de S. Magestade, seguião todos os Generaes, e Fidalgos a cavallo, e á sua frente este joven Principe que proclamou o nosso resgate, evadindo-se á tyrannia, e que nos disse estas memoraveis palavras, que jámais esquecerão: " Vinde reunir-vos ao Estandarte Real que levo em Minhas Mãos!,, vendo-se impresso em seus semblantes o verdadeiro signal do júbilo que inspira em todos os corações a Magestosa prezença de nosso adorado Rei. Seguia-se immediatamente o coche em que vinhão Suas Augustas Filhas, vestidas em uniforme azul, bordado de oiro, e cujos formosos semblantes davão hum magestoso realce áquella Au-

gusta pompa, que chegou á Cathedral por volta do meio dia, onde estava preparado hum solemne *Te Deum.*

Ao momento da chegada de Sua Magestade, huma grande girandola sobio aos ares, e todas as artilherias salvárão, annunciando á Capital a chegada do seu Rei aos pés do Rei dos Reis. Acabado o *Te Deum*, Sua Magestade e Altezas, por entre as mais vivas acclamações, entrárão outra vez em seus côches, continuando o de Sua Magestade a ser transportado pelas mesmas pessoas até ao Real Palacio da *Bemposta.* As ruas da passagem se achavão de tal sórte apinhadas de povo, que as álas da tropa, que por ellas se achavão postadas, tinhão grande difficuldade em o conter, para não obstruir a passagem, e que assim que avistava o seu Rei, se prostrava em terra atroando tudo com acclamações. Em fim, pode-se dizer que *Roma* nunca vio hum mais pomposo triunfo.

Sua Magestade chegou ao seu Palacio por volta das duas horas, onde recebeo immensas felicitações de todas as classes, e que bem mostravão partir directamente do coração, e não do simples dever, ou da civilidade; recebendo a todos com este acolhimento e summa bondade, que são prendas naturaes de seu Real e Generoso Coração, e que tanto contribue a par de suas Altas virtudes, a faze-lo cada vez mais amavel e caro para todos os corações Portuguezes!

A' noite se illuminárão espontaneamente todas as cazas, rivalisando humas com outras sobre o numero de luzes, e de festões de flores com que os verdadeiros amigos do Rei, e da Patria havião adornado as suas janellas, e portas, deitando fogo de arteficio, e acendendo fogueiras.

Assim se passou aquelle glorioso dia, que será verdadeiramente recordado em todos os tempos como hum dia de Resurreição Politica, em que o caracter Portuguez surgio triunfante do abysmo devorador em que huma facção tyrannica, e desorganisadora, o havia sepultado, expondo-o á face do Universo coberto de opprobrio e de vergonha, de que nunca se havia manchado durante o longo espaço de quasi sete seculos. Graças, e mil graças sejão pois dadas á constancia de nosso virtuoso Rei, á fidelidade e virtudes de seu heroico povo, que nunca nem Hum, nem outro desesperárão de sua salvação, reservando no fundo d'alma estes innatos sentimentos de virtude, de Religião, e de amor ao Soberano, que hão feito constantemente a devisa, e gloria do Povo Portuguez.

Estamos a doze do corrente, e ainda até hontem á noite não deixou de apparecer esta Capital toda illuminada; pois não se deitou bando algum para isso; porém tal he alegria, e enthusiasmo de todos os habitantes vendo-se livres do monstro devorador das cem unhas, que daquella cova das Necessidades estendia sua enorme garra para toda a parte aonde julgava achar preza.

A Festa no Campo.

Em quanto El-Rei Nosso Senhor, rodeado de seus fieis Vassalos se dispunha em Villa Franca a vir resgatar, e dar a paz á Capital, na Real quinta do Ramalhão, residencia da Invita Rainha Sua Augusta Esposa, se passava huma scena tão agradavel como interessante. Todos os prisioneiros Transmontanos, e varios Officiaes, e Soldados do Regimento N.° 19, que se achavão na Torre de S. Julião, partirão dalli no dia 30 do passado com duas peças de artilheria para a Real quinta do Ramalhão a fim de defenderem Sua Magestade a Rainha Nossa Senhora de alguma assaltada, que os *Guardas Tysicos, ou liberaes de saragoça*, que vem a ser o mesmo, capitaneados por *Bóde Carneiro*, pelo *Mouro*, ou por outro algum legislador de igual bitola, intentassem dar ao seu Palacio, a fim de lhe limparem as suas joias, e moveis.

Todos estes Officiaes, e Soldados forão recebidos, e tratados por Sua Magestade com as maiores demonstrações de bondade, que tanto A distinguem. Dezejosos de patentearem a Sua Magestade os fieis sentimentos de que se achavão animados ensaiárão varios soldados huma dança de mascaras, que apresentárão a Sua Magestade, a qual não deixou de Lhe ser agradavel. Hum delles que representava o Genio Portuguez, montado sobre hum carro de louro, e fazendo fluctuar huma Bandeira branca, aonde se achavão gravados os Augustos Retratos de Nosso Adorado Rei, e de Sua Digna Espoza, recitou o seguinte Elogio.

Elogio a Suas Magestades, El-Rei e a Rainha nossos Senhores.

Monarca Excelso de Virtude cheio,
Gloria de Portugal do Mundo assombro,
Filho e Neto de Reis que Lizia sempre

Respeitosa adorou nos Luzos Fastos;
He este, he este o dia em que Teus Filhos
No mais vivo prazer sentem banhar-se,
Vendo o monstro cahir do abysmo ao centro,
Esse monstro oppressor que Teu Diadema
Quiz astuto roubar-te á sombra nossa
Co' a sacrilega mão d'alta perfidia.
Em vão d'humanas Leis quiz ostentar-se
Revestido o traidor para illudir-nos.
A impostura baqueia, o sonho acaba,
E comtigo a Virtude, o Throno, e o Sceptro
Mais brilhantes que nunca a brilhar tornão:
Vive pois Grande Rei, Sê nosso escudo.
E Vós ó Grão Rainha! Espoza Augusta,
Se Virtudes cantar, cantar prodigios
Das Illustres Mortaes, que o Mundo admira,
Que inda fazem cançar da Fama as Tubas,
He digno Galardão devido aos feitos.
Quem ó Grande Rainha! O' Gloria Luza,
Soltará Voz tão forte que apregoe
Vosso heroico Triunfo, e Vossa Gloria?
Anceia o Coração, estrabuxa o genio,
Escolhe a locoção, revolve os termos,
Quer avaro escolher d'arte as bellezas,
Mas nada o satisfaz, nada o contenta,
Tudo he pouco p'ra Vós, he nimio, he froxo.
Sim, Excelsa Rainha! quem, quem póde,
A divino não ser, levar ao longe,
E fazer retumbar de pollo em pollo
O preclaro Triunfo, alta Victoria,
Que o Throno, a Patria, a Virtude, a Honra,
Neste dia Vos devem?? Lizia, Mundo,
Vede ao centro baixar do negro averno
Por Carlota arrojado o monstro infame,
O Dragão da Anarquia! Vê, repara,
Da sacrilega Lei compendio horrivel
De fumo em torbilhões baixar com elle!
Lá range os dentes, lá se arranca as clinas,
Lá sanhudo Plutão lhe embebe as garras
No peito immundo da maldade abrigo!
Vê do Throno o explendor como já brilha!
Vê dos Luzos semblantes a differença,
Olha o prazer como renasce nelles,
E mil beijos lhe imprime a paz serena!
Lizia, Europa, Universo dai-lhe applausos,
E unanimes dizei com os Portuguezes,
Viva a Invicta Rainha, adore-a o Mundo.

Ou Elles ou Nós.

São tantos os objectos que se me offerecem presentemente para fallar sobre os assumptos do dia, que nem sei por onde devo começar. Convenho com tudo em que ha hum de mais alta importancia, que deve occupar hoje a séria attenção do Governo, e vem a ser: *O extremínio da odiosa facção maçonica.* Sim, he a ella, e sómente a ella que deve, não só *Portugal*, mas a *Hespanha*, todas as suas desgraças. Em quanto existir no territorio portuguez hum só destes malvados, nem o Throno, nem a Religião, nem a Patria se pódem julgar seguros. Dir-me-hão, que elles são muitos; porém eu respondo: que muitos mais somos nós, os que não pertencemos a similhante canalha, e a detestamos; e que quando he necessario perder os poucos para salvar os muitos, não se deve vacilar na escolha.

Eu vejo que a maior parte dos funccionarios públicos, que forão empregados por essa horda de salteadores que debandamos a semana passada, pertencem á depravada seita; que commetterão atrocidades para a servirem, e que desgraçadamente ainda estão vivos, e nos mesmos lugares. Eu vejo hum *Luiz do Rego*, este monstro em figura humana exercendo ainda auctoridade, e aspirando talvez a ser novamente empregado, ou pelo menos perdoado; mas póde ter a certeza que se escapar ás mãos do algôz, não escapa a outras. Este malvado, responsavel pelo sangue que se derramou, era hum dos homens mais devedores ao Soberano, que o havia accumulado de bens, e ninguem mais do que elle atraiçoou o seu Bemfeitor, e Soberano. Eu vejo hum *José Joaquim Gerardo de S. Paio*, por alcunho o *Novo Aleixo*, a mais escrava creatura dos tyrannos, andar ainda passeando *Lisboa*, e dizendo públicamente, que ainda os auctores do glorioso dia 5 lhe hão de cahir debaixo da jurisdição, e que não hão de escapar como os da *Rua Formoza*. Eu vejo hum *Diogo de Sequeira Pinto*, que lavava os pés ao *ferreiro Carvalho*, e que dizia blasfemias da Dignidade Real nas perguntas que fez aos prezos da *conspiração*, estar ainda com jurisdição; vejo hum *Serpa Pinto*, vejo, vejo outros taes como elle, ainda com cabeças, e a ameaçar-nos com o futuro! Nada, nada, agora repito eu o que dizia o doudo nessa furna de canalhas, que zurravão nas *Necessidaddes* =

Agora ou elles ou nós! Os Processos estão feitos em bella letra redonda, forcas a prumo, e *pedreiros* acima; vamos a ver quem vence, se elles a conspirarem contra o Throno, e Religião, se nós a enforcar-mos nelles ás duzias por dia. Se não ha carrascos bastantes, a artilheria não está encravada, he infileiralos, e metralha nelles. Se querem ver fazer isso limpamente dêsse poder ao Trombeteiro, e verão como antes de hum mez dormem todos os bons Portuguezes muito descançadamente em suas camas, sem o menor receio de revoluções maçonicas.

ARTIGO COMMUNICADO.

Sr. Redactor.

Tenho sido totalmente estranho a todo e qualquer partido; e bem posso assegurar-lhe, que tratei até hoje de me fazer nullo, quanto isso fosse compativel com o amor da existencia naturalmente arreigado no coração de todos os viventes: tal tem sido a minha condição; mas a forças sobrenaturaes não sei resistir. = Eu devo á Justiça o erguer a voz para que se faça Justiça. = Essa facção indigna, essa maçonaria intolerante não se esqueceo de fazer brotar hum grande enthusiasmo pela recordação dos que chamavão martyres dos seus principios: ressoárão em toda a parte affectados sentimentos philantropicos pela memoria de homens que (regularmeute julgados criminosos) só merecião a execração, e o anathema pelo que premeditárão para trazer á Nação, que deshonravão com pertencer-lhe, os males funestos, que seus mais felizes imitadores de 1820 podérão realisar, antes de os apanhar debaixo de seu gume a tremenda espada da Lei. E não será justo agora, não será huma acertada contraposição o commemorar ao menos os nomes illustres daquelles, que forão victimas de barbaros procedimentos, só porque a facção se arreceava de sua fidelidade, e queria ao mesmo tempo por medidas de terror, e nelles verificado, ter em susto os corações dos fieis Portuguezes? He mil vezes justo. Sem lembrar os padecimentos de tantos Cidadãos, sem pedir ao Ceo e á Terra as indemnisações que forão de justiça, repita ao menos, Sr. Redactor, repita, eu lho pesso, os nomes de todos aquelles que fôrão afrontados com supplicios inauditos, peores talvez que a mesma morte, a fim de que a Nação os considere como merecem, senão com premios, com a estima publica a que tem direito. Elles mesmos, Sr. Redactor, ignorão ainda hoje quantas vezes foi decretada nas furnas a Sentença de serem estrangulados mesmo entre ferros, barbaridade sem exemplo! Só a Providencia que nos dêo ainda outra demonstração mais recente da sua protecção, pelo que operou, mantendo Ella só o socego da Capital na crize mais difficultosa que possa imaginar-se, pôde suster a execução dos planos da impiedade a respeito destes desgraçados. Repitamos pois seus nomes, Sr. Redactor, são os nossos martyres, e martyres da causa Santa. Esquecelos, fôra mais que injustiça, seria o equivalente de premiar os seus denunciantes, de acolher os inimigos da Nação, e d'El-Rei.

He tão rasoavel a curiosidade do author da carta, que me não posso recusar a inserilla e louvalla; pois que se as más acções são dignas de reprehensão, as boas devem merecer nossos louvores, e mui particularmente quando estas são practicadas com risco em épocas tão desgraçadas, que se julgão criminosas. Com tudo advirto ao author, que não tenho hum perfeito conhecimento dos nomes de todos aquelles, que tiverão a honra de ser victimas desses intrusos anarquistas que nos estiverão dando a Lei, pelo honroso principio de serem fieis ao seu Rei, procurando restabelecer Seu Paternal Governo, e Dignidade Real. Rogo-lhe pois que me queira remeter huma lista fiel de seus illustres nomes, os quaes terei a satisfação de publicar, a fim de que sejão transmitidos á posteridade, para que ella conheça, que quando Portugal todo gemia silencioso, e oppresso debaixo do ferreo jugo de cem tyrannos, ainda houverão homens assás corajosos, que os arrostárão, e que quizerão libertar sua Patria, e seu Rei, das impias garras de huma abominavel facção, que debaixo do pomposo nome da liberdade lhe causou em dois annos taes estragos, que talvez dez não sejão capazes de reparar.

LISBOA: NA OFFICINA DA HORROROSA CONSPIRAÇÃO. ANNO 1823. *Rua Formosa N.° 42.*

JUNHO 14. N.° 49.

A Trombeta escutai dos Lusitanos,
Que primeira soou contra os Tyrannos!

TROMBETA LUZITANA.

O promettido he devido.

Prometti em meu N.° 47 dar huma demonstração evidente da illegalidade com que forão convocadas as *Cortes* de odiosa memoria, e por tanto a illegalidade da *constituição* que ellas fizerão. Parece que isto demanda hum longo discurso; porém a materia he tão simples, que poucas linhas bastão para a illucidar.

Principiarei por a traição que *a Junta Provisional do Pôrto* commetteo, promettendo em seu *Manifesto* á Nação seguir o mesmo methodo de convocação de *Cortes*, que havião seguido nossos maiores, e convocando-as depois por outro, todo differente, e opposto. Eis-aqui o que ella nos disse nesse Manifesto de 24 de Agosto:

"Nossos Avós forão felizes, porque viverão nos seculos venturosos em que Portugal tinha hum Governo representativo nas Cortes da Nação, e obrárão prodigios de valor, em quanto obedecião ás Leis que ellas sabiamente constituião, Leis que aproveitavão a todos, porque a todos obrigavão. Foi então que elles fizerão tremer a Africa, que conquistárão a India, e que assombrárão o mundo conhecido, ao qual accrescentárão outro para dilatar ainda mais o renome de suas proezas. Nunca a Religião, o Throno, e Patria, receberão serviços tão importantes, nunca adquirírão nem maior lustre, nem mais sólida grandeza, e todos estes bens dimanavão perennemente da Constituição do Estado, porque ella sustentava em perfeito equilibrio, e na mais concertada harmonia os direitos do Soberano, e dos Vassallos, fazendo da Nação, e do seu Chefe huma só familia, em que todos trabalhavão para a felicidade geral.

Tenhamos pois essa Constituição, e tornaremos a ser venturosos. O Senhor D. João VI., Nosso Adorado Monarcha, tem deixado de a dar, porque ignora nossos desejos; *nem já he tempo de pedir-lha*; porque os males que soffremos, e mais ainda os que devemos recear, exigem hum promptissimo remedio.

Imitando nossos maiores, convoquemos as Cortes, e esperemos da sua sabedoria e firmeza, as medidas que só pódem salvar-nos da perdição, e segurar nossa existencia politica. Eis o voto da Nação."

Parece-me que não ha nada mais claro, nem positivo; a Nação ouvio isto, acreditou-o de boa fé, e depositou sua confiança nas mãos daquelles que assim lhe fallárão. Porém que obrárão elles depois? Chegárão a *Lisboa* creárão huma *Junta Preparatoria de Cortes*, e convidárão as Classes, e Litteratos da Nação, para por meio de Memorias darem seus pareceres sobre o systema da convocação. Este pas-

so ainda que pareça de boa fé, não devemos por tal julga-lo por que já foi huma notavel alteração dos principios enunciados, e promettidos. Com tudo a Nação calou-se, confiou no voto dos consultados e não se illudio em suas esperanças, por que a maioria desses votos foi toda conforme com o que a *Junta* havia prometido. Eu não receio afirma-lo, porque quasi todas as *Memorias* me forão confiadas; he verdade que muitas dellas propunhão modificações mais analogas ao estado presente da civilisação; porém o seu espirito era o mesmo, e seu objecto igual. Mas a *Junta* não consultou para obrar, mas sim para fascinar. Ella vio que os votos erão contrarios ás suas intenções, occultou-os á Nação depois de lhe haver promettido a sua manifestação, e dispoz-se a seguir seu projecto.

Porém elle tinha difficuldades, e cumpria revestir esta traição com hum caracter apparente de necessidade, ou de boa fé. Foi para isto que os *Membros* da *Junta Provisional* de accordo com a *facção*, que já a esse tempo se achava reunida assalariárão magotes de povo, para irem como aconteceu, pedir na noite de 17 de *Novembro*, em tumultuosos alaridos a *convocação* de *Cortes á hespanhola*, e huma *Constituição mais liberal que a de Hespanha*. Isto foi tão indecentemente feito, que causou hum escandalo universal; mas a *Junta* fechou os olhos a tudo, e não tractou desde então senão de preencher seus fins sem lhe importar as promessas que havia feito, nem os clamores da opinião geral, que principiava a desgostar-se. Eis-aqui por tanto a primeira illegalidade de semelhante convocação de *Cortes*, que foi diametralmente opposta ao que se havia promettido, e ao que a Nação desejava.

Não contente a *Junta* com este arbitrario procedimento commetteo ainda outro maior. Na desconfiança de que os povos que a havião acreditado abrissem os olhos para a cilada que ella lhes preparava, e estabelecessem a seus Procuradores as clausulas que lhes erão convenientes, e que sómente a elles competia impôr, lhes prescreveo ella nas instrucções que para toda a parte mandou essas absolutas clausulas que continhão as Procurações; procedimento que não só he contrario a todos os principios de Direito, mas que atacava de frente todo o poder que a mesma *Junta* fingia atribuir aos povos! E com efeito, se na celebração de hum novo regimen pertence aos povos, como a *Junta* dizia, estabelecer os principios geraes delle, com que authoridade obrigou a *Junta* aos povos a pedirem huma *constituição* ainda mais liberal que a hespanhola? Pois quando ella lhes reconhece o poder, he quando lho restringe?! Como se poderá julgar legal huma Procuração de similhante natureza? Aqui obrou sómente a coacção, e não a vontade explicita dos povos; logo tudo quanto estes procuradores podessem obrar era nullo, porque era contrario á vontade dos povos, e a todas as promessas que havião servido como de garantes á revolução.

Eis-aqui pois demonstrada, sem contradicção, a visivel nulidade da convocação das *cortes constituintes*, e por tanto de tudo quanto ellas fizerão, porque foi contrario á vontade dos povos, e ás promessas que se lhes havião feito. Elles o hão manifestado com bastante evidencia desde então, e mui particularmente nestes ultimos tempos, em que com toda a razão se consideravão captivos de huma facção desorganizadora, que se aproveitou da sua pouca experiencia para lhes impôr huma lei arbitraria em seu proprio nome; lição que deve servir de exemplo eterno aos povos para não se deixarem mais illudir por principios de falsa apparencia.

ARTIGO COMMUNICADO.

Sr. Redactor.

Qual foi a minha surpreza, qual foi o meu espanto ao lêr no seu N.° 48 inserida a carta, que tive a honra de dirigir-lhe, não vendo ali os nomes, que com alma, vida, e coração lhe pedi que fizesse publicar? Os nomes dos primeiros martyres são assás conhecidos, nem hum momento quizera eu que V. m. demorasse esta obra de Justiça. Grande Deos, persuadir-se-hia V. m., que não tinha tempo e espaço no seu N.° para dar esta consolação aos amigos d'El-Rei, aos amigos de Portugal, e da humanidade, e recorreria talvez por isso ao subterfugio de dizer, que ignora os nomes de homens que devem honrar a penna de todo o Escriptor, que se dedica ao primeiro trabalho de exaltar a obra Divina do nosso Resgate? Nem

espaço, nem tempo lhe podia faltar, pois que se vê que houve huma e outra cousa ao ler as linhas que traçou tomando por objecto esses mizeraveis, *Rego, Sampaio, Sequeira Pinto, Serpa*, e outros monstros, cuja vida deveria ter-se apagado no ar puro, que ora respiramos, senão fosse a densidade da athmosfera pedreiral, que ainda os circunda, sobejamente reforçada pela pouca vergonha, que jámais os desamparou. Vote-lhes desprezo eterno, vote-lhes nojo invencivel, Sr. Redactor, creia que as esperanças que nutrem hão-de durar momentos, que esta he a sórte de quanto pertence á iniquidade, e empregue os trabalhos da sua penna inimitavel em recommendar aos bons, os bons, os fieis Portuguezes.

Se me não faz este gosto, permitta-me que o desobrigue do meu pedido. Eu tenho ainda hum recurso, não o quizera aproveitar por ser de tatica maçonica; mas lançarei mão delle; verá V. m. como com voz atroadora farei publicar pelos cegos, nas ruas da Capital, os nomes dos martyres fieis da Redempção Portugueza: talvez seria este o melhor meio; porque por tal caminho se julgou irrogar-se-lhe tudo quanto se reputava deshonra, e bem será que por este mesmo se faça a reparação devida á honra, ao heroismo, e á Justiça, e se lhes dispense quanto se conceitua nobre, e generoso. Creia que desde este momento o fizera assim senão devera attenções á grande publicidade de que merecidamente goza a Trombeta Luzitana. Bem vê que senão pedem exequias, subscripções, chorozas Elegias em verso, declamações de encommenda. — Isso he o que os *Pedreiros* chamão trabalhos, e eu pesso a Deos que me livre delles, e dos *Pedreiros*.

He forte impertinencia senhor, auctor da carta; porque me não remette a lista de todos? Quer hum no saco, outro no papo; pois tenha tambem o trabalho de saber quem são todas as infelices victimas da passada tyrannia, e de me inviar essa relação, que eu já lhe disse que de muito bom grado a publicaria. No em tanto ahi vai a lista dos nomes dos que padecêrão por conspiradores contra os tyranos, e que talvez a elles, ou a alguns delles, se deva a boa disposição da opinião pública, a favor da Causa do seu Rei, que he a mesma, e verdadeira dos povos.

Francisco d'Alpuim de Menezes.
Januario da Costa Neves.

Antonio Duarte Pimenta.
Joaquim Telles Jordão.
D. Gil Eanes da Costa de Souza de Macedo.
José Luiz Pinto de Queiroz.
Bernardino Rodrigues.
José Joaquim Simões.
Antonio da Silva Malafaia.
Manoel de Freitas e Paiva.
O Padre Mestre Braga,
Antonio José da Costa.

Memorandum.

Na Gazeta de Lisboa de hontem N.° 139 vem inserido o extracto de huma carta de hum *Liberal*, dirigida a Jozé da Silva Carvalho, em que se manifesta claramente que as intenções dos malvados, que dizião querer espalhar entre nós o Filantropismo, era matança e mais matança. Pois saiba Portugal, e o mundo todo, que o author desta carta he *Antonio Esteves Chaves*, addido á Legação de Copenhague, e que este monstro *liberal* era amigo de *Januario*, frequentava a sua caza, e muitas vezes comeo nella, e agora tanto lastima que elle se ache intacto.

Eis-aqui os principios de moral que professa toda a horda *pedreiral*; para elles não ha outro vinculo na sociedade que enlace os homens, senão o maçonismo; todos os crimes, todos os attentados que se possão commetter, para elles são nadas, são, quando muito, fraquezas desculpaveis. Este *Chaves* he bem conhecido em Lisboa por sua pessima conducta, e relachadissima moral; unicos dotes que lhe grangeárão a amizade dos intrusos mandatarios, e que lhe buscarão o emprego para que foi nomeado. Pois como quer matança será satisfeito o senhor *farrapão Chaves*; e querendo voltar outra vez a Lisboa, hirá dançar na corda com os canalhas como elle.

Alerta!

Tenho dito em meus dois ultimos números que he necessaria toda a vigilan-

cia sobre essa horrivel facção destruidora das sociedades, e que cumpre quanto antes retalhala até á raiz, para que não torne a rebentar. Agora se acaba de conhecer a razão com que o digo, á vista desse atrevido, e insultante annuncio que appareceo na Gazeta de Quinta feira, mandado publicar por seu criminoso redactor, esse pessimo homem, que além de ser desertor da Marinha, segundo se afirma, ha toda a probabilidade de ser hum poligamo. A virificar-se qualquer destes dous crimes, não sei que sua sorte deva ser outra, se não a de o expiar sobre a forca. Elle ha sido hum constante inimigo da Realeza, todo imbebido nas perversas maximas do jacobinismo francez que elle tem tido a audacia de louvar, e proclamar constantemente, quando Redactor do infame *Diario.*

Estava destinado este scelerato para celebrar a queda de seus consocios insultando a Dignidade Real, e o heroismo e fidelidade de tantos homens illustres que conduzirão o seu Rei no glorioso dia 5 do corrente; pertendendo indignamente aviltar huma acção tão louvavel em si mesma, quanto he expressiva da adhesão e amor que os honrados *Portuguezes* consagrão ao seu Virtuoso Monarca! Deve-se porém advirtir que tão criminoso atrevimento não foi só inspirado por seu perverso instincto, mas tambem pela facção de que elle tem sido sempre o digno orgão. Ella tinha-o assalariado, para lhe servir de immundo canal a toda a especie de diatribes, e atrocidades que vomitava contra os mais caros objectos, que os bons Portuguezes teem gravados em seus corações.

Não se duvide por tanto da Justiça com que eu clamo, e clamarei sempre pelo total extreminio da terrivel facção que pertende devorar-nos. Se nos ditosos tempos de paz a energia dos governos he a primeira garantia da tranquillidade pública, nos tempos de fataes commoções he ella a unica taboa da salvação dos povos; e he esta a situação em que hoje nos achamos. Eu não desespero com tudo da salvação pública, pela grande confiança que tenho na longa experiencia de governo, e sabedoria de nosso Amado Rei. Elle ama muito seus fieis Vassallos para deixar de prover a todo o custo á sua segurança, e tranquillidade. Está tambem da parte delles todos, o contribuirem para tão necessario fim, unindo-se intimamente, e formando em volta de Seu Throno huma barreira invencivel ás suggestões da perfidia, e da traição. Nossa divisa he esta: DIGNIDADE REAL EM TODA A SUA PUREZA.

Voz Publica.

Assevera-se que *José da Silva Carvalho*, e alguns de seus *socios* que fugirão com elle para *Inglaterra*, levárão huma avultada porção de dinheiro, que roubárão dos cofres publicos. Eu não tenho por ora huma intima certeza disto; mas a ser verdade, como piamente devemos crer, julgo que o Governo deve quanto antes fazer huma reclamação destes homens ao Governo *Inglez*, o qual não recusará entrega-los, porque a *Inglaterra* não he azilo de *ladrões.*

Eu sempre previ isto, e tanto o previ, que em muitos de meus numeros se acha escripto. Pois que outra cousa se poderia esperar de huns miseraveis que não tinhao nem huma choupana de seu? de huns *salteadores*, que se atrevêrão a saquear os Templos, e a fazer leilão das sagradas imagens dos Santos?!! Ah! infeliz *Portugal*! como tu viste tantas ladroeiras e sacrilegios em silencio, he que eu não sei!

Agora, os que ainda não tem podido arranjar a trouxa para se escaparem, escrevem cartas pedindo misericordia, e affectão huma extrema pobreza, a fim de illudirem o Governo, ganharem tempo, e fugir com a preza. Mas cá a mim me não illudem elles; eu bem os conheço, e bem sei as altissimas traficancias que fizerão durante a intrusão: o público tambem as ha de saber brevemente, e então verá se era, ou não justo haver segurado estes homens nas enchovias do *Limoeiro*, até darem conta do roubo, e mandalos depois até ao *Caes* do *Tojo.* Mas até ao lavar dos cestos he vendima.

—*—

A V I S O.

Sahio á Luz o *Enterro da Constituição*, reimpresso em Lisboa. Vende-se em todas as lojas do costume: preço 80 réis.

LISBOA: NA OFFICINA DA HORROROSA CONSPIRAÇÃO. ANNO 1823. *Rua Formosa N.º 42.*

JUNHO 17. N.º 50.

A Trombeta escutai dos Lusitanos,
Que primeira soou contra os Tyrannos!

TROMBETA LUZITANA.

Votos Públicos.

O Público não deixará de me fazer justiça sobre a rectidão de minhas intenções, e invariedade de meus principios. Parece-me que de sobejo tenho mostrado até hoje que nem sou lisongeiro, nem pusilanime para deixar de transmitir meus sentimentos; escrevo da mesma sorte que penso; nem todas as forças humanas serião bastantes para me obrigarem ao contrario; apenas conseguirião reduzir-me ao silencio. A verdade he o meu idolo; nunca hesitarei em publicala, porque nunca hesitei em seguir a estrada da honra, atravez de todos os obstaculos: o bem da minha Patria, o decóro e dignidade do meu Rei, podem mais em meu coração que todos os laços sociaes, e por tanto mais que todas as contemplações.

Eu vejo que se vai principiando a arreigar hum desgosto geral em todos os bons amigos do Rei, e da prosperidade pública; e isto tem penalisado sensivelmente o meu coração, porque ninguem mais do que eu deseja a união de sentimentos que deve reinar agora em todos os verdadeiros e leaes Portuguezes. A admissão de alguns homens para empregos de alta importancia, que a opinião pública designa, e designou sempre como destituidos desta firmeza, e lealdade de caracter que constituem a primeira qualidade de que devem ser dotados os primeiros funccionarios públicos, e que mais do que nunca he hoje necessaria: a continuação de homens aborrecidos nos mesmos lugares em que a facção os havia colocado, e onde tão abominaveis se fizerão por seus arbitrios, e injustissimos procedimentos: a impunidade de outros, cujos attentados estão clamando pela vingança das leis, tudo faz huma tão forte impressão de desgosto, que he mais facil de sentir, que de descrever.

Nesta aflição todos voltão seus olhos para El-Rei, parecendo dizer-lhe com este respeito, e confiança que distinguem seus mais fieis vassalos:

" Senhor. Entre a Causa de V. Magestade, e a nossa não existe a menor " linha de demarcação: todos desejamos " o mesmo, e todos a queremos sustentar á custa de todos os sacrificios, e " de todos os perigos; V. Magestade o " sabe, Senhor, vendo a electrica rapidez com que de hum canto do Reino a " outro se sacudio o vergonhoso, e insoportavel jugo da nossa oppressão e deshonra! V. Magestade vio, Senhor, " como por toda a parte, e ao mesmo " tempo soou hum brado geral de unanime aclamação, e como surgio de novo " este amor, e fidelidade que os povos " teem a V. Magestade. He por tanto

" para desejar que V. Magestade se con-
" vença de que nossos votos não teem
" por objecto senão a segurança do Thro-
" no, e o restabelecimento da paz inter-
" na. Estes dois objectos nos são assáz
" caros para poder-mos esquece-los por
" hum momento, deixando de expôr a V.
" Magestade nossos leaes sentimentos
" com esta ingénua franqueza, que tão
" util Lhe póde ser.

,, Senhor. Nós desejamos vêr em vol-
" ta do Throno de V. Magestade homens
" de conhecida adhesão á Realeza, e de
" desinteressado amor á felicidade Pública,
" pois he indubitavel, que por mais justo
" e sabio que seja hum Monarcha, qual
" he V. Magestade, muitas vezes depen-
" de daquelles que o rodeão o feliz acer-
" to de suas deliberações. Hum Rei, Se-
" nhor, nem tudo póde vêr, nem tudo
" ouvir, e por isso necessita mais que
" ninguem de verdadeiros amigos a seu
" lado. A amizade, filha de hum coração
" bem formado, he o melhor thezouro que
" se póde possuir no mundo, e mui es-
" sencialmente quando ella deriva dos
" mais doces laços.

,, Senhor. Digne-se V. Magestade
" de escutar nossos votos; e pezando-os
" em Sua Alta Sabedoria, convencer-se,
" da pureza com que são exprimidos, e
" do ardente desejo de os vêrmos verifi-
" cados. ,,

Taes são actualmente os votos de todos os fies Portuguezes, que certamente não serão estereis aos olhos de seu Virtuoso Monarcha. Se em todos os tempos he necessario fallar verdade aos Reis, nestes em que nos achamos he de absoluta urgencia, he hum dever, he huma virtude. Sejamos pois constantes nestes principios, e mereceremos em todo o tempo os applausos de todos os homens honrados.

A Festa, e o Lucto.

Logo que a noticia dos acontecimentos de Lisboa chegou ás Provincias, a alegria, e enthusiasmo mais exaltados, se manifestárão por todas as classes, e tal ha sido a sua duração que ainda hoje continuão. Os Templos, ressoão com hymnos sagrados ao Todo-Poderoso, em acção de graças. As noutes são passadas em bailes, e oiteiros, até á madrugada; emfim os ares ressoão por toda a parte com aclamações ao Soberano, a Sua Augusta Espoza, e a Seu Joven e Heroico Filho!

" *Quando isto por cá he assim*, me dizem das Provincias, *que será nessa Capital onde habitão nossos Libertadores, o melhor dos Soberanos, e Seu Immortal Filho!!!* Com effeito assim era de esperar; porém desgraçadamente a Capital achase ainda innundada pela multidão facciosa da *canalha pedreiral*, que nella tem o seu ninho, e que em quanto lho não desfizerem, e degolarem os passaros, não póde respirar livre. Com tudo, eu acho bastante estranheza em não ter havido hum *Te Deum* geral em todas as Igrejas, mesmo por se verem livres desses *sacrilegos salteadores*, que lhes roubárão suas pratas, vazos e ornamentos, e até suas proprias Imagens. Que mais plausivel motivo que este para retumbarem nas sagradas abobedas os Hymnos santos, e fumar o incenso nos Altares?! Acaso recearão os Srs Parocos de tornarem ao captiveiro, e ás garras esfaimadas dos *salteadores*? Creio que não, porque não haverá homem tão mentecapto que se possa persuadir disso. Então que indolencia he esta? Ora pois Srs. Parocos, ainda he tempo; exerção estas funcções de seu Ministerio, e não se esqueção tambem de rogar a Deos, que conduza ao caminho do arrependimento, e da virtude esta nuvem de *pedreirada negra*, que esvoaça por entre nós.

Com tudo, se nas suas respectivas Igrejas virem sugeitos vestidos de preto, inclusive o lenço do pescoço, annelsinho branco no dedo, e luvas da mesma côr, mandem logo o *Enchota-Cães* que os sacuda para fóra, porque são dos *taes*, que desde o glorioso dia 5 se vestirão de luto, por decreto lavrado no *Grande Oriente canalhal*. Se elles agora se cobrem de lucto, que ainda não trabalhão as *maquinas*, que fará em ellas começando a ter uso!.... ahi ficão os cyprestes nús. Ora que julgarão estes charlatães que fazem com isso?! que nos amedrentão mostrando-se aferrados a seus impios principios? como se enganão! he quando se fazem mais despresiveis e ridiculos. Talvez não tarde muitos dias que os vejamos apedrejados por essas ruas, pelas *hostes fundibularias do Rocio*, que já os trazem de olho.

O Meu Parecer.

Mostrei em meu ultimo N.° a illegalidade com que forão convocadas as *côrtes*, e por tanto a nullidade de todos os seus actos. Ellas forão dissolvidas de Direito, porque foi o Rei, e os povos ao mesmo tempo, e como de commum accordo, que as dissolvêrão. Apezar desta reconhecida legalidade. Julgo que S. Magestade deveria por hum seu Real Decreto declarar nullos e de nenhum effeito todos os actos dellas; e que aquelles, cuja existencia se julgasse por agora necessaria, se promulgassem por Decreto Real, considerados como de nova instituição.

Estou intimamente persuadido de que este procedimento he de absoluta necessidade, por isso que a conservação das leis, e instituições que ellas estabelecêrão nos põe de alguma sorte em contradicção com nossos presentes, legaes principios, o que de maneira nenhuma se deve admitir, porque sería, ainda que de hum modo tacito, atribuir hum certo valor a esses actos que dimanavão de huma auctoridade nulla.

Eu desejaria tambem, que por outro Decreto Real se absolvesse, e desligasse a Nação de todos esses juramentos nullos, que a força, e só a força lhe arrancou, restituindo-a a seu primeiro, e imprescretivel juramento, de = Fidelidade ao Rei = o qual se acha ainda em vigor por isso mesmo que delle não foi desligada. O juramento deve ser hum objecto mui sagrado para o homem, por isso, que delle depende não só a fiel observancia de suas promessas, mas tambem a conservação de huma boa moral: objectos tão essenciaes nas sociedades, quanto delles depende o nobre caracter, e civilisação dos povos.

Disse em o N.° 47, que as cadeias do Porto se achavão atulhadas de infelizes victimas, que a prepotencia e tyrannia dos dous intrusos governadores daquella Cidade, havião feito arrastar a ellas de todas as partes das Provincias do Norte.

Devo mencionar hum caso tão atroz, que apenas he crivel. A Familia do Excellentissimo *Gaspar Teixeira de Magalhães* havia sido mandada debaixo de prizão de Guimarães para Aveiro, onde se conservava incommunicavel, e rodeada de espiões. Porém os tyrannos do *Porto* não contentes com isto, passárão ordem para que aquella illustre e infeliz familia fosse mettida na enxovia da cadeia da mesma Cidade de Aveiro. Esta barbara ordem chegou felizmente no dia em que os habitantes daquella Cidade quebrárão os ferros da escravidão, e acclamárão o legitimo Governo de El-Rei Nosso Senhor, não chegando por tanto a ter efeito a ordem.

Hum Religioso Dominico da Cidade de Braga, que ha muitos annos se achava paralytico, foi arrancado de seu leito, e conduzido prezo para o *Porto* onde o metterão na mais infame cadeia da Relação, sem se saber o motivo! Eis-aqui a carta que elle escreve para esta Capital a hum amigo seu, depois que naquella Cidade se restabeleceu o Legitimo Governo.

Prezadissimo Amigo.

8
Porto 18—23
6

Chegou finalmente o suspirado tempo, em que os amigos do Rei, que até aqui gemerão aferrolhados em masmorras, podem respirar!!! Bemdito seja o Deos de nossos Pais, que tambem he nosso, pois quando lhe apraz, com hum pequenino sôpro confunde as lingoas, e faz estacionar os opperarios de Babel! Como podia eu capacitar-me, que estando mettido entre os ferros da Relação do Porto, apar de 120 honrados Cidadãos, tirados de diferentes partes do Reino, para sermos victimas do lusbelino furor d'impios *mações*, que em seus consiliabulos tinhão decretado poucos dias antes = cordoaria, ou barra =, e sem que apparecessem os á tanto tempo suspirados Libertadores, fosse posto em liberdade, e sahisse do calhabouço em triunfo!!! Nunca: porém verificou-se no dia 5 deste, depois de se ter installado o legitimo Governo de El-Rei Nosso Senhor em o dia antecedente do maior prazer, e da mais completa alegria, pela fórma, que vou dizer-te.

Poston-se a Tropa de 1.ª, e 2.ª Linha, e igualmente a Cavallaria, em duas álas desde a Relação até o Paço do Concelho; e entrando o Juiz do Crime, com varios Officiaes do Estado-Maior, nos intimou, que o Governo Interino nos havia

restituido á liberdade, e que, reunidos os seus Membros, nos esperavão para nos felicitarem, e em união darmos vivas á Religião, ao melhor dos Reis, á nossa constante, e perseguida Rainha, e a toda a sua Real Familia: vivas, e mais vivas, retumbarão logo nas lôbregas abobedas; e principiando a sahir a procissão por entre as baionetas, e immenso concurso de povo, que dava vivas não só aos ditos, mas tambem aos Leaes, que padecêrão por amor delles, nos fomos conduzindo ao Paço, vendo-se as janellas apinhadas de gente, em cujas mãos tremolavão os lenços, e os áres interrompidos dos amiudados foguetes, toques de sinos, &c. Chegamos finalmente, e apenas principiamos a entrar, a Muzica militar, que á porta da Paço se achava, principiou a tocar, e subindo nós ao grande sallão, aonde nos esperavão, ahi fomos applaudidos, em geral, e em particular, e se dérão mil vivas; sendo que o Sr. Coixo, por hir no seu palanquim, e por isso desafiar mais a attenção, foi o melhor quinhoeiro. Ora aqui tens, detalhado o triunfo da guerrilha dos chamados = Facciosos = composta do Clero Secular, e Regular de differentes Congregações, Fidalgos, Ministros, e Homens bons do Povo, todos amigos do seu Rei, e promptos a dar por elle a ultima gota de sangue; porém juro-te, que não me tendo soçobrado nunca a perseguição, fez em mim tal choque o triunfo, que me fez verter lagrimas, e me dessepou.

Aqui tem havido com hoje, cinco dias de estrondosas luminarias, e muito fogo.

Portuguezes! Desenganai-vos, todo o Governo proclamado por huma *facção*, como foi este, que tão desgraçadamente nos dominou, he o peor de todos os males; elle não tem outros fins senão a destruição da Realeza, e da Religião, a tyrannia, e a rapina: vós bem o vistes. Detestai pois todo o governo que não seja o do vssso Rei, ou dado por Elle. Notai que em toda a serie de Reis que tem governado Portugal, não tem havido hum só a quem se possa dar o epiteto de tyranno: Elles governarão todos, segundo as Leis estabelecidas, Leis sabias, e justas, que ainda hoje merecem a admiração, e louvor de todas as Nações cultas. Vede que foi com a maior falsidade, e atroz injuria que essa *facção* desorganizadora, e tyrannica, intentou persuadir-vos de que o Governo Real a que obedeciamos, era absoluto, e despotico. Para destruir huma tal calumnia, só vos basta pôr em paralello o Governo de nossos Reis, com o desses ambiciosos tyrannos, que fizerão a nossa desgraça. Debaixo daquelle florecêrão as Artes, as Sciencias, a Agricultura, o Commercio, e a Navegação; fôrão creados os mais soberbos Monumentos, e Instituições, que ainda hoje fazem a nossa admiração: finalmente, foi então que a gloria do nosso Nome retumbou ufana pelas quatro Partes do Mundo. Porém neste, que acabámos de destruir, que differença!! A mizeria, a deshonra, a vergonha, e a mais odiosa tyrannia, fôrão as unicas vantagens que delle recebemos. O nosso Nome coberto de opprobrio, hia quasi a pagar-se da honrosa lista dos Povos cultos. O glorioso dia 5 nos revindicou tantas perdas, e nos reconciliou com as Nações da Europa, que já começavão a abominar nossa degradação. Dai pois graças ao Ente Supremo, que tão providente nos salvou. Abençoai o Rei, e sede sempre fieis á sua Legitima, e Paternal Authoridade.

—*—

AVISO.

Sahio á Luz o *Enterro da Constituição*, reimpresso em Lisboa. Vende-se em todas as lojas do costume: preço 80 réis.

LISBOA: NA OFFICINA DA HORROROSA CONSPIRAÇÃO. ANNO 1823. *Rua Formosa N.° 42.*
Com Licença da Commissão de Censura.

JUNHO 19. N.° 51.

A Trombeta escutai dos Lusitanos,
Que primeira soou contra os Tyrannos!

TROMBETA LUZITANA.

Explicação.

Devo hoje ao Mundo, e a mim mesmo huma explicação involuntaria, que o momento exige.

Eu sei que o Artigo que escrevi em meu ultimo N.°, o 50, intitulado = *Votos Públicos* = tem já passado aos olhos de alguem por sinistras, e forçadas interpretações. Não me arrependo de o haver escripto, porque sería arrepender-me de ser honrado, e constante em meus principios. Eu o escrevi intimamente convencido de que fazia hum serviço á Causa Pública que o mais bello dever de Escriptor exigia de mim; assim me persaudi, e me persuado ainda. Não escrevo para Partidos, nem por especulação; propuz-me a advogar a Causa do Throno, e dos Povos, tracei a minha estrada, e me propuz a segui-la até ao fim sem me arredar della hum só passo, nem parar em face de quaesquer obstaculos que por ella fosse encontrando. Creio que assim o hei atégora cumprido. A perseguição, a tyrannia, as ameaças e os tormentos nada tem podido soçobrar-me. Foi do meio dos ferros, em poder de meus poderosos, e implacaveis inimigos, quando a minha morte estava por elles decretada, que eu os encarei, e combati com firmeza: talvez com demasiada audacia. Tambem não exijo por isso outra recompensa, que não seja a da aprovação e estima de meus concidadãos; este será meu unico premio, e minha maior gloria.

O que eu disse he verdade; nem haverá alguem que o ignore, porque a opinião pública livre hoje de pêas, se acha perfeitamente desenvolvida. Todos reconhecem a desgrça a que nos arrastou hum genero de governo monstruoso e tyrannico, que só era tendente a destruir dentro em pouco tempo a Releza, e a fazer a particular fortuna de alguns miseraveis ambiciosos que se estabelecêrão á testa delle. He por tanto necessario que a conducta daquelles que hoje teem a honra de merecer a confiança de El-Rei os faça verdadeiramente dignos della, sendo hum perfeito contraste da de esses homens que illudirão constantemente o Monarcha, a fim de lhes impôr o sêlo a seus execrandos projectos que elles mascaravão com os titulos mais plausiveis.

Não he meu intento malquistar, ou desacreditar alguem; essa baixeza he indigna de mim. Não conheço mesmo alguns dos funccionarios públicos, a quem meu passado N.° desagradaria, senão por sua conducta politica; he por ella, e sómente por ella que eu regulo o juizo que faço delles qualquer que seja, e não movido por outro algum principio. Serei constante em louvar o que merecer louvor, e em desa-

provar, como escriptor público, o que fôr digno de desaprovação. De outra sorte eu não preencheria meu objecto, e dever. Não ambiciono cargos, nem honras; nunca os pedi nem pedirei em minha vida; só pesso que se faça justiça á rectidão, e pureza de minhas intenções.

Hespanha.

As ultimas noticias de *Hespanha* dizem que a *facção* de *Sevilha*, chamada *Cortes*, havia decretado a sua partida, e da Familia Real, para *Cadiz*, onde julga poder conservar-se por mais algum tempo. Eis-ali aquella moribunda *canalha* na situação de huma quadrilha de *salteadores*. Desalojàda de toda a parte vaguea de ponto em ponto com a sua preza, sem saber onde acoitar-se. Vio que *Sevilha* hia a ser brevemente occupada pelos Libertadores, e que não podia encontrar ali os necessarios elementos para hum assassinato horroroso, que premedita, em ultimo lance, tratou de ir procurallos em *Cadiz*, primeiro theatro de revoluções de *Hespanha*. Não sei com tudo como a *França* não tem inviado para aquelle porto, huma esquadra respeitavel; assim como não posso entender tambem como S. A. R. o Duque de *Angouleme*, não destacou, ao aproximar-se a *Madrid*, huma forte Divisão do Exercito sobre *Cadiz*. Está conhecido ha muito que as demoras de nada servem para com aquelles malvados, que vendo-se perdidos aspirão a hum attentado espantoso! Porém, não só a *França*, mas a Europa inteira devem fazer responsaveis as cabeças daquelles monstros, de seus filhos, e descendentes, por qualquer attentado que commettão sobre a Familia Real.

O Exercito *Francez*, tem sido recebido por toda a Hespanha em triunfo, sem que podesse ainda encontrar os defensores da iniqua *facção*, que andão descalsos e nús, fugindo de serra em serra, e roubando os indefezos povos por onde passão. Porém o dia da Justiça não tarda; talvez que a esta hora em que escrevo elle seja chegado. Consta que alguns desses vagabundos se pretendem acoitar em nosso territorio; motivo porque o Governo de S. Magestade ordenou a marcha de alguns corpos desta Capital sobre as fronteiras do Além-Téjo, para formarem nellas hum cordão.

Tambem consta que a *facção* intenta nomear *Ballestéros Dictador*! Venha mais esse objecto de riso, e de desprezo para adorno da nefanda e negra historia do *liberalismo peninsular*. Com effeito, que cousa mais ridicula, e digna de escarneo que a creação de hum *Dictador* em Hespanha, ou antes, e mais exactamente, em Sevilha? Que lembrança! que *dictadura*!! Quando a Hespanha não reconhece já a cafila intrusa dos usurpadores da Soberania, e se acha obedecendo gostosa á Regencia do Reino, he então que os furiosos mentecaptos julgão achar hum recurso na nomeação de hum *Dictador*!! Ahi temos hum segundo *Camilo*, na pessoa de *Ballestéros*! Oh! não tem dúvida: anima-te *canalha*, que este segundo *Camilo* vai salvar vosso Capitolio de *Cadiz*, e expulsar os *Gallos*! Que pezar não existir hoje hum *Miguel Cervantes*! Só elle sería assáz digno de transmitir á posteridade esta vossa lembrança!

Talvez que nossa defunta *canalha*, ao saber esta noticia, se tenha arrependido de não haver creado tambem o seu *Dictador*; e então tendo hum de molde nas pessoas . . . . . .
. . . . . He verdade que ella confiava muito no . . . . . .
não preencheu as esperanças, paciencia; são revezes da injusta sórte; mas fez-lhe as diligencias, coitadinho, desenvolvendo seu enorme talentasso, que ainda excedia alguma cousa ás ábas do seu chapéo! *Requiescat in pace.*

O Naturalista.

Hum sabio Naturalista desta Capital, homem a cuja seria analyse não escapa o mais insignificante membro do reino animal, fez estes dias huma exacta observação sobre a tendencia que tem as differentes aves, e passaros para a escolha do local de seus ninhos. Os que mais merecêrão a sua attenção, forão os *pedreiros*. Eis-aqui a judiciosa observação que elle fez sobre o vôo destes passaros:

" Eu passava, diz elle, na *Rua de S. Francisco*, e vi esvoaçar naquelles contornos hum bando de *pedreiros negros*, e cuja derrota se limitava até ao *Pelourinho*. Parei, e observando sua mais natural inclinação, conheci não ser para os edificios daquella rua; examinei mesmo

as beiras dos telhados; e não lhe achei indicios de darem azilo aos *pedreiros*. Admirei com tudo não se inclinarem a procrear ali; o que creio com bem fundados juizos, procede das continuas investigações dos rapazes, que os teem feito afugentar dos *ninhos*. Fui seguindo meu caminho, sem perder nunca de vista os *pedreiros*, pela *Calçada de S. Francisco* abaixo, e entro em fim no *Pelourinho*. Oh! que vasto campo para as minhas observações! Voltejava nos ares huma numerosa multidão de *pedreirada*: Aqui sim, disse eu, aqui he que hum instincto natural os chama. Este largo, esta Igreja arruinada, a estructura destes edificios, a atracção dos metaes, tudo concorre a chamallos aqui; vejamos porém qual he o edificio em que elles se mettem mais: Lanço então os olhos em volta de toda a praça, e noto que o edificio onde descança o *Banco* servia de conductor aos pedreiros mais voadores; nem hum só passava ali que não pousasse: Isto he notavel, disse eu, aqui dentro ha objecto que eu ignoro, e que atrahe esta *passarada;* vamos examinar. Entro, erão tantos os pedreiros que circulavão pela escada, que me fizerão recordar aquella nuvem de morcegos que o Viajante *Bruce*, encontrou ao entrar com archotes em huma das Pyramides do Egypto. Puchei do meu lenço, fui enchotando a *pedreirada*, e chego em fim á salla da entrada; nem hum só ninho vi! Admirado, entro em outra salla, *pedreiros* e mais *pedreiros*, mas nada de ninhos: He celebre, dizia eu; e tomando acento, me puz mui attento a observar se elles se mettião para alguma parte: V. m. quer rebater algum papel? me perguntou hum estufado, e crespo . . . . . : Não senhor, respondi, quero examinar os ninhos destes *pedreiros*. Grande risada foi a que deu o enluctado caixeiro! Pois V. m., me disse elle em tom escarnecedor, persuade-se que dá com elles? mais facil lhe seria descubrir huma quinta Parte de Mundo: estes passaros, como se vêem perseguidos dos rapazes, já não fazem ninho senão em parte muito occulta: escuza de se cançar que não dá com elle.

He facil de julgar qual sería a minha zanga ao ouvir hum desengano destes. Porém; não esmoreci, *audaces fortuna juvat*: salto por huma janela para cima de hum proximo telhado, levanto algumas telhas, e conseguindo a custo praticar hum buraquinho, aplico o olho, e oh! prodigio!! Vejo em baixo hum bando de *pedreirada negra* a chilrear!! Bravo, disse eu comigo, ninho temos nós.... Mirei, tornei a mirar, mas como não podia ver todo o espaço da casa não pude descubri-lo. Com tudo, fiquei, e estou persuadido de que alli ha ninho, e ninho grande....,,

Não duvido, Sr. Naturalista, sou do seu voto; eu tambem no meu tempo fui amador de *Buffon*; e então quando rapaz, não escapava ninho com que eu não desse. Aquelle edificio parece-me ser de molde para azilo de *pedreiros*. Olhe, o que lhe posso assegurar he que se elles não engeitarem o ninho, havemos de agarrar os passaros para fazermos delles hum *fricassé*, que he cousa gostosa; e então que cozinheiros ahi vem para o fazerem! Só o Conde de *Amarante* traz huns cinco mil, peritos em os cozinhar. Tratemos pois de os apanharmos, e engaiolalos, até chegarem os cozinheiros, que talvez não tardem já 8 dias. Forte bródio! forte brodio!!!

A Farda virada.

As cartas do *Porto* contão esta jocosa anedocta a respeito do tyranno *Barros*, ex-Governador das Armas daquella cidade.

Tendo sahido o *Barros* da cidade para a sua terra de *Saborosa*, segundo a intimação que para isso lhe foi feita, ao chegar á Villa de Pena-fiel, a seis legoas do *Porto*, o povo que o estava esperando, o fez parar, e lhe ordenou que despisse a farda; despio-a, e lhe intimárão que a voltasse do avêsso: voltou; agora vista-a: vestio. Então o povo com elle em procissão, o levou pelo meio da Villa, entre grandes apupadas, que erão repetidas de todas as janellas, donde sahião tambem alguns ovos chocos a cumprimentallo.

Eu duvido com tudo que elle podesse entrar vivo na sua terra, onde he abominado, e onde a gente não he para graças. Eis-aqui como os povos estavão satisfeitos com vosco *farrapões*, e mais com o vosso *systema*, por alcunho *constitucional*. Fallai agora em *constituição* ao Povo, e vereis que vos não fica êsso são.

Os Ferreiros de luto.

Escrevem da *Guarita*, patria do *Zé do chapelorio*, que logo que áquella terra chegára a noticia do faustissimo acontecimento de Lisboa, se aclamára o Legitimo Governo de El-Rei Nosso Senhor com o mais vivo enthusiasmo; e que no dia seguinte juntando-se muitos rapazes, e homens da povoação, forão pôr dous estafermos de palha, enleados de silvas, os quaes representavão *José da Silva*, e *Padre João*, defronte da *forja* paternal, onde cantavão este hymno: Queimem se as *silvas*: morrão os ferreiros, e com elles a *constituição*! E logo depois se queimárão os estafermos com grandissimos aplausos, fogo do ar, etc.

Porém, todos os *ferreiros* da povoação proxima de *S. João de Arêas*, que tinhão a honra de pertencer á linhagem dos queimados, tomárão o cazo em ponto serio, e vestirão-se de luto; ao que o author da carta faz esta judiciosa reflexão: " De luto tem elles andado sempre desde que se derão ao officio. ,, Eis-aqui ainda mais huma prova dos creditos que gosavão os *farrapões*, nas suas proprias terras.

SENTENÇA

Proferida na Casa da Supplicação; de absolvição de Januario da Costa Neves, e Francisco de Alpoim de Menezes, pela Conspiração da Rua Formoza.

Acordão em Relação, &c. Que recebem, e julgão provados os embargos ex f. 503, para effeito de se declarar sem effeito a condemnação imposta ao embargante Januario da Costa Neves, e ao Réo Francisco de Alpoim de Menezes: e como pelo Real Decreto de 6 do corrente se achão extinctas as accusações formadas por motivos de opiniões politicas, supprimidos os respectivos processos, e restituidos os accusados á sua liberdade; absolvem os sobreditos Januario da Costa Neves, e Francisco de Alpoim de Menezes de toda a penna que foi imposta no Acordão, f. 428 verso; e Acordão f. 498 verso; e mandão que sejão soltos passando-se para isso ordem; pondo-se aonde competir a verba necessaria, pagas pelos Réos sómente as custas ex causa.

Lisboa 10 de Junho de 1823.

Lacerda — Cabral — Vieira — Ozorio — Germano da Veiga — Doutor Correa — Brito — Vellasques — Martens — Pereira. — Fui presente — *Coutinho.*

Está confórme. Lisboa 10 de Junho de 1823.

O Escrivão do Processo

Caetano Machado de Mattos.

Hontem, sem ser esperada veio S. Magestade a Rainha Nossa Senhora de *Queluz* ao Palacio da *Bemposta*, ver huma de Suas Augustas Filhas, que se acha doente. Apenas S. Magestade chegou a *S. Sebastião* da *Pedreira*, o povo correu de todas as partes a saudala em grandes aclamações; e tirando-Lhe os cavallos do coche, o conduzirão em triunfo até ao Palacio da *Bemposta*, onde chegou no meio de huma innumeravel multidão de povo, que aturdia tudo com vivas, e cuja maior parte nunca se retirou da frente do Palacio.

S. Magestade jantou com seu Augusto Espozo, e partio de tarde para *Queluz*, por entre as mesmas acclamações. A' noute, todas as ruas por onde havia passado, se illuminarão espontaneamente. Julga-se que S. Magestade fará brevemente a sua entrada, como Rainha, na Capital.

Despedida.

He este o meu ultimo N.° Não posso continuar a escrever, porque não posso violentar o meu caracter. Advoguei constante, a Causa da Honra, constante serei em seguilla. Ao depôr a penna, sinto magoar-se o meu coração; e se algum dia tornar a lançar mão della, para o mesmo objecto, continuarei a mostrar-me digno da estima pública. *F. de A. de M.*

LISBOA: NA OFFICINA DA HORROROSA CONSPIRAÇÃO. ANNO DE 1823. *Rua Formoza N.° 42.*
Com licença da Commissão de Censura.

CC
T849l
1-SIZE

2600

8/9
9/07

CC: 57 issues, 5 supplo
AD 3/27/90